3 1761 07817628 6

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/escriptosdiverso00sim

37

ESCRIPTOS DIVERSOS

DE

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

ESCRIPTOS DIVERSOS

DE

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

DOUTOR E LENTE CATHEDRATICO DA FACULDADE DE MEDICINA
BACHAREL FORMADO NA FACULDADE DE PHILOSOPHIA
ANTIGO PROFESSOR DE INTRODUCÇÃO NO LYCEU NACIONAL DE EVORA
DEPUTADO ÁS CÔRTES PELO CIRCULO DE COIMBRA EM 1880
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
DO INSTITUTO DE COIMBRA
DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVÍS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
ETC. ETC. ETC.

COLLIGIDOS

POR ORDEM DA

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

Auro pretiosior

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1888

Vive teu nome claro e excellente,
Glorioso mancebo, e viverá
Em quanto i houver vida e houver gente.

ANTONIO FERREIRA.

AC
75
B57

Poucas palavras bastam que expliquem a publicação d'este livro. Sob a impressão dolorosa, causada pela morte do Dr. Augusto Filippe Simões, á *Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra,* em sessão de 18 de abril de 1884, determinou que se colligissem em volume alguns escriptos d'este seu prestante consocio, que se achassem ou ineditos ou disseminados por jornaes em que tivesse collaborado. Foi-nos commettido este encargo, que desempenhamos apresentando hoje em publico uma interessante collecção de monographias, escolhidas com a mira principal de indicar a diversidade de aptidões litterarias d'este nosso saudoso companheiro e amigo. Aos livros que por elle foram publicados accrescentamos este, para cuja composição deixou trabalhos dispersos que aproveitámos consoante o fim que se nos impozera.

As paginas que se seguem são uns fios (digamol-o assim) que, urdidos e tramados, formam a teia d'uma notavel biographia. A penna que as escreveu reflecte ainda as impressões que a dirigiram quando traçou esses caracteres. Concatenando-as estreitamente, como que remodelamos e

reconstituimos o individuo amado, evocando-o num milagre da vontade, insufflando-lhe vida e mirando-o na sua actividade preterita, resuscitada e reanimada neste volume. Acompanhamos numas partes (n.os I, IV, XXVIII, etc.) o viajante erudito e enthusiasta; noutra admiramos o romancista (V), que num formosissimo romance historico, infelizmente incompleto, hombreia com A. Herculano e Rebello da Silva; aqui vemos o critico consciencioso (XXI, XXVII, etc.), alli o biographo (VII, XII, XVI, etc.), além o archeologo (III, IX, X, XIX, etc.), o camoniano (XXII), o apostolo da instrucção popular (XIII), o medico (XXX), o naturalista (XXVI, etc.)....., e com todos estes elementos variados constituida uma distincta e robusta vitalidade litteraria.

É esta a synthese do livro, synthese que na sua singeleza accentúa com perspicuidade os intuitos que o originaram.

Accrescentamos no fim alguns artigos necrologicos que se escreveram por occasião do fallecimento do nosso amigo. Preferimos este meio de o biographar a uma resenha dos actos principaes da sua vida, que tencionaramos fazer, pois assim associamos com o nome d'um homem tão estimado

os nomes de amigos seus, collegas e patricios, que taes somos todos, incluindo os membros da commissão.

Este livro, satisfeitas com a primeira venda as despesas indispensaveis, fica pertencendo de propriedade á Irmã do auctor, a Ex.ma Sr.a D. Maria Augusta do Carmo Simões, como é de justiça.

Coimbra, 14 de março de 1888.

Miguel Osorio Cabral de Castro
Augusto Mendes Simões de Castro
Abilio Augusto da Fonseca Pinto

ESCRIPTOS DIVERSOS

I

O MONDEGO

I

Leitor ou leitora, se não viajaste pelas provincias do norte, baldado será meu empenho para dar-te clara idéa das margens do rio Mondego, cantado por quasi todos os poetas nacionaes, desde Bernardim Ribeiro e Luiz de Camões até Castilho e João de Lemos. Nem a insignificancia geographica do Xarrama, que percorre imperceptivelmente os «eborenses campos» nem a amplidão majestosa do Tejo, que, ao pé de Lisboa, parece ser parte do Oceano, me offerecem termos de comparação para exprimir o encanto e amenidade do rio, que é, e foi sempre, como o Alpheu dos nossos mais inspirados cantores.

Anda-lhe associada a piedosa recordação de Ignez de Castro, pois

> Nos saudosos campos do Mondego
> . . . . . .
> O caso triste e digno de memoria,
> Que do sepulcro os homens desenterra,
> Aconteceu da misera e mesquinha
> Que depois de ser morta foi rainha.

Dá tal successo grande interesse ao rio, porém maior ainda

recebeu d'elle, que inspirou as palavras sentidas, em que «por memoria eterna» lhe alevantou eloquente padrão o immortal auctor dos *Lusiadas*. Noutra parte a morte de Ignez de Castro seria um episodio nada vulgar, sim; mas que, descripto em verso ou prosa, nunca havia de sobresahir de modo muito notavel. Nas margens do Mondego tornou-se um dos assumptos mais admiraveis da litteratura portugueza.

A nós — os que a sorte ou a ambição desterrou longe da patria — a imagem do Mondego, da limpida corrente, das margens deleitosas, apparece-nos, risonha e aprazivel, nas horas de meditação, em que muitas vezes comparamos com o passado, rico de crenças, esperanças e illusões, a solidão e desconforto do presente. Feliz aquelle, a quem tão grata recordação gera uma lagrima de saudade, e alisa com doce allivio as rugas, que involuntariamente lhe contrahem as faces nesses momentos angustiados! Feliz aquelle a quem alenta a esperança do regresso, e que não tem a pungente convicção de haver dicto o ultimo adeus á terra que lhe serviu de berço!

II

Das nascentes até á foz do Mondego são pouco mais de vinte leguas. Mas, em tão curto espaço, que admiraveis bellezas! Que esplendidos panoramas! Que magnificos contrastes! Parece que a natureza se esmerou em pintar-lhe as margens com tudo o que tem de grandioso, assim em graças e encantos, como em agruras e terrores. Aqui, são amenas varzeas, extensos campos matizados de relvas e verduras. Mais longe, serras elevadas cobertas de brenhas e matos. Mais longe ainda, alcantis fragosos, alterosas penedias, que, despidas de toda a vegetação, pendem a prumo sobre o rio. Em partes deslisa a agua brandamente, serpenteando por entre as areias; noutras, despenha-se a rapida corrente, confrangida em apertados passos pela proximidade das margens e estreiteza do leito.

III

Ha no curso de muitos rios um sitio unico em cada um, e similhante em todos: um córte profundo nalguma serra que

perpendicularmente cruzam as aguas. No Tejo é a passagem que chamam *Portas do Ródam*, no Douro a do *Marão*, no Zezere e no Ceira as que têem o nome commum de *Cabril*, no Mondego a de *Entre Penedos*.

Qual foi a causa d'essas fendas enormes, que parecem feitas por mãos titanicas? Que força maior que a do ferro ou da polvora pôde rasgar, de alto a baixo, a rocha viva do monte, e abrir passagem á corrente? Era a serra, antes de cortada, grossa muralha, que servia de dique a algum lago profundo? Que, rota por commoção interior da terra, ou pelo proprio peso das aguas, as deixou jorrar em fera catadupa, despenhar-se indomitas e frementes, e alagar os campos com pavoroso diluvio, para depois, exgottado o lago, e, perdida a primitiva braveza, ficarem tranquillo e socegado rio?

Deixemos aos geologos a solução d'esses problemas, a explicação d'esses vestigios de uma epocha anterior, em que se prepararam as condições da actual, como hoje se preparam, talvez, as dos tempos vindouros.

IV

Acima da villa de Penacova, a mais de tres leguas de Coimbra, alevantam-se quasi a prumo dois grandissimos penedos, que deram nome áquelle passo do Mondego. A face da pedra, denegrida pelos sóes de muitos seculos, é lisa e nua. Apenas d'alguma estreita fenda brota enfezado arbusto ou solitaria planta resequida pelos ardores do estio. Em baixo correm as aguas turvas, escuras, sombrias, por sobre as quaes a voz humana e os demais sons têem aquelle resoar lugubre e prolongado, proprio das cavernas e dos valles estreitos e profundos, onde a proximidade das encostas se oppõe á propagação das ondulações sonoras.

O espirito confrange-se em tão medonhas solidões, e, ás vezes, irresistivel fascinação prende os olhos ao abysmo...

D'ambos os lados o aspecto da rocha é muito similhante. Ás camadas e veios de uma parte correspondem outros da parte opposta. Parece, por esta razão, que a serra, ora fendida, foi antigamente continua, e que os schistos silurianos, de que a dizem formada, encheram o espaço, em que hoje corre o ar e a agua.

Um poeta, menos conhecido entre nós do que o merece, cantou numa das suas metamorphoses o antigo cataclysmo que fez logar á ruptura do monte e á passagem das aguas, as quaes, na sua

opinião, formavam junctas um grande lago, limitado pelas serras do Bussaco, Caramullo, Estrella, Bassô, Goes e Louzã:

No sitio, em que o Mondego cohibido
Por eternas barreiras lá da origem
Do mundo, pouco e pouco,
Seculos mil e mil accumulara,
Jove troou dos ares... e os Gigantes
De Goes, do Caramullo e do Bussaco
Do pégo pelas vagas se esconderam.

Mas de Neptuno a força pelo meio,
Indignando balisas, co'as entranhas
D'humedecido monte, furibundo,
A successão rasgou da Herminia serra,
E o que foi mar, é solo...

A idéa do poeta, apezar da liberdade, a que elle tinha direitos, não é talvez tão exaggerada, como a de um celebre physico e mathematico portuguez, que, a fim de evitar os estragos das inundações, propoz a restauração do lago primitivo por meio de um açude agigantado, que havia de unir as duas rochas separadas.

Póde ás vezes a arte mais do que a natureza; mas neste caso, quando não resistiu o monte endurecido e consolidado pela intensidade das causas cosmogenicas, havia de resistir a muralha alevantada por debeis mãos de homem?

V

Assim para cima, como para baixo do temeroso sitio de *Entre Penedos,* corre o Mondego entre serras elevadas, onde vegeta a urze, o tojo e a carqueja. E, se nalgum valle menos agreste crescem o carvalho, o castanheiro, a oliveira, o medronheiro; se nas pequenas insuas, que, em poucas partes, escaparam á invasão das areias, extendem as gramineas o seu manto de verdura, é para tornar ainda mais triste e selvatico o aspecto dos outros logares.

Nas encostas e nas abas dos montes avistam-se raras povoações, cuja apparencia tem mais de pobre e miseravel que de pittoresca. Os proprios nomes de *Foz-Dão, Raiva, Caneiro,* são desagradaveis, como as aldêas a que pertencem.

A meia legua de Coimbra muda completamente o aspecto da natureza. O leito do rio, alargando-se, deixa espaço numa e noutra margem a verdejantes insuas. As fórmas dos montes abaixam-se e arredondam-se, contorneadas por extensos valles, cujas graciosas ondulações vestem ferteis olivaes ou ricos pomares. Por entre as collinas avistam-se muitas quintas, em que a apurada cultura, o asseio dos jardins, as floridas trepadeiras, que adornam as paredes das casas, fazem conhecer o gosto, a riqueza e o esmero dos proprietarios

Numa das quintas da margem esquerda é a famosa *Lapa dos Esteios,* nome cheio de encanto e harmonia, o qual nem a auctoridade do primeiro dos nossos poetas contemporaneos pôde fazer mudar. Lá jaz a lapide, em que se lavrou o auto de chrisma, porém inutilmente; que o gracioso sitio do Mondego vai conservando o seu antigo nome. Mais abaixo, e já defronte de Coimbra, está a *Quinta das Lagrimas,* onde succedeu o triste caso, a que antecedentemente alludimos, e de que o proprio nome da quinta, bem como o de *Fonte dos Amores,* dão ainda hoje claro testimunho.

VI

Aqui deleitam-se os olhos em esplendido quadro. A cidade jaz reclinada no seu leito de verdura e flores, como um d'aquelles graciosos presepes, que as mulheres devotas preparam e enfeitam para celebrar o natal do Salvador. Por entre vergeis embalsamados apparecem aqui e acolá altos edificios, casas medianas, que, isoladas ao principio, se agrupam depois em elegante pinha. Com a alvura das habitações contrasta a côr tisnada dos velhos templos e monumentos, que do alto das torres ou das cupulas majestosas erguem ás nuvens o symbolo da redempção. Em poucos sitios, bem raros já, alguma arruinada muralha, que os seculos respeitaram e os homens esqueceram, attesta hoje a antiguidade da povoação e a importancia guerreira que outr'ora teve.

Ás vezes, ao descahir da tarde, os ultimos raios do sol que vai a esconder-se no horizonte, pintam de côr de rosa a superficie do rio, e, reflectindo-se nas janellas dos edificios mais altivos, dão-lhes a apparencia de espelhos magicos, de grandes focos de luz e de fogo. Então a vista de Coimbra traz á lembrança as poeticas descripções de Alhambra, de Cordova, de Granada, d'essas cidades ricas de encantos e delicias, que os moiros

possuiram na peninsula, que tanto lhes custou a deixar, e de que ainda hoje conservam saudosas tradições, como de um paraiso, que perderam para sempre na terra.

VII

Perto de Coimbra fica a ponte da via ferrea, que atravessa o rio tão acaçapadamente, que os barcos têem de arrear vela para lhe passar por debaixo. Esconde-se a mesquinha, como que envergonhada, para a não compararem com a antiga e majestosa ponte de pedra. Faz bem; que tal comparação não podia ser, por parte da esthetica, senão desfavoravel á arte moderna.

De Coimbra até Montemór, corre o Mondego por meio de vastos campos, onde se deparam numerosas povoações, quasi todas bellas e pittorescas. Taes são Tentugal, Pereira, Santo-Varão e Fermozelha. A villa de Montemór, que era d'antes no cimo do monte, extende-se agora na planicie; porém na parte mais elevada e mais antiga lá estão ainda as muralhas do velho castello, cujas ameias se avistam de muitas leguas de distancia.

Desde Montemór até á Figueira conservam os campos a sua largueza, porém não já a mesma amenidade e encanto. No *Penedo de Lares,* celebre pelos sinistros que ao pé têem succedido, não ha aquella majestade e rudeza que faz que nos logares mais temerosos, como é *Entre Penedos,* experimentemos a admiração e conjunctamente o receio.

VIII

Em tempo de verão, a quantidade das aguas, que vêm ao Mondego, diminue de tal sorte, que nalguns sitios fica reduzido a pequeno regato, e a navegação completamente interrompida. De inverno, porém, corre sempre caudal, e muitas vezes arrebatado e furioso, alagando com a rapida corrente os campos, as estradas e as povoações.

> ..... No verão sereno e brando,
> Turvo no inverno, bravo e dissoluto.

As cheia maiores e mais subitamente formadas deixam sempre

temeroso estrago em ruina. Dos montes proximos ao rio, ou aos seus tributarios, as aguas das chuvas despenham-se em torrentes pelos valles e encostas, e rolam em medonho turbilhão a terra, as pedras, os troncos, as arvores, tudo quanto encontram deante de si, na rapidez crescente da quéda. Muitos prados ficam destruidos, algumas casas desmoronadas, e, não raro, homens e gados perecem, victimas das inundações.

Os campos assemelham-se a um vasto mar. As aguas correm em toda a parte com um medonho ruido, a que se ajuncta, de vez em quando, em côro horrendo, o estrepito da arvore que estala, o choque dos despojos fluctuantes, que embatem com força nalgum obstaculo, as vozes lastimosas dos homens, das mulheres e creanças, que a violencia da cheia põe em risco de vida. Por felicidade nem todos os annos se repetem estas pavorosas scenas de desolução, de terror e de morte.

Evora, outubro de 1864.

II

A PONTE DE COIMBRA

Da ultima ponte de pedra, que ainda ha poucos annos viamos

> Onde o Mondego com licor eterno
> Os fortes muros beija, e a dourada
> Margem regando com saudosa vêa,
> Cerca de crystal puro ilhas de aréa,

se dizia ter sido construida sobre outras duas pontes, soterradas já pela progressiva elevação do alveo do rio [1].

Passados mais alguns annos, quem se não lembrar de que a nova ponte foi construida no logar da anterior, e não sobre ella, e se ativer sem critica ás asserções dos escriptores, poderá imaginar que sobre o Mondego, em frente de Coimbra, estão quatro pontes a cavallo umas nas outras. E d'esta sorte que o

---

[1] Uma, segundo Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*; duas, segundo Bernardo de Brito Botelho na *Historia Breve de Coimbra*.

rio correria em tamanha profundidade, que não *desceria*, mas *subiria* para o mar.

Com effeito, sendo hoje a differença de nivel entre a superficie da agua, juncto á ponte, na estiagem, e a do mar, na Figueira, uns dezesete metros, é claro que a altura de duas ou tres pontes devendo ser superior a estes dezesete metros, a agua teria de correr a um nivel muito inferior ao do Oceano, o que é absurdo.

O sr. Adolpho Ferreira de Loureiro determinou por meio de calculos muito ingenhosos e bem fundados a elevação media annual no periodo dos ultimos 600 annos. Não passa de oito millimetros[1]. É porém certo que em tempos mais antigos, quando as margens do rio e terras proximas estivessem ainda por cultivar e cobertas de arvoredos, a elevação media annual devia ser menor. E ainda que se não attenda a esta differença, o alteamento no espaço de 1000 annos não passaria de oito metros. Eis as proporções reaes e veridicas a que a sciencia reduz a noção do alteamento do rio, destruindo assim radicalmente a fabula das pontes sobrepostas.

O documento mais antigo que se refere á ponte de Coimbra é a *Chronica Gothorum:* «Era MCLXX. Idem Rex cepit edificare monasterium Sancte crucis in suburbio Colimbrie et ponte fluminis juxta civitatem, anno regni sui quarto[2]».

A primeira ponte de que ha memoria authentica é por tanto a do seculo XII, e parece que antecedentemente não haveria outra, pois que el-rei D. Affonso Henriques *a começou a edificar*.

Não é porém impossivel que em tempo dos romanos houvesse já alguma que facilitasse a communicação entre Eminio e Conimbriga, na grande estrada militar que ligava Olisipo a Bracara, e que poderia ter sido destruida no tempo da quéda do imperio romano ou depois, como foi o aqueducto de Evora e outros monumentos de que nem sequer ficaram vestigios. Todavia quem pretender mostrar mais que a possibilidade do facto, cahirá de certo no ridiculo erro de Fr. Raphael de Jesus, quando intentava demonstrar que o rei Ataces não deixaria de ter construido uma ponte, sem a qual lhe ficaria a cidade «com o pé descalço».

A obra de el-rei D. Manuel não consistiu em sobrepôr uma ponte a outra mais antiga, mas em reedificar uma parte da

---

[1] Vej. *Memoria sobre o Mondego e barra da Figueira,* por Adolpho Ferreira de Loureiro. Lisboa, 1875, pag. 90 a 94.

[2] *Portvgaliae Monvmenta Historica — Scriptores,* pag. 12.

ponte, a do lado da cidade e em reparar a outra parte da banda de Sancta Clara. A altura d'esta ponte não poderia ser por tanto muito maior que a da ponte começada por D. Affonso Henriques. Que esta fôra em parte reconstruida prova-se com a inscripção, commemorativa:

O SSERENISIMO PNCIPE: ALTO HE MUI PODEROSO REY DOM EMANUELL NOSO SÕR O PMro Ẽ ESTE NOME HE QUATOR ZE NA DINIDADE REALL: MÃDOU FAZER DE NOVO ESTA PÕTE ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRUZ DE SÃ FFco HE DA DITA CRUZ ATE SÃTA CRARA DE NOVO ACRECẼTAR ES TA TORE HE MURO ERA DE MILL HE Vc E XIII ANOS. [1]

As esperas ou espheras, divisa conhecida, estavam na volta do oitavo arco a contar da cidade. Para além d'este arco havia um ou mais de fórma ogival e de differente apparelho, restos, sem duvida, da antiga ponte do seculo XII.

Havia muito que o progressivo alteamento do alveo do rio difficultava por baixo da ponte a navegação, que tinha até de interromper-se todas as vezes que faltava entre a superficie da agua e a concavidade dos arcos o espaço sufficiente para a passagem dos bateis. E quando não faltava de todo esse espaço, por occasião de certas cheias, os barqueiros só com grande incommodo e com perigo de vida faziam passar os barcos por baixo da ponte, diminuindo com esforços inauditos a parte fluctuante por meio de fortes pressões, que exerciam fincando as costas nas concavidades dos arcos e os pés e mãos sobre as carga ou os bordos dos bateis.

Depois de sollicitada em vão por muitos annos, obteve-se a final dos poderes publicos a necessaria auctorisação para a obra da nova ponte, cujo projecto, encarregado ao sr. Matthias Cypriano Pereira Heitor de Macedo, director das obras publicas do districto de Coimbra, foi concluido em 10 de junho de 1872.

Escolheu o auctor do projecto o systema das pontes metallicas de *treillis* ou de *rotula*, isto é com os *tramos* assentes sobre pilares de pedra e ligados e suspensos por meio de *madres*, formadas

[1] A lapide com a inscripção está no museu de archeologia do Instituto de Coimbra.

de tiras de ferro pregadas á maneira de rêde. As da ponte de Coimbra são rectangulares e ficam superiores ao taboleiro interior e aos passeios exteriores.

Esta disposição, com quanto faça com que a perspectiva da ponte seja desagradavel, era talvez a mais adequada ás condições particulares em que tinha de se executar a nova obra, querendo-a metallica e não de pedra.

Comtudo o Mondego e Coimbra mereciam de certo mais e melhor que o que se fez. Embora houvesse de dobrar-se a despesa, uma ponte de pedra elegante e de estylo romano, como aquella que ha poucos annos se concluiu sobre o rio Cavado, perto de Braga, ou uma ponte de estylo gothico florido, como a de Rialto em Veneza, era o que mais conviria ao sitio afamado do Mondego em frente de Coimbra. Infelizmente quando se não conservam, quando se destroem os aformoseamentos naturaes e artificiaes, como eram os ornatos que terminavam os gigantes das muralhas da Couraça de Lisboa, como eram as orlas de choupos de algumas das insuas, não ha que extranhar se não empreguem outros de novo.

Assim se vão perdendo em grande parte as feições poeticas de Coimbra, elemento que a muitos hoje parecerá inutil, mas que de certo contribuiria para formar alguns dos melhores poetas que têem illustrado Portugal—Camões e Sá de Miranda, Diniz e Garção, Castilho e Garrett. É extremamente notavel que na epocha em que melhor se tem demonstrado a influencia do *meio* no espirito e no corpo do homem, se desprezem mais os elementos d'essa influencia que no tempo em que a palavra *mesologia* não fôra ainda inventada.

A nova ponte foi construida sobre os nembos dos antigos arcos, depois de arrazada a parte superior ao alveo do rio. Os quartos de cone do encontro esquerdo foram erigidos sobre estacaria. Por serem deseguaes os vãos dos arcos antigos, deseguaes ficaram tambem os tramos da nova ponte. O espaço de dois arcos da ponte velha é o que hoje corresponde a cada tramo da nova ponte. Os comprimentos dos tramos são os seguintes:

1.º	$34^{m},20$
2.º	32 ,00
3.º	23 ,80
4.º	23 ,80
5.º	23 ,80
6.º	28 ,00
7.º	28 ,00
8.º	23 ,80

A ponte tem pois o comprimento total de $217^{m},40$. Cada uma das duas madres reticulares, que lateralmente sustentam e ligam a ponte, têem de altura $2^{m},90$. A altura do taboleiro acima da agua na estiagem é de $8^{m},20$; acima da agua nas cheias, de $5^{m},40$.

Dispendeu-se com a obra o seguinte:

Demolição da ponte velha, remoção de materiaes, ponte de serviço, etc.	2:925$700
Expropriações de casas em Sancta Clara	1:230$000
Construcção da avenida para Sancta Clara	6:103$865
Obra de ferro assente	53:149$770
Pintura	1:159$450
Obra de pedra e de madeira	37:161$910
Custo total	101:730$695

Começou a demolição da ponte velha em 14 de junho de 1873, e terminou em fins de setembro do mesmo anno. Estava já por esse tempo em construcção a nova ponte, que se concluiu em 15 de agosto de 1875. Abriu-se porém ao transito em 8 de maio de 1875, faltando ainda acabar a pintura e demolir alvenarias que punham estorvo á navegação.

Antes de se patentear ao publico, foi a nova ponte experimentada por uma commissão, constituida pelos srs. José Victorino Damasio, Silverio Augusto Pereira da Silva e Adolpho Ferreira de Loureiro, no dia 7 de maio de 1875. Carregou-se a ponte com saccos de areia, cujo peso era de 2300 kilogrammas por cada metro corrente, e verificou-se, por meio dos instrumentos apropriados, que a maxima flexa de cada tramo carregado não passava de $\frac{1}{2000}$ do seu comprimento; sendo de 16 millimetros no primeiro e de $20^{millim},25$ no segundo tramo.

A ponte ficou pois solidissima, tornando-se, na parte respectiva á construcção, digno dos maiores elogios o engenheiro que a dirigiu.

III

ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTHO

SE COIMBRA FOI POVOAÇÃO ROMANA E QUE NOME TEVE

I

A maior parte dos auctores que escreveram das origens de Coimbra disputaram entre Hercules e Ataces a gloria da sua fundação. Os partidarios do primeiro allegavam a torre do castello, construcção que já no seculo XVI effectivamente chamavam *Torre de Hercules*[1]. Houve até quem lesse na lapide commemorativa: —*Herculea manu fundata*. Mas a inscripção não contém taes palavras; muito pelo contrario diz ter sido a torre construida por ordem d'el-rei D. Sancho I[2]. Aquelles que se inclinavam á

[1] *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo municipal de Coimbra*, pag. 166.

[2] Veja-se a lição do sr. J. C. Ayres de Campos no *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra*, pag. 17.

parte de Ataces argumentavam com a relação de Fr. Bernardo de Brito, e com as duas cartas comprovativas que elle dizia guardadas no archivo de Alcobaça. Eis aqui em poucas palavras a historia da fundação de Coimbra, segundo o chronista de Cistér:

Pelos annos de 409 da nossa era Ataces, rei dos Alanos, tomou a Hermenerico, rei dos Suevos, a cidade de Conimbriga que destruiu e arrazou na fórma que ainda hoje mostram as ruinas existentes no logar de Condeixa a Velha; e veiu á margem direita do Mondego, em duas leguas de distancia, fundar uma nova cidade, á qual poz o mesmo nome d'aquella que destruira. Sabendo isto, Hermenerico approxima-se com um exercito, e offerece batalha ao seu inimigo Ataces, que o derrota e põe em fuga e persegue até ás margens do Douro. Hermenerico implora a paz do vencedor e offerece em troca sua filha Cindazunda. Ataces acceita a proposta, casa com Cindazunda, e neste casamento se firma a reconciliação dos dois contendores. Tal foi a origem do brazão de Coimbra.

Ficou em tradição a historia, repetida pelos escriptores, ainda depois de ter affirmado o auctor do *Elucidario* (verb. *Cruz*, pag. 329) que as cartas allegadas por Brito haviam sido escriptas pela mão que forjara o celebre *Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques*, e o fragmento do concilio bracarense, denominado *ante-primeiro*. Por outra parte Fr. Joaquim de Sancto Agostinho demonstrou, pelo exame que fez dos manuscriptos, a sua falsidade [1].

Pedro de Mariz nos *Dialogos de varia historia* attribue claramente á invenção de Fr. Bernardo de Brito a historia de Ataces, Hermenerico e Cindazunda. Gaspar Barreiros, que escreveu antecedentemente, mencionando na *Chorographia* a opinião vulgar da mudança do sitio de Condeixa a Velha para a margem do Mondego, parece não ter essa opinião em grande conta, e não profere uma só palavra com relação aos personagens de Brito. Sá de Miranda [2], Gil Vicente [3], Ignacio de Moraes [4], Miguel Leitão d'Andrade [5], poetas que fingiram de Coimbra origens fabulosas, e que escreveram tambem antes do monge cisterciense, não alludem, nem de longe, ao que este conta na sua *Monarchia Lusitana*.

---

[1] *Memorias de litteratura portugueza*, tomo V.
[2] *Obras*, tomo I — *Fabula do Mondego*.
[3] *Obras*, tomo II — *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra*.
[4] *Conimbricæ Encomium*, 1554.
[5] *Miscellanea*.

Pelo contrario, poetas e prosadores que escreveram depois, Vasco Mousinho de Quebedo [1], D. José Barbosa [2], J. C. da M. e B. de Alvim Pinto [3], Antonio Carvalho da Costa [4], Antonio Coelho Gasco [5], Bernardo de Brito Botelho [6], etc., parece comprazerem-se em repetir a invenção de Fr. Bernardo de Brito.

Admittida communmente a fundação de Coimbra por Ataces, não é para extranhar que tantos escriptores se refusassem a acreditar que no sitio d'esta cidade houvesse outr'ora uma povoação romana. Ainda modernamente o sr. Hübner, se bem que se inclina a crer que a actual Coimbra fosse a antiga Eminio, não pôde explicar a origem das lapides romanas que encontrou no páteo da Universidade, senão suppondo que teriam sido descobertas nas ruinas de Condeixa a Velha! Ora todas estas lapides romanas foram desenterradas em Coimbra. As tres seguintes appareceram em 1773 juncto ao alicerce do terreiro do castello de Coimbra:

CHRYSIS SIBI
POSVIT

.....
VXORI. ET. MODES
F. MATRI F. C.
S. T. T. L.

D. M. S.

AVRELIO. RVFINO
ANN. XVII.
AVRELIVS. MVSAEVS
FILIO. PIISSIMO. F. C.

A segunda está mutilada; falta-lhe a primeira linha. No mesmo sitio appareceu ainda um pequeno fragmento de outra lapide com os restos de uma inscripção. No anno seguinte de

[1] *Affonso Africano*, cant. III.
[2] *Archiatheneum Lusitanum.*
[3] *Joanneida*, cant. III.
[4] *Chorographia Portugueza*, tomo II, pag. 6.
[5] *Conquista, antiguidade e nobreza... de Coimbra*, pag. 42.
[6] *Historia breve de Coimbra.*

1774 appareceram tambem, juncto do castello, nas ruinas da Couraça de Lisboa dois cippos com estes lettreiros:

D. M. S.
C. IVLI
MATERNI
ANN. LXIIII
BOVIA. MA
TERNA. ET
IVLIA. MA
XIMA. PATRI
PIISSIMO
F. C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO OB MERI
TA PATRONI

CAESAR. DIVI.
...VG PRON. AVG
...ONT MAX TRIB
...T. III. COS. DESIG.
P. P.
M. IIII.

As tres primeiras d'estas lapides são sepulcraes, e não contêem nada notavel, excepto a segunda, em cuja parte superior se vê uma cavidade oblonga, cuja tampa falta com a primeira linha da inscripção, que nella estava. A quinta é um marco milliario mutilado. A sua inscripção é similhante á d'est'outro marco milliario, tambem mutilado, que appareceu na Mealhada:

...SAR DIVI
...RON AVG
...MAX TRIB
...COS DESI...
P. P.
XII

A inscripção deveria dizer: — *Caesar, Divi Avgvsti Pronepos, Avgvstvs Pontifex Maximvs, Tribvnitia Potestate tertium, Consvl Designatvs, Pater Patriae. Millia Qvatvor.* E no marco da Mealhada: — *Millia Dvodecim.* Em ambos ha uma falta importante qual é o nome da terra donde se contavam quatro milhas no primeiro, e doze milhas no segundo. Estas doze milhas correspondem talvez á extensão da estrada romana comprehendida entre os sitios de Coimbra e da Mealhada. O imperador *Augusti Pronepos* é Caligula.

A quarta inscripção é sepulcral. Tem molduras e ornatos nas faces anteriores e lateraes. A parte superior é uma pedra separada do resto, e tão profusamente lavrada e de tal sorte que parece pertencer á epocha da decadencia da arte, posterior aos Antoninos. Na face esquerda estão esculpidas duas *pateras* e um *Guttus,* e na face lateral direita ou opposta á primeira um *Codex*,

um *stylus*, e um *liber*. «Todas estas esculpturas, diz o sr. J. C. Ayres de Campos, indicam que pertencera ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Bovia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro [1]».

Ha alguns annos appareceu na casa do fallecido medico Francisco Antonio de Mello, na rua das Fangas, outra lapide romana, cuja inscripção o sr. prior de S. Christovão me disse ter copiado. Infelizmente perderam-se tanto a lapide como a copia.

No anno de 1878, demolindo-se um lanço da muralha ao Arco da Traição, appareceram as duas inscripções seguintes:

D. M. S.
CADIO
CARIANO
ANN. XXI
ALLEICEA
AVITA MATER
FILIO. FAC. C.
DIC ROGO QVI TRANSIS SIT. TIBI.
TERRA LEVIS

IVNIAE PECVLIARI
ANN. XXII
L. IVNIVS RVFVS
MATRI. F. C.

Todas as inscripções têem apparecido, portanto, no castello e nas muralhas que cercavam a cidade na Couraça de Lisboa e entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. A existencia das lapides na muralha ou juncto d'ella explica-se facilmente. Nos ultimos tempos da dominação romana o receio das invasões dos barbaros obrigava, ás vezes, de subito a defender com solidos muros as cidades ameaçadas. Em similhante conjunctura os operarios lançavam mão dos materiaes que encontravam mais perto, não poupando nem templos, nem cemiterios. Em França, em quasi todas as cidades que conservam ainda restos das muralhas gallo-romanas, se encontram fustes, frisos, capiteis, tumulos e outras pedras esculpidas nos seculos II e III. São sobretudo notaveis os fragmentos achados em Dijon.

Em Portugal guardam-se em Evora algumas lapides sepulcraes, achadas ha poucos annos na antiga muralha que circumdava a cidade. Já em 1711 no mesmo sitio, juncto da casa e egreja da Misericordia, tinham apparecido varias pedras lavradas

[1] Veja-se o *Catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra*, pelo sr. J. C. Ayres de Campos, pag 7.

e uma sepulcral (inedita) com os nomes de *Sextvs Julivs Mavstanvs* e de sua mãe *Julia Mansveta*. Nas muralhas de Mertola existem ainda, segundo ouvi, muitos marmores esculpidos da epocha romana. Algumas vezes parece terem conservado de proposito já na edade media, nas portas e muralhas que então reedificavam, esses fragmentos, expressivos testimunhos da civilisação que passara havia muitos seculos. Assim aconteceu em Leiria, onde numa porta do castello se vêem ainda embutidas algumas lapides com inscripções romanas. Se não é impossivel, é portanto, pelo menos, improvavel que, em qualquer dos seculos passados, fossem a Condeixa a Velha, na distancia de duas leguas buscar lapides romanas para as collocar na muralha conimbricense ou nos seus alicerces.

Por outra parte, o ter havido um arco romano juncto de uma das antigas portas de Coimbra é prova incontestavel da existencia de uma povoação romana no logar que hoje occupa esta cidade. Para bem interpretar as poucas informações que do arco alguns auctores nos deixaram, importa remontar ao tempo em que escreveram, anterior á edificação do collegio da Estrella, que teve seu principio no anno de 1715.

No seculo XVII, apezar das muitas casas que tinham já construido por cima da muralha (incrustações começadas no reinado de D. Manuel), era ainda facil descobril-a com suas portas e torres, e nalguns sitios ainda com restos de barbacã, em quasi toda a extensão da cerca da cidade. Da porta de Almedina, que hoje conserva a sua feição medieval, seguia para o sul, entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. Além da Portagem e por cima da cadeia, ha alguns annos demolida, ficava a torre da Belcouce que os frades aproveitaram para fazer uma varanda contigua á sala principal do collegio. Defendia esta torre a porta do mesmo nome, e logo adeante e acima da porta estava o arco romano, ao fundo da Couraça de Lisboa, juncto do sitio onde hoje vemos a capellinha de Sancto Antonio. Tambem o arco se chamava de Sancto Antonio pela imagem que em um nicho tinha d'este Sancto, a qual, depois da demolição, transladaram para a capella proxima [1]. Coelho Gasco indica mui claramente a situação do arco romano. «Está levantado, diz, em um alto juncto ás casas do conde de Portalegre, que quem vem pela ponte logo o vê, e no fim da rua que se chama da Couraça [2]». As casas do

---

[1] J. C. Ayres de Campos, *Instituto*, tomo XII, pag. 120.

[2] *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, cap. XXIII.

conde de Portalegre, D. Martinho de Mascarenhas, foram completamente transformadas quando se edificou o collegio [1].

O bispo de Segovia, D. Jeronymo de Mascarenhas, tambem attesta a existencia do arco: «Porém das obras antigas, que hoje se vêem nestes muros, a mais digna de admiração e que denota melhor sua muita antiguidade é a de um arco quadrangular meio desfeito, que ainda hoje permanece no logar a que chamam Couraça, obra, assim por antiguidade como por architectura verdadeiramente romana, e que não tem outra similhante em toda a circumferencia do muro, nem em outra alguma parte da cidade. E porque logo em si mostra ser fabrica romana e é obra de tanto preço para os que entendem d'ellas, leva atraz si os olhos dos que a vêem, principalmente dos que têem algum conhecimento de architectura, como são os italianos, artifices de similhantes obras, que, segundo a tradição antiga que nesta cidade ha, tanto que olhavam para ella diziam estas palavras *Bel cose,* donde ainda hoje aquella porta, onde está o arco, se chama, pouco corrupto o vocabulo, a porta de *Belcouce*». Pondo de parte a etymologia, comparavel a tantas outras que attestam a frivolidade dos escriptores e a ingenuidade dos leitores, vê-se que o arco de tal sorte correspondia ou se approximava da porta de Belcouce, que vulgarmente se dizia *estar nella.*

Parece ter sido quadrangular a fórma do arco. «Gregorio Braunio no *Theatro das cidades,* lib. 5, n.º 4, diz o citado D. Jeronymo Mascarenhas, fallando da cidade de Coimbra, chama a este arco *Columnæ antiquæ romanorum.* E a razão é porque, depois de destruida esta obra, ficando o arco d'ella, se sustentava sómente em duas columnas, que antigamente era quadrado, e, como tal, se sustentava em quatro columnas, e as duas que hoje permanecem (que a terceira está mettida com as obras do muro, e a quarta foi totalmente tirada para que o caminho para o rio e para a ponte ficasse mais desafogado) são fabricadas de muitas pedras quadradas, tão unidas entre si e com tão boa ordem, que escassamente poderá caber uma subtil faca por entre umas e outras» [2].

---

[1] Sr. J. C. Ayres de Campos, *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra,* pag. 120.

[2] *Historia da cidade de Coimbra,* por D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia. (Fragmentos originaes de quinze capitulos) Codice $\frac{\text{XCII}}{2-5}$ da bibliotheca publica de Evora.

Donde se deprehende que o arco de cantaria estribar-se-ia primitivamente sobre quatro columnas. Que tinha frizos, nichos e amêas prova-se com o testimunho de Coelho Gasco: «É (o arco) de obra perfeitissima romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frizos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com amêas: está já mui arruinado da edade; faltaram-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas» [1].

Em vista do logar que o monumento occupava, acertado parecerá perguntar se com effeito seria um arco de triumpho, erguido para gloria de algum dos imperadores ou dos generaes romanos, ou se antes seria uma porta, como a de Marte em Reims ou a dos Borsari em Verona? Em favor d'esta ultima hypothese, que ninguem ainda apresentou, proporemos as razões seguintes: 1.ª Fosse qual fosse o genero do monumento, deveremos crer que não houve outro motivo para a escolha do sitio onde foi construido senão o ser a entrada principal da cidade para quem viesse da parte do sul. A fórma da collina onde foi edificada a povoação que antecedeu a actual Coimbra deveu ter dado em todos os tempos uma directriz forçada ás muralhas que a defendessem, a qual corresponderia pouco mais ou menos á que ellas tinham na edade-media e os seus restos ainda hoje patentêam. Não haverá portanto erro provavel em suppor que a porta de Belcouce fosse já em tempo dos romanos a entrada principal da cidade. 2.ª Não é crivel que, se não houvera esta razão capital, escolhessem para levantar um arco ou outro monumento de sumptuosa fabrica o meio de uma ladeira, em que, nem da parte do nascente, nem da parte do poente, nem ainda da parte do sueste se lhe poderia fazer praça por causa do grande declive da encosta. 3.ª As ameias que, diz Coelho Gasco, rematavam o arco, e que não podiam pertencer á construcção primitiva, ser-lhe-iam accrescentadas na edade-media para defender melhor aquella passagem, um dos pontos por onde a cidade ficaria mais accessivel a quaesquer tropas sitiantes. 4.ª Finalmente a conservação do monumento até aos fins do seculo passado, em que foi demolido, explica-se muito melhor estando elle encravado na muralha que inteiramente desaffrontado num terreno em declive. Outro testimunho importante da existencia do arco romano está nas estampas que no seculo XVII appareceram da cidade de Coimbra em algumas obras extrangeiras. D'essas estampas deu curiosa

[1] Op. cit.

noticia o sr. J. C. Ayres de Campos. «Em 1656 imprimiu Valckenier em Amsterdam, sob o titulo de *Hispaniæ et Lusitaniæ Itinerarium*, um volume em 16 de 364 paginas, composto por Martim Zeiller, com vinte e tres gravuras das cidades e logares principaes da Peninsula. Procure-se nesse livrinho, hoje raro, a estampa de Coimbra, marque-se nella a entrada da ponte e *largo da Portagem*, percorra-se o primeiro lanço da *Couraça* até á volta fronteira á *rua da Alegria*, alongue-se d'ahi a vista pelo segundo lanço, e será no topo d'elle, no ponto correspondente ao actual collegio da Estrella, que tres columnas se divisarão formando dois arcos, que o desenhador representou já ruinas e cobertos de vegetação.

«Se seria esse o arco romano de Gasco e Cação não o indica a estampa, nem o explica o texto, onde a descripção de Coimbra se reduz apenas a doze linhas. Essa omissão suppre-a, porém, uma outra gravura de maiores dimensões, que com muitas outras em dois volumes in-folio se publicou tambem em Amsterdam no anno de 1682. Nesta a fórma do monumento e a sua classificação apparecem claras e expressas. No mesmo local da estampa do *Itinerarium* lá se conhecem distinctamente as mesmas tres columnas da ordem toscana assentes sobre os seus sóccos ou plintos, os mesmos arcos de volta circular, o mesmo aspecto de ruina e remota antiguidade de obra. Nas indicações e explicações, escriptas no fundo do quadro, dos logares e monumentos da cidade, lê-se com referencia a este em grifo intelligivel *Columnae antiquae Romanorum*.

«E as mesmas columnas, menos os dizeres, achamos tambem reproduzidas em outra estampa, copia provavelmente da precedente, no tomo 1.º da volumosa collecção, que, com o titulo *Galerie agréable du monde*, publicou em Leyden Pedro Vander [1]». Combinando as precedentes indicações bibliographicas com a citação que faz D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia, de Gregorio Braunio, parece que o *Theatro das cidades* seria obra anterior, donde a estampa com os dizeres ou sem elles seria reproduzida nas que depois se publicaram em Amsterdam e em Leyden.

No archivo municipal de Coimbra conservam-se alguns documentos do seculo XVIII com referencia ao arco da Estrella. Prova-se por um d'elles que por ordem da camara foi o arco demolido em 10 de junho de 1778, e vendida a pedra a Miguel Carlos por 30$000 réis [2].

---

[1] *Instituto*, tomo XII, pag. 119.
[2] Sr. J. C. Ayres de Campos, *Indice e Summarios* citados, pag. 120.

II

Demonstrada a existencia anterior de uma povoação romana no mesmo logar que hoje occupa a cidade de Coimbra[1], resta-nos indagar que nome teria. E como houve uma cidade chamada Conimbriga, a similhança entre aquelle e este ultimo nome poderia fazer suppor ter sido essa a povoação existente na margem direita do rio Munda. Importa pois demonstrar que a cidade luso-romana, Conimbriga ou Conimbrica, foi, segundo a opinião commum, no sitio de Condeixa a Velha.

No meiado do seculo XVI já Gaspar Barreiros na sua *Chorographia* entendeu necessario provar, «para os que d'estas cousas não tiverem alguma experiencia, e para outros que por a similhança dos nomes se moverem a cuidar que Conimbriga é a cidade de Coimbra,» que o logar de Condeixa a Velha fôra a

---

[1] D. Francisco de S. Luiz refuta a lenda da edificação de Coimbra por Ataces pela fórma seguinte:

«Pretendem alguns que a actual Coimbra foi fundada e edificada por Ataces, rei dos Alanos, que por morte de Resplandiano succedeu no governo da Lusitania. Esta opinião nos parece destituida de fundamento e até de verosimilhança. Porquanto os Alanos entraram na Hespanha com os outros barbaros em 409: uns e outros lançaram sortes sobre as provincias, que cada um havia de possuir, em 411, e então tocou com effeito a Lusitania aos Alanos; mas d'ahi a oito annos, isto é, em 419 (*Idat. Chron.* an. 419. *Wandali Silingi* in Baetica per Waliam regem omnes extincti. An. 429 Gaisericus rex (Wandal.) de Baeticae prov. Littore, etc.) foram elles totalmente destruidos, e o seu reino aniquilado pelo rei Godo Walia, que desde 416 lhe fizera guerra, restando tão sómente mui poucos, que se uniram e submetteram aos Wandalos da Galvia, com os quaes por fim passaram a Africa em 429. São pois oito, ou para melhor dizer, cinco tão sómente os annos em que os Alanos possuiram a Lusitania, e mui crivel é que não fossem annos tranquillos, pois lhes seria necessario sustentar guerra continua, não só com os romanos, então senhores do paiz, mas tambem com os indigenas, ou como confederados e subditos dos romanos, ou como naturalmente inimigos de um novo dominio, que se tinha logo ao principio assignalado pelas violencias, crueldades e tyrannias, que refere Idacio no seu *Chron.* ao an. 410.

«Não eram pois aquelles tempos proprios para fundar cidades, mas sim para as destruir, e arrazar: nem o genio e indole dos barbaros os inclinaria a emprezas creadoras, ao menos em quanto se não estabelecessem firme e pacificamente nas regiões que haviam invadido.»

S. Luiz, *Coimbra e Eminio*, artigo publicado na *Revista Estrangeira*, pag. 50.

antiga Conimbriga dos romanos. O primeiro argumento que adduziu foi o que se infere do *Itinerario* de Antonino, que marca 66 milhas ou 16 leguas e meia entre Scalabim e Conembriga, as quaes quadram com a distancia de 16 leguas e meia entre aquella cidade e Condeixa a Velha, e não com as dezenove leguas que faziam de Santarem a Coimbra. Por outra parte, a distancia de 81 milhas ou 20 leguas e um quarto, que no mesmo *Itinerario* se contam de Conimbriga a Calem, correspondem melhor á distancia entre Condeixa a Velha e Gaya ou Porto do que ás 18 leguas medidas d'aquella ultima cidade de Coimbra.

O auctor falla depois dos restos que da antiga cidade romana tinham ficado no sitio de Condeixa a Velha, e transcreve uma inscripção com o nome de *Conimbriga*, a qual junctamente com outras no seu tempo estava na ponte da Atadôa [1]:

D. M.
VALERIO AVITO
VALERI MARINI
FIL, ANN. XXX.
VALERIA, FVSCILLA
MATER, FIL,
CARISSIMO, ET
PIENTISSIMO,
ET OPSEQVEN
TISSIMO.
P.
SCRIBI, IN TITVLO, VERSVCVLOS
VOLO QVINQVE DECENTER,
VALERIVS AVITVS, HOC SCRIPSI, CO-
NIMBRIGA NATVS, MORS, SVBITO, ERI-
PVIT, VIXI TERDENOS ANNOS, SINE
CRIMINE VITÆ, VIVITE VICTVRI MO-
NEO, MORS OMNIBVS INSTAT.

Esta inscripção é a mais importante por conter o nome da cidade; mas outras muitas, quasi todas sepulcraes, se encontram em varios livros, sendo algumas apocryphas, como as que Fr. Bernardo de Brito deu á luz na *Monarchia Lusitana*.

Vê-se ainda hoje nas ruinas de Condeixa a Velha todo o circuito das muralhas que defendiam a cidade; e, o que é notavel,

[1] Barreiros, *Chorographia*, fol. 48 a 51.

o povo chama *Almedina* o espaço murado, posto que esta palavra devesse ser introduzida, em quanto durava a dominação dos arabes, para designar, como em Coimbra, a cerca ou a parte defensivel da povoação. A muralha terá de circumferencia dois a tres kilometros, e está meio demolida em toda a sua extensão. Á sahida de uma das portas da cidade restam dois enormes viaductos de cantaria que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos.

Segue-se tambem até Alcabideque na distancia, pouco mais ou menos, de meia legua, o aqueducto, por onde vinha a agua para a antiga Conimbriga. Juncto das fontes do aqueducto, e logo no principio do seu trajecto, conserva-se ainda meio demolida uma torre que serviria por certo de habitação a algum empregado ou guarda, encarregado de vigiar ou defender este sitio, ou de regular ao mesmo tempo a sahida da agua. Parece que uma grande capa de cimento, da qual restam ainda grandes fragmentos, cobriria, á maneira de abobada, a agua no vasto reservatorio em que se ajunctava antes de entrar no aqueducto.

Por differentes vezes têem apparecido nas ruinas, por dentro da muralha ou fóra d'ella, vestigios de uma povoação rica e florescente. Em excavações que se fizeram, ha alguns annos, para plantar uma vinha, acharam-se os restos de uma casa com pinturas a fresco.

Em 1873 descobriu-se o envasamento de um templo, todo de cantaria, ao qual de certo pertenceria o toro de uma base de columna, com um metro de diametro que já antecedentemente havia sido encontrado no mesmo logar. Nesse mesmo anno vi os restos de uma casa com columnas de marmore, das quaes restavam as bases e as partes inferiores dos fustes. Entre as bases estava ainda o chão nalguns sitios coberto de mosaico, do qual vieram alguns fragmentos para a collecção de archeologia do Instituto [1]. Emfim a alguma distancia das ruinas acham-se restos da estrada romana, cuja direcção conviria determinar por esses vestigios.

Em vista de provas tão concludentes parece-me não haver duvida nenhuma em que: 1.º onde hoje é Coimbra houve uma povoação romana; 2.º a antiga Conimbriga foi no sitio de Condeixa a Velha.

É agora a occasião de indagar o nome da povoação romana, cujos vestigios têem apparecido na cidade de Coimbra. O *Itine-*

---

[1] *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra*, pelo sr. J. C. Ayres de Campos, pag. 10.

rario de Antonino marca de Lisboa a Braga as cidades e as distancias pela fórma seguinte:

Iter ab	Olisipone Bracaram Augustam	mpm	CCXLIIII
»	Ierabriga	»	XXX
»	Scalabin	»	XXXII
»	Sellium	»	XXXII
»	Conembriga	»	XXXIIII
»	Eminio	»	X
»	Talabriga	»	XL
»	Langobriga	»	XVIII
»	Calem	»	XIII
»	Bracara	»	XXXV

Se houvesse certeza no sitio onde foi Talabriga, tornar-se-hia mais facil determinar a posição de Eminio. Suppõe-se que Talabriga seria em Aveiro ou juncto d'esta cidade, mas faltam as provas. Entretanto, marcado o logar que a antiga Conimbriga occupava, e achados os dois marcos milliarios de que fallámos, um no sitio de Coimbra e outro no da Mealhada, ter-se-ha por certo que a estrada militar romana seguia de Conimbriga para o norte, passando nos logares onde appareceram os marcos. Ora a cidade de Eminio a dez mil passos ou duas leguas e meia ao norte de Conimbriga deveria ser, portanto, onde hoje existe a cidade de Coimbra. Assim a racional interpretação do *Itinerario* de Antonino favorece sómente essa hypothese e nenhuma outra.

Ha, porém, um texto mais antigo que o *Itinerario* e que não concorda exactamente com elle. É a descripção que Plinio deu da Lusitania: «*A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pesuri, Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Minium, Oppida Conimbrica, Colippo, Eburo, Britium*.....

«....*Ab Minio quem supra diximus, CC. M. pass. (ut auctor est Varro) abest Æminius, quem alibi quidam intelligunt, et Limæam vocant oblivionis antiquis dictus multumque fabulosus. Ab Durio Tagus CC. M. p. interveniente Munda* [1].»

Preferimos a lição das edições mais antigas, para melhor se conhecerem os erros do texto que lhe tiram toda a importancia que nesta questão lhe têem dado. *Oppidum et flumen Minium* entre as cidades de Talabriga e de Conimbriga não póde corresponder senão á estação denominada Eminio no *Itinerario* de Antonino. Suppondo pois que o auctor ou os copistas erraram, escrevendo

[1] Plinio, *Hist. Nat.*, lib. 4.

Minium em vez de *Eminio,* resta ainda uma difficuldade, e vem a ser dar Plinio este mesmo nome a um rio que em nenhum outro livro apparece d'esta sorte designado. Pois, se este rio fosse o Mondego, porque não lhe daria o auctor o nome de *Muliades* que lhe deu Strabão [1] ou o nome mais commum de *Munda,* que elle proprio logo depois lhe applica «*interveniente Munda*»? Porque designar o mesmo rio com dois nomes differentes?

Mas adverte Plinio que o rio *Minium* fica na distancia de duzentos mil passos do rio *Æminius,* e que este rio *Æminius* é o que outros chamavam *Limæa* (rio Lima). Ora duzentos mil passos são cincoenta leguas, e a distancia verdadeira do Mondego ao Lima não excederá metade ou cem mil passos ou vinte e cinco leguas. Portanto nas poucas linhas transcriptas encontramos os erros seguintes:

1.º *Minium* por *Eminio.*
2.º C C. M. por C. M.
3.º *Æminius* por *Minius.*
4.º *Minius* e *Limæa* confundidos.

É possivel que a distancia de duzentos mil passos se não deva contar entre o Mondego e o Lima, porém entre o Mondego e o Minho. Ainda assim teremos duzentos mil passos em vez de cento e setenta e dois mil passos, que é a distancia real entre aquelles dois ultimos rios, tomada entre Coimbra e Caminha. Nem se allegue a impossibilidade em que estaria o auctor de marcar as distancias, porque entre o Tejo e o Douro conta elle, como vimos, duzentos mil passos, que é pouco mais ou menos a distancia entre Lisboa e Porto.

Strabão, com escrever antes de Plinio, indicou os rios da Lusitania com exactidão, o que prova que os erros d'este escriptor sómente procederam da falta de attenção e não da falta de elementos que o esclarecessem.

«*Notissimi autem istorum amnium deinceps á Tago sunt Muliades, subvectiones habens exiguas, et Vacua itidem: tum Durius, é longiquis fluens partibus præter Nimantiam multasque alias Celtiberorum et Vaccæorum habitationes, magnisque per eum subvehi licet scaphis ad Ꝟ CCC usque stadia, déinde alii fluvii: ac post hos Lethes, id est Oblivionis amnis, quem alii Limæam vocant profluens é Celtiberis et Vacceis: Post hunc Bœnis, quem alii Minium nominant, fluviorum Lusitani longé maximus, ipse quoque adversus navigatur ad Ꝟ CCC stadia....*[2]»

---

[1] Strabão, lib. 3.
[2] Idem.

Por uma parte a difficuldade, que encontrariam os nossos escriptores, de applicar o nome de *Eminio* a um rio que Strabão chamara *Mulíades* e o proprio Plinio *Munda:* por outra parte a divulgação da fabula de Ataces e Hermenerico, levaram alguns a buscar fóra do leito e das margens do Mondego o rio e a cidade de Eminio, chegando a admittir com Vasconcellos um erro de transposição das distancias no *Itinerario* de Antonino, para fazerem corresponder a antiga Eminio e o rio do mesmo nome á cidade e rio Agueda. De sorte que, para conservar a authenticidade de um texto evidentemente errado, foram admittir a existencia de um erro noutro texto, que, neste ponto, nada absolutamente poderia fazer suppor alterado.

Ptolomeu, contemporaneo de Antonino, menciona os principaes rios da Lusitania pela ordem e com os nomes seguintes: «*Tagi fl. ostia... Monde fl. ostia. Vaci fl. ostia. Post quae Dorii fl. ostia*[1].»

Concordando portanto Strabão, Plinio e Ptolomeu em designar como principaes rios da Lusitania do sul para o norte, o Tejo, Mondego, Vouga e Douro, e, mencionando sómente Plinio o rio Eminio em um logar tão abundante de erros de geographia com evidencia conhecidos, a boa logica está pedindo que se considere tambem erro o que se não póde fazer concordar nem com os outros geographos nem com o proprio Plinio. E assim, admittindo que o auctor se enganara, confundindo o Mondego com o Minho (o que pela situação da cidade de *Eminio* e pela similhança d'este nome com o de *Minius* mais facil seria), bem como confundiu manifestamente os dois rios *Minius* e *Limœa,* ninguem contestará por certo a necessidade de pôr de parte nesta questão o texto pliniano. Ora, supprimido o rio Eminio, nenhuma duvida póde restar ácerca da correspondencia da antiga Eminio á actual Coimbra.

As palavras de Gaspar Barreiros mostram como anteriormente á divulgação da fabula de Ataces havia quem suppozesse que a cidade de Eminio fôra no logar da Coimbra moderna; opinião que este mesmo auctor parece prometter provar noutra parte, promessa que não chegou a cumprir, pelo menos em livro conhecido. «A qual cidade de Conimbriga querem algũs dizer q̃ foi despois mudada abaixo onde ora ê Coimbra, retendo ó seu mesmo nome, por causa do rio Mondego, de cuja nauegaçã & outros proueitos dos rios caudalosos podia ser o pouo melhor

[1] Ptolomeu, *Europae,* tab. 2.

seruido q̃ em Cõdexa, pello q̃ diriuã ó nome de Condexa de cousa deixada, como q̃ deixàrã hũa por pouoar outra. Mas por serẽ deriuações de pouo nã faço d'ellas muito fũdamẽto. Porẽ quãto à obseruaçã do nome antigo de Coimbra, & se ê á cidade Eminiũ q̃ Plinio cõ hũ rio nesta mesma parte situa & Antonino assi mesmo duas legoas & mea de Conimbriga, de q̃ parece se faz mẽçã no cõcilio Toletano: i i j. onde sta sobscripto *Posidonius Eminiensis episcopus,* nã è d'este presente lugar senã d'outro onde ó nos tractamos mais largamẽte [1].»

Se bem que o auctor se não declare expressamente, o modo por que pretendeu concordar Plinio e Antonino, para referir o logar de Eminio ao da Coimbra moderna, está indicando ser esta mesma a sua opinião.

Mas como foi que se mudou o nome de *Eminio* em *Conimbrica, Colimbria* ou *Coimbra?* Tendo desapparecido o primeiro nome e a povoação a que o segundo pertenceu, o que parece mais provavel é que de duas cidades proximas, uma d'ellas, menos, outra mais importante, a primeira adoptasse o nome da segunda, depois da sua destruição. Os antigos chronicões de Idacio e outros referem a destruição de Conimbrica pelos suevos na segunda metade do seculo v. Se fosse total a destruição, todas as probabilidades seriam em favor da hypothese mencionada. Prova-se porém com varias razões que a antiga cidade de Conimbriga não desappareceu inteiramente depois de entrada, e, em parte, arrasada pelos suevos.

No anno de 1872, abrindo-se os alicerces para uma sacristia juncto da egreja de Condeixa a Velha, appareceu a seguinte inscripção que hoje se conserva na collecção do Instituto [2]:

SERENIA
NVS FAMV
LVS D I VIXIT
ANVS IIII ET
REQV IN PA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIIII

Em 24 de novembro do anno de 541 não era, portanto, deshabitado o logar de Condeixa a Velha. Setenta annos depois da destruição que Idacio e Sancto Isidoro memoravam, o recinto

[1] Barreiros, loc. cit.
[2] *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra,* pelo sr. J. C. Ayres de Campos, pag. 12.

dos muros meio derribados abrigava ainda provavelmente uma povoação importante, que se extendia para fóra da cerca e celebrava o culto christão nalgum pequeno templo, que occupava pouco mais ou menos o mesmo logar da moderna egreja, juncto da qual appareceu soterrada a lapide sepulcral de Sereniano.

Por esse tempo era ainda Conimbriga ou Conimbrica ou Conimbria uma das dioceses da Lusitania; porque no anno de 561 assignou o 1.º concilio de Braga *Lucentius Conimbriensis*[1]. E em 569 no concilio de Lugo, pela divisão de Theodomiro, ficou pertencendo a parochia de Eminio á sé conimbricense. «*Conimbricensis sedes teneat ipsam Conimbriam, Eminio, Selio, Bime, Insula, Astrucione, et Portugali Castrum antiquum. Sub uno VII*[2].» Por onde se prova a coexistencia das duas povoações Conimbria e Eminio, e a maior importancia da primeira até ao anno de 569. E que isto assim continuava mais de um seculo depois, demonstra-se com a divisão de Wamba, pela qual no anno de 675 ficou Eminio sujeita á sé de Coimbra. Emfim nos concilios 4.º, 6.º, 8.º, 13.º, 15.º e 16.º de Toledo, desde 633 até 693, e no de Merida de 666, assignam os bispos da sé conimbricense [3].

Entre tantos concilios ha um só assignado pelo bispo de Eminio e não pelo bispo de Coimbra. É o 3.º de Toledo, no anno de 589, que subscreveu *Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus.* Assim, estando nos annos de 569 (divisão de Theodomiro) e de 675 (divisão de Wamba) subordinada a parochia de Eminio á sé de Coimbra, apparece vinte annos depois do primeiro e oitenta e seis antes do segundo um bispo da egreja eminiense, o unico mencionado em documentos conhecidos.

O padre Antonio Pereira resolveu a duvida, suppondo que teria havido erro na designação da diocese, trocando-se o nome da cidade. Mas o padre Flores rejeita esta explicação por faltar nas subscripções do concilio a do bispo de Coimbra, devendo crer-se por similhante razão que o logar d'este fôra occupado pelo bispo de Eminio. Entendeu o auctor serem Coimbra e Eminio cathedraes do mesmo bispo, que se intitularia ora de uma ora de outra [4]. É possivel que assim fosse, e tambem que, por motivos ignorados, a diocese fosse temporariamente transferida, pelos annos de 569, de Coimbra para Eminio. Que a importancia d'esta

---

[1] Loaisa, *Collectio Conciliorum Hispaniae.* Madrid, 1593, pag. 123.
[2] Idem, pag. 137.
[3] Idem.
[4] Flores, *España Sagrada,* tomo XIV.

ultima cidade augmentara por essa mesma epocha prova-se claramente com as moedas que dentro em seus muros cunharam Reccaredo (586 a 601), Liuva II (601 a 603) e Sizebuto (612 a 621)[1]. É porém certo que não desapparecera ainda a da antiga Conimbriga, pois que em 675 lhe fica outra vez subordinada Eminio na divisão ecclesiastica de Wamba; em 700 reinava Egica, de quem, nas ruinas de Condeixa a velha, appareceu uma moeda de ouro, hoje possuida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

Emfim a coexistencia das duas cidades ainda na segunda metade do seculo IX mostra-se com o Chronicon Albeldense, onde se lê de Affonso filho de Ordonho: «... *Conibriam, ab inimicis possessam, eremavit, et Gallœcis postea populavit: multaque alia Castra sibi subjecit. Ejus tempore Ecclesia crescit, et Regnum ampliatur. Urbes quoque Bracharensis, Portucalensis, Aucensis, Eminensis, Vesensis, atque Lamecensis á Christianis populantur*[2].»

É este o ultimo dos documentos em que se encontra o nome de Eminio, que desapparece depois completamente, ficando só o de Coimbra, referido já á cidade do Mondego. Numa escriptura de Lorvão de 946 lê-se: «... *In loco nominato Urbanensi Cœnobio Suburbio Colimbriæ, discurrente rivulo Mondeco*[3].»

Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se seguiu, como parece provavel, a um cataclysmo social, este seria de certo a conquista de Affonso III pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não poderia recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da sé para Eminio, perpetuaria nesta cidade o nome d'aquella, onde antecedentemente estivera.

Numa epocha toda de guerras e conquistas não é difficil explicar a progressiva decadencia da antiga Conimbriga e o engrandecimento constante de Eminio. Meio destruidos os muros d'aquella cidade pelos suevos no seculo V, continuariam depois a padecer novos estragos pelas conquistas tanto dos christãos, como dos mouros. O sitio da cidade sem defensão natural, excepto pela

---

1 Na collecção numismatica de S. M. el-rei, exposta em Paris no anno de 1867, havia um exemplar da moeda de Reccaredo. Vej. o catalogo respectivo do sr. A. C. Teixeira de Aragão. Severim de Faria no tomo II das *Noticias de Portugal* menciona as duas moedas de Reccaredus e de Sizebuto, cunhadas em Eminio. Liuva II diz o sr. Aragão ter cunhado moeda em Eminio na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Lisboa, 1875, tomo I, pag. 52.

2 *España Sagrada*, tomo XIII.

3 *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae*, vol. I.

parte do riacho, que ainda hoje corre ao sul das ruinas, não dava aos seus habitantes a menor garantia de segurança. Pelo contrario a antiga Eminio, edificada no cume e nas encostas de um monte, era pela sua elevação naturalmente muito mais defensavel. Por outra parte muito a ajudaria contra os ataques e correrias dos inimigos que viessem do lado do sul o rio Mondego, cuja importancia como defesa natural claramente se patenteou nos seculos XI e XII, quando serviu de limite ao territorio occupado pelos christãos.

Parece, por tanto, que á antiga Conimbriga, filha da civilisação romana, faltariam as condições das cidades medievaes que em alto grão possuia Eminio, situada a duas leguas de distancia. A primeira com a vitalidade das cidades populosas, fortes e opulentas, subsistiu ainda pelo espaço de quatro seculos depois da quéda da dominação dos romanos. Mas, enfraquecida e arruinada pelas frequentes e successivas conquistas, não pôde subsistir por mais tempo. Do seculo IX para o seculo X a sé muda-se, provavelmente pela segunda vez, para Eminio, e os bispos continuam a intitular-se *conimbricenses*. Assim se operaria a mudança do nome, que no seculo XII as ruinas da antiga Conimbriga já não conservavam. Em mais de um documento as denominaram *antiquissimæ civitatis Condisiæ* [1].

---

[1] *Vita S. Martini sauriensis. Monum. Hist.*— Scriptores, vol. I, pag. 60. Veja tambem a doação da egreja de Soure no anno de 1111, feita pelo bispo D. Gonçalo aos seus conegos. No *Portugal Renascido* de Fr. Manuel da Rocha vem em latim barbaro um documento de Lorvão, concernente ao tempo do conde D. Sesnando, com a palavra *Condeixa*, tal qual hoje se escreve.

Guardam-se tambem na collecção do Instituto dois fragmentos d'uma cruz de pedra, lavrados no estylo usado na epocha da inscripção de Sereniano, isto é, depois da dominação romana e anteriormente á dominação arabe. Estes fragmentos appareceram nas ruinas dentro dos muros.

IV

CARTAS PROVINCIAES

I

Aveiro, agosto de 1873.

Meu amigo: Escrevo-lhe de Aveiro, d'esta formosa terra, outr'ora mais animada pelo commercio e mais rica do que hoje, apesar dos muitos e importantes melhoramentos que deve á influencia politica e amor filial de José Estevão.

Interiormente Aveiro assimilha-se ás cidades transtaganas. O mesmo silencio e solidão nas ruas, o mesmo hermetico encerramento das janellas das casas, a mesma arcada na praça para servir de abrigo ás lojas dos mercadores, e talvez dentro nellas as mesmas conversas e discussão de politica local ou assumptos pessoaes só com a differença de nomes. Mas em roda da cidade e ainda no proprio jardim ou passeio publico, a vegetação é mais vigorosa que no Alemtejo, as arvores mais altas e copadas, a terra mais humida e verdejante, o ar mais fresco e agitado. A influencia do mar proximo patenteia-se até na voz, na physionomia e perfeição physica dos aveirenses, e mais em particular nas mulheres, cuja belleza e elegancia são conhecidas.

Ha alguns annos que nos encontrámos em Aveiro, andando v. ex.ª em viagem de recreio com uma familia distincta do Porto. Não lhe darei, portanto, novidades nas minhas cartas. Não farei mais que recordar aquillo mesmo que v. ex.ª observou. Viu de

certo na egreja de S. Domingos alguns poucos tumulos e pinturas dignas de serem vistas; e admirou no convento de Jesus o tumulo de Sancta Joanna, a obra de talha do tecto da capella-mór e os paineis da vida d'aquella princeza que a representam e a D. Affonso V e aos outros personagens vestidos á moda do seculo passado, com grandes cabelleiras empoadas e os homens de casaca de seda e calção e meia.

Debalde buscará o viajante outras curiosidades artisticas que o entretenham ou deleitem. Nem um só monumento attesta a antiguidade da povoação. É que no solo arenoso de Aveiro falta a pedra, a materia prima para os lavores delicados da esculptura e para as grandes obras da architectura. Por conseguinte não duram muitos seculos os edificios, que ou se desmoronam de todo, ou têem de ser renovados quasi por cada geração para se não perderem. Occasiões tambem houve em que a necessidade urgente de alguma obra moderna abreviou a ruina de certos monumentos, demolidos para lhes aproveitarem as pedras. Com as das velhas muralhas se fizeram paredões na barra.

Fóra da cidade ha dois passeios encantadores: um á Vista Alegre, outro á barra.

Na Vista Alegre existe uma capella notavel, edificada no seculo XVII por D. Manuel de Moura Manuel, bispo de Miranda. As cinzas do fundador jazem num tumulo de marmore primorosamente lavrado, mettido num ediculo do mesmo marmore e do mesmo modo lavrado.

A estatua do bispo não está deitada sobre o tumulo, como é costume, porém na posição de erguer-se para saltar fóra do jazigo. Nisto e noutras particularidades ha grande exaggeração artistica, de modo tal que parece corresponder o gongorismo da arte ao da litteratura d'aquella epocha, do qual é curioso exemplar o epitaphio do bispo em latim. Darei por amostra a traducção das primeiras linhas:

A DEUS OPTIMO MAXIMO

Á VIRGEM MÃE DE DEUS
AO DERRADEIRO DIA

Ao supremo juizo	*O supremo juiz*
Á rainha do universo	*O reitor da universidade*
Ao pastor das almas	*O animoso bispo*
.....	.....

Com este principio condiz o restante. A singularidade da esculptura e a exaggeração tanto do epitaphio como das figuras do

tumulo originaram varias tradições similhantemente exaggeradas. Talvez mais cuidadosamente do que ellas merecem as colligiu o meu amigo P. W. de Brito Aranha nas suas interessantes *Memorias historico-estatisticas*. A principal d'essas tradições é a que se refere aos amores do bispo com certa dama, que dizem sepultada num pequeno moimento, que está na parede da capella defronte do tumulo já mencionado. Vê-se, porém, que alli deverá antes jazer alguem da familia do prelado, porque, chamando-se sua mãe D. Maria de Castro, como se lê no epitaphio, vê-se esculpido naquelle moimento o brazão dos Castros.

Parecer-lhe-ha, porventura, crivel, meu amigo, que um bispo inquisidor mandasse sepultar numa capella, destinada ao culto, a amante em frente do seu proprio tumulo? Não. Não é possivel; e importa demonstrar a falsidade de uma tradição indecorosa á memoria do prelado.

Na fabrica de louça havia poucos operarios, talvez porque se andava a concertar a machina de vapor que põe em movimento varios apparelhos. O exame das amostras da porcellana deixou-me a mesma impressão que as exaggerações da esculptura da capella. A par de louça muito comparavel á das melhores fabricas estrangeiras, que sómente se faz por encommenda e que se mostra como em exposição, vê-se a louça ordinaria do commercio, que a fabrica produz todos os dias, e que, por sua imperfeição, contrasta singularmente com a outra. São duas exaggerações, dois extremos entre os quaes falta o termo medio que a fabrica da Vista Alegre não produz, com quanto o podesse produzir tão bem como as fabricas inglezas ou francezas, de que se fornecem tantos armazens de Lisboa e Porto.

Esta é a verdade, embora se diga que muitos compradores preferem a louça estrangeira sómente porque não é nacional. Faz-se de certo melhor serviço á fabrica e ao paiz exigindo maior apuro e perfeição em seus productos do que proclamando-os eguaes e até superiores aos de fóra do reino. Os objectos escolhidos, os que têem sido premiados nas exposições, os que se mostram na fabrica estão, em verdade, naquellas condições. São admiraveis pela perfeição e delicadeza. Mas os de uso commum e mais baratos, comparados com os seus similhantes que as fabricas estrangeiras nos mandam, são evidentemente inferiores.

Ainda assim ha muita gente que os prefere aos de fóra. Esta preferencia não se explica senão pela inferioridade do preço, que resulta de não pagarem direitos nas alfandegas e de não estarem sujeitos a transportes tão dispendiosos. Mas a fabrica da Vista Alegre haveria de pôr todos os seus esforços, não em fornecer

mais barato o mercado, porém em produzir com a mesma perfeição que as fabricas estrangeiras.

Em 1871 calculava-se o valor da porcellana produzida em 22:000$000 réis. Diz-se tambem que actualmente a producção não chega para satisfazer ao consumo.

Seja como fôr, a fabrica da Vista Alegre prestou já grande serviço ao nosso paiz; e muito maior poderia prestar, se aproveitasse os elementos naturaes de que dispõe, como os estrangeiros aproveitam os seus.

Mas este desaproveitamento dos dons da natureza é defeito commum em Portugal. Nas cartas seguintes v. ex.ª verá até que ponto chega no districto de Aveiro, relativamente aos extensos terrenos que se extendem até ás aguas do mar.

II

Aveiro, agosto de 1873.

Meu amigo: Quando v.ª ex.ª esteve em Aveiro, não deixaria por certo de dar um passeio deleitoso, a melhor diversão que esta cidade offerece áquelles que a visitam. Eu por mim direi que percorri maravilhado os sete ou oito kilometros da ria, por onde um barco me transportou desde o caes até á barra.

Não serão, por tanto, desconhecidos de v. ex.ª os logares de que vou escrever-lhe, nem tão pouco deixará, como eu, de lamentar o abandono em que até agora tem permanecido uma das fontes de maior riqueza não sómente do districto de Aveiro, mas tambem de todo o reino. Disse *abandono* e disse mal. É muito peior do que isto. É o estrago, o desperdicio, a ruina crescente e progressiva de um thesouro riquissimo que a natureza, pródiga em tudo para com quem tão mal se aproveita de seus dons, aqui destinou para o uso e não para o abuso que actualmente fazem d'elle, que lhe diminue cada vez mais o valor e que a final acabaria por exhauril-o, se não fôra inexgottavel.

A minha voz é fraca; mas, apoiada pela de v.ª ex.ª, poderá talvez chamar a attenção dos poderes publicos para assumpto tão momentoso, tão interessante ao districto de Aveiro e a todo o paiz. Extranhos, como somos, aos povos que mais aproveitarão com o melhoramento de suas condições industriaes e agricolas,

ninguem dirá que nos move outro sentimento, senão o desejo de promover o bem d'esses povos, independentemente de toda a recompensa ou interesse pessoal.

Ha no districto de Aveiro uma zona ou faxa extensa, limitada a oeste pelo Oceano, a leste pela via ferrea, ao norte pelos areaes do Espinho, e ao sul pelo braço da ria de Vagos e Rio Tinto na região limitrophe do concelho de Mira, que é já districto de Coimbra. Tem de comprimento a faxa 40 a 50 kilometros; a largura varía entre 4 e 15 kilometros.

São terras planas e sem dobras, em grande parte inferiores ao nivel do mar e sempre inundadas; noutras partes alagadiças, por ficarem ora abaixo, ora acima das marés; noutras, finalmente, sempre enxutas. Vastos areaes as separam do Oceano, descobertos na maior parte da sua superficie, onde apenas de longe em longe se avista algum pinhal, como um oasis verdejante nas areias do deserto. Áquem dos areaes cortam as terras em varias direcções longos e estreitos canaes, alimentados pelas aguas do Oceano e pelo Vouga, Agueda, Certima e outros rios menores ou ribeiros. São esses canaes meios naturaes de communicação entre os povos dos concelhos de Ovar, Estarreja, Albergaria, Aveiro, Ilhavo, Vagos e Mira.

Comtudo não lhes serve unicamente a ria para communicarem entre si. Á beira da de Aveiro e da de Ilhavo, e sustentadas por suas aguas, estão as importantes marinhas d'estes concelhos. Para se avaliar a importancia d'ellas e o muito que rendem, bastaria dizer que em 1869 eram em numero de 266 e empregavam 438 operarios (*marnotos* e *moços*).

É grande a extensão total das ilhotas ou tractos de terra cercados pelas aguas e que produzem com abundancia pastos para gado e estrumes. Estes ultimos, porém, pouco são comparados com o *moliço*, estrume natural formado por varias especies de algas, que nascem e vegetam espontaneamente no fundo da ria.

Calcula-se que em cada anno se carregam 200:000 barcos d'estes despojos. Cada barco leva seis carradas, e o seu carregamento na malhada de qualquer esteiro importa em 1$000 a 1$500 réis. Computa-se, por tanto, em 200:000$000 réis o valor total do estrume tirado em cada anno do fundo da ria.

Emfim na ria se colhe tambem grande quantidade e variedade de marisco e de peixes, taes como linguados, solhas, enguias, sabogas, tainhas, saveis etc. As classes pobres alimentam-se especialmente de caranguejos, berbigões e ameijoas. O peixe vende-se por bom preço no mercado de Aveiro, nos de outras povoações do districto e até fóra d'elle.

Taes são as principaes riquezas dos terrenos alagadiços ou

cortados por longos canaes de agua salgada na faxa occidental do districto de Aveiro.

Quem não tiver residido nesses logares, ou não conhecer seus habitantes, perguntará naturalmente se, rodeados por toda a parte de terras pantanosas, não serão dizimados pelas febres palustres? Se a mistura da agua salgada, que vem do mar, com a agua doce dos rios não augmentará a insalubridade das povoações proximas, como acontece nas fozes dos rios maiores, nas quaes as plantas marinhas, mortas e apodrecidas na agua doce e as fluviaes na agua salgada, produzem os mais pestilentos effluvios que se conhecem na superficie da terra?

Conta-se da commissão que ha poucos annos andou estudando a influencia dos arrozaes na saude dos povos que, chegando aos pantanos circumvisinhos de Aveiro, alguns de seus membros os percorriam a medo e sem tirar do nariz os lenços repassados de essencias e aromas. Os aveirenses que tal viam apontavam sorrindo para os habitantes dos logares proximos, que por sua saude, robustez, perfeição physica e longevidade attestavam a desnecessidade de taes precauções.

Ou pelas muitas aguas correntes que lavam as terras alagadiças, ou pelos fortes ventos que quasi de continuo lhes varrem a superficie, ou emfim por outra qualquer causa desconhecida, a saude d'aquelles povos é excellente, e a sua fecundidade tal que em parte nenhuma do reino augmenta proporcionalmente tanto a população, como em Ilhavo e noutros concelhos do districto de Aveiro. Nem obsta a esse progressivo augmento a emigração que tambem se não faz em tamanha escala noutro qualquer districto.

Assim, pela força physica e perfeição dos homens, pelas grandes riquezas naturaes que os cercam, pela facilidade de communicação por meio dos braços da ria, e finalmente pela proximidade do caminho de ferro, os povos aveirenses poderiam ser dos mais industriaes, ricos e felizes de todo o reino. Estão, porém, muito distantes da felicidade e ainda mais da riqueza por desaproveitarem, como direi na carta seguinte, os recursos que a natureza lhes poz á mão. Mas isto não é mais que um caso particular d'aquelle commum e geral desleixo, com que em Portugal se tractam a maior parte dos magnificos dons de que a natureza foi tão pródiga para comnosco.

III

Aveiro, agosto de 1873.

Meu amigo: Para que se cultivem as terras proximas da ria, cujo solo aravel é em muitas partes areia quasi pura, são necessarias duas condições: e veem a ser a primeira—que uma orla de pinheiros, erguendo-se entre o mar e a terra, obste a que as dunas avancem para o interior e esterilisem com a aridez das areias o solo cultivado; a segunda—que se forme por cima da areia uma camada quasi toda de moliço, que dê ás plantas o sustento que naquella não encontram.

O comprimento do areal ao norte da barra é de 41 kilometros e sua largura média de 2 kilometros. Em tamanha extensão apenas existem pinheiros em 2:800 hectares pouco mais ou menos. E são, pela maior parte, os da importante matta administrada pela camara municipal de Ovar. Ao norte da costa da Torreira ha tambem uma pequena parte do areal fixada por pinheiros. Emfim, ao sul da barra crescem apenas alguns pinheiros no areal da Gafanha e noutros, o que permitte a cultura de uma faxa estreita, contigua ao braço da ria que vai para Mira.

Em 1867 culculava-se em 26:000 hectares a superficie total das areias, dos quaes sómente 3:600 hectares estavam cobertos de pinheiros. A superficie toda da faxa de que temos tratado, cortada pela ria e seus braços, vinha a ser naquelle mesmo anno assim dividida em quatro partes:

Areaes.....	26:000	hectares
Terras sempre inundadas.....	8:000	»
Terras ora cobertas, ora descobertas.....	3:000	»
Terras cultivadas.....	12:000	»

Constam estes dados estatisticos de um relatorio inedito do sr. Silverio Augusto da Silva Pereira, habil engenheiro e director das obras publicas do districto de Aveiro. Sem este documento, que consultei por especial mercê do digno governador civil, o sr. Mendes Leite, ser-me-ia impossivel fazer idéa clara da disposição relativa das terras e das aguas e dos melhoramentos mais necessarios nesta região importantissima. Julgo que de pouco tem servido aquelle relatorio, com quanto contenha valio-

sos e indispensaveis esclarecimentos para quaesquer projectos que tenham por fim melhorar as condições industriaes e agricolas d'esta, assim como das outras partes do districto de Aveiro.

Segundo o calculo do sr. Silverio, dos 26:000 hectares de areal deveriam estar cobertos de pinheiros 10:000 hectares. Isto parecia em 1867 uma necessidade urgente, e hoje ainda o parece do mesmo modo, porque não se tem semeado penisco durante os cinco annos decorridos. E por essa falta se perde o valor das mattas que os pinheiros fariam e o dos terrenos que, protegidos contra a invasão das arêas, se tornariam proprios para a cultura.

O illustre aveirense, José Estevão, tinha aforado á camara de Ilhavo uma porção de areal ao sul da barra até á Costa Nova, e mandara ahi semear pinheiros com a idéa de fazer naquelle sitio (modesta ambição de um grande homem!) uma matta e uma quinta. Mas o primeiro dos modernos oradores portuguezes estava muito áquem do ultimo dos lavradores. A sementeira, feita em más condições, pouco produziu, e José Estevão chegou ainda a ver desfeito mais esse sonho da sua imaginosa phantasia.

No principio d'este seculo reputara-se coisa de tal necessidade cobrir a costa de pinheiros, que por decreto de 2 de julho de 1802 se mandou lançar por dez annos o imposto de 40 réis nos barcos maiores e o de 20 réis nos barcos menores carregados com o moliço extrahido do fundo da ria. O producto d'este imposto haveria de applicar-se para a sementeira de penisco pelas arêas do littoral, e, sobejando algum dinheiro, empregar-se-ia no melhoramento das pescarias, na cultura das amoreiras e creação do bicho da seda ou no estabelecimento de alguma fabrica de fiar algodão ou linho. Ignoro se este decreto tão acertado, tão interessante á agricultura e á industria, chegaria a ter execução. Se a teve, foi de certo por mui pouco tempo.

O pensamento que dominava a administração do marquez de Pombal, e vinha a ser desenvolver e augmentar todas as fontes de riqueza nacional, e mais em particular fazer que se produzisse no reino o que se importava de fóra, esse grande e fecundo pensamento ainda transparece no decreto citado, vinte e cinco annos depois da morte de el-rei D. José e da consecutiva demissão do seu ministro. Mas a sciencia practica, o talento da execução, a faculdade de remover todos os obstaculos, que se podem oppor a qualquer innovação, desapparecera com aquelle que elevara Portugal á categoria das primeiras nações da Europa.

Em 1836 ficou sem effeito a circular de Passos Manuel, recommendando aos administradores geraes que incitassem as camaras á formação de viveiros e ao plantio das amoreiras. E assim tambem provavelmente ficará a circular, que já neste anno o

digno governador civil do districto de Aveiro dirigiu ás camaras municipaes com aquelle mesmo fim.

Fóra das poucas terras em que por influencia de extrangeiros ou por condições muito particulares se tem desenvolvido a industria, o povo não tem educação industrial, nem ainda educação agricola, apezar de ser Portugal um paiz essencialmente agricola. Em geral ha uma repugnancia grande em adoptar até as industrias mais simples, as que não exigem nem grandes capitaes nem dispendiosos machinismos. E isto sómente porque taes industrias não têem sido practicadas, e parecem portanto innovações desnecessarias.

Quem ha de porém destruir esses preconceitos e esse commum aferro á rotina? O professor de instrucção primaria? Nas nações cultas é em verdade na eschola que se fórma o genio do povo. Nas terras agricolas as creanças apprendem a ler por manuaes de agricultura. Nas povoações industriaes por compendios proprios para desinvolver a vocação industrial. Nas cidades commerciaes acostumam-se a considerar o commercio como fonte de riqueza e a comprehender as operações que não são superiores ás intelligencias infantis. Mas entre nós como ha de o professor de primeiras letras fazer isto, se em regra vêem a seguir a carreira do magisterio da instrucção primaria aquelles que não podem ganhar no exercicio de qualquer profissão mais de 335 réis diarios, que é quanto o pobre professor recebe pelo seu trabalho? E que instrucção póde ter e póde dar um homem que não está habilitado a ganhar mais que essa insignificante quantia?

Será o padre quem substituirá o professor? Mas o padre, dizem alguns politicos, ha de ser ignorante para não crear obstaculos e resistencias á acção dos governos. Ignoro, meu amigo, se terá ouvido repetir esta maxima tantas vezes como eu. É possivel que neste e noutros pontos pensem em Lisboa melhor que na provincia, e que ahi estejam todos os politicos bem convencidos de que não ha maior obstaculo nem maior resistencia á acção de qualquer governo liberal do que a ignorancia popular.

Sem querer ia a afastar-me do meu assumpto. Desculpe-me v. ex.ª que farei por concluir na carta seguinte.

IV

Aveiro, agosto de 1873.

Meu amigo: Não é unicamente na repugnancia á sementeira e plantio de arvoredos que no districto de Aveiro se patenteia a ignorancia popular. Esta repugnancia é commum a quasi todo o reino, e encontra-se mais forte exactamente onde menos arvores ha e maior falta fazem — nos vastos descampados do Alemtejo. Agora o que é peculiar d'aquelle districto e das terras banhadas pela ria é o seguinte.

Calcula-se, como já disse, em 200:000$000 réis o valor do moliço extrahido da ria em cada anno. Aberto á circulação o caminho de ferro e algumas estradas, o moliço tornou-se desde logo muito mais procurado por povos, a quem não deixava d'antes compral-o a difficuldade do transporte. D'aqui procedeu não sómente a subida do preço, mas tambem o desejo de augmentar por meios nocivos a colheita. Alguns arrancam o moliço com enxadas, o que faz sem duvida que o extraiam por uma vez em maior quantidade, mas tambem que venha a faltar-lhes nas colheitas seguintes.

Outros ajunctam-lhe todo o marisco e peixe miudo e conchas que podem apanhar. Para isto usam de redes de malhas muito estreitas, com as quaes pescam o peixe menor que não tem venda no mercado. Assim é que, alem de prejudicarem a producção do moliço, prejudicam tambem, e ainda mais, a creação do peixe, impedindo por meio da pesca prematura o desenvolvimento de milhões de individuos e destruindo o valor que elles depois representariam, colhidos e vendidos em sazão. Custa a crer, mas é verdade, que façam estrume do que mais tarde haveria de ser alimento e daria bom preço no mercado.

As plantas que formam o moliço, bem como os peixes e marisco, têem epochas proprias para se desenvolverem, e outras para, depois de desenvolvidos, se colherem e entregarem ao commercio. Ora a apanha do moliço e as pescas em todo o tempo, e pelo modo por que as fazem, são condemnaveis e por consideração nenhuma se deveriam permittir. Só um louco seria capaz de entrar num pomar e apanhar a fructa verde para a transformar em estrume. Pois não é nada menor o desacerto que

os povos circumvizinhos da ria commettem, colhendo antes de tempo o moliço e o peixe.

Todos ou quasi todos os ultimos governadores civis do districto de Aveiro têem pretendido dar remedio a tamanho mal pelo unico meio possivel, que vem a ser a organisação da policia da ria e a promulgação de um regulamento que empregados especiaes façam executar.

Em 1865 o sr. Taborda, sendo governador civil, propoz a formação de um corpo de policia que tivesse por fim:

1.º Fiscalisar e promover a execução de todas as posturas ou regulamentos.

2.º Promover a limpeza das vallas, esteiros, etc.

3.º Obstar á apanha dos moliços no tempo em que se criam.

4.º Impedir a pesca tambem no tempo em que o peixe se cria.

5.º Prohibir que os moliços sejam arrancados com enxadas.

6.º Regular o modo de fazer os depositos e conducção.

7.º Remover todas as causas que possam alterar a saude publica.

Em 1870 o sr. Pacheco renovou as instancias do seu antecessor, e propoz mais que se fizesse uma piscina-modelo para o ensino practico de piscicultura.

Em 1871 o sr. José de Beires repetiu ainda as mesmas instancias, propondo todavia que se deixassem apanhar em todo o tempo o mexilhão e berbigão, por serem em grande abundancia e servirem de principal alimento ás classes pobres. Este digno funccionario propoz tambem um projecto de regulamento e os meios de custear as despezas que houvessem de fazer-se com a policia e melhoramentos da ria. Calculando em 200:000 os barcos que annualmente se carregam de moliço, o pequeno e insensivel imposto de 30 réis em cada barco produziria a receita de 6:000$000 réis em cada anno. O decreto de 7 de julho de 1802, de que fallei na minha ultima carta, auctorisava esta ultima proposta.

Como foi, porém, que desde 1865 até 1873, de tantos ministros do reino, como tem havido, nenhum attendeu ás reiteradas instancias dos governadores civis, confirmando por um decreto seu ou por uma lei sanccionada em côrtes o lançamento do imposto e a organisação da policia? Eis o problema que debalde tentei resolver durante os 5 ou 6 dias, que por motivo de uma commissão litteraria me tenho demorado em Aveiro.

Deparou-se-me, afinal, por acaso a almejada solução.

Uma vez encontrei-me no caminho de ferro com um sujeito de Ovar. Era um homem gordo, baixo, rosado, que fallava com

presumpção de suas empresas commerciaes, das festas do Coração de Maria e do muito que Ovar devia aos missionarios.

Perguntei-lhe pelos pinhaes de Ovar.

— São, respondeu elle, a nossa grande riqueza. Impedem que a villa e as terras da lavoira não fiquem sepultadas nas areias.

— Mas, repliquei eu, esses são os que se extendem da villa e do caminho de ferro até ao mar. Os que estão para cima e a leste da via ferrea parecem-me hoje totalmente desnecessarios.

— Para aquelle fim de certo o são. Comtudo têem outra utilidade não menos apreciavel. Dão lenha aos pobres. Houve uma camara que os quiz vender. O povo não deixou. Os camaristas tornaram-se impopulares e difficilmente volverão a administrar os negocios do municipio.

— E quanto produziria a venda d'esses pinhaes e dos terrenos que occupam?

— Cem contos de réis.

— É muito boa somma cem contos. Com uma pequena parte do seu juro a camara daria lenha aos pobres. Com a parte restante poderia emprehender grandes melhoramentos de muita vantagem para os povos de Ovar. Finalmente entregaria á cultura alguns centos de hectares de terra que hoje não dá senão lenha. Os mesmos pobres, applicando-se á cultura d'essas terras, deixariam de viver em pobreza. Parece-me que a venda intentada pela camara seria excellente negocio para o concelho de Ovar.

— Parece-lhe mal, accudiu o meu interlocutor com voz alterada. Todas as camaras que nos conservam aquella riqueza são por todos festejadas e muito queridas. Essa que ha annos quiz vender os pinhaes desacreditou-se e apartou de si todas as sympathias.

Lembrou-me então o terem-me dicto que, consultadas ha pouco tempo as camaras do districto de Aveiro sobre o negocio da ria, pedindo-se-lhes esclarecimentos, nenhuma, excepto a de Aveiro, respondera. Assim o receio da impopularidade, e nalguns casos talvez a ignorancia propria, faz com que as camaras municipaes numas partes se opponham á policia e regimento da ria e á sementeira de pinheiros no litoral, e noutras partes conservem os pinhaes que de nada servem e roubam á cultura extensos e valiosos terrenos. As camaras não querem tornar-se impopulares, nem os governos perder as eleições.

Isto é com relação ás reformas particulares a um districto; se forem geraes a todo o reino, e se houver um ministerio constituido por homens energicos e sabedores que as intentem, esse ministerio cahirá antes de as effectuar, e sómente por ter querido promover a prosperidade publica.

Não sei por tanto, meu amigo, se em vez de pedir a v. ex.ª, como fiz numa das minhas primeiras cartas, que chame a attenção dos poderes publicos para o estado da ria de Aveiro, deva antes pedir-lhe que mais uma vez clame pela necessidade urgente da instrucção e educação popular. A falta d'estas bases fundamentaes de toda a verdadeira civilisação conduziu a Hespanha ao estado desventuroso em que hoje a vemos, e poderá tambem conduzir-nos a nós a um estado similhante. Ora para evitar tamanho mal importa que todos trabalhemos, e os governos, sobre tudo, ponham os maiores esforços para apartar as calamidades que nos ameaçam, e estejam prevenidos com todos os meios de affrontar o perigo.

E não menos por armas que por letras.

V

SEMPRE-NOIVA

CHRONICA EBORENSE

I

Retratos

Vimos homens estimados
per manhas auentajados,
vimos damas muy fermosas,
muy discretas, e manhosas
e galantes afamados.

G. DE RESENDE—*Miscellania.*

El-rei D. Manuel colheu os fructos do talento e do trabalho de seus predecessores, e, sem as qualidades eminentes que os distinguiram, tornou-se mais poderoso e respeitado que elles entre as nações do mundo. Não teve os altos espiritos de D. João I, nem a sciencia de D. Duarte, nem o genio cavalleiroso de D. Affonso V, nem a inquebrantavel energia de D. João II, mas excedeu-os a todos na arte de viver em paz. Define-o exactamente uma phrase muito usada hoje em Portugal com significação algum tanto ironica: *foi um habil politico.*

Apunhalara-lhe o irmão em Setubal D. João II. E quando este monarcha, no mesmo dia, apoz o criminoso castigo, o chamou áquella villa para o fazer duque de Beja, e outorgar-lhe generosamente os bens do assassinado, que por direito pertenciam á corôa, D. Manuel, de joelhos em terra e com grande acatamento, beijou as mãos bemfazejas, ainda tinctas do sangue de seu irmão primogenito. É que, de certo, não tinha menos amizade ao duque de Vizeu que ao rei de Portugal, que diz Garcia de Resende, «o creou em sua cama, mesa e nos conselhos e boas doutrinas com mostranças e obras de verdadeiro amor de filho [1].»

As grandes tormentas do reinado de D. João II passou-as incolume o duque de Beja desfructando as mercês do real favor, em quanto, de seus parentes e amigos, uns succumbiam ás mãos ou á ordem do monarcha, outros esmolavam fóra da patria o pão do exilio.

Pela morte desastrosa do principe D. Affonso, em Santarem, e prematuro fallecimento de D. João II, lhe abrira a fortuna o caminho do throno. Empunhando o sceptro, longe de seguir a politica repressora do seu antecessor, procedeu muito pelo contrario. Chamou ao reino os filhos do duque de Bragança, decapitado na praça de Evora, e os outros fidalgos que haviam sido conjunctamente desterrados, e a todos reintegrou nos feudos perdidos. Indemnisando com generosidade aquelles que por mercê de D. João II os possuiam, ganhou a dedicação d'uns sem fazer dos outros inimigos. Não lhe faltaram, é certo, censores de taes liberalidades, por onerosas á nação, por desconformes com as decisões da justiça no anterior reinado, e até por transgredirem manifestamente a seguinte clausula do testamento de D. João II: «Que lhe encommendava (a D. Manuel), per justos respeitos, que todos aquelles que contra elle foram tredores, e desleaes que andavam fora d'estes Regnos, nem a elles, nem a seus filhos recolhesse n'elles, e que encomendava a todolos de seu conselho, e do dicto Duque seu primo, que sempre lhe lembrassem que devia isto muito fazer.»

---

[1] Os nossos costumes de agora fazem parecer quasi incriveis os dos antigos. Tão differentes são. Numa só cama dormiam muitas pessoas da mesma familia. Aos pés do leito do D. Manuel, diz Damião de Goes, dormiam numa cama, depois da morte da rainha D. Maria, o principe e o infante D. Luiz. A maior prova de amizade ou protecção que o rei ou outro grande personagem podia dar a algum parente ou intimo era conceder-lhe logar na cama. Este costume passou ainda alem do reinado de D. Manuel, pois se lhe refere, se bem nos recordamos, o sr. Rebello da Silva na *Historia de Portugal* dos seculos XVII e XVIII.

Mas, cumprido o testamento na parte que mais lhe importava, qual era a que o instituia por herdeiro de «todos Regnos e Senhorios» de seu primo, o novo rei podia dispensar-se de observar aquella clausula ou quaesquer outras que menos lhe agradassem. Aos grandes e poderosos, aos que tinham força para se fazer ouvir, a esses calara-os D. Manuel com sua real generosidade, embora á custa dos pequenos, cujas censuras e queixas não chegavam á altura do throno.

Porque não reproduziu uma politica tão contraria á de D. João II os mesmos excessos que esta reprimira? É que tanto pelas raizes cortara o filho de D. Affonso V a arvore corpulenta do feudalismo, que impossivel para sempre lhe fizera o recrescer em solo portuguez. Asperrima e temerosa fora a lição para que a nobreza se esquecesse d'ella. Por outra parte, occupados nas empresas maritimas, que então absorviam as attenções e levantavam os espiritos, ambiciosos da gloria e das riquezas que as guerras d'alem-mar lhes promettiam em vastissimos campos, contentados e favorecidos pela indole conciliadora e generosa do soberano, os fidalgos não chegaram uma só vez a conspirar contra a sua existencia ou contra a grandeza do seu poder absoluto.

Os francezes attribuem a Francisco I a invenção da corte, como seguro meio de conservar sujeitos e conformes os fidalgos á vontade e caprichos reaes. Já antecedentemente D. Manuel se servira d'aquelle meio para conseguir este mesmo fim. Sem o ferro do punhal ou do cutello do algoz, a que tivera de recorrer seu primo e antecessor D. João II, mas pelos attractivos do luxo, dos prazeres e das pensões manteve illesa e indisputada a auctoridade real, trazendo submissos e atrelados ao seu carro de triumpho os senhores mais poderosos do reino. No reinado antecedente a liga do povo com o soberano dera em terra com o feudalismo. Porém sujeitados os nobres e desvanecido todo o receio de que tentassem rehaver o perdido poderio, logo o povo entrou a sentir os effeitos do absolutismo que ajudara a estabelecer. Não podera libertar-se d'um jugo sem curvar a cerviz a outro jugo não menos pesado. Quieto e impassivel, deixou que D. Manuel lhe cerceasse as regalias, lhe offendesse os direitos e lhe lançasse novos impostos. Nas côrtes celebradas neste reinado bem claro se viu o enfraquecimento do nervo popular, que nas anteriores muitas vezes repellira com força as demasias e excessos dos monarchas ou dos senhores feudaes. Começara com a indifferença da nação para as coisas que mais lhe interessavam, aquella geral apathia e commum indolencia que precedem as grandes catastrophes.

Faltaram a D. Manuel a energia e outras qualidades que muito bem ficariam em tão poderoso rei; mas, em compensação, algu-

mas virtudes teve, a que devemos prestar homenagem. Amou extremosamente a seus numerosos filhos e á rainha D. Maria, a quem, affirma Damião de Goes, guardara constante fé conjugal. Era tão pouco amigo de castigar, que a uns divertia a justiça a outros a alongava. Accessivel, porém, a suspeitas infundadas e a baixas intrigas, punia ás vezes sem motivos e com dureza.

O amor do bello, esse nobre sentimento que só cabe em nobres corações, era em D. Manuel uma feição proeminente. Dedicado ao culto das letras, deleitava-se na leitura dos historiadores e dos poetas, e estimava em muito a conversação dos homens eruditos, assim nacionaes como extrangeiros. A musica amava-a tanto, que pouco tempo estava sem a ouvir; até á mesa e na caça o acompanhava. Se em algum tempo houve uma eschola nacional de pintura, comparavel ás das nações em que esta arte ha chegado a maior perfeição, parece ter sido no venturoso reinado de D. Manuel. Attrahindo os pintores extrangeiros com premios e recompensas, e mandando os naturaes estudar fóra do reino, fez logar a que dissesse Garcia de Resende:

Pinctores, luminadores
agora no cume estão,
ourivezes, esculptores
sam mais sotis, e melhores,
que quantos passados sam;
vimos o gran Michael,
Alberto, e Raphael,
e em Portugal ha taes,
tam grandes e naturaes,
que vem quasi ao liuel.

Mas a arte, de que o rei se mostrou mais apaixonado, foi, sem duvida, a architectura. Como se quizesse perpetuar a memoria dos illustres feitos de seus vassallos, como que desejando legar aos vindouros signaes immarcessiveis da altura aonde pôde chegar o nome portuguez, engrandeceu o reino com innumeros edificios, em cujas pedras deixou gravadas as tradições gloriosas do seu reinado. Os fidalgos imitavam o real exemplo, edificando tambem, e as riquezas que traziam os galeões d'alem-mar a todos facultavam a ostentação luxuosa das sumptuosidades architectonicas. D'est'arte se desenvolveu mais do que em qualquer epocha a architectura civil em Evora no primeiro quartel do seculo XVI.

Dos fidalgos que por esse tempo residiam nesta cidade o mais notavel edificador foi o bispo D. Affonso de Portugal. Antes porém que digamos a historia das obras que deixou, importa-nos informar o leitor d'algumas particularidades interessantes.

Sob o mesmo tecto viviam o bispo e seus filhos. Não se

assustem os moralistas austeros nem se alegrem os amadores de escandalos, que não é caso nem para uma nem para outra coisa. Os filhos do bispo D. Affonso de Portugal haviam nascido sendo elle secular, antes que el-rei D. João II o obrigasse a fazer-se clerigo para lhe cingir a mitra eborense em 1485. Não tinham, por tanto, um e outros de soffrer reciproca vergonha, e a expressão *filhos do bispo d'Evora* nada significava deslustrador ou aviltante. Andava-lhe demais associada a idéa de tantos actos caritativos e generosos, que ninguem do povo eborense a ouvia sem se sentir tomado de veneração e respeito.

Era D. Affonso primo co-irmão da infanta D. Beatriz, mãe d'elrei D. Manuel, e filho unico e natural de D. Affonso, marquez de Valença, neto de D. João I e herdeiro presumptivo da casa de Bragança por ser o primogenito do primeiro duque, e de sua mulher D. Brites Pereira, filha do condestavel. Fallecendo, porém, o marquez de Valença em 1460, ainda em vida de seu pae e sem ter legitimado a D. Affonso de Portugal, não pôde este succeder no ducado, em cuja posse entrou D. Fernando, seu tio, e filho segundo do primeiro duque D. Affonso. A este D. Fernando, segundo duque de Bragança, succedeu seu filho do mesmo nome, que foi degollado na praça de Evora em 21 de junho de 1483. Este facto, renovando as esperanças da successão em D. Affonso de Portugal, seria talvez a causa por que D. João II o obrigou a ordenar-se. A politica previdente do imitador de Luiz XI levava-o assim no espaço de dois annos a fazer subir um dos primos ao cadafalso e o outro ao solio episcopal.

No tempo em que succederam os factos que nos propomos referir nos capitulos seguintes, de 1507 a 1510, o bispo D. Affonso de Portugal conservava-se ainda bem disposto, apezar dos seus sessenta annos. Sómente a gotta que então começava a padecer o fazia ás vezes manquejar um pouco, obrigando-o a firmar-se num bordão em fórma de T, como se póde ver no retrato que se guarda no cabido eboronse. Era de estatura mais que mediana. Os olhos castanhos e rasgados exprimiam energia e franqueza. Tinha os labios rosados e as mãos tão alvas e pequenas, que pareciam de mulher. Por ser de sua condição isento e livre e por suas maneiras cavalleirosas parecia fóra da cathedral mais um grande fidalgo secular que um antistite sagrado. Dir-se-hia até que não queria parecer bispo senão no exercicio de suas funcções.

Não faltava quem lhe extranhasse tamanho desapego.

Cingir a mitra esplendente, empunhar o alteroso baculo, arreiar-se das vestes roçagantes, fruir as pingues rendas, usar das immunidades, direitos e poderes episcopaes eram preroga-

tivas para causar ambições nuns, noutros invejas, em muitos temor e respeito. Tudo isto, porém, valia tão pouco aos olhos do filho do marquez de Valença, que não bastava a compensar-lhe o sacrificio a que se sujeitara, tomando um estado menos conforme á educação que recebera, ao seu caracter cavalleiroso e ao amor da gloria que o attrahia para as empresas militares, no tempo em que a lei suprema da real vontade lhe impozera o pacifico mister de pastor da egreja eborense.

Uma coisa o fazia tambem parecer antes secular que ecclesiastico. Era o viver sem reparos nem censuras no gremio de sua familia. A este respeito achava-se em vantajosa excepção relativamente aos padres que tinham de engeitar ou de esconder os filhos. O clero, em grande parte, não observava então melhor do que hoje o preceito do celibato, embora digam o contrario os que, por serem detractores do presente, se fazem apologistas do passado. Os remoques de Gil Vicente, alguns artigos das ordenações do reino e o das constituições do bispado de Evora, que impunha graves penas aos clerigos que baptizassem seus proprios filhos, provam com evidencia que foi sempre custoso aos calidos temperamentos do meio-dia a observancia d'um preceito, que os fleugmaticos do norte revogaram já por desconforme á natureza humana.

Mas os filhos do bispo de Evora não eram sacrilegos, porque nasceram, como dissemos, em quanto o pae vivia no estado secular. Este não tinha por tanto de os negar ou occultar. Vivia com elles sob o mesmo tecto e acompanhava-os em publico sem vergonha dos ecclesiasticos nem escandalo dos fieis. A ninguem parecia immoral aquillo que não passava de singular.

Herdara de seus antepassados as tradições cavalleirosas da corte de D. João I o bisneto de seu filho D. Affonso e do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Quando a nobreza começava a perder o espirito puro da cavallaria que brilhara com viva luz por entre as sombras da edade media, o bispo de Evora educava seus filhos transmittindo-lhes aquelles sublimes sentimentos de abnegação e de generosidade, como antidoto contrario ao influxo das riquezas d'alem mar e do tracto mercantil com tantos povos, veneno que em meio d'uma grande opulencia ia pouco e pouco alterando e corrompendo os costumes das classes media e superior. Tal systema de educação produziu um dos mais nobres caracteres da fidalguia do seculo XVI, o primeiro conde de Vimioso, a quem chamaram o *Catão portuguez*.

D. Francisco de Portugal não era ainda titular em 1507, porém um gentil cavalleiro, que D. Manuel comparava á joia mais preciosa das que lhe adornavam a coroa de rei. Casado de dois

annos com D. Brites de Vilhena, filha do senhor de Unhão e mordomo da rainha, Ruy Telles de Menezes, amava-a como a unica mulher capaz de retribuir-lhe plenamente o seu amor. Tinha já por fructo este reciproco sentimento uma creança de pouco mais de um anno, por nome Guiomar, fadada para vir a ser, com o titulo de condessa da Vidigueira, uma das mais illustres damas do reino.

A D. Francisco de Portugal haviam-lhe grangeado distincções, que muitos inutilmente ambicionavam, o parentesco em que estava com el-rei e a grande capacidade que revelara logo na flor dos annos. Contava apenas vinte, quando em 1498 acompanhou a Castella a el-rei D. Manuel e á rainha D. Isabel, que D. Fernando o Catholico fizera jurar herdeiros d'aquelle reino. O valor e prudencia que provara nas desordens que nalgumas cidades se suscitaram entre castelhanos e portuguezes, a abnegação com que numa d'estas lutas encarniçadas arriscara a propria vida para salvar a do seu maior inimigo, que poucos mezes antes o quizera apunhalar traiçoeiramente, augmentavam a estimação em que o tinha o monarcha. Não lhe faltavam emulos e invejosos numa corte como a de el-rei D. Manuel. D. Francisco de Portugal contentava-se de reprehender-lhes em sua propria presença os vicios e os defeitos, e bem assim os de todos que não seguiam a estrada do dever e da honra. Ás vezes fazia-o por meio de trovas, algumas das quaes nos conservou Garcia de Resende no Cancioneiro.

D. Martinho de Portugal, mais novo que D. Francisco, frequentava neste tempo com distincção a universidade para vir a ser mais tarde, no reinado de D. João III, governador do bispado de Vizeu, embaixador em Roma, nuncio do papa em Portugal, prior do mosteiro de S. Jorge de conegos regrantes juncto de Coimbra, arcebispo do Funchal e primaz das Indias, etc., etc. Entretanto a convivencia com os que tratavam de introduzir a inquisição no reino mareou-lhe os nobres sentimentos que distinguiam os outros membros da sua familia.

Tinha tambem o bispo de Evora uma filha formosissima.

Por um singular paradoxo, se lhe podemos chamar assim, a expressão da bella physionomia de Beatriz de Portugal indicava mais reflexão e gravidade que de ordinario se encontram na mulher até aos vinte e quatro ou vinte e cinco annos, em quanto o conjuncto physico de suas feições parecia de mais tenra juventude. Na fronte espaçosa e altiva, que denotava grande intelligencia, destacavam os dois traços nitidos e salientes das sobrancelhas, loiras da cor dos cabellos. Os olhos, mais azues que o céo das regiões meridionaes, retratavam um espirito resoluto e

decidido, capaz de grandes sentimentos e de nobre dedicação. O nariz delgado e aquilino, formando com as sobrancelhas dois bem desenhados angulos, tornava-lhe mais energica e reflexiva a expressão do semblante. A essas tres linhas correspondia admiravelmente o pequeno traço que na bocca deixavam entre si os labios finos e delicados, o superior mais que o inferior, em que não faltava de todo o signal characteristico da familia de Bragança. O rosto era alvo, porém não muito, e antes daquella tez rosada que dá a expressão do enthusiasmo, da contemplação e da crença aos anjos dos quadros flamengos. Comparal-o-iamos, se fosse licito misturar o sagrado com o profano, ao que os bons artistas d'esta eschola imaginaram em Jesus, pintando-o ao collo da Virgem ou a discutir no templo com os doutores.

A graça e as boas proporções do corpo faziam parecer a estatura mais alta do que em verdade era; collo branco, hombros largos, cintura delgada, braços bem contorneados, mãos e pés pequenissimos.

Sendo ainda creança, manifestara-se logo superior ás outras da mesma edade nos jogos e brinquedos infantis. Apprendera depois a musica, a dança, os lavores proprios do sexo e a arte da equitação, em que as damas da nobreza se exercitavam muito mais nos tempos antigos que em nossos dias. Tanto na caça como em jornadas arrostava serena e destemida com os perigos que se lhe deparavam, ao passo que, por outra singularidade notavel dos eu character, chegava a desmaiar quando via algum dos irmãos, a quem amava com extremo, a lutar de frente com os javalis ou a atravessar a cavallo a corrente caudalosa do ribeiro, engrossado com as ultimas chuvas do inverno.

A mão de D. Beatriz de Portugal fora promettida a um castelhano, que de modo nenhum parecia digno de tal felicidade. Era aquelle mesmo sujeito, de quem Gil Vicente, ou alguem por elle, escrevera: «e andava então na corte um Gonçalo d'Ayola, castelhano muito fallador e medrava muito» querendo assim explicar os seguintes versos d'uma carta, em que se lhe referia sem a menor sombra de favor:

Muito debaixo da sola
Trouxera quanto desejo,
S'eu aprendera na escola
Onde Gonçalo d'Ayola
Aprendeu tanto despejo.

Se o leitor, não satisfeito com as deficientes explicações do nosso Plauto, deseja saber como veio o castelhano á corte de D. Manuel, lembre-se de que este monarcha desposou em 1500

a infanta D. Maria, filha de D. Fernando o Catholico e irmã de D. Isabel, que a precedeu no regio thalamo e succumbiu em 1498, dando á luz o principe D. Miguel, herdeiro jurado dos reinos de Castella e de Portugal. Um dos extrangeiros que passaram ao reino em companhia da nova rainha foi Gonçalo d'Ayola, cuja elevação e augmento muitos titulos garantiam: grande riqueza que lhe permittia ostentar, não magnificencia porque era mui pequeno, porém dessaborido e impertinente luxo; o despejo, que Gil Vicente lhe notou, que o tornava atrevido e cruel para com os inferiores, bajulador e submisso para com os superiores; e finalmente o proximo gráu de parentesco em que estava com Diogo Deza, confessor de suas altezas catholicas e dignissimo successor de Torquemada no cargo de inquisidor geral, depois de ter servido de mestre ao principe das Asturias, fallecido em 1499.

As intimas relações que D. Manuel manteve com a corte de Castella, as tentativas feitas já em seu reinado para se introduzir a inquisição em Portugal, as barbaras perseguições tantas vezes repetidas contra os moiros e judeus, que fugiam com frequencia de um para outro reino, tudo isto fazia logar a uma politica internacional cheia de negocios embaraçosos e complicados, para cuja solução muito convinha a Diogo Deza ter na corte portugueza agentes fieis e seguros e a D. Manuel satisfazer e contentar ao poderoso inquisidor.

Não admira, por tanto, que, medrando no real valimento o despejado castelhano, e conhecendo el-rei sua bem-querença a D. Beatriz, quizesse fazer-lhe a mercê de lembrar a seu primo D. Affonso de Portugal a conveniencia de casar a filha com o sobrinho do inquisidor.

Entre os principios que o bispo de Evora seguia, com regras invariaveis de bem viver, estava o da cega obediencia ás ordens do rei. Obrigado por D. João II a tomar o estado clerical, para que se não sentia com vocação, não resistiu a essa ordem que poderia turvar-lhe o futuro de tristezas e desgostos. Agora, com quanto preferisse não contrariar os impulsos do coração de Beatriz, acatou egualmente o desejo de el-rei e persuadiu a seus filhos que o respeitassem tambem. Estes, a quem o pae educara com as suas proprias maximas, curvaram-se, desgostosos mas resignados, á força superior, que não ousavam contrastar. Assim, admittiram o rico pretendente D. Affonso, D. Francisco e D. Beatriz de Portugal, a quem o povo chamava já *a noiva de Gonçalo d'Ayola*.

II

A caçada

Caça, guerra e amores,
Por um prazer cem dores.

ADAGIO ANTIGO.

Em tempo d'el-rei D. Manuel a caça de altanaria não tinha ainda cahido naquelle geral desuso, que em 1616 um mestre da arte reprehendia e lamentava com razões suasorias e com palavras sentidas. Frequentemente a exercitavam, nos dias mais felizes e opulentos de Portugal, clero, nobreza e povo, sem que a ninguem lembrasse que, antes de um seculo andado, os publicos infortunios tornariam despreziveis os passatempos venatorios, como todos os que mal se compadecem com os prantos e tristezas d'uma nação avexada e opprimida. .

Segundo referem as chronicas, o venturoso monarcha muitas vezes matinava e saia ao campo, acompanhado de musicos, por melhor folgar e se divertir dos cuidados do governo. E o infante D. Duarte, seu filho, era tal caçador de aves e feras, que chegava a andar sem comer um dia todo, embrenhado por mattos e florestas.

Todos os annos vinham de fóra do reino, da Noruega, da Suecia, de Castella e d'outras partes muitas aves de rapina que se vendiam por varios preços, conforme suas qualidades; os falcões, açores e gaviões mais caros que as outras castas de menos estimação: os treinados mais e os primas que os pollos e treçós. Não faltavam traficantes a vender tartaranhas e bilhafres por açores que todos em pequenos se confundem.

Costumava el-rei D. Manuel, em quanto residia em Evora, caçar pelos campos circumvizinhos. Seguiam o real exemplo muitos dos principaes fidalgos do reino, que temporaria ou permanentemente habitavam tambem nesta cidade. Não raras vezes succedia afastarem-se os caçadores na distancia de tres, quatro e mais leguas, tanto por gosar a variedade dos logares, como por descobrir caça mais abundante. No anno de 1507, vespera de Nossa Senhora

de setembro, pela manhã cedo, dirigia-se uma d'estas frequentes cavalgadas para os sitios de Arrayollos. Sahira de Evora ao romper da aurora e vingava em pequeno espaço de tempo as tres leguas que separam as duas povoações. Eram tão bons corredores os palafrens que as damas donairosamente cavalgavam, tão ligeiros e fogosos os corceis dos cavalleiros, que precisariam antes da repressão do freio que da correcção do latego ou do estimulo das esporas.

Não corriam, porém, de modo que os camponezes que se encaminhavam aos quotidianos lavores não conhecessem e cortejassem, entre as pessoas da comitiva, a D. Brites de Vilhena e aos filhos do bispo de Evora, D. Beatriz e D. Francisco.

D. Brites de Vilhena foi a primeira a romper o silencio que, havia quasi meia hora, todos guardavam:

— Que é do sñr. D. Francisco de Portugal? Dá-me alguem novas do muito illustre e espirituoso cavalleiro, que não gosta de estar callado nem de que os outros o estejam?

O proprio D. Francisco, sendo quem melhor podia ouvir a pergunta, respondeu:

— Por quem vós perguntais, snr.ª D. Brites! Esse homem está de tal sorte enfeitiçado por sua linda esposa que não vive senão para ella.

— Razão tem de queixar-se a snr.ª D. Brites, disse um dos cavalleiros, tambem eu vos estranho hoje por mui triste. Será presagio d'alguma desgraça? *Plega a Dios e su madre...*

— Não creio em agoiros e presagios, sñr. Gonçalo d'Ayola. Só Deus sabe o que tem de succeder. A sua bondade é infinita; e comtudo não poucas vezes lhe attribuimos os infortunios que sobre nós proprios chamamos por nossas irreflexões e desacertos.

Estas palavras foram pronunciadas com algum azedume, que D. Francisco tentou corrigir o mais que poude com a expressão affavel e doce do semblante. Quem, entretanto, observasse as duas damas notaria um quasi imperceptivel franzir de sobrancelhas, que significava a respeito de Gonçalo d'Ayola: «Importuno interlocutor!» D'esta vez, como d'outras, a natural repugnancia que sentiam para com o futuro membro da sua familia, venceu a convencional franqueza, com que o tratavam por ordem d'el-rei.

A tenção dos caçadores era buscar na coutada do duque de Bragança em Arrayollos a caça que lhes faltava nas terras mais proximas de Evora, por muito batidas e exploradas. Como, porém, lhes parecessem abundantes de aves e de lebres as margens do Divor, áquem d'aquella villa, determinaram não passar adeante em quanto não as despovoassem.

Os primeiros rebates da caça deu-os D. Francisco de Portugal.

Avistara uma garça num sitio em que as aguas do ribeiro corriam pouco profundas entre juncos e loendros. Pediu a um creado um sacre que immediatamente rendeu a ave no pego em que se levantou. Mas, como esta se erguesse antes que a outra a aferrasse, e sahisse contra a parte d'onde ia D. Francisco, rasteira e sem poder tomar vôo alto, por lhe faltar vento, começou o cavalleiro a perseguil-a, e com tal felicidade, que, seguindo traz ella com o cavallo, a alcançou e tomou ás mãos[1].

Festejaram todos a um tempo a singularidade do caso e a destreza do caçador, e, animados com a boa estreia, começaram a correr o campo em varias direcções com os galgos e com as aves de rapina.

Gonçalo d'Ayola seguia distrahido e machinalmente os caçadores. Preoccupado por alguma idéa fixa, não despregava os olhos da estrada, que parecia merecer-lhe mais attenção que todas as evoluções venatorias. Durou a sua impaciencia uma hora, até que na estrada, vindo da parte da cidade, appareceu um homem a cavallo. O castelhano deixou logo os caçadores, os quaes, entretidos com o prazer da caça, não deram pela sua ausencia, e correu pressuroso á estrada. O outro, apenas o viu, tirou humildemente o chapeu.

— Onde vem Pero Ortiz com as mulas? Perguntou Gonçalo d'Ayola.

— Não tarda aqui dez minutos. Respondeu o interrogado.

— Espera-o neste logar, e logo que chegue vão ter commigo sem tardança áquellas pedras. E apontou-lhe para uma anta derruida, que se avistava a alguma distancia por entre a calva que alli havia no arvoredo.

— Que excellente sitio! Disse elle comsigo mesmo, chegando e apeiando-se. Nem preparado de proposito! Esta pedra grande servirá de mesa e as outras de assentos. D. Francisco e D. Beatriz ficarão encantados com a surpreza! Uma refeição no campo, á sombra das arvores, junto da agua a correr... Hão de ficar-me agradecidos e contentes com a lembrança... Olá se hão de!...

Gonçalo d'Ayola esfregou as mãos de satisfeito, sentou-se numa pedra e continuou:

— Neste assento cabem duas pessoas. Não muito á vontade, é certo... Será para mim e para a minha futura esposa... A la fé, Señor Gonçalo d'Ayola, que van hacer á usted el hombre mas venturoso que hay bajo la luna!

---

[1] Conta um caso similhante succedido a D. Antonio, prior do Crato, Diogo Fernandes Ferreira em sua *Arte da Caça d'altaneria*.

E tão risonho, como ridiculo, afagava com prazer as nedias faces, cantarolando o principio d'um velho romance:

Por mayo, era por mayo
quãdo los grãdes calores
quãdo los enamorados
van servir a sus amores.

Entretanto chegaram os criados, que, obedecendo ás ordens do amo, descarregaram as mulas dos pesados canastrões. Abriram-n'os para tirar de dentro d'elles carnes frias, fructas e doces, de que cobriram a toalha, que extenderam sobre a pedra maior.

Esta e as outras pedras, já o dissemos, tinham sido antigamente um dolmen. A superior, que denominam *mesa*, e que de mesa servia agora, estava extendida no chão e cercada pelas restantes, derribadas e em grande parte mettidas na terra. Parecia, com effeito, haverem sido dispostas para o fim que o amphytrião trazia em vista. Algumas velhas azinheiras alargavam por cima d'ellas os ramos e folhagem. Outras muito mais numerosas formavam uma grande espessura, que se prolongava com a estrada tanto para a parte de Evora, como para a de Arrayollos. Brotavam d'uma fonte proxima, aberta ao natural na rocha, crystallinas aguas que mansamente corriam com doce murmurio affluindo ao Divor, onde se misturavam a pequena distancia da nascente. Da parte de leste, e parallelamente á estrada, cortava a planicie o ribeiro, cujas aguas ora se espraiavam á flor da terra, ora corriam confrangidas e profundas entre as ribanceiras orladas de chôpos. Era o terreno para álem do Divor liso e plano em grande extensão, menos da banda do norte, onde começam as primeiras elevações da serra, que só mais longe toma corpo e avulta no horizonte.

Nos valles, formados por aquellas primeiras arqueaduras do solo, ou nas encostas cobertas de oliveiras e de zambujeiros andavam as damas caçando com seus falcões e açores. Não tinham querido acompanhar a D. Francisco de Portugal e aos outros caçadores no exercicio incommodo e violento de correr na planicie atrás das lebres.

Seguiam, pois, a cavallo o caminho que colleava um outeiro, quando subito se alevantou em baixo, no valle, uma abetarda e fugiu para o lado da planicie com o vôo vagaroso que lhe deu o nome. D. Beatriz de Portugal tirou o caparão ao açor que levava em punho, e largou-o, peito a vento, contra a grande abetarda. Sereno e rapido, como a flecha, o açor cortou o ar e aferrou o corpo da ave duas vezes maior que o seu. A abetarda continuou

a voar transportando-o comsigo, em quanto elle se dependurava á terra e siava as azas para a fazer cahir com o peso. A gentil caçadora soltou uma exclamação de alegria, e desceu á pressa pelo atalho que vinha dar na planicie.

Parecia extremamente bella assim, entregue ao prazer da caça. Os olhos brilhavam-lhe com juvenil enthusiasmo. Corava-lhe um vivo rubor a branca e mimosa cutis. A embalsamada, fresca aragem da manhã agitava-lhe as plumas do chapéo, que mal continha as fartas madeixas de cabello. O vestido de chamelote vermelho descia muito abaixo do estribo, e o manto curto, preso sob o collar de finas rendas, fluctuava-lhe graciosamente com a rapidez do movimento. Ninguem sobre a terra e longe das espheras superiores melhor poderia inspirar ao poeta aquelles versos:

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o ceu e o ar vizinho
E tudo quanto a via namorava.

Quando D. Beatriz de Portugal acabou de descer o atalho, viu que a presa do açor continuava a arrastal-o para longe, debatendo-se com força por se livrar das garras que a seguravam. Attendendo unicamente na luta das aves e na carreira dos galgos que as seguiam a distancia, não apercebeu uma pequena manada que pastava da outra banda do outeiro, num valle parallelo áquelle d'onde se erguera a abetarda. Juncto com o gado manso andava um toiro corpulento, que a vista dos cavalleiros e os sons das trompas de caça haviam já posto nesse dia inquieto e espantadiço. Agora, vendo alli tão proxima a dama a cavallo, e irritado pela côr vermelha do vestido, arremeteu furioso contra ella. Viu-o correr D. Brites de Vilhena da altura em que vinha, e gritou — guar-te! — á companheira, que, ouvindo-a e voltando-se, conheceu o perigo em que estava.

Ao tempo que o toiro, já proximo, curvava a cabeça para levar com força as ponteagudas armas contra a dama e o cavallo, a primeira com animo superior ao perigo, puxou de repente as redeas á parte opposta para furtar o segundo ao temeroso choque. Este movimento não foi, porém, tão rapido que o toiro não ferisse de ponta uma anca do cavallo, com o golpe que destinara a rasgar-lhe o ventre. O cavallo pulou, como se nos musculos tivera molas de aço, e despediu em velocissima carreira pelo meio da extensa planicie.

No principio, a ligeireza, como lhe désse grande vantagem sobre o seu perseguidor, fazia cada vez maior o espaço que os

separava. Beatriz julgou-se salva. Passado, porém, algum tempo, entrou o cavallo a tardinhar, embora a dama fizesse por despertar-lhe os brios com a voz e com a varinha com que o fustigava. Presumiu, e não se enganou, que nalguma ferida grave estaria a causa por que elle assim enfraquecia. Abrira-lhe, em verdade, o toiro uma veia, d'onde sahia o sangue em tanto maior quantidade, quanto maiores eram as contracções musculares para accelerar a carreira. A filha do bispo de Evora começou a receiar que viessem a faltar-lhe as forças para se não deixar alcançar.

A direcção da corrida era perpendicular ao Divor, que se alongava na planicie, como um traço escuro e sinuoso quasi parallelo á estrada. D. Beatriz viu este obstaculo, que lhe poderia ser util ou prejudicial, e conheceu tambem a Gonçalo d'Ayola que corria com os creados para o sitio em que ella havia de atravessar o ribeiro.

O cavallo approximou-se da margem. Animado pelos gritos com que a dama o incitava, chegou á ribanceira. Ahi, bem como se chamasse com supremo esforço todo o alento restante, fincou as patas no bordo resistente do corrego, ergueu-se rapido e saltou. As ferraduras polidas reflectiram por um momento os raios brilhantes do sol.

Beatriz cobrou nova esperança.

Todavia, a fera, correndo sempre na planicie, chegou da mesma sorte ao ribeiro. O castelhano e os creados, que estavam da outra banda, entraram a espantal-a com gestos e algazarras a ver se a obrigavam a voltar atrás. O toiro desviou os olhos do fito em que os levava, e cravou-os torvos e enfurecidos em seus provocadores, dispondo-se a saltar contra o sitio em que os via.

Gonçalo d'Ayola teve medo. Não se importou mais de espantar a alimaria, porém de approximar-se de uma arvore para lhe servir de refugio em caso de necessidade. Os criados fizeram o mesmo. Cada um buscou seu asylo.

Isto não queria o amo; faça-se-lhe justiça. Pela sua parte, não ousava expor-se, mas entendia que os outros haviam de ter a caridade e a coragem que lhe faltavam. Puxou da bolsa, e, levantando-a numa das mãos, de modo que todos a vissem, em quanto segurava com a outra o ramo d'um sobreiro, gritou com voz tremula de susto:

— Para... para... para quem a salvar!

Os criados não se desencostaram das arvores a que se haviam conchegado. O toiro e o medo eram grandes, a bolsa pequena.

D. Beatriz de Portugal, quando transpoz o ribeiro, deixou-se ir á mercê do cavallo na direcção em que vinha correndo. Mas este enfraquecia e vacillava de tal sorte, que a dama conheceu

que não tardaria muito a cahir por terra, e a arrastal-a na queda. Por se livrar d'este novo perigo, apeiou-se d'um salto. O nobre animal, parecendo comprehender que já não era necessario, abateu-se extenuado e ficou sem movimento extendido no chão.

Ao tempo em que se apeiou, e só então, viu D. Beatriz a cobardia de Gonçalo d'Ayola e a feroz pertinacia do toiro que saltara o ribeiro. Convenceu-se de que estava de todo perdida. Quiz ainda fugir a pé, mas acabaram-se-lhe as forças e cahiu de joelhos. Assim se poz a orar fervorosamente esperando a morte.

O toiro corria sempre.

Estava a trinta passos da victima.

Subito, do arvoredo que se prolongava com a estrada sahiu um homem desconhecido. Correu de encontro á fera e oppoz-se-lhe intrepido e resoluto. Ella parou, como que assombrada de tamanha temeridade. Recuperando, porém, logo a furia horrivel, e pondo os olhos injectados de sangue naquelle que assim a affrontava e lhe servia de obstaculo, abaixou a cabeça para o atirar ao alto. Neste momento o desconhecido arremessou-se-lhe dextramente por entre os cornos e agarrou-lhe a cerviz com braços de ferro.

Os criados de Gonçalo d'Ayola soltaram gritos de espanto, e, instinctivamente, ou transportados com aquelle exemplo de grande valor, ou, emfim, por ter cessado a maior gravidade do perigo, correram ao toiro, que se esforçava com bramidos e com desordenados arrancos para lançar fóra de si o importuno hospede. Este amoldava-se com summa habilidade aos meneios do animal, e ora se sentia bater com os pés no chão, ora elevar-se a grande altura.

Os criados agarraram o toiro, pegando-lhe de cernelha e pela cauda. Gonçalo d'Ayola, quando o viu bem seguro, encheu-se de animo, puxou da espada e enterrou-lh'a no coração.

Entretanto haviam chegado ao logar da luta D. Francisco de Portugal e outros caçadores, os quaes, correndo a toda a brida, observaram o que succedera desde que D. Beatriz saltara o ribeiro.

O desconhecido ia a retirar-se para fugir aos agradecimentos de todos, quando Gonçalo d'Ayola o segurou e lhe offereceu a bolsa que extendera aos criados.

— Acceitae-a, disse elle, ninguem melhor a mereceu.

O salvador de Beatriz de Portugal olhou com supremo desprezo para o castelhano, repelliu-lhe a mão com a bolsa e disse-lhe apontando para o toiro:

— Se eu tivesse uma espada, como vós, matal-o-hia logo.

E desappareceu na espessura d'onde sahira.

V

Martim Lourenço

Sempre dos sabios foy sentença antigua
Que o ouro menos val ao cubiçoso
Que ao forte a liberdade...

F. R. Lobo — *O Condestabre de Portugal.* Cant. IV.

Martim Lourenço parecia em tudo singular. Fadado pela natureza com grande força e coragem, repugnava a inercia, como a procellaria o mar de bonança. Entre viver e combater não punha differença essencial. A lucta era o seu elemento. Recreiava-se em vencer difficuldades de toda a ordem; em resolver problemas reputados insoluveis; em subjugar as potencias da natureza; em arcar com a força moral ou physica de muitos homens; em offerecer ou acceitar batalha aos animaes ferozes. Amava os perigos com extremo, porém os perigos maiores, os de que ninguem deixasse de apostar com probabilidade apparente que lhe fariam perder a vida. Chamava a estes prazeres uteis ou agradaveis, conforme aproveitavam a outrem, ou não serviam senão de satisfazer-lhe a paixão dominante.

Os seus contemporaneos mal o comprehenderam. Aos nossos pareceria de todo incomprehensivel. Se vivesse hoje, não o resolveriam de modo nenhum a publicar por meio da imprensa a sua propria apotheose, a fazer-se eleger deputado, a receber um subsidio do thesouro para ir a uma exposição extrangeira, a acceitar, sequer, um habito de Christo. Os periodicos qualifical-o-iam de *excentrico,* os medicos mandar-lhe-iamos tomar banhos de chuva. No seculo XVI, á falta d'aquella palavra e d'este remedio, havia, como vimos, quem lhe chamasse sandeu e se propozesse cural-o radicalmente, enforcando-o. Cada epocha falla e procede a seu modo.

Todos os cuidados da educação foram insufficientes para corrigir a indole extravagante de Martim Lourenço. Seu pae, architecto habil, que trabalhou em tempo de D. Affonso V e de D. João II no mosteiro da Batalha, poz os maiores esforços em

lhe moderar as propensões desarrazoadas, que, sendo ainda creança, patenteara. Debalde. Martim Lourenço ouvia as reprehensões com respeitosa attenção, e chegava muitas vezes a denunciar as proprias faltas para receber o castigo. Recusava-se, porém, sempre com invencivel pertinacia a prometter a emenda, de que se tinha por incapaz.

Tornara-se forte e agil nos exercicios perigosos em que se entretinha contra a vontade paterna. Subia com egual destreza aos corucheus do templo e aos pinheiros dos montes: saltava das cornijas aos capiteis e dos outeiros aos valles; trepava pelos rendados da pedra e pelas escabrosidades dos rochedos; pendurava-se dos cogúlhos dos pinaculos e das fraguras dos alcantis. Familiarisou-o esta gymnastica roborante com as obras da natureza e da arte.

Até á edade de doze annos foi absolutamente impossivel ensinar-lhe a ler e a escrever. Imaginativo e propenso ao extasis, desagradava-lhe o longo e enfadonho trabalho, indispensavel para conhecer e traçar os signaes graphicos. A opulenta phantasia transfigurava-lhe os caracteres do alphabeto em arvores e animaes e monstros, de sorte que, primeiro que chegasse a entender o que significavam, lia nelles as chymeras em que o espirito desvairado e caprichoso lh'os metamorphoseava.

Um acontecimento extraordinario o obrigou, emfim, a apprender estes rudimentos.

Obedecendo a extravagantes impulsos, fugia dos aposentos do architecto pela calada da noite. Umas vezes, deitava a correr pelos descampados, embrenhava-se nas espessuras dos bosques, entranhava-se nas concavidades das cavernas, e, longe de se amedrontar com os saltos dos animaes montesinos, com os assovios das corujas, com os adejos dos morcegos, expulsava-os de suas residencias predilectas. Outras vezes, equilibrando-se como um arlequim, corria pelos espigões dos telhados do mosteiro, chegava aos eirados proximos da egreja, e descia por algum botareu ao claustro, cujo silencio e solidão lhe apraziam.

Certa noite viu luz num angulo da vasta quadra. Tremulos clarões illuminavam naquelle sitio a abobada artezoada, e projectavam nas paredes as sombras irrequietas das columnas e dos ornatos das ogivas. De espaço a espaço os echos das arcadas repetiam os sons estridentes e agudos que sahiam de ao pé da luz, produzidos como por um instrumento de ferro a bater na pedra. Depois seguia-se o ruido surdo e prolongado que faz o attrito ou roçadura entre aquelles dois corpos.

Um homem fugiria transido de susto; a creança avançou cheia de curiosidade.

Como se approximasse, viu um frade de joelhos, que, á luz da lanterna que tinha juncto de si, tentava arrancar com uma alavanca certa pedra embebida na parede, rez do chão. O frade, sentindo passos, voltou-se, e, avistando uma figura de seis palmos de altura, tomou-a pelo demonio, fugiu, e deixou o ferro e a lanterna.

Martim Lourenço foi logo examinar a obra que naquella noite lhe perturbara o socego do claustro. A lapida que o frade chegara a ponto de arrancar tinha um triangulo e signaes desconhecidos. A creança concluiu o trabalho do homem e aproveitou-lhe o fructo. Era um livro de pergaminho que estava depositado no vão por detrás da pedra. Observando-o á luz da lanterna, viu um manuscripto riquissimo no material, que do mais não entendia nada. Repoz a lapida no seu logar, voltou ao aposento com o livro e escondeu-o comsigo no leito.

Passou o restante da noite sem pregar olho. Inquietava-o a curiosidade, persegnia-o o desejo de examinar á luz do dia o seu mysterioso achado.

Logo que ao primeiro alvor se seguiu a claridade da aurora, saltou fóra do leito, pegou no livro, e foi sentar-se á janella da camara. Em frente, por cima dos cerros distantes, tingiam o céo extensos e variegados rubores. Algumas nuvens pequenas reflectiam já os raios directos do sol, e fluctuavam no horizonte, como frocos de oiro e neve em ondas roseas e purpurinas. Porém, aos bosques e prados, que não viam ainda o astro do dia, chegava apenas a luz diffusa, aquella claridade indecisa e vaga, que parece luctar com as ultimas sombras da noite, esvaecendo as côres e confundindo as fórmas dos objectos. As aves sahiam dos latibulos das espessuras, e começavam a animar com suas vozes e movimentos a superficie da terra. As corollas das flores desabrochavam nas plantas, acordadas do nocturno somno, e perfumavam a atmosphera de essencias e aromas. A natureza toda festejava o raiar do novo dia.

Martim Lourenço abriu outra vez o livro para o examinar por menor. Orlavam-lhe as paginas tarjas vermelhas com ramos e figuras bem desenhadas, que serviam de ornamentos a emblemas desconhecidos. Abriam os periodos letras grandes, rasgadas e majestosas de phantasiado lavor. Era um codice nitido e elegante, obra admiravel da habilidade e da paciencia humana. A creança fixava os caracteres attentamente, e affligia-se de os não saber decifrar. Mirava e remirava com avidez aquelles enigmas inintelligiveis, estudava e comparava a fórma das letras, examinava as abreviaturas, contava e corria as folhas do principio ao fim e do fim ao principio sem perceber uma só palavra. Tinha

por certo que o livro era um thesouro, embora não soubesse de que. Se o não fosse, ninguem se teria cançado a enchel-o de primores de calligraphia e de pintura, ninguem o occultaria na parede do claustro, ninguem o buscaria á meia noite naquelle mysterioso esconderijo.

Lembrou-se de o levar ao pae, e pedir-lhe que lh'o lesse. Receiando porém que o architecto se escusasse a satisfazer a esta supplica, ou que lhe impedisse as excursões nocturnas, pareceu-lhe melhor apprender a ler e acceitar as lições que até então desprezara. Habilitar-se-ia assim a saciar a curiosidade sem communicar a outrem o seu valioso achado.

Quando se levantou da janella o sol brilhava esplendido no puro azul do céo, inundava de luz os montes e os campos, e seccava com o vivificante calor as gottas do orvalho da noite.

Martim Lourenço apprendeu em poucos dias o alphabeto, em poucas semanas a decompor as palavras em syllabas, em poucos mezes a ler correntemente a letra usada naquella epocha.

Ao passo que se desenvolvia na leitura, trabalhava com afinco por interpretar as paginas mysteriosas do manuscripto. Sahia-lhe sempre baldado o empenho. Conhecia e denominava as letras, separava as syllabas, mas nem a analyse nem a synthese lhe davam palavras intelligiveis. Convenceu-se a final de que o livro era escripto numa lingua estranha, provavelmente na latina, que os auctores usavam mais que a materna. Não se lhe exgottou a paciencia com esta nova difficuldade, e pediu ao pae que lhe mandasse ensinar latim.

O architecto via com espanto a maravilha da transformação, e explicava-a pelo genio extravagante e caprichoso do filho. Sabendo porém que, sempre que um desejo forte o dominava, lhe poderia exigir todo o sacrificio, poz-lhe estas condições: apprender a escripta, o desenho e a architectura. O filho acceitou-as, e no espaço de dois annos estudou com um frade do convento o que era da sua competencia, e com o pae o que pertencia á arte.

Logo no principio, apenas se habituou á toada particular do latim, conheceu que não se enganara, suppondo o livro escripto nesta lingua. A certeza que adquiriu serviu-lhe de incentivo para proseguir no estudo enfadoso da grammatica, e para continuar os trabalhos que lhe haviam sido impostos. Depois, quando começou a traduzir, e pôde interpretar algumas linhas do manuscripto, achou que tinha por assumpto a architectura. E, percebendo que declarava segredos da arte, que o pae lhe não ensinara, ou porque não o suppunha ainda com edade para os saber, ou porque elle proprio os ignorava, mais se lhe aguçou a curiosidade, e nova diligencia poz em se aperfeiçoar na lingua latina.

O principal architecto da Batalha foi o auctor do livro encontrado por Martim Lourenço. Querendo deixar nesta obra a explanação ou commentario d'aquella, compendiou com muita clareza e concisão as regras superiores da arte, considerou-as applicadas ao grandioso edificio, expoz os principios que lhe serviram de norma na concepção sublime do todo e na combinação harmonica das partes; declarou, emfim, a significação das siglas, dos emblemas e até dos elementos architectonicos, porque, bem como nas paginas escriptas não poz uma palavra sem idéa, assim tambem no grande livro de pedra não deixou uma só peça a que não correspondesse algum pensamento.

Nós vemos hoje, admiramos, meditamos a Batalha, e não a comprehendemos. Obra monumental d'uma arte perdida, expressão gloriosa do sentir de outro tempo, epopea magnifica escripta nas letras de pedra d'uma linguagem olvidada, é já, como o dolmen, a pyramide, ou o obelisco, um enigma legado á posteridade pelas gerações que passaram. Subsiste, é certo, de pé e inteiro. Conserva-o, mais que a dureza do marmore, o christianismo, como aos outros edificios congeneres, dos quaes, sem a religião, não restariam senão ruinas, que o viajante ou o archeologo desenterrariam hoje na Europa, do mesmo modo que na Asia as reliquias das cidades que morreram com seus velhos cultos.

O architecto, prevendo o fim proximo do estylo a que se deu a postuma designação de *gothico* (porque o estylo acabou, não obstante ficar subsistindo a religião que representava), prevendo a geral decadencia da architectura, ainda antes de principiar a acção lenta e poderosa da imprensa, que havia de supplantal-a e substituil-a, quiz deixar aos posteros um documento, que lhes satisfizesse a curiosidade e lhes patenteasse o genio da arte, que exaggerados innovadores haviam de taxar de barbara. O seu livro lançaria viva luz nas obras dos architectos da edade media, provar-lhes-ia o valor e a importancia, e viria talvez a servir-lhes de egide que as salvasse da injusta e immerecida condemnação que soffreram dos apostolos do renascimento. A cubiça d'um frade antecipou a descoberta do livro, e fez com que a mais ninguem aproveitasse o trabalho litterario do artista senão a Martim Lourenço.

Este, porém, utilisou muitissimo. Apreciara antecedentemente as maravilhas do templo, como um ignorante de musica se deleita, escutando as melodias da *Norma* ou da *Sonnambula*. Depois, pelo estudo do livro, adquirira um novo sentido, que lhe dava a percepção do que ha occulto e mysterioso no edificio. As columnas, as ogivas, as arcadas, as pyramides que apontam ao céo,

os portaes povoados de figuras, as janellas bandeiradas de rendados, o espelho da fachada, kaleidoscopio de vidros multicôres, tudo lhe fallava ao coração e lhe arrebatava a phantasia como os versos expressivos d'um grande poema. Dedicou-se com ardor ao estudo do monumento e da arte que o produziu. Aos vinte annos sabia mais que a maior parte dos architectos consummados.

Nessa edade acompanhou á Africa seu pae, que D. João II encarregou de obras importantes nas fortificações de Tanger e de Arzilla.

A mudança de continente, de clima e de habitos desenvolveu-lhe ainda as faculdades da alma e as forças do corpo. Abriu-lhe, sobre tudo, o espirito ao sentimento da natureza, que só inspiram os grandes espectaculos naturaes. O horizonte da Canoeira, onde a contemplara, era, para tal fim, muito mais apertado que o do templo para o estudo da arte. Mas durante a viagem vira já a superficie indefinita do mar e a vastidão dos céos não interceptada pelas curvas caprichosas das serranias. Depois, nas plagas africanas a influencia reciproca da atmosphera, do oceano e da terra offereceu-lhe maior variedade de phenomenos, scenas inteiramente novas, quadros surprehendentes e imprevistos.

Do Oceano mais em particular recebeu emoções que nunca experimentara. Deleitava-se de dia na contemplação das côres variadas e cambiantes da superficie liquida, de noite a ver as ficções maravilhosas da ardentia e a escutar o rolo harmonioso e cadente das ondas, que se quebravam nas ribas escarpadas. No que, porém, muito se comprazia era em assistir aos espectaculos temerosos das tormentas. Parecia-lhe então o mar um lidador agigantado que luctava, como tantas vezes elle proprio, com forças contrarias e apparentemente superiores. Agradava-lhe ao ouvido a musica terrivel e sublime dos trovões que ribombavam nas procellosas nuvens, os grandes estridores das vagas a quererem imital-os, e os gritos roucos e plangentes das aves marinhas.

Apprendeu a natação para melhor affrontar os perigos do Oceano. Associado aos pescadores, dobrava com elles o cabo de Espartel, e acompanhava-os nos frageis bateis ao mar alto para tomar parte nas almadravas e outras pescarias. Passado pouco tempo, excedia os mais esforçados e os mais habeis em dirigir o leme, manejar os remos, ou arpoar os volumosos cetaceos.

Na terra habituou-se a soffrer as inclemencias do clima, o excessivo calor do sol, a escaldadura do sirocco, resequido pelos areaes ardentes, as chuvas copiosas que os ventos traziam ora do Atlantico, ora do Mediterraneo, conforme o rumo donde

sopravam. Nas serras do Xixuão, Farrobo e outras ramificações dos Montes Claros ou Atlantes, frequentando as aldeias dos moiros alliados dos portuguezes, apprendeu-lhes a lingua e os costumes, e adextrou-se em sua companhia na caça dos leões, dos tigres, das onças e das outras feras proprias d'aquellas regiões.

Tal era Martim Lourenço, dez annos antes dos successos referidos nos capitulos anteriores.

VIII

A peste

> Ouvem-se tristes choros femininos,
> Gemidos miseraveis de innocentes,
> Desconsoladas vozes afligidas
> Soam.....
>
> CORTE REAL — *Naufragio de Sepulveda*, CANT. XIV.

A tarde terminava soturna e triste. Os clarões sinistros dos relampagos diluiam de espaço a espaço a côr terrena e feia das nuvens que toldavam o ceu. O vento de sudoeste, morno e rapido, revolvia-se em redemoinho nas praças e zunia susurrante nos passos estreitos das ruas e nos angulos salientes dos edificios. O trovão ribombava ao longe, surdo e prolongado, e os milhafres, esvoaçando em volta das torres, soltavam gritos agudos e estridentes. O cariz da atmosphera e esses ruidos varios, porém todos pavorosos, augmentavam a tristeza e o susto que tinham causado na cidade os primeiros rebates de peste.

A rua da Sellaria, sobre tudo, por muito vizinha do logar em que a epidemia apparecera, estava medonha e lugubre. As portas e janellas fechadas em muitas casas denotavam a fuga recente dos moradores. Das que não haviam sido ainda abandonadas sahiam choros e prantos. O velho e a creança, que procedem conformes nas alegrias e nas tristezas maiores, perguntavam lacrimosos

onde se abrigariam. As mães oravam apertando os filhinhos aos peitos. A esposa abraçava-se ao marido, como para mostrar ao ceu a crueldade da separação.

Fumegavam ainda as cinzas do grande incendio de peste que nos dois annos antecedentes se ateara em Evora. Fòra horrivel a mortandade dentro e até para além dos muros, nos campos, aonde fugiram muitos dos moradores. De fresco estava a memoria de scenas tão calamitosas, para que não houvesse um geral e justificado receio de que se repetissem ao cabo de alguns mezes de curta interrupção. A grandeza do mal fazia grande o temor.

Em casos de perigo commum o povo acceita com facilidade qualquer alvitre que pareça remedio, embora seja realmente coisa desarrazoada e muitas vezes um novo mal accrescentado áquelle que se pretende remediar.

Assim aconteceu em Evora no mez de setembro de 1507.

Nesse tempo, como hoje, quasi todas as portas debaixo da arcada da praça eram de lojas de mercadores. Não longe do sitio, onde estava o pelourinho, havia duas contiguas, uma de pannos de linho e algodão, outra de pannos de côr. Os dois mercadores vizinhos, Miguel Saminho e João Barbuda, a quem pertenciam, eram e tinham sido sempre amigos sinceros, o que a diversidade de suas mercadorias fazia possivel.

Tristes e afflictos, em frente das lojas silenciosas e desertas, se queixavam da dureza da sorte que os perseguia, enviando-lhes pela terceira vez a peste, inimigo terrivel que, além de ameaçar-lhes a existencia, lhes dava golpes mortaes no commercio de que viviam.

Estavam tambem juncto d'elles, e com elles se lamentavam, o conego Bastião Lameira e Christovam Rodrigues Acenheiro.

—Valha-nos Nossa Senhora do Anjo! Exclamava o Miguel Saminho.

—E o Senhor São Braz do Rocio! Dizia o conego Bastião Lameira.

—E São Manços, o bem-aventurado patrono da cidade! Dizia João Barbuda.

—E discipulo do apostolo São Thiago, e primeiro bispo d'esta Sé! Concluiu o Acenheiro, manifestando já a esse tempo quanto se avantajaria mais tarde naquella especie de erudição, que havia de transformar a historia portugueza em devoto e vistoso estendal de lendas e maravilhas.

—Que ha de ser de nós! Tornou o Barbuda. Hi temos outra vez a pestenença! É o terceiro anno que vem sobre a cidade; e agora será total a nossa ruina.

—Arruinado já eu estou! Disse Miguel Saminho.-Ha dois annos

que morreram da peste alguns dos meus devedores, outros no anno passado, e os poucos que restam não escaparão por certo d'este anno. Vão-se-me todos com as dividas para os quintos infernos, e deixam-me nas garras dos onzeneiros, que não aferram menos que as do demonio que os atormente!

— Que fazeis, sñr. Miguel Saminho! Advertiu o conego Bastião Lameira. Assim provocais com vossas palavras a colera divina, quando só devereis implorar misericordia?

— Resignemo-nos, disse João Barbuda; deixemos os mortos em paz e oremos pelos vivos.

— Tendes razão, replicou Miguel Saminho.

Deveria supplicar em vez de praguejar. Mas vossa mercê sñr. conego não está, como eu, em risco de morrer de fome, se escapar da peste. E vós, amigo Barbuda, ainda um d'estes dias recebestes pannos de Castella e d'Aragão. A minha desgraça chegou a ponto de não poder pagar ao almocreve do Pedrogão as têas de linho que me trazia e que já me não quiz deixar fiadas.

— Não me invejeis a sorte, que não é muito melhor que a vossa. Disse João Barbuda. Ora olhae para os meus almarios! Onde antes brilhavam os ricos pannos do Levante, os damascos e veludos, não vedes hoje senão londres e solias. Como hei de comprar outros de mor preço? Acabaremos a pedir esmola, amigo Saminho.

— E eu em vossa companhia! Disse o Acenheiro. As audiencias fechar-se-ão outra vez neste anno. Sem o trabalho de que vivo, morrerei de fome.

— Não desespereis, gente de pouca fé! Exclamou Bastião Lameira. Não faltou o manná aos hebreus. Jonas esteve tres dias no ventre da baleia e não morreu. O corvo sustentou a S. João no deserto. Tudo isto me anima...

— E os grossos redditos da vossa prebenda. Acudiu João Barbuda. Se, em vez de confiar nos milagres do ceu no tempo em que não lhe merecemos senão castigos, descobrisseis modo de obstar ao mal... de salvar a cidade do flagello...

— Que nós o não achemos, disse Miguel Saminho, coisa é que se não estranha. Mas vós, sñr. conego, vós, sñr. bachiler, que andastes ambos nos estudos e que sabeis tanta coisa, não terdes outro meio de nos tirar do nosso desespero, senão a lembrança de milagres que já hoje se não repetem...

— Por mim responderei, disse o Acenheiro, que tivesse eu a governança da cidade, que a peste não sahiria da travessa de Burgos, onde está.

— Como!? Exclamaram o conego e os mercadores, maravilhados da profunda convicção com que fallara o procurador.

— O remedio é simples, proseguiu este. Em se tapando a travessa...

— Á la fé! Que fallais como quem sabe de açôr. Exclamou João Barbuda. Em se tapando a travessa, a peste não se communicará á cidade.

— E não me ter ainda occorrido essa idêa! Disse o conego.

— Nem a mim! Disse o Saminho.

— Nem a ninguem! Bradou vaidoso o Acenheiro. O achado é meu e só meu, porque sei mais do que todos. Tenho estudado muito e posso gloriar-me de conhecer as causas das coisas. *Rerum cognoscere causas!*

— Mas se o remedio é tão facil, porque se não ha de applicar já e sem tardança! Perguntou João Barbuda, e continuando: O tempo é precioso.... Vamos pedir ao governador da cidade...

— Que pensais vós, homem simples e credulo! Advertiu o bacharel com a superioridade que tão frisantemente acabara de provar. O governador ouvirá el-rei. Sua alteza ouvirá o conselho e os physicos. Estes ouvirão os astros, que só tarde, passados talvez dias ou semanas, responderão com alguma conjuncção favoravel. Entretanto, a peste extender-se-á pela cidade...

— A descoberta do sñr. bachiler honra-o como ao maior sabio do mundo. Disse o conego por lisongear ao Acenheiro cuja popularidade, já grande, augmentaria de certo com este maravilhoso invento. Não percais o tempo em vãos discursos. Prescindi de todas as formalidades. *In extremis extrema.* Vêdes a praça cheia de povo tomado de susto e desesperação. Bastará fallar-lhes para os resolver a emprehender a obra e a concluil-a em poucos minutos.

— Pardeus! Tivestes uma idêa de que eu proprio me ufanaria! Exclamou o Acenheiro, correspondendo ao comprimento do conego. Fallae a essa gente, que vos fio que logo vos seguirão. Entretanto irei cá por outra parte, donde espero mandar-vos bons auxiliares.

— E eu acompanhar-vos-ei, disse o conego.

Christovão Rodrigues Acenheiro e Bastião Lameira retiraram-se prudentemente para esperar em casa o resultado da empresa. João Barbuda observou com certa desconfiança:

— Mas porque não fallam elles?

— Fallarei eu, disse mais confiado Miguel Saminho, que via já sobre si as garras dos onzeneiros, e após a miseria e a fome. E dirigiu-se aos grupos que estacionavam pela praça, entre os quaes ajunctou sem difficuldade mais de trinta pessoas que o seguiram. Dois carpinteiros, que moravam perto, prestaram as

madeiras e os instrumentos necessarios para a obra, e todos se encaminharam ao largo de São Thiago e á rua da Sellaria a fim de tapar de uma e outra parte a travessa empestada.

Alguns iam cantando com voz lugubre:

Sobre nós está da peste
O perigo.
Senhor, porque nos deste
Tal castigo!

Attendei camanha dor,
Virgem madre!
Misericordia, Senhor!
Nosso padre!

Dobram sinos a finados
Tlão, tlem, tlão!
Morrem nobres empestados
Tlem, tlem, tlão!

Inda morrem mais dos pobres
Tlim, tlem, tlim!
Não se calam tantos dobres
Tlem, tlem, tlim!

Nas egrejas enrouquecem
Os vigairos
De cantar aos que fenecem
Os trintairos.

Pera os mortos derradeiros
Vallas novas;
Que já cançam os coveiros
D'abrir covas.

Ao passo que repetiam estes e outros cantares que se tinham vulgarisado nos annos precedentes, levantavam os tapigos de madeira nas boccas da travessa. Era horrivel de ver e ouvir esta obra insana. Trabalhavam todos torvos, carrancudos, ameaçadores. Ao canto funebre, ás martelladas estrondosas, ao ranger e estalar da madeira respondiam das casas inficcionadas ais e gemidos. Quando estes recresciam, redobravam de actividade os brutos executores d'aquella barbara medicina.

Uma mulher sahiu de casa do alfageme. Vinha tão consternada, que não deu pelo que fazia a turba senão a poucos passos de distancia. Era Martha Gil.

—Anda atraz! Anda atraz! Empestada! Gritou um. Por aqui não sahe viv'alma!

—Porque? perguntou Martha estupefacta.

—Boa pergunta! Porque está hi a pestenença, e importa que não avance pela cidade.

—Que fazeis? exclamou Martha Gil, a quem a grandeza do perigo deu forças para não succumbir ante a nova calamidade que se lhe deparava. Quereis que os empestados e os que não o estão morram para ahi, como uns cães, sem o auxilio que de Deus e dos homens devem esperar? Isto não ha de ser. Deixae-me ir chamar um clerigo e um physico.

—Physicos não curam pestes.

Silurjões e boticairos
Nada som;
Só vale a nossos fadairos
K'rileisom.

Aqui não entra nem sahe nada. Já o disse. E tu, que talvez já venhas empestada, retira-te, se não queres que te parta a cabeça com este machado. Morto o sapo, morre a peçonha.

—Não sabeis de certo, insistiu Martha Gil, que defendia palmo a palmo o terreno, por ver que, terminada aquella obra, toda a esperança seria perdida, não sabeis que a fermosa Paula, a filha do vosso amigo alfageme é uma das empestadas? Que dirá elle e que vos fará quando voltar de Lisboa, constando-lhe a vossa crueldade! Pelo amor de Deus, deixae-me passar.

—Vasco Moniz e a filha valem muito, mas a cidade, mas todos nós valemos mais. Tenham paciencia.

—Ora vedes que eu, uma fraca mulher, não hei medo da peste, e vós que sois homens e valentes receiais. Por Deus! que isto não parece de portuguezes, assim como não é de christãos fazerdes o que fazeis.

Um dos trabalhadores ia a arremessar contra Martha um projectil a vêr se este argumento a convencia melhor que as palavras do campanheiro, quando chegaram ao pé do grupo os filhos do bispo de Evora.

Todos se descobriram em signal de respeito, e Miguel Saminho disse a D. Francisco:

—A que vos expondes, senhor! Ignorais, por acaso que anda a peste nesta rua?

—Não: disse D. Francisco. É porisso mesmo que nós viemos. E agora vejo eu quão bem obrámos em vir, porque, segundo parece querieis trancar a travessa e deixar ao desamparo os pobres empestados. Deus Nosso Senhor tal não permittirá. Pois se nos manda primeiro de tudo que o amemos e logo depois ao proximo como a nós mesmos, desobedecer-lhe-emos a ponto de

dar tão angustiada morte a gente christã, tractando-a que nem as alimarias que se lançam ao almargem!

— Mas sñr. D. Francisco, replicou o outro, por bem da cidade o fazemos. Soffram embora meia duzia de pessoas e salve-se o resto.

— Attendei que as sacrificais inutilmente. Podeis por ventura impedir o ar de sahir d'esta rua e de levar a peste a outras partes? Desenganae-vos. Ha de ser o que Deus quizer, e não o que nós queremos.

— Porém, as nossas vidas... as de nossas mulheres e filhos...

— Lembrais-vos de vós e dos vossos, e esqueceis-vos dos que estão soffrendo! Que direito haveis de vos conservardes a preço das vidas e das almas que fareis perder sem os soccorros de que necessitam e que lhes impedis com a vossa obra de contestavel efficacia? Não vos digo que entreis na travessa, e cumprais para com vossos irmãos os preceitos que Deus vos impõe. Fugi para o campo se tendes medo, mas ao menos deixae o caminho desembaraçado para os que não o têm, para os que a virtude da caridade conduz em auxilio dos infelizes.

O povo tem bom coração e vai de ordinario para o bem quando acha pessoas auctorisadas que o guiem com a voz e com o exemplo. Aquelles homens, que havia pouco pareciam inabalaveis em seu proposito, atiraram ao chão as ferramentas de que se serviam.

— Perdoae-nos sñr. D. Francisco de Portugal, dizia um, não sabiamos o que faziamos.

— Pois isto podia lá ser: dizia outro. Exporem-se um gentilhomem e nobres damas por causa de nossos irmãos, e nós fugirmos! Que vergonha! Como dissestes, ha de ser o que Deus quizer. Bem claramente se viu a sua vontade o anno passado no caso das freiras de Santa Monica. Fugiram do convento; algumas arrependeram-se e voltaram a elle. Estas vivem hoje com saude: as outras que temeram de as seguir finaram-se de peste.

— Acompanhar-vos-emôs ás casas dos enfermos e os levaremos, se quizerdes, para o hospital, disse o que mais se levantara contra Martha Gil.

Esta, por extremo commovida, sem poder dizer uma só palavra, abraçava os joelhos dos filhos do bispo D. Affonso, que se esforçavam por erguel-a do chão.

Num recanto mais escuso, d'onde via e ouvia, sem ser visto, estava um homem extatico. Era Martim Lourenço, que não se fartava de admirar aquelles entes superiores.

VI

RUINAS DE CISTÉR

Ceiça, Cellas, Lorvão

I

Quem fôr a Ceiça, no dia 15 de agosto, não encontrará de certo n'aquelle valle, afamado nas memorias de Cistér, a uncção de santidade, o odôr mysterioso, a apparencia devota e mystica dos logares celebrados por apparições e effeitos sobrenaturaes. A festa e romaria de Nossa Senhora e arraial e feira attrahem ás solidões de Ceiça as gentes circumvizinhas. O valle enche-se de povo irrequieto e ruidoso, cujas danças e folias em redor da miraculosa ermida perturbam o silencio habitual das brenhas e matagaes.

Ainda conservo nos ouvidos a toada monotona de uma cantilena ingrata, entrecortada por fortes palmadas, batidas a compasso. Porém tanto as vozes como as palmas soavam do mesmo modo, mecanicamente, como se sahissem de puros automatos. Os espiritos dos cantores parecia terem-se ausentado dos corpos, deixando-lhes apenas um movimento similhante ao que se communica pelo impulso da corda ás peças dos relogios.

Decididamente não pensavam já n'aquella famosa historia do abbade João, que fr. Bernardo de Brito, fr. Leão de S. Thomaz e outros chronistas monasticos contaram com tão sentidas palavras. E todavia foi exactamente no valle de Ceiça que o bom do abbade com os seus homens de armas, depois de haverem derrotado a infiel mourisma, receberam a noticia gratissima da resurreição dos parentes que haviam degollado em Montemór para os subtrahir á sanha dos inimigos. E lá estão ainda hoje na ermida uns grandes quadros de côres vivas e animadas que representam as scenas principaes da lenda, desde o cerco do castello de Montemór, em que fluctua anachronicamente a bandeira das quinas, até ao regresso dos vencedores e o encontro d'estes com os resuscitados, cada um dos quaes conservava, por memoria do prodigio, um traço vermelho no logar em que a espada lhe separara a cabeça do corpo.

Na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra guarda-se uma inscripção commemorativa d'este facto. Segundo refere Antonio Corrêa da Fonseca e Andrade na sua *Historia Manlianense*, inedita, mandou levantar esse padrão em 1713 o juiz de fóra de Montemór, o dr. Gaspar Pimenta de Avellar, no terreiro proximo á egreja de S. João do Castello da mesma villa, onde é tradição que se fizera a degollação, e se operara depois o milagre da resurreição. O auctor do *Sanctuario Mariano*, diz que fôra num penhasco proximo áquella egreja, e com esta lembrança conservado dentro de umas muralhas sob o nome de *Curral Santo*.

A inscripção é do teor seguinte:

AD PERPET*vam rei memoriam: se mandov pe*
LO NOBRE SE*nado desta villa eregir este*
PADRÃ PERA Q̃ *não só a boca dos homens m*
AS TAMBẼ AS MESMAS *pedras digão a todo o mv*
NDO O ADMIRAVEL SVSESO Q̃ *neste lugar acontece*
O PELOS ANNOS DE XP̃O DE 850 EM CVJO TEMPO ES
TAVA O CASTELLO DESTA EMCAREGADO AO ABBADE D
IOÃO PARENTE DE ELREI RAMIRO Q̃ ENTÃO REINAVA
QVANDO OS MOIROS SENHORIAVÃ A MAIOR PARTE DE
ESPANHA E SOMENTE SE CONSERVAVÃO ALGVMAS
RELIQVIAS DO REINO CATHOLICO NAS MONTAN
HAS DE ASTVRIAS BISCAYA E POVCA PARTE DE
PORTVGAL E GALIZA: ACONTECEO ESTVPEN
DA MARAVILHA Q̃ REINANDO EM CORDOVA ABDE

RRAME 2.º DO NOME MANDOV CONTRA AS TERAS D
OS CRISTÃOS HÃ PODOROZISIMO EXERCITO CON
TRA ESTE CASTELO, CÕ ANIMO BARBARO DE NÃO LE
VÃTARÃ O CITIO SÃ A FORTALEZA SE ENTREGAR, E
A NÃO SER A MIZERICORDIA DE DEOS SERIA FA
CIL DE CONSEGVIR, VENDO O ABBADE Q̃ ESTAVA C
ERCADO DE TÃO PODEROZO EXERCITO DESCON
FIANDO DA VICTORIA SE REZOLVEO COM OS
SEVS EM DEGOLAREM MVLHERES E FILHOS POR NÃ

LHE FICARÃ EM PODER DOS MOVROS EXERCITADA A
DEGOLAÇÃO NÃO SEM LAGRIMAS SAHIRÃ OS SE
RCADOS AOS INIMIGOS OBRANDO TANTAS PROEZ
AS EM Q̃ O *braço* DE *deos* LOVVA*do assis*TIA *que* PVZE
RAN A*os ini*MIGOS *em vil* FVGIDA D*eix*ÃDO
OS CAMPOS *do Mondego* CVBERTOS DE CORPOS M
ORTOS Q̃ SE A*firma* PASARÃ DE LXX *mil* E SEGVINDO
AOS IMIGOS *athe ás matas* DE CEIÇA AHI MANDOV
CESAR O *abbade João os* SEVS *e* SOLENIZAN
DO O GOSTO DA VICTORIA DANDO GRAÇAS A DS̃
PELOS BENEFICIOS RECEBIDOS TAMBÃ COMESARÃ
a chorar a MORTE DOS Q̃ DEIXARÃO DEGOLADOS EM
CVJO TEMPO CHEGOV A NOTICIA DE Q̃ OS DEGOLADOS
AVIÃO RESVCITADOS *e* VOLTANDO CE TODOS PARA
ESTE CASTELO SÓ O ABBADE QVIS NAQVELAS MATAS
FICAR AONDE COM ADMIR*avel* EXÃPLO COROOV A
VIDA COM HVÃ SANTA *morte*. PASMEM AGORA
OS HOMENS ADMIREMCE OS VIVENTES DE TÃO RELE
VANTE PRODIGIO *para* Q̃ NA DEVOÇÃO CATHOLICA
ESPECIALM*ente nos* MORADORES DESTA NOBRE V
ILA *se nã* DEIXE NVNCA ESQVECER ESTE MIL
AGROSO PRODIGIO. ANNO DE M D C C X 12

AD INGENIOSOS VIROS

. A. V. S. E. P. E. M. Q. S. O. N. C. [1]

---

[1] As letras e palavras que faltam na lapide vão em cursivo, copiadas da

Assevera mais o citado auctor da *Historia Manlianense* que tambem concorreram para o levantamento d'este padrão os capitães Manuel de Mendanha e Agostinho Conceiro Portugal e o alferes André Pessoa d'Almeida, o que muito abona o espirito devoto da milicia portugueza e a ingenuidade dos montemorenses no principio do seculo passado [1].

A ermida de Nossa Senhora, em pequena distancia do mosteiro de Ceiça, foi reconstruida nos ultimos annos do seculo XVI, ou nos primeiros do seculo XVII. Tem sobre a porta a data de 1602. Internamente estão as paredes exornadas com as grandes telas que representam a lenda do abbade João. A versão latina d'esta lenda foi gravada numa pedra, que se conserva embutida na parede por baixo de um dos quadros.

No altar vê-se uma estatua da Virgem, muito tosca, e que parece ter grande antiguidade. O concurso de povo não me deixou examinal-a á vontade. Conta fr. Bernardo de Brito, que o abbade João, mandára fazer a devota imagem com o menino Jesus nos braços, e ambos com golpes no pescoço, para assim commemorar a milagrosa resurreição dos christãos degollados em Montemór.

Desta imagem conta mais o mesmo Brito que, fiel á tradição, resuscitára um creado d'el-rei D. Affonso Henriques, e que, pretendendo um abbade de Ceiça passal-a para a egreja, por lhe parecer que estava mal venerada na ermida, ella voltava de noute para o seu oratorio. E, teimando o abbade a ponto de derribar a ermida, voltava a Senhora ao mesmo sitio para o tronco de um carrasco grande. O pobre do abbade, por bem fazer, foi punido, diz o chronista, com febres e dôres grandis-

---

citada *Historia Manlianense* pelo sr. J. C. Ayres de Campos. Vej. o *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra*, pag. 34 e 35.

[1] A lenda do abbade João é anterior ao tempo em que escreveu fr. Bernardo de Brito. Ha um folheto rarissimo intitulado *Historia de el abade dõ Juan*, impresso em 1562 por Francisco Fernandes de Cordova. No frontispicio tem uma gravura tosca representando S. Thiago, o typo é gothico, o formato de 4.º, 16 folhas sem numeração. Esta edição, não mencionada por Salvá, é tão rara que sómente se conhece um exemplar pertencente ao sr. Annibal Pipa Fernandes Thomaz. Vej. *Cartas Bibliographicas*, pag. 46.

«A pomposa commemoração do *relevante prodigio*, diz o sr. Ayres de Campos no Catalogo citado, pag. 62, celebrou-se no dia 10 de agosto de quasi todos os annos até ao de 1863. Como festa obrigada da camara, sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria, padroeira da Villa, a declarou a provisão do Desembargo do Paço de 20 de dezembro de 1746, publicada no *Conimbricense* de 20 de agosto de 1861, n.º 790, e no *Portugal antigo e moderno* do sr. A. S. d'A. Barbosa Pinho Leal, verb. *Montemor o velho*.»

simas que não o deixaram emquanto não levantou a ermida maior e melhor que d'antes era, e não restituiu a imagem ao seu altar.

E para que ninguem duvide de tantos impossiveis lá vem na *Chronica de Cistêr* os documentos que os attestam, e com algumas variantes, apezar de sahidos da mesma forja, no tomo segundo da *Monarchia Lusitana*.

O mosteiro de Ceiça, fundado, segundo affirma fr. Bernardo de Brito, por el-rei D. Affonso Henriques, não conserva um só vestigio da sua construcção primitiva. Não vi nada que podesse reputar anterior aos seculos XVI ou XVII. Foi reedificada por esse tempo a egreja, cuja frontaria faz lembrar a da egreja de Alcobaça. Está de tal sorte despojada de todos os objectos de valor, que nem n'aquelle dia de festa se patenteava ao publico. Não me foi possivel obter a chave para a ver interiormente.

As outras partes do edificio estão a cahir em ruina. Ouvi contar que logo depois de 1834 chegaram a desmanchar alguns telhados para venderem a telha.

Numa casa do claustro conserva-se, apeiado do logar em que estivera na capella do Espirito Santo, um retabulo de pedra de Ançã de muito boa esculptura. Num templo de estylo romano está a Virgem sentada entre os apostolos, na parte superior a figura do Padre Eterno com a sua veneranda barba branca. O retabulo tem de altura $3^{m},30$ e de largo $2^{m},20$. A base é apainelada. Sobre ella, de cada lado, erguem-se duas pilastras corinthias. Entre estas pilastras estão as estatuas de S. Bernardo e de Sancto Antonio quasi de tamanho natural.

Todo o retabulo, bem pintado e dourado, tanto pelo estylo da esculptura, como pela pintura e douradura, assemelha-se, por extremo, ao da capella-mór da egreja de S. Marcos, distante de Coimbra duas leguas, attribuido, sem fundamento, segundo me parece, ao italiano André Contucci. Distinguem-se estes dois baixos-relevos dos outros contemporaneos pela elegancia e boas proporções das figuras.

Nelles se revela claramente a mão de um mestre educado nalguma das melhores escholas de Italia. Pelo estylo parece me poder attribuil-os á primeira metade do seculo XVI. Na capella-mór da egreja de S. Marcos, do lado do evangelho, estão dois tumulos do estylo manuelino, e num d'elles vê-se a data de 152... A esculptura do retabulo da capella-mór é differentissima. Será contemporanea ou posterior?

Desconjunctadas como estão, as peças do retabulo de Ceiça não tardarão a perder-se, se o governo ou a Academia de Bellas Artes não acudirem de prompto a prevenir tamanha perda.

II

Na distancia de um kilometro ou pouco mais ao nordeste da cidade de Coimbra no fresco e ameno valle de Vuimarães, jaz o velho mosteiro de Cellas de religiosas da ordem de S. Bernardo.

Vuimarães phantasiou fr. Bernardo de Brito se derivaria do nome de um irmão d'el-rei Froila ou Fruela, o infante Vuimaran, o qual diziam ter desbaratado um alcaide de Coimbra no valle onde mais tarde se edificou o mosteiro [1].

Mas fr. Antonio Brandão na mesma *Monarchia Lusitana* allega uma escriptura de 1242, que se guardava no archivo de Cellas, na qual se lia: *In eodem loco qui dicitur Vimaranes, vel Vallis medianus,* parecendo assim que a palavra *Vuimarães* não seria mais que uma corrupção de *Vallis medianus* [2]. Ainda hoje se chama tambem Val-meão o valle logo abaixo do convento.

No testamento de Mummadona e noutros documentos antigos, em vez de *Guimarães* lê-se *Vimaranes* [3]. Noutros documentos de 1310 e 1351 do archivo municipal de Coimbra lê-se *Celas de Guimarães dapar da cidade de Coimbra* [4]. É portanto provavel que Guimarães e Vuimarães se derivassem por corrupção de uma mesma palavra.

O mosteiro de religiosas de Sanct'Anna tinha tambem o mesmo nome de *Cellas,* e differençavam-se um do outro por meio dos locativos correspondentes—Cellas *de Vuimarães* e Cellas *da Ponte* [5].

A transição do nome de Cellas, logares onde se encerravam as emparedadas, reclusas ou encelladas, naturalmente se faria para os mosteiros, onde passariam a viver em communidade [6].

---

[1] *Mon. Lusit.*, part. 2, liv. 7, fol. 291.

[2] *Mon. Lusit.*, part. 4, liv. 14, cap. 9.

[3] *Portugaliae Monum. Hist., Diplomata et Chartae.*

[4] J. C. Ayres de Campos, *Indice chronol. dos pergam. e foraes, Indices e Summarios dos liv. e docum. do archiv. municip. de Coimbra.*

[5] Estas designações encontram-se em documentos do archivo municipal de Coimbra e noutros, como são os testamentos d'el-rei D. Affonso III e da rainha D. Izabel. *Indices* citados. *Mon. Lusit.*, part. 4.

[6] Quando a reclusa entrava para a cella, tapava-se a porta de pedra e cal, ficando uma pequena fresta para a introducção do alimento. A porta não se tornava a destapar até á morte da emparedada, tirando-se então o cadaver para lhe dar sepultura. Viterbo, *Elucidario,* verb. *Emparedada.*

Fr. Luiz de Souza refere um d'estes casos em que as emparedadas de Santarem deixaram as cellas em que viviam, cada uma de per si, para se ajunctarem em communidade, formando o mosteiro de S. Domingos das Donas [1].

Chamar-se de *Cellas* o mosteiro de Vuimarães procederia, segundo uns, de ter sido fundado pela infanta D. Sancha, filha d'el-rei D. Sancho I, com encelladas que trouxera de Alemquer; e, segundo outros, de que, depois de fundado o convento, e talvez depois da morte da infanta, viriam algumas das encelladas d'aquella villa augmentar o numero das religiosas. Nem é impossivel que no sitio do convento ou noutra parte, em Coimbra, houvesse emparedadas, que, á imitação das de Santarem, se reunissem em communidade. Em apoio da segunda hypothese, fr. Antonio Brandão cita a seguinte inscripção, que estava numa parede entre a portaria e o claustro do mosteiro [2]:

Hic bis quinque manent, quæ cætibus associatæ
Angelicis, cultu promuere pari.
Hùc ab Alenquerio, quo vitam sponte reclusæ
Arctam gesserunt, hirtis et pellibus vsae
Hùc inquam Regina Tarasia Regis amore
Ætherei vexit, contentas laudis honore.
Era M. CC. LXXII.

«Sua significação, diz o continuador da *Monarchia Lusitana*, é que naquelle logar descançavam dez religiosas, as quaes com egual tracto e sancta observancia merecem ter logar entre os choros angelicos das virgens que alli moravam, e que de Alemquer, onde faziam d'antes vida estreita com a reclusão voluntaria, cilicios e mais asperezas de que usavam, as mudara para o mosteiro de Cellas a rainha D. Tareja, entendendo que o que mais desejavam era permanecer em continuos louvores do ceu. Isto succedeu na era de mil duzentos e setenta e dois, que é anno de Christo mil duzentos e trinta e quatro.»

Não se sabe ao certo o anno da fundação; acha-se porém já mencionado o mosteiro de Cellas numa doação de 1219 e na

---

[1] *Hist. de S. Domingos*, part. 1, liv. 5, cap. 20. A existencia das emparedadas em Coimbra na edade media prova-se com documentos contemporaneos. O testamento de D. Bona de 1266 contem as seguintes mandas: *Reclusis Sancti Christofori tres libras. Omnibus reclusis de Colimbria singulas libras. Guia Hist. do Viaj. em Coimbra*, pag. 130.

Mon. Lusit., part. 4, liv. 14, cap. 9.

escriptura de composição feita em 1223 entre el-rei D. Sancho II e suas tias D. Tareja, D. Sancha e D. Branca [1].

Algumas partes do convento são já ruinas. Umas paredes cahiram, outras, de certo, não tardarão a desmoronar-se. O vento e a chuva entram pelo mais antigo dos dormitorios. Das paredes escuras e salitrosas despegam-se pedaços de reboco; dos tectos defumados desprendem-se velhas taboas de castanho, por cima do negro sobrado de carvalho, que oscilla e parece abater-se sob os pés que o pisam.

Da communidade restam apenas duas religiosas, uma louca, outra nonagenaria e, ha alguns annos, entrevada. A habitação e as habitantes identificam-se na mesma commum ruina.

E todavia as partes mais deterioradas pelo tempo são reconstrucção de ha poucos seculos. Do primitivo edificio não resta mais que dois lanços do claustro. Estes interessantes vestigios reputal-os-ia mais antigos quem não soubesse a epocha da fundação do convento. Arcos de volta redonda, capiteis com a fórma cubica do estylo byzantino parecem antes do seculo XII, que de uma epocha em que a ogiva substituia geralmente já os arcos semi-circulares, e os capiteis se tinham arredondado, perdendo a fórma caracteristica do estylo do Oriente.

As columnas do claustro de Cellas, ou antes dos seus dois lanços não reconstruidos, são geminadas. Os capiteis que lhes servem de remate representam em alto relevo passos da vida do Salvador, martyrios de sanctos e outros assumptos da historia sagrada. Alguns, ornados, não de figuras, mas de folhagens, assemelham-se mais que os outros aos das egrejas conimbricenses da Sé Velha, ou do Salvador.

Depois do claustro, o vestigio que tenho por mais antigo é uma grande lapide, embutida numa parede da casa do capitulo. Nella se vêem ao lado esquerdo duas esculpturas, uma das quaes representa uma freira ajoelhada aos pés da Virgem que lhe sustenta as mãos com a sua mão direita, emquanto segura com a esquerda o Menino sentado no regaço. A outra esculptura, por baixo da primeira, representa um bispo de baculo em punho e vestido de pontifical. Á direita o maior espaço da pedra é occupado por uma longa inscripção, illegivel, por estarem as letras muito comidas do tempo. O estylo da esculptura e a fórma da letra parecem do seculo XIV ou dos principios do seculo XV. A

[1] Brandão cita o primeiro e transcreve o segundo documento na quarta parte da *Monarchia Lusitana* a fol. 129 e 221.

inscripção contém provavelmente a lenda que o padre Antonio Caetano de Souza conta pela fórma seguinte:

«No mosteiro de Cellas de Coimbra se conserva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita abbadessa d'este religioso mosteiro, no anno de 1330, pessoa de abalisada virtude, em que o desprezo de si mesma foi tão abatido, que lhe parecia ser obrigada a se aniquilar ao mais profundo da humildade, não querendo houvesse cousa nella, que merecesse louvor. Consta por tradição d'aquella casa que por um prelado d'aquella diocese lhe louvar as mãos de bem feitas as cortara logo, e recolhendo-se á cella afflicta lhe foram restituidas por intercessão de Nossa Senhora [1].»

O que porém o auctor não explica é o modo como alguem póde amputar a si mesmo ambas as mãos, cousa que se lhe afigurava tão facil que chegou a temer que a freira tivesse imitadoras! E, como quizesse prevenir o caso, qualificou-lhe o zelo de indiscreto, e advertiu que Deus não quer que similhantes resoluções sirvam de exemplo.

A egreja foi reformada no seculo XVI pela abbadessa D. Leonor de Vasconcellos. Interiormente está muito alterada com renovações posteriores. Uma só parte merece attenção, como obra de architectura. É o portal de estylo manuelino com a data de 1530.

D. Leonor de Vasconcellos fez outras obras no convento, onde, bem como na cerca, se encontram lapides com a sua divisa: uma corôa de espinhos e a legenda *Dominus meus decoravit me.*

No claustro ha um baixo relevo em pedra d'Ançã e do estylo d'aquelles que se conservam nos de Sancta Cruz e da Sé Velha. Parece obra do seculo XVI, como os dos outros claustros. A esculptura é mais perfeita e delicada. Representa tres passos da vida e morte de Jesus Christo. Ha poucos annos renovaram boçalmente a pintura de pedra.

Outro retabulo de pedra, mas inferior no estylo, adorna uma parede da sacristia da egreja. A parte superior representa o martyrio de um sancto em pé dentro de uma caldeira, posta sobre o fogo. Em baixo, S. Martinho de Tours corta a capa com a espada para dar metade a um mendigo. Diz-se que este retabulo fôra dado ao convento pelo celebre dr. Martinho d'Azpilcueta Navarro, lente de canones na Universidade de Coimbra. É certo que duas sobrinhas suas tomaram o habito em 1534, no mosteiro de Cellas, onde falleceram [2].

Até ao anno de 1832 celebrava-se em Cellas uma parte importante da festa popular do Espirito Sancto. Na primeira oitava

---

[1] *Agiol. Lusit*, tomo 4, pag. 517.
[2] *Agiol. Lusit.*, tomo 3, pag. 565 e 571.

o imperador de Eiras vinha prestar homenagem á abbadessa, como donataria d'aquella povoação, outr'ora villa. A camara elegia d'entre os moradores um *Imperador*, a quem dava 26$000 réis em dinheiro, 50 alqueires de trigo e 6 almudes de vinho para ajuda do bodo com que se havia de regalar o povo para celebrar a festa do Espirito Sancto.

Depois de coroado o imperador na egreja matriz de Eiras e de outras ceremonias religiosas, montava a cavallo acompanhado de pagens, da camara e de outras pessoas gradas da villa, e seguiam todos a cavallo, com bandeira e musica na frente, para Cellas. Chegando ao pateo do convento, apeiavam-se ao som de alegres repiques de sinos e entravam na egreja, onde se celebrava um *Te-Deum*, e o imperador era de novo coroado por um capellão. Findas estas ceremonias, assentava-se numa cadeira, juncto da grade do côro e ahi practicava com a abbadessa, acompanhada de muitas religiosas.

A comitiva, sahindo da egreja, recolhia-se á hospedaria do convento, onde lhe serviam refrescos. Emquanto durava a refeição andava a corôa pelas cellas das freiras, que a beijavam por crerem ser milagrosa, e depois a devolviam com presentes ao imperador. De Cellas iam á capella do Espirito Sancto, perto de Sancto Antonio dos Olivaes, e alli ouviam missa, finda a qual, regressavam a Eiras. Seguia-se então o grande banquete em que tomavam parte os moradores da villa e circumvizinhos. De tarde concluiam-se as festas d'este dia com corridas de cavallos e luctas de homens. Na segunda oitava repetia-se o jantar e ceia, que durava até ao amanhecer da quarta feira [1].

A festa do imperador do Espirito Sancto não era particular á villa de Eiras. Celebrava-se em muitas outras povoações do reino e até nas ilhas dos Açores [2]. D. Fernando Corrêa de Lacerda a suppõe originada na villa de Alemquer, onde teria sido instituida por el-rei D. Diniz e pela rainha Sancta Izabel em commemoração do milagre da transformação das moedas em rosas [3]. Na opinião de outros as festas do imperador teriam mais remota origem, parecendo-lhes antes um costume do paganismo, mal dissimulado com a invocação do Espirito Sancto, bem como aquelles templos romanos em que a devoção popular arvorou a cruz ou algum outro symbolo da religião christã.

---

[1] *Instituto*, tomo 12, pag. 43.
[2] *Archivo dos Açores*, n.º 2, agosto, 1878.
[3] *Historia da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação de Sancta Izabel, sexta rainha de Portugal*, Lisboa, 1680, pag. 194.

III

Dos escriptores monasticos pretendem uns, como fr. Bernardo de Brito e fr. Leão de S. Thomaz, que o mosteiro de Lorvão tivesse principio no seculo VI, em vida do patriarcha S. Bento; outros, como fr. Antonio da Purificação, o dizem fundado ainda mais remotamente por Paulo Orosio; alguns, emfim, como fr. Manuel da Rocha, limitam-se a sustentar, contra a opinião de Ferreras, a possibilidade de existir, já ao tempo da invasão dos sarracenos, a ordem de S. Bento na Peninsula e o mosteiro de Lorvão no sitio do mesmo nome [1].

Convirá porém advertir que os documentos mais antigos posteriores ao anno de 900 não dão a conhecer a epocha da fundação, que póde ser anterior ao seculo X, e talvez immediata ás conquistas de Affonso III [2].

Tem corrido, é verdade, e corre ainda entre os mais ingenuos, uma grande lenda dos monges laurbanenses, que principia no tempo dos mouros e se prolonga até á conquista de Coimbra por Fernando Magno. Mas entre os criticos passam com razão por apocryphos os factos com que fr. Bernardo de Brito encheu longas paginas da *Chronica de Cistér* e da *Monarchia Lusitana*.

A alta importancia politica, por essa lenda attribuida aos monges de Lorvão, parece incompativel com a facilidade que teve o conde D. Henrique em doar em 1109 á Sé de Coimbra o mosteiro com todos os seus bens. Occupava então o solio episcopal o bispo D. Mauricio Burdino, a quem succedeu o bispo D. Gonçalo, que em 1116 desistiu do direito que a doação lhe conferia, nomeando abbade para o mosteiro e restituindo-lhe os bens doados á Sé [3].

Continuaram os monges em Lorvão até ao fim do seculo XII, em que el-rei D. Sancho I os obrigou a sahir para entregar o

---

[1] Vej. *Chronica de Cistér, Benedictina Lusitana, Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho em Portugal, Portugal Renascido* e *Historia critica de Hespanha.*

[2] Os documentos em que se lê *Rex Ordonius* têem as datas das eras de 815 e 849, anteriores ao reinado de Ordonho I. Pelas razões, adduzidas no *Portugal Renascido,* parece antes que se hão de attribuir ao seculo X, se bem que no *Portugaliae Monumenta* se refiram ao seculo IX.

[3] Fr. Manuel da Rocha, *Portugal Renascido,* pag. 170 e 171.

mosteiro com os bens adquiridos durante seculos a sua filha D. Thereza, rainha de Leão, cujo matrimonio com Affonso IX o papa annullara com o pretexto do proximo parentesco que entre ambos havia. Na vespera do Natal de 1200 foi o proprio rei com o bispo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça fazer entrega do mosteiro a D. Thereza, a quem, e ás damas que a seguiam, o abbade lançou o habito de Cistér. Assim o affirmam os chronistas de S. Bento e de S. Bernardo.

O mosteiro está situado num valle profundo, na distancia de 12 kilometros ao nascente de Coimbra. A estrada é ainda a mesma que descreveu fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo: *via omnis montana, et silvosa, saltibus intercisa; equites iuxta terret, ac pedites* [1].

Nestas palavras do erudito franciscano e profundo latinista não ha apenas uma figura de rhetorica. Parecerão rigorosamente exactas a quem tiver percorrido os escabrosos caminhos das serras da Estrella ou do Bussaco ou das suas onduladas ramificações nas duas Beiras.

A estrada de Lorvão, se de estrada merece o nome, curva-se e recurva-se por entre mattos, pinhaes, olivedos e terrenos escalvados, ora subindo, ora descendo, colleando serras e outeiros, seguindo como ao acaso, conservando uma direcção que as condições topographicas deveriam fazer mudar, desviando-se de outra que por similhantes razões haveria de conservar. Será difficil descobrir em toda ella a applicação de uma só das regras da arte que os engenheiros practicam hoje nas estradas modernas.

Do cume de um alto monte avista-se de subito em baixo, no fundo do estreito valle, o vasto edificio do convento com as suas janellas gradeadas de ferros, acima das quaes se erguem as torres e zimborios. É singular a perspectiva pela altura e grandeza da casa, pela profundidade do valle, pelo aprumado das encostas, e finalmente pela apparencia agreste e unicolor da vegetação montesina. Hoje a vista do convento é extranha e triste. Mas outr'ora, áquellas que uma tyrannia qualquer alli conduzia, separando-as á força da familia que estremeciam, do mundo que só lhes promettia felicidade e prazer, o convento, ao avistarem-n'o do alto do monte, deveria parecer-lhes extremamente lugubre. Era o tumulo onde iam encerral-as, e d'onde nunca mais sahiriam. Era a perda da liberdade. Eram os horrores de uma agonia consciente, que teria de amargurar-lhes toda a existencia.

Debalde se buscarão no mosteiro vestigios da sua remota

---

[1] *Vita Theresiae... et Sanciae.* Roma, 1667, pag. 59.

antiguidade. Como em Tibães, como em outros dos mais antigos conventos de Portugal, obras posteriores fizeram desapparecer todos os restos da primitiva fundação e até das primeiras reconstrucções. Em Lorvão não vi ainda monumento mais antigo que um pequeno e tosco baixo relevo do seculo XVI, pouco mais ou menos, e que subsequentemente embutiram numa parede do claustro. Representa os cinco martyres de Marrocos, cuja historia não é de todo extranha á do mosteiro. Com effeito, segundo affirma fr. Bernardo de Brito, a infanta D. Sancha, irmã da rainha D. Thereza, estando em Alemquer, ahi acolheu os frades que se encaminhavam a Marrocos. Depois, tendo vindo os restos mortaes d'elles para o mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, d'ahi, por intercessão da rainha D.Thereza, se trasladaram duas ossadas e outras reliquias para o mosteiro de Lorvão [1].

A egreja, o côro e o claustro proximo foram edificados no seculo XVII, o que se demonstra não sómente pelo estylo, mas tambem pelas datas esculpidas numa porta exterior e num arco do claustro. As outras partes da casa foram tambem reedificadas pelo mesmo tempo. Havia uma parte mais antiga, que em 1879 tinha já cahido inteiramente por terra. Nalgumas paredes proximas, que subsistem de pé, vêem-se janellas dos fins do seculo XV ou dos principios do seculo XVI.

A egreja, elegante, muito clara e de boa architectura, foi edificada no estylo da frontaria do majestoso templo de Alcobaça, reedificada talvez pelo mesmo tempo. Em dous altares lateraes estão depositados os restos das filhas de Sancho I em dous grandes cofres de prata, adornados com muitas pedras de varias côres e grandezas. Fabricados no Porto em 1713, valem muito pela riqueza dos materiaes; pouco ou nada pelo trabalho artistico.

Revestem as paredes do côro, até grande altura, cem cadeiras de magnifica talha, que prenunciam já os esplendores que nos deixou neste genero o reinado de D. João V, se com effeito não são obra d'esse tempo e portanto posteriores á edificação da egreja.

O mosteiro, outr'ora riquissimo de alfaias e de preciosidades artisticas de toda a especie, bem pouco hoje conserva digno de attenção. Protegido pelos monarchas, hospedando em suas cellas damas da primeira nobreza, opulento por doações e testamentos que remontam ao seculo X, alli se devem ter ajunctado desde o

---

[1] *Chronica de Cistér*, fol. 459. Em contrario a esta asserção de fr. Bernardo de Brito, lê-se na *Chronica dos Conegos Regrantes*, tomo 1.º, pag. 69, a descripção da arca de prata que contém os corpos dos cinco martyres.

anno de 1200 objectos de grande valor. Por infelicidade para a historia da arte, não faltou quem explorasse aquella mina abundante. Primeiramente os proprios frades de S. Bernardo, que administravam Lorvão, e o deixaram empenhado em sommas avultadas, e chegaram a mandar cortar as arvores das mattas para venderem as madeiras de maior preço, não seriam talvez mais escrupulosos para com os moveis e alfaias. Depois os credores, que se apossaram dos bens do convento para se pagarem de dividas, reduziram as religiosas á miseria em que as encontrou ha trinta annos Alexandre Herculano, e que inspirou ao nosso grande escriptor aquella carta eloquente que todos conhecem.

Em taes condições as freiras mandaram vender os objectos preciosos de que eram depositarias, para não morrerem de fome. Nestas vendas, feitas a occultas, os commissarios substituiam os frades na exploração do convento. Emfim uns carpinteiros, que andavam numa obra interior, penetraram por um cano ou galeria subterranea na sacristia, d'onde roubaram alguns caixões de objectos de prata, que dizem terem sido para alli enviados, em 1834, de Alcobaça, quando os frades viram imminente a suppressão das ordens religiosas.

Numa longa serie de attentados contra os direitos do Estado e da sociedade portugueza, sómente os carpinteiros foram punidos com degredo para a Africa. Antes e depois todos os criminosos têem ficado impunes. E quando, dentro de poucos annos, fallecida a ultima freira que ainda hoje existe no convento, o Estado tomar conta d'elle, achará as paredes vazias, como tem acontecido e continuará a acontecer nos outros conventos de religiosas.

Em 1879 pude conseguir que fossem recolhidos ao archivo nacional da Torre do Tombo os pergaminhos e papeis manuscriptos que se conservavam ainda no cartorio, onde felizmente, por ignorancia, os exploradores não tinham entrado nestes ultimos tempos. Os livros impressos foram tambem, por ordem do governo, depositados na bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Entre estes livros vieram a terceira e a quarta parte da *Vita Christi,* impressa em Lisboa em 1495, e outro exemplar da quarta parte da mesma obra. Havia portanto no mosteiro de Lorvão, pelo menos, dous exemplares d'aquella obra magnifica, os quaes ambos ficaram mutilados por antigos extravios. Digo *antigos*, porque, se fossem de moderna data, de certo se não contentaria com as partes que faltam quem podesse leval-as todas.

A *Vita Christi* é um monumento da typographia, a qual parece não ter passado pela prolongada infancia das outras artes. Na

sumptuosidade da impressão rivalisa com os livros de maior preço, que por aquelle tempo sahiram dos prelos mais perfeitos da Europa.

Vieram, além d'isto, para a bibliotheca da Universidade outros dous livros de extrema raridade, encadernados num mesmo volume, que uma nota de letra de mão do seculo XVI diz ter sido deixado pela senhora *iffante* (D. Joanna?) ao mosteiro de Jesu (de Aveiro?). É o tractado da consolação de Boecio, traduzido em hespanhol e impresso em Tolosa de França em 1488 [1].

No fim do livro mão feminina traçou em letra irregular mas clara, attribuivel ao seculo XVII ou ao seculo XVIII, o seguinte:

Boecio, lindo doutor,
Eu vos quero por senhor.

Quem seria e qual o estado mental d'aquella que parece ter-se rendido tão inteiramente a um philosopho do paganismo?

Contém o mesmo volume a primeira edição da *Vision deleptable* de Affonso de la torre [2]. O bibliographo Salvá, que não logrou vêr d'esta edição mais que um exemplar, em que faltava a primeira folha, a attribue, pelos caracteres typographicos, aos annos de 1480 pouco mais ou menos.

Ambos os livros, principalmente o segundo, estão muito bem conservados. A encadernação é de taboa coberta de carneira.

---

[1] Boecio de consolaciõ tornado de latin en || romançe por el muy rreveredo padre fray || Antõ ginebreda Maestro en la sãta The || ologia de la orde de los predicadores (*sic*) de bar || çelona.

[2] Comiença el tratado llamado vi || sion deleptable compuesto por al || fonso de la torre bachiller-endere || çado al noble don Juãn de veamõ || te prior de Sant Juãn en navarra.

VII

ELOGIO HISTORICO

DE

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA [1]

I

Senhores: — Não obstante a poderosa opposição de causas radicalmente contrarias e inteiramente adversas, tambem penetrou em Portugal o espirito de livre exame do seculo XVIII. Encarnado no marquez de Pombal, reformou a administração e a politica; em Theodoro de Almeida, Ribeiro Sanches, Stockler, Corrêa da Serra, Brotero, regenerou as sciencias; em Verney, Diniz, Garção, Filinto, restaurou as letras.

Só a historia parecia inaccessivel e refractaria a este grande movimento. Em lenda a transformara fr. Bernardo de Brito, e a maior parte dos chronistas monasticos cada vez mais tinham erguido aos ares o edificio das fabulas pueris, firmando-lhe os alicerces no ferrenho cimento da credulidade popular. Para der-

[1] Lido na noite de 31 de maio de 1879 no Instituto de Coimbra.

ruir a alterosa fabrica não bastavam os dictames da razão humana; era mister produzir provas, colhidas no exame dos documentos, exame impossivel sem o estudo da diplomatica.

Nos principios do seculo XVII, com quanto ignorasse as regras de uma sciencia, que não era ainda nascida, fr. Antonio Brandão, pelas suas diligentes investigações nos archivos, fôra, como o precursor, em Portugal, d'aquelles que, mais tarde, noutros paizes, chegaram a ser os seus verdadeiros fundadores. Mas entre o iniciador e o continuador da *Monarchia Lusitana* os historiadores e chronistas escolhiam para modelo o primeiro e desprezavam o segundo. Isto fizeram pelo espaço de quasi dois seculos, até que José Anastacio de Figueiredo, Antonio Caetano do Amaral, fr. Joaquim de Sancto Agostinho, fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo, Antonio Ribeiro dos Sanctos, auxiliados pelos trabalhos congeneres de investigadores extrangeiros, entraram desassombradamente no caminho que tão largo abrira fr. Antonio Brandão, mas que a sua morte parecia ter deixado impedido aos seus successores. A todos se avantajou porém João Pedro Ribeiro, lente da extincta faculdade de canones, que hoje e sempre ha de ser venerado como o fundador da diplomatica em Portugal.

É por extremo notavel, senhores, que sendo por ahi accusada de menos propicia, não sei até se de contraria ao progresso social a nossa Universidade, lhe devessem a sua educação litteraria quasi todos esses homens que na politica, na sciencia, nas letras e por fim na diplomatica, levantaram o povo portuguez do grande abatimento em que jazia e lhe abriram logar entre os outros povos cultos da Europa.

Radicara-se pois nos fins do seculo passado o gosto dos estudos diplomaticos, que neste seculo continuaram a ser cultivados não sómente por Alexandre Herculano, como principal fundamento da sua *Historia de Portugal*, mas tambem por D. fr. Francisco de S. Luiz, Antonio de Almeida, Manuel da Cruz Pereira Coutinho, João Corrêa Ayres de Campos e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Antonio de Almeida e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara foram ambos formados em medicina pela faculdade a que tenho a honra de pertencer. Ambos porém parece terem querido buscar nas sciencias historicas as provas da certeza que debalde procurariam nalgumas das sciencias medicas, numa epocha em que lhes falleciam os meios de observação que hoje começam a desfazer as adensadas trevas que as offuscavam. Tal creio ter sido a causa porque da classe dos medicos têem sahido tantos cultores da philosophia, da litteratura, da historia, notavelmente distinctos

pelo muito proveito que lhes têem levado no methodo a que se habituaram no estudo da medicina, o qual, por essencialmente objectivo, póde corrigir as demasias do methodo subjectivo, mais radicavel nas sciencias historicas e litterarias que nas sciencias da natureza.

II

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara nasceu a 23 de junho de 1809 na villa de Arrayollos, e foram seus paes o medico Antonio Francisco Rivarâ e D. Maria Isabel da Cunha Feio Castello-Branco. Depois de ter estudado as disciplinas preparatorias da instrucção secundaria em Evora, passou a Coimbra a matricular-se na Universidade em 1824. Forçado pelas dissenções civis a interromper por alguns annos o curso de medicina, fez acto de formatura em 1836. Entrou logo no anno seguinte na carreira administrativa; mas porque desejasse ou mais estavel e independente posição ou mais conforme á sua natural tendencia para a cultura das letras, deixou poucos mezes depois o logar de primeiro official da administração geral de Evora pela cadeira de philosophia do lyceu da mesma cidade, a cujas funcções accumulou por nomeação de 25 de dezembro de 1838 as de bibliothecario da bibliotheca publica eborense.

A bibliotheca, fundada nos principios d'este seculo pelo illustre arcebispo, D. fr. Manuel do Cenaculo, decahira em deploravel abandono, ao qual se seguiria de certo a sua perda parcial ou total, se não fôra nomeado para dirigil-a o unico homem que em Evora seria capaz de completar a obra de organisação que o fundador não chegara a concluir, impedido pelas desordens da guerra, pelo peso dos annos e alfim pela morte. Continha a bibliotheca para cima de trinta mil volumes impressos, perto de dois mil codices manuscriptos, livros illuminados, pinturas e outras obras da arte e da natureza, algumas de inestimavel valor. Apenas alguns livros estavam catalogados. Faltava classificar e catalogar os restantes, inventariar os manuscriptos, ordenar as collecções. Tudo isto fez o bibbliothecario Rivara, e mais ainda, porque aos livros, com que a bibliotheca fôra instituida, accresceram alguns milhares de outros, provenientes dos conventos extinctos no districto de Evora.

Não havia sequer um amanuense na bibliotheca. Rivara teve de escrever de seu proprio punho o catalogo de muitos milhares de volumes, e de descrever da mesma sorte os manuscriptos,

dos quaes não fez uma simples relação ou indice, mas um inventario completo, illustrado de muitas e copiosas notas bibliographicas. Nesta copiosa collecção ha documentos importantissimos para a historia e litteratura portugueza, cuja existencia importava fazer conhecida. Emprehendeu-o o infatigavel bibliothecario, escrevendo o primeiro tomo do Catalogo, que a muito custo chegou a conseguir fosse impresso por conta do Estado na Imprensa Nacional.

Não se limitou porém ao desempenho d'estas funcções do seu cargo, que nada tinham de obrigatorias, e que outrem não escrupulisaria em pôr de parte. O archivo municipal de Evora era outra mina copiosa e não explorada. As prolongadas residencias que faziam em Evora os reis da segunda dynastia, o conhecimento que assim adquiriam dos negocios da cidade e a parte que nelles tomavam eram motivos de activa correspondencia entre os monarchas e a camara, a quem choviam cartas ácerca dos mais varios assumptos, uns do maior interesse, outros sem a menor importancia. Por felicidade não tinha havido em Evora d'aquelles curiosos exploradores que sómente para si exploram os archivos publicos. A collecção municipal ficara portanto riquissima de muitos e notaveis documentos. Ahi levou tambem Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara a sua fecunda e prodigiosa actividade. Catalogou milhares de documentos, todos aquelles que eram datados desde o seculo XII até ao fim do seculo XVIII, e copiou de sua letra os mais difficeis de ler. O primeiro d'esses trabalhos produziu quatro tomos, o segundo cinco tomos, todos de folio.

Estes grandes serviços foram prestados desde 1838 até 1853, em que sahiu eleito deputado pelo districto de Evora. Notarei, porém, que durante esse espaço de tempo não deixou de exercer as suas funcções de professor publico, ás quaes accresciam as do ensino particular da lingua latina num collegio de que fôra um dos fundadores.

Haverá talvez quem me accuse não sei se de prolixo se de frivolo por me demorar enumerando factos que não parecerão dos mais dignos de memoria. Creio porém que os entendidos em diplomatica e paleographia, aquelles que sabem que sómente pelos documentos se póde escrever a historia verdadeira e positiva dos povos, não me levarão a mal que por esta fórma testimunhe hoje aqui a admiração que ha alguns annos sentia em Evora ao contemplar estes maravilhosos productos da paciencia e do trabalho de um homem só, numa terra onde ninguem haveria talvez capaz de estimal-os no seu justo valor, onde á maior parte pareceriam caprichos extravagantes de um espirito excentrico.

Não se contestará de certo uma sublime virtude de abnegação

naquelles que assim empregam num lavor, improficuo para si mesmos, desconhecido ou desestimado dos outros, o tempo que mais gostosamente poderiam passar nos prazeres do mundo, ou em occupações que nos lucros pecuniarios ou nos louros da gloria lhes retribuissem as fadigas e as privações a que a sua voluntaria missão os sujeita e obriga.

E a estas ultimas vantagens não aspiraria debalde Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, se o não encadeasse aos archivos uma paixão similhante áquella que prendia o alchimista ao laboratorio. O muito que o seu nome se exaltaria, escrevendo, prova-se com os artigos que viram a luz no *Panorama,* na *Revista Litteraria do Porto* e noutros jornaes do tempo. Entre esses escriptos sobrelevam pela sua maior importancia as *Memorias da villa de Arrayollos,* em que o auctor cita e interpreta com boa critica innumeros documentos dos archivos, particularmente d'aquella villa e da cidade de Evora, para illustrar pelo methodo, em que tanto se avantajara Alexandre Herculano, as obscuridades historicas da edade media.

III

Eleito deputado ás côrtes pelo districto de Evora em 1853, mudou inteiramente o rumo da sua vida, que parecia destinada a passar-se no tranquillo remanso do lyceu, da bibliotheca ou dos archivos da cidade. Todavia não permaneceu por muito tempo na carreira parlamentar, porque foi nomeado secretario do governo geral da India Portugueza por decreto de 3 de junho de 1855. Para o cargo de governador fôra nomeado o visconde de Torres Novas, mais tarde conde do mesmo titulo.

As dissenções religiosas que havia alguns annos agitavam os povos do Oriente, do Indo ao cabo Comorim, da ilha de Ceylão ao Ganges, tornavam espinhosissima a missão do novo governador e do seu secretario. Era por extremo difficil sustentar os direitos da nação portugueza em face dos interesses da curia romana, dilatando-se de mais a mais o theatro em que se debatiam por longinquas regiões sujeitas ao dominio britannico. Aggravavam sobre tudo o mal a tibieza dos nossos governos, que não ousavam contrapôr-se abertamente ás pretenções de Roma, e a difficuldade de fazer ouvir na metropole as queixas dos opprimidos.

Os direitos de Portugal ao padroado tinham sido rigorosa-

mente respeitados pelos pontifices, durante muitos annos depois das conquistas que haviam levado o dominio portuguez e a religião catholica aos povos do Oriente. Começaram nos fins do seculo XVI as tentativas da curia para restringir o padroado, libertando da superintendencia da corôa de Portugal os missionarios que á India enviava. Resistiam os governos da metropole, conseguindo quasi sempre fazer prevalecer perante a curia a razão do direito. Mas em 1834 redrobraram com inusitada violencia os esforços da Sancta Sé, travando-se por então a memoravel lucta, que se tornara geral conflagração ao tempo em que Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara foi tomar posse do seu novo cargo.

Permanecia vaga a sé de Gôa, rareavam as fileiras do clero portuguez, entibiava-se a força das auctoridades, e os fieis sem apoio nem protecção não ousavam oppôr-se ás pretenções da propaganda. Nesta conjunctura tristissima, em que o padroado da India parecia estar a ponto de perder-se, o governo da metrople tomou uma resolução extraordinaria, que, por tardia e inconveniente, não pôde já atalhar o mal, antes o aggravou e engrandeceu. Insinuou ao bispo de Macau que passasse a Gôa a exercer os actos episcopaes que julgasse necessarios para esplendor da egreja e utilidade dos fieis.

Apenas porém o bispo chegara a Bombaim e principiara a desempenhar-se da sua missão, oppõe-se-lhe com todas as forças a propaganda, incitando os fieis a que não obedecessem ao prelado e aos ecclesiasticos portuguezes que o acompanhavam. E por melhor se fortalecer nesta reacção, promoveu que de Roma se expedisse para a India o breve *Probe nostis,* que admoestava o bispo e os ecclesiasticos portuguezes por terem invadido a jurisdicção dos vigarios apostolicos, e os ameaçava de excommunhão, se dentro de dois mezes se não retractassem, e finalmente persuadia aos outros padres portuguezes e aos fieis que se acautelassem dos *lobos que se lhes apresentavam disfarçados em ovelhas.*

O breve *Probe nostis* era de 9 de maio de 1853, e as desordens que a sua violenta linguagem não podia serenar, porém sómente desenvolver, deram logar á concordata de 21 de fevereiro de 1857, que, por ser mais favoravel a Roma, foi vigorosamente combatida por uma parte dos liberaes, e mais em particular por Alexandre Herculano no celebre opusculo intitulado—*A reacção ultramontana em Portugal.*

Mandara o governo cumprir a concordata e manter o *statu quo,* sem exigir todas as restituições que o direito lhe permittia, querendo com estas concessões e lenidades acalmar os animos excitados dos principaes caudilhos da propaganda. Pois não obstante

o procedimento contemporisador do governo, a letra da concordata e as promessas do nuncio em Lisboa, pretenderam ainda os vigarios apostolicos insistir na usurpação das egrejas que já não tinham o direito de conservar. Imprimiam e distribuiam pastoraes, andavam pelas povoações com predicas excitadoras, insultando o monarcha portuguez, a nação toda, os arcebispos de Gôa, os missionarios, tudo emfim que de uma ou de outra sorte dizia respeito ao padroado do Oriente.

Os libellos que os vigarios apostolicos publicavam a titulo de pastoraes causariam grande prejuizo á causa do padroado, se Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara não tomasse a peito contradictal-os numa serie de opusculos que por melindres diplomaticos sahiram anonymos, com quanto fosse de todos conhecida a sua auctorisada origem. Por meio d'estes escriptos, inspirados no amor da patria e fortalecidos com as razões do direito, conseguiu o auctor reanimar o espirito abatido dos padres portuguezes e dos fieis a fim de resistirem victoriosamente ás exigencias desarrazoadas da propaganda. «Os escriptos do sr. Rivara, diz um digno ecclesiastico, testimunha presencial dos factos, percorreram o Indostão todo: sem elles teriam sido talvez abandonadas as egrejas do padroado, porque nem os padres nem os christãos, timoratos como são os povos indianos, tinham animo de arrostar com as ameaças dos propagandistas exaltados.»

Nem esta lucta memoravel, em que pugnava só contra muitos, nem as obrigações officiaes do seu cargo o impediram de prestar outros importantes serviços á patria em tudo em que poderia ser-lhe de algum proveito a sua grande actividade. A linguistica da India deve-lhe a publicação de valiosos escriptos. Desde 1852 a 1866 redigiu o *Archivo Portuguez Oriental,* em que deu á luz interessantes documentos para a historia da India Portugueza. A este jornal seguiu-se outro da mesma indole, porém com maiores proporções, que desde 1866 a 1869 publicou em Gôa com o titulo de — *Chronista de Tissuary.*

Em maio de 1858, sendo ministro da marinha o fallecido marquez, então visconde de Sá da Bandeira, uma portaria do seu ministerio encarregou Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara de continuar as *Decadas* de João de Barros e Diogo do Couto, auctorisando o governador geral a prestar-lhe todo o auxilio de que precisasse para este trabalho. Não chegou a imprimir-se nenhum volume de uma obra que tanto interessaria a Portugal. Mas em carta de 22 de junho de 1871 dizia-me Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara o seguinte: «Continúo a escrever a *Historia da India,* e espero ter prompto um volume até dezembro.» Ignoro a que ponto, occupado como estava com as funcções do seu cargo

e com tantos outros trabalhos, se desempenharia da honrosa commissão que o governo portuguez lhe confiara. Entretanto, no *Chronista de Tissuary* encontram-se artigos e documentos que supprirão de alguma sorte a falta da obra que não chegou a ser impressa e que exigia de certo a tranquillidade de espirito e a desoneração de outros trabalhos que pesavam sobre Rivara. Além das funcções de secretario geral do governo da India, desempenhou tambem dignamente as de commissario dos estudos e reitor do lyceu de Gôa, que organisou, bem como a bibliotheca d'este estabelecimento. Foi mais incumbido pelo governo de tractar dos limites das praças do norte, da circumscripção das dioceses no real padroado do Oriente, em conformidade com o tractado de 21 de fevereiro de 1857, e de outras commissões, das quaes se desempenhava sempre com zelo inexcedivel e prodigiosa actividade.

Depois de vinte annos de trabalho indefesso, regressou á patria e foi fixar a sua residencia em Evora em 1877. Habituado ao constante lavor das letras, continuou ainda na sua avançada edade a frequentar a bibliotheca e a occupar-se de assumptos historicos. Estava concluindo as *Memorias da villa de Arrayollos* e redigindo com apontamentos que trouxera de Gôa duas memorias, intituladas *Bocage na India* e *Camões na India,* quando, a 20 de fevereiro d'este anno, poz infausto fim á sua laboriosa carreira uma violenta pneumonia, a mesma doença que pouco mais de um anno antes nos roubara Alexandre Herculano.

O nosso Instituto quiz dar uma prova da alta consideração em qae tinha os serviços de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, elegendo-o socio honorario poucos dias antes de cahir prostrado no leito da morte. Fui eu que promovi a sua eleição, que julgo ter hoje plenamente justificado.

Os trabalhos do nosso fallecido consocio hão de sobreviver-lhe e assegurar-lhe o respeito e a veneração da posteridade. Restituiu-se á terra o corpo mortal, mas o espirito não morreu; viverá de seculo a seculo nas obras com que illustrou e serviu a patria.

VIII

UNIVERSIDADE DE EVORA

I

No anno de 1554, conforme refere o padre Balthazar Telles, começou o cardeal infante D. Henrique a manifestar o desejo de crear na cidade de Evora uma universidade, não se contentando já com o collegio que fundara, e parecendo-lhe mui pouco as quatro cadeiras de latim e a de casos, que constituiam os estudos d'aquelle collegio, em razão dos muitos estudantes que concorriam a frequentar os cursos, e do muito que lhes contentavam os mestres que os ensinavam.

Foi esta idêa apoiada pelo infante D. Luiz, porém appareceu logo firme opposição da parte da universidade de Coimbra, cujos lentes e reitor tinham a pretendida fundação como attentado ao lustre e privilegios d'aquelle estabelecimento, para cuja importancia de muito valia o ser unico em todo Portugal.

A resistencia da universidade foi tal, que por então não se fez possivel ao cardeal infante realisar o seu intento, e apenas pôde alcançar licença para que em Evora se lesse um curso d'artes, a que se deu principio no anno de 1556, sendo nelle primeiro lente o padre Ignacio Martins, chamado communmente o mestre Ignacio, o qual já tinha lido em Coimbra o quarto curso da mesma faculdade.

..

Parece que a protecção dispensada pelo magnanimo e real protector da universidade de Coimbra, el-rei D. João III, a este estabelecimento, que tanto engrandecera e nobilitara, foi a causa mais poderosa que fez valer a resistencia do reitor e lentes de Coimbra. Morto, porém, o grande monarcha no anno de 1557, pôde o cardeal vencer as difficuldades que encontrara, e tractar da fundação da nova universidade. Com effeito, logo no seguinte anno, que foi o de 1558, se impetrou, por parte do cardeal, uma bulla do papa Paulo IV a fim de se poder crear em Evora uma universidade, cujo governo e direcção se confiassem da companhia de Jesus.

Deferiu o pontifice a petição, fazendo expedir a bulla em que permittia que se erigisse uma universidade «na qual, diz o padre Telles, se ensinassem as sciencias necessarias (tirando medicina, e direito civil, e o que pertence do direito canonico ao fôro contencioso) e para que nella se podessem dar os graus de bachareis, licenciados, mestres e doutores, como em Coimbra, precedendo os exames e mais ceremonias escholasticas, que se costumam nas universidades bem governadas, a qual bulla se passou aos 18 de setembro de 1558.»

Foi esta bulla confirmada pelo mesmo pontifice noutra que mandou expedir aos 13 de abril de 1559.

Depois de preparadas as classes e os geraes, deu-se principio solemne á posse da universidade em dia de Todos os Sanctos do anno de 1559. Estava então o cardeal em Lisboa, escreveu porém ao cabido e camara da cidade recommendando-lhes a solemnidade do acto da posse, para a qual se ordenaram desde logo diversas festas escholasticas. «Chegado o dia de Todos os Sanctos, diz o mencionado escriptor, veio o cabido da sé com a mais clerezia junctamente com a camara e cidade em uma solemnissima procissão ao nosso collegio, presenciando este acto o reverendissimo bispo de Targa, D. Manuel dos Sanctos (que tinha os poderes e procuração do cardeal infante, para em seu nome se tomar e dar posse da universidade). Acharam-se tambem presentes o padre doutor Miguel de Torres (que então era provincial da companhia em Portugal), Pedro de Miranda, deão d'aquella sé, com todas as mais dignidades; com elles junctamente o corregedor da cidade, todas as justiças e pessoas principaes, assim ecclesiasticas, como seculares, com muito povo da cidade, todos com tanta festa e alegria, que representavam a que houve em Jerusalem no dia da posse e dedicação do templo de Salomão.»

Nesta solemnidade celebrou o bispo de Targa o sacrificio da missa, acompanhada «com excellentes cantores e muita variedade de instrumentos musicos.» Antes e depois da missa fizeram-se orações analogas ao acto, sendo uma do dr. Jorge Serrão, da

companhia, designado primeiro lente de prima de theologia, outra em latim do mestre da primeira classe, Simão Vieira.

Leu-se depois a bulla que auctorisava a fundação da universidade, e lhe concedia grandes honras, isenções e poderes, assim espirituaes como temporaes. Publicada a bulla, o bispo de Targa tomou a posse com o ceremonial do estylo, declarando que entregava a universidade á companhia; ao que, em nome d'ella, respondeu convenientemente o padre dr. Miguel de Torres. Concluiu-se a solemnidade por um Te Deum entoado pelo bispo junctamente com o cabido.

«Na tarde d'este dia foi dada num theatro com singular successo, notavel apparato e grande applauso uma tragedia intitulada *El-rei Saul,* e nas tres noites seguintes houve encamisadas mui apparatosas e para ver, correndo a cidade toda grande numero de cavalleiros com tochas accesas, mostrando em tudo esta nobre e real cidade a grande alegria e satisfação que tinha pela nova honra, que com a nova universidade lhe crescia.»

II

Com grande alegria e alvoroço recebeu o cardeal em Lisboa a nova da posse da universidade, e do modo por que se celebrara o acto, cuja solemnidade tanto havia recommendado. E desejando que a provisão das cadeiras de theologia recahisse em pessoas competentes, escreveu logo a S. Francisco de Borja, que então era commissario geral da religião de Jesus em toda Hespanha, a pedir-lhe que lhe enviasse alguns lentes doutos de theologia, e tambem que, como se fizesse de volta para Castella, e não sendo grande a distancia, viesse a Evora ver a nova universidade.

Começou logo S. Francisco de Borja a satisfazer ao pedido que lhe era dirigido, mandando para Evora dois abalisados professores de theologia, os quaes tinham sido discipulos do excellente prégador e apostolico varão, João d'Avila. Era um d'elles o dr. Pero Paulo Ferrer, natural de Malaga, e outro o dr. Fernão Peres, vizinho de Cordova, ambos de grande illustração e saber. Quanto á segunda parte do pedido do cardeal, manifestou egualmente S. Francisco de Borja vivo desejo de vir a Evora; mas, como os negocios publicos do reino prendessem o cardeal em Lisboa, guardou o sancto a sua visita para a occasião em que o fundador da universidade viesse ver a sua obra e os excellentes resultados que se colhiam já dos novos estudos.

Veio finalmente o cardeal a Evora no anno de 1560. «Foi sua chegada, diz o chronista da companhia de Jesus, mui applaudida em toda a cidade com grandes demonstrações de alegria, que ainda foram maiores na sua universidade. No dia em que foi ao collegio lhe teve o mestre de rhetorica, que era o padre Simão Vieira, uma eloquentissima oração, na qual com grande ornato de palavras, copia de erudições, lustre da rhetorica e esmalte de sentenças, declarou os grandes desejos, com que sua vinda fôra esperada o anno passado para complemento da solemnidade da posse e para investidura da universidade: discorreu com grande elegancia pelos singulares proveitos que resultavam, não só áquella cidade, mas ao reino todo, das escholas e universidade que dotara e fundara, da qual, como de rio caudaloso de sciencias divinas e humanas, se haviam de derivar diversas copiosas enchentes não só pelas terras vizinhas, mas tambem pelo mundo todo, confirmando este discurso com o exemplo dos athenienses, de cuja universidade sahiram tantos homens insignes em lettras, os quaes governaram a republica no tempo da paz, e defenderam a patria na occasião da guerra. Discursou pela grande reforma de costumes, que se podia esperar no reino em consequencia de uma universidade, aonde se haviam de crear prégadores para o pulpito e sacerdotes para o confessionario Com mui particular gosto e attenção ouviu sua alteza este eloquente arrezoado, e assistiu a todas as mais demonstrações, com que os mestres applaudiram a sua vinda.»

Veio tambem nesse tempo a Evora S. Francisco de Borja, que do cardeal foi recebido com singulares mostras de amor e respeito, e convidado, pois era tempo de quaresma, para prégar aos domingos na sé cathedral. D'isto se encarregou o sancto, apezar de ser tal o seu estado de fraqueza e de doença. que era preciso levarem-no em braços para o pulpito, d'onde por egual modo o tiravam, «mas, diz o chronista, suppria a efficacia da alma a fraqueza do corpo, e conforme a virtude do espirito era a moção dos ouvintes.»

Transcreveremos ainda da citada chronica a relação do que se passou na occasião em que o cardeal infante quiz mostrar a S. Francisco de Borja a universidade:

«Neste mesmo tempo quiz o cardeal infante, em signal de benevolencia, dar ao sancto commissario uma vista de todo o corpo da sua universidade. para isto ordenou que todos os lentes, doutores, agraduados e officiaes d'ella, com todos os estudantes d'aquella matricula se ajunctassem nos seus paços, e d alli postos em ordem viessem na fórma em que sahem nos prestitos. e fossem demandar o nosso collegio. Era nelle tão grande o gosto e tão notavel

o empenho, com que solicitava o bem da nova universidade, e honra da companhia, que quiz este mesmo senhor, sendo principe tão soberano, para mór auctoridade do prestito ser tambem figura neste solemnissimo auto, indo no acompanhamento, e mostrando com este novo favor, que não sómente era fundador, mas tambem queria ser membro da universidade que nos entregava, e, sendo principe de tão alta qualidade, não se dedignou de ir com os estudantes das nossas classes nesta procissão, como outro David, que, sendo rei, com tão singular piedade foi entre a gente do povo, servindo e acompanhando a arca de Deus. Acudiu todo o clero e a principal nobreza da cidade, que toda se abalou para acompanhar ao seu mui prezado principe, o qual levava juncto a si ao reitor, que era o padre Leão Henriques, como cabeça de todo o corpo d'aquella universidade; o qual prestito foi, sem duvida, o mais auctorisado que viu este reino, pois nenhum houve que tivesse similhante pessoa em seu acompanhamento.

«Faltou porém nelle o beato padre Francisco de Borja, o qual, como tão sancto e humilde cortesão, nenhuma occasião deixava perder em que se podesse humilhar; e como se elle não fosse pessoa que podesse apparecer entre os letrados e agraduados, e juncto ao serenissimo infante: mas como quem mais estimava o grau de humilde que pretendia e amava, que a borla de doutor que já tinha e desprezava, se ficou no collegio; e tanto que começou a vir chegando a gente do prestito, se sahiu logo á portaria a esperar a sua alteza levando comsigo o ministro, procurador, porteiro e cozinheiro e outros irmãos da casa, que não pertenciam ás escholas. Em tendo o beato padre vista do senhor cardeal infante, se foi a elle e se lhe lançou aos pés, e depois lhe rendeu com muita copia de lagrimas as graças pelo muito que honrava a companhia, e por haver fundado aquelle collegio e universidade tão insigne, como elle via com seus olhos, ordenada para tanto serviço de Deus, nosso Senhor, e bem do reino; mostrando a grande satisfação que tinha de ver a um principe tão conhecido no mundo, tão illustre por sangue, tão cheio de virtudes, tão enriquecido de lettras, todo empregado em honrar a companhia.

«Logo foram ambos a visitar as aulas, e ouvir os lentes, a ver todo o edificio da universidade e collegio, que já estava muito avançado, assistindo a tudo o serenissimo infante com grande satisfação da sua alma, e gostando de ouvir ao beato padre Francisco, o qual muito louvava o sancto zelo e singular liberalidade, com que sua alteza emprehendera obra de tão grande serviço de Deus.»

III

Logo no seu principio teve a universidade de Evora quatro professores de theologia. Ensinavam tres a theologia escholastica, e um explicava a sagrada Escriptura. Além d'estes quatro professores, havia dois que liam theologia moral, outros quatro que liam cursos de artes e dois rhetorica. Havia mais dois de humanidades, quatro de grammatica, dois de instrucção primaria que ensinavam a ler e escrever. Estes professores tinham os necessarios substitutos, que acudiam ás faltas que durante o anno podesse haver.

Tinha a universidade o seu cancellario, que não podia deixar de ser doutor em theologia, e pessoa auctorisada, pela razão de servir de superior da theologia especulativa e de dar os graus aos que os tomavam. Tinha mais um prefeito, a quem tocava o governo das escholas, e com superintendencia nas artes e mais classes inferiores da rhetorica, humanidades e grammatica. Um padre da companhia servia de secretario da universidade.

O reitor do collegio tambem o era da universidade. A instancias do fundador foi concedida ao reitor por bulla apostolica toda a jurisdicção ordinaria, de tal modo que nem os arcebispos de Evora, nem seus officiaes e outros ministros tinham poder algum sobre a universidade, e sobre seus empregados, estudantes e privilegiados, nem tão pouco sobre suas isenções, liberdade, estatutos e privilegios.

Além d'esta jurisdicção tinha o reitor poder absoluto para remover, quando e quantas vezes o julgasse ou quizesse, qualquer dos empregados, e ainda no anno de 1702 fôra confirmado este poder por uma sentença do Desembargo do Paço. Tinham tambem os reitores *in perpetuum* o senhorio da villa de Monte-Agraço no arcebispado (hoje patriarchado) de Lisboa, com toda a jurisdicção dos que são senhorios de terras, pondo de sua mão justiças e vereadores e tudo o mais que a taes senhores é concedido.

Segundo refere o padre Fialho na sua *Evora Illustrada,* gozava mais o reitor da universidade o titulo ou as rendas de abbade de Paço de Souza, mosteiro do bispado do Porto e que era dos monges Bentos. Tinha tambem as honras de prior de S. Jorge, mosteiro dos conegos regrantes de Sancto Agostinho, juncto á cidade de Coimbra. Era mais conego da sé de Evora, reitor do collegio da Purificação de collegiaes theologos, superintendente do collegio

da Madre de Deus, administrador do hospital da Purificação e dos estudantes, e tinha muitas egrejas de sua apresentação.

Tinha tambem a universidade conservadores ecclesiastico e secular, meirinho, escrivães, aposentadores, mestre de ceremonias, bedeis, almotacel, executor, syndico, védor, corrector, porteiro, etc.

Além d'estes logares havia tambem os de guarda, que se destinava ao castigo dos estudantes, e corrector para as impressões que se faziam na Imprensa da Universidade.

Dos aposentadores um era secular, e incumbia-lhe taxar as rendas das casas em que habitavam os estudantes. Dos preços que estabelecia não havia appellação nem aggravo. Segundo cremos, as casas em que habitavam os estudantes eram todas, ou pela maior parte, da companhia. Nem de outro modo seria de justiça a existencia de tal empregado. Ainda hoje se vêem em Evora muitas casas, particularmente nas proximidades do collegio, com o signal de terem pertencido á companhia.

O hospital a que alludimos, e que se chamava da universidade, era para nelle se curarem os estudantes pobres, e para essa despeza destinava-se-lhe a renda de trezentos mil réis.

O almotacel, cuja nomeação, como as de todos os outros empregados, competia ao reitor, servia para repartir mantimentos e mercadorias, pois a universidade tinha açougue particular e feira franca. Esta feira fazia-se todas as terças feiras de cada semana, e era isenta de sizas e outros quaesquer direitos.

IV

Foi primeiro reitor da universidade de Evora o padre Leão Henriques, natural da villa da Ponta do Sol na ilha da Madeira. Á apologia d'este varão dedica o chronista da companhia de Jesus alguns capitulos da sua chronica, e não são poucos os milagres que d'elle refere.

O primeiro professor de theologia e lente de prima foi o dr. Jorge Serrão, que serviu tambem de cancellario da universidade. Succedeu ao padre Leão Henriques na reitoria, e desempenhou, além d'isso, os cargos de preposito da casa de S. Roque, de provincial, e de deputado da mesa geral do sancto officio.

Dissemos já num dos precedentes capitulos que, a pedido do cardeal, mandara S. Francisco de Borja para Evora os doutores theologos Pedro Paulo Ferrer e Fernão Peres, os quaes ambos

foram lentes de vespera e escriptura. Do primeiro diz o padre Balthazar Telles que «era homem mui noticioso, doutor mui conhecido por sua muita religião, admiravel doutrina e espantosa erudição em todas as lettras, assim divinas, como humanas; e tambem pela grande noticia e uso quasi egual das tres linguas latina, grega e hebraica. Era de memoria tão fecunda, tão prompta e presente em tudo o que tocava á escriptura sagrada e erudição de chronicas antigas, conhecimento de historias, cosmographia de terras, que com razão lhe chamavam bibliotheca viva.»

Do outro professor, que veiu de Hespanha, e se chamava Fernão Peres, diz o mesmo chronista «que logo começou a ler de vespera, e depois por muitos annos leu a cadeira de prima de theologia, com tanta fama de doutrinas, com tal opinião de lettrado e excellencia de um mui assentado saber, que foi em seus tempos tido por um oraculo de sabedoria: de maneira que suas respostas e resoluções tinham em muitas partes tanta força, como se fossem texto de direito expresso, em tal grau, que a pessoas de auctoridade se lhes representava que no moral tinha sciencia infusa.

«Mandado a Evora pelo sancto padre Francisco de Borja em começando o excellente doutor a ler naquella nova universidade, logo a fama de sua erudição e o preço de sua doutrina sahiu voando por todo o reino, com tanto lustre e resplendor, que o cardeal infante se deu por obrigado a dar graças ao beato padre commissario, por lhe mandar tal lente. E geralmente foi tal a auctoridade que teve, lendo de vespera e de prima, assim em Evora, como em Coimbra, por espaço quasi de quarenta annos, que de muitas partes o vinham consultar, ainda dos mais doutos e dos maiores principes christãos. Foi tal a clareza e agudeza com que se explicava, que não havia consciencias, por mais embaraçadas e escrupulosas que fossem, que com seu conselho não ficassem quietas e gozando de uma bella e serena paz. Era muito para ver a resolução e segurança com que fallava em pontos difficultosissimos; e era muito para notar a grande fé, com que todos a elle recorriam, tendo por doutrina certa e regra infallivel qualquer resolução e qualquer resposta, que sahia d'este novo Apollo.»

Entre outros distinctos professores, que floresceram na universidade de Evora, citaremos os doutores Gaspar Gonçalves e Luiz de Molina. O primeiro foi natural de Coimbra, aonde leu com geral satisfação a primeira classe de rhetorica. Veio depois para Evora, aonde teve o logar de professor de theologia escholastica. Foi dos mais celebrados e estimados prégadores de seu

tempo. Indo a Roma no fim da sua vida, escolheu-o o papa Sixto v, diz o padre Balthazar Telles, por um dos theologos deputados para a revista e emenda da biblia sagrada; e deante do mesmo summo pontifice teve uma elegantissima oração na entrada, que fizeram em Roma os principes embaixadores do Japão, com grande applauso da corte romana, que lhes pareceu que tornavam a ouvir a eloquencia de outro novo Tullio.

O celebre Luiz de Molina, conhecido em todo o mundo como sabio theologo, leu a cadeira de vespera, e depois succedeu ao padre Fernão Peres na de prima.

Luiz de Molina foi natural da cidade de Cuenca, e seguiu os estudos da universidade de Alcalá. Veio para Portugal, leu o curso de philosophia em Coimbra por espaço de quatro annos, e continuou depois o de theologia por largo tempo em Evora. Por fim, desoccuparam-o os superiores de ler, para imprimir as suas obras, do que até então não cuidara. Querendo, conforme o costume da epocha, fazer em latim esta publicação, revolveu de novo os auctores latinos, para se refazer no estylo, porque dizia que quem não sabia muito bem esta lingua não tinha para que tractar de imprimir, porque não ha livro bom com estylo ruim.

Em 1593 sahiu á luz em Cuenca o seu commentario sobre a *Summa* de São Thomaz, 2 vol. in fol. Em 1588 publicou em Lisboa o tractado — *De libri arbitrii cum gratiae donis concordia.* Ha tambem d'este escriptor um tractado — *De justitia et jure,* em 6 vol., impresso em Cuenca no anno de 1592 e reimpresso em Mayença em 1659.

O tractado do *livre arbitrio* deu logar a grandes controversias entre os theologos de todas as nações. Contém aquelle livro a exposição do systema, conhecido pelo nome de *molinismo,* atacado primeiro vehementemente pelos dominicos, decididos partidarios da doutrina de São Thomaz, depois pelos calvinistas e a final pelos jansinistas. Os adversarios de Molina attribuiram-lhe os erros dos pelagianos e semi-pelagianos. Foi levada a causa perante a côrte de Roma, e discutida nas famosas assembléas, intituladas congregações *de auxiliis,* desde 1597 até 1697. Após duzentas conferencias, em grande parte celebradas perante os papas Clemente VIII e Paulo V, a questão, em vez de resolvida, parecia antes mais complicada. Este ultimo papa não quiz por si resolver cousa nenhuma, e só prohibiu aos dois partidos que se dessem reciprocamente nomes odiosos.

Foi depois o molinismo ensinado nas escholas, como opinião livre, mas continuou a ter por implacaveis adversarios os augustinianos e os thomistas. O padre Balthazar Telles cita a opinião de Silvestre Maurolico, muito favoravel ao auctor do molinismo.

Tambem se pronunciaram contra os adversarios de Molina o grande orador Bossuet e o abbade Bergier.

Do *diccionario* d'este ultimo theologo extractamos as seguintes bases do systema de Molina:

1.ª Deus, com a sciencia de simples intelligencia, vê tudo quanto é possivel, e, por conseguinte, ordens infinitas de cousas possiveis.

2.ª Com a sciencia media, Deus vê o que, em cada uma d'estas ordens, cada vontade creada, usando da sua liberdade, ha de fazer, se Deus lhe der uma ou outra especie de graça.

3.ª Deus quer, de vontade antecedente e sincera, salvar todos os homens, sob a condição de que elles proprios hão de querer salvar-se, isto é, que hão de corresponder ás graças que Deus lhes der.

4.ª Deus dá a todos os auxilios necessarios e bastantes para operar a sua salvação, posto que a uns conceda mais que a outros conforme a sua vontade.

5.ª A graça, concedida aos anjos e ao homem no estado de innocencia, não foi efficaz por si mesma, porém *versatil*. Numa parte dos anjos tornou-se efficaz pelas circumstancias occasionaes, ou pelo bom uso que d'ella fizeram. No homem foi inefficaz, porque resistiu.

6.ª Succede o mesmo no estado de natureza decahida: não ha decretos absolutos de Deus, por si proprios efficazes, e antecedentes á previsão do consentimento livre da vontade humana; por tanto, não ha tambem predestinação para a gloria eterna antes da previsão dos merecimentos do homem: não ha reprovação, que não supponha a presciencia dos peccados que elle tem de commetter.

7.ª A vontade que Deus tem de salvar todos os homens, posto que manchados do peccado original, é verdadeira, sincera e activa. Foi ella que destinou Jesus Christo para salvador do genero humano. É em virtude d'ella e dos merecimentos de Jesu Christo que Deus concede a todos mais ou menos graças sufficientes para se salvarem.

8.ª Deus, com a sciencia media, vê de completa certeza o que ha de ser o homem collocado em dadas circumstancias, e soccorrido por uma ou por outra graça, e portanto quaes são os que d'ella hão de usar bem ou mal. Quando Deus quer absolutamente e efficazmente converter uma alma, ou movel-a a perseverar no bem, formúla então o decreto, por que lhe concede as graças, ás quaes prevê que a alma ha de assentir, e pelas quaes ha de perseverar.

9.ª Com a sciencia da visão, que presuppõe este decreto, Deus

vê quaes são os que têem de fazer o bem, e hão de perseverar nelle até ao fim, e quaes são os que hão de peccar ou não perseverar. Em consequencia d'esta previsão da sua conducta absolutamente futura, predestina os primeiros para a gloria eterna e reprova os outros.

Foi na universidade de Evora, aonde Luiz de Molina explicava a theologia e commentava a doutrina de S. Thomaz, que o celebre systema do *molinismo* deveu pela primeira vez ser exposto e publicamente sustentado.

IX

NAVEGAR EM RUINAS

A F. RANGEL DE LIMA

Coimbra, 15 de outubro de 1872.

Meu caro amigo. — Dar-lhe-hei noticia de uma exploração archeologica, interessante mais pelas extranhas condições do logar explorado, que por descobertas que aproveitem ás artes ou á historia.

Sabe que na margem esquerda do Mondego, em frente de Coimbra, se ergueram outr'ora os conventos de Sanct'Anna, de S. Francisco e de Sancta Clara. Dos dois primeiros não resta um só vestigio. Nem uma pedra escapou á força destruidora das cheias e á elevação successiva do areial. Do terceiro, mais afastado que os outros do leito do rio, ainda está de pé a velha egreja muito arruinada.

É um edificio dos principios do seculo XIV. Predomina em todo elle a ogiva; não a ogiva larga e desproporcionada da Sé de Evora, nem tão pouco a de lanceta com a fórma elegante e graciosa que tomou na Batalha e no Carmo, porém a de transição, como é a dos claustros de Alcobaça e de Sancto Thyrso.

Contava apenas dois seculos o mosteiro antigo de Sancta Clara e já as inundações do Mondego incommodav m as freiras, fa-

zendo estragos dentro na egreja e arruinando claustros e dormitorios. Quiz el-rei D. Manuel edificar-lhes nova casa, porem não acabou com ellas a que deixassem os logares onde a rainha Sancta Isabel, bemfeitora e edificadora do mosteiro, passara em exercicios de devoção os ultimos dias da vida.

Na segunda metade do seculo XVI, tornando-se de todo impossivel celebrar na egreja os officios divinos, mandaram as religiosas construir uma abobada na altura de uns oito ou dez metros do pavimento, e levantar sobre ella novos altares. Tinha a egreja cincoenta e seis metros de comprido e tamanho pé direito, que, apezar de cortado numa terça parte, ainda ficou o sufficiente para que a nova obra não parecesse muito defeituosa e acanhada.

Entretanto, pouco tempo aproveitou ás religiosas este expediente, porque, andado um seculo pouco mais ou menos, se mudaram para o novo mosteiro, onde têem residido e virão a acabar dentro em breves dias.

Desculpe, meu amigo, os preliminares historicos. Importa recordal-os para intelligencia do que me proponho referir.

A parte superior do templo, ou a ultima egreja que tiveram as freiras no mosteiro antigo, serve ha muitos annos de palheiro, celleiro e outras rusticas officinas. A parte inferior está inteiramente sequestrada do restante e dos terrenos adjacentes, por se terem tapado todas as communicações que havia para o lado de fóra.

Examinar estes espaços tenebrosos, buscar os occultos restos da parte inferior da egreja primitiva, hoje subterranea, tal era o fim da exploração.

O meu excellente amigo, o capitão A. de L., director das obras do Mondego, carecia de fazer certos estudos de nivelamento na margem do rio. Importava-lhe, para esse fim, sondar o pavimento da egreja. Por outra parte, amador, como eu, das antiguidades, de bom grado se prestou a junctar aos seus estudos hydraulicos o exame archeologico.

Associaram-se-nos na empreza outros dois amigos illustrados e tambem possuidos do mesmo gosto das antiguidades: o dr. C. e M. O., a quem actualmente pertencem as ruinas do mosteiro e muitos dos terrenos adjacentes.

No sabbado, 12 de outubro, reunimo-nos todos juncto da egreja, da parte do sul. Acabavam de desobstruir a ogiva de uma porta lateral, soterrada até ás empostas do arco.

No logar onde estavamos tinha sido o antigo claustro com suas fontes e jardins. D'este formoso retiro, cujos encantos não compensariam a algumas das religiosas os prazeres que tinham deixado com o mundo, não restam outros vestigios mais que os

encontros das abobadas na parede meridional da egreja e quasi rentes com o chão. Tanto se ha elevado o terreno pelo decurso dos seculos!

M. O., que não precisa de encarecer os merecimentos da sua bella vivenda com falsas tradições, e que aprecia a verdade acima de tudo, abriu-nos um quintal proximo para nos mostrar o sitio onde fôra assassinada D. Ignez de Castro, a *Fonte dos Amores*[1]. Por cima do tanque, onde corre, vêem-se ainda vestigios de uma pintura que parece ter representado a morte d'aquella dama.

De dois versos que escrevera por baixo da pintura quem a fizera, restavam sómente estas poucas palavras:

... flores
... amores
... Est... xxx...

Era o final da estancia cxxxv do canto 3.º dos *Lusiadas*, remate de um dos mais notaveis episodios do poema.

Naturalmente nos occorreu á memoria toda a estancia:

As nymphas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Véde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua e o nome amores[2].

Por aquelles mesmos sitios, e muito proximos do mosteiro, eram os paços, onde residia D. Ignez de Castro quando foi assassinada, e que tambem de todo desappareceram. D'esta proximidade e dos versos citados de Camões se deprehende que em seu tempo já aquella fonte se chamava *dos Amores*. Depois, provavel-

---

[1] Tendo-se levantado o terreno com as inundações annuaes tres ou quatro metros, não julgamos que a primitiva *Fonte dos Amores* estivesse exactamente no mesmo logar que hoje occupa. Deveria ser mais baixa e talvez para a parte do rio, por serem mais proximos d'elle que o mosteiro os paços que a rainha D. Isabel comprara ao convento de Sanct'Anna.

Na fonte primitiva, como na actual, corria a agua trazida pelo aqueducto, que chamam *Cano dos Amores*, ou por outro que já no seculo XIV tinha o mesmo nome.

[2] Convem advertir que na *Fonte das Lagrimas*, aonde o vulgo refere actualmente a morte de D. Ignez de Castro, se vê esta mesma estancia gravada n'uma lapide. A *Fonte das Lagrimas*, situada no extremo da quinta do mesmo nome, fica a sudoeste e em grande distancia da outra.

mente, da ficção mythologica do poeta se originaria o nome de *Fonte das Lagrimas,* applicado á outra mais distante, onde, por ser a nascente, as nymphas deveriam chorar, para que suas lagrimas viessem correr na *Fonte dos Amores.*

É verdade que muita gente julga ver o sangue da infeliz amante do filho de Affonso IV, milagrosamente conservado nas pedras por onde corre a agua da *Fonte das Lagrimas.* A esses nenhumas razões os despersuadirão de que o assassinio da «linda Ignez» foi onde não póde admittir-se, sem olvidar todas as poucas memorias que os historiadores nos deixaram d'aquelle facto, mais memoravel que memorado.

Quando nos tornámos á porta da egreja, estava já demonstrado por algumas sondagens que dentro d'ella havia um metro ou mais de lodo, e por cima outro metro d'agua clara e limpida. Era um como grande lago subterraneo, onde poderiamos navegar livremente em todas as direcções. Á entrada da porta sobrenadava o batel prestes para receber-nos.

Entrando primeiramente, verifiquei que o ar interior não tinha cheiro algum desagradavel. Era, porém, quente e humido. Adverti aos meus companheiros que me parecia não haver perigo em o respirar por algumas horas: entretanto que poderia conter miasmas infectos que, sem darem rebate ao sentido do olfacto, nos causasem traiçoeiramente alguma febre paludosa, que nos fizesse arrepender da curiosidade que nos impellia para aquelle tenebroso recinto.

Como homens animosos e destemidos que são, riram-se dos miasmas que não viam e entraram todos no batel.

Pelo arco aberto da porta penetrava a luz do sol, doirando a superficie da agua e esclarecendo os espaços mais proximos.

Começámos a navegar mansamente pela nave meridional, e em breve nos achámos na escuridão. Accendemos os archotes que levavamos. Os seus clarões avermelhados projectavam-se pelas paredes e abobadas e pelos arcos e pilares em que estas se estribam. Viamos em realidade uma d'aquellas ficções tetricas e espantosas com que Radcliffe outr'ora, e hoje Ponson du Terrail aguça a curiosidade dos leitores e assusta os mais ingenuos.

—Quem habitará estas sombrias regiões? perguntou um de nós.

Buscámos e não vimos senão dois individuos do genero *limax,* sem conchas, rasteando lentamente na parede humida. Mas, como não estivessemos longe da porta, ficámos em duvida se por ella teriam entrado, precedendo-nos algumas horas.

Pouco depois o doutor C., de todos nós o mais minucioso observador, enxergava uma grossa enguia a erguer-se do lodo e a

observar com curiosidade os hospedes que assim lhe devassavam sua tenebrosa habitação. Nenhum outro ser vivo encontrámos nas ruinas da velha egreja.

Chegando ao extremo occidental da nave do meio, vimos uma porta de ogiva demasiadamente estreita para ter sido a principal do templo. Nas egrejas de freiras a porta principal costuma ficar ao lado, por causa do côro.

M. O. recordava com saudade os passeios que dera em Veneza nas gondolas, por entre as ruinas de velhos palacios. Depois, lembrando-se da mythologia, comparou a navegação que faziamos com a do Acheronte.

Não acabava, quando subitamente, juncto da porta por onde entraramos, avistámos umas chammas ardentes que nasciam da agua e pareciam involver algumas pessoas que tinham acudido a observar-nos d'aquelle sitio.

Nenhum de nós tremeu, gritou ou desmaiou. Outros mais timoratos ou assustadiços julgariam que, irritados os manes das freiras, sepultas na egreja, contra quem lhes perturbava o silencio dos tumulos com discursos gentilicos, se vingavam fazendo alli apparecer o proprio inferno.

Mas as pessoas involvidas pelo fogo não se extorciam nem davam o menor signal de dôr. Continuavam a seguir-nos com os olhos, sem, ao menos, fugirem do calor das chammas.

Logo nos occorreu a explicação de tão extranho espectaculo. O fumo dos archotes carregava o ar, como espessa nuvem. A differença de densidade entre o fumo que enchia o espaço superior e as camadas do ar inferior, proximo da agua, causava um bello effeito de miragem, similhante aos que se observam no Sahara ou nos mares glaciaes. As chammas que observavamos ao longe eram as imagens das que saíam dos nossos archotes.

Continuámos a navegar pela nave central, seguindo para o nascente. No meio da egreja encontrámos uma parede de grandes pedras faceadas, a qual, cortando de lado a lado todas as tres naves, nos impediu de avançar por qualquer d'ellas.

Prolongava-se com esta parede em cada nave uma abobada tambem de cantaria, de tres ou quatro metros de largo e na mesma altura da abobada geral de tijolo, construida para se mudar a egreja para cima d'ella. Era um enigma, cuja solução demandava o exame da outra metade do templo, que a parede escondia aos nossos olhos.

Passámos depois á nave septemtrional, onde não vimos outra coisa notavel senão uma grande pedra de marmore, quadrangular, branca e lisa, quasi á flor d'agua e juncto da nave do meio. A maior parte concordámos em que teria sido um pulpito,

hypothese que a exploração da outra metade da egreja mostrou não ter fundamento.

Depois de termos andado uma hora ou mais na egreja abandonada, saimos por onde entraramos. O ar carregado do fumo já não era muito respiravel, estimulava desagradavelmente os olhos e pouco deixava ver, ainda em pequena distancia. Quando respirámos o ar livre e vimos a luz do sol, os pulmões dilataram-se com prazer e um sorriso de satisfação transluziu em todos os rostos.

Assentámos em explorar a parte oriental da egreja na proxima segunda feira, ao meio dia, e em substituir os archotes por lanternas de furta-fogo.

No dia aprazado, 14 de outubro, desobstruiu-se a porta do lado do norte, mais alta e larga que a do sul. Era aquella por onde os fieis entravam, ha quatro seculos, para dentro da egreja.

Desejando repetir o exame da parte explorada, fui mais cedo, ás nove horas da manhã, antes que mudassem o barco para o outro lado. Os raios do sol, penetrando áquella hora obliquamente dentro na egreja, permittiam uma observação mais perfeita. Foi assim que descobri na parede divisoria da egreja uma especie de janella quadrangular, que antecedentemente não viramos, cortada em certa altura pela abobada.

Ás onze horas da manhã estava aberta a porta do norte, e o barco sobre a agua. Entrei só, e, com a luz de uma lanterna, observei aquella parte das ruinas mais importante que a outra.

Seguindo do nascente para o poente pela nave do meio, fui encontrar a parede divisoria. Como da outra parte, prolongava-se com ella na distancia de cinco metros uma abobada, que era a continuação da que se descobrira do lado opposto. Pela côr, signaes de apparelho e artezões parece uma parte do edificio primitivo, e, portanto, anterior á abobada geral de tijolo.

Havia pois no meio da egreja, na altura de uns nove metros, uma abobada de oito ou nove metros de largura, ligando as duas fachadas lateraes e interceptando a parede divisoria vertical, que, provavelmente, se prolongaria para a parte de cima.

Nesta parede, vista, como eu agora a via, da parte do nascente, apparece não só a janella que do outro lado se descobre, mas tambem outra por baixo, a qual penetra na agua e no lodo. Ambas foram tapadas com alvenaria.

Sendo depois discutida entre todos esta singularidade architectonica, assentámos que para além ou ao poente da parede divisoria era o côro de baixo, e que o de cima se prolongaria sobre a abobada, ficando assim á egreja, frequentada pelo povo, mais o espaço de cinco metros por baixo do côro superior.

..

Avançando para o nascente pela nave septemtrional, cheguei a uma capella que lhe serve de remate. Os capiteis das columnas são mais perfeitos que os outros da egreja. A abobada é muito elegante, á maneira de cupula, e artezoada. Em correspondencia com esta e na outra nave lateral, achei uma capella similhante. Entre ellas fica um espaço mais amplo, qne era a capella-mór. A abobada que cobre este espaço é de tijolo, prolongamento da que se construiu no seculo XVI. A abobada primitiva, mais alta que as das capellas lateraes, ainda se vê pela parte de cima, juncto de uma eira que fica ao nascente da egreja.

Andando pela nave meridional, achei na parede uma linda ogiva de marmore, comparavel ás mais elegantes da Batalha. Não era de capella, porque o espaço interior apenas tem cincoenta ou sessenta centimetros de fundo. Seria um ediculo, onde primitivamente estaria o tumulo da rainha Sancta Isabel? Por fóra e por dentro viam-se os logares d'onde tinham arrancado os azulejos.

Depois repeti o exame com os meus amigos doutores C. e L. J., que neste dia o acompanhava.

Qnando mais entretidos estavamos a discutir a edade de um arco ou o apparelho de uma pedra, ouvimos vozes que nos chamavam. Não sabiamos de quem fossem, porque, resoando entre a agua e a abobada, perdiam o timbre caracteristico. Approximámo-nos da porta. Era M. O., que logo saltou para o barco. Pouco depois vieram A. de L. e um empregado da sua repartição, a quem demos os ultimos logares. O barco estava cheio com as sete pessoas que tinha dentro. O bordo pouco distava da agua. Qualquer descuido num movimento o afundaria, lançando-nos no lodo, d'onde nos custaria a safar.

Afinal novos brados annunciaram a vinda de outro explorador. Era A. M., que teve de esperar a vaga de um logar.

Passado pouco tempo sairam A. de L., e o doutor L. J. Entrou logo A. M., que estava ancioso por tomar parte na exploração.

Combinámos em não dizer-lhe coisa alguma, para que, por si e do que visse, tirasse as conclusões que lhe parecesse. A. M. saiu-se muito bem d'este exame. Não lhe escapou um vestigio, um signal, uma particularidade por pequena que fosse.

Todos os seus juizos pareceram conformes aos nossos, embora não tivesse assistido ás explorações anteriores, nem tomado parte em nossas discussões.

Regressando para a cidade, dizia-nos o doutor C.:

—Se eu tornar a ser ministro, lembrem-me as explorações archeologicas em Portugal, que desde já lhes prometto que se hão de fazer muitas e importantes.

Ao que eu respondi:

—Pela minha parte hei de ter o maior cuidado em não lembrar taes coisas a v. ex.ª

—Porque?

—Porque sou seu amigo, e não o quereria de modo algum desacreditado entre muita gente, que, se visse um ministro mandar fazer excavações e não tirar debaixo da terra com que *matar o deficit,* logo o teria por incapaz de dirigir os negocios do seu ministerio.

Recolhi a casa, e ao correr da penna lancei no papel as impressões que a exploração das ruinas me deixara.

Se da publicidade lhe parecerem dignas, dê mais essa honra ao seu amigo e collega obrigado, etc.

X

O TEMPLO ROMANO DE EVORA

> Se os homens, ainda aquelles a quem mais fallecem naturaes disposições para apreciar a graça e a belleza, contemplarem, todos os dias, obras primas da pintura, esculptura e architectura, se forem educados entre cousas taes, como em ar puro e saudavel, acabarão por ter o gosto de tudo o que é bello, decoroso e delicado; acostumar-se-hão a notar com verdade as perfeições e defeitos nas obras da arte e da natureza, e esta feliz rectidão de idéas tornar-se-lhes-ha habitual ao espirito.
>
> PLATÃO.

I

São os monumentos religiosos aquelles que mais clara idêa nos dão da architectura e esculptura e, por conseguinte, do estado social dos povos que os edificaram. De tantos templos, porém, que, por inscripções, sabemos ter havido na Peninsula, durante a dominação romana, apenas subsiste de pé o de Evora, e, ainda assim, muito mutilado.

Os odios de religião, mais implacaveis que os de raça, explicam o total aniquilamento de edificios que, por sua perfeição a solidez, deveriam ser os ultimos a desapparecer da superficie de terra.

Se outras razões ponderosas não houvera, bastaria esta da singularidade para que não faltassem áquellas venerandas ruinas

eborenses com o respeito e consideração que merecem, para as conservarem como reliquias preciosas que em verdade são, e as estudarem, como expressivo monumento, unico representante, em seu genero, da perfeição das artes introduzidas na Peninsula pela civilisação romana.

Todavia estariam hoje, ou ao menos dentro de pouco tempo, inteiramente perdidas se não residira alguns annos em Evora quem escreve estas linhas. E tambem é este nosso, que á falta de melhor e mais competente apresentâmos em publico, o primeiro estudo que em Portugal se faz de tão importante monumento. Por onde se prova o muito que esta nação despreza as memorias que as outras mais estimam.

Releve-nos, portanto, o leitor tractarmos este assumpto com alguma dilação. Temos, por uma parte, de destruir opiniões que, á força de terem sido repetidas, sem que ninguem as impugnasse, deitaram fundas raizes. Por outra parte cumpre-nos, a fim de substituir taes opiniões por outras mais arrazoadas, buscar e descobrir a verdade por entre as densas trevas que a involvem.

Primeiro que tudo vejamos qual é a historia do templo segundo os nossos escriptores, e mais em particular os eborenses. E examinemos conjunctamente alguns factos historicos correlativos, porque, se bem que pareçam extranhos ao assumpto, nelles acharemos provas interessantes ao que nos propomos demonstrar.

II

Pelos annos de 87 antes de Jesus Christo assenhorearam-se de Roma tres grandes capitães á frente de seus exercitos. Era Mario, o vencedor dos cimbros e teutões; Cinna, o turbulento adversario de Cneio Octavio; e finalmente Sertorio, já então famoso pela guerra de Italia, e que mais tarde havia de ser, como Viriato, illustre e valoroso propugnador das liberdades lusitanas.

Alguns annos depois, coroado com os louros de muitas victorias, Sylla regressava do oriente, vencia Mario e entrava triumphante em Roma, assassinando uns e proscrevendo outros de seus inimigos.

Um dos proscriptos foi Sertorio, que de Italia passou á Hespanha, esperando talvez aproveitar-se das resistencias que os povos da Peninsula offereciam ao jugo romano para suscitar a Sylla embaraços e difficuldades. Os roubos e vexames dos proconsules e as exacções do fisco faziam os romanos odiosos, e instigavam os indomitos habitantes da Iberia a pugnar pela perdida

independencia, revoltando-se, sempre que podiam, contra seus poderosos dominadores.

Sertorio, diminuindo os impostos e seguindo em tudo um systema contrario ao das auctoridades romanas, constituiu um partido numeroso nas principaes cidades da Celtiberia. Porém, como lhe fatassem as forças necessarias para resistir ao exercito que Sylla mandara á Hespanha, capitaneado por Caio Annio, teve de refugiar-se na Mauritania com os soldados que lhe restavam

Entretanto progredia a revolta dos lusitanos, que deputaram alguns de seus principaes ao proscripto, pedindo-lhe que viesse capitaneal-os.

Annuiu Sertorio ao pedido e, voltando no anno de 80 com os seus soldados á Peninsula, e reunindo-se a alguns milhares de lusitanos, assenhoreou-se dentro em pouco da Lusitania e Betica.

Logo Sylla intentou suffocar esta revolução que ameaçava comprometter e prejudicar gravemente o dominio e os interesses de Roma na Peninsula. Mandou em 79 Lucio Domicio contra Sertorio. Mas o pretor foi vencido e forçado a fugir. Veio depois Manilio, pretor da Gallia Narbonense, que teve a mesma sorte do seu predecessor. Seguiu-se Metello Pio, um dos famosos generaes do partido de Sylla, que teve ainda de retirar-se desbaratado por Sertorio.

No anno de 77 antes de Christo, sendo já morto Sylla, veio Perpenna da Italia continuar a guerra por sua propria conta. Porém os seus soldados, que eram em numero de doze mil, o obrigarem a reunir-se áquelle contra quem se propunha combater.

Por determinação do senado entrou em 78 na Peninsula novo exercito ás ordens de Pompeu, que, mal succedido logo em principio, teve de acolher-se á cordilheira dos Pyreneus.

Nos annos seguintes correu a guerra com vario successo. Hirtuleio, um dos generaes de Sertorio, pereceu com seus irmãos juncto de Italica na Betica, depois de ter perdido dezoito mil soldados, combatendo contra Metello. Tanto este general, como Pompeu, se assenhorearam de muitas cidades.

Alcançou, porém, Sertorio no anno de 75 uma assignalada victoria, desbaratando o exercito de Pompeu, que fugiu só e com grande risco de ser assassinado.

Não se conhecem os successos militares dos annos de 74 e 73, o que induz a crer que neste curto espaço de tempo viveria Sertorio menos desassocegadamente que nos annos anteriores, até que em 72 foi morto á traição, num banquete, por Perpenna e outros romanos que a este se associaram na conspiração.

Sertorio não foi sómente um habil e valoroso guerreiro. Nobres qualidades, espirito culto e bom coração, tanto como o seu valor,

o faziam querido dos povos da Peninsula, que ambicionava transformar de provincia romana em nação independente e rival de Roma. Neste intuito a dividiu em duas grandes provincias ou districtos: a Lusitania e a Celtiberia, fazendo Evora capital da primeira e capital da segunda Osca (hoje Huesca).

Até aqui a historia; agora a lenda:

Quando Sertorio regressava a Evora, carregado com os despojos dos exercitos vencidos ou das cidades saqueadas, occupava-se de fortificar e engrandecer com sumptuosas fabricas a sua patria adoptiva[1].

Cercou-a de muros com vinte e cinco palmos de grossura, revestidos de enormes silhares e entrecortados de majestosas torres. Construiu um aqueducto de dezesete mil passos de comprido, que trazia a agua ás maiores alturas da cidade. Edificou o seu magnifico palacio exornado de preciosas estatuas e columnas, onde é hoje o convento das freiras do Salvador, na praça do Peixe. Foi tambem obra sua o templo romano que dedicou á deusa Diana a quem adorava, fingindo que ella, por meio de uma corsa que sempre o seguia, lhe revelava os segredos do céo e os designios dos inimigos contra quem tinha de combater[2].

III

Quem tiver escutado attentamente esta narrativa não precisará de grande reflexão para a julgar contradictoria. Com effeito, importando em todos os povos ao desenvolvimento das artes uma paz firme e duradoura, como foi que Sertorio, no breve espaço de

---

[1] Mendes de Vasconcellos, Severim de Faria, Fialho e Fonseca são todos de opinião que Evora se assimilhava a Roma, o que a tornava predilecta de Sertorio. O primeiro escreveu: «Se algum pois considerar não uma vez sómente e de passagem os grossos campos de Evora, os altos montes que ao redor a cercam a modo de amphitheatro, este, se alguma vez viu Roma e seu termo, grande similhança achará entre um e outro terreno; tirando sómente não ter Evora ribeira e ser inteiramente sertã.» E prosegue comparando a serra de Ossa aos montes Tiburtinos; e as de Portel, Vianna e Alcaçovas aos montes Sabinos, Prœnestinos, Tusculanos e Albanos. Liv. v do municipio eborense. Traducção de B. J. de Sousa Farinha.

[2] Seguiram ainda modernamente estas idéas, ácerca da origem sertoriana do templo e outros monumentos, os srs. Ignacio de Vilhena Barboza no *Archivo Pittoresco*, tomo viii, pag. 313 e no *Commercio do Porto*, de 16 de novembro de 1872, e Antonio Francisco Barata, no jornal *Instituto Vasco da Gama*, tomo i, pag. 202. E tambem Romey, *Hist. d'Espagne*, tomo i, pag. 262.

poucos annos e occupado quasi sempre em resistir aos exercitos de Roma, pôde edificar todos esses monumentos e os demais de que se perderiam totalmente os vestigios? Como poderia distrahir para construcções dispendiosas o dinheiro e os braços de que tanto necessitava para a guerra? Como, finalmente, introduziria na Lusitania uma consequencia da civilisação, sem ter podido civilisar primeiro os lusitanos e dar-lhes a instrucção e a cultura que em todas as nações antecedem a perfeição, o desenvolvimento e o gosto das artes?

Em vista das imperfeitas condições sociaes da Peninsula antes da vinda de Sertorio, e do modo porque em seu tempo foram alteradas, o mais que racionalmente poderiamos conceder aos sectarios d'aquella opinião, seria que Sertorio tivesse fortificado Evora ou outras cidades para resistir aos ataques dos inimigos que de continuo o ameaçavam.

Aqueductos, templos e outros edificios ornados de marmores seriam obras de luxo entre povos que não o podiam ainda ter, e provariam ao mesmo tempo notavel imprevidencia de quem os fundasse, sem attender a que, de um para outro momento, viriam a ser destruidos pelos soldados inimigos que entrassem na cidade. E nem de entrar nella ou, ao menos, de approximar-se muito precisavam para demolir o aqueducto, que por mais de tres leguas se extendia para além dos muros.

É verdade que André de Rezende se refere a uma inscripção, que diz ter largamente tractado na apologia contra o bispo de Vizeu em favor da existencia do aqueducto que Sertorio construira [1]. Essa inscripção, que Vasconcellos, Morales e Brito publicaram, conserva-se na praça de Evora, na parede dos paços do concelho, esculpida modernamente num marmore em tudo similhante a outros dois que alludem a D. João III e a Filippe II com as datas de 1522 e 1605.

A inscripcão, tal qual se lê naquelle marmore, para onde parece ter sido trasladada, é a seguinte:

Q· SERTOR····· ·····
HONOREM NOMINIS SVI ET COHORT FORT
EBORENSVM MVNIC VET EMER VIRTVTIS ERGO
DON DON BELLO CELTIBERICO DEQVE MANVBIIS
IN PVBLIC MVNIC EIVS VTILITATEM VRB··
MOENIVIT EOQVE AQVAM DIVERSEIS IN DVCT
VNVM COLLECTEIS FONTIB PERDUCENDAM CVRAV·

Assim a deu Gruter e tambem com as grandes variantes das

[1] *Historia da antiguidade da cidade de Evora,* cap. VI.

copias de Strada e Schott, pondo-a, tanto de um como de outro modo, na classe das espurias[1]. Hubner igualmente a considera apocripha[2]. O proprio Rezende parece ter tido escrupulos de lhe dar logar em suas obras, excepto na mencionada apologia, que se perdeu inedita, e talvez o proprio auctor não tencionasse imprimir quando a escreveu.

E muito é para extranhar que, ascendendo as artes, como dizem, a tão alto gráu de perfeição em tempo de Sertorio, e sendo Evora o centro d'esta civilisação, não tenha apparecido dentro em seus muros numa sô inscripção authentica o nome glorioso e memoravel do vencedor de Pompeu.

Posta de parte, com o voto dos mais auctorisados epigraphistas, a inscripção referida, não resta mais que o seguinte syllogismo para demonstrar a opinião dos que attribuem a Sertorio as edificações romanas de Evora:

Sertorio engrandeceu Evora, fazendo-a capital da Lusitania. Em Evora houve templo, aqueducto[3] e outras obras sumptuosas similhantes ás dos romanos. Logo foi Sertorio quem as mandou fazer.

A conclusão não se contém na premissa; e, se tantos escriptores desde o seculo XVI até hoje o não têem visto ou querido ver, não lancemos a culpa senão ao exaggerado patriotismo, que em todos os tempos tem falsificado a historia em muitos pontos importantes. Era Sertorio um capitão romano, mas combatia contra os romanos em prol da independencia da Peninsula. Pareceria, por tanto, obra mui benemerita a tirar aos dominadores a gloria do engrandecimento de Evora, para a dar tão sómente áquelle que trabalhara para repellir a dominação e, até certo ponto, o conseguira.

Demais, o espirito humano, sem as luzes da historia, propende naturalmente para reduzir a uma só epocha factos de epochas differentes, para attribuir a um homem só o que muitos fizeram. As grutas naturaes, as antas, os castellos dos seculos XII e XIII, diz o vulgo serem obras dos moiros. Não ha muitos annos que até pessoas muito illustradas suppunham do Grão Vasco todas as pinturas em madeira dos seculos XVI e XVII, que appareciam em

---

[1] Gruter, *Inscriptiones antiquae totius orbis romani*, tomo II, *Spuria ac Supposititia*, IV, 8 e 9.

[2] *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 43.

[3] A existencia do aqueducto romano prova se não pela inscripção que dissemos ser falsa, porém pelos tanques que circumdavam o templo, cujos vestigios muito extensos, apparecidos modernamente, já tinham sido vistos no seculo XVI por André de Rezende. Na bibliotheca publica de Evora se conservam fragmentos de cimento dos mesmos tanques.

Portugal. E, com effeito, seria mister que Vasco Fernandes vivesse dois e mais seculos, para que lhe não faltasse o tempo absolutamente indispensavel para a obra immensa que lhe attribuiam.

Não havendo pois um só argumento ponderoso em favor da hypothese que os suppunha de Sertorio, vejamos agora as razões por que reputàmos posteriores á epocha d'aquelle guerreiro o templo e outros monumentos romanos da cidade de Evora[1].

IV

Numa extensa collina, alta bastante para ao longe parecer notavel eminencia, jaz edificada a cidade de Evora. Vastos campos a circumdam, os quaes se dilatam por muitas leguas até acabarem nas serras de Ossa, Arrayolos, Montemuro, Vianna e Portel, que lemitam com uma curva irregular, ora angulosa, ora ondulada, toda a circumferencia do horizonte.

Na parte culminante da collina, acima dos edificios da cidade, em frente dos vastos campos, e como senhoreando tudo, construiram os romanos o alteroso templo. Já se não ergue, porém, livre

---

[1] Ao sr. A. F. Barata (jornal citado em a nota 2.ª a pag. 121) não parece de todo o ponto inadmissivel a crença do povo eborense ácerca da origem sertoriana do templo e aqueducto pelas razões seguintes:

1.ª Entre os soldados que Perpenna trouxe de Italia poderiam ter vindo artistas.

Era isto possivel, e tambem o não terem vindo ou terem vindo para combater e não para edificar. Qual das tres supposições será mais provavel?

2.ª A Peninsula estava já muito civilisada, porque Sertorio fundou uma academia em Osca.

Se o facto é verdadeiro, apenas prova que Sertorio intentou civilisar a Peninsula por aquelle meio. Mas em oito ou dez annos nenhuma academia seria capaz de elevar á perfeição a architectura em qualquer povo, ou de fazer-lhe adoptar a que já fosse perfeita numa nação extranha, cujas artes, como tudo o que respeitasse a inimigos, deveriam repugnar a esse mesmo povo.

3.ª Muito antes de Sertorio havia já aqueductos romanos, e d'elles escrevera Sexto Julio Frontino.

Havia aqueductos em Roma. Porém não se prova que os houvesse grandiosos, como o de Evora deveria ser, nas provincias que Roma não dominava ainda inteiramente, e que, andando em continuas guerras com a metropole, não podiam ter aqueductos, pela grande facilidade que havia em destruil-os fóra dos muros das cidades.

Sexto Julio Frontino escreveu de aqueductos anteriores a Sertorio, mas depois do tempo em que este capitão viveu.

e desaffrontado como outr'ora. Sobrepuja-o a agigantada cathedral, e acercam-se-lhe de mais perto, de todas as partes excepto do norte, o paço dos arcebispos, a bibliotheca publica, as casas em que transformaram o tribunal da inquisição, e finalmente o vasto palacio dos duques de Cadaval, ainda com mascarados vestigios do nobre solar dos condes de Olivença e do antigo castello com suas torres ameiadas.

O templo é de fórma quadrangular. Representa a sua planta um parallelogrammo perfeito com o eixo maior dirigido de norte a sul.

O envasamento ou pedestal continuo é feito de alvenaria, e, em contrario do que se poderia julgar pela perfeicão das columnas e por outras obras congeneres de França ou Italia, não o reveste o grande, médio ou pequeno apparelho, nem ainda o reticulado. É o *opus incertum,* como se encontra em construções mais vulgares. Todavia em varios pontos conservam-se restos de um cimento ou formigão hydraulico, que parece ter revestido todas as paredes. O serem tão poucos estes restos explica-se pelas restaurações que modernamente se fizeram em muitos logares, onde a continuação do ar humido ou da chuva desaggregava as pedras exteriores. Similhante a este é o cimento que guarnecia os tanques adjacentes ao templo[1].

O envasamento está desmoronado na parte meridional, como se tivessem arrancado grandes pedras de cantaria que por este lado o cobrissem em alambôr. De certo eram aqui as escadas que davam accesso para a parte superior do pedestal e interna do edificio.

Sómente o dado do envasamento é de alvenaria. A cornija, a base e o socco são de granito apparelhado.

Quando se restauraram as ruinas, fez-se nesta parte do templo uma excavação profunda, na direcção diagonal, e não appareceram mais que as varias camadas de alvenaria de que é formada. Ao lado do poente e em meio do comprimento do templo encontrou-se um poço circular, excavado na alvenaria e com a côr vermelha em partes[2].

---

[1] Conservam-se na bibliotheca publica de Evora alguns fragmentos grandes do cimento dos tanques. Appareceram estes fragmentos quando em 1862 ou 1863 se rebateu o terreno junto do templo para alargar e macadamisar as ruas Oriental e Occidental de Diana. Rezende víra tambem estes e outros vestigios do aqueducto.

[2] A altura de todo o envasamento é de $3^{m},45$: da moldura $0^{m},45$, do nato ou dado $2^{m},10$, da base $0^{m},35$, do socco $0^{m},55$. A largura medida no socco é de $15^{m},25$; o comprimento $25^{m},18$.

Sobre o envasamento erguem-se as columnas em numero de quatorze e mais a base de outra, guarnecendo todas a metade septemtrional do edificio. Seis preenchem o lado menor do envasamento, na parte que olha ao norte; e de cada lado maior, attendendo a proporção em que está com o lado menor, deveria haver onze columnas, comprehendendo as dos angulos e portanto as duas extremas das seis já mencionadas. Faltam os capiteis a duas das cinco columnas restantes no lado occidental.

Os capiteis e bases das columnas são de marmore branco, os fustes de granito, a ordem corinthia. É para admirar-se tanto a perfeição com que foram lavradas as folhagens dos capiteis; como a grande elegancia com que ainda hoje, apezar de mutilados, servem de graciosos remates ás altas columnas.

Os fustes, clausteados com doze meias canas cada um, são feitos de peças de granito de menor altura que o diametro da columna. As bases não têem ornatos.

Do entabalamento resta a architrave de granito, e em cima d'ella alguns fragmentos do friso tambem de granito e inteiramente lisos [1].

Pela grande mutilação que padeceu o templo desappareceram todos os vestigios da *cella* ou sanctuario, que era a sua parte essencial. Adeante da cella para o lado do sul deveria ter sido o *pronaos* ou vestibulo. Por detraz, ou da parte do norte, era o *posticum,* do qual restam as columnas que o limitavam, sendo entre ellas as seis do lado septemtrional. E como a estas columnas correspondiam outras seis no lado meridional ou na fechada, pertence o templo de Evora á classe dos *hexastylos*. Poderia tambem ser *periptero,* porque totalmente o guarneciam as columnas. Mas, como no templo congenere de Nimes as lateraes estão encostadas ás paredes da cella, e no de Evora a largura total é ainda menor que naquelle, ha plausivel razão para suppor que tambem aqui as columnas estariam unidas ás paredes da cella. Parece pois que o nosso templo teria sido antes *pseudo-periptero.*

---

[1] A altura da columna, comprehendendo capitel e base, é de $7^{m},68$; do capitel $1^{m},01$, do fuste $6^{m},19$, da base $0^{m},48$. O diametro da base e da parte interior do fuste em contacto com ella é de 1 metro. A distancia de eixo a eixo de duas columnas proximas é de $2^{m},25$ no lado maior e de $2^{m},68$ no lado menor. Os intercolumnios no lado maior medem $1^{m},35$, no lado menor $1^{m},68$. A altura da architrave com os fragmentos do friso que ainda restam é $1^{m},71$.

Todas estas medidas, excepto as do envasamento, intercolumnios, e diametro do fuste, foram tomadas com o graphometro, pela grande difficuldade que havia de chegar com alguma escada á architrave. Por isso não deverão reputar-se rigorosamente exactas, porém approximadas.

Emquanto aos tanques adjacentes, que se descobriram em 1840 ou poucos annos depois nas excavações dirigidas pelo sr. Rivara [1], observaremos que em Nimes, não no templo a que alludimos *(maison carrée)*, mas noutro, que chamam de Diana, appareceram tambem vestigios que persuadiram ao sr. Pelet que a porta do edificio ficava entre duas cascatas [2].

V

Houveram de correr muitos seculos primeiro que em Roma se aperfeiçoasse a arte de edificar. Não tinham os romanos genio artistico. Antes da conquista da Grecia o desenvolvimento das artes não correspondia de modo nenhum entre elles ao da organisação militar e das instituições politicas, que lhes promettiam já o dominio do mundo.

Até ao anno de 470 da fundação de Roma, ou 283 antes de Christo, nem ao menos conheciam o uso das telhas para cobrir as casas em que habitavam. Na edificação dos templos seguiram durante muitos seculos a pesada e disforme architectura dos etruscos, menos atrazados nas artes do que elles proprios. Eram estes edificios quadrilateros e de um estylo dorico, ainda mais pesado que o primitivo da Grecia.

Definitivamente conquistado este paiz, o gosto da architectura não se introduziu desde logo em Roma. Desenvolveu-se mais tarde, quando as grandes riquezas das nações subjugadas geraram no povo romano o amor do luxo, dos prazeres, das obras primas da arte, de tudo, emfim, que por qualquer modo podia deleitar-lhe os sentidos ou lisongear-lhe a vaidade.

Este grande e rapido desenvolvimento das artes succedeu nos ultimos annos da republica, e mais particularmente no imperio de Augusto. Pelos annos de 676 da fundação de Roma (77 antes de Christo), diz Plinio, não havia em todo o recinto da cidade casa mais bella que a de Lepido, e trinta e cinco annos depois

---

[1] *Instituto Vasco da Gama.* Additamento do sr. Rivara a um artigo do sr. A. F. Barata. N.º 8.º agosto de 1872, pag. 210.

Acharam-se tambem vestigios dos tanques, quando se fizeram as excavações citadas na nota 1.ª da pag. 125.

[2] De Caumont, *Abécédaire d'archéologie — Ere gallo-romaine,* 2.ᵉ édit., pag. 235.

esta mesma casa nem já merecia ser classificada em centesimo logar.

Só muito tarde começaram a ser exploradas as pedreiras de marmore da Italia. Aquelle de que se faziam em principio os templos mais sumptuosos vinha, como os artistas, ou como as estatuas, da Grecia. Até columnas de lá traziam, arrancadas aos monumentos primorosos da arte grega. O primeiro templo de marmore em Roma edificou-o Quinto Metello, consul 138 annos antes de Jesus Christo [1].

Não é, portanto, admissivel que, ao tempo em que a architectura principiara a aperfeiçoar-se e desenvolver-se em Roma, se fizessem já edificios sumptuosos, adornados de marmores, em provincias, a cujos habitantes davam em geral na metropole o nome de barbaros.

A historia demonstra irrefragavelmente que em povo nenhum florescem as artes sem primeiro decorrerem largos annos de paz e prosperidade, que favoreçam o estudo e a cultura intellectual e permittam aos chefes do governo e aos principaes cidadãos enthesourar riquezas que paguem o trabalho dos artistas. Estaria, porém, nessas condições a Peninsula durante os dois ultimos seculos decorridos antes de Jesus Christo? Não por certo. A sua historia por esse tempo, que, sem os auctores romanos, ignorariamos totalmente, não é mais que uma relação continua de guerras, invasões e revoltas. Este estado, incompativel com a cultura das artes, prolongou-se até ao anno de 45 antes de Christo, que foi quando Julio Cesar alcançou finalmente reduzir á inteira sujeição as provincias, dando-lhes constituição politica e civil, e sobre tudo governo regular.

Depois de estabelecida a paz, e postas em relações commerciaes a metropole e as provincias, sómente depois é que os lusitanos, como os outros povos da Peninsula, poderiam acceitar, com a religião, leis e costumes romanos, a architectura usada em Roma. Sómente depois de longa paz, não alterada por muitos annos, se poderiam abrir estradas que não fossem vias militares destinadas a assegurar a dominação, fazer aqueductos, edificar templos, levantar arcos de triumpho, construir thermas, circos, theatros, palacios, e lavrar inscripções commemorativas d'essas grandes obras.

---

[1] *Mommsen's history of Rome,* vol. III, pag. 475 e 476.

VI

Edificaram os romanos innumeraveis templos na Peninsula iberica. Além das ruinas do que existiu em Evora têem apparecido em Portugal inscripções ou vestigios de outros juncto de Terena e Villa Viçosa, em Beja, perto de Arrayollos, na villa do Torrão, em Lisboa, etc.; na Hespanha, em Tarragona, Coruña del Conde, Murviedro, Saragoça, etc., etc. Mas em parte nenhuma se conservou, como em Evora, todo o envasamento do templo, e metade ou mais das columnas com seus capiteis e architrave. São, por conseguinte, as ruinas do nosso templo as mais importantes em toda a Peninsula. Dão clara idêa do monumento, cuja fórma, plano, majestade e perfeição artistica ainda hoje com evidencia demonstram.

Não podem os nossos vizinhos hespanhoes determinar rigorosamente as eras em que foram construidos muitos dos templos e outros monumentos que houve em Hespanha durante a dominação romana. Attribuem-os, porém, quasi todos ao periodo dos dois seculos, decorridos desde o principio do imperio de Augusto até ao de Septimio Severo[1].

Aquelles a quem interessar a historia das artes em Portugal, não se contentarão de certo com tão vaga determinação. É muito longo o espaço de duzentos annos, e um monumento, como o de Evora, merece que mais approximadamente se lhe rastrêe a edade.

Julio Cesar, conquistando no centro e no meio-dia da Europa a Gallia, a Hespanha e a Lusitania, introduziu nestes povos as leis, os costumes e a civilisação romana.

Todavia não é provavel que desde logo se aperfeiçoassem as artes a ponto de produzirem monumentos, que mais correspondem ao apogeu do que aos principios de uma civilisação. Assim, nem ao tempo da dictadura de Cesar nem ao imperio de Augusto attribuiremos os vestigios mais perfeitos da architectura e da esculptura romana que têem apparecido em Portugal. E nisto vamos conformes com os archeologos francezes e hespanhoes relativamente a França e Hespanha.

---

[1] Caveda, *Ensayo historico sobre los diversos generos de arquitectura empleados en España*, pag. 38.

Depois com as devassidões e crueldades de Tiberio, Caligula, Claudio e Nero, coincidiu a decadencia rapida das artes. Emfim, nos reinados de Adriano, Trajano, Antonino e Marco Aurelio, o imperio resurge do abatimento em que jazera, e as artes, por effeito de uma benefica reacção, brilham de novo com vivos resplendores.

Eram naturaes da Peninsula os dois primeiros, e, por isso, mais em particular deveriam empenhar-se em engrandecel-a com obras magnificas para utilidade de seus compatriotas. A famosa ponte de Alcantara sobre o Tejo foi Trajano quem a mandou fazer; e outras obras sumptuosas, fundada ou infundadamente, lhe andam attribuidas.

Demais, com relação ao templo de Evora, a perfeição dos capiteis corinthios, as boas porporções das columnas, a majestade do todo patenteada na parte restante, persuade que, bem como os melhores monumentos peninsulares do estylo greco-romano, seria edificado antes dos seculos III ou IV, em que era já grande a decadencia da arte.

A fórma do templo, os lavores das columnas e capiteis são de um typo que se nos depara noutros monumentos congeneres edificados no seculo II, tanto em Roma como nas provincias. É o typo do templo de Antonino e Faustina, transformado na egreja de S. Lourenço *in Miranda* em Roma [1] e tambem o do templo de Nimes *(maison carrée)* em França [2].

Donde concluiremos que o templo romano de Evora foi com toda a probabilidade edificado no seculo II da era christã.

---

[1] Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* tom. 2.e, 1.e part., pag. 111, planche XXII.

[2] Vej. o desenho do templo e dos elementos que o constituem em Gailhabaud, *Monuments anciens et modernes*. tom. 1.er

Sabe-se que a inscripção d'este templo, feita de letras de bronze, estava no friso, donde foi arrancada antes de ser conhecida. O sr. Séguier, pelos vestigios dos cravos que firmavam os caracteres na pedra, restituiu a inscripção de modo que o templo seria dedicado aos filhos adoptivos de Augusto. Mas, segundo a correcção do sr. Pelet, a inscripção referir-se-ia antes aos filhos adoptivos de Antonino. Confessando a nenhuma certeza de qualquer restituição por meio de tão duvidosos vestigios, é certo que os mais auctorisados archeologos francezes attribuem a edificação do templo a esta ultima epocha. Vej. De Caumont, *op. cit.*

VII

A tentativa mais importante que se tem feito para determinar a edade de monumentos romanos de Portugal, é de ha poucos dias e de um illustrado academico hespanhol. O sr. D. José Amador de los Rios, tendo estudado attentamente em Lisboa e Porto os sarcophagos romanos que se guardam nos museus d'estas cidades, escreveu uma noticia critica e descriptiva dos citados monumentos [1].

Suppõe o auctor que o sarcophago mais perfeito, o que foi achado em Reguengos, no districto de Evora, se não ha de attribuir senão ao tempo de Trajano. Reputa-o obra prima de esculptura, parecendo-lhe que tão sòmente poderia ser lavrado no tempo em que as artes mais floresceram na Peninsula.

Com effeito, este sarcophago, junctamente com o templo romano de Evora e o torso de uma estatua achado nas cercanias de Beja[2], são os specimens mais perfeitos que da arte luso-romana se têem descoberto em Portugal. Pertencem evidentemente á mesma epocha e não muito longa, porque a perfeição que patenteiam não poderia subsistir por largos annos atravez das vicissitudes e alternativas do imperio romano.

Por conseguinte, diremos que, se o templo de Antonino, o de Nimes e o sarcophago apparecido no monte da Azinheira juncto de Reguengos, são obras do seculo II, o templo romano de Evora tambem o deve ser. Avançar mais longe, determinar, como fez o sr. Amador de los Rios, com relação ao sarcophago, o reinado em que o templo seria construido, parece-nos exaggerar muito a importancia dos dados que a historia e as artes nos ministram para a solução do problema.

---

[1] Publicada com as gravuras respectivas no tomo II do *Museu español de antigüedades*. Já em 1867 o sr. E. A. Allen, director do museu municipal do Porto, escrevera e publicara uma noticia em que attribuira o sarcophago, existente naquelle museu, ao periodo de 96 a 260 «ou *ainda para além* d'este ultimo anno um quarto ou uma ametade de seculo.» *Noticia e descripção de um sarcophago romano, descoberto ha annos no Alemtejo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu museu municipal.* Porto, 1867, pag. 17, nota 2.ª

[2] Este precioso fragmento pertence á collecção de antiguidades que ajunctámos em Evora e se guarda hoje na galeria dos paços de D. Manuel no Passeio publico.

VIII

A que divindade foi o templo consagrado?

Em Evora todos lhe chamam *templo de Diana,* e alguns escriptores lhe têem dado esta mesma designação, que o sr. Hubner attribue falsamente a André de Rezende [1]. O antiquario eborense parece não ter sabido que ao monumento se deveria chamar templo. Não lhe deu outro nome senão o de *portico* [2]. Assim o denominou tambem Diogo Mendes de Vasconcellos [3]. *Portico de columnas corinthias* lhe chamou ainda Gaspar Estaço [4].

Severim de Faria, no elogio de Evora, menciona apenas as *fabricas corinthias* de Sertorio. Brito não diz nada.

Onde primeiro se menciona o *templo de Diana edificado por Sertorio* é na *Evora Illustrada* do padre Manuel Fialho. Por onde se vê que sómente nos fins do seculo XVII se veio a saber que as ruinas incorporadas na velha casa, que servia de açougue, eram de um templo romano. Classificadas as ruinas como de um templo, nada mais natural que attribuil-o, como os outros monumentos romanos de Evora, a Sertorio, e julgal-o sagrado a Diana por causa das revelações que fingia ter d'esta deusa aquelle capitão.

O sr. abbade de Castro entende ter sido outra a dedicação do tempo de Evora, porque a Diana competiam os de estylo jonico e não os de estylo corinthio. Confirma o sr. Rivara esta observação, lembrando o resultado das recentes excavações nas ruinas do

---

[1] *Noticias archeologicas de Portugal,* pag. 47.

[2] *Historia de antiguidades da cidade de Evora,* cap. iij.

[3] *Livro V do municipio eborense.*

[4] *Varias antiguidades de Portugal,* cap. 44. B. J. de S. Farinha, annotando o texto do auctor, suppoz que este portico seria o mesmo que o arco triumphal da praça. Não attendeu a que este nome de *portico* procedera de engano de Rezende nas palavras seguintes: «.... e assi fez trazer (Sertorio) ha agua da Pratta a ho portico en ho mais alto da cidade, donde se repartia per has regiões della». Na maior altura da cidade não ha outro monumento senão o templo e tanques adjacentes a que Rezende poderia referir-se.

E quanto o mesmo Farinha refere do arco é fabuloso, excepto o alvará da demolição, firmado pelo cardeal D. Henrique. Não ha outras columnas que pertencessem ao arco romano senão as oito que estão no refeitorio do collegio dos jesuitas, hoje da casa pia.

templo de Diana em Epheso, que era em verdade da ordem jonica[1].

As leis mencionadas por Vitrubio[2] designam, com effeito, o estylo jonico para os templos de Juno, Baccho e Diana. Mas estas leis parecem apenas directivas, ou meras indicações, porque se prova em muitos casos não terem sido observadas.

Segundo as leis ou indicações de Vitrubio, o estylo corinthio conviria a Venus, Flora, Proserpina e ás Naiadas. Isto, porém, não basta para resolver o problema. Ainda, segundo Vitrubio, a situação na parte culminante conviria aos deuses tutelares da cidade e tambem a Jupiter, Juno e Minerva. Finalmente, não é impossivel que a dedicação fosse a algum imperador.

Nas excavações que pelos annos de 1840 se fizeram em redor do templo appareceu um dedo agigantado de marmore branco sublamellar. A estatua a que pertenceu deveria ter mais de quatro metros de altura.

Dentro do templo está um grande fragmento do altar de marmore[3].

IX

Foi, por certo, obra de homens a demolição da grande parte que hoje falta ao templo romano de Evora. Se o não fôra, se uma causa natural a derribara, appareceriam indicios no envasamento, cuja inteireza está mostrando o não ter padecido algum abalo ou commoção violenta.

Do attentado ficaram impressos signaes denunciadores no fragmento do altar. Em sua face anterior permanecem os vestigios das cunhas de ferro, com que fizeram saltar em estilhaços a inscripção da dedicação do templo.

Estas e similhantes destruições se attribuem geralmente aos

---

[1] *Instituto Vasco da Gama,* tomo I, pag. 203.

[2] *Archit.* lib. I, cap. II.

[3] Mede $0^m,90$ de altura. Vêem-se num dos topos restos de moldura, denticulos, ovos, etc. Tinha o altar, que o sr. Hubner chamou pedestal de uma estatua imperial, uma grande inscripção, da qual restam as letras SAC... da primeira linha e restos das ultimas letras das linhas seguintes, que eram seis, ao todo sete. As letras da primeira linha tem $0^m,09$ de alto. As das linhas inferiores eram pouco menores.

Nesta mesma face vêem-se ainda os vestigios das cunhas de ferro, com que fizeram saltar em pedaços o letreiro e com elle boa parte do altar.

vandalos e outros barbaros que no seculo v invadiram a Peninsula. Sem pretender de modo nenhum attenuar a culpa que taes povos tiveram no estrago e ruina dos monumentos da architectura e da esculptura, observaremos que o templo de Evora e os edificios congeneres poderiam ter sido total ou parcialmente demolidos antes d'aquella invasão. Sirvam de prova os factos seguintes:

Pelos annos de 399 Gaudencio e Jovino, por ordem do imperador Honorio, demoliram em Africa todos os templos e aras da idolatria. Governava a Hespanha Macrobio, e aqui já se dilatara tanto a nova religião, que o vigario e os christãos, por iniciativa propria ou á ordem do imperador, demoliram os templos das divindades fabulosas. E chegou o zêlo a ponto de quererem tambem, porque não ficasse rastro da idolatria, deitar por terra todos os edificios publicos adornados com estatuas dos falsos deuses. Atalhou, porém, o imperador tamanho excesso, prohibindo terminantemente que se destruissem ou mutilassem os edificios de utilidade publica e sem caracter religioso[1].

Em Evora grande foi a sanha dos demolidores, quem quer que elles fossem. Puzeram por terra o frontão, o entablamento, mais de metade das columnas; fizeram saltar a ferro a face do altar, e despedaçaram finalmente a estatua da divindade por modo tal, que até hoje não appareceu do colosso de marmore mais que um dedo!

Á obra de demolição seguiu-se na edade media uma reconstrucção, á qual, posto que incongruente, se deve o ter-se conservado a parte restante do templo. Na borda do envasamento e no plano das columnas construiram grossas paredes de alvenaria, guarnecidas de ameias. Na parte septemtrional as columnas e a architrave ficaram embutidas nas paredes, sobresaindo apenas tanto, quanto bastava, para se differençarem dos materiaes involventes[2].

Esta construcção, que transformou o templo numa especie de torre, parece ter sido feita nos primeiros seculos da monarchia. Os arcos das portas nas paredes do norte e sul eram ogivas muito largas e imperfeitas, como as primeiras que se construiram em Portugal.

Que destino dariam em principio á torre ou casarão em que

---

[1] Ferreras, *Historia de España*, parte 2.ª, pag. 325.

[2] Quem desejar fazer idéa do modo por que estas construcções alteravam o aspecto das ruinas do templo, compare a estampa gravada no *Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313, com a gravura que appareceu neste jornal com a primeira parte do nosso artigo.

ficaram incorporadas as ruinas do templo romano? Ninguem o saberá dizer ao certo. Se é verdade ter havido uma casa da camara juncto da Sé, como nos parece ter lido algures, muito bem poderia ser aquelle edificio. Que de ha muito pertence ao municipio prova-se com documentos do seculo XV que estão no archivo da camara de Evora[1]. E que já no seculo XIV servia de açougue, como ainda ha quarenta annos, dil-o Fernão Lopes na chronica de D. João I[2].

X

Era em janeiro de 1384. Decorrêra um mez depois que o mestre de Aviz fizera justiça por suas proprias mãos no amante da rainha D. Leonor. O povo applaudira amotinando-se, e chegara a precipitar de uma das torres da Sé o bispo de Lisboa. Sabidos nas provincias os motins da capital haviam tido imitações nalgumas terras. Tomados tinham sido já pelos populares os castellos de Beja, Estremoz e Portalegre. Por toda a parte o partido do mestre se engrossava e fortalecia.

O alcaide-mór da cidade de Evora, Alvaro Mendes de Oliveira, conhecendo quanto era para receiar o perigo do contagio, chamou aos seus criados, ao juiz Martim Affonso de Carvalho, casado com uma donzella da rainha, ao escrivão da camara do concelho, Vasco Martins Pousado, ao Alcaide pequeno Gonçalo Lourenço e a outros *honrados do logar*, na phrase singela de chronista, e todos junctos se encerraram no castello, no dia 11 de janeiro, para o defenderem.

No mesmo dia Diogo Lopes Lobo, Fernão Gonçalves de Arca e João Fernandes, seu filho, *que erão hũs dos grandes que hi havia,* com todo o povo da cidade se levantaram contra os que se tinham encerrado no castello, e os foram combater, arremessando-lhes virotes de cima da Sé e do *açougue*.

E para os fazerem render mais depressa tomaram-lhes as mulheres e filhos que encontraram na cidade, e os amarraram em cima de carros, e, levando-os á porta do castello, bradaram aos de dentro que o desamparassem logo, senão que lhes queimariam alli á vista as mulheres e filhos.

---

[1] Citados pelo sr. A. F. Barata no *Instituto Vasco da Gama,* tomo I, pag. 204.

[2] *Chronica d'el-rey D. João I,* parte 1.ª, pag. 89.

Sortiu o desejado effeito este ardil, que Fernão Lopes chama *hũ jogo que os pouos meudos em semelhante caso muyto acustumaõão de fazer.*

Saíram dissimuladamente os defensores do castello pela porta de traição para fóra dos muros; e para que a populaça não se fosse vingar nelles ao caminho, os que os protegiam tiveram de cerrar todas as portas da cidade, a fim de que pudessem retirar-se em paz, como lhes tinham promettido.

Entrado o castello, a ferro e fogo destruiram boa parte d'elle. Deixaram, porém, uma torre a par do templo e outra mais abaixo, as quaes depois vieram a ficar incorporadas nos paços do conde de Olivença, hoje de seus descendentes, os duques de Cadaval.

Continuou o templo a servir de açougue até ao anno de 1836, em que, sendo governador civil do districto de Evora o sr. Antonio José de Avila (depois marquez de Avila e Bolama), acertadamente fez que cessasse aquella ignobil applicação de tão venerando monumento, mandando fechar as portas e entregar as chaves á camara municipal.

XI

Em 1863 tinha desabado já a parte media do telhado que cobria o recinto da torre ou das ruinas. Algumas lapides, interessantes por seus lavores ou por inscripções que continham, alli haviam sido depositadas. Á falta de logar mais conveniente, outras muitas, por diligencia de quem escreve estas linhas, se recolheram tambem no mesmo recinto.

Todavia, as paredes construidas na edade media estavam em risco de vir a terra, pelas grandes fendas que as dividiam, em particular as dos lados do sul e do nascente. A falta parcial do telhado augmentava ainda o perigo da ruina, em que inevitavelmente se perderiam as columnas e a architrave ou toda a parte superior ao envasamento.

Não havia senão dois meios de prevenir tamanha perda: ou reparar as paredes arruinadas, ou demolil-as, deixando unicamente o que fosse obra romana. O primeiro alvitre, além de exigir maior despeza, perpetuaria um barbarismo, toleravel sómente no caso, em que importasse á conservação dos restos do templo. O segundo tinha a seu favor todas as razões da economia e da esthetica. Era a obra unica racionalmente admissivel.

Por isso a propuzemos em 1869 á camara municipal num relatorio, que se imprimiu no mesmo anno[1].

Por infelicidade manifestava-se adversa a uma obra tão necessaria a opinião de muita gente em Evora. Uns, sequazes, inscientemente, das doutrinas utilitarias, entendiam que as ruinas do templo não passavam de uma antigualha improductiva, que se havia de deixar cair ou até de pôr por terra para dasembaraçar o espaço que occupa. Outros, pelo contrario, filiados, tambem sem o saberem, na eschola tradicional, pretendiam que se conservasse religiosamente não só a parte romana, mas ainda a da edade media, que suppunham representante da dominação arabe.

Era vulgar a idêa de que o templo, por ter ameias, servíra de mesquita aos moiros. E corre até impressa esta fabula com as outras de que tinham tecido commodamente a historia d'aquelle edificio. Como prova irrefragavel de que fôra mesquita, não faltou em Evora quem allegasse o campanario que estava entre as ameias. Ora o *campanario moirisco,* mandara-o construir em 1500 el-rei D. Manuel para o sino de correr[2]!

Presidia á camara municipal um cavalheiro illustrado que nos honrava com a sua amizade, e que de boamente nos auxiliara, mandando transportar e collocar á custa do municipio as lapides que tractavamos de colligir. Mas, ou porque, relativamente ás ruinas, não ousasse contrariar a opinião geral, ou antes porque poucos mezes faltassem para terminar a gerencia da vereação presidida pelo sr. visconde da Esperança, findou o anno de 1869,

---

[1] *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo, dirigido ao ex.mo sr. visconde da Esperança, presidente da camara municipal de Evora, por* Augusto Filippe Simões. Evora, 1869. Neste relatorio apresentavamos a idêa de conservar dentro no templo, depois de demolidas as paredes da edade media, a collecção archeologica alli depositada.

Conhecendo-se, porém, que os fragmentos de architectura e esculptura, especialmente os maiores, alterariam a perspectiva das columnas, tirando ás ruinas o aspecto severo e majestoso, mudaram-se para uma casa inferior da galeria dos paços reaes no Passeio publico, onde hoje se conservam. Perder-se-ha, porém, tão valiosa collecção, se as camaras municipaes persistirem na desarrazoada idêa de não completar a restauração d'aquella galeria, começada pelas vereações que emprehenderam os mais valiosos melhoramentos da cidade. D'esta galeria escrevemos no *Archivo Pittoresco,* tomo XI, n.os 1 e 6. Ainda hoje, como em 1868, a abobada, fendida em varios logares, está em perigo de abater, desmoronando a galeria. No caso em que ás vereações continue a repugnar a idêa racional da restauração, seria conveniente transferir para o museu do Carmo em Lisboa a collecção de Evora, que conterá uns setenta exemplares, muitos d'elles romanos.

[2] *Archivo municipal Eborense. Liv.* III *dos originaes, fol.* 37. O sino de correr era o que nas cidades tocava a recolher a horas certas da noite.

sem que se désse um só passo para levar a effeito a obra do templo.

O relatorio ficaria, pois, sem ter outro resultado mais que o de prejudicar em vez de favorecer a idêa da purificação das ruinas, numa terra em que os documentos d'esta especie tantas vezes servem para se fazer o contrario do que demonstram; se outro amigo nosso, o sr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, official da bibliotheca publica, não succedesse na presidencia da camara ao sr. visconde da Esperança. Comprehendendo a necessidade da demolição das paredes e a grande vantagem que resultaria de expurgar a parte romana de todos os accrescentamentos posteriores, resolveu logo effeituar, custasse quanto custasse, uma obra indispensavel á conservação de um dos monumentos mais interessantes ao estudo das artes em Hespanha e Portugal.

Naquelle tempo ia muitas vezes a Evora o sr. José Cinatti dirigir a execução do plano que traçara para o Passeio publico. Sem prevenção alguma, lhe pedimos que examinasse attentamente as ruinas e dissesse a obra que mais conviria fazer para que de todo se não perdessem. A sua opinião saiu conforme á idêa fundamental do projecto. Completou-o, porém, com particularidades technicas, e obsequiosamente se offereceu para dirigir a obra, da qual se tornou desde logo defensor ardente e apaixonado.

O coração do artista pulsava com a idêa de libertar as ruinas das pesadas construcções que as opprimiam e occultavam, restituindo-lhes a graça e majestade que tiveram outr'ora, e assimilhariam de novo o nosso templo aos monumentos congeneres da sua patria.

Tinha então o sr. José Cinatti grande popularidade em Evora. Todos viam maravilhados como a phantasia do artista transformara em formosissimo jardim uns logares que os muros arruinados, os montões de entulho e as plantas bravias faziam repugnante e desprezivel á vista. A transformação dera tal auctoridade a quem a imaginara e dirigira, que, em cousas de arte, as suas palavras, como de oraculo, eram acolhidas e respeitadas.

Todavia a voz do sr. Cinatti não fez as conversões que se esperavam relativamente á obra do templo. A opinião geral continuou-lhe adversa. Apenas alguns cavalheiros, por sua illustração ou por amizade para comnosco, Vianna ou Cinatti, ousavam affrontar os obcecados contradictores do projecto.

Não desesperámos ainda de fazer persuadir uma idêa razoavel. Como presidente da camara, Manuel Vianna consultou muitos dos homens mais competentes em Portugal ácerca da obra que pretendia fazer para conservar as ruinas. Alguns não deram

resposta, ou prometteram ir a Evora e não foram. Responderam, porém, e todos conformes em approvar e até em instar pela demolição das excrescencias que conspurcavam as ruinas, os srs. abbade de Castro, Francisco de Assis Rodrigues, Ignacio de Vilhena Barbosa, José Maria Eugenio de Almeida, Victor Bastos, visconde de Castilho e visconde de Juromenha [1]. O sr. Alexandre Herculano, sem ter promettido cousa alguma, foi a Evora e deu verbalmente o seu parecer favoravel ao projecto. Lembrou tambem as indagações que, por interesse da archeologia, se haveriam de fazer, quando se demolissem as paredes construidas na edade media.

A unanimidade, e ainda mais, a qualidade dos votos eram para convencer os mais contumazes. Pois nem assim. Uns não se converteram, porque não conheciam aquelles nomes, excepto o de José Maria Eugenio de Almeida, que viam ás vezes em Evora e sabiam possuir algumas herdades proximas da cidade; outros porque se julgavam a si proprios superiores a todas e quaesquer auctoridades neste ou noutros assumptos.

Dirigida pelo sr. Cinatti, fez-se em 1871 a demolição das paredes que deformavam as majestosas ruinas. Ao ver-se quanto ganhara a perspectiva do templo, por se projectarem no fundo azul do céo as columnas totalmente livres, mudou a opinião de muitos que se não convencem com palavras, mas com os factos. Outros, porém, permaneceram firmes como rochedos. Tal foi a camara que succedeu áquella que tivera Manuel Vianna por presidente. Um anno depois, em 1872, chorava ainda com lagrimas de crocodilo num documento official *as obras com que tinham desmantelado o templo de Diana!*

XII

Decorreram dois annos depois de concluida a obra da restauração das ruinas. Em Portugal não foi ainda, que nos conste, julgada por algum escriptor ou por alguma corporação. Não é para extranhar. Por uma parte, Evora, apesar do caminho de ferro, está tão longe de Lisboa e das provincias do norte, como as terras do Algarve. Por outra parte, os assumptos d'esta natureza não são por certo dos que andam mais em voga.

---

[1] O sr. A. F. Barata no artigo citado publicou os trechos mais importantes das cartas a que alludimos.

Um extrangeiro escreveu a respeito do templo, tal qual o vemos hoje, o seguinte:

«Pero lo mas importante que encierra Evora, es una veneranda reliquia, sin rival en toda la Peninsula, una construccion del pueblo romano. No se sabe el año en que se erigio, ni esta probado el nombre de *Templo de Diana* que por tradicion lleva esta preciosidad arquitectonica, desmantelada ya en la edad media y aprovechada para servir de una de las muchas torres con que aquel tiempo fué fortificada Evora. Desde entonces hasta el presente año, sus elegantes columnas han estado envueltas en grosera albañileria, hasta los capitelos, soportando el arquitrave el enorme peso de arruinados paredones de ocho a diez metros de altura, que si tardan mas en derribarse, hubieron arrastado en su ruina al templo romano. Libres hoy de tan barbaras embolturas, ostentan ya la gracia esbelta del estilo corintio las preciosas columnas, cuya base es de marmol blanco[1].»

Não foi nova a idêa da restauração da parte restante do templo romano de Evora.

Pelos annos de 1840, pouco mais ou menos, os srs. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e João Raphael de Lemos haviam tentado esta obra, posto que, segundo julgamos, em seu projecto entrava a conservação de uma parte das paredes construidas na idade media. Chegaram a conseguir que a duqueza de Palmella cedesse para ser demolida, como em verdade foi, a casa velha da inquisição que se encostava ao templo por todo o lado occidental e parte do septemtrional e meridional. Descoberto o terreno depois d'esta demolição, fizeram-se excavações em redor do envasamento e descobriram-se os tanques adjacentes[2]. Estes vestigios, que deveriam ser tão cuidadosamente conservados como o proprio templo, já os não chegámos nós a ver. Tinham sido destruidos antes de 1863 para embellezar o largo e as ruas proximas.

Não poderam aquelles benemeritos cidadãos eborenses levar a cabo a sua idêa. E nós da mesma sorte veriamos baldados todos os esforços, se não tiveramos a fortuna de achar empenho igual ao nosso no sr. Manuel Vianna, presidente da camara municipal de Evora no biennio de 1870 e 1871.

Ao sr. José Cinatti deve-se a obsequiosa direcção da obra, por amor da qual foi a Evora algumas vezes.

---

[1] *Uma semana en Lisboa — Guia del viagero por la ciudad, sus contornos y cercanias*, pag. 31.

[2] Additamento do sr. Rivara ao artigo citado do sr. Barata no *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 209 e 210.

Infelizmente, quando se aprestavam para a começar, tivemos, por motivo de doença, de ausentar-nos para Coimbra. Suppriu a nossa falta o sr. Antonio Francisco Barata, que vigiou com o maior zelo e dedicação o trabalho dos operarios, obstando a que se perdessem ou estragassem tanto as lapides que estavam no recinto do templo, como as que se encontraram ao demolir as paredes e que deveriam ser guardadas.

Emfim, do sr. Caetano Xavier da Camara Manuel, digno engenheiro districtal em Evora, obtivemos alguns esclarecimentos, sem os quaes ficaria menos completa a descripção das ruinas.

Aqui, longe d'estes nossos amigos, lhes testemunhamos vivo reconhecimento e a saudade do tempo em que lidámos todos na mesma campanha, como leaes e briosos camaradas.

XI

EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL

RELATORIO

Ill.mo e ex.mo sr. — No dia 9 de maio de 1881 sahimos de Lisboa no comboio da noute em direcção á Mealhada e a Luso, onde nos demorámos para ver na egreja parochial d'esta ultima povoação algumas alfaias de que nos haviam fallado. São uma cruz processional de prata e uma custodia de prata dourada, ambas dos seculos XVI ou XVII. A cruz tem alguma ornamentação de folhagens e cabeças de anjos e tintinnabulos. A custodia é do estylo commum da epocha. Sobre a haste muito ornamentada assenta o tabernaculo, contendo entre columnas o ediculo e por cima uma cupula com a cruz na parte superior. Aos lados das columnas tem dois ornatos que faltam na maior parte das congeneres. A marca do ourives é a seguinte: $\overset{m}{C}M$.

Visitámos o Bussaco, onde vimos obras modernas de pessimo gosto com que se tem deturpado alguns logares da matta, fazendo-lhes perder o pittoresco e singelo caracter primitivo. Taes são as desproporcionadas escadarias da Fonte Fria.

O monumento, ha poucos annos levantado fóra dos muros para commemorar a derrota do exercito francez pelas tropas alliadas anglo-lusas, destruido por um raio pouco depois de erguido, foi ultimamente restaurado. De cada lado pozeram-lhe um pára-raios, cuja haste metallica é sustentada em grande altura por uma armação de madeira pintada, o que produz um effeito

muito ridiculo. Á roda em certa distancia vêem-se alguns alegretes com que não menos ridiculamente limitaram por um lado a plataforma. O monumento é formado por uma alta pyramide sobre um pedestal, encimada por uma estrella de crystal. A estrella primitiva, que era da mesma materia, foi provavelmente que determinou a fulminação, por impedir, como substancia isoladora, a sahida da electricidade. Na restauração repetiram o mesmo erro em vez de o corrigirem, o que poderiam fazer, substituindo o crystal por uma substancia boa conductora; preferiram porém prevenir novo desastre pelos dois pára-raios!

Durante a noute partimos para Vizeu, onde chegámos no dia 11. Fomos muito bem recebidos pelas auctoridades civil e ecclesiastica. Vimos os quadros e outras obras d'arte que se conservam na Sé. São conhecidos pelos escriptos de Raczynski e de Robinson as duas importantes series de quadros da casa do capitulo e da sacristia. Estes ultimos e o Calvario, que está na capella do Bom Jesus, são os que se attribuem ao Grão Vasco. Havia outro com a assignatura de Vasco Fernandes, que foi vendido pelo seu possuidor, Antonio José Pereira, a um inglez pela quantia de 600$000 reis. Assim foi para fóra do reino o documento mais importante para a historia da pintura portugueza, e o que melhor poderia elucidar a questão ainda obscura dos quadros de Vizeu.

Na sacristia de Sancta Cruz de Coimbra conserva-se um quadro assignado *Vellascus*, fórma latina do nome Vasco, do mesmo estylo, e attribuido pelo inglez Robinson ao auctor dos quadros da sacristia da Sé e do Calvario da capella de Bom Jesus de Vizeu. Relacionam-se ainda com estes quadros dois outros que se conservam em Fontello. Um representa a Cêa e o outro Jesus em casa de Martha. O da Cêa parece mais antigo que os da sacristia da Sé de Vizeu, e tem certas analogias com os da casa do Capitulo. O outro, de peior estylo, parece menos antigo que os da sacristia e de pincel differente.

No convento de S. Francisco de Orgens, pouco distante de Vizeu, vimos outro quadro que representa o enterro de Christo. Parece da mesma eschola de Grão Vasco, porém já degenerada, como o quadro de Jesus em casa de Martha, e outros que depois encontrámos e adeante mencionaremos.

Das outras obras d'arte que vimos na Sé as mais notaveis são as seguintes:

O côro alto, em cujas cadeiras se vêem esculpidas figuras de variada phantasia. Parecem dos principios do seculo XVI, da mesma epocha em que foi construida a abobada que, pelo artezoado e pelo escudo do bispo D. Diogo Ortiz, que se vê nalguns fechos, corresponde ao reinado de D. Manuel. A cadeira principal

do côro foi imitada no quadro de S. Pedro, no qual tambem se vê um pluvial pintado no mesmo estylo de um similhante paramento de brocado, que se conserva na sacristia. Não são verdadeiramente copias, mas imitações.

Neste côro deve ter havido uma bella estante de bronze no estylo das cadeiras. Resta a parte superior, que é uma aguia com o descanço do livro sobre o dorso. Fomos encontrar este interessante fragmento servindo de remate á armação de ferro do sino do relogio sobre a torre do sul!

Entre outras alfaias, vimos uma bella custodia de prata dourada do mesmo estylo de transição da custodia da collegiada de Guimarães (1534), de outra que se conserva na Academia de Bellas Artes, e de dois calices, pertencentes um ao thesouro da Sé de Lisboa e outro á mitra patriarchal, e de outras obras que nos demonstram a existencia de uma arte nacional do seculo XVI, correspondendo na orivesaria á architectura denominada manuelina. A custodia de Vizeu tem a seguinte inscripção: MICHAEL SYLVIVS EPISCOPVS VISENS D. D. AN. M. D. XXXIII.

Conserva-se tambem no thesouro da Sé um calix de prata dourada com esmaltes e pedras e as armas do doador esmaltadas. Tem a seguinte inscripção: «*Gvaspar de Campos Avrev Chamtre e conego na se de Vizeu mandou fazer año de 1629.*» Vimos depois na Guarda um calix muito similhante. Com quanto pareçam, tanto um como o outro, feitos em Portugal, não tinhamos ainda visto nem vimos depois outro do mesmo estylo.

Entre as alfaias da Sé distinguem-se pela antiguidade dois relicarios de cobre esmaltado de Limoges, obras do mesmo artista e da mesma epocha, que parece ser o seculo XII. Estão muito sujos e cobertos de pó. Ao mais pequeno faltam já a porta e as reliquias que continha.

Na casa do capitulo vimos um crucifixo com a imagem de marfim de grandes dimensões. É mais notavel pelo tamanho que pela esculptura. Parece obra italiana do seculo passado. Na mesma casa vimos tambem um Novo Testamento, escripto em pergaminho com illuminuras e com encadernação de madeira com ornatos de prata rebatida. A encadernação parece do seculo XIV e o manuscripto talvez anterior.

No cartorio conserva-se uma caixa de madeira com restos de douradura externamente e com figuras coloridas assás interessantes na face interior da tampa.

Na sacristia guarda-se um pluvial de brocado de ouro com bordados a matiz na orla. É obra do seculo XVI.

Finalmente mostraram-nos tambem na sacristia uma colxa bordada a ouro sobre setim, provavelmente chinez, de côr ver-

melha alaranjada. É obra do seculo XVII e notavel pelo processo de bordadura.

Todos estes objectos, excepto os quadros e o crucifixo, pedimos ao ex.mo bispo para figurarem alguns na exposição de Londres, e todos naquella que porventura se fará em Lisboa. O cabido porém recusou emprestar qualquer d'estes objectos, sob pretexto de que lhe fôra em tempo extorquido o celebre missal de Estevão Gonçalves, o que é falso.

É extranhavel tal resolução, tendo nós declarado que nos responsabilisariamos, bem como toda a commissão, a que temos a honra de pertencer, pela restituição. É mais extranhavel ainda na occasião em que o cabido de Vizeu acabava de vender por 90$000 reis uns tapetes antigos, tendo querido tambem vender por 450$000 reis a colxa que mencionámos, o que teria de certo feito se o digno Prelado da Diocese se não oppozesse.

O cabido de Vizeu tem já em lamentavel ruina dois quadros da serie da sacristia. Um foi alterado profundamente por uma substancia corrosiva com que pretenderam alimpal-o, outro foi estupidamente restaurado. O quadro do Calvario está estragado pela humidade do logar em que se conserva, e até pelos riscos que os rapazes têem feito em algumas das predellas; conserva a estante do côro, de bronze, no campanario; deixa cobertas de pó e de gesso as magnificas cadeiras do côro alto; não tem os menores cuidados de limpeza com as alfaias; quer vender aquellas por que lhe offerecem sommas mais avultadas. E todavia não permitte que esses objectos figurem numa exposição, onde poderiam servir para illustrar a historia da arte portugueza e formar o gosto dos artistas. É um procedimento anti-civilisador de que debalde pretendem desculpar-se com a falsidade da extorsão do missal que não lhes pertencia, mas ao convento de Jesus de Lisboa, d'onde por direito o houve a Academia Real das Sciencias. Ainda mais ha na Sé um livro illuminado pelo mesmo Estevão Gonçalves que não podémos ver, que ninguem vê, porque receiam que lhes seja tambem levado, como o missal que nunca possuiram e que ninguem lhes levou.

São os dignos successores d'aquelle conego que no seculo passado queimou no seu quintal muitos pergaminhos e livros do archivo por serem escriptos de letra rabuda! Um cabido assim não é sómente inutil; é muito peior, é uma corporação prejudicial, que declara uma guerra estulta e barbara á civilisação e ás artes!

O ex.mo bispo pareceu-nos extranho á recusa do cabido, e unicamente desejoso de não se indispôr com os conegos contrariando a sua vontade. Espontaneamente mandou que nos fossem mostradas as pratas da mitra, e de certo emprestaria

qualquer objecto que lhe pedissemos para a exposição. Todavia todos esses objectos são destituidos de interesse, excepto um gomil de prata dourada que nos pareceu obra franceza do tempo de Luiz XIV. E por essa razão o não pedimos. Todavia encontrámos depois fóra de Vizeu outros similhantes gomis, que nos fizeram crer seriam todos obras de artistas portuguezes.

Com auctorisação do ex.mo prelado, e acompanhados pelo rev.mo vigario geral, entrámos no convento de S. Bento. O edificio cahe em ruina. Apenas alli se conserva uma religiosa, que muito constrangidamente nos mostrou o convento, onde não vimos nada interessante pelo trabalho artistico. É provavel que não vissemos tudo.

Dirigimos um officio ao reverendo bispo de Vizeu, pedindo-lhe os objectos escolhidos na Sé; e como houvesse demora na resolução do cabido, partimos no dia 15 para a Guarda, deixando o conego e vigario geral, Gaudencio José Pereira, encarregado de nos transmittir pelo telegrapho o resultado.

Em Mangualde demorámo-nos algumas horas para ver a casa dos Paes, hoje da ex.ma condessa d'Anadia, esperando encontrar alli algumas obras d'arte interessantes. Infelizmente a mobilia antiga foi já substituida por outra moderna, e hoje pouco resta para admirar naquella antiga casa de provincia.

No mesmo dia passámos a Celorico, onde pernoitámos. No dia seguinte visitámos o castello e as egrejas da povoação. A cerca do castello fórma uma curva irregular. As muralhas já não têem amêas e estão em grande parte desmanteladas. Como são feitas de pedras faceadas, apenas juxtapostas, e sem argamassa que as ligue, gente da villa tem ido alli buscar materiaes para construcções quando precisa d'elles. Ignoramos se ainda hoje subsiste a permissão de demolir as muralhas; se fôr assim, dentro de poucos annos terão dssapparecido.

No interior do castello conserva-se ainda de pé uma torre, de certo a de menagem, e os restos de outro edificio que seria talvez a alcaçova. Reduzido porém a uma parede desmantelada, faltam caracteres para qualquer juizo definitivo ácerca do que terá sido no castello esta velha ruina.

Na torre de menagem, na parte superior das paredes, vêem-se ainda os buracos por onde sahiam horizontalmente as vigas que sustentavam a armação de madeira, d'onde os sitiados impediam, por meio de projectis, lançados verticalmente, a approximação dos sitiantes que pretendessem abrir brecha na torre para entrarem nella, e que, trabalhando juncto dos muros, ficavam ao abrigo dos tiros lançados das ameias.

Nas faces interiores das paredes da torre ficaram salientes de

90 em 90 centimetros pouco mais ou menos, em altura, as pedras que serviram para sustentar os andaimes. Este processo foi seguido para não deixar da parte de fóra buracos ou saliencias que favorecessem qualquer ataque dirigido contra a torre. Vêem-se tambem nas mesmas faces os cachorros que sustentavam os pavimentos, os quaes inteiramente desappareceram.

Como nos castellos de Trancoso, Guimarães e outros, numerosas escadinhas de pedra, partindo divergentes de logares proximos, facilitavam o rapido accesso a qualquer ponto da cêrca onde fosse necessaria a defesa.

Da parte do sul do castello, á esquerda da entrada, seguindo pelos penedos que estão por fóra da muralha, acha-se um pedaço de rocha de fórma irregular, calçado para não cahir, e que parece destacado da outra. Na face inferior conserva gravadas algumas letras que parece teriam feito parte de uma inscripção. A posição da pedra e a deterioração da sua face inferior não nos deixaram determinar o alphabeto a que as letras pertencem.

As egrejas não contêem nada notavel. A de S. Pedro, que foi de templarios, está muito arruinada. Numa parede interior da de Sancta Maria vêem-se embutidas umas pedras com ornatos muito rudes e que denotam uma epocha remota. Não são porém sufficientemente caracteristicas para se determinar se pertenceriam á epocha wisigothica ou á dos arabes.

Não vimos em Celorico senão um quadro em madeira na sacristia da Misericordia. Representa o enterro de Jesus e é uma obra muito incorrecta do seculo XVII ou já de seculo XVIII. Será o famoso quadro attribuido a Grão Vasco por uns e por outros a Gaspar Dias?

Muitas casas de Celorico ainda se conservam com o seu aspecto antigo. Algumas portas e janellas ornamentadas mostram o que era ha tres ou quatro seculos a architectura civil numa villa provinciana.

No dia 16 sahimos para a Guarda, seguindo pela estrada do valle do Mondego, uma das regiões mais bellas e pittorescas de Portugal, posto que muito pouco habitada, não obstante a feracidade do solo.

Na Guarda visitámos a Sé e o convento de Sancta Clara. Na Sé vimos um calix muito similhante ao de Vizeu, com a mesma fórma e com esmalte do mesmo genero. Tem a seguinte inscripção: «*Jacobvs Alfaia Archidiaconvs Ecclesiae Egitanensis XPO. OP. MAX. Dicavit. Anno 1600.*» Contaram-nos que houvera alli alfaias de valor, que, escondidas no tempo dos francezes, haviam sido depois subtrahidas, ignorando-se hoje o seu paradouro. No convento em ruinas não encontrámos obra notavel, excepto uma

custodia de prata dourada do seculo XVII no genero das outras da mesma epocha.

Dirigimos um officio ao governador civil do districto, pedindo-lhe que fizesse remetter para a Academia Real de Bellas Artes de Lisboa uma caixa velha de madeira com ferragens do seculo XV ou XVI, e uma pequena lapide com uma inscripção e com lavores muito delicados que estava por cima da porta da capella de Nossa Senhora da Conceição no claustro do convento. Não pedimos a custodia por haverem sido colligidas outras similhantes, nem o calix da Sé, porque ao sahir da Guarda ignoravamos ainda a resolução do cabido de Vizeu.

Em compensação fizemos curiosas observações relativas á architectura.

A Sé conserva em quasi todas as suas partes um aspecto gothico muito interessante. Os vestigios mais antigos parecem anteriores a D. João I. D'esta epocha é uma bella porta lateral que foi desenhada. Na fachada principal vê-se já o estylo manuelino, alterado por algumas janellas que se abriram no seculo passado. Os brazões episcopaes, que se encontram nas paredes e nas abobadas, poderão servir para uma determinação mais especifica das differentes epochas. Faltaram-nos o tempo e os subsidios necessarios para este estudo.

O majestoso edificio da Sé está infelizmente condemnado a uma proxima ruina. Os terraços e canos superiores á roda e por baixo dos beiraes do telhado eram antigamente forrados de chumbo. Tendo porém sido furtadas algumas porções d'este metal, começou a agua a infiltrar-se pelas paredes e até a cahir interiormente a da chuva ou resultante da fusão da neve. Acudiu o governo a querer remediar o mal, e ordenou que pela direcção das obras publicas do districto da Guarda se fizessem os concertos necessarios. Custa a crêr que em tal caso se procedesse como se estivessemos num paiz de barbaros. Arrancou-se o chumbo que restava e substituiu-se por asphalto! Exposto ao sol ardente no verão, e no inverno á frialdade da neve, que chega a ter espessura de meio metro e mais, o asphalto fendeu-se todo, e hoje o edificio da Sé está muito peior do que d'antes.

Com effeito as paredes interiores vêem-se cobertas de limos verdes. A talha do côro alto apodrece em varias partes. Emfim num armario do cartorio fomos encontrar massos de pergaminhos, que em tempo o cabido não quiz entregar a Alexandre Herculano para se recolherem no Archivo Nacional, já podres e quasi todos adherentes uns aos outros pela humidade!

Falla-se agora numa nova obra, que consistirá em substituir o asphalto pelo cimento, o que será novo erro, porque, se o cimento

resistisse á dilatação causada pela congelação da agua infiltrada, não deixaria de certo de se fender pelo perpassar das pessoas que, para limpar os telhados, para ir ás torres ou para qualquer outro fim, percorrem todos os dias a parte superior das paredes da Sé. Os architectos que a edificaram sabiam muito bem o que faziam, empregando o chumbo. Nas condições especiaes da Guarda, nenhuma outra substancia poderá evitar a infiltração e até o corrimento da agua para o interior do templo. Do chumbo pois se deveria ainda hoje lançar mão, se por acaso se quizesse evitar a ruina do templo.

Na distancia de um ou dois kilometros da cidade para a parte do sul ou poente subsiste de pé a capella de Nossa Senhora de Mileu. É um bello exemplar do estylo romanico pelas poucas alterações que tem padecido.

Na pequena aldêa denominada Carvalhal de Gouvêas, na distancia de duas leguas da Guarda, vimos tambem uma pequena capella do mesmo estylo, porém ainda mais rude e singela. Em razão da dureza dos materiaes e da pouca disposição para as renovações, é natural que se encontrem por aquelles sitios outros exemplares interessantes ao estudo da primitiva architectura portugueza.

Antes de chegar a esta povoação, á direita e muito perto da estrada, vimos um dolmen com a pedra horizontal e todas as verticaes, excepto uma. Encontra-se no sitio que dizem Pera de Moço. Parece que nelle fizeram sem resultado conhecido algumas excavações.

No dia 18, em vez de seguirmos directamente da Guarda a Lamego, passámos a Trancoso, onde nos tinham dicto poderiam existir alguns objectos interessantes do extincto convento de Sancta Clara. Vimos com effeito uma bella custodia de prata dourada, mas pertencente ao typo commum e já mencionado das custodias do seculo XVII. Mostraram-nos alguns outros objectos, como um thuribulo e naveta de prata, mas sem grande interesse. Encontrámos tambem quatro quadros que haviam pertencido ao convento, e não destituidos de interesse em relação á historia da pintura portugeza; dois na egreja de Sancta Maria de Guimarães, e outros dois na capella da Senhora da Calçada. São todos pintados em madeira durante o seculo XVI. Os primeiros representam a Visitação e a morte de Nossa Senhora; os segundos a Annunciação e a Adoração. No colorido e nas cabeças dão estes quadros reminiscencias das obras de Grão Vasco. Parece todavia serem de uma epocha posterior e corresponderem a uma degeneração d'aquella eschola.

Para o estudo da architectura achámos Trancoso interessantissimo. Conserva os characteres de uma povoação guerreira da

edade media. As ruas estreitas e tortuosas, o castello no alto da collina, a cêrca ameiada encerrando dentro de seus muros a povoação. Depois as obras de fortificação e o desenvolvimento da villa estacionaram durante uma certa epocha e tudo se conservou, excepto as partes que têem sido destruidas, como estava quando foi a geral paralysação. É por assim dizer uma villa fossil que representa hoje a edade media, como Herculanum e Pompeia representam a epocha romana.

O castello tem grandes analogias com o de Celorico. Uma torre de menagem, a muralha irregularmente curva com as escadinhas divergentes muito proximas na face interior, as pedras apparelhadas, juxtapostas e sem argamassa, as ameias e uma parte dos muros demolidos a fim de empregar a pedra em construcções modernas.

Ha porém differenças muito notaveis entre a torre de menagem de Trancoso e a de Celorico. A primeira é mais antiga que a segunda e que todas aquellas que temos visto em Portugal. A sua fórma não é um parallelipipedo regular como as outras, mas uma pyramide quadrangular truncada. Com effeito as quatro arestas inclinam-se muito apparentemente de dentro para fóra e de cima para baixo, e dão á torre o aspecto de algumas das antigas construcções egypcias, cuja fórma pyramidal parece exprimir estabilidade.

No apparelho da torre ha outra particularidade notavel. Muitas das pedras são como dentadas para se engatarem nas pedras proximas. Esta circumstancia tira ás faces da torre a apparencia de regularidade e symetria que distingue as construcções congeneres, mas parece dar-lhe uma robustez muito maior.

Todavia, ou porque a minassem por baixo ou por outra causa, um dos angulos da torre desmoronou-se. Alevantaram de novo as paredes derrocadas, mas o processo de endentar as pedras tinha-se já perdido, de sorte que a parte restaurada se differença muito bem da restante pela falta d'esta particularidade.

A porta, como nas torres congeneres, está á altura de alguns metros do chão adjacente. Era um meio simples e efficaz de impedir a entrada. Comtudo em Trancoso a porta da torre de menagem tem uma fórma propria, differente de todas as outras que temos visto. O arco é de volta de ferradura e as empostas cobertas com um ornato geometrico em baixo relevo. O aspecto geral da torre, particularmente da parte da face que contém a porta, é extranho e desusado. Entre os muitos castellos que temos visto em Portugal é este o primeiro em que encontrámos uma parte que, se não foi construida durante a dominação arabe, sel-o-hia de certo pouco depois e por artifices mouros, talvez.

A cêrca offerece particularidades curiosas. As muralhas são defendidas por torres salientes ou cubellos de espaço a espaço, separados pela distancia que o alcance das béstas determinava. Algumas d'estas torres foram já demolidas. Outras foram reconstruidas no tempo de D. Manoel ou de D. João III, sem todavia se differençarem por caracteres bem proeminentes das outras. As portas principaes são defendidas por torres lateraes, para onde se sobe por escadas de alguns lanços. Entre torre e torre fica vazio o espaço intermedio a fim de defender por meio de projectis lançados verticalmente a passagem das portas. D'estas ultimas, a exterior era fechada com corrediças, a interior com batentes de madeira que se trancavam depois de fechadas as primeiras. Os arcos das portas eram todos ogivaes. Alguns têem sido alterados a fim de os alargarem para facilitar o transito de carros. Em muitas partes faltam como no castello as ameias e pedras do muro, que arrancaram para contrucções. É provavel que esta mesma razão determinasse a demolição das torres que já não existem.

Na praça da villa subsiste ainda de pé uma velha construcção quadrangular muito notavel. Parece uma alcaçova que ficaria fóra do castello. O apparelho da pedra e as particularidades de construcção revelam-nos uma arte mais apurada e mais fina que nas outras obras feitas para defeza da povoação. A ogiva das frestas e janellas é trilobada. As janellas são geminadas, assaz elegantes, e na parte divisoria de uma d'ellas ha uma figura de phantasia, lavrada com delicadeza. Na parte inferior vêem-se os vestigios de pinturas muraes, porém tão pequenos que apenas deixam perceber o estylo gothico em que teriam sido feitas.

Esta construcção, com todos os caracteres de uma residencia real nos primeiros seculos da monarchia, estava incorporada no convento de Sancta Clara, e servia ás freiras de mirante como a torre que na Guarda faz parte do convento de Sancta Clara. Julgamos que era tambem esta mesma a denominação do convento de Trancoso. Aqui mal fallecera a ultima freira, o povo invadiu o recinto e demoliu tudo para se appropriar dos materiaes.

Ainda hoje se mostram nalgumas casas as traves que foram trazidas do convento e empregadas em novas construcções.

O interessante edificio a que nos referimos está condemnado a ser tambem destruido. Parece que foi já resolvido pela camara municipal mais este vandalismo, sob pretexto de aproveitar o terreno para ahi construir uma cadeia.

Assim os nossos monumentos estão abandonados ao capricho do primeiro que, sem comprehender-lhes o valor historico e artistico, precisar dos seus materiaes ou do espaço que occuparem

para qualquer fim, nem sempre, como neste caso, de utilidade publica, porém muitas vezes de interesse particular ou individual. Se não acudirem quanto antes á conservação dos monumentos nacionaes, dentro em pouco terão desapparecido a maior parte d'aquelles que ainda hoje subsistem de pé.

A architectura deve ter tido grande desenvolvimento em Trancoso no seculo XII. Fóra da cêrca ameiada conserva-se uma capella de Sancta Luzia de estylo romanico. Os modilhões da cornija externamente, e internamente o arco da capella-mór, são caracteristicos. Aconteceu porém desfazer-se e refazer-se parcialmente a capella, uma e mais vezes. Este facto é commum a outros monumentos d'aquella região, onde a falta de cal obrigou a construir sem argamassa, juxtapondo as pedras bem apparelhadas. Algumas vezes nestes refazimentos parciaes commettiam erros notaveis, alterando o risco primitivo ou mudando os logares das pedras. Numa d'estas reconstrucções substituiram o arco da porta primitiva da fechada principal por um arco de ogiva, que vem do convento que o povo demoliu na praça. Esta mudança aconteceu ha poucos annos e foi attestada por algumas pessoas de Trancoso que nos acompanhavam.

Fóra da villa e para a parte de léste conserva ainda muitos vestigios do mesmo estylo a egreja de Nossa Senhora da Fresta, cujo adro e terreno adjacente tem servido de cemiterio.

As portas lateraes primitivas, hoje tapadas, tẽem arcos quasi ogivaes. Na do norte resta o tympano com uma rude cruz esculpida. Numa d'estas portas vê-se ainda um arco e parte de outro, que seria talvez demolido na fachada, com a ornamentação á maneira de xadrez, tão commum naquelle estylo. Pelas paredes ha inscripções de varias epochas. Á direita da porta septemtrional conserva-se a seguinte: EMCCXXXIIOBIITSVARIVS PRESBITE PATERNO. Esta inscripção deve ser pouco posterior á construcção da egreja.

Na distancia de um ou dois kilometros da villa para a parte do poente vimos tambem uma velha capella gothica de Sancto Antão, que até ha alguns annos serviu de parochia á aldeia de Courellas, hoje annexada a Trancoso. O arco tem a fórma da ogiva primitiva.

Finalmente numa pequena praça da villa estão ainda enterrados, á maneira de marcos, alguns modilhões romanicos que nos disseram procedentes da antiga egreja de S. João *intra-muros*, ha muitos annos demolida.

Este notavel desenvolvimento da architectura religiosa em Trancoso corresponde pois á epocha de transição do estylo romanico para o ogival, e portanto á epocha de Cedofeita no Porto, de

Almacave em Lamego, de S. Miguel do Castello em Guimarães. Todas estas edificações parece haverem de attribuir-se pouco mais ou menos ao meiado do seculo XII, por ser improvavel a introducção da ogiva antes d'esse tempo

De Trancoso sahimos no dia 20 para Lamego, aonde chegámos na ante-manhã do dia 21. Nesse mesmo dia, estando ausente em Lisboa o rev.^{mo} bispo de Lamego, procurámos o governador do bispado, que nos mandou mostrar o paço episcopal e todas as obras de arte que nelle se contêem.

Duas salas estão forradas de pannos de Arras, de epocha differente em cada uma d'ellas. Uns, os mais antigos, da primeira metade do seculo XVI, representam assumptos mythologicos, alguns talvez historicos. Como as figuras estão trajadas ao modo da epocha em que os pannos foram fabricados, só um estudo mais detido, que o que podiamos fazer, nos levaria a qualquer determinação.

Estes pannos eram de outra sala e foram accommodados áquella em que se conservam, ficando algumas vezes sobrepostos em certa extensão e mutilados os quadros que representam.

Os pannos da outra sala, de côres mais vivas, porém menos valiosos, indicam já a epocha de Rubens, cuja influencia se não limitou á pintura.

Noutras salas conserva-se grande numero de quadros, pela maior parte sem valor nenhum. Alguns porém, bem limpos do pó e do espesso vernís que lhes deram, poderiam figurar em qualquer galeria.

Na capella do paço ha numerosos objectos de prata dourada para o culto. A maior parte d'elles formam uma collecção notavel pelo estylo, em que ha uma grande originalidade, pelo menos em relação ás alfaias congeneres que temos visto. Na ornamentação predominam quasi exclusivamente as fórmas geometricas. Não têem grande belleza esculptural, porém só a originalidade já indicada. Parece obra do seculo XVIII ou pouco anterior.

D'esta collecção e dos outros objectos que se guardam no paço episcopal escolhemos os seguintes, que nos pareceram os mais proprios para uma exposição de arte ornamental:

Um calix muito elegante de prata dourada, estylo da renascença com reminiscencias gothicas. A base tem grande similhança com a de algumas custodias da segunda metade do seculo XVI ou já do seculo XVII extremamente communs em Portugal, e por isso o julgamos obra nacional. O desenho da ornamentação do nó e da copa é original e assás differente das outras obras conhecidas. Tem pedras e tintinabulos.

Um jarro e bacia correspondente de prata dourada. Estylo do

seculo XVII ou XVIII. O estylo do jarro é muito elegante. A aza representa uma figura phantastica, terminando superiormente em corpo de mulher. É o mesmo estylo do jarro que vimos em Vizeu no paço episcopal e que nos parecera obra franceza, e de outros que encontrámos depois em Trancoso em casa do conde de Tavarede, e que nos convenceram de que todos provavelmente teriam sido fabricados em Portugal. O jarro e bacia, pertencentes á mitra de Lamego, fazem parte da grande collecção de alfaias da capella episcopal, cujo estylo é o mesmo, posto que muito mais gracioso e apurado no jarro.

Duas salvas de prata dourada, uma com baixos relevos que representam figuras humanas e de animaes, outra com ornatos geometricos. O estylo é do seculo XVII, e o da salva menor similhante ao das outras alfaias da collecção mencionada.

Uma mitra de seda branca bordada a cordão de prata dourada. O desenho do bordado é caracteristico. Estylo do seculo XVI ou XVII.

No convento das Chagas escolhemos o seguinte:

Uma lampada grande de prata, estylo do seculo XVI. É notavel pelas suas dimensões, fórma elegante e belleza de ornamentação. Ha outra egual no convento, servindo ambas para adorno da capella-mór da egreja. Do convento do Paraizo de Evora tinha vindo outra lampada muito similhante na fórma á do convento das Chagas de Lamego. É porém menor, menos elegante e menos ornamentada.

Uma estante de prata para missal. No centro tem escripto *D. Anna d'Almeida*. É obra do seculo XVI.

Um jarro e bacia correspondente de prata lavrada, seculo XVIII.

Uma sacra de prata com lavores de muito bom desenho, seculo XVIII.

Um broche de ouro, seculo XVI.

Um frontal de damasco branco bordado a matiz e ouro, seculo XVII.

Um veu de hombros de damasco branco brocado de ouro e rosinhas de matiz, seculo XVII.

Um pavilhão de sacrario de brocado de ouro e prata, fundo de seda amarella, seculo XVII.

Duas toalhas bordadas sobre rede. Comquanto estejam muito estragadas, julgámos conveniente separal-as para serem enviadas a Lisboa como amostras de antigos bordados portuguezes.

Acolheu-nos muito bem no convento a digna abbadessa, que se esforçou com a maior dedicação e delicadeza para que nos desempenhassemos da nossa commissão. Em nenhum outro convento fomos tractados por esta fórma.

Egualmente nos prestou o maior auxilio o reverendo conego

Fafe, capellão do convento das Chagas e cavalheiro de apreciaveis qualidades. Acompanhou-nos na Sé, no convento e noutras partes, e dignou-se proporcionar-nos tudo o que foi mister para encaixotar e conduzir os objectos escolhidos.

Na Sé de Lamego não vimos obra de arte notavel, que merecesse ser transportada para Lisboa.

Apenas dois crucifixos nos prenderam a attenção pela bella esculptura dos Christos, principalmente d'aquelle que se conserva na fabrica. O outro está num altar de uma das naves lateraes da egreja. São obras do seculo XVI. Havia tambem uma grande dalmatica antiga que debalde se procurou, parecendo ter-se extraviado.

Na casa capitular vimos quatro quadros de estylo flamengo, pintados em madeira talvez nos principios do seculo XVI. Pareceram-nos dignos de nota por serem de uma eschola differente das outras conhecidas em Portugal. De bom grado os reputariamos obra de pintor extrangeiro se não vissemos num d'elles um carro com a fórma caracteristica d'aquelles que ainda hoje se usam em Lamego. Parece que terão feito parte de algum antigo retabulo da capella-mór da Sé, similhante aos que outr'ora exornaram as Sés de Evora e de Vizeu. Os quatro quadros representam: 1.º a Creação dos animaes; 2.º a Annunciação; 3.º a Visitação; 4.º a Circumcisão. Alguns estão estragados com retoques posteriores.

Architectonicamente pequena importancia tem a Sé de Lamego. No interior foi toda reedificada no seculo passado. Na fachada principal a porta do meio parece do tempo de D. João I, as lateraes da epocha de D. Manuel, comquanto não seja muito provavel a construcção da fachada em epochas differentes. O claustro é do seculo XVI. Ao lado do frontispicio da egreja resta uma torre do seculo XII, o vestigio de maior antiguidade em toda a Sé. Nesta torre conservam-se duas janellas muito caracteristicas. Uma é ogival, com a fórma imperfeita e pouco elegante, que deve corresponder á introducção da ogiva em Portugal. A outra é romanica de volta redonda, muito ornamentada, mas o arco nas pontas volta-se para dentro, fazendo lembrar a volta de ferradura.

Além da Sé não ha na cidade de Lamego outra egreja notavel pelos vestigios antigos senão Sancta Maria de Almacave. Alterada profundamente com posteriores reconstrucções, conserva apenas duas portas e alguns modilhões como provas da sua antiguidade. A fórma larga da ogiva e os lavores dos capiteis approximam-a muito de Cedofeita no Porto, S. Miguel do Castello em Guimarães e outras edificações racionalmente attribuiveis ao meiado do seculo XII.

Disseram-nos em Lamego que na distancia de um ou dois kilometros da cidade, na margem do rio Balsemão e no logar d'este mesmo nome, havia uma egreja ou capella notavel pela antiguidade e por inscripções que nella se conservavam.

Para ahi nos dirigimos um dia pelas cinco horas da manhã, e o que se nos deparou foi causa para nós da mais viva admiração. Externamente não se nos mostrava signal nenhum de antiguidade. Mas internamente viamos um edificio christão muito mais antigo que todos aquelles que nos eram conhecidos em Portugal, e de todos tambem muito differente pelo estylo da ornamentação e aspecto geral da sua fabrica.

É um pequeno templo de tres naves. Não tem cruzeiro. O arco da capella-mór, de volta de ferradura, estriba-se sobre empostas singelas e grosseiramente ornamentadas, assentes sobre columnas de granito. Tres arcos de volta redonda, estribados sobre duas columnas e pilastras, separam da nave central cada uma das naves lateraes. Todos os capiteis são corinthios e de tosco lavor e foram de certo aproveitados de um edificio romano anterior.

Os dois capiteis do lado da Epistola são de melhor desenho, mas tiraram-lhes os abacos. Conservam-os os do outro lado, cujo lavor é differente. Os fustes e as bases são lisas, excepto a de uma columna do lado da Epistola, que faz lembrar um capitel jonico posto ás avessas. As bases baixas e com patas são evidentemente anteriores á epocha ogival.

As duas columnas em que se estriba o arco da capella-mór são como aquellas que dividem as naves, e os capiteis similhantes ou mesmo eguaes aos da nave da parte da Epistola. Estas duas columnas com as empostas e paredes adjacentes estão desaprumadas, inclinando-se de baixo para cima e de dentro para fóra. O desvio parece antes eventual, causado pelo movimento excentrico das paredes que cederiam ao peso do arco do que intencional do architecto. O arco a partir do terço inferior foi remanejado para lhe darem maior elevação. Todavia no terço intacto, particularmente juncto das empostas, vê-se bem clara a fórma do arco arabe. É possivel que esta elevação do arco da capella-mór coincidisse com uma elevação geral das paredes a fim de dar ao pequeno templo maior pé direito.

As empostas d'este arco parecem imitadas de capiteis jonicos e assentam sobre as pilastras lateraes e sobre os capiteis das columnas, isto é, prolongam-se horizontalmente para além e por fóra da superficie dos capiteis pelas paredes a que se encostam as columnas.

Dos capiteis, fustes e bases, os primeiros são os que mais

parece terem pertencido a um edificio romano preexistente. Mas não ha impossibilidade nenhuma em admittir que todas as partes das columnas tenham a mesma procedencia. Todos estes elementos, bem como as pedras faceadas das paredes, são de granito.

A ornamentação que se encontra geralmente nos prolongamentos das empostas dos arcos, muito singela e rude, é puramente geometrica. No desenho predomina a linha curva e os ornatos muitas vezes não passam de dois circulos concentricos. Não ha analogia nenhuma entre este estylo rudimentar e o da ornamentação rica e variada das egrejas romanicas de Cedofeita no Porto ou da Sé velha em Coimbra.

A anterioridade da pequena egreja de Balsemão a estas ultimas construcções correspondentes ao seculo XII em Portugal, é evidente. A fórma do arco da capella-mór determina com certeza outra epocha, antes da qual não poderia ser construida, a epocha da dominação arabe. Temos pois os limites extremos do seculo VIII e do seculo XII, entre os quaes deve necessariamente ter coincidido a construcção.

Toleravam os mouros durante a sua dominação o culto do christianismo. Todavia não seria possivel por esse tempo aperfeiçoar-se a architectura a ponto de produzir monumentos notaveis e com a solidez bastante para resistirem a tantos seculos.

A occasião da conquista de Affonso III, que antes de 877 povoara de christãos a cidade de Lamego, tambem não parece a mais propria para se construirem templos de apurada fabrica. Mas, decorridos alguns annos de paz, as artes deveriam logo elevar-se a ponto de produzirem monumentos mais perduraveis. Assim a epocha provavel da construcção da egreja de S. Pedro de Balsemão parece ter sido o espaço decorrido entre a conquista de Affonso III no seculo IX e a conquista de Al-Manssor no seculo X. Comtudo a comparação da ornamentação que alli se encontra com a de algumas egrejas de Hespanha, anteriores ao seculo XI, poderá fundamentar conclusões mais incontestaveis.

No corpo da egreja, ao cimo da nave lateral da parte do Evangelho, está um tumulo de granito de estylo ogival bastante rude do seculo XIV. Na parte superior vê-se deitada a estatua de um bispo, vestida de pontifical. Na parede juncto ao arco da capella-mór da parte da Epistola está embutida a seguinte inscripção, elegante e cuidadosamente aberta numa pedra similhante ao calcareo de Ançã; e diz em muitas abreviaturas o seguinte: *Hic jacet Dominus Alfonsus Episcopus Portugalensis qui fecit et consecravit ecclesiam istam et visitavit Sepulcrum Domini et Baselicas Appostolorum Petri et Pauli et decessit in era MCCCC.*

A elegancia dos caracteres gothicos redondos, a natureza da pedra e apuro com que fôra gravada e até dourada em roda, fez-nos suspeitar que fôra trazida de alguma outra egreja, a cuja construcção se referisse. Todavia algumas duvidas nos occorreram, encontrando no *Catalogo dos bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha algumas informações concernentes ao assumpto.

D. Affonso Pires foi eleito bispo do Porto em 1358 ou 1359, instituiu uma capella de invocação de Nossa Senhora na egreja de S. Pedro de Balsemão, onde jaz sepultado da parte do Evangelho. O auctor refere-se á inscripção, indicando o logar em que hoje se conserva, e dá uma lição d'ella em que só falta a palavra *consecravit*. Parece, portanto que não terá havido uma trasladação qualquer, e que tanto o tumulo como a lapide commemorativa alli teriam sido collocados no seculo XIV depois da morte do bispo. Sendo assim, e havendo absoluta impossibilidade de attribuir áquelle seculo ou aos quatro immediatamente anterioras a edificação, sómente resta a hypothese de que na inscripção se escreveria *fecit* em vez de *refecit*, ou se não faria a devida distinção entre uma construcção desde os alicerces e uma reedificação das paredes exteriores e dos accessorios interiores similhantes áquella que se repetiria no seculo passado ou no anterior. D'essa renovação do seculo XIV restam ainda tres estatuas de sanctos pintadas e douradas, porém muito podres e em parte desfeitas pela acção do tempo.

Tendo-nos demorado algumas horas no estudo d'este monumento, voltámos ainda alli no dia seguinte para a conclusão das medições, desenhos e calculos, o que nos entreteve desde as 5 horas da manhã até ás 3 da tarde. Ficaram porém no poder de um de nós, Alfredo de Andrade, todos os elementos necessarios para as estampas que devam acompanhar a monographia da egreja de S. Pedro de Balsemão.

No dia 24 de maio recebemos um telegramma do director da Academia Real de Bellas Artes, vice-presidente da commissão, avisando-nos de que seriamos propostos ao governo para acompanharmos a Londres os objectos destinados á exposição, para o que deveriamos immediatamente partir para Lisboa. Desculpou-se um de nós, Augusto Filippe Simões, de não poder acceitar esta honrosa commissão, por se não julgar auctorisado a abandonar o seu logar na camara electiva, numa epocha em que as côrtes iam reabrir-se. O outro, Alfredo de Andrade, partiu logo no dia immediato, 25 de maio, para Lisboa.

Ficando em Lamego, resolvera fazer em companhia de alguns cavalheiros d'aquella cidade, mas sem o auxilio importantissimo que poderia continuar a prestar-me Alfredo de Andrade, duas

digressões que se me afiguraram do maior interesse para o estudo da architectura christã. Era uma a S. João de Tarouca, Salzedas, Ferreirim e Castello de Ucanha a léste de Lamego, outra a Barrô, S. Martinho de Mouros e Sancta Maria de Carquere a oeste da mesma cidade. O mau tempo não me permittiu effeituar essas digressões que obrigariam a andar muitas leguas a cavallo. Por serem conhecidas as epochas da construcção de uns d'estes monumentos, pelas extranhas fabricas de outros, julgo esse estudo tão necessario que, logo que me seja possivel, voltarei a Lamego a fim de visitar os logares mencionados.

De Lamego sahi no dia 29 de maio em direcção a Arouca. Como trouxesse d'aquella cidade objectos de valor, para melhor os guardar veio d'aquella cidade um homem na minha companhia. Em Ovar encontrei dois amigos meus, Augusto Mendes Simões de Castro e José Alves de Mariz, que por me obsequiarem vieram de Coimbra e de Aveiro ao meu encontro para me acompanharem a Arouca.

Chegámos a esta villa no dia 30 de maio no principio da tarde, e logo nos foi permittida a entrada no convento, para o que levava uma portaria do governador do bispado de Lamego, que me auctorisava tambem a levar, mediante o competente recibo, os objectos que pudessem figurar na exposição.

Infelizmente aquelle rico e antigo mosteiro tem sido de tal sorte explorado, que hoje não se encontra alli uma só obra de arte com valor artistico, excepto a urna de ebano ornada de prata em que se guarda o corpo de Sancta Mafalda. É notavel esta obra, que parece do tempo de D. João v, pela elegancia da fórma, belleza e delicadeza dos ornatos e valor das materias empregadas na sua fabrica. Todavia faltam-lhe já alguns fragmentos dos ornatos mais delicados, estrago que irá continuando porque, tendo sobre a urna uma coberta de chita, a levantam quasi violentamente quando alguem pretende ver o corpo da sancta ou a urna. Um vidro está partido, e a face correspondente aos pés da sancta está aberta, deixando assim facilmente a qualquer que subir acima do altar metter a mão dentro para furtar o que melhor appetecer dos ricos vestidos bordados a ouro.

Entre centenares de pinturas e de obras de arte que vi em Arouca não achei pois uma só digna de attenção. Pessoas entendidas devem ter entrado naquella casa a fim de fazerem uma escolha para que as freiras de certo não seriam capazes. Esconderam-nos paramentos e outras alfaias. Algumas porém consegui ver, e por essas fiquei julgando que o mais que haviam occultado não teria tambem o menor valor artistico.

O grande templo, construido no seculo XVIII, é todo cercado de

largos corredores adornados com pinturas, retabulos e altares. Debalde se buscarão nelles tecidos, bordados, jarras, quadros ou alfaias que tenham algum valor. Debalde se buscará um movel antigo pelas casas do vasto convento. Se houve umas e outras cousas, como é provavel em tão rico e antigo mosteiro, totalmente desappareceram, substituidas por aquellas que hoje alli existem, e que nenhum interesse offerecem, archeologico ou artistico.

Antes de entrar na villa, juncto de uma egreja que julgo ser de S. Pedro, á direita da estrada, conserva-se um arco de granito por extremo curioso. Chamam-lhe *Moimento*, e anda em tradição que teria sido erguido, bem como outros dois que se encontram na estrada de Rio Tinto e que não tive occasião de observar, para commemorar o transito do cadaver da rainha D. Mafalda d'aquella povoação, onde fallecera, para o mosteiro de Arouca, onde foi sepultada. O cadaver fôra milagrosamente transportado por uma mula sem guia.

A tradição é contestavel, porque Ruy de Pina e Fr. Bernardo de Brito affirmam que a rainha fallecera em Arouca. Um antigo extenso epitaphio, que o segundo achara ainda inteiro e Fr. Antonio Brandão em grande parte, não refere tão importante facto como seria o transito de Rio Tinto para Arouca. Emfim tudo leva a crer que sobre a existencia dos tres monumentos se architectaria a lenda, vasada nos moldes de outra muito conhecida, que se refere aos cinco martyres de Marrocos.

Seja como fôr, o estylo do monumento de Arouca é mais romanico do que ogival; parece antes do seculo XII que do seculo XIII, no meiado do qual, em 1256, a rainha fallecera.

É um arco de volta redonda, no meio da qual foi horizontalmente atravessada uma pedra abaulada como a campa de um tumulo. Esta pedra estriba-se de cada lado em duas pequenas columnas com capiteis. As faces do arco, os capiteis e columnelos são muito ornamentados num estylo que parece mais proprio do meiado do seculo XII que do meiado do seculo XIII. A observação dos outros dois monumentos, se por acaso subsistem de pé, daria provavelmente indicações mais importantes, até porque o de Arouca foi remexido e restaurado. Infelizmente não me foi possivel seguir a estrada de Rio Tinto.

De Arouca voltei a Ovar, e d'aqui segui para Lisboa aonde cheguei no dia 31 de maio, tendo-me faltado o tempo para o desempenho da minha commissão em Aveiro e Coimbra.

Lisboa, 10 de junho de 1881. — Illmo e ex.^mo^ sr. Inspector da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa. — O Secretario da Commissão da Exposição de Londres — *Augusto Filippe Simões.*

XII

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

Oh ditosos aquelles . . . . . .
. . . . . .
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella.

Lusiadas, cant. VI, est. LXXXIII.

I

Os grandes successos da revolução franceza agitaram, nos fins do seculo passado, toda a Europa.

Os soberanos, ou pelo parentesco em que estavam com Luiz XVI, ou pelo temor de que o exemplo da França se tornasse contagioso em seus estados, formaram liga geral offensiva contra esta nação. Não previram que uma guerra externa, tão injusta como imprudente, contribuiria com efficacia para reunir todos os partidos que dividiam o paiz revolucionado, e para assegurar o exito da revolução, que, sem aquelle estimulo, teria degenerado talvez em guerra civil. Não poderam adivinhar que nas batalhas em que pretendiam abater, supprimir talvez uma nação, para assombro do mundo se formaria o genio guerreiro, de quem receberiam os damnos que intentavam fazer.

A Inglaterra, esperando engrandecer-se com a total ruina da França, poz as maiores diligencias para que os soberanos se colligassem, particularmente os da Italia, e dessem principio a uma guerra que ella desejava, mas que se não atrevia a declarar primeiro que as outras nações.

O rei do Piemonte, Victor Amadeu, rompeu as hostilidades da parte de Nicea e Saboia. Mal succedido em principio, redobrou de esforços, auxiliado pelos outros soberanos da Italia, soccorrido com tropas austriacas e protegido pelos inglezes. Os exercitos da França não sómente impediram a invasão, mas avançaram victoriosos pelo paiz inimigo.

Estas primeiras guerras, tendo começado em 1792, prolongaram-se até ao anno de 1796, em que Bonaparte, enviado á Italia, iniciou, por uma serie de victorias successivas, a sua gloriosa carreira.

A 17 de outubro de 1797, quando a Europa absorta esperava do novo general ainda mais brilhantes feitos que os que já lhe illustravam o nome, assignava-se a paz em Campo-Formio com as condições estipuladas pela França.

Mas a paz nem dava a esta nação quanto ella podia exigir depois da campanha da Italia, nem contentava os estados que não podiam ficar senão peior do que estavam antes da guerra. Assim, com pretextos não muito fundados, os francezes occuparam Roma em fevereiro de 1798 e expulsaram Pio VI para a Toscana.

Por outra parte, o rei de Napoles, o imperador da Austria, o duque da Toscana e o rei da Sardenha, protegidos e incitados pelos inglezes, aprestavam-se para continuar a guerra.

Nas Duas Sicilias e, portanto, em Napoles, reinava Fernando IV, casado com Maria Carolina de Austria, irmã de Maria Antonieta. Ambiciosa, imprudente e vingativa, a rainha, a quem o fraco animo de Fernando se humilhava, dirigia com o ministro Acton os negocios do governo.

Os inglezes, que desejavam avassallar o reino de Napoles e ao mesmo tempo voltar contra a França o seu dinheiro, tropas e navios, aproveitaram-se das condições favoraveis que lhes offerecia a côrte napolitana para conseguirem os seus fins.

Excitando o odio da rainha para com os francezes e outras más paixões que a dominavam, persuadiram-lhe, desde 1793, a practica de um systema odioso, que havia de alienar-lhe as sympathias do povo e promover as dissensões intestinas.

Tomada de imaginarios sustos, Carolina acreditava que milhares de napolitanos tinham relações secretas com os francezes, e se aprestavam para a precipitar do throno, como estes haviam feito a sua irmã. Uma juncta do estado, a quem foi commettido o

encargo de julgar os suspeitos, atulhou as cadeias de accusados e condemnou alguns á morte. A rainha cobria o reino de espiões e gabava-se de *ir assim destruindo o velho preconceito que reputa infame o denunciante.*

Ao mesmo tempo sobrecarregava o povo de tributos onerosos para levantar tropas de mar e terra, que servissem não sómente para apoiar os seus vexames e abusos dentro do reino, mas tambem para expulsar os francezes da Italia.

Não estavam os napolitanos educados para a revolução, nem comprehendiam as idêas que a tinham produzido e sustentavam em França. Porém, a tyrannia do governo, a devassidão da côrte e as exacções do fisco, desinvolveram antecipadamente um fructo, a cuja maturação obstavam a rudeza e a ignorancia do povo.

O castigo injusto de revolucionarios suppostos fez que apparecessem os verdadeiros.

Havia em Napoles alguns homens, superiores por sua illustração ao vulgo, capazes de apreciar as instituições liberaes e de ver que o governo impolitico, despotico e oppressivo da rainha e de Acton precipitaria o reino de Napoles num abysmo. Esses, a quem ameaçavam já a cadeia ou a forca, associaram-se secretamente com o nome de *philomati,* escolhendo para as suas reuniões o *Palacio da rainha Joanna,* velhas ruinas de uma casa que não chegara a ser concluida, na encosta do Pausilippo.

Era ahi que liam as cartas e gazetas de França e, em conversas e discussões animadas, tractavam de radicar as novas idêas e de constituir um partido que tomasse á sua conta promover, de accordo com os francezes, a quêda do throno e a expulsão de um rei imbecil e de uma rainha cruel e imprudente.

A victoria de Nelson nos mares de Alexandria em 1798, reanimando as esperanças dos soberanos colligados, fez redobrar a actividade do governo de Napoles. Num só dia recrutou quarenta mil homens. Nos fins de outubro mais de setenta mil formavam o exercito da fronteira.

Para lançar os francezes fóra da Italia, o exercito napolitano contava com o apoio do imperador da Austria, do duque da Toscana e do rei da Sardenha.

O imperador não se moveu, transtornando assim o plano da campanha, que era cercar os francezes por todos os lados. O exercito napolitano, commandado por Mack, foi sobre Roma e Civitta Castellana, onde, pelos revezes que padeceu, se deixou entrar de tal desanimo que, em vez de expulsar os francezes, lhes abriu o caminho de Napoles.

O povo armou-se amotinado para sair ao encontro do inimigo. O rei, sem coragem para o dirigir ou acompanhar, fugiu com a

familia real na esquadra de Nelson, levando muitos milhões e as joias da corôa. No meio da geral desordem o general Mack, para escapar ao furor da plebe, teve de refugiar-se entre os soldados francezes que Championnet commandava.

II

O povo de Napoles, como ha poucos dias o de Paris, passara de uma confiança vaidosa e cega ao extremo da desesperação. Aguardava as grandes victorias do exercito, organisado á custa de tantos sacrificios, e o exercito trouxera-lhe os francezes sobre a cidade. Esperava gloriosos feitos da esquadra, em que vira dispender milhões, e a esquadra desapparecera incendiada pelos seus proprios alliados, os previdentes inglezes. Contava com o rei, que deveria servir-lhe de pae e guial-o, como cabeça que era de todos, e o rei fugira, abandonando cobardemente o seu posto. Depositara, emfim, a ultima esperança no principe Pignatelli, a quem Fernando IV commettera o governo da cidade, e o *vicario* tractara com o inimigo o armisticio mais ruinoso que em tempo algum se fizera, promettendo, por umas treguas de dois mezes, grande parte do reino e dois milhões e meio de francos.

O povo julgou-se trahido por todos. Invadiu os castellos e, apossando-se das armas, assenhoreou-se da cidade. Muitos magotes percorriam as ruas gritando: *Viva a religião! Viva o povo napolitano!* E, ao som d'estas e outras vozes saqueavam e incendiavam as casas dos que passavam por *jacobinos*.

Da parte de fóra os francezes ameaçavam a cidade. Dentro reinava o terror.

Havia, felizmente, devotados á causa da França muitos napolitanos, de quem a plebe não desconfiava. Esses misturavam-se com os populares e os guiavam conforme podiam, fingindo-se adversos aos francezes para obstar a maiores horrores. Alguns conseguiram apoderar-se do castello de Sant'Elmo que domina a cidade, e o entregaram ao general Championnet, inutilisando d'este modo todo o projecto de defeza, que não serviria senão de aggravar horrivelmente os males que ameaçavam aos napolitanos.

Apenas se avistou na fortaleza a bandeira da republica, recresceu o furor da populaça. O tumulto subiu ao maior auge. Foram invadidas com mais violencia as casas d'aquelles que se suppunham em relações com os francezes.

Um dos magotes que andavam em tal diligencia pretendia arrombar a porta de certa casa, soltando brados de vingança e de morte, principalmente contra uma mulher, cujo nome, com temerosa sanha, muitas vezes repetia.

Quando chegavam a ponto de consummar o attentado, abriu-se de subito outra porta da mesma casa, por onde sairam á rua muitas damas armadas.

Seguiram-se alguns momentos de silencio e de estupefacção. Emquanto estas se punham em ordem, como a companhia de um batalhão disciplinado, uns d'aquelles homens enfurecidos deixavam cair por terra as alavancas e machados com que trabalhavam no arrombamento, outros, mais deshumanos, erguiam-nos ao alto, bem como se quizessem preparar-se para a lucta.

Estavam frente a frente o bando dos amotinados e a gentil cohorte que os surprehendera. Que singular contraste! De uma parte os *lazzaroni* cobertos de andrajos immundos e esfarrapados. A colera decompunha-lhes as feições que os cabellos desgrenhados e a barba hirsuta faziam mais hediondas. De outra parte as damas elegantes e graciosas, penteadas e vestidas com esmero, não deixavam transluzir na serena tranquilidade dos rostos senão a resignação e o valor com que affrontavam a morte, ou o desprezo que sentiam para com os ferozes assassinos, de quem tinham de approximar-se para achar meio de fugir-lhes.

Pareciam os anjos de Milton aprestando-se para a lucta. De um lado os bons, de outro os maus.

Vinha commandando as damas armadas aquella a quem mais se dirigiam os clamores do povilheu. Era uma mulher elegante e formosa, de aspecto nobre e varonil. A figura, os olhos e o gesto impunham silencio e respeito á turba enfurecida. Avançando resoluta contra ella, com uma pistola em cada mão, disse com voz clara e firme:

— Não precisais de subir as escadas para nos assassinardes. Aqui, á luz do sol e com a cidade de Napoles por testemunha, executareis o vosso intento. Sabei, porém, que venderemos caro as vidas. Nem todos de entre vós se hão de gloriar de punir com a morte algumas mulheres, que não têem por culpa senão o abominar os tyrannos que vos enganaram e trahiram.

Os *lazzaroni*, estupefactos de tamanha audacia na occasião em que menos a esperavam, ou receiosos de luctar sem armas de fogo contra quem as trazia, ou, emfim, porque as palavras d'aquella que fallara os convencessem da injustiça com que procediam, ficaram-se quietos e silenciosos. As damas, aproveitando-se d'esta inercia, afastaram-se apressadamente da turba, que, de um para outro momento, poderia recuperar a perdida

formador do marquez de Pombal dava outra vêz á monarchia o antigo esplendor, tornando-a por sabias leis uma das primeiras da Europa.

Ao drama, como a auctora declara, deu assumpto um execrando attentado que puzera em risco a vida do grande ministro. Foi provavelmente o de João Baptista Péle, pouco depois da inauguração da estatua equestre, facto que tambem avulta no entrecho da composição [1].

Consta o drama de duas scenas. A primeira passa-se numa horrenda caverna. A *Inveja* descreve ás *Furias* o odio que sente para com o marquez de Pombal, por haver reedificado a cidade de Lisboa que ellas tinham destruido. Communica-lhes o designio que formara de arrasar de novo aquella cidade e dar a morte ao marquez. Encarrega este ultimo golpe á *Traição* e ao *Rancôr*.

A scena segunda é na praça do Commercio de Lisboa, adornada para a inauguração da estatua equestre. As *Bellas-artes*, coroadas de loiros e no acto de acabarem o monumento, cantam:

Sorgi, o bronze avventuroso
Gran portento in ogni etá;
No di te piú glorioso
Monumento alcun non v'ha

Apparece com suas companheiras a *Inveja*, que, ao vêr a estatua, rompe em terriveis ameaças. Acode a *Virtude*, seguida de *Genios*, entre os quaes se distinguem o *Zelo* e a *Fidelidade*.

---

[1] Eis aqui as proprias palavras de Leonor da Fonseca Pimentel:

«...Io non ho potuto raffrenare, o Signore, il potente entusiasmo in me destato e dalla ammirazione di cosi straordinarie cose, e dalla tenerezza di vederle eseguite in una nazione, nella quale io no nacqui, ma della quale son figlia. Inspirata da questo è il presente dramatico componimento, che io dedico a V. E. Egli prende soggeto da un esecrando attentato; ma questo attentato istesso è il fregio piú luminoso della vostra gloria, poichè l'alloro piú degno della vera virtú é quello, ond'essa si adorna su i vizi debellati. Ed egli é ben giusto, che di anno in anno si celebri, e vada nei fasti lusitani segnato di splendore, e di gioia quel memorando giorno, nel quale contento del sollecito frutto dé vostri gloriosi sudori, voi innalzaste o Signore, a nome della risorta nazione ammirable monumento di riconoscenza, e di fede al Pio, Felice, Augusto Sovrano; e riceveste a' piedi di quel monumento stesso eterno attestato della gratitudine dei vostri concittadini, e vedeste il zelo di questi cangiarvi in nuovi trionfi le vili trame dell'altrui depresca perfidia. Io sono adunque in questi versi quasi un organo delle sincere voci, che cosi gran giorno, e cosi grande avvenimento hanno eccitate ne' cuori e de' vostri fedeli ammiratori, e de' veri cittadini, a' quali la distanza ha impedito di partecipare delle pubbliche dimostrazioni della patria...»

Segue-se uma discussão entre as duas potencias sobre naturaes. A *Inveja* despede suas serpentes. Treme a terra, bramam as ondas, prenunciando a destruição da praça e de toda a cidade. Neste momento a *Virtude* vibra o raio e a *Traição* cae fulminada. Desapparece o côro infernal, ficando apenas a *Inveja* e o *Rancôr*, vencidos e encadeiados pela *Virtude*, ao pé da effigie do marquez de Pombal.

A *Virtude* canta o seu triumpho; segue-se depois o côro das *Deidades marinhas* e o dos *Genios*. As *Nimphas do Tejo*, alludindo ao desenvolvimento da agricultura, da industria fabril e do commercio, cantam em côro:

Nei nostri campi Cerere
  Era da Bacco oppressa;
  Cerere or sorge anch'essa
  I campi a ricoprir.
Le merci a noi veniano
  Pria da'stranieri regni;
  Or vanno i nostri legni
  I regni ad arricchir.

O côro das *Bellas-artes* allude á grande reforma e novos estatutos da Universidade de Coimbra e ao desenvolvimento das artes:

Prima l'error coprivasi
  Col manto del saper;
Ora le scienze svelano
  I puri rai del ver.
E le Virtuti abbellansi
  Al nobile splendor;
E le bell'Arti adornansi
  Di non mai cinto allor.

As *Deidades marinhas da Asia*, celebrando o estado vigoroso das possessões asiaticas, cantam em côro:

Quasi neglette figlie
  Lungi versammo il pianto;
E'l primo onore intanto
  In noi parea mancar.
L'antica gloria a sorgere
  Or torna in noi sicura,
Giá le nemiche mura
  Torniano a minacciar.

Emfim as *Deidades marinhas da America e da Africa*, cantam

as leis que declararam livres em Portugal os escravos e seus filhos e concederam aos subditos americanos as prerogativas de portuguezes:

E noi costrete a gemere
In dura schiavitú,
Ora godiamo in libera
Soave servitú.
Il laccio indissolubile
Passó del piede al cor;
Ch'ove virtute ha imperio,
Ivi obbedisce amor.

Tal é muito em resumo o entrecho da composição dramatica *Il trionfo della virtú.*

Obra vasada nos moldes que mais se apreciavam no theatro no tempo em que foi escripta, deveria ser acolhida com enthusiasmo por aquelles a quem mais interessavam as reformas do grande ministro. Porém, não chegou de certo a representar-se em Portugal, porque, fallecendo el-rei D. José em 20 de fevereiro de 1777, o marquez de Pombal recebeu da rainha D. Maria I a sua demissão em 14 de março de 1777, na vespera do dia em que Leonor da Fonseca Pimentel assignava em Napoles a apologia em que o tinha por indispensavel á nação portugueza.

Emquanto a illustre poetisa imaginava encadeiados pela *Virtude* a *Inveja* e o *Rancôr,* elles, despedaçados os laços que os prendiam, arrancavam a effigie do marquez de Pombal do monumento que symbolisava as grandes reformas da sua gloriosa administração!

IV

Leonor da Fonseca Pimentel cultivou tambem as sciencias. Spallanzani elogiou seus conhecimentos em historia natural; e não falta quem lhe attribua o ter collaborado com este sabio illustre na descoberta dos vasos lymphaticos.

Nem as sciencias theologicas lhe eram extranhas. Traduziu e annotou em italiano a *Analyse da profissão da Fé,* obra do padre Antonio Pereira de Figueiredo[1].

---

[1] A carta de Leonor da Fonseca Pimentel a José de Sá Pereira, ácerca da traducção da *Analyse da Profissão da Fé,* e por elle transmittida, com a

Outros muitos factos e importantes, que não podémos descobrir, honram de certo a vida litteraria de Leonor da Fonseca Pimentel. Mas os da politica, posto que não occupassem senão os ultimos dias da sua carreira, deixaram na sombra tudo o mais.

D'esses tornaremos agora a fallar.

---

carta que já transcrevemos, ao Padre Antonio Pereira de Figueiredo, é a seguinte:

«Ill.mo e ex.mo sr. Em resposta ás reflexões do muito respeitavel Padre Antonio Pereira de Figueiredo ácerca da minha traducção da sua obra — *Analyse da Profissão da Fé*, etc., que v. ex.ª teve a bondade de communicar-me, — digo; — que:

«Pag. 58 — *neppur qui si fa motto*, etc., o paragrapho que o Padre Pereira ajuncta nas suas reflexões, em latim, já o tinha exposto na obra em portuguez, e se acha palavra por palavra na traducção.

«O mesmo é na pag. 71 — *Ma suppongliamo*, etc., aonde diz — *ora piú forte ragione*, etc.

«Pag. 60, aonde diz *avendo pero la Chiesa*, etc., e segue — *Piú non rimane*, etc., já eu tinha advertido que poderia explicar-me melhor, e na errata corrigi e emendei, dizendo — *altro non rimane di fede, e perché altro non rimane di fede, rimane ugualmente possible*, etc.

«Pag. 103. *É dunque fede della Chiese?* Como esta pergunta tem seu ligame de significado com a que precede o — *é dunque?*, tem aqui a mesma força de — *é forse. É avenlura?*, que é como parece que o Padre Antonio quereria traduzido o *estne?*

«Pag. 129. *Se dunque non si puo*, etc. Communiquei a reflexão do Padre Pereira ao douto ecclesiastico a quem pertence aquella annotação, pois minhas são sómente: 3, 6 e 8 e a 10, que vão differençadas com as estrellinhas; agradece elle com muito obsequio ao Padre Pereira a dicta reflexão, porém julga ter no extenso da mesma annotação dado todas as illustrações necessarias.

«Com esta occasião peço licença a v. ex.ª me faça o favor de saber se o Padre Pereira, além da traducção da *Analyse* e de outro livro, recebeu — *Spirito della giuridizione Ecclesiastica sulla ordinazione de Vescovi* dell'Abbate Gennaro Cestari, que é o mesmo que fez o discurso preliminar á traducção da *Analyse*, e as annotações que não são minhas; e outro livro — *Falsitá de titoli vantati dalla S. Sede sulle Sicilie*, obra de um seu irmão, tão douto na historia dos tempos do meio, como o outro o é na historia ecclesiastica e na theologia; e tudo quanto aqui esteve a esquadra entreguei eu ao abbade Soyer com uma carta minha para o mesmo Padre Pereira.

«Com o mais reverente obsequio mandamos, o nomeado ecclesiastico e eu, as mais respeitaveis lembranças ao Padre Pereira, e fico de v. ex.ª ill.ma — Muito obrigada e obsequiosa serva — *D. Leonor da Fonseca Pimentel.*»

No fim da carta lê-se a nota seguinte:

«O Padre Soyer nada entregou até agora.»

V

Aos 22 de janeiro de 1799, poucos dias depois de se terem assenhoreado do castello de Sanct'Elmo, os francezes entraram na cidade de Napoles.

Logo, entre clamores de alegria e manifestações ruidosas se proclamou a republica parthenopêa. As tropas francezas, para que fosse menos repugnante a idêa de *occupação extrangeira,* tomaram o nome de *exercito napolitano.* Os tribunos explicavam ao povo nas ruas e praças os principios do novo governo. Os frades e sacerdotes, devotados á causa da revolução, prégavam tambem, mostrando a conformidade das idêas de liberdade, egualdade e fraternidade com as maximas fundamentaes do Evangelho [1].

Leonor da Fonseca Pimentel redigia o *Monitor Parthenopêo,* cujas paginas, escriptas com desaffectada e natural eloquencia, accendiam em todos os corações o mesmo sancto amor da liberdade que a inflammava.

Nos theatros representavam-se algumas das tragedias de Alfieri e outras peças egualmente proprias para excitar os sentimentos patrioticos. Uma noite, no theatro de S. Carlos, aproveitaram essa excitação para publicar algumas noticias dasagradaveis que temerosamente ameaçavam a sorte da republica. Num entre-acto uma actriz veio ao proscenio annunciar a marcha victoriosa do cardeal Ruffo e a derrota das tropas republicanas.

Os espectadores pediram em altos gritos o hymno da liberdade, voltando-se para um camarote, onde estava Leonor da Fonseca Pimentel e bradando muitos: «A Pimentel! A Pimentel!» Queriam que o hymno fosse cantado não pela actriz, mas pela illustre poetisa, pela inspirada redactora do *Monitor,* a quem chamavam a sybilla napolitana, o genio da republica parthenopêa.

---

[1] Entre os membros do clero que melhores serviços prestaram á republica cita Vannucci os padres F. Conforte e M. Scotti, M. Ciecone, G. Belloni, Cavallo, M. Guarano, Caraffa e Jerocades. Os bispos Serao, Sarno, Natali, Troisi, o bispo de Sansevero e o arcebispo Zurlo. O historiador Cuoco assevera que foram de trinta a quarenta os prelados que tomaram parte na revolução. Alguns pagaram com a vida o terem pugnado pela liberdade e pelo bem da patria.

Ella hesitou; porém, vendo a unanimidade da manifestação, desceu ao palco, onde foi saudada e calorosamente applaudida.

Depois, succedendo ao ruidoso tumulto profundo silencio, Leonor acompanhada pela orchestra começou a cantar:

Il tiranno é caduto, sorgete
Gente opressa, etc.

Terminado o hymno, houve em toda a sala uma agitação indescriptivel. Aos bravos, palmas e applausos de toda a sorte ajunctavam-se o brandir das armas, os clamores de vingança e as juras dos que promettiam vencer ou morrer na defeza da republica.

Com muito custo serenara a tempestade no resto da noite, para se desencadear mais furiosa no dia seguinte nas praças, ruas e clubs de Napoles. Estes ultimos, depois de animadas discussões, deputaram ao governo, a fim de conjurar os males que ameaçavam a republica, alguns de seus principaes membros.

VI

Encontraram-se, perante os ministros no palacio nacional, Vincenzo Russo e o general Matera por parte dos exaltados, e por parte dos moderados o bispo de Vico e Leonor da Fonseca Pimentel.

Pretendiam os exaltados que se suspendesse a constituição e se nomeasse um dictador e se lançassem impostos forçados e, emfim, se levantassem forcas para os inimigos da republica, ou para quem se oppozesse aos meios energicos e violentos que julgavam indispensaveis. Queriam o *terror*, como em França no anno de 1793.

Neste sentido fallara o general Matera, cujos discursos vehementes e acrimoniosos mal podera rebater o ministro Manthoné. Antes que outros dos moderados tomassem parte na discussão, levantou-se Leonor da Fonseca Pimentel, dominada de profunda commoção, que na pallidez do rosto e no estremecimento da voz bem se patenteava.

«Oh! exclamou ella. Melhor me fôra ter morrido no patibulo junctamente com Manuel de Deo e com Vitaliano! [1] Ao menos

[1] Estes e V. Galiani tinham sido enforcados em 1794, quando o rei e a

teria descido ao tumulo entre as lamentações affectuosas de meus irmãos, e profundamente convencida de que os defensores da liberdade podem ser martyres, mas jámais criminosos.

«Quê! Pois nós os sequazes da justiça e da verdade, os apostolos da nova fé, nós os republicanos quereremos imitar os satellites da tyrannia, os homens das trevas, oppondo aos crimes, aos roubos, aos assassinios de Ruffo, Mammone e Fra Diavolo, delictos similhantes, levantando forcas e arrancando aos innocentes a honra, os bens e a vida?!

«Não, por certo, ó cidadãos! Pereça a republica parthenopêa, arraze-se a cidade de Napoles e fiquemos sepultados em suas ruinas, antes que fazer o menor mal a innocentes ou derramar o sangue de transviados concidadãos, que não deixam, por isso, de ser irmãos nossos e filhos da mesma mãe commum!»

Grandes e geraes applausos, que os membros do club dos exaltados não ousaram contrariar, acolheram as palavras de Leonor, e a incitaram a proseguir:

«Não sou eu a quem applaudis, porém á virtude da caridade, ao amor da patria e da humanidade, aos altos sentimentos que me inspiram. E. com quanto muitissimo podesse dizer sob a influencia de tal inspiração, dispensa-me de longos discursos o participardes dos mesmos generosos sentimentos. Concluirei, por tanto, em poucas palavras:

«A sanguinosa anarchia da França, os tristes dias de terror fizeram amaldiçoar na Europa a republica e os republicanos. Agora pertence-nos a nós, filhos da Italia, nascidos na terra do genio, da virtude e da gloria, rehabilitar a republica e os republicanos.

«A liberdade está ameaçada. Talvez que seus altares venham a ser de novo derruidos pelo fanatismo ignorante e cego. Talvez que nossas cabeças tenham de cair aos golpes do algoz. Embora. Consumme-se o sacrificio, mas digam de nós as gentes e declare a historia:

«*Pereceram por haverem querido o bem dos homens!*»

A assemblea deliberou em seguida conferir a Manthoné, ministro da guerra, o commando em chefe do exercito republicano, com larga faculdade de levantar novas tropas, de ordenar as antigas, de dirigir, em summa, todos os aprestos para a defeza da patria.

---

rainha suspeitaram de haver uma vasta conspiração contra a realeza. O mais velho dos tres contava apenas vinte e dois annos e dezenove o mais novo.

Resolveu tambem que se considerassem filhos adoptivos da republica as mães, as viuvas e os orphãos d'aquelles que, defendendo-a, perdessem a vida.

Em quanto se discutia esta ultima lei, Gabriel Manthoné levantando-se exclamou:

«Cidadãos, espero que minha mãe virá a aproveitar os beneficios de tão generoso decreto!»

VII

No meiado de junho de 1799 as tropas do cardeal Ruffo, auxiliadas pelo populacho de Napoles, entraram na cidade. Os chefes republicanos refugiaram-se nos castellos, onde resistiram por alguns dias, até que obtiveram uma capitulação honrosa que lhes permittia, conforme quizessem, ou embarcarem nos navios, ou permanecerem na cidade sem que fossem perseguidos.

Mas a rainha Carolina, sedenta de vingança, deputou a Nelson lady Hamilton, cujas seducções o levaram a violar a capitulação, algemando oitenta e quatro cidadãos, que entregou á furia da plebe para serem apunhalados nas ruas ou conduzidos á forca.

O rei veio de proposito da Sicilia para instituir tribunaes, onde foram condemnados muitos republicanos. Dizem que sómente nas cadeias de Napoles chegaram a contar-se trinta mil.

Leonor da Fonseca Pimentel foi tambem condemnada á morte. Escutou a sentença com animo tranquillo; e antes de seguir para a forca pediu e bebeu café, repetindo o verso de Virgilio:

Forsan haec olim meminisse juvabit.

Depois, como dama superior á desgraça, percorreu com rosto sereno e passo firme as ruas que da cadeia conduziam á praça do mercado, onde tinham levantado a forca.

Da immensa turba que a rodeava, alguns a injuriavam com cantigas obscenas ou lhe gritavam que désse vivas a el-rei Fernando. Ella, chegando ao sitio elevado da forca, pediu com a mão e com a voz alguns momentos de silencio á bruta multidão para dizer as ultimas palavras, que seriam, por certo, dignas de seus altos espiritos. E já principiava, quando os carrascos, receando algum tumulto, lhe cortaram com a vida a palavra.

Entretanto os lazzaroni cantavam:

La signora Dianora
Che cantava neoppa u triato
Mo abbala miezzo a u mercato

Viva, viva u papa Santo
Ch'a mannate i cannoncini
Per distruggere i giacobini

Viva a forca e masto Donato [1]
Sant'Antonio sia laudato [2].

---

[1] O carrasco.

[2] Além da carta de Leonor da Fonseca Pimentel, que publicámos numa das notas precedentes, guarda-se tambem na bibliotheca de Evora a seguinte, dirigida ao bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenaculo:

«Ex.mo e rev.mo sr. — Com a occasião que volve para essa côrte o sr. D. Diogo de Noronha, ministro d'ella juncto á de Roma, me valho d'esta opportunidade para renovar a v. ex.a rev.ma os protestos do meu obsequio, e remetter-lhe pelo mesmo a obra dos direitos da neutralidade, da qual fallava já a v. ex.a na minha carta passada, e que, referindo-se muito ao estado de neutralidade armada nas ultimas guerras, julguei que não lhe seria desagradavel passal-a debaixo dos olhos.

«Não me permittiram de accrescentar o volume do paquete, e por esta causa não pude incluir tambem nelle a obra sobre a legislação do cavalheiro Filangieri, e da qual tem até agora saido sete tomos, que ficam esperando nova commodidade de remessa. Junctamente com o indicado livro achará alguns livrinhos de ephemeras poesias por mim compostas, que, ainda que não merecedoras de occuparem o seu tempo, as receberá v. ex.a como um tributo da minha veneração, e para que lhe tenham viva na memoria a lembrança d'ella; e terá a bondade de entregar a meu tio o pequeno plico que vai para elle e contém alguns exemplares das mesmas poesias, e quanto devo lhe agradeço as honras e favor que lhe faz.

«Novidades que interessem as lettras aqui não ha mais que a nova instituição que a côrte cuida em fazer das escholas normaes em todo o reino, para que em toda a extensão d'elle possa a baixa gerarchia do povo apprender a ler e escrever, e por cujo effeito se mandaram dois religiosos tomar as instrucções no imperio, que já tornaram; e está um desembargador encarregado do plano necessario para a execução, que cedo se espera; e além d'ella o abrir que por ordem da mesma côrte se vai fazendo dos antigos portos de Bajo (aonde se está fabricando um majestoso mollo e um excellente forte) e de Miseno, cuja communicação já se abriu com o mar morto, o qual fará como um porto interno a respeito do outro, e além do abrigo e grande commodidade para as naus, já se tira a da rectificação d'aquelle ar pelo enxugamento das muitas aguas encharcadas nas terras circumdarias, e que deformavam aquelles amenissimos sitios das delicias e da grandeza romana. Importante descoberta é a que um douto socio da Academia de Padua tem feito nos montes cerca de Verona, como de um carneiro de ossos de elephantes de grandeza como nunca se conheceram, e sobre os quaes compoz uma dissertação que se ha de publicar com os ultimos actos da dicta Academia; e que eu devo em breve receber pelo

XIII

A INSTRUCÇÃO POPULAR

Reficere in melius.

I

Em varios graus e por diversos modos se manifesta a opinião de certas pessoas contra a sciencia:

— Se instruirdes os operarios, promovereis a ruina da sociedade.

— Deus vos livre de padres illustrados.

— A instrucção convem ás classes superiores, ás inferiores não.

— Ha de ser sómente para homens e não para mulheres.

— A sciencia causa a infelicidade do genero humano.

Haverá ahi alguem que não tenha ouvido uma e muitas vezes

---

mesmo auctor e cujo conteúdo, não podendo deixar de ser curioso e instructivo, communicarei a v. ex.ª

«Que faz entretanto a Academia de Historia Natural, instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do sr. duque de Lafões? E, pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra d'esta minha madre patria gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saido d'ella. V. ex.ª fique certo do meu rendimento e desejo de servil-o no que o meu pouco prestimo póde valer, e de ser muitos annos como desejo a mais obrigada e obsequiosa serva — *D. Leonor da Fonseca Pimentel.*»

Esta carta, autographa, não tem data, mas em razão de alludir aos sete volumes publicados da obra de Filangieri, intitulada *Sciencia da legislação,* parece ter sido escripta em 1785 ou pouco depois, por se terem publicado nesse anno os tomos 6.º e 7.º da mesma obra.

estas e outras similhantes observações? Que não veja nellas a prova evidente de falta de fé na sciencia? Que não as considere como symptomas de uma temerosa enfermidade, que ameaça de gangrena e de morte elementos essenciaes á vida ou á independencia da sociedade portugueza?

Não nos illudamos. D'esta momentosa questão depende o futuro de Portugal; o conservar-se no gremio dos povos cultos e livres ou degradar-se para entre os povos incultos e escravos. Usar portanto de reticencias, occultar uma parte da verdade, attenuar a gravidade dos factos, para não offender melindres pessoaes ou interesses partidarios, será um crime de lesa-nacionalidade. É mister, é urgente descobrir as raizes do mal, levar bem fundo o escalpello, embora tenha de escorrer sangue da ferida. Convençam-se todos de que os palliativos, os remedios superficiaes não bastam. As pessoas meticulosas que os propõem ou applicam procedem á maneira d'aquellas enfermeiras que, em vez de renovar o ar viciado dos quartos onde tractam os doentes, os defumam com alfazema. O vicio que altera a atmosphera do ensino em Portugal não será destruido com o fumo de reorganisações, accrescentamentos e enxerto de leis extranhas. Importa renovar o ar alterado, reformando a opinião publica e mudando inteiramente, com relação á instrucção, as condições do professor, do alumno e da familia. Toda a reforma que não assentar neste triplice fundamento, será esteril e infructifera.

II

Seja qual fôr o grau da instrucção que se considere, por toda a parte se vêem signaes manifestos da indifferença e até da repugnancia da maioria do povo portuguez para com a sciencia. A instrucção primaria, por se extender a todas as classes sociaes, por actuar na edade em que mais vivas ficam as impressões recebidas, por servir de fundamento á instrucção secundaria e á instrucção superior, é de certo aquella em que menos se desculpam deficiencias ou imperfeições.

Ora, de interessantes estatisticas, publicadas pelo sr. D. Antonio da Costa nos seus livros, — a *Instrucção Nacional* e *Historia da Instrucção Popular em Portugal*, deduz-se que a extensão da instrucção primaria entre nós é cinco a sete vezes menor que nos Estados-Unidos e na Prussia, paizes onde tem chegado ao mais subido grau.

A differença na intensão da instrucção avaliar-se-ha da mesma sorte, dizendo que, se em Portugal se dispendesse com a instrucção primaria na mesma proporção em que dispende a Inglaterra, a verba total do que dispendem o estado, o elemento municipal e a beneficencia, deveria tornar-se oito vezes maior. Mas, se a comparação se fizesse com os Estados-Unidos, aquella mesma verba deveria ser dezenove ou vinte vezes maior. Convirá advertir que em todos estes calculos se toma em linha de conta, não o que dispendem realmente aquellas nações, mas o que dispenderiam, se tivessem o numero de habitantes que tem Portugal. Em resumo, para que nos levantassemos á altura dos mais ricos dos cultos na organisação da instrucção primaria, seria mister que lhe dessemos uma extensão cinco a sete vezes maior e uma intensão oito a vinte vezes maior.

Se a comparação se fizesse em relação a povos tambem cultos, porém menos abastados, como a Baviera, a Suissa, a Hollanda, a intensão da instrucção primaria deveria tornar-se tres a quatro vezes maior do que é em Portugal. Em summa, suppondo que temos 3000 escholas, e que dispendemos 400:000$000 réis, deveriamos ter 15000 a 20000, e dispender, em proporção da Inglaterra 3.200:000$000 réis, em proporção dos Estados Unidos 7.600:000$000 réis, ou, finalmente, em proporção da Hollanda, Suissa e Baviera 1.600:000$000 réis.

A Hespanha está muito abaixo dos paizes mais bem dotados, mas ainda assim muito acima de Portugal. Segundo as estatisticas, já citadas e publicadas em 1870 e 1871, a extensão da instrucção primaria entre os nossos vizinhos era duas vezes maior e a intensão quasi tres vezes maior. Pois, por aquelle mesmo tempo, a instrucção primaria da Hespanha era julgada em França nos termos seguintes, que, apezar de exaggerados, não se hão de considerar de todo o ponto sem fundamento.

«L'Espagne, par la faute des horribles régimes gouvernamentaux qu'elle a subis, semble marcher á grands pas vers la barbarie. *L'instruction* peut y être considérée comme nulle, bien que la loi de 1867 la déclare obligatoire.»

Mui de proposito preferimos a quaesquer reflexões os dados estatisticos apresentados, que patentèam bem claramente o estado da instrucção primaria em Portugal em relação aos paizes mais cultos. Mas o que estes dados não dizem, e importa que todos saibam, é que grande parte das escholas são elementos de degeneração physica, moral e intellectual.

Que vos ha de acontecer, se confiardes o governo de um navio a um ignorante das cousas do mar? Dentro em pouco vos dará com elle nas penedias da costa. Que esperareis de uma

empresa commercial, dirigida por quem desconhecer as leis e practicas do commercio? A banca-rôta. Se mandardes construir uma casa a quem não souber as regras das construcções, qual será o resultado? Cahir-vos-ha em terra pela insufficiencia dos alicerces ou por qualquer outro defeito.

Pois bem, a arte de educação, a mais nobre, a mais importante, a mais difficil de todas, confia-se a pessoas, que pela maior parte não a apprenderam. Que se ha de esperar da insciencia de taes professores? O mesmo que do mau piloto, do commerciante inexperiente ou do constructor ignorante. Em vez de educarem physica, moral e intellectualmente, causarão o estrago physico, moral e intellectual dos alumnos.

Todo o fundamento do nosso raciocinio está em suppôr que a maior parte dos professores de instrucção primaria ignoram a arte que exercitam. Ora a esta premissa objectarão talvez que, se os candidatos ao magisterio têem de sujeitar-se a um exame, sem o qual não poderão ser providos nas cadeiras, a approvação nesse exame será uma garantia de que estão habilitados para o ensino.

Mas quem ignora que nestas provas ha, de ordinario, grande indulgencia, a que os examinadores são forçados, pela consideração de que, se reprovassem uns candidatos, não viriam outros melhores, e de que a maior parte das cadeiras ficariam vagas, se elles quizessem fazer justiça direita?

Em abono da explicação accrescentaremos que não ha paes que mandem educar filhos para professores de instrucção primaria. Que a prova de que se não considera em Portugal a educação primaria como verdadeira arte é que, excepto Lisboa, que tem uma eschola normal, não ha, como ha na Belgica, na Hollanda, em todos os paizes mais civilisados, escholas normaes ou seminarios de professores.

Nem é para extranhar que assim aconteça. O professor de instrucção primaria recebe apenas em retribuição do seu serviço 300 a 400 réis diarios. Quem ha de portanto considerar como uma carreira um mister remunerado com tão mesquinho salario?

O resultado será destinarem-se ao mister de professores aquelles a quem falta instrucção, capacidade ou diligencia para grangearem a vida por outro modo. Bastaria que quizessem trabalhar de pedreiro ou de carpinteiro para terem remunerações maiores que as que a sociedade lhes offerece para desempenharem as altas funcções de educadores. O pessoal do magisterio sahe portanto em grande parte do refugo da sociedade. Sendo taes as condições de tantos professores, quem duvidará de que muitas escholas não contribuem, como dissemos, para o desenvolvimento

physico, moral e intellectual dos alumnos? Entretanto, para que se não diga que apresentamos, desacompanhada de provas, accusação de tamanha gravidade, fundamental-a-hemos no artigo seguinte com factos cuja significação e consequencias nem todos alcançam.

III

Em todos os paizes, que se podem tomar por modelos na organização da instrucção primaria, se conhece hoje a necessidade absoluta dos exercicios physicos e a alternação methodica do trabalho dos musculos com o do cerebro. Nos Estados-Unidos, na Prussia, na Suissa, ao lado da aula está o gymnasio. Nas escholas mais perfeitas ha jardins ou pateos para os exercicios ao ar livre, e salões para os mesmos exercicios quando o tempo não deixa sahir para fóra de casa. Em muitas escholas inglezas têem reduzido a metade a duração dos trabalhos intellectuaes, destinando o resto do tempo para os exercicios physicos.

Por outra parte estão perfeitamente determinadas as condições da eschola que podem influir na saude e no desenvolvimento physico; a situação e a exposição do edificio, as dimensões das salas relativamente ao numero dos alumnos, a posição das janellas para darem luz na quantidade e na direcção necessaria, a illuminação artificial durante a noite, o systema de limpeza, etc. D'esta sorte se previnem as enfermidades que podem ser causadas pela alteração do ar respiravel, pelas exhalações, pelas correntes do ar, pelas differenças da temperatura, pela incidencia da luz, etc. As condições da mobilia escholar estão tambem determinadas, de modo que se evitam as doenças de olhos, os desvios da espinha, as posições defeituosas que se verificou apparecerem em algumas creanças por effeito da antiga mobilia irregular.

Postos estes principios, digam-nos quantas escholas haverá em Portugal, nas quaes se não encontre exactamente o contrario do que prescreve a hygiene escholar? Excepto em Lisboa ou Porto, onde apenas algumas escholas estão conformes aos preceitos da sciencia, nas outras cidades, nas villas e povoações ruraes, ninguem contesta a qualquer casa, desde o pardieiro defumado até ao templo em ruinas, as qualidades necessarias para servir de eschola.

Ainda mais: se alguma camara municipal mandar, por insolita generosidade para com a instrucção popular, construir uma casa, chamará o primeiro mestre de obras que lhe apparecer e dir-

he-ha que faça ao acaso o que bem lhe aprouver. O pobre alvaneu entende que a sua missão se reduz a construir uma casa com uma sala que possa conter bancos e mezas. Se, por causa da symetria exterior, a aula tiver de ficar acanhada ou até de fórma irregular, isso pouco importa. Em havendo luz bastante para os alumnos lerem e escreverem, e em lhes não chovendo em cima, não precisam de mais nada.

Quasi todas as escholas portuguezas, pela falta dos exercicios gymnasticos, pela falta das condições que a hygiene recommenda, não favorecem portanto nem regulam o desenvolvimento physico da infancia.

Relativamente aos exercicios musculares convem advertir ainda um facto singularissimo. Em quanto noutros paizes diminuem a duração dos trabalhos intellectuaes para os alternar com aquelles exercicios, em muitas escholas de Portugal os professores, com o pretexto de que seria muito difficil aos alumnos de povoações distantes concorrerem ás aulas de manhã e de tarde, têem pedido e obtido (!) reunir numa só as duas aulas diarias, condemnando assim por seis horas consecutivas as infelizes creanças á immobilidade do corpo e á applicação do espirito nos trabalhos intellectuaes, em que se empregam por todo aquelle espaço de tempo. Apesar da maior robustez das creanças dos campos, poderão ellas escapar ao embrutecimento, consequencia natural de similhante regimen?

A educação moral na maior parte das escholas reduz-se a fazer decorar aos alumnos o catechismo e algum manual de civilidade. A educação intellectual vasa-se em moldes não menos defeituosos e mesquinhos. As creanças apprendem primeiramente a ler, sem entender, e depois a decorar as datas, os nomes e os factos principaes da historia patria, a grammatica portugueza, a chorographia e a arithmetica da mesma sorte que o catechismo, isto é, sem ligar idêas ás palavras, que á força de trabalho chegam a fixar materialmente na memoria.

Por consequencia, o espirito infantil, em vez de assimilar aquellas idêas fundamentaes e conformes á natureza humana, que mais tarde, desenvolvendo-se, poderão regular o procedimento do homem na sociedade, sobrecarregar-se-ha de formulas, regras e definições inintelligiveis, e porisso fugitivas e difficeis de conservar, que representam condições de atrophia e não de desenvolvimento.

Todos os orgãos do corpo humano estão em reciproca dependencia, todas as funcções se compensam, se auxiliam, se influem. As faculdades do espirito não se exceptuam, d'esta lei geral, têem commum correlação entre si e com as funcções organicas.

Os conhecimentos rudimentares da anatomia, physiologia e psychologia são portanto indispensaveis a quem quizer bem educar.

Mas a maior parte dos professores não sómente ignoram estas cousas essenciaes, mas tambem a necessidade d'ellas; assim como o mestre de obras entende que toda a casa de eschola merecerá este nome logo que der aos alumnos luz sufficiente e os abrigue do sol e da chuva, assim tambem muita gente entende que as necessidades do ensino se reduzem a apprender a ler, escrever e contar.

Se lhes fallardes no desenho e nos exercicios physicos, responder-vos-hão que o primeiro é uma inutilidade, que sómente serve para augmentar as difficuldades do ensino, e que os segundos são para arlequins e funambulos, e prejudiciaes ás creanças.

Se lhes fallardes do trabalho prematuro, excessivo ou perdido com que em tantas escholas arruinam o espirito das creanças, não vos responderão nada, porque não pensam nada sobre isto, ou, o que será peior, argumentar-vos-hão com o exemplo dos meninos do sr. Fulano ou da sr.ª D. Sicrana, que aos sete ou oito annos estão uns portentos de saber, e apenas esperam pela edade legal para fazer os seus exames de instrucção primaria.

Se lhes disserdes que na eschola se hão de graduar os trabalhos da intelligencia conforme as edades e as capacidades individuaes, encolherão os hombros á vossa impertinencia. Se lhes observardes finalmente que o systema actual estraga em vez de desenvolver a faculdade da attenção; que a memoria se sobrecarrega inutilmente e que se desenvolve á custa do entendimento; que não se empregam meios nenhuns para educar esta faculdade; que da mesma sorte se abandona a direcção da vontade; que a maior parte das creanças não são adestradas a differençar o bem do mal, o justo do injusto, a ficção da realidade, a apreciar o bello; responder-vos-hão que tudo isto não passa de utopias impracticaveis, de cousas que só se lêem nos livros.

Esta ultima reflexão, extremamente commum, é mais uma prova da falta de fé na sciencia. A verdade é a seguinte: Nos livros descrevem-se opiniões, systemas e costumes, generalisados em paizes muito superiores a Portugal na civilisação. Muitas das pessoas que os extranham, pela differença que notam entre elles e os nossos, preferem duvidar da veracidade dos livros a confessar uma inferioridade nacional que realmente nada tem de agradavel.

Em conclusão a maior parte das escholas de instrucção primaria servem sómente para apprender a ler, escrever e contar, e, não para o desenvolvimento physico, moral e intellectual das

creanças, ao qual, por differentes modos, são contrarias e prejudiciaes.

IV

Nos paizes cultos os exercicios gymnasticos, principiados na eschola, continuam no lyceu. Além de se exercitarem na gymnastica propriamente dicta, adestram-se tambem os alumnos no manejo das armas. Este systema de educação não sómente contribue para o desenvolvimento physico dos cidadãos, mas tambem os habilita para defenderem a patria quando fôr atacada por inimigos.

Infelizmente, porém, não ha nos lyceus de Portugal nem gymnastica, nem exercicios militares; e se algum governo se lembrasse de os decretar, não faltaria quem gritasse contra o escandalo. Alguns paes receariam até que os filhos se lhes ferissem ou adoecessem empregando-se em taes exercicios. Tão longe do mundo da sciencia anda a maior parte da gente!

A opinião commum ácerca da instrucção secundaria é que se ha de considerar como uma carga que convem alijar quanto mais cedo melhor, ou como um imposto que têem de pagar aquelles qne se destinam a carreiras litterarias. Assim, ao passo que muitos clamam contra o numero das disciplinas professadas nos lyceus, que julgam excessivo, gritam da mesma sorte contra a longa duração do curso, que, segundo o ultimo regulamento, é de seis annos. Outro motivo de eguaes clamores está no fraccionamento das disciplinas e distribuição de cada uma d'ellas pelos differentes annos do curso.

Nenhuma d'estas queixas se justifica. Todavia os lyceus estão abandonados. A maior parte da gente prefere-lhes os collegios particulares, onde as disciplinas, não fraccionadas, poderão estudar-se abreviadamente em menos tempo. Por fim os paes ou amigos dos alumnos fazem-nos recommendar aos examinadores, querendo muitos d'aquelles que estes *per fas* ou *per nefas* os approvem. Todo este procedimento prova muito claramente que, em relação á instrucção secundaria, aquillo de que menos tracta a maior parte da gente é de que os alumnos estudem e fiquem senhores das disciplinas que apprendem. O que sómente desejam é que elles sejam approvados. Para esse fim lançam mão de todos os meios possiveis; e quando não o obtêem, em vez de se queixarem da falta de diligencia dos alumnos ou da má direcção que lhes deram aos estudos, voltam-se contra os examinadores

que censuram e apostropham por terem cumprido o seu dever. Estes e outros factos provam evidentemente da parte do povo a falta de fé na sciencia.

E que muito que o povo assim esteja, quando a falta de fé dos governos e dos parlamentos é tal, que ha oito ou nove annos vigora uma lei que suspendeu todas as nomeações de professores effectivos para os lyceus, sendo as vagas preenchidas, sem concurso, por professores provisorios?!.... Quem tivesse alguma fé na sciencia consentiria por acaso em que se prolongasse por tanto tempo um systema, cuja consequencia clara, necessaria, fatal é a ruina completa da instrucção secundaria? Que se ha de esperar de professores provisorios, que são em grande parte incompetentes para reger as cadeiras que occupam, e para onde os mandaram, não por satisfazer ás necessidades do ensino, mas por attender a conveniencias politicas? Ha provisorios que ensinam o desenho sem terem nunca apprendido a servir-se do lapis ou do crayão! Ha muitos annos estava fechada a cadeira de grego, por falta de alumnos em certo lyceu pouco frequentado. Pois reabriu-se, para accommodar um clerigo que precisava d'este beneficio secular, e que nunca ensinara grego a ninguem!

Por uma incoherencia que não tem nada de notavel, porque a falta de adaptação dos meios aos fins é, ha alguns annos a esta parte, a feição proeminente dos homens que governam Portugal; ao mesmo tempo que rebaixam o ensino secundario nos lyceus a um nivel inferior, elevam os exames por meio de jurys especiaes, chamados a punir nos alumnos as faltas dos professores e dos proprios governos que os nomearam! Far-se-ha isto em Marrocos?....

Nomeou-se, é verdade, uma commissão para a reforma da instrucção secundaria. Depois de volvidos sete ou oito annos, não foi cedo. A commissão tem homens muito illustrados e muito competentes. Pela sua parte, desempenhar-se-ha, sem duvida, e bem, do encargo. Por parte do governo é que se receia com justa razão que não queira senão fingir que reforma a instrucção secundaria, bem como fingiu que reformava a instrucção primaria e tambem o ensino das bellas artes em Portugal. Constituem-se commissões para estas cousas de absoluta necessidade. Os jornaes apregoam a solicitude e magnanimidade do governo que vai dotar o paiz com os melhoramentos de que mais carece. As reformas *in mente* chegam a entrar como flores de rhetorica nos discursos da corôa... mas a final tudo é fumo. As cousas continuam como estavam, excepto haverem-se dispendido inutilmente alguns centos de mil réis com as commissões. O governo continúa com imperturbavel serenidade a impôr-se a um paiz, cuja ruina moral

e intellectual promove. E o paiz curva-se resignado perante aquelles que lhe subtrahem condições essenciaes de vida e de independencia.

Na organisação dos lyceus portuguezes attende-se unicamente ao ensino intellectual dos alumnos. Os professores não têem acção nenhuma na educação moral nem podem dirigir os alumnos no estudo das lições. Este systema é em verdade o dos paizes mais civilisados. Porém na Prussia, nos Estados Unidos, na Suissa a familia é sufficientemente instruida para se encarregar de taes missões. Nesses paizes ha a fé na sciencia.

Para se avaliar como se desprezam entre nós os pontos fundamentaes da educação, basta lançar os olhos para os ensaios de calligraphia e de desenho que cobrem os muros de alguns lyceus. Onde isto se faz e se consente não ha de certo a menor idea de que na edade de dez a quinze annos, a da maior parte dos alumnos dos lyceus, a pureza de costumes é indispensavel ao desenvolvimento physico e moral do homem. Aquelles que não obstam por todos os meios a esta corrupção da puericia não têem fé na sciencia, que lhes diz os perigos e as consequencias fataes d'esta falta da educação physica.

No ensino dos lyceus predomina o mesmo defeito que já notámos nas escholas de instrucção primaria. Geralmente tracta-se de desenvolver a memoria e deixam-se de parte as outras faculdades. Poucos professores tambem dão ás differentes disciplinas o caracter practico que podem e devem ter, e poucos finalmente se empenham em tornar o estudo attractivo para os alumnos, parecendo ignorar que o que se faz contra vontade de pouco ou nada aproveita. A mathematica, a physica, a chimica e a historia natural é no laboratorio, no gabinete ou no campo que practicamente haveriam de ser estudadas. O systema seguido geralmente, e que consiste em fazer decorar á vista de extensos programmas uma resposta ou definição para cada indicação nelles contida, é defeituoso. Sobrecarrega a memoria de definições que, passado o tempo do exame, pela maior parte esquecem. Substituido a este methodo o de desenvolver a intelligencia por meio da resolução de problemas practicos, e pelo habito de applicar principios geraes á explicação de casos particulares, as vantagens seriam muito maiores. Sómente assim se tornariam verdadeiramente proveitosas as disciplinas estudadas nos lyceus.

Noutros paizes constituem uma parte essencial da instrucção secundaria as escholas profissionaes. Se isto se sabe em Portugal, e se não se transformam muitos dos lyceus, que de pouco actualmente servem, em escholas profissionaes, é porque a falta de fé na sciencia não deixa ver que a industria não póde prosperar

nem progredir sem se divulgarem os conhecimentos scientificos applicaveis ás artes.

Em conclusão, o estado dos lyceus em Portugal, bem como o das escholas primarias, prova evidentemente, da parte d'aquelles a quem o mal é imputavel, ou uma ignorancia completa da influencia da instrucção no futuro dos povos, ou uma criminosa indifferença para com o que mais interessa á prosperidade publica e á conservação da independencia nacional.

V

Na festa do tricentenario da Universidade de Leyden o sr. Heynsius, professor de physiologia e reitor eleito d'entre os professores no anno lectivo de 1874 a 1875, pronunciou as palavras seguintes na presença do rei, da côrte, das camaras, do povo hollandez e dos extrangeiros:

«Já hoje claramente se sabe que a universidade não ha de servir, ao menos em primeiro logar, para preparar aspirantes ao exercicio de qualquer profissão. O seu fim é cultivar livremente a sciencia na maior latitude possivel. Para isto lhe deve o Estado largo apoio: incumbe-lhe dar-lhe tão completamente, quanto ser possa, os meios de alcançar o seu fim. Eis aqui um ponto em que estamos quasi todos concordes, o que é um grande progresso.»

Entre nós, se alguem se aventurasse a apresentar taes idêas acêrca da instrucção superior, passaria por utopista. E com razão: porque tirar ás universidades o caracter de escholas de advogados, medicos ou engenheiros para as destinar principalmente ao culto da sciencia no mais alto grau de perfeição a que se têem elevado, só é possivel em paizes, onde a fé scientifica faz considerar o estudo como occupação habitual d'aquelles que não precisam de buscar os meios de subsistencia no exercicio de qualquer profissão.

Por isso a Hollanda, com uma população menor que a de Portugal, tem hoje quatro universidades, em Leyden, Utrecht, Groningue e Amsterdam. A de Leyden, fundada em 1575 por um principe de Orange, tem tido até hoje por discipulos doze principes, descendentes do real fundador.

Em Portugal el-rei D. Pedro v, fundando á sua custa o curso superior de lettras, mostrou julgar a sciencia na mesma altura em que os hollandezes e outros povos cultos a consideram. Mas a pequena frequencia da nova eschola litteraria de sobejo prova

que o povo portuguez, tendo amado e chorando ainda hoje o grande rei, não soube ainda pensar como elle. O coração de um povo é um dom da natureza, mas a cultura intellectual um producto da vontade e do trabalho d'aquelles a quem compete dirigir e promover a educação popular.

A organisação da universidade de Coimbra é ainda, com pequenas alterações, a que lhe deu el-rei D. José, e a das escholas de Lisboa e Porto modelou-se pela da universidade. Na opinião de muita gente os estatutos do marquez de Pombal são um monumento, cuja reforma ou substituição importaria necessariamente a ruina da instrucção superior em Portugal.

Isto é o mesmo que negar o progresso da humanidade e esquecer que depois do marquez de Pombal veio a revolução franceza alterar profundamente as condições da sociedade, e que no espaço de um seculo tem mudado a face das sciencias e das lettras a ponto de que o atrazo de hoje em relação a 1772 é maior que o d'essa epocha relativamente a 1597, data dos estatutos depois confirmados por el-rei D. João IV.

É extremamente notavel que no seculo XVI, em que o progresso das sciencias era muito mais lento, em Portugal se conhecesse melhor que no seculo XIX a necessidade de reformar o ensino superior. Naquelle seculo fizeram-se algumas cinco reformas, umas mais outras menos importantes, na universidade. Mas todas provam como se acreditava na necessidade de elevar o ensino por meio de successivos aperfeiçoamentos.

Entre os grandes melhoramentos das epochas de D. João III e de D. José avulta a acquisição de sabios extrangeiros para lerem nas cadeiras da universidade. Por esta especie de transfusão de sangue obviava-se ao estacionamento para que naturalmente propendem as sciencias num paiz situado no extremo da Europa e separado dos grandes centros do movimento scientifico. Neste seculo não sómente se não têem convidado para Portugal professores extrangeiros, como na Suissa e noutros paizes civilisados se faz com grande vantagem, mas nem ao menos se mandam estudar nas universidades extrangeiras aquelles dos seus professores que mais poderiam aproveitar com esses estudos.

Ha vinte annos, é verdade, sahiram de Portugal para este fim os srs. drs. Costa Simões, Jacintho de Sousa e Viegas. Mas depois têem privado o ensino de tão proveitosos recursos. Os resultados das viagens e estudos d'aquelles dignos professores a todos estão patentes no gabinete de physiologia experimental e nos hospitaes, no observatorio meteorologico, e finalmente no gabinete de physica. Quando algum sabio extrangeiro visita a universidade de Coimbra, são principalmente estes estabeleci-

mentos que lhe provam não ter ficado a sciencia estacionaria entre nós, e a possibilidade de acompanharmos na instrucção superior os povos mais cultos.

A introducção de professores extrangeiros, ou pelo menos as missões scientificas dos nacionaes pelas primeiras universidades da Europa, tornam-se hoje mais necessarias que nos seculos XVI ou no seculo XVIII. Em primeiro logar a sciencia progride hoje muito mais rapidamente que no passado, e portanto recresce a necessidade de acompanhal-a nesse movimento. Em segundo logar todos hoje confessam que o maior aproveitamento dos alumnos nas principaes universidades depende menos das lições dos professores officiaes, que dos cursos livres feitos por doutores annexos ás faculdades, porém não pertencentes ao quadro dos effectivos.

A nossa instrucção superior, não podendo aspirar á adopção d'este systema, porque os alumnos não poderiam pagar, além das matriculas dos cursos officiaes, os honorarios dos cursos livres, precisa por consequencia muito mais de se elevar por meio do contacto mediato ou immediato com os primeiros estabelecimentos scientificos da Europa.

A altura do ensino superior depende em grande parte dos estudos litterarios, que influem como reguladores e aperfeiçoadores nos estudos scientificos propriamente dictos. Em todas as universidades da Hollanda ha faculdades de lettras a par com as de theologia, direito, medicina e sciencias physico-mathematicas. Na festa do tricentenario um professor de theologia e outro professor de medicina reconheceram nos seus discursos, publicamente feitos nas egrejas de S. Pancracio e de S. Pedro, que da faculdade de lettras proviera em todos os tempos á universidade de Leyden a sua grande reputação. Nas universidades da Allemanha dá-se egual importancia a esses estudos.

É força confessar que o marquez de Pombal não comprehendeu a utilidade do estudo das lettras propriamente dictas. No grande impulso que deu aos estudos em Portugal faltou este elemento indispensavel. Parece que as grandes e superiores faculdades do marquez se desenvolveriam á custa do sentimento esthetico. As obras de architectura que em seu tempo se fizeram, a propria reedificação de Lisboa provam claramente a falta de gosto em completa discordancia com as suas propensões caracteristicas para reformar e melhorar todos os elementos da prosperidade publica em Portugal. A grande luz, a que no seu alto espirito apparecia a utilidade das sciencias e das artes, deixava talvez no escuro o interesse das lettras e das bellas artes. Padecemos hoje os resultados de tão grave falta.

Apesar d'este e de outros notaveis defeitos a instrucção supe-

rior, considerada em Coimbra, Lisboa e Porto, avantaja-se muito á instrucção secundaria e á instrucção primaria. Esta superioridade relativa depende de duas causas. A primeira está na universidade de Coimbra, onde o movimento adquirido em tantos seculos não poderia parar de repente, e a reunião de tantas sciencias contribue para a sua reciproca elevação. A segunda nos honorarios dos professores, que, apesar de insufficientemente remunerados, o são todavia melhor que os professores de instrucção secundaria e de instrucção primaria.

Mas até a differença de intensão nas ultimas se oppõe ao desenvolvimento da primeira. O sr. M. Bréal, que tem escripto ácerca da instrucção publica em França, expendeu uma opinião relativamente ao seu paiz e á Hespanha que poderá persuadir áquelles, que se movem mais pela auctoridade de extranhos que pela força dos proprios factos, os perigos que a instrucção superior corre actualmente em Portugal pelo atrazo da instrucção primaria e da instrucção secundaria.

Diz o auctor: «Em toda a parte, onde o estudante passa muito novo ou com conhecimentos insufficientes para os estudos superiores, estes estudos degeneram rapidamente; tal foi a historia da nossa faculdade de artes na edade média; tal é hoje a sorte do ensino superior na Hespanha.»

VI

Demonstrado o abatimento da instrucção popular, seja qual for o grau em que ella se considere, reconhecido este gravissimo facto, importa investigar-lhe as causas.

Primeiramente convirá advertir que o mal não é particular ao nosso paiz. A estatistica comparativa da instrucção entre os varios povos da Europa indica-nos com evidencia aquelles em que ella menos se tem desenvolvido; e vêm a ser a Russia, a Turquia, a Hespanha e Portugal. Pondo de parte a Russia e a Turquia, menos dispostas por circumstancias especiaes a acompaharem na civilisação os mais cultos dos povos, fica-nos a peninsula Iberica, bem como uma singular excepção relativamente aos paizes que mais se lhe approximam na Europa. Em quanto neste seculo a instrucção popular tem consideravelmente progredido nesses paizes, nós e os hespanhoes, affectados de um lamentavel indifferentismo, temo-nos conservado quasi extranhos a esse grande movimento, sem empregar todos os meios necessarios para o

desenvolvimento moral e intellectual das classes populares. Com a grande fé na sciencia que anima outros paizes e os leva a considerar, como a primeira das publicas necessidades, o pão do espirito, contrasta a geral descrença que em Hespanha e Portugal tem feito desprezar os melhoramentos moraes e antepor-lhes com desarrazoada predilecção os melhoramentos materiaes.

Considerando a parte da Europa, habitada pelos povos mais cultos, dir-se-ia, sem maior exame, que a distancia da Peninsula, e particularmente de Portugal, a esses grandes centros seria a causa do nosso atrazo. Se tal fosse porém a verdade, a Dinamarca e a Suecia, ainda mais distantes, não se contariam entre os povos em que mais tem progredido a instrucção popular.

Não sahiria mais satisfactoria a explicação que tivesse por fundamento a diversidade do clima. A observação prova que tanto o clima doce das regiões temperadas da Europa, como o clima rigoroso dos paizes do norte, permittem o desenvolvimento moral dos povos, logo que não falte o concurso das outras condições necessarias.

Tambem não seria mais plausivel a explicação em que se attribuisse o facto a differenças ethnicas, porque, se os peninsulares têem por vezes acompanhado na civilisação os mais cultos dos povos, é claro que da mesma sorte poderiam acompanhal-os na epocha actual, se, por circumstancias que não dependem do caracter da raça, lhes não chegasse a faltar a fé na sciencia. No seculo XV, por exemplo, a longa preparação para os descobrimentos maritimos seria absolutamente impossivel sem uma grande fé na sciencia, sem a instrucção indispensavel aos portuguezes d'esse tempo para se aventurarem

Por mares nunca d'antes navegados.

Se durante um seculo Portugal se avantajou aos outros povos da Europa, foi a instrucção um dos elementos indispensaveis a que deveu a sua supremacia: a instrucção dos navegadores na eschola de Sagres, a instrucção dos constructores das naus, a instrucção dos fabricantes de armas, a instrucção dos militares e finalmente a instrucção ou antes a educação do povo, que não se recusava a pagar os impostos necessarios para estes aprestos que duraram muitos annos, antes que os resultados das descobertas mostrassem a sua utilidade. Havia portanto por esse tempo a fé na sciencia, que se perdeu depois principalmente por dois motivos.

O primeiro foi que as mesmas conquistas produziram uma decadencia, comparavel áquella que na Grecia se seguiu ás

expedições asiaticas de Alexandre. O segundo, muito mais nocivo pela sua violencia e diuturnidade, foram os jesuitas e a inquisição.

A influencia de costumes extranhos, o contacto com raças menos bem dotadas e menos civilisadas perverteram e debilitaram desde o reinado de D. Manuel o espirito nacional. A ociosidade e o luxo invadiram as primeiras das classes sociaes; as outras perderam o sentimento da independencia e o amor do trabalho. Quando um rei imprudente, tresvariado pela fanatica educação que dos jesuitas recebera, quiz vibrar o ultimo golpe no seu paiz decadente, o povo não resistiu. Deixou-o ir depôr nos areaes de Africa a propria corôa e a independencia da nação.

Quando, pouco tempo depois, e como consequencia d'esse facto, um rei extrangeiro intentou dominar Portugal, uma parte do clero e da nobreza vendeu a patria, outra acceitou sem resistencia o jugo de Castella. E o povo, querendo oppor um pretendente nacional ao pretendente extranho, não encontrou senão um aventureiro, que não chegara a vender-se a Filippe II, porque este não quizera dar-lhe tanto, quanto elle pedia, para desistir dos seus direitos á corôa portugueza. No breve espaço de um seculo Portugal passara da extrema opulencia á miseria extrema!

Em Hespanha as conquistas produziram tambem a corrupção dos costumes. Entretanto é possivel que o equilibrio organico dos povos peninsulares, perturbado por causas subitas e imprevistas, se restituisse, passado o tempo necessario para elles se adaptarem ás suas novas condições de existencia, se os jesuitas e a inquisição se não oppozessem com força irresistivel á elasticidade dos organismos sociaes, se não confrangessem, como uma atmosphera de chumbo, a expansibilidade da razão humana, elemento indispensavel á elevação do espirito publico e á regeneração dos costumes.

Á reforma, que principiára pelo norte o desmembramento do catholicismo, contrapozeram um systema de violenta repressão, para conservar na obediencia de Roma os povos do meio-dia da Europa.

Não se conformava a instrucção popular a este systema. Os principaes dos caudilhos e dos sectarios da reforma em Inglaterra e França eram dos homens mais instruidos d'aquelles paizes. As universidades tiveram uma parte importantissima na revolução religiosa. Comtudo ninguem do clero, por mais reaccionario que fosse, podia pensar em supprimir a instrucção popular. Todas as classes da sociedade seriam involvidas na inevitavel ruina de um povo analphabeto.

Lançar mão da instrucção, dirigil-a, escravisal-a, accommodal-a aos interesses do clero, empregal-a, como elemento modificador da educação popular, no sentido d'esses mesmos interesses, tal foi a obra emprehendida pela companhia de Jesus e vigorosamente sustentada pela inquisição. Ambas as instituições estavam neste ponto plenamente concordes.

Do animo fraco e devoto de D. João III obtiveram os jesuitas o collegio das artes e a direcção de todas as escholas de humanidades. Por este meio foram extendendo a sua influencia á Universidade de Coimbra, que mais tarde chegaram tambem a dominar, depois de lhe terem enfraquecido o poder com a Universidade, toda sua, fundada e mantida pelo cardeal em Evora.

A instrucção secundaria e superior estavam assim completamente sujeitas á influencia da companhia. Para regular a instrucção das classes que não frequentavam as aulas publicas tinha ella o pulpito, o confessionario e os outros meios de propaganda, de que sabia servir-se com grande habilidade.

Se, apesar de todo o cuidado e vigilancia dos jesuitas, a razão humana irrompia num ou noutro cerebro e transpunha os limites que lhe eram impostos, lá estava a inquisição com o carcere, com a polé e com a fogueira para expurgar a humanidade da peste da sciencia profana que sómente podia emparelhar com a lepra do judaismo.

Aquelles que chegavam assim a condemnar e a fazer punir como crimes a crença no movimento da terra ou o descender de mouro ou judeu, julgavam talvez promover a educação moral do povo. Mas a verdade é que não poderiam conseguir senão um fim contrario ao que tinham em vista, concedendo-lhes que não fossem exclusivamente guiados pelo desejo de sujeitar o povo, por meio da ignorancia, ao seu despotico arbitrio.

A educação de um povo em que se promovia o descredito da sciencia e o odio das raças era toda material. O systema de constricção da intelligencia, practicado durante seculos, atrophiava conjunctamente as faculdades intellectuaes e as faculdades moraes, para, em virtude de uma lei physiologica bem conhecida, desenvolver as faculdades instinctivas. As noções do justo, do bem, da liberdade, da egualdade, os fundamentos da moral de Jesus Christo eram deshumanamente expulsados do coração de um povo, a quem diziam dar uma educação christã.

O verdadeiro fim de tal systema estava em subordinar os interesses de todas as classes sociaes aos de uma só, que era o clero. Consciente ou inconscientemente o clero explorava o povo. Ora, para que uma classe da sociedade chegue a explorar as outras, é mister que estas ultimas não sejam incitadas pelas

necessidades moraes incompativeis com a injustiça dos predominios e com a desegualdade dos privilegios.

VII

O predominio dos jesuitas tornara-se odioso até a boa parte do clero. Movido talvez por instigações de Roma, D. João V deu o primeiro passo para a ruina da companhia, fundando estabelecimentos de ensino, em cuja direcção ella não podia intervir. Mas, por outro lado, contrariando o desenvolvimento moral do povo, dispendeu na construcção de conventos, nas exaggeradas pompas do culto e em satisfazer a ambição da curia romana rios de dinheiro, que, applicados em escholas e fabricas, teriam aplanado o caminho para as reformas do reinado seguinte, e evitado talvez a reacção, occasionada pela morte de el-rei D. José.

O fundador de Mafra e da Patriarchal acceitou o principio da preponderancia do clero, que julgou fortalecer com as magnificencias do culto externo. Quiz firmar pelas grandes impressões sensoriaes a fé que se entibiava nos corações. Mas o resultado real d'este systema foi promover mais o amor do luxo que o amor de Deus. Habituando o povo ao fausto, ás exterioridades apparatosas e fingidas, ás despezas desregradas, á vaidade e ao falso brio, naturalmente o encaminhava a preferir as necessidades materiaes ás necessidades moraes. Emancipou-se da tutela dos jesuitas, mas collaborou efficazmente com elles e com o sancto officio na ruina da educação popular.

O marquez de Pombal comprehendeu bem que o abatimento do espirito publico em Portugal era o effeito necessario e inevitavel da educação que o povo recebera durante dois seculos. Fazer prevalecer as necessidades moraes foi o pensamento fundamental da sua administração reformadora. Para o realisar importava-lhe destruir as influencias preponderantes da nobreza, dos jesuitas e da inquisição. Todos sabem como chegou a conseguir este fim importante.

Comtudo, tão mal preparado estava o povo para uma revolução liberal, que o marquez, faltando-lhe o apoio da corôa, foi punido com o desterro, e assistiu ainda em vida á victoria dos seus implacaveis inimigos. O grande movimento de ordem moral, que iniciara em Portugal, foi brutalmente interrompido pela influencia do clero no fraco animo de D. Maria I.

As idêas que produziram a revolução de 1789 na França chegaram tambem a penetrar na Peninsula. A sua força era tal, que não bastaram para as conter as barreiras levantadas contra ellas pelos interesses colligados do clero reaccionario e da monarchia absoluta. A propria inquisição, o grande baluarte que defendia contra a cultura moderna os povos peninsulares, cahiu para nunca mais se levantar. Mas a revolução era de ordem moral, era como a continuação do movimento interrompido pela morte de el-rei D. José. A reacção, diz o sr. D. Antonio da Costa, em onze annos desde 1809 a 1820 creara vinte e uma cadeiras de ensino primario; a revolução em quatorze mezes creou cincoenta e nove.

Portanto não tardou muito que os interesses materiaes não conspirassem outra vez para a restauração do absolutismo, suffocando os primeiros alentos da liberdade popular tanto em Portugal como na Hespanha. Sómente, passados muitos annos, depois de assoladoras e prolongadas guerras civis, depois de mudanças dynasticas, chegou a estabelecer-se o systema representativo, mais pelas influencias externas, que auxiliaram as minorias illustradas e liberaes, do que pela vontade das massas populares, que a longa educação jesuitica e inquisitorial tornara indifferentes ás necessidades moraes.

As idêas que representavam o movimento, iniciado pelo marquez de Pombal e continuado pela revolução de 1820, inspiraram ainda a reforma da instrucção primaria de 1835. Mas, por isso mesmo, em discordancia com o sentimento collectivo da nação, não chegou a ser executada. O proprio ministro que a referendara não teve força para a fazer cumprir. Faltavam-lhe a energia e as profundas convicções do marquez de Pombal e dos homens que derribaram a inquisição. Conhecia o cancro, desejava extirpal-o, sabia os meios mais efficazes para esse fim, mas receiava que o enfermo lhe não perdoasse as dores que haveria de soffrer com a operação.

As reformas subsequentes, affectadas mais ou menos pela politica conservadora, não poderam levantar a instrucção primaria do abatimento em que jazia. D'este mesmo defeito participa ainda a reforma discutida e votada na camara electiva em 1876. Até o governo que a propozera pareceu acreditar tão pouco em a sua efficacia, que se não resolveu ainda a retiral-a do limbo onde ha dois annos a conserva.

É cousa extremamente notavel que ha perto de trinta annos se tenha dado quasi exclusiva importancia aos melhoramentos materiaes, deixando de parte a instrucção popular. Tão extremamente notavel, que se não acreditaria, se os factos por infelicidade não demonstrassem esse exclusivismo com toda a evidencia. Seria

curioso e instructivo responder com a estatistica ás perguntas seguintes:

Quanto dispendem os municipios com as vias de communicação e com as escholas? Dos pedidos dos povos em côrtes quantos se referem a melhoramentos materiaes e quantos ao desenvolvimento da instrucção? Que proporção haverá entre Portugal e outros paizes relativamente á despeza feita por iniciativa particular com as escholas? E, finalmente, das despezas do Estado, ha trinta annos, qual é a parte das obras publicas e qual a parte da instrucção?

Se alguem no parlamento pedisse os necessarios documentos para esta estatistica, prestaria de certo ao paiz um serviço relevante. A todos importa conhecer com exactidão até que ponto tem chegado em Portugal o desprezo dos melhoramentos moraes e a preferencia dos melhoramentos materiaes.

Nestes trinta annos apenas refulgiu, como rapido meteoro, uma luz viva e brilhante, que dourou de vivos resplendores a aurora da redempção nacional. Foi o reinado de D. Pedro v, cujo alto espirito e grande coração se arraigavam nas profundas convicções e na fé viva e ardente na efficacia da sciencia para a regeneração moral da sociedade portugueza. Porém a morte ceifou as esperanças em flor; extinguiu-se a aurora antes que se fizesse claro dia; findou prematuramente o breve reinado que as maiores das virtudes illustraram, deixando-o cercado das aureolas de sanctidade nas tradições populares.

No ramo da instrucção publica a fundação do curso superior de letras e a da eschola de Mafra attestam quanto havia a esperar do mallogrado monarcha. Mas o que sobre tudo distinguia os esforços que chegou a empregar para a elevação do espirito nacional era uma entranhavel affeição aos seus subditos, com que transformava em paternal a auctoridade de rei.

D'esta sorte principiara a conseguir pelo amor o que o marquez de Pombal fizera principalmente pelo temor. Mas o grande pensamento politico d'el-rei D. Pedro v baixou com elle ao tumulo, talvez como a derradeira aspiração para o desenvolvimento moral do povo na historia monarchica de Portugal.

Coimbra, 1878.

XIV

A FONTE FRIA DO BUSSACO

O Bussaco, ha trinta annos, conservava-se ainda tal, qual o haviam deixado os ultimos eremitas que o habitaram.

Os ramos entrelaçados das arvores enchiam de sombras mysteriosas as grandes ruas e as estreitas veredas da matta. A hera, as outras trepadeiras e os musgos vestiam os velhos muros denegridos, os grandes troncos annosos e as fragosas penedias das encostas, ou a terrugem humida e fresca do fundo sombrio dos valles. As capellas da Via dolorosa continham ainda inteiras e pintadas de vivas côres as figuras tradicionaes dos passos do Salvador. As ermidas parecia terem sido ainda na vespera habitadas pelos devotos penitentes. No convento, emfim, o visitante encontrava, tristes e silenciosos, por entre os paineis que representam os sanctos e os varões illustres da ordem, dois velhos monges a quem haviam permittido permanecer alli a carpir saudades dos companheiros, expulsos do tumulo que todos tinham buscado em vida.

O genio da religião pairava silencioso pelas salas do convento e adejava severo e triste nas solidões da floresta, como se lhe

repugnasse abandonar o sitio que por tanto tempo sanctificara. O peregrino enchia-se de temor ao perpassar pelas sombras do bosque, e ouvia a voz da Divindade no estalido do ramo que se quebrava, no rapido ciciar da folhagem, no canto harmonioso das aves ou no murmurio susurrante da fonte que não cessava de correr.

Passaram porém os annos. Largas estradas macadamisadas cortam a matta em todas as direcções e deixam patentes aos olhos os mais secretos reconditos. No interior das capellas arruinadas jazem em confusa desordem os membros mutilados e dispersos das figuras que as povoavam. As ermidas profanadas servem de vivendas áquelles a quem, para se distrahirem, não bastam as diversões das cidades. Os dois pobres monges morreram, e na mesma casa, onde elles oravam e gemiam, armou-se um theatrinho para servir de correctivo á tristeza que ainda hoje causam os logares menos alterados da velha floresta.

No Bussaco tinha-se formado, durante seculos, um estylo particular de architectura. Nas construcções simples e elegantes não curavam de imitar os monumentos de Grecia ou Roma, porêm as graças e encantos selvaticos da natureza agreste. A ermida ou a capella não eram copias enfezadas e ridiculas das grandes basilicas da Italia. Pareciam antes cabanas, simples abrigos que preservassem os eremitas das intemperies, sem todavia lhes esconder o grande templo da floresta. Os arcos eram como as portas naturaes das grutas, e não como essas fabricas alterosas que os romanos ergueram á vaidade dos generaes ou dos imperadores.

Os embrechados, feitos de seixos pretos e brancos, suppriam os lavores do marmore ou as pinturas a fresco. Emfim, onde o cidadão opulento empregaria ricas madeiras torneadas ou esculpidas, os monges tinham posto a cortiça rude e tosca, mas conforme ao aspecto dos velhos e carcomidos troncos da floresta.

Um principio geral dominava, portanto, todas as obras da arte que se faziam no Bussaco:—imitar fielmente a natureza, e não estragar os seus quadros majestosos com o luxo das construcções e com o abuso da regularidade e symetria. Era essa a principal belleza da matta e a causa das impressões graves e austeras que ella produzia no animo d'aquelles que a visitavam. O Bussaco era um templo, onde a idêa da Divindade se impunha clara e evidente ao espirito com a logica da natureza, mais forte, mais irresistivel que a dos artificios humanos.

Não o entenderam porém assim as pessoas que tomaram a peito a obra meritoria de aperfeiçoar, corrigir e pôr á la moda a antiga floresta. Endireitaram, aplanaram, alargaram as velhas ruas e abriram outras de novo; ralearam as espessuras, para

acabar com sombras e mysterios, que poderiam ainda pôr medo a algum espirito forte; descobriram, caiaram, e alindaram os muros que as trepadeiras revestiam; substituiram por escadarias as rampas naturaes ou os degraus talhados na rocha viva; introduziram, finalmente, por meio dos cedros e pinheiros seculares as maravilhas de conforto e de mau gosto que em Lisboa e noutras cidades do reino hão de attestar aos vindouroos a fatuidade e a ignorancia da geração actual.

Entre todas essas obras, com que modernamente têem deturpado o venerando aspecto do Bussaco, prima e sobresahe, pela incongruencia e disformidade, o agigantado e descommunal escadorio da Fonte fria.....

.....

repugnasse abandonar o sitio que por tanto tempo sanctificara. O peregrino enchia-se de temor ao perpassar pelas sombras do bosque, e ouvia a voz da Divindade no estalido do ramo que se quebrava, no rapido ciciar da folhagem, no canto harmonioso das aves ou no murmurio susurrante da fonte que não cessava de correr.

Passaram porém os annos. Largas estradas macadamisadas cortam a matta em todas as direcções e deixam patentes aos olhos os mais secretos reconditos. No interior das capellas arruinadas jazem em confusa desordem os membros mutilados e dispersos das figuras que as povoavam. As ermidas profanadas servem de vivendas áquelles a quem, para se distrahirem, não bastam as diversões das cidades. Os dois pobres monges morreram, e na mesma casa, onde elles oravam e gemiam, armou-se um theatrinho para servir de correctivo á tristeza que ainda hoje causam os logares menos alterados da velha floresta.

No Bussaco tinha-se formado, durante seculos, um estylo particular de architectura. Nas construcções simples e elegantes não curavam de imitar os monumentos de Grecia ou Roma, porêm as graças e encantos selvaticos da natureza agreste. A ermida ou a capella não eram copias enfezadas e ridiculas das grandes basilicas da Italia. Pareciam antes cabanas, simples abrigos que preservassem os eremitas das intemperies, sem todavia lhes esconder o grande templo da floresta. Os arcos eram como as portas naturaes das grutas, e não como essas fabricas alterosas que os romanos ergueram á vaidade dos generaes ou dos imperadores.

Os embrechados, feitos de seixos pretos e brancos, suppriam os lavores do marmore ou as pinturas a fresco. Emfim, onde o cidadão opulento empregaria ricas madeiras torneadas ou esculpidas, os monges tinham posto a cortiça rude e tosca, mas conforme ao aspecto dos velhos e carcomidos troncos da floresta.

Um principio geral dominava, portanto, todas as obras da arte que se faziam no Bussaco:—imitar fielmente a natureza, e não estragar os seus quadros majestosos com o luxo das construcções e com o abuso da regularidade e symetria. Era essa a principal belleza da matta e a causa das impressões graves e austeras que ella produzia no animo d'aquelles que a visitavam. O Bussaco era um templo, onde a idêa da Divindade se impunha clara e evidente ao espirito com a logica da natureza, mais forte, mais irresistivel que a dos artificios humanos.

Não o entenderam porém assim as pessoas que tomaram a peito a obra meritoria de aperfeiçoar, corrigir e pôr á la moda a antiga floresta. Endireitaram, aplanaram, alargaram as velhas ruas e abriram outras de novo; ralearam as espessuras, para

acabar com sombras e mysterios, que poderiam ainda pôr medo a algum espirito forte; descobriram, caiaram, e alindaram os muros que as trepadeiras revestiam; substituiram por escadarias as rampas naturaes ou os degraus talhados na rocha viva; introduziram, finalmente, por meio dos cedros e pinheiros seculares as maravilhas de conforto e de mau gosto que em Lisboa e noutras cidades do reino hão de attestar aos vindouroos a fatuidade e a ignorancia da geração actual.

Entre todas essas obras, com que modernamente têem deturpado o venerando aspecto do Bussaco, prima e sobresahe, pela incongruencia e disformidade, o agigantado e descommunal escadorio da Fonte fria.....

.....

XV

AMPHORA ROMANA

(CARTA)

Sr. chronista: Na *Revolução de Setembro,* n.º 8:635, de 24 do corrente mez, deparou-se-me uma noticia relativa á amphora que se recolheu ha poucos dias na bibliotheca publica de Evora, e nessa mesma noticia manifestado por v. o desejo de que eu descrevesse aquella curiosa antigualha. Tendo por muito honroso para mim o convite de v., sómente sinto que a escassez do assumpto e a pobreza do meu cabedal de sciencia não dêem para mais que uma succinta informação, que, á falta de outros merecimentos, terá o de ser verdadeira, em quanto algum sabio allemão não vier mostrar o contrario, attibuindo-me a fabrica da amphora, como a André de Rezende o lavor de inscripções romanas. Pela minha parte a lembrança do nosso illustre antiquario, reduzido já pelo sr. Hübner á humilde condição de alvaneo, consolar-me-ía de me ver encartado em officio de olleiro. Direi mais: ufanar-me-ía de tal mercê, agora que os gloriosos triumphos que nobilitam a sciencia allemã fazem de todos nós, francezes, inglezes, italianos, hespanhoes e portuguezes, uns ignorantes chapados sem outra gloria mais que a de merecermos aos generosissimos teutões o particular favor de nos apontarem nossos erros e insabidades.

Deixando, porém, os teutões e os *teutonisados,* conversos enthusiastas que vão mais longe ainda que os primeiros no empenho glorioso de amesquinhar os escriptores, que por infelicidade nasceram áquem do Rheno, tornar-me-ei á amphora que, por acaso, escapou ao furor d'uns slavos antigos que no seculo v invadiram a peninsula, os quaes a historia chamou barbaros por destruirem os monumentos da civilisação romana. A historia... pois elles, fundando-se nessa mesma destruição, dir-se-iam gente mais civilisada que os outros a quem tiravam as vidas e a fazenda por commetterem o crime imperdoavel de defender uma e outra cousa.

A amphora, que, a meu pedido, o sr. José Joaquim Ramos mandou depositar na bibliotheca publica de Evora, tem 1,^{m}80 de alto e 0,^{m}93 de circumferencia na maior grossura do bojo, o qual, quasi cylindrico, termina em baixo numa ponta delgada e em cima num formoso e levantado collo com duas azas lateraes. Se bem que totalmente lisa, é muito mais elegante que todas as que eu tenho visto. Aquella com que melhor se parece é a mais alta que vem desenhada na est. LXX do tom. III da *Antiquité Expliquée* de Montfaucon.

Achou a nossa amphora um hortelão que andava cavando uma horta, situada ao norte e em pouca distancia d'esta cidade de Evora. O barro, muito superior ao que hoje aqui se fabrica, é claro, sonoro e tão duro, que, sem rachar, resistiu ás enxadadas que na amphora deu o hortelão antes de a descobrir e que não deixaram mais que algumas pequenas mossas. Sendo tão antiga, parece um objecto novo que não chegou a servir. Na mesma horta onde appareceu e num sitio muito proximo encontraram-se, ha alguns annos, vestigios de um forno, tijolos, barro amassado, etc. Esta circumstancia faz mais provavel aquella conjectura.

Não é raro apparecerem amphoras de argilla, na provincia do Alemtejo. A maior parte, porém, vêem a perder-se por ignorancia de quem as encontra. No museu de D. Fr. Manuel do Cenaculo, em Beja, havia tres. É possivel que uma d'ellas seja a que se conservava já, mas partida na parte superior, na bibliotheca de Evora. Na bibliotheca nacional de Lisboa vi, ha tempo, outra que me disseram ter sido para alli mandada por aquelle sabio prelado.

As amphoras serviam aos romanos para guardar vinho e talvez outros liquidos. Tinham em baixo a ponta para as firmarem de pé introduzidas na terra ou na areia, e em cima as azas para lhes pegarem quando as transportavam de um para outro logar.

Eis aqui, sr. chronista, o pouco que sei dizer a v. em satisfação do seu desejo.—Sou com grande consideração—De v. etc.—Bibliotheca publica de Evora, 27 de março de 1871.

XVI

ANTONIO DA CUNHA VIEIRA DE MEIRELLES

Não terminou ainda a nossa dolorosa missão. Temos hoje de commemorar tambem outra grande perda, que a Universidade e o Instituto de Coimbra soffreram na prematura morte do Doutor Antonio da Cunha Vieira de Meirelles.

Redobra o sentimento com que fallamos d'este infausto successo, porque de mais perto nos feriu. O Doutor Vieira de Meirelles era um dos membros da redacção d'este jornal; e de todos nós, quem no espaço de doze annos mais e melhores serviços lhe prestara. O *Instituto,* sujeito ás vicissitudes que em Portugal abreviam a duração de publicações d'esta ordem, teria talvez deixado de existir, se não fossem o zelo e a dedicação d'aquelle cuja morte lamentamos.

O Doutor Antonio da Cunha Vieira de Meirelles nasceu em Penafiel a 22 de maio de 1836. Era já bacharel formado em Philosophia, quando em 30 de julho de 1861 se formou tambem na faculdade de Medicina. Nesta mesma faculdade tomou o gráu de doutor a 29 de junho de 1863. Foi despachado lente substituto a 29 de janeiro de 1867 e lente cathedratico a 25 de julho de 1872.

O muito que a medicina portugueza poderia esperar do seu talento e applicação mostrou-o logo na dissertação inaugural, que tem por titulo: *Da Osteogenia*. Era espinhoso o assumpto. Por uma parte impendia de alguns altos pontos de anatomia philosophica. Por outra parte complicavam-no doutrinas controvertidas e descobrimentos incertos da histologia. Com tal habilidade, porém, se houve o auctor, que a sua dissertação foi reputada entre as mais notaveis que até esse tempo tinham sahido dos prelos da Universidade.

Outro seu livro, que pelo assumpto interessa ainda mais á sciencia e a Portugal, é a dissertação de concurso, intitulada: *Memorias de epidemiologia portugueza*, e impressa em 1866.

Este livro foi objecto de grandes e merecidos elogios. Era importante o assumpto, e ninguem o tractara antecedentemente em Portugal. Apenas algum curioso medico dos seculos passados deixara breve exposição da epidemia que em seu tempo grassara. Mas as epidemias foram muitas, e mui poucas essas memorias technicas. Sómente neste seculo começam de apparecer os relatorios das commissões e funccionarios publicos.

Importava, portanto, a quem desejasse tractar convenientemente o assumpto, buscar nas velhas chronicas, agiologios e annaes as noticias que ninguem ainda colligira: comparar os escassos e singelos dizeres dos nossos auctores com as noticias dos escriptores extrangeiros; classificar, finalmente, cada epidemia, indagar-lhe a origem, seguir-lhe o curso e determinar-lhe os effeitos.

Importava-lhe, sobre tudo, apurar essas noticias, que as mais das vezes não eram senão a reproducção das palavras inscientes, e extrahir de uma phrase vulgar uma idèa scientifica.

Desempenhou-se o Doutor Vieira de Meirelles com grande proficiencia da empresa a que se abalançara. O seu livro tem merecimentos, que nem sempre se encontram separados e rarissimas vezes reunidos. Apreciavel como obra litteraria, não o é menos como escripto scientifico. O auctor, soccorrendo-se de factos antecedentemente ignorados, e comparando-os com outros já conhecidos, demonstrou com argumentos novos e concludentes que a peste, cholera e febre amarella, todas as vêzes que têem grassado em Portugal, foram importadas pelos homens ou mercadorias, vindos de logares inficionados. E, portanto, provou a necessidade da observancia rigorosa das medidas sanitarias contra a opinião de muitos medicos, e mais em particular dos inglezes, que as rejeitam como prejudiciaes ao commercio sem aproveitarem á saude publica.

Os leitores do *Instituto* apreciaram por vezes neste jornal o

merito scientifico e litterario do Doutor Vieira de Meirelles. Mas o que muitos não saberão é que, preso ao leito, em que no dia seguinte havia de expirar, trabalhava ainda com actividade febril escrevendo artigos, revendo provas e dirigindo a impressão!

Assim foi que o amor das sciencias e das lettras, esse nobre sentimento que desde tenros annos o dominara, o acompanhou até á hora extrema, servindo-lhe de lenitivo ás dores pungentes da terrivel enfermidade que pelo espaço de longos mezes o atormentou.

Por outros sentimentos, egualmente nobres e desinteressados, se distinguia o Doutor Vieira de Meirellos nuns tempos em que o interesse e o egoismo imperam absolutos no coração de tantos homens. Amava a patria com extremo. Os seus estudos predilectos eram os que por qualquer fórma se referiam a Portugal. Á Universidade, e em particular á faculdade de Medicina, tinha entranhavel affecto, pugnando sempre com vehemencia pela honra e lustre da corporação a que se gloriava de pertencer.

Em lealdade ninguem o excedia. Declarava com franqueza as suas opiniões, e punha acima de tudo a verdade, o bem e a justiça. Devotado ao estudo da historia, admirador enthusiasta dos vultos mais sympathicos de outras eras, parecia ter herdado as virtudes civicas de alguns dos antigos portuguezes. Os honrados e leaes caracteres da epocha de D. João I eram aquelles de quem mais se comprazia de contar as nobres acções e os feitos cavalleirosos.

O Doutor Antonio da Cunha Vieira de Meirelles falleceu a 15 de janeiro d'este anno de 1873. A sua morte é hoje sentida por quantos o estimavam, que são todos os que em vida o conheceram.

XVII

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN

O marquez de Souza Holstein nasceu em Paris aos 20 de abril de 1838. De seu pae, o illustre duque de Palmella, recebeu tão apurada educação, como se podia esperar de um homem, cujo delicado gosto se formara em França no convivio litterario de espiritos superiores.

Em 1852, contando apenas quatorze annos de edade, matriculou-se no primeiro anno da faculdade de direito da universidade de Coimbra. Em 1858 recebeu o grau de doutor, como se quizesse com este diploma honroso realçar os brazões da sua antiga nobreza, que dizem ascender aos Souzas de Arronches do tempo de D. Affonso III.

Quem fallasse por algum tempo com o marquez, conheceria logo nas palavras, nos gestos, na physionomia, inequivocos signaes de uma fina educação aristocratica e litteraria. O seu espirito vivo e irrequieto não podia demorar-se muito no mesmo assumpto. Mas a variedade de conhecimentos, que possuia, permittia-lhe, na sua conversação animada, o passar naturalmente e sem tran-

sições forçadas, de um a outro ponto, sem que muitas vezes aquelles que o escutavam se apercebessem da mudança.

O marquez fallava e escrevia expeditamente as linguas franceza, italiana e ingleza. Viajando pelas nações respectivas, radicara-se-lhe no coração, principalmente na Italia, o amor da arte, feição caracteristica do seu espirito cultivado. Na Academia de Bellas-Artes serviu por muitos annos, sem remuneração nenhuma, o cargo de vice-inspector, empregando os maiores esforços para elevar o ensino, quanto era possivel com a deficiente e acanhada organisação d'aquella eschola, e com os escassos recursos que o Estado lhe proporcionava. Sem o zelo infatigavel e ardente, que animava o marquez de Souza, a Academia não possuiria hoje tão ricas e numerosas collecções, como são as de pinturas, de metaes esculpidos, de louças, etc., etc.

Aquelles que não ignoram a insufficiencia da dotação da Academia e a repugnancia dos governos em dispender com as Bellas-Artes, as acquisições realisadas pelo marquez chegaram a parecer prodigiosas. As suas vistas, augmentando assim as collecções da Academia, eram formar pouco e pouco um nucleo para a fundação de um muzeu nacional. Era esta a sua grande aspiração, que os governos lhe illudiram com enganosas esperanças, até que a morte lhe cerrou os olhos sem ver cumprido o seu desejo.

Merecia-lhe sobre tudo particular cuidado a historia da arte nacional. As collecções da Academia contêem objectos importantissimos, que, sem a diligencia do marquez, se teriam perdido, levados pela maior parte para fóra do reino. Todos se lembram ainda da notavel exposição retrospectiva da arte portugueza em Paris no anno de 1867. A escolha e colleccionação de objectos que de todas as partes do reino foram áquella exposição universal fizeram-se sob a illustrada direcção do marquez.

Em 1875 promoveu pelo ministerio do reino a nomeação de uma commissão para a reforma do ensino das Bellas-Artes e fundação de muzeus em Portugal. Nos trabalhos d'esta commissão, que duraram desde 29 de novembro d'aquelle anno até 14 de fevereiro de 1876, desenvolveu uma actividade febril. É para notar-se que em tão breve espaço de tempo fossem elaborados e discutidos todos os vastos e importantes projectos que correm impressos.

Em tudo o que respeita ás Bellas-Artes Portugal ficara-se muito atraz dos outros povos cultos. O ensino deficiente e acanhado. Nenhum muzeu que mereça este nome. Os monumentos abandonados á mercê da ignorancia ou má vontade dos cabidos, municipios e parochias. A commissão apresentou projectos para supprir todas estas faltas. Mas tudo isto era forçoso que augmen-

tasse a despeza do Estado em algumas dezenas de contos em cada anno[1]. E um paiz, habituado a ver dispender, não dezenas porém milhares, em caminhos de ferro, estradas e pontes, taxaria de imperdoavel disperdicio o que se dispendesse com a pobre, com a miserrima arte nacional.

O governo chegara a auctorisar a commissão para arrendar um edificio, onde se désse principio ao *muzeu*. Algumas difficuldades a impediram de acceitar tão importante concessão.

Conhecidos os seus projectos, desde logo se tornou impossivel realisar esta ou qualquer outra reforma. A commissão commettera uma falta gravissima. Quizera nem mais nem menos que organisar os serviços concernentes ás Bellas-Artes pela fórma que ha muitos annos o estão na Belgica, na Hollanda e até na propria Hespanha[2].

O governo que se tornasse cumplice de tammanho attentado poderia provocar alguma revolta. Os projectos foram para o limbo, d'onde provavelmente jámais sahirão.

O marquez de Souza Holstein collaborou na *Revista Contem-*

---

[1] Em 1836 foram dotadas as Academias de Lisboa e Porto com a verba annual de 32:400$000 réis. Hoje dispende-se com as duas escholas menos de metade d'esta quantia. A commissão a que presidiu o marquez de Souza calculava que o augmento de despeza que importariam todos os projectos de reforma que apresentou, não excederia 8:000$000 réis, além da somma com que em 1836 se dotara o ensino artistico em Portugal. Ainda assim não faltou quem taxasse de *ruinosas* as pretenções da commissão.

[2] Na Belgica, desde 1835 (ha 43 annos!) funcciona juncto do ministerio do reino uma commissão, denominada de monumentos, porque em principio tinha apenas por encargo o ser consultada pelo governo sobre a reparação dos monumentos e sobre a reparação dos edificios publicos. Depois alargaram-se as suas attribuições. Em 1860 nomearam-se-lhe em cada provincia membros correspondentes, para, de tres em tres mezes, se reunirem os de cada provincia na sua respectiva capital, a fim de discutirem em commum os objectos da sua competencia.

Os muzeus de Bellas-Artes são administrados por commissões naturalmente relacionadas com a primeira.

Na Hespanha ha tambem deputações provinciaes, relacionadas com a Academia de Bellas-Artes de S. Fernando. Esta organisação tem por fim promover os estudos archeologicos, a conservação e reparação dos monumentos. Mas por onde melhor se avalia a importancia que os nossos vizinhos dão ás artes é pelos muzeus.

Em Madrid ha o Muzeu Real ou do Prado, o Muzeu Nacional, a Galeria da Academia de S. Fernando e o Muzeu Archeologico. Um rico e distincto cirurgião fundou recentemente o Muzeu Anthropologico.

Além dos muzeus de pinturas de Madrid, ha outros importantes para o estudo da Arte nas respectivas provincias, em Sevilha, Toledo, Valhadolid, Valencia, Barcelona, Saragoça e Escurial.

poranea, nas *Artes e Letras,* na *Academia* de Madrid, no *Atheneum* de Londres e em outros jornaes.

Desejando chamar a attenção do publico para a necessidade urgente das reformas encarregadas á commissão a que presidia, escreveu as *Observações sobre o actual estado das artes em Portugal, a organisação dos muzeus e o serviço dos monumentos historicos e de archeologia.*

Foi tambem seu o projecto da fundação de uma Academia de Bellas-Artes e de Archeologia, o primeiro dos quatro apresentados pela commissão.

Quando, em 1877, a Academia Real das Sciencias resolveu celebrar algumas conferencias ácerca dos descobrimentos e colonisações dos portuguezes na Africa, o marquez de Souza inaugurou esses trabalhos, lendo um discurso notavel ácerca da Eschola de Sagres e das tradições do infante D. Henrique.

Foi este o seu ultimo trabalho litterario. Logo depois começou a padecer a longa e dolorosa doença, da qual falleceu em Lisboa aos 30 de setembro de 1878.

XVIII

O HOMEM PREHISTORICO

Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
Et lapides, et item silvarum fragmina rami,
Et flammae atque ignes, postquam sunt cognita primum.
Posterius ferri vis aeris que reperta;
Et prior aeris erat quam ferri cognitus usus.

LUCRECIO.

Quasi tão brutamente como as ferozes alimarias que o cercavam, e sem ao menos dispor dos poderosos elementos de ataque e defeza que as faziam invenciveis e temidas, vivia, é força confessal-o, o homem da epocha paleolithica. Percutir uma pedra com outra e fazer saltar lascas da primeira até ficar mais ou menos acuminada ou ponteaguda, transformar os paus, os ossos, os chifres em instrumentos não menos imperfeitos, tirar chispas de fogo da rapida fricção de ramos resequidos, eis quasi tudo a que se reduzia a sua limitadissima industria.

Sem falar na invenção do fogo, que, só por si, prometteria todo o futuro desenvolvimento da humanidade, avantajavam-se-lhe, por certo, na regularidade e importancia das obras, na delicadeza e perfeição dos processos, o castor, a abelha, a formiga. Eram-lhe superiores pelos fortes musculos, pelas garras, prezas ou outras armas naturaes, o hippopotamo, o elephante, o urso, o rangifer ou a hiena. As alterações physicas da superficie do globo livraram a especie humana de alguns d'esses poderosos inimigos.

Mas os sobreviventes bastariam talvez para extinguil-a, se o homem, inferior nos recursos da natureza physica, se não tornasse superior a todos pelo successivo desenvolvimento das faculdades intellectuaes.

Progride rapido esse desenvolvimento na epocha neolithica ou da pedra polida. Cessa a anterior agitação que punha em temerosa desordem as partes solida e liquida da crusta da terra; temperam-se os rigores do clima, e as neves perpetuas recuam para os mais altos dos cerros das cordilheiras; algumas das alimarias que disputavam ao homem a posse das cavernas e dos fructos da terra emigram para as regiões hyperborias ou alpinas, em busca de temperaturas mais conformes a organisações affeitas á frialdade dos gelos, que não aos ardores dos raios solares. No meio de condições physicas, similhantes ás da actualidade, o homem sahe por fim da bruteza em que longamente vivera, eleva-se acima dos irracionaes que o cercam, converte alguns á domesticidade, e a aurora esplendida da civilisação illumina pela primeira vez os horizontes das sociedades nascentes.

Outr'ora as armas e os pouquissimos instrumentos da industria humana eram feitos de rochas, que, pela sua estructura, mais facilmente lascavam, para tomar, por effeito da percussão, as fórmas acuminadas ou ponteagudas. O silex, a quartzite, a obsidiana mereciam a preferencia para servirem de materias primas á industria incipiente. Agora essas pedras são muitas vezes substituidas pela diorite, serpentina, porphydo, jade e outras, susceptiveis de tomarem fórmas e côres mais varias e mais bellas, embora á força de trabalho e paciencia d'aquelles que as fabricavam. Nesta nova epocha não basta já, como d'antes, que os instrumentos possam ferir ou cortar, importa egualmente que sejam bellos e commodos. As fórmas que dão ás rochas com os percutores, o polimento que lhes põem e as côres que lhes avivam com os alizadores ou com os raspadores, satisfazem ás primeiras exigencias do sentimento esthetico, mal despontando ainda no coração humano.

Pelo espaço de milhares de annos a intelligencia do homem não teve á sua disposição mais que uns toscos pedaços de silex aguçados ou acuminados para furar ou cortar. Na epocha mesolithica, e particularmente na epocha neolithica ou da pedra polida, dilatam-se os horizontes industriaes. Fabricam-se martellos, serras, arpões, collares e outras armas ou ornamentos. Aproveitam-se as pontas do veado e de outros animaes para varios utensilios. Nalguns apparecem os primeiros ensaios artisticos em gravuras ou esculpturas toscas e disformes, porém representando já claramente o homem ou os animaes amigos e inimigos

que o cercavam. Fabricam-se tambem moinhos de duas pedras para moer os cereaes, e vasos de barro para guardar as sementes e as farinhas, ou para outros usos. Emfim, a disposição para a mais nobre das artes, para a architectura, revela-se nos dolmens, nos tumulos, no menhir, no cromleck, monumentos megalithicos da epocha da pedra polida, que foram para esse tempo o mesmo que as basilicas, os mausoleus ou os obeliscos para os tempos historicos.

XIX

ARCHEOLOGIA CONIMBRICENSE

A ESCULPTURA EM PEDRA ANTERIORMENTE AO SECULO XVII

I

Tempos anteriores á fundação da monarchia

Quando, ha mais de um seculo, demoliram o antigo castello para edificarem no seu logar o incompleto observatorio astronomico, appareceram na muralha lapides sepulcraes romanas, algumas com ornatos de boa esculptura.

Este facto seria considerado por todos como prova irrefragavel de que uma povoação romana precedera a moderna Coimbra, se não chegara a merecer geraes creditos entre os nossos escriptores a lenda sentimental de Ataces e Cindasunda e da fundação d'esta cidade no seculo v.

Assim chegados á dura extremidade de sacrificarem a lenda á evidencia do facto, faltou-lhes o animo para tanto, e conciliaram a primeira com o segundo de um modo assaz ingenhoso. Povoação romana, anterior ao seculo v, não a houvera aqui. As lapides sepulcraes eram em verdade romanas; mas procediam de Condeixa a Velha aonde teria ido buscal-as algum curioso de anti-

gualhas ou alguma associação precursora do *Instituto*, durante a edade media, sendo impossivel explicar por outra fórma a trasladação.

Quando se tracta de salvar uma lenda, fecham-se os olhos ás inverosimilhanças e impossibilidades. A explicação agradou e correu mundo, a ponto de que o sr. E. Hübner, vindo em 1861 a Portugal e encontrando em Coimbra as lapides romanas, tambem as suppoz trazidas de Condeixa a Velha, não obstante o seguir a opinião plausivel de que no sitio da moderna Coimbra fora a cidade romana de Eminio, e o rejeitar a lenda que dera origem á errada hypothese da trasladação [1].

As lapides, que por muitos annos estiveram no pateo da Universidade, conservam-se actualmente na secção de archeologia do Instituto, e com ellas algumas outras encontradas em julho de 1878 nos restos da muralha juncto da porta da Traição. Determinam-se as pedreiras d'onde procedem. São as de Ançã ou de Portunhos. Aquellas que modernamente têem vindo de Condeixa a Velha, e que tambem se conservam na mesma collecção, são de um calcareo differente, proprio dos sitios d'onde foram trazidas.

As lapides sepulcraes encontradas na antiga muralha, no castello e na porta da Traição, além de nos attestarem que uma povoação romana precedeu a moderna Coimbra, mostram-nos tambem, algumas d'ellas, o grau de perfeição a que chegara a esculptura em pedra nas epochas anteriores ao desmoronamento do imperio do occidente.

No seculo passado subsistia ainda de pé outro monumento que sem duvida seria tambem ornado de esculpturas. Era o arco romano da porta de Belcouce, á Estrella, que infelizmente foi demolido por deliberação da camara municipal de Coimbra de 10 de junho de 1778 [2]. As memorias que hoje restam do arco são apenas algumas estampas antigas da cidade, em que se vê representado, sem que todavia se possa fazer idêa exacta da sua fórma por esses documentos pouco exactos.

O estado das artes em Coimbra desde o seculo v até ao se-

---

[1] *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 58.

Ácerca das Lapides romanas veja-se o *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra* e o artigo *Alguns passos n'um labyrintho* no *Portugal Pittoresco* de 1879. Veja-se tambem o Supplemento ao citado catalogo no *Instituto*, tom. 28, pag. 198 e 199.

[2] Sr. J. C. Ayres de Campos, *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da Camara Municipal.*

Portugal Pittoresco, art. cit.

culo XI deve ter sido de grande decadencia pela falta absoluta de vestigios que nos dêem qualquer indicação. Esta idêa confirma-se com um interessante documento extrahido por Fr. Manuel da Rocha do livro dos testamentos de Lorvão, e por elle publicado no seu *Portugal Renascido*. É uma memoria escripta em latim barbaro, na qual se refere que no tempo do abbade Primo (979 a 985) viera de Cordova para aquelle mosteiro mestre Zacharias, o qual o concelho de Coimbra mandou pedir ao abbade que lh'o désse para lhe fazer pontes em seus ribeiros. Respondeu o abbade que sim; porém que para memoria acompanharia o mestre.

Vieram pois ambos; e chegando a Ilhastro (juncto ao logar a que hoje chamam Fornos), ahi assentou o abbade sua tenda, e mandou aos homens da terra que trouxessem carros, pedra e cal, com o que fizeram uma ponte. Vieram a Cozelhas e fizeram outra. Vieram á ilharga do Bussaco e fizeram outra. E ultimamente, chegando á ribeira de Forma, construiram ainda outra ponte e juncto d'ella uns moinhos [1].

Fica portanto bem patente que no seculo X, ainda antes das devastações de Almansor, não havia em Coimbra pedreiro capaz de fazer, ao menos com segurança, as pontes dos minguados ribeiros circumvizinhos; que um mosteiro rico, situado a tres leguas da cidade, mandava vir de Cordova um mestre d'obras, para supprir a falta de artistas nesta parte remota dos dominios do rei de Leão; que o concelho de Coimbra enviava uma embaixada ao abbade do mosteiro, como se lá estivesse o primeiro architecto do mundo; e, finalmente, que o poderoso donatario, por fazer favor á cidade, e mais ainda por zelar os interesses do convento, acompanhava o mestre cordovez pelo territorio conimbricense, estacionando com elle pelas margens dos ribeiros e assistindo á construcção das pontes e moinhos, como se fossem obras admiraveis de grande e sumptuosa fabrica [2]. O documento não diz nada da esculptura. Que esculptores porém haveria onde assim faltavam os alvaneus!

No occidente da Peninsula não seriam menores que os da christã o atrazo e imperfeição da arte mahometana. Não podia irradiar para tão longe o foco da civilisação arabe; nem tão pouco podiam florescer as artes em povoações que no mesmo seculo eram muitas vezes invadidas, taladas, destruidas, despovoadas e repovoadas ora pelos christãos ora pelos sarracenos.

---

[1] *Portugal renascido*, pag. 390.

[2] *Reliquias da Architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, pag. 10 e 11.

Ha vulgarmente uma grande tendencia para attribuir aos mouros os antigos castellos e templos ameiados. Quantas vezes se não tem dado esta origem á Sé Velha de Coimbra e ao castello da Feira, não obstante a fórma crucial do primeiro e as seteiras tambem cruciaes do segundo! A verdade porém é não haver nada mais raro que os vestigios do estylo arabe em Portugal. Pondo de parte os de Evora, que evidentemente são de epochas posteriores á dominação arabe, do seculo XV ou XVI, restam apenas conhecidos alguns, descobertos no Algarve, e aquelles que ha poucos annos se encontraram n'uma excavação do castello de Montemor o Velho. E estes ultimos não passam de capiteis e outros fragmentos de columnas de marmore branco, e dois pequenos pedaços de baixos relevos de gesso e argila que provavelmente serviam de revestimento a alguma sala. Na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra podem ver-se estes exemplares, os unicos conhecidos da arte mahometana nesta parte da Peninsula.

Houve pois no castello de Montemor o Velho uma parte, talvez a alcaçova, construida segundo o estylo arabe. Em que tempo? Ninguem o saberá dizer ao certo. Depois da primeira invasão da Peninsula em 711 prolongou-se o dominio musulmano em Montemor o Velho até ao meiado do seculo IX, epocha da famosa lenda do abbade João, continuando alternadamente em poder ora dos mouros ora dos christãos. Fernando Magno destruiu Montemor depois da conquista de Coimbra em 1064. Mas em 1117 alli estavam outra vez os mouros, que vieram cercar esta cidade por espaço de vinte dias. Por esse tempo estabeleceu-se definitivamente o dominio dos christãos, marcando assim um limite á epocha dentro da qual se poderia fazer em Montemor uma construcção de estylo arabe.

Em 1095 affirmava o presbytero Vermudo em seu testamento que, havendo muitos annos que o castello de Montemor fora destruido desde os alicerces (funditus eversum) pelos sarracenos, achando-se transformado n'um grande matagal, covil de feras, o conde D. Sesnando o mandara reedificar e repovoar[1]. Existiriam já nessas ruinas os restos de uma construcção arabe? Ou, antes, seria obra do proprio D. Sesnando, do ex-wasir de Ibn Abbed, e cahiria por terra em tempos posteriores?

A reedificação a que o testamento se refere foi pelos annos de 1088.

---

[1] *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*, pag. 491.

II

Seculos XII, XIII e XIV

A obscuridade que involve a historia da esculptura em Coimbra cessa finalmente no seculo XII, que nos trouxe com a fundação da monarchia uma verdadeira renascença artistica. Faltam, é verdade, neste e nos seculos seguintes memorias escriptas que nos dêem os nomes dos artistas e nos esclareçam ácerca das suas circumstancias pessoaes, mas os monumentos attestam com evidencia o numero, a perfeição e o estylo das suas obras.

A egreja da Sé Velha, a de S. Christovão, ha vinte e tres annos demolida, a primitiva egreja de Sancta Cruz, o antigo mosteiro de Sanct'Anna, totalmente desapparecido, a egreja velha de Sancta Justa, da qual poucos vestigios restam, os portaes das egrejas de S. Thiago e de S. Salvador, todas estas obras, e por ventura outras de que não ha memoria, não se emprehenderiam no mesmo seculo sem muitos e habeis operarios na arte de lavrar a pedra. A perfeição de esculptura patentêa-se particularmente nos capiteis da Sé Velha, e tambem nos de S. Christovão, que hoje se conservam em casa do sr. marquez da Graciosa.

A pedra empregada nestas construcções veio das pedreiras d'onde continuou depois a ser extrahida: de Bordalo para a Sé Velha, S. Christovão e provavelmente Sancta Cruz; d'Ançã ou de Portunhos para os portaes das egrejas de S. Salvador e de S. Thiago.

Assim, ao passo que ao norte do reino os esculptores, achavam na dureza do granito um obstaculo ao aperfeiçoamento da arte e á delicadeza e variedade da ornamentação, em Coimbra e ao sul, os calcareos, offerecendo-lhes ao cinzel menos resistencia, davam logar a que melhor representassem na pedra os elementos do symbolismo religioso e a variedade de formas e ornatos que distinguem as obras do estylo romanico ou romano-byzantino.

As mencionadas egrejas de Coimbra, as de S. Pedro em Leiria e de S. João d'Alporão em Santarém, a parte primitiva da sé de Lisboa, os restos de um pequeno templo contemporaneo na matta da Pena em Cintra, todos analogos pelo estylo, contrastam singularmente com as egrejas de Cedofeita no Porto, de S. Miguel

do Castello em Guimarães, de Almacave em Lamego. E tal é a differença, tão rude e singela a ornamentação, que se attribuiriam de certo a epochas muito anteriores, se os seus arcos ogivaes não marcassem positivamente os fins do seculo XI ou o seculo XII como um limite antes do qual não poderiam ter sido edificadas.

Apenas um documento contém algumas noticias para a historia artistica d'essa epocha É uma memoria dos beneficios feitos á sé de Coimbra pelo bispo D. Miguel, lançada no *Livro preto*, d'onde foi extrahida por Miguel Ribeiro de Vasconcellos para a publicar na sua *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça*.

Consta d'esse curioso documento que o bispo D. Miguel (1162 a 1176) deu para a obra da Sé 500 morabitinos, além d'uma formosa junta de bois avaliados em 12 morabitinos.

A mestre Bernardo, que dirigiu a obra da egreja por dez annos, 124 morabitinos, além dos alimentos que lhe dava á sua mesa episcopal e de um vestido em cada anno no valor de 3 morabitinos. Ao mestre Roberto, que veiu de Lisboa por quatro vezes para aperfeiçoar a obra e o portal da egreja, deu por cada vez 7 morabitinos, e outros 10 morabitinos para a despeza feita por cada vez em pão, vinho e carne para os seus quatro moços e rações para os seus quatro jumentos. Deu mais para a obra da Sé por mão de Martinho Senior 1500 morabitinos das rendas episcopaes e uma junta de bois avaliada em 12 morabitinos. A mestre Soeiro, successor de mestre Bernardo, fallecido durante a obra, deu um vestido, um quintal de vinho e um moio de pão.

Temos pois tres artistas, Bernardo, Roberto e Soeiro, que dirigiram a obra da Sé Velha no seculo XII. Ignora-se a eschola d'onde sahiram, mas o estylo da obra é o mesmo que por esse tempo se generalisava em França, procedente do norte e que ainda hoje alguns denominam lombardo ou normando.

Depois que o bom do bispo renunciou o episcopado, accrescenta o documento, deu ainda para a obra da Sé por uma vez 700 morabitinos e 500 por outra vez.

O mesmo documento, dando a 68 morabitinos o valor de 7 ½ marcos de prata, nos auctorisa a computar em 330 marcos de prata o valor total das dadivas do bispo, valor consideravel para aquella epocha, se attendermos á barateza dos materiaes, á pequenez dos salarios, e finalmente a que muitos dos trabalhadores seriam escravos.

No seculo XIII e em grande parte do seculo XIV diminue consideravelmente este grande movimento effeituado no seculo anterior; parece até manifestar-se uma verdadeira decadencia na arte da esculptura em pedra, e em Coimbra ainda mais que n'outras cidades do reino. A prova mais concludente está no pe-

queno numero de vestigios que restam d'essa epocha em proporção d'aquelles que mencionámos do seculo XII.

Edificaram-se, é verdade, os conventos de S. Domingos, S. Francisco, Cellas e Sancta Clara. Mas do primeiro e segundo nada resta; nem pelos respectivos chronistas se sabe que fossem de grandiosa fabrica. Do primitivo mosteiro de Cellas subsiste apenas um lanço do claustro. De Sancta Clara as ruinas da egreja.

Os capiteis do claustro de Cellas, de fórma cubica e cobertos de figuras singelamente lavradas, referir-se-iam sem duvida, pela sua imperfeição, a uma epocha anterior á da Sé Velha, se não se attribuisse com probabilidade ao primeiro quartel do seculo XIII a fundação do mosteiro.

Um baixo-relevo em pedra d'Ançã que veio ha alguns annos da ermida de Sancta Comba para a collecção do Instituto provará da mesma sorte a degeneração da arte, se o compararmos com os capiteis da Sé Velha ou de S. Christovão. O sr. Ayres de Campos descreve assim esta curiosa antigualha:

«Dentro de dois porticos ou arcadas ogivaes de volta tricentrica, firmadas sobre uma columna sextavada, representam-se dois quadros ou grupos distinctos.

«No da direita vê-se a cruz sobre um pequeno calvario, e nella pregado o Salvador, coberto da cintura aos joelhos e com os pés quasi sobrepostos, mas sem suppedaneo. Sobre a fronte do Crucificado dois anjos lhe assentam as coroas de espinhos e de rei. Orando e chorando juncto á cruz, acompanham-no N. Senhora e S. João.

«Na orla superior da moldura, correspondente a este grupo, é legivel em gothico maiusculo e minusculo

IHS ⁝ NAZARENVS ⁝ REX ⁝ IVDEORVM ⁝

«No quadro opposto sobresahe entre todas a figura da Virgem coroada e assentada, com o Menino vestido no regaço, e na mão direita um globo. Á sua esquerda está levantado um pequeno altar, e juncto a este o arcebispo S. Ildefonso, mitrado e em pé. Um anjo, descendo do alto, traz pendente das mãos uma alva de sacerdote.

«É o premio que a Senhora offereceu ao sabio prelado, e elle acceitou, pela defeza, que por ella tomara da sua illibada e perpetua virgindade [1]. Na orla superior da moldura decifra-se tam-

[1] No livro *De Virginitate B. Mariae* contra Joviniano, Helvidio e outros.

bem em gothico maiusculo e minusculo com abreviaturas e uma pequena falha:

H ⁝ Ē ⁝ VESTIM... ⁝ VIRG ⁝ M ⁝ ATTVLIT ⁝
SC̄O ⁝ ILDEFŌNSO ⁝

«... Que seria obra do seculo XIII, ou principio do XIV, indicam-no o typo gothico das inscripções, e o desenho e lavor das figuras e dos seus accessorios» [1].

Outra esculptura da mesma epocha, e com a mesma incorrecção, se conserva na casa do capitulo do convento de Cellas. Dois quadros adornam a parte esquerda de uma grande lapide embutida na parede. Um representa uma freira ajoelhada aos pés da Virgem, que lhe sustenta as mãos com a sua mão direita, emquanto segura com a esquerda o Menino sentado no regaço. O outro quadro, esculpido por baixo do primeiro, representa um bispo de baculo em punho e vestido de pontifical. Á direita a pedra na sua maior extensão está coberta com letras tão comidas do tempo, que já se não lêem. A inscripção conterá provavelmente a lenda que o padre Antonio Caetano de Sousa conta pela fórma seguinte:

«No mosteiro de Cellas de Coimbra se conserva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita abbadessa d'este religioso mosteiro, no anno de 1330, pessoa de abalisada virtude, em que o desprezo de si mesma foi tão abatido, que lhe parecia ser obrigada a se aniquilar ao mais profundo da humildade, não querendo houvesse cousa n'ella que merecesse louvor. Consta por tradição d'aquella casa que por um prelado d'aquella diocese lhe louvar as mãos de bem feitas as cortara logo, e recolhendo-se á cella afflicta lhe foram restituidas por intercessão de Nossa Senhora» [2].

Mas no proprio templo da antiga sé conimbricense havia uma lapide sepulcral de 1282, apenas um seculo, pouco mais ou

---

É a mesma lenda que se acha representada no retabulo do altar da capella de S. Ildefonso na egreja de S. Thiago de Coimbra.

No reinado de Recesvindo se finou este sancto arcebispo de Toledo, aos 23 de janeiro de 667. Vejam-se as suas biographias na *España Sagrada*, tom. V, pag. 463, 482 e 502.

[1] *Catalogo dos objectos existentes no muzeu de archeologia do Instituto de Coimbra*, pag. 19.

[2] *Agiol. Lusit.*, tom. IV, pag. 517. O que porém o auctor não explicou é como alguem póde amputar a si mesmo as mãos ambas; o que se lhe afigurava tão facil que chegou a temer que a freira tivesse imitadoras! E, como quizesse prevenir o caso, qualificou-lhe o zelo de indiscreto, e advertiu que Deus não quer que similhantes resoluções sirvam de exemplo.

menos, posterior á edificação do templo, com a imagem da Virgem esculpida no meio, e mais incorrecta ainda que as outras em relação aos capiteis [1].

O progresso da architectura e da esculptura não guardou no seculo XIII as proporções que tomara no anterior. Esta pausa na evolução da arte foi maior em Coimbra, porque pela mudança da corte para Lisboa faltaram as condições que mais favoreciam o desenvolvimento das artes. Esta causa particular accresceu pois ás causas geraes que exerceram a sua influencia nas outras partes da nova monarchia.

Aos vestigios antecedentemente mencionados, que ainda hoje representam em Coimbra a esculptura do seculo XIII, convirá accrescentar um outro muito interessante que se conserva na quinta, denominada de S. João do Piolho, pertencente ao sr. Basilio Augusto Xavier d'Andrade, e situada por cima da pequena povoação das Lages sobre a margem esquerda do rio a uns tres kilometros ao sul de Coimbra.

É um baixo-relevo em pedra d'Ançã, que terá pouco mais ou menos um metro em quadro. A distribuição dos assumptos esculpidos foi feita do mesmo modo que nos triptycos. O quadro principal, que é o do meio, representa a imagem do Salvador sentado. Á esquerda, em cima o Calvario, em baixo a Deposição no sepulcro. Á direita em cima o Descendimento da Cruz, em baixo a Apparição de Christo a Nossa Senhora.

A esculptura das figuras, muito incorrecta, é do mesmo genero que a do baixo-relevo, trazido da ermida de Sancta Comba para a collecção de archeologia do Instituto. O grande portico central é trilobado ou tricentrico na fórma dos dois que adornam aquelle baixo-relevo.

Esta curiosa antiqualha parece ter vindo de um dos antigos conventos da Ponte, hoje destruido. Mais adeante reanimarei este ponto a proposito de outros vestigios de esculptura que se conservam na mesma quinta.

Tão grandes analogias se encontram entre os capiteis do claustro de Cellas e os baixo-relevos de Sancta Comba e do antigo convento de Sanct'Anna ou de S. Francisco da Ponte, que naturalmente se attribuirão a um mesmo esculptor, ou a uma eschola de artistas que succederam aos do seculo XII, e que não souberam conservar a arte na perfeição a que chegara n'aquelle tempo e de que dão claro testimunho os capiteis da Sé Velha e de S. Christovão.

---

[1] Conserva-se hoje no Instituto. Vej. o catalogo citado, pag. 19.

Da estatuaria do seculo XII não resta um só vestigio conhecido. A do seculo XIII está representada pelas estatuas sepulcraes de dois bispos na Sé Velha. Uma, que se julga ser do bispo D. Tiburcio, jaz sob um arco, n'um ediculo no topo meridional do cruzeiro, perto da porta da sacristia.

A outra, que dizem ser do bispo D. Egas Fafes, jaz n'outro similhante ediculo juncto da porta lateral, na parte opposta do cruzeiro, e formando um angulo com o tumulo de D. Vetaça.

O desenho de ambas as estatuas é incorrectissimo, as fórmas irregulares e sem verdade anatomica, as linhas dos rostos duras, as das roupagens angulosas, mostrando quão embaraçados se viam os artistas para imitar com o cinzel as curvas e ondulações das partes do corpo e das grandes vestes talares.

De D. Vetaça conserva-se não sómente a estatua mas tambem o tumulo, posto que algum tanto deteriorado. O lavor do tumulo, em cuja face anterior se representou a aguia de duas cabeças em tres molduras gothicas, differença-se já pela sua maior perfeição do lavor dos capiteis e baixo-relevos do seculo XIII. Mas a maior differença está na estatua comparada com as anteriores. Começava a differenciar-se a arte do estatuario, que anteriormente estivera confundida com a do canteiro, sendo esta a razão por que em toda a parte na Peninsula as estatuas do seculo XII estão em plena discordancia com os outros vestigios de esculptura em pedra, parecendo até obra de epochas diversas.

O tumulo da rainha Sancta Izabel, trasladado do antigo convento, proximo do Rocio, para a nova egreja, onde se conserva, é muito mais ornamentado que o de D. Vetaça. Cobrem-lhe as faces numerosos nichos ogivaes com estatuas de sanctos. Ha porém alguma semelhança entre as estatuas de ambos os tumulos e os anjos que lateralmente as acompanham, parecendo querer levantal-as dos logares onde jazem.

O aperfeiçoamento da esculptura no seculo XIV, em relação ao seculo XIII, prova-se tambem nos capiteis e nalguns fechos das abobadas de Sancta Clara a Velha. A propria fabrica do edificio parece ter sido mais solida e mais bem acabada que as dos antigos conventos de S. Francisco e de S. Domingos, pois, collocados todos tres em condições semelhantes, com relação ás inundações do Mondego, dos dois ultimos não restam vestigios importantes, em quanto do primeiro subsistem ainda de pé as paredes da egreja com as suas abobadas, oculo rendilhado, e portas e janellas ogivaes.

Em resumo: em Coimbra, como noutras cidades do reino, a architectura e a esculptura em pedra tiveram um rapido e notavel incremento no seculo XII ao fundar-se a monarchia portugueza.

Os artistas extrangeiros, vindos em grande numero e provavelmente da Borgonha, amestrados no estylo romano-byzantino, introduziram-no em Portugal, não com os defeitos e vacillações d'uma arte que começa, mas com a perfeição e firmeza d'um estylo acabado, como era por esse tempo o da Lombardia e de algumas provincias da França.

Uma sociedade, que se constituia e que tinha de sustentar porfiadas luctas com encarniçados inimigos, não estava de certo nas condições proprias para aproveitar o impulso que os mestres extrangeiros deram ás artes. Seguiu-se por tanto uma decadencia, da qual sómente começaram a levantar-se no reinado de D. Diniz, progredindo depois sem interrupção até ao fim do reinado de D. Manuel, para tornarem a decair com a desorganisação e enfraquecimento da sociedade portugueza [1].

III

Seculos XV e XVI

Não ha em Coimbra um só monumento ogival que, pela sua elegancia e pela pureza do estylo, corresponda ao edificio da Batalha ou á egreja do Carmo de Lisboa. Faltam-nos pois vestigios da esculptura em pedra determinadamente attribuiveis ao seculo XV, ou pelo menos á parte d'este seculo que precedeu o reinado de D. Manuel.

---

[1] Da antiga estatua da Sapiencia do collegio de S. Paulo de Coimbra restam apenas algumas memorias escriptas e a inscripção que se conserva no Instituto.

Numa nota manuscripta, accrescentada a um exemplar das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, diz Francisco Leitão Ferreira o seguinte:

«D'esta estatua, ou imagem da Sapientia, me mandou uma fiel copia o dr. Manuel Moreira de Sousa, collegial de S. Paulo, com todas as medidas d'ella e letreiros, n'estes ha variedades em algumas palavras dos que imprimiu o P. D. José Barbosa, que aqui allego; e no cinto da figura tem de lettra gothica esta palavra — ARMATA. —

«Pende-lhe das mãos um rollo, em que está a inscripção gothica de lettras muito antigas que no talhe, abreviaturas e distincção entre palavra e pala-

A mudança da universidade em 1377 para Lisboa, onde permaneceu até 1537, deve ter contribuido para esta grande pausa no movimento da arte conimbricense. E se no seculo XVI, ainda antes da ultima trasladação da universidade, a architectura e a esculptura tomaram tão notavel incremento, foi isto effeito das causas geraes que nessa epocha operaram em todo o reino, dando ás artes um esplendor como nem antes haviam tido, nem depois tornaram a ter em Portugal.

Do seculo XV resta-nos apenas a memoria d'um esculptor, Diogo Pires, a quem chamavam o *Velho* para o differençar de um seu filho homonymo, cujas obras conhecidas não remontam além do seculo XVI.

Fr. Manuel da Esperança, ao descrever o convento da Conceição de Mathosinhos, considera para esta casa uma gloria o possuir uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, obra de Diogo Pires o Velho [1].

Na egreja matriz de Vouzella conservava-se ainda em 1875 embutida numa parede, interiormente, uma lapide com a seguinte inscripção em caracteres gothicos quadrados: «*Diogo Pires o Velho fez a imagem de Jesus Christo.*» Desappareceu porém esta imagem, ficando sómente o letreiro que se lhe referia.

Quaes foram porém as outras obras d'este esculptor, *insigne em sua arte,* como lhe chamou o chronista dos franciscanos? Debalde se buscarão pelas egrejas de Coimbra. Em nenhuma se conservam hoje estatuas racionalmente attribuiveis ao seculo XV, e muito menos a um artista notavel.

---

vra bem demostra ser do tempo em que a Universidade foi para Coimbra a primeira vez, tresladada por el-rei D. Diniz...»

Descreveu D. José Barbosa a mesma estatua pelas palavras seguintes: «de meio corpo vestida de roupas largas, cingida com um cinto de tres dedos de largura, ornado de differentes bordados, o cabello comprido e solto, a que corôam rosas e outras flores. Tem as mãos sobre uma pedra quadrada de dois palmos e meio, de modo que representa que está ditando em cadeira.» *Memorias do colleg. de S. Paulo,* pag. 5.

A estatua perdeu-se provavelmente na occasião em que se construiu o theatro da Nova Academia Dramatica, salvando-se apenas a inscripção.

[1] «...Formosissima e majestosa imagem talhada em pedra viva de oito palmos em alto... De Coimbra nos veiu esta sagrada imagem, onde a fez um esculptor ou santeiro, como diz o padre Povoa, chamado Diogo Pires, insigne em sua arte. Mandou fazel-a el-rei D. Affonso V pouco antes de morrer.»

Accrescenta o auctor que pelo feitio se lhe deram sete mil reis e pela pintura pouco mais de tres; e que fôra collocada na egreja no dia 7 de maio de 1483. *Hist. Seraph.,* tom. 2.º pag. 481 e 482.

Todavia na quinta de S. João do Piolho, a que já me referi, encontram-se fóra da capella, numa rua, quatro imagens de pedra mettidas em nichos. Tres, de esculptura incorrecta, representam Sancto Antonio, S. Francisco e S. Theotonio. A outra representa Nossa Senhora da Conceição, e é de tão notavel belleza, que ao seu auctor bem caberia o epitheto de insigne.

Quem estiver habituado a ver os productos da estatuaria portugueza dos seculos XV e XVI, em geral tão pouco dignos de admiração, achará naquella obra d'arte uma superioridade notavel. Não obstante as mutilações e desgastes que tem soffrido pela acção do tempo, a impressão que ella produz no espirito do observador approxima-se do effeito causado pela contemplação das estatuas superiores da antiguidade ou da renascença italiana. As fórmas da cabeça e do corpo são elegantissimas, as roupagens amplas com largas prégas bem cinzeladas. O desenho dos ornatos da orla do manto denota os fins do seculo XV ou os principios do seculo XVI.

Este producto, verdadeiramente esporadico da arte conimbricense, direi mais, da arte portugueza dos seculos XV e XVI, será uma obra de Diogo Pires o Velho?

A procedencia da imagem consta da inscripção seguinte, gravada numa pequena lapide, embutida numa das paredes do nicho, que darei sem a orthographia original: «*Esta imagem de Nossa Senhora da Conceição e as de S. Francisco e de Sancto Antonio foram do convento velho da Ponte, de que eram bemfeitores os senhores d'esta quinta. 1609.*»

Esta data é exactamente a da trasladação dos religiosos do convento velho de S. Francisco para o novo, edificado acima e ao poente [1] do sitio d'onde inteiramente desappareceu o primeiro.

Todavia noutro similhante nicho, onde está a imagem de S. Theotonio, conserva-se uma lapide com est'outra inscripção:

«*Esta imagem de S. Theotonio esteve no convento de Sanct'Anna entre as pontes e d'ahi foi com as religiosas para a quinta da Varzea que era do bispo D. Aymerico em 1290. e d'ahi foi com ellas para a quinta de S. Martinho do Bispo. E quando foram para o novo convento em 1612 que largaram o habito de conegas para eremitas de Sancto Agostinho largaram este sancto que os senhores d'esta quinta para aqui fizeram vir e deu um filho do seu nome a José da Costa Coelho da Rosa Clara da Cunha.*»

---

[1] Fr. M. da Esperança, *Hist. Seraph.*, tom. 6.º pag. 274.

Segundo as inscripções, portanto, as imagens de Nossa Senhora, Sancto Antonio e S. Francisco teriam vindo do *convento velho da ponte*. Ora este convento poderia ser o de Sanct'Anna ou o de S. Francisco, parecendo antes que se deverá entender este ultimo, não sómente pela data de 1609, mas tambem por serem da ordem os dois sanctos a que a inscripção se refere.

A imagem de S. Theotonio viria do mosteiro de Sanct'Anna, merecendo fé a segunda inscripção. Convirá porém notar que as inscripções foram abertas no seculo passado, como se prova pelas muitas lettras inclusas e adjunctas. Quem as mandou gravar quiz apenas commemorar um facto do qual se conservava a tradição na quinta. Até que ponto, porém, estaria essa tradição alterada?

A segunda refere a historia contestavel do mosteiro de Sanct'Anna segundo a chronica dos regrantes. Esta circumstancia e o lêr-se na mesma inscripção que o S. Theotonio «*que as freiras largaram*» déra um filho do seu nome a José da Costa Coelho, faz provavel a supposição de que a teria mandado gravar D. Fr. Bento de Sancto Agostinho, conego regular do mosteiro de Sancta Cruz, consultor do sancto officio, eleito cancellario da universidade em 16 de maio de 1718, e fallecido em 3 de janeiro de 1743.

Bento de Sancto Agostinho era filho do dr. José da Costa Coelho, juiz dos direitos reaes,[1] ao qual se refere a inscripção. Encontra-se o nome do primeiro noutras inscripções da capella da quinta.

Diogo Pires o Moço exercia no seculo XVI a profissão de seu pae. Em 1515 fez o tumulo de D. João Coelho na capella de Ferro da egreja do mosteiro de Leça do Balio. Na cinta que lhe adorna a fronte lê-se em gothico alongado:

d.º piz. o moço fez

É este tumulo de pedra d'Ançã, bem como a pia baptismal e outras obras de esculptura que A. do C. Velho de Barboza attribue pela qualidade da pedra e pelo estylo ao mesmo Diogo Pires[2].

O padrão commemorativo da reedificação da ponte de Coimbra em 1515, que hoje se guarda na collecção do Instituto, tem

[1] *Bibliotheca Lusitana*, tom. 4.º pag. 70 e 71.
[2] *Mem. hist. da antig. do most. de Leça, chamada do Balio*, pag. 59 a 61.

gravado na parte inferior da moldura, por baixo da inscripção principal, o seguinte:

d.º me fez

«Tem este padrão, diz o sr. Ayres de Campos, a fórma de painel moldurado, de 1,^{m}84 de alto por 1,^{m}65 de largo, avultando na parte superior do quadro, entre dois escudos do reino a figura em meio relevo de N. Senhora na cadeira com o Menino no regaço, e na parte inferior'numa larga faxa, que dois anjos desdobram, em allemão minusculo floreteado, a inscripção . . . [1]»

Suppõe o sr. Ayres de Campos que este Diogo seria talvez Diogo de Castilho. Mas a sigla dº tanto se póde attribuir a este artista como a Diogo Pires o Moço.

Pelos annos de 1518 restaurava as doze capellas do claustro de Sancta Cruz de Coimbra Marcos Pires [2]. Seria da mesma familia dos esculptores?

Outra familia notavel de artistas do seculo XVI foi a dos Castilhos. O conde Rackzinski menciona quatro: Antonio, Diogo, João e Jeronymo, todos architectos.

Diogo, pela morte de Marcos Pires, succedeu-lhe no logar de mestre das obras dos paços reaes de Coimbra. El-rei D. João III em 1527 mandava-lhe dar e a mestre Nicolau a somma de cem cruzados de ouro pelas estatuas que faltavam na porta da egreja de Sancta Cruz. Diogo e Jeronymo de Castilho foram vereadores do municipio de Coimbra [3].

---

[1] *Catalogo dos objectos existentes no muzeu de Archeologia do Instituto de Coimbra*, pag. 25.

[2] Eis aqui a parte da carta de Gregorio Lourenço a el-rei D. Manuel, concernente a Marcos Pires:

«E quanto aas hobras só da pedraria traz muy boom aviamento nesta maneira marcos piz traz agora cinquoenta oficiaaes e xx criados tem já doze capellas da crasta fechadas e todollos arcos ppranhos e os formallotes de tres quadras da dita crasta e pedra laurada que me a mim parece que habastará per acabar e segundo a pressa que lhe dam será abobeda de crasta toda çarrada até pascoa. E por a grillanda ay muyta pedra laurada e ia compeça de llaurar a pedraria per a capella que a dê estar sobre a Fonte de pay o goterres.» A carta é datada de 28 de janeiro de 1518. Corpo chronologico, 6. 1, Maç. 23, doc. 10.

[3] *Catalogo citado*, pag. 26 e 56.

O seguinte documento foi trasladado de fol. 183 v. de um livro da secretaria da Universidade, modernamente encadernado, e que na lombada

No livro dos assentos das obras do mosteiro de Sancta Maria de Belem, relativos aos annos de 1517, 1518 e 1519, acha-se mencionado mestre João de Castilho, empreiteiro da crasta primeira, casa do capitulo, sacristia e portal da mesma. Trabalhava com 110 officiaes.

Na mesma epocha outras familias de esculptores trabalhavam em Coimbra e seus arredores. A pia baptismal da sé de Coimbra mandou-a fazer o bispo D. Jorge d'Almeida aos irmãos Henriques. No pé que sustenta a bacia lê-se em caracteres gothicos:

P.º Ãriques e seu irmão a fez[1].

Na villa de Tentugal, no pateo d'uma casa do sr. José Luiz Ferreira Freire, conserva-se uma janella geminada do denominado estylo manuelino. Na parte inferior contém uma inscripção de letra gothica, que o sr. Alfredo d'Andrade leu assim:

Joha... alvarez me fez e sev irmão pedralvarez em 1501.

---

tem o titulo—*Documentos de D. João III.* Contém mais do que os documentos indicados, e são todos por copia.

DIº DE CASTILHO

Eu ElRei faço saber a vos padre Reitor lẽtes deputados e cõselheiros da Vniversidade de Coimbra q por fazer mce adiº de castilho cavaleiro da minha casa, ei por bẽ e me praz que elle seja daqui em diante mestre das obras de pedreria e aluenaria da dita Vniversidade como o atee qui foi das obras do m.ro de Santa cruz e lhe faço mce do dito oficio cõ o qual auera mãtim.to ordenado em cada huu año dous moios de triguo q lhe serão paguos e os tomara em si de foro e Reção q cadanno he obrigado pagar a avniversidade da quintãa do Rol q traz asi e da maneira que se lhe pagauão e os avia a custa das Rẽdas do dito mostr.º noteficouolo asi e mando q o metais loguo em pose do dito oficio e lho leixeis servir e delle vsar e avera o dito mãtim.to na maneira sobredita sem lhe niso ser posta duvida nẽ embarguo algun porq asi he minha mce e darlheeis juram.to dos santos evangelhos q ho sirva bẽ e verdadeiramẽte do qual juram.to se fara asento nas costas d'este aluara q ei por bẽ q valha e tenha força e viguor como se fose carta feita em meu nome por mi asinada e pasada por minha chãceleria posto q este não seja pasado polla dicta chãceleria sem embarguo das ordenações do segundo liuro q o qtr.º dispõe. Johão de Seixas o fez em almeirim a XVIIJº cyº de marco de vtos coarẽta e sete a (Manuel da Costa o fez screver) o qual aluará q era asinado por sua alteza eu diº dazevedo scrivão do cõselho o screvi e traladei bẽ e fielm.te

[1] *Panorama Photographico de Portugal*, I, 72.

Os nomes de Pedro Henriques, João e Pedro Alvares são inteiramente desconhecidos na historia dos artistas portuguezes.

Na egreja de S. João d'Almedina conserva-se uma pia de baptismo, talvez anterior á da sé. É de estylo ogival e menos elegante que a outra.

As obras de esculptura mais notaveis do seculo XVI são as da eschola que parece ter sido fundada em Coimbra por quatro artistas que el-rei D. Manuel mandou vir de França. D'elles tratarei no artigo seguinte.

Vê-se comtudo que, antes da sua vinda, já a arte da esculptura em pedra era cultivada em Coimbra com grande gosto e desenvolvimento, o que decerto se ha de attribuir em boa parte á proximidade das pedreiras de Ançã e ás qualidades d'esta pedra que a tornam muito propria para toda a sorte de lavores ainda os mais delicados.

Tão conhecida era no seculo XVI, que Duarte Nunes de Leão a descreve entre as de maior valor que se encontram em Portugal:

«No logar d'Ançã junto com Coimbra ha uma pedra branquissima, não tão lustrosa como marmore, mas densa como gesso. É esta pedra tão molle e apparelhada para se lavrar, que com scopros a lavram os pedreiros e esculptores como madeira rapando e cortando, e não batendo, pelo que fazem d'ella obras tão delicadas e miudas que de madeira ou de cera se não podem fazer mais[1].»

O pulpito da egreja e os baixos-relevos do claustro do mosteiro de Sancta Cruz; o retabulo da capella de S. Pedro e a fachada lateral da Sé Velha; finalmente o retabulo da capella-mór do convento de S. Marcos a noroeste de Coimbra, todas estas obras do estylo da Renascença distanciam-se por extremo das obras contemporaneas do ultimo periodo do estylo ogival, mais propriamente denominado entre nós *manuelino*.

Ora, como os esculptores nacionaes conservavam na architectura, esculptura, ourivesaria e obra de talha a tradição gothica ou ogival, principalmente na decoração, a existencia de taes monumentos em Coimbra, a par com os outros em que se não póde desconhecer a arte nacional, prova claramente a intervenção de artistas extrangeiros, que vieram fazer na arte uma reforma comparavel áquella que operaram nas sciencias os professores que el-rei D. João III mandou vir de fóra do reino para a Universidade.

---

[1] *Descripção do reino de Portugal*, capit. XXIII.

O mais antigo dos escriptores que se refere a esses artistas extrangeiros é o padre D. Francisco de Mendanha, prior do mosteiro de S. Vicente de Lisboa, numa memoria que em 1540 escreveu do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra e que D. Nicolau de Sancta Maria reproduziu na *Chronica dos regrantes*[1].

Referindo-se ao portal da egreja, diz: «Este portal fez mestre Nicolau francez, e trabalharam nelle os tres francezes tambem grandes mestres, a saber: João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Uduarte; que para esta obra e para as sepulturas dos primeiros reis d'este reino mandou vir de França o senhor rei D. Manuel de gloriosa memoria».

E mais adeante: «Dentro da capella mór estão duas formosas sepulturas, que para os corpos dos dois primeiros reis d'este reino de Portugal mandou lavrar el-rei D. Manuel por mestre Nicolau e seus companheiros francezes João de Ruão e Jacques Loguim...»

A memoria de 1540 concorda pois com a carta d'el-rei D. João III, de março de 1547, que manda dar a Diogo de Castilho e a mestre Nicolau a somma de cem cruzados de ouro pelas estatuas que faltavam no portal da egreja.

O mesmo auctor da memoria, reproduzida na *Chronica,* diz finalmente que mestre João de Ruão fizera os retabulos das quatro capellas do claustro da Manga; convem a saber de S. João Baptista, S. Jeronymo, S. Paulo Eremita e Sancto Antão.

D. José de Christo na chronica ms. do mosteiro de Sancta Cruz, a qual se conserva na bibliotheca publica do Porto, discorda muito de D. Francisco de Mendanha. Segundo elle diz, João de Ruão seria o principal architecto, a cuja sombra teriam vindo outros tres francezes que traziam comsigo outros officiaes.

Affirma D. José de Christo que João de Ruão traçara os arcos das capellas novas da egreja, e que Jacques Loguim (o auctor chama-lhe Cuchim), imaginario notavel de obra mui miuda, fizera o pulpito, os retabulos do claustro do Silencio, os do claustro da Manga, e as abobadas das doze capellas do claustro do Silencio. Mestre Nicolau traçara a egreja e fizera as sepulturas dos reis. Edouard, mui esmerado em obras de barro, fizera a Ceia do Refeitorio. Além d'estes menciona Jacques Bruxel, cujo nome não apparece nem na memoria de Mendanha nem noutros documentos. Reputa-o inferior em merecimento artistico, e diz que fizera a capella de S. Theotonio. E finalmente que Thomé Velho,

---

[1] *Chron. da ord. dos con. regr. do Patr. S. Agost.* Lisboa, 1668, tom. 2.º, pag. 88 e seg.

discipulo d'este Jacques Bruxel, fizera as imagens de S. Theotonio e as outras da mesma capella.

De Diogo de Castilho, que diz biscainho, affirma que fizera o côro da egreja e reedificara a egreja de S. João, contigua á de Sancta Cruz.

Não obstante ter sido D. José de Christo nomeado para o logar de Chronista da sua ordem e o elogio que lhe dispensou Barbosa Machado, dizendo que examinara com infatigavel desvelo os archivos dos conventos pelo espaço de trinta annos, não obstante estas recommendações, a sua obra, a julgar pelas quatro paginas que se referem aos artistas que trabalharam no mosteiro, não merecia de modo nenhum as honras de impressão. O estylo, inteiramente desalinhado, é de uma prolixidade fatigante.

Nas partes que attribue a João de Ruão e a mestre Nicolau nas obras do convento está em completa discordancia não sómente com a memoria de Mendanha, mas tambem com a opinião geral.

Com effeito mestre Nicolau parece ter sido o primeiro entre os artistas francezes. Nuns apontamentos manuscriptos, extrahidos em 1832 e 1833 por Fr. Adriano Casimiro de Sancta Paula Pereira e Oliveira, das chronicas ineditas de Fr. Manuel Baptista de Castro e de Fr. Diogo de Jesus, da ordem de S. Jeronymo, lê-se o seguinte:

«O retabulo da capella-mór (da egreja do convento de S. Marcos) é obra do insigne mestre Nicolau, que uns querem que fosse francez outros italiano, e o qual veio a Portugal com mais tres esculptores por mandado dos srs. reis D. Manuel e D. João III para retocar o mosteiro de Santa Cruz, formar o de Belem e fazer o retabulo da Pena; e Ayres da Silva com licença d'El-Rei mandou o mestre Nicolau a S. Marcos fazer este famoso retabulo, que, depois do que o mesmo mestre fez no mosteiro da Pena, não se conhece no reino e talvez na Hespanha outro melhor nem tão bom.»

Aqui temos pois o retabulo da capella-mór da egreja da Pena relacionado com as obras de Coimbra e S. Marcos. É mais um exemplar d'esta esculptura notavel do genero Renascença, que contrasta com as obras dos artistas nacionaes da mesma epocha, por ser pura de todo o elemento do estylo ogival, e com a maior parte das outras obras do mesmo estylo da Renascença portugueza, pela sua grande belleza e elegancia.

O mais antigo documento respectivo ao retabulo da Pena é a propria inscripção nelle mesmo gravada:

Joan. III Emm. F. Ferdinand. nepos. Eduard. Princp. Joan. I

Abnep. Portug. et Algarb. Rex. Afric. AEtiop. Arab. Pers. Ind. ob felicem partum Catherinæ Conjugis incomparabilis suscepto Emmanuele filio Principe Aram cum signis pos. dicavitque an. MDXXXII [1].

Por onde se vê que el-rei D. João III mandou fazer a obra do retabulo por occasião do nascimento do principe D. Manuel em 1531 e a dedicou em 1532.

Duarte Nunes de Leão diz a respeito dos marmores e pedras de valor de varias terras de Portugal o seguinte:

«Pedra preta finissima que parece ebano se acha em Cintra e outra tão alva e lustrosa que d'ella se fez aquelle excellente retavolo de Nossa Senhora da Pena de Cintra com todas as figuras de relevo per mão do mestre Nicolao Francez, grande estatuario [2].»

Faria e Sousa no inventario que dá das principaes obras da architectura e da esculptura em Portugal menciona:

«La maravillosa suntuosidad del Retablo todo de alabastro de la Iglesia de N. Señora de la Peña, es obra del Rey D. Juan el III por el nascimiento del Principe D. Manuel [3].»

Jorge Cardoso, referindo-se a uma corôa de ouro que el-rei D. Manuel dera ao convento da Pena, diz:

«Está ella collocada em nicho no altar mór, que todo é de finissimo alabastro, obrado com tal artificio e delicadeza, que é a melhor cousa d'este genero que ha no reino e fóra d'elle. É de obra composta, as figuras d'ella de relevo; com suas columnas de pedra negra, enriquecidas de colarinhos e gargantas brancas, frisos, cornijas e alcitraves do mesmo genero; com um cordão admiravel que o acompanha para ornato do frontespicio, semeado todo de fructos e folhames, dividido em festões. E no meio o sacrario da propria pedra, á maneira de roda, no qual estão esculpidos de baixo relevo os principaes passos da Paixão. Obra certo peregrina e impossivel ao poder humano, em que se vê bem a generosidade del-rei D. João III, que a mandou fazer pelo insigne artifice Mestre Nicolao Italiano... [4]»

A máior parte dos escriptores que se referem a mestre Nicolau o julgam francez de nação. O mais antigo contemporaneo do artista, conego regrante de Sancta Cruz e residente neste

---

[1] *Cintra Pinturesca*. Lisboa. 1839, pag. 142.
[2] *Descripção do reino de Portugal*, cap. XXIII.
[3] *Europa Portugueza*, tom III, part. III, cap. XII pag. 226. (2.ª edição 1600).
[4] *Agiologio Lusitano*, tom. 2.º, pag. 479.

mosteiro a tempo em que já nelle trabalhavam os artistas extrangeiros, D. Francisco de Mendanha, finalmente, chama francezes a todos os quatro artistas em geral e em particular a mestre Nicolau.

A materia de que é feito o retabulo da Pena, suppondo-se procedente da Italia, daria logar a que Jorge Cardoso e outros julgassem tambem italiano o auctor.

Outro ponto em que ha divergencia é sobre a origem do alabastro. Uns, como Duarte Nunes de Leão, o julgam extrahido do proprio sitio de Cintra; outros, como Rackzynski, affirmam que veio de Florença. É possivel que esta ultima opinião se originasse nas reflexões algum tanto excentricas de Murphy ácerca do retabulo da Pena[1].

O marmore preto do retabulo póde ser d'aquelle mesmo que se encontra em Cintra. Não sei porém que lá exista alabastro, sendo possivel que nesta parte houvesse engano da parte de Duarte Nunes de Leão.

Mestre Nicolau parece portanto haver sido o principal entre os artistas que vieram de França para Coimbra. João de Ruão distinguir-se-ia na especialidade de estatuaria. Com effeito, em 1553, chamavam-lhe em Coimbra *imaginario*[2].

Os artistas francezes formaram em Coimbra uma eschola notavel de esculptura, cujas obras primeiras e capitaes correspondem ao segundo quartel do seculo XVI. A sua influencia porém prolongou-se até aos fins do mesmo seculo.

Entre as innumeras obras dos artistas francezes e dos seus discipulos citarei em Coimbra:

Pulpito, fachada principal, tumulos dos reis, capellas e retabulos do claustro do Silencio e da Manga no mosteiro de Sancta Cruz.

Retabulo do antigo claustro da Sé Velha (hoje por baixo das officinas da Imprensa da Universidade), fachada lateral, altar de S. Pedro e capella do Sacramento da mesma egreja.

---

[1] *Travels in Portugal*, pag. 242 e 243.

[2] Num livro ms. de Fr. Bernardo da Assumpção, intitulado — *Compendio de toda a fazenda d'este real mosteiro de Sancta Maria de Cellas*, 1651 — acha-se a seguinte noticia: «(1553 Algeara — 3 vidas). Praso feito a João de Ruão, imaginario, de um olival no sitio que se chama Algeara, que o mosteiro herdou por Joanna Baptista, filha de Fernão Brandão com foro de quatro alqueires de azeite á safra na primeira vida e nas outras duas com foro de nove alqueires.» Parece que Algeara teria sido em Mont'arroio, onde hoje são as quintas que pertenceram a Joaquim Simões de Carvalho, e hoje são de seus filhos e netos.

Retabulos da egreja incompleta de S. Domingos, porta e retabulo do collegio de Sancto Thomaz.

Baixo-relevo por cima da porta da egreja da Misericordia.

Retabulos na egreja de Sancta Clara a Velha, e outros que foram trasladados para o côro do novo mosteiro.

Retabulo e tumulos da capella-mór de S. Marcos e outros do corpo da egreja.

Tres retabulos na egreja da Misericordia de Montemór o Velho.

Baixo-relevo sobre a porta principal do mesmo templo.

Retabulo nas ruinas da egreja de Sancta Maria da Alcaçova no castello da mesma villa.

Retabulo de uma capella do claustro de Ceiça, hoje desconjunctado numa casa do convento e prestes a perder-se.

Na Louzã, Goes e outras povoações proximas de Coimbra encontram-se tambem obras do mesmo genero e da mesma pedra d'Ançã.

Um retabulo no claustro da Sé de Vizeu com a data de 1565.

O retabulo da capella nova da Sé da Guarda, tambem de pedra d'Ançã e muito similhante á capella do Sacramento da Sé Velha de Coimbra.

Estes são os exemplares de que me recordo agora. Mas de certo muitos outros existirão, particularmente nas egrejas pouco distantes de Coimbra. Por outra parte as obras de pedra d'Ançã não seriam levadas ao longe de Coimbra sómente para as Sés de Vizeu e da Guarda. É provavel que noutras egrejas tambem se encontrem e que por descuido não tenham sido mencionadas.

XX

BELLAS ARTES

GRÃO VASCO

ENSAIO HISTORICO E CRITICO

I

Pelos annos de 1844 e 1845 andou em Portugal um extrangeiro colligindo subsidios para a historia da pintura portugueza. Das laboriosas investigações do conde Rackzynski resultaram as *Cartas* e o *Diccionario,* fontes a que, por mais copiosas que os livros de Machado e Taborda, geralmente recorrem aquelles que desejam illustrar-se ácerca dos nossos pintores e das suas obras.

A questão do Grão Vasco attrahiu logo em principio a attenção do conde, como ponto capital que era e nucleo ou fundamento de todos os trabalhos em que houvesse de empenhar-se para a historia da pintura em Portugal. Tractou, pois, o solicito investigador de colligir noticias e documentos que lhe dessem alguma luz no meio das espessas trevas que obscureciam o assumpto. Dos portuguezes que mais o auxiliaram neste empenho foi o conservador da Bibliotheca nacional, Vasco Pinto de Balsemão, que lhe deu uma lista constante de noventa e dois quadros attribuidos a Grão Vasco em varios logares do reino. Estes sommou o conde com outros de que teve conhecimento, e achou serem ao todo mais

de duzentos. Mas, como, para se reputar do Grão Vasco algum quadro, não precisava senão de ser do denominado estylo gothico e pintado em madeira, a logica estava pedindo que se attribuissem egualmente ao pintor portuguez, a quem deram o epitheto de *Grão* ou *Grande*, todos os innumeros similhantes quadros de fóra do reino, e, particularmente, os da antiga eschola flamenga, por mais analogos aos que se encontram em Portugal. Conduzido assim o conde a defrontar com as raias do absurdo, passou-lhe naturalmente pelo espirito a suspeita de que o Grão Vasco não teria tido nunca existencia real, que seria apenas um mytho gerado pela phantasia popular para explicar a origem de todos os quadros antigos, cujos auctores o correr do tempo lançara no esquecimento. A esta suspeita, em que já outros extrangeiros tinham entrado, oppunham-se não sómente os testimunhos de tantos escriptores nacionaes que affirmaram a existencia do nosso pintor, mas tambem a tradição commum em Vizeu, sua patria, e finalmente os famosos quadros que ainda hoje se admiram na sé cathedral d'essa cidade. Razões taes pesaram bastantemente no animo do conde para se não deixar tomar de todo pela desconfiança que o assaltara. É verdade que os testimunhos que se lhe deparavam nos livros impressos não remontavam além do seculo passado. E tal circumstancia diminuiria assaz o valor d'esta prova, se Manuel Botelho Ribeiro, num livro inedito que escreveu da cidade de Vizeu em 1630, não attribuisse expressamente a Vasco Fernandes as pinturas mais antigas e apreciaveis da sé.

Temos, pois, um auctor viziense, que viveu no ultimo quartel do seculo XVI e no primeiro do seculo XVII, a attestar a existencia do Grão Vasco, e a attribuir-lhe quadros que devem ter sido pintados anteriormente ao anno de 1550. O silencio dos outros escriptores dos seculos XVI e XVII a respeito de assumpto de tamanha importancia explicar-se-ha, attendendo ao muito que os nossos antigos desdenhavam occupar-se dos artistas, cujos nomes e obras rarissimas vezes se davam ao trabalho de mencionar. Não é portanto extranhavel que sómente no seculo XVIII principiassem a prestar alguma consideração á historia da arte, e a citar a tradição que fazia do Grão Vasco o principe dos pintores portuguezes.

Mas quem era esse Vasco celebre, que por suas obras merecera o cognome de *Grande*? Ninguem o sabia ao certo. E, como fosse desconhecido o manuscripto de Botelho que dava o verdadeiro nome, não houve artista chamado Vasco, e que tivesse vivido nos seculos XV ou XVI, que não parecesse aquelle que a tradição tanto exaltava.

Francisco de Sousa Loureiro, director da Academia das Bellas Artes, num discurso que pronunciou em 1843 numa sessão publica da mesma Academia, esforçou-se para demonstrar que o Grão Vasco não era um Vasques Lusitano, de quem se conservava em Hespanha um quadro com a data de 1562, nem um Vasco Pereira, que trabalhava em Sevilha em 1594 a 1598; porém sim um Vasco sem appellido que em 1455 recebera na côrte de D. Affonso v o diploma de illuminador.

Depois que, pelo manuscripto citado, se soube o verdadeiro appellido, inclinaram-se os votos para um Vasco Fernandes do Casal, moço da camara do infante D. Duarte, filho de el-rei D. Manuel, e esse foi aquelle a quem o conde Rackzynski deu a preferencia, segundo consta das primeiras das suas cartas no livro *Les arts en Portugal*. Ao escrever porém a duodecima, tinha já debaixo dos olhos um documento que operou uma revolução total nas suas idêas. Era um assento de baptismo, descoberto pelo padre José de Oliveira Berardo numa egreja de Vizeu, e que mostrava ter nascido nesta cidade em 1552 um Vasco, filho de Francisco Fernandes, pintor.

Para o conde desde logo ficou evidente que este Vasco, filho de Francisco Fernandes, e que portanto deveria ter usado do mesmo appellido, não era senão o celebrado Grão Vasco, o qual não teria vivido, como se dizia, no tempo de D. Manuel, porém sim pela segunda metade do seculo XVI.

Dominado por esta idêa, Rackzynski dirige-se a Vizeu, examina os quadros da capella do Bom Jesus e da sacristia da sé, e, com quanto reconheça nelles e confesse a influencia de Alberto Durer e da eschola flamenga, admitte comtudo a possibilidade de terem sido pintados em 1570, quando o estylo dos van Eyck, van der Weyden, Meemlinc e Matsys tinha já passado de moda em Portugal e em toda a Europa. O conde, sem se lembrar de que no reinado de D. João III se operara entre nós a grande revolução que na architectura, na pintura e em todas as artes substituira o estylo da antiguidade classica ao das escholas medievaes, chegou a escrever do quadro do Calvario: «Voici ce que je pense de ce tableau. Il est d'un grand mérite quoique mal conservé. Je l'aurais cru plus ancien que 1570; mais enfin, les documents sont une plus forte autorité que mes impressions.»

Note-se bem que o documento, que tamanha mudança fizera nas idêas do auctor, apenas prova ter nascido em Vizeu no anno de 1552 um Vasco, filho do pintor Francisco Fernandes. Que este Vasco fosse o artista famoso, a quem distinguiram pelo cognome de Grande, que elle fosse quem pintara em 1570 (com 18 annos de edade) os quadros da sé de Vizeu, num estylo impossivel em

Portugal e em toda a parte no ultimo terço do seculo XVI, disse-o Rackzynski sem prova nenhuma, cerrando os olhos e os ouvidos á evidencia da historia e á voz da razão, que lhe mostrariam claramente a vacuidade da sua hypothese. Todavia, entre nacionaes e extrangeiros, desde logo passou em julgado que o Grão Vasco nascera em 1552. Procedeu sem critica nestes e noutros pontos o illustre conde prussiano, mas a sua auctoridade era unica e por consequencia indisputavel. Excepto Cyrillo e Taborda, antes ninguem o precedera, e depois ninguem o seguira na estrada que deixara largamente aberta para o estudo da historia da pintura em Portugal.

II

No anno de 1865 veio a Portugal examinar os quadros attribuidos ao Grão Vasco um dos primeiros e mais competentes empregados da secção de pintura do museu Kensington de Londres, que pouco tempo antes mandara tambem expressamente photographar os principaes dos nossos monumentos architectonicos.

O sr. Robinson achou a questão no pé em que, havia mais de vinte annos, a collocara o conde Rackzynski, e alguns dos quadros com a poeira que se lhes accumulara em cima, depois que o diplomata prussiano os espanejara pela ultima vez.

Num jornal de bellas artes publicou o viajante inglez uma memoria com o resultado das suas investigações, a qual o fallecido marquez de Sousa Holstein traduziu e prefaciou, promettendo um trabalho de mais folego, ao que infelizmente obstou a sua prematura morte.

O conde Rackzynski, amador de quadros e possuidor d'uma importante galeria em Berlim, foi incançavel em colligir noticias e documentos durante os dois annos que se domorou entre nós. Os seus dois livros são vastos repositorios de subsidios para a historia artistica de Portugal. Contêem muitas notas, muitos esclarecimentos apreciaveis, dos quaes alguns de certo se perderiam sem o diligente cuidado do curioso extrangeiro. Faltava-lhe porém o conhecimento cabal das varias epochas de cada eschola e dos signaes por que se differençam, para bem determinar a edade dos quadros. Assim é que as opiniões apresentadas nas *Cartas* e no *Diccionario* se estribam antes em documentos historicos, informações particulares e tradições do que nos caracteres das pinturas.

O sr. Robinson, menos litterato, menos cuidadoso de colligir

noticias e apontamentos, mostrou-se porém muito mais conhecedor dos signaes distinctivos das obras dos pintores, muito mais experimentado em classifical-as e em marcar-lhes a edade.

É este o seu grande merito. Como technico expendeu opiniões auctorisadissimas que servirão de bons fundamentos aos raciocinios que sobre ellas possam formar-se. Em prova bastará dizer que as datas que indicou se demonstram com dados historicos de que não teve conhecimento.

Mas o sr. Robinson, como quasi todos os praticos, desprezou as fontes extranhas ao seu exame pessoal. D'onde resultou em primeiro logar não tirar dos factos observados todas as conclusões possiveis; em segundo logar commetter alguns erros que facilmente evitaria com a leitura dos livros portuguezes, e pela confrontação das noticias escriptas com os objectos a que se referem. Conduzido por um d'esses erros a uma conclusão falsa, deixou a final a questão mais intrincada, registrando todavia na sua Memoria os dados bastantes para resolvel-a.

Muitos annos depois de ter sahido de Portugal o conde prussiano, apparecera em Vizeu um quadro com uma assignatura de grandes letras gothicas que diziam *Vasco Fernandes*. Estava, pois, demonstrada authenticamente a existencia de um pintor portuguez com esse nome. O sr. Robinson de certo lhe attribuiria o *Calvario*, o *S. Pedro* e os outros congeneres, se não viesse encontrar na sacristia de Sancta Cruz de Coimbra um quadro similhante áquelles, evidentemente do mesmo pincel, mas com a palavra *Velascus* por assignatura. Tinha, por tanto, nas mãos o viajante inglez um fio certo e seguro para o tirar do labyrintho. Transviou-se porém exactamente com a descoberta que deveria servir-lhe de guia. Ignorando ser *Velascus* a forma latina do nome portuguez *Vasco*, attribuiu os quadros de Vizeu e de Sancta Cruz de Coimbra a um pintor chamado *Velasco*, suppondo que do celebrado Grão Vasco, de Vasco Fernandes, não restaria senão o quadro assignado com o seu nome.

Em agosto de 1875 offereceu-se-me occasião de estudar pelo espaço de alguns dias os quadros de Vizeu. Acompanharam-me e auxiliaram-me nesse estudo o fallecido Augusto Soromenho e o sr. Augusto Luso, meus collegas no jury dos exames de historia que funccionou por esse tempo no lyceu d'aquella cidade. Parecendo-me que, pelo minucioso e prolongado exame que fizemos, pelas recordações que eu conservava dos quadros da eschola flamenga, que poucos mezes antes examinara em Bruges, Gand e Antuerpia, pela correcção do erro capital do sr. Robinson, e com os dados fundamentaes da sua Memoria, poderia chegar á appetecida solução do problema, abalancei-me á empreza. Se foi atre-

vimento de minha parte, sirva-me de desculpa a importancia do assumpto e a falta de quem tenha querido dilucidal-o com as explanações necessarias.

III

É opinião commum, e de certo muito plausivel, que a viagem de João van Eyck pela Peninsula nos annos de 1428 e 1429, contribuira para vulgarisar o gosto da pintura flamenga tanto em Castella como em Portugal. O celebre artista de Bruges veiu a Lisboa na comitiva do senhor de Roubaix, que Filippe o Bom, duque de Borgonha, enviara como embaixador a el-rei D. João I de Portugal, para solicitar a mão de sua filha a infanta D. Isabel.

A embaixada chegou a Lisboa a 18 de dezembro de 1428; e van Eyck tractou logo de se desempenhar da missão, de que tinha sido encarregado, retratando a infanta. A 12 de fevereiro de 1429 era enviado o retrato para Flandres; e, em quanto não chegava a resposta do duque, que parece não quizera resolver-se sem examinar aquelle documento que deveria representar-lhe fielmente a formosura da noiva, em quanto pois não vinha a resposta, foi a embaixada viajar por Castella. A 4 de junho chegava a resposta affirmativa de Filippe o Bom; e a 25 de julho o senhor de Roubaix recebia em Lisboa a infanta por procuração. Nos fins de setembro regressaram a Flandres.

Dizem que em quanto van Eyck se demorou em Lisboa, damas e fidalgos disputavam á porfia a acquisição das suas obras.

No inventario dos quadros, joias e mobilia da princeza D. Margarida d'Austria, feito em 1516, mencionou-se o retrato d'uma bella portugueza pintado por João van Eyck e que á princeza fôra dado por *Dom Diogo*.

Em 1430 o papa Martinho V deu de presente a D. João II de Castella um tripthyco pintado pelo famoso Rogero van der Weiden, discipulo de van Eyck. E esse tripthyco, junctamente com outras obras de pintores flamengos, doou aquelle monarcha em 1445 á Cartuxa de Miraflores. Outras casas religiosas começaram por então a exornar os seus altares com paineis ou tripthycos pintados em Flandres.

Julga-se que Pedro Christophsen ou Pieter Christus, o primeiro discipulo que os van Eyck deram, habitaria na Peninsula pelos annos de 1452, e aqui formaria discipulos taes como Fernando de Gallegos, de Salamanca.

Dos mencionados quadros da Cartuxa de Miraflores se sabe,

por uma nota extrahida do archivo, terem sido pintados por João Flamengo, que uns suppõem bem poderia ser Holbein, outros Meemlinc. Estudando com esses mestres ou visitando as Flandres formaram-se pintores distinctos, castelhanos de nação: Citoz, Gallegos, Sanches de Castro, Antonio del Rincon, etc.

Em Portugal, com quanto se não tenham conservado tanto, como em Hespanha, memorias dos pintores dos seculos XV e XVI, deveremos todavia crêr que se introduziria com a mesma facilidade a arte flamenga. A exaggeração do sentimento religioso; a natural disposição para o mysticismo; a tenacidade com que os povos da Peninsula por mais tempo conservaram os costumes da edade media, as relações politicas e commerciaes com as Flandres; o gosto e a cultura das artes que as riquezas da India e da America favoreciam, e, finalmente, a maior analogia dos estylos do Oriente com o byzantino, do qual em linha recta procedera o estylo flamengo, tudo contribuia para a vulgarisação d'este ultimo e para ser querida e apreciada em Portugal a eschola brugelina que principalmente o representava.

Damião de Goes, na Chronica, descreve a el-rei dom Manuel, não sei em que solemnidade, montado á gineta num cavallo murzello e vestido á flamenga. Vinham de Flandres armas, tapetes, mobilia, trajos, etc. Vinham de lá tambem esculptores e pintores, como foram Olivel ou Oliveiro de Gand, e os sete ou oito artistas que, em tempo d'elrei D. Manuel, o pintor Francisco Henriques chamara para fazerem as pinturas da casa da Relação, e que morreram todos de peste em Lisboa. Em Thomar havia uma lapida, que se perdeu, com uma inscripção, que cobria os restos mortaes de João Dralia, pintor de Bruges.

Ha ainda hoje em Portugal muitos quadros que provam a influencia predominante da eschola flamenga durante muitos annos. Em alguns dos que se conservam na Academia vê-se bem claro o estylo de van Eyck, porém ao mesmo tempo os rostos das figuras, a variedade dos ornatos, a profusão do ouro, as moedas, os trajos, denunciam claramente a mão de artistas portuguezes.

De outros, porém, não pode duvidar-se de que seriam pintados por flamengos. D'estes o mais notavel é, sem duvida, o que repesenta a *Assumpção,* que esteve no altar da antiga capella mór da sé de Evora, e exorna hoje a capella particular do paço dos arcebispos. Esta obra prima sómente poderá comparar-se ás mais celebres dos museus ou das egrejas da Belgica. As grandes analogias da *Assumpção* com o *Casamento mystico de S. Catharina;* a similhança dos anjos e dos instrumentos, que elles tocam, no primeiro d'aquelles quadros e no famoso relicario de Santa Ur-

sula; a viveza do colorido, a expressão admiravel dos rostos, tudo me leva a crer que o auctor do quadro de Evora seria algum discipulo do proprio Meemlinc. Dizem alguns biographos que este pintor viajara largos annos por Italia e Hespanha, mas este facto é duvidoso.

Tem o nome de Holbein e a data de 1519 um quadro que esteve na capella da Bemposta e hoje faz parte da galeria real da Ajuda. Ás obras d'este pintor allemão comparou Rackzynski o celebre quadro da *Misericordia* do Porto, que representa o Crucificado, e de uma e de outra parte, como que desprendidas da terra, a Virgem e S. João. O divino sangue enche uma grande bacia que serve de peanha á cruz, e á roda da qual estão, entre muitas outras figuras el-rei D. Manuel, a rainha D. Maria e seus filhos. Notavel similhança tem este quadro com outro que se conserva em Hespanha; é o *Triumpho da Egreja,* do Museu nacional de Madrid, attribuido pelos nossos vizinhos, talvez menos fundadamente, a van Eyck.

O desprezo com que Francisco de Hollanda em 1549 tracta a pintura portugueza não prova nada contra a elevação da arte em Portugal pelas influencias da eschola flamenga. Francisco de Hollanda foi grande e exaggerado apologista do renascimento em Italia. Nos dialogos que escreveu, e entre cujos interlocutores elle proprio figura a par de Miguel Angelo, faz dizer a este artista que a pintura flamenga sómente agrada aos devotos a quem excita a chorar copiosas lagrimas não pela propria força da expressão da mesma pintura, mas pela sensibilidade d'elles, já de per si dispostos para similhantes effusões. Depois censura acremente a multiplicidade de objectos dos quadros flamengos, a falta da symetria, a ignorancia da anatomia, etc., etc. E por fim conclue que em paiz nenhum da terra pode haver bons pintores senão em Italia.

Na sequencia do dialogo chega a vez de falar a Francisco de Hollanda, que declara não haver em Portugal nem edificios sumptuosos, nem pinturas como em Italia; mas emfim que felizmente começava a perder-se pouco a pouco o excesso da barbaria que os godos e os mouros tinham deixado por terras da Hespanha, e que esperava em Deus que depois de regressar a Portugal contribuiria para que este paiz rivalisasse com a Italia na elegancia da architectura.

Palavras taes são evidentemente de um admirador apaixonado da renovação da arte classica, e que julga indispensavel deprimir as outras escholas para exaltar a italiana, e talvez para se acreditar a si proprio como artista superior, destinado a supplantar aquelles que por então, figuravam em Portugal.

Para se conhecer a grande exaggeração com que o auctor fallava da arte portugueza, bastará recordar os sabidos versos em que uns vinte annos antes Garcia de Resende, entendido em bellas artes, e neste ponto insuspeito, porque escrevia para censurar os costumes do tempo, affirmava exactamente o contrario:

«Pinctores, luminadcres
Agora no cume estão,
Ouriveses, escultores
Sam mais sotis, e melhores,
Que quantos passados sam;
Vimos o gran Michael,
Alberto e Raphael,
E em Portugal ha taes,
Tão grandes e naturaes,
Que vem quasi ao livel.»

Na torre do Tombo conservam-se documentos respectivos a Francisco Henriques, Garcia Fernandes, Christovão de Figueiredo e Jorge Affonso, pintores do tempo d'el-rei D. Manuel. Anda tambem em tradição que este mesmo rei mandara estudar na Italia quatro pintores: Fernão Gomes, Manuel Campillo, Gaspar Dias e Francisco Venegas. Todavia Francisco de Hollanda na tabella dos pintores do seu tempo, a quem chamavam *Aguias*, inclue apenas um pintor portuguez, cujo nome não declara, e somente diz ter pintado o altar de S. Vicente de Lisboa.

Mas o procedimento do auctor explica-se pela paixão que o dominava, e induzia a taxar de barbaro quanto recordasse a Edade Media. A Batalha, Belem, Thomar, os quadros do estylo flamengo não passavam de obras de barbaros, que importava esquecer para substituirem pelas obras classicas da eschola italiana. Sem este documento interessante quasi passaria desapercebida a luta que se travou em Portugal, mais tarde que nas outras nações cultas da Europa.

Em Castella, por exemplo, as duas escholas tinham tido sempre representantes, que as punham em concorrencia uma em frente de outra. A corrente de Italia começa ao mesmo tempo que a de Flandres no reinado de D. João II, e redobra de força no tempo dos reis catholicos. A todos sobreleva o famoso Berruguete, discipulo e feliz imitador de Miguel Angelo. Na Catalunha, nos reinos de Murcia, Valencia, Aragão, dominou sempre com absoluto imperio a eschola italiana.

Mas em Portugal não apparecem vestigios da luta antes de D. João II. E por esse tempo Francisco de Hollanda sómente julga digno de elogio um pintor, cujo nome não ousa declarar, talvez porque, pintando á maneira de Italia, não seria muito con-

siderado pelos seus compatriotas, a quem, por menos habituados ao novo estylo, pareceria de certo inferior aos da eschola flamenga.

É natural que os homens mais illustrados avaliassem a importancia da revolução artistica da Italia e apreciassem devidamente as obras dos seus grandes artistas. Mas a maior parte, o vulgo, não estava neste caso. O estylo flamengo era o estylo religioso por excellencia; o povo habituado ás figuras e representações, que, por assim dizer, se tinham identificado com o culto, não contemplaria nem adoraria outras de bom grado; julgaria descahir no peccado da idolatria se desviasse os olhos dos typos asceticos, devotos, celestiaes dos quadros flamengos, para as figuras mundanaes que os artistas de Italia se compraziam de pintar nos seus quadros, restituindo á perfeição physica o apreço em que a tinham os gregos e romanos. O estylo da pintura flamenga, com quanto se nacionalisasse na epocha da grande opulencia, quando a architetura, a esculptura e a ourivesaria tomaram caracteres proprios e particulares, conservou todavia menos alterados os seus, e resistiu melhor, posto que não inteiramente, as influencias que modificaram a arte nesta parte da Peninsula durante o reinado de D. Manuel, constituindo o denominado estylo manuelino.

As mesmas razões, pois, que protrahiram o uso do estylo ogival na ourivesaria até ao meiado do seculo XVI, como se vê na custodia de Guimarães, acabada em 1534, imperariam similhantemente para se dilatar por largos annos o emprego do estylo flamengo na pintura, não obstante a grande revolução operada na Italia, e communicada ao resto da Europa. Em Lisboa conserva-se numa collecção particular um quadro da *Adoração dos Reis* com a data de 1584. A figura da Virgem patentêa já claramente a influencia da eschola italiana, mas os reis estão ainda com as suas vestes carregadas de ouro e de ornatos minuciosamente pintados, como os dos quadros mais antigos na galeria da Academia de Bellas Artes.

No interior das provincias, sobre tudo, a resistencia á innovação seria maior, que é exactamente o que ainda hoje acontece com relação á moda. Ora a moda impéra nas artes como em tudo o mais.

IV

Os quatorze quadros da casa do capitulo da sé de Vizeu representam as principaes scenas da historia de Jesus, principiando na Annunciação e acabando no Pentecoste. No tempo de Manuel Botelho Pereira estavam ainda no retabulo da capella-mór, do qual faziam parte. D'alli seriam tirados, quando, talvez já no seculo passado, substituiram pelo actual o antigo retabulo. Neste, segundo assevera o auctor do manuscripto, viam-se no retabulo antigo os escudos dos bispos D. Fernão Gonçalves de Miranda e D. Diogo Ortiz de Villegas que o tinham mandado fazer e pintar.

E attribue ao celebre pintor Vasco Fernandes as pinturas do retabulo e junctamente a do Calvario e as de S. Pedro e de S. João Baptista que estavam nos altares collateraes, e as de Sant'Anna e de S. Sebastião dos claustros, hoje todas quatro na sacristia, sómente com a differença de se ver alli o Pentecoste em vez de Sant'Anna. É provavel ter-se equivocado o auctor trocando os assumptos.

Errou tambem, e aqui manifestamente, em attribuir ao mesmo pintor tanto os quatorze quadros do retabulo como os outros cinco. Bastará comparar os primeiros com os segundos para se conhecer com evidencia grande diversidade de pinceis, de epochas e de escholas. Entre uns e outros coincidiu em Portugal a primeira influencia de reforma italiana. Não repugna de modo nenhum attribuir os primeiros quatorze ao tempo do bispo D. Diogo Ortiz e portanto ao reinado de D. Manuel, como affirma o auctor do manuscripto, em quanto os outros cinco reportados á mesma epocha, fariam uma excepção notavel na historia das artes em Portugal.

A collecção dos quatorze paineis de Vizeu fez-me naturalmente lembrar de outra similhante que se conserva em Evora. São doze pinturas em madeira no estylo flamengo, que representam a historia de Nossa Senhora e da infancia de Jesus, desde o sonho de S. Joaquim, que prenunciou a Natividade, até á morte da Virgem. Estiveram na antiga capella-mór da sé, de certo nalgum retabulo, como o de Vizeu; entre elles occupava o principal logar no altar-mór o quadro da *Assumpção,* tambem do mesmo estylo flamengo, mas de muito mais subido preço, e obra talvez do proprio Meemlinc. Este quadro parece mais antigo que os outros,

que nada obsta a que se attribuam ao reinado de D. Manuel. Todavia o exame dos costumes, que muito ao natural foram desenhados nos doze quadros, daria certamente alguma luz para se determinar a nação e a epocha em que foram pintados.

Este estudo bem como as inquirições nos archivos capitulares de Evora e de Vizeu estão ainda por emprehender.

Um documento de 1517, citado por D. Francisco de S. Luiz, prova ter el-rei D. Manuel mandado fazer em Flandres um retabulo para a casa do capitulo do mosteiro de Sancta Clara de Coimbra. Outro documento, citado pelo mesmo auctor, de 1518, respectivo a obras que se faziam no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, prova tambem que de Sevilha viera o mestre do retabulo grande para o assentar.

Não resta portanto duvida de que no tempo de D. Manuel se enriqueciam as sés e outras egrejas com pinturas feitas em Flandres ou em Hespanha.

Quem acreditará, porém, que se reduzisse unicamente a importar quadros de fóra um paiz, que na architectura e na esculptura teve tantos e tão distinctos artistas? A pintura acompanhou certamente aquellas artes suas irmãs. Mas os seus monumentos, menos duradoiros, ou mais faceis de alienar ou destruir, é que hoje nos fallecem, para nos dizerem as escholas que em Portugal se formaram e o grau de perfeição a que chegou cada uma d'ellas. Ainda assim é muito possivel que os poucos quadros que restam, mais bem estudados e classificados do que até hoje o têem sido, lancem alguma luz por meio das trevas que involvem a historia da antiga pintura portugueza. Como fundamento para ulteriores estudos, notarei a similhança entre o estylo dos quatorze quadros da casa do capitulo de Vizeu, o dos mais antigos da collecção da Academia, procedentes de Palmella, e o do *Martyrio de Sancto Hippolyto,* que se guarda, com outros paineis dos extinctos conventos, na Universidade de Coimbra. São ao todo vinte e tres quadros do mesmo pintor, ou de pintores da mesma eschola, que se differençam por caracteres muito notaveis dos outros que em geral denominam da antiga eschola portugueza. Não têem a mesma profusão de ornatos e dourados; a sua austera simplicidade faz lembrar as pinturas da eschola allemã ou os mais antigos dos bons quadros dos artistas flamengos.

As particularidades mais importantes encontram-se na collecção de Vizeu. No quadro da *Adoração,* um dos reis (no qual talvez o pintor quizesse representar D. Manuel) com barba e cabello grisalhos e de joëlhos, offerece ao Menino uma moeda portugueza que, pelo cunho, claramente desenhado, não póde ser senão um cruzado de ouro de D. João II ou de D. Manuel. Neste

mesmo quadro o rei negro traja tanto ao natural, que faz plausivel a hypothese de que o pintor copiasse algum dos negros, por esse tempo trazidos a Lisboa.

No quadro da *Apresentação no templo* vê-se um escudo com a corôa aberta e as armas de Portugal; mas, em vez de escudetes azues em campo branco, tem escudetes brancos em campo azul. Dois indios sustentam o escudo das armas reaes.

Os rostos das figuras, os trajos, as paizagens, os castellos e cidades que adornam alguns dos quadros não têem nada de peninsulares; são de Flandres. Mas os pintores que em Portugal, no seculo XVI, pintavam á flamenga, não copiavam, em geral, os homens e os objectos que os cercavam, mas os typos dos quadros que lhes serviam de modelos. Esta regra tem excepções taes como os quadros em que os doadores seriam retratados. Na egreja da Ega, perto de Condeixa, conserva-se um retabulo com tres pinturas; na principal d'ellas está um cavalleiro de Christo, cujo rosto, nada flamengo, se assemelha ao d'el-rei D. Manuel[1].

No quadro da *Resurreição*, em Vizeu, na orla do saio d'um dos soldados romanos ha dez ou mais letras muito floriadas. Não sei dizer se estes signaes serão apenas ornatos fingindo letras, como os do capuz que envolve uma cabeça no quadro do *Menino entre os doutores* da collecção de Evora, ou se com effeito terão alguma significação real. Noutro dos quadros de Vizeu vêem-se tambem algumas letras na bainha da espada de S. Pedro, porém tão indecisas que não foi possivel decifral-as.

Num dos quadros da collecção de Palmella, que representam a vida de S. Thiago, naquelle em que se vê este sancto (e não Payo Peres Correia, como se julgava) acutilando aos mouros, lê-se a palavra *Marcus* tambem na bainha d'uma espada. Já notei a analogia d'estes quadros com os mais antigos dos de Vizeu.

No quadro da Universidade não descubri nenhumas letras ou monogrammas. Todavia no colorido do *Martyrio do Sancto Hippolyto* predominam as tintas claras e vivas como as dos quadros de Vizeu. Os trajos dos soldados e outros personagens são tambem similhantes. Finalmente um d'elles empunha uma bésta, cujo complicado artificio, se bem me recordo, é o mesmo das

---

[1] A egreja da Ega pertencia aos freires de Christo; e D. Manuel foi mestre d'esta ordem militar. Sabe-se por documentos que em 1494, um anno antes de subir ao throno, mandara dar varias pinturas ás egrejas de Thomar, d'Olalhas e de Soure, todas da ordem de Christo, e esta ultima proxima da Ega. O quadro da Ega tem um monogramma consistindo num G com um I incluso. Este quadro foi estragado com restaurações.

armas congeneres d'aquelles quadros. Nota-se em todos certo *ar de familia* que muito bem os distingue de todos os outros, procedentes de escholas e de epochas diversas.

Os quatorze quadros de Vizeu julgou-os assim o conde Rackzynski: «Ces tableaux sont excellens; mais ils sont très différens des tableaux de la sacristie et du *Calvaire*. Ils sont d'un faire plus minutieux, plus fondu; ils n'ont point le caractére de grandeur des oeuvres de Gran-Vasco. En revanche ils ont plus de naïveté, un air plus gothique; mais les draperies sont moins larges; ils sont d'une touche moins facile.»

O sr. Robinson encarece tambem o grande merecimento dos mais antigos dos quadros de Vizeu; mas exprime-se ainda em termos mais precisos e rigorosos.

«A serie da casa do Capitulo, pelo que respeita á execução technica, podia quasi attribuir-se ao pincel de Rogero van der Weiden ou de Hugo van der Goes. Tanto os quadros de Vizeu, como os d'estes velhos flamengos, apresentam a profunda transparencia e brilho de côr que têem as pedras preciosas; nuns e noutros é a execução cheia de viveza, e perfeita a comprehensão da composição; mas o que se torna especialmente notavel naquelles é a inteira ausencia do desagradavel maneirismo e execução de *bravura* que se apossou quasi inteiramente da arte flamenga no tempo em que foram pintados os quadros de Vizeu.»

O sr. Robinson, sem conhecer o manuscripto de Botelho que attribue os quadros ao tempo do bispo D. Diogo Ortiz de Villegas, affirmou que teriam sido pintados de 1500 a 1520. Ora o governo d'aquelle bispo durou desde 1505 até 1519. Esta notavel concordancia sómente de per si está demonstrando a competencia do auctor da Memoria em objecto de tamanha difficuldade, como é determinar a edade provavel de qualquer quadro num paiz, onde faltam completamente os dados historicos, respectivos aos primeiros pintores e ás escholas que, sem duvida, floresceriam até ao meiado do seculo XVI.

Não se limita porém a este ponto a concordancia entre os dois escriptores. O sr. Robinson, sem saber de Botelho que o assevera, suppoz tambem que os quatorze quadros estariam antigamente em quadrados junctos, formando um só retabulo. Emfim algumas das razões antecedentemente ponderadas fazem mais acceitavel a opinião do viajante inglez, quando declara que, posto que pela primeira impressão que recebera se inclinasse a attribuir os quatorze quadros a algum artista flamengo, todavia, depois de mais detido exame, se convencera de que teriam sido executados na Peninsula, e com muita probabilidade por um pintor

portuguez, bem amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga.

Em conclusão, tudo induz a crer que nos principios do seculo XVI floresceria em Portugal uma escóla de pintura, formada por influencia da arte flamenga, porém até certo ponto modificada pelas circumstancias locaes, pelas grandes differenças que no fim da edade media separavam os costumes portuguezes dos costumes flamengos. A raridade dos monumentos d'essa eschola explica-se pela geral substituição dos retabulos, com que em tempo de D. Manuel se enriqueceram as egrejas de Portugal, por outros do estylo do Renascimento, nos quaes já não pareceria bem conservar os velhos paineis gothicos. Estes, pela maior parte, seriam destruidos, alienados ou abandonados, como aconteceu no seculo passado aos da sé de Evora, que já hoje não existiriam, se a illustração do arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo não os salvasse da ruina a que tinham sido condemnados pela ignorancia capitular.

V

Os quadros da sacristia da sé de Vizeu interessantes á questão vêem a ser quatro, e representam S. Pedro, S. João Baptista, S. Sebastião e o Pentecostes. Além d'estes quadros maiores ha outros onze menores, que parecem obras do mesmo artista e serviriam talvez de predellas aos primeiros.

Do citado manuscripto de Botelho se deprehende estarem ainda no seu tempo os quadros de S. Pedro e de S. João Baptista nos altares collateraes da sé; e os de S. Sebastião e de Pentecostes, que, por engano, chamaria de Sanct'Anna, em capellas do claustro.

Comquanto se conheça nos quadros da sacristia a influencia da eschola flamenga, menos absoluta comtudo que nos da casa do capitulo, os primeiros, em comparação dos segundos, patenteiam já o muito que progredira a arte no espaço de tempo decorrido entre as epochas em que foram executados. «Ao vêr estas pinturas, diz o sr. Robinson, fiquei impressionado pela similhança do seu estylo e effeito geral com uma notavel obra de arte, existente em Hespanha: o bem conhecido retabulo que representa o descendimento da Cruz, por Pedro Campana, na cathedral de Sevilha. Examinando mais detidamente os quadros, achei-lhes tambem considerável analogia, especialmente no colorido, com certas obras de Quintino Matsys; na verdade estes grandes paineis quadrados recordaram-me immediatamente do celebre tripyco

de Matsys no museu de Antuerpia. Póde egualmente dizer-se que tem alguma analogia com as obras mais antigas de Bernardo van Orley de Bruxellas, mas é caracteristica a sua parecença com a grande pintura typica de Pedro Campana, artista de Bruxellas, que trabalhou na peninsula pelo meiado, ou mais provavelmente durante a primeira metade do XVI seculo; a individualidade pronunciada e notavel das feições de S. Pedro e de Christo no Baptismo, fizeram-me logo lembrar cabeças similhantes, que ha no quadro de Sevilha.»

O conde Rackzynski fallou dos quadros da sacristia da sé de Vizeu em termos mais vagos, porém mais enthusiasticos: «On ne peut rien voir de plus grandiose que le saint Pierre. La pose, les draperies, la composition, le dessin, la touche, le coloris, l'architecture, les accessoires, le paysage, les petites figures du fond, tout est beau, tout est irréprochable. Les autres grands tableaux ne sont pas exempts de défauts. Le modelé dans le nu n'est pas parfait. Le dessin n'est pas toujours correct. Les extrémités ne sont pas belles; mais tous les ouvrages de Gran-Vasco ont un caractère grave et élevé, que je ne découvre au même degré dans aucun des tableaux gothiques que j'ai vus en Portugal.

«Les tableaux de Gran-Vasco n'appartiennent pas conme je l'avais supposé à l'influence italienne, mais très décidément à celle d'Albert Durer, et on voit que celle-ci a continué á inspirer les artistes portugais à coté des Gaspar Dias et des Campello, qui avaient importé dans leur pays le style et les tendances italiennes de l'époque classique. Je dirai même que l'influence de la Flandre et de l'Allemagne a produit de meilleurs résultats que celle de la peinture classique d'Italie.»

Os rostos de todas as figuras d'estes quadros pertencem manifestamente ao typo flamengo; côres vivas e rosadas, feições proeminentes, cabellos e barbas espessos e fartos. As cidades e fortalezas são de estylo flamengo. Algumas casas voltam para a frente as empenas triangulares e á maneira de degraus, como ainda hoje se vêem na cidade de Bruges. A architectura é já de estylo classico e da ordem corinthia, mas tão imperfeita que bem denota a ignorancia do pintor neste ponto. As columnas do quadro de S. Pedro, por exemplo, são corinthias, mas, apezar dos encarecimentos de Rackzynski, irregularissimas e sem nenhumas das proporções determinadas pela ordenação.

Neste mesmo quadro, ao passo que o auctor imitava o typo physionomico e as paizagens dos quadros flamengos, copiava um pluvial que ainda hoje se conserva na sé de Vizeu e os ornatos da principal das cadeiras do côro; uns anjos montados em

dragões. Estas copias, á falta de outras provas, mostrariam só de per si que o S. Pedro foi pintado em Vizeu, e talvez dentro da propria sé.

De todos os quadros attribuidos ao Grão Vasco o mais estimado, o mais popular e o mais exposto a causas deleterias é o *Calvario*. Está numa capella que directamente communica com a porta denominada do Sol, e por cima de um altar, servindo-lhe de retabulo e encobrindo uma antiga fresta e parte de dois tumulos onde estão sepultados o bispo D. João Chaves, e Pero Gomes de Abreu, filho, se bem me recordo, do bispo D. João Gomes de Abreu. A luz vem por outra fresta lateral, cujos vidros, além de se terem tornado opacos pela poeira que os cobre, estão ainda forrados com um denso veu de têas de aranha. A capella serve actualmente de casa de arrumação e de corredor de passagem para o claustro e d'este para a egreja. O pó cobre tudo, e mal deixa avistar as figuras romano-byzantinas dos capiteis. As frestas de volta redonda e estes capiteis mostram na capella do Bom Jesus uma das partes mais antigas da sé de Vizeu, alterada e transformada em reconstrucções posteriores, como a maior parte dos edificios congeneres em Portugal.

O Calvario é uma composição complexa, que, no grande numero, variedade e nitidez das figuras, revela a grande habilidade do pintor que a concebeu e executou. Na parte superior avultam, formando admiravel contraste, Jesus e o bom e o mau ladrão. Em baixo no primeiro plano, a Virgem em deliquio cercada e amparada pelas sanctas mulheres, e logo atraz S. João com gesto de afflictivo desespero. Por detraz avistam-se dois cavalleiros que d'esta parte completam o grupo elevando-se acima das outras figuras. Um dos cavalleiros é Longuinho, que esfrega os olhos com pasmo, como se não quizera acreditar no milagre que em si mesmo acabava de operar-se. Por debaixo dos pés do Crucificado tres soldados curvam-se sobre a tunica de Christo, que cortam e dividem entre si. Juncto d'elles, no primeiro plano, o centurião de pé olha pasmado para Jesus, e como duvidando. Outros soldados de pé estão logo atraz e exprimem o mesmo sentimento de duvida. Juncto da cruz do mau ladrão um soldado bebe com sofreguidão por uma cabaça e outro espera impaciente pela sua vez, parecendo completamente extranhos á grande scena que testimunhavam. No fundo correm de um lado dois homens com uma escada. Do outro lado por detraz do mau ladrão pende de uma arvore o corpo de Judas traidor.

A predella consta de tres pequenos quadros, que representam Christo na presença de Pilatos, o descendimento da cruz e a descida ao limbo.

É facil explicar a popularidade do *Calvario* e a predilecção da maior parte por esta composição de grande effeito. Todavia como obra de arte não tem a perfeição do S. Pedro ou ainda dos outros quadros da sacristia. Robinson reputa-o *o mais fraco e não o melhor de toda a serie.*

Na sacristia de Sancta Cruz de Coimbra conserva-se um quadro muito similhante ao do Calvario e aos quatro da sacristia da sé de Vizeu. Como um d'estes ultimos, representa tambem o Pentecostes. Referindo-se a esse quadro de Coimbra, diz o sr. Robinson: «Não foi preciso longo exame para me convencer de que tinha deante dos olhos outra obra do pintor de S. Pedro e do Baptismo da sacristia de Vizeu. Verdade é que a composição do quadro de Coimbra differe muito do Pentecostes de Vizeu, sendo melhor em todo o sentido, mas a similhança exacta no desenho, no colorido, nas particularidades de vestuario, na execução, e sobre tudo nos typos physionomicos das figuras principaes não me deixou duvida: com effeito repete-se aqui a cabeça do S. Pedro de Vizeu em outro S. Pedro que forma uma das figuras mais proeminentes do primeiro plano do quadro; as outras muito similhantes do S. João e do Christo, no baptismo, tem mais de uma que lhe é analoga em outras partes da composição.»

O sr. Robinson concluiu pois que este quadro de Coimbra era do mesmo auctor que pintara os de Vizeu, attribuidos ao Grão Vasco. Qual foi porém a sua admiração achando o *Pentecostes* de Sancta Cruz de Coimbra assignado por *Vellascus*! Este era pois o pintor que fizera os quadros de Vizeu; e aos olhos de Robinson, o Grão Vasco d'aquella cidade ficou desde logo substituido por Vellasco. O procedimento do viajante inglez fôra logico, posto que assentasse n'um principio falso. Em Portugal a maior parte não descobriram o vicio do raciocinio, e censuraram o sr. Robinson por augmentar com mais um o numero já muito crescido dos Grãos Vascos.

Se alguem tivesse dito ao sr. Robinson que o nome portuguez *Vasco* se traduzia pelo nome latino *Vellascus*, teria elle evitado o erro em que cahira, e acharia conforme com a tradição de Vizeu todas as provas que deduzira do exame dos quadros.

Assim *Vellascus L.* significa *Vasco Luzitano.* É este e nem mais nem menos que o Grão Vasco, auctor do *Calvario,* do *S. Pedro,* do *S. João Baptista,* do *S. Sebastião,* do *Pentecostes* de Vizeu e do *Pentecostes* (assignado) de Coimbra. Custou muito ao sr. Robinson ter que substituir o Grão Vasco pelo Vellasco, mas, ignorando a equivalencia dos dois nomes, não poderia proceder de outra sorte. Qual não seria o seu contentamento, se soubesse que a assignatura do quadro de Coimbra era a do proprio Vasco em latim?

Em Vizeu examinara o sr. Robinson um quadro que Rackzynski não chegara a conhecer, e que, parecendo dever simplificar e explicar a questão, sobre modo a complicava e obscurecia no ponto em que a descoberta do nome de *Vellasco* a tinha deixado. Constava este quadro de tres partes, das quaes a central representava o descendimento da Cruz, e as abas ou lateraes S. Francisco em extasis e Sancto Antonio prégando aos peixes. A parte central tinha em baixo em grandes letras gothicas amarellas a assignatura de *Vasco Fernandes.*

Se não fosse o quadro de Sancta Cruz de Coimbra, o sr. Robinson acharia de certo analogias sufficientes entre o de Vasco Fernandes e o *Calvario* e os da sacristia da sé de Vizeu, para os attribuir todos ao mesmo pincel.

«Procedendo pois ao exame e á comparação cuidadosa dos quadros, diz o auctor da Memoria, convenci-me de que a pintura assignada não era de certo do mesmo auctor que as pinturas da sacristia, apezar de que em muitos particulares do desenho, da côr e do aspecto geral, este quadro tem parecença de familia com ambas as series da cathedral...

«Estas taboas, ou, para melhor dizer, esta pintura de Vasco Fernandes pareceu-me occupar um logar intermedio na eschola, entre os quadros da Casa do Capitulo e os da sacristia, e depois de consciencioso exame creio poder affirmar que foi executado pelo anno de 1520. A minha impressão, apezar de infelizmente não ter tido occasião de tornar a ver a serie da Casa do Capitulo depois da descoberta da pintura de Vasco, a minha impressão, digo, é que esta tem mais analogia com as pinturas da sacristia, mas que nem porisso é do mesmo pintor.»

Mas, duvidoso ainda, accrescenta: «Se eu a tivesse podido confrontar com as d'aquella serie, e em boas condições de luz, ter-se-hia talvez assentado este ponto, mas não pude proceder a este exame etc.»

Assim a idêa de que *Vellascus* fosse o auctor do Calvario e dos quadros da sacristia da sé de Vizeu, e de que este *Vellascus* não poderia ser *Vasco Fernandes,* pesou tanto no espirito de Robinson, que lhe fez crer seriam de auctores differentes os primeiros e o ultimo quadro. Mas com tão pouca certeza o affirma, que logo confessa não ter ficado este ponto bem assente, á falta do exame e confronto feitos em boas condições.

Quando estive em Vizeu, já lá não encontrei o quadro com a assignatura. Tinha sido vendido a um inglez por 600$000 réis. O sr. Antonio José Pereira que o possuira, tendo diligenciado inutilmente vendel-o ao Estado, deixou ir para fóra do reino o mais interessante dos monumentos que havia em Portugal para

a historia da pintura. Pobre Grão Vasco! Se nem ao menos valias com voto n'uma eleição de deputados!

O sr. Pereira, que me auxiliou nas minhas investigações, como em 1844 e em 1865 auxiliara tambem o conde Rackzynscki e o sr. Robinson, disse-me que o quadro assignado por Vasco Fernandes pertencera ao convento de S. Francisco de Orgens, em distancia de tres kilometros de Vizeu, onde se conserva ainda outro quadro mais moderno, do qual mais adeante direi algumas palavras.

Por agora concluirei de quanto deixo ponderado que:

1.º Em Vizeu florescera na primeira metade do seculo XVI um pintor notavel chamado Vasco Fernandes, auctor dos quadros do Calvario, S. Pedro, S. João Baptista, S. Sebastião, Pentecostes, Descendimento e Pentecostes de Santa Cruz de Coimbra.

2.º Os quadros d'este pintor, posto que superiores a muitos respeitos, tẽem alguma similhança com os da serie da casa do capitulo, mais antigos.

VI

Na quinta do Fontello, residencia dos bispos de Vizeu, conservam-se dois quadros, sem grande valor artistico, mas interessantes por mostrarem a influencia de Vasco Fernandes nos pintores seus contemporaneos ou successores. Um representa a Cêa. No bordo do vaso que Jesus empunha lê-se em caracteres de transição do gothico quadrado para o romano:

Tantum ergum Sacramentum... As cabeças d'este quadro são flamengas; porem a de Jesus Christo assemelha-se mais ao typo dos quadros da casa do capitulo do que ao dos quadros do Grão Vasco.

Entretanto o sr. Robinson achou grande analogia entre esta pintura e aquella, que por esse tempo o sr. Pereira possuia com a assignatura de Vasco Fernandes; sendo-lhe apesar d'isso tão inferior, que forçoso lhe pareceu attribuil-a a um discipulo ou imitador.

Effectivamente os trajos e o colorido fazem lembrar os dos quadros da sé de Vizeu, mas o desenho das figuras é muito incorrecto.

O outro quadro, que representa Jesus em casa de Martha, não me pareceu como ao sr. Robinson muito analogo aos da casa do capitulo. As cabeças são italianas ou peninsulares, o que já constitue uma differença importante. Todavia por uma grande janella

geminada com columnas corinthias, avistam-se ao longe casas com empenas triangulares, voltadas para a frente.

Uma das figuras leva na mão um cestinho de verga, similhante a outro que se vê n'um dos quadros da collecção da Academia.

Deixaram-me estes dois quados a impressão de que seriam de pintores que se teriam formado em Vizeu, sem frequentar as grandes escholas, reduzidos a copiar ou imitar os quadros da casa do capitulo ou do Grão Vasco. No quadro que representa Jesus em casa de Martha é notavel a falta do conhecimento das regras da anatomia e da perspectiva. Todavia o typo meridional das figuras denota já tal ou qual disposição para abandonar o estylo flamengo. Este quadro e outro são os unicos de Vizeu, em cujas cabeças se vê o typo meridional em logar do typo flamengo. O outro está na egreja de S. Francisco de Orgens e representa o Descendimento. Em ambos se observam o mesmo colorido, as mesmas cabeças, a mesma ignorancia da anatomia e da perspectiva e as mesmas particularidades dos trajos. Mas o ultimo, talvez por estar muito mais bem conservado, parece mais novo e de melhor estylo.

O sr. Robinson considerou como imitações dos quadros da sacristia da sé de Vizeu: um de Sancta Cruz de Coimbra, que representa o *Ecco Homo*, e outro da Academia de Bellas Artes de Lisboa, S. João ensinando a orar uma creança. No primeiro lê-se no ferro de uma lança, em grandes caracteres negros, a palavra Ovia, que o sr. Robinson tomou como o nome do auctor. Parece que estas letras serão antes iniciaes de palavras desconhecidas ou principio de alguma phrase tambem desconhecida. Similhantemente Rackzynski, lendo no vaso de um quadro da Annunciação da Academia Abram Prim, entendera que estas palavras seriam o nome do pintor e desde logo admittiu a existencia real de um *Abraham Prim*, a quem por muitas vezes se referiu. Nenhumas indagações confirmaram depois tal opinião. É provavel que o pintor quizesse antes escrever *Abraham Primus*... no vaso com a flor de S. José, para significar, na conformidade do Evangelho de S. Mattheus, ter sido aquelle patriarcha o tronco da geração do esposo da Virgem.

O colorido do *Ecco Homo* de Sancta Cruz de Coimbra assemelha-se ao do *Descendimento* da egreja do convento de S. Francisco de Orgens, e tambem ao dos quadros dos passos do Salvador, que estiveram na antiga Sé de Coimbra, e hoje se conservam na casa do Capitulo da Sé Nova. Julgo porém que estes ultimos serão já do seculo XVII.

O S. João do quadro da Academia tem realmente grande similhança com o dos quadros de Vasco Fernandes, com quanto, como

bem diz o sr. Robinson, não parece ser obra de nenhum dos mestres de Vizeu. Se a creança que o sancto ensina a orar, é, como anda em tradição, o principe D. João que depois foi rei, deve o quadro ter sido pintado pelos annos de 1515, quando o principe tivesse doze ou treze annos, edade apparente da creança ajoelhada adeante de S. João.

No convento da Madre de Deus conserva-se a aba de um triptyco ornada com uma similhante figura de S. João. Está junctamente com outro quadro de madeira, que representa a *Adoração* e parece a parte central do mesmo triptyco. Este quadro é no estylo d'aquelles que se conservam na sacristia, e que serão talvez do primeiro quartel do seculo XVI ou pouco posterior, pois representam o corpo de Sancta Auta levado em procissão para o convento, e o casamento d'el-rei D. João III. Ora o primeiro d'estes factos succedeu em 1517 e o segundo em 1525.

A similhança dos dois quadros da Academia e da Madre de Deus com os do Grão Vasco, e a sua maior antiguidade provam que a eschola, a que este pintor deu nome, derivou naturalmente de outra anterior que se desenvolveu em Portugal, constituida principalmente pelas influencias dos grandes mestres flamengos. A parte central do triptyco da Madre de Deus liga as obras de Vasco Fernandes com os quadros mais bellos da Academia, com as collecções que Rackzynski chamara de S. Bento, de Prim, com os doze quadros da antiga capella mór da Sé de Evora, etc.

Mas a par com aquelles quadros encontram-se na mesma galeria os de Pamella n'um estylo mui differente e alguns outros que, bem como os mais antigos de Vizeu, o da misericordia do Porto e o de S. João Baptista da egreja de S. Francisco da mesma cidade, recordam, pela austera simplicidade, os primeiros pintores flamengos ou os allemães que os imitaram.

Guarienti cita nomes de pintores allemães, cujas obras vira em Portugal. Em 1522 el-rei D. João III mandava fazer a mestre *Joham alemão* dois retabulos para duas capellas do cruzeiro da egreja de Sancta Cruz de Coimbra. Os quadros do convento de Jesus de Setubal, muito differentes de todos aquelles de que tenho tractado, porem da mesma epocha, andava em tradição entre as freiras já no seculo XVII que o imperador Maximiliano os enviara a sua prima a rainha D. Leonor. Mas a tradição pode ser falsa, e talvez que pelo estudo comparativo d'estes quadros com os de Evora se prove terem sahido da mesma eschola tanto uns como outros.

Robinson é de opinião que haveria em Vizeu uma successão de artistas conhecedores das obras uns dos outros, e não duvida de que chegassem a constituir n'aquella cidade uma eschola de

pintura. A eschola de Vizeu seria pois representada pelos quadros da casa do capitulo, pelos das sacristias da Sé de Vizeu e de Sancta Cruz de Coimbra, o do Calvario e o que Vasco Fernandes assignara, e finalmente pelos de Fontello e S. Francisco de Orgens. Parece-me haver de considerar-se por outra forma este ponto delicado. Para que uma eschola de pintura mereça este nome, importa que seja constituida por uma serie de pintores, cujas obras tenham caracter homogeneo e ao mesmo tempo certa originalidade. Taes são as escholas de Bruges, Colonia ou Florença. Ora em Vizeu falta este caracter homogeneo. A similhança que Robinson notara entre os quadros da casa do capitulo e os outros procede da influencia geral que em todos teve o estylo flamengo. Mas os quatorze quadros mais antigos assemelham-se menos aos do Grão Vasco do que aos de Palmella e ao que representa o Martyrio de Sancto Hippolyto. Estes todos pois entendo eu que procederiam antes de uma eschola portugueza, mais antiga, na qual predominaria a influencia dos primeiros mestres de Flandres. Os caracteres d'estes quadros são, alem da profunda transparencia e brilho de côr, da viveza da execução, da falta de maneirismo ou bravura, notados pelo sr. Robinson, a austera simplicidade, a falta do sentimento do bello na perspectiva, e finalmente certa dureza nas roupagens.

Depois seguem-se os quadros da sacristia da Madre de Deus e muitos congeneres da collecção da Academia de Bellas Artes. N'estes apparecem já alguns dos caracteres ultimamente mencionados, e sobre tudo o maneirismo e a profusão dos ornatos e dourados. Correspondem á influencia de Flandres que se seguiu á dos grandes mestres van Eyck, van der Goes, Matsys etc. Em seguida vêm os quadros do Grão Vasco, os de S. João, da Academia e da Madre de Deus. Manifestamente se conhece n'elles já a influencia italiana. Contrapondo os primeiros aos da casa do capitulo, diz Robinson: «Pelo contrario todos estes quadros, sobretudo o do sr. Pereira, e o da serie, da sacristia, tem uma largueza e amplidão de prégas que chegam a lembrar o grandioso do estylo italiano. Manifesta-se tambem esta largueza na modelação das superficies, e especialmente na suavidade e doçura do claro escuro e da côr local, que se aproximam da belleza Correggesca. Este grandioso, porém, não degenera nunca em molleza; pelo contrario todas as formas e tintas são perfeitamente determinadas com nitidez e correcção quasi photographica».

Por fim mencionarei os quadros de Fontello e de S. Francisco de Orgens em Vizeu, os quaes, sem largueza de traços nem perspectiva, parecem obra de pintor ou pintores que, sem frequentar as grandes escholas vegetassem dentro dos muros d'aquella

cidade, limitando-se a imitar em acanhadas composições os quadros do Grão Vasco ou os da casa do capitulo.

Francisco Fernandes, pintor, que vivia em 1552, Vasco, seu filho, nascido n'esse mesmo anno, seriam provavelmente o filho e o neto do Grão Vasco. É finalmente possivel que os quadros de Fontello e o de S. Francisco de Orgens fossem pintados por esse mesmo Francisco Fernandes.

Estas ultimas pinturas bastariam por si sómente para provar que Vasco Fernandes, o Grão Vasco, não chegara a formar eschola. Nem por certo o poderia fazer n'uma terra pequena, situada no interior de uma provincia, e sem nenhuma das condições necessarias á formação das escholas de pintura. A influencia do seu genio apenas se patentêa na geração que se lhe segue por algumas obras defeituosas e enfezadas, e desde logo se extingue tão inteiramente que não deixa vestigios nenhuns dentro ou fóra de Vizeu. Os altos espiritos dos grandes pintores flamengos e italianos, de que o Grão Vasco soubera inspirar-se, não os poderia elle transmittir a outros n'uma pequena povoação sequestrada do resto do mundo, a qual não o comprehenderia no seu tempo, bem como ainda hoje ignora o valor das suas obras a ponto de as deixar perder em lamentavel ruina.

Posto que não chegasse o Grão Vasco a formar eschola, é todavia provavel que em Lisboa florescessem pintores cujas obras se distinguissem por caracteres similhantes aos dos quadros de Vizeu. Os quadros de S. João da Academia e da Madre de Deus servirão para dirigir os curiosos nas investigações que para resolver este ponto quizerem emprehender. As influencias combinadas das escholas flamenga e italiana que formaram o estylo do Grão Vasco formariam talvez tambem o de outros artistas, que á falta de genio não chegariam comtudo a elevar-se á mesma grande altura.

XXI

O DARWINISMO[1]

CRITICA LITTERARIA

A philosophia primitiva, genuina de Comte, condemnara por infructifero e até prejudicial ao progresso da sciencia o estudo da origem das especies. A philosophia moderna levantou o interdicto e poz de novo na arena da discussão o antigo problema, tentando resolvel-o á luz dos grandes descobrimentos scientificos d'este seculo, muitos dos quaes o proprio Comte não previra nem ao menos suspeitara.

O caminho que a philosophia tem seguido neste ponto foi principalmente traçado pelo naturalista inglez Ch. Darwin. O systema a que deu o seu nome prende hoje a attenção das pessoas illustradas; e ainda aquellas que mais prevenidas se mostram contra elle, buscam meios de estudal-o a fim de o julgar com conhecimentos de causa.

Desejando satisfazer tão justa curiosidade, propoz-se o sr. dr. Albino Giraldes fazer uma conferencia, que, por motivos extranhos á sua vontade, não chegou a realisar-se. Imprimiu-a, porém, para de algum modo preencher o fim que tinha em vista.

---

[1] *Questões de Philosophia Natural*, por Albino Giraldes.—II. *O Darwinismo ou a origem das especies*. Coimbra, 1879.

A conferencia, destinada a um auditorio que deveria ser composto em grande parte de pessoas extranhas ás sciencias naturaes, é uma exposição singela e elegante da doutrina de Darwin. O auctor, egualmente versado nas letras e nas sciencias, sabe tractar as questões de philosophia natural numa linguagem correcta e attrahente, dando razão ao bom Ferreira, quando escreveu:

Não fazem mal as Musas aos doutores,
Antes ajuda a suas letras dão,

e demonstrando a alta conveniencia da proposta, cuja iniciativa renovou em côrtes o sr. dr. Antonio José Teixeira.

O auctor propõe em breves e claros termos as tres theorias da origem das especies, e, refutando duas, deixa só em campo a outra, que é a de Darwin. Designa, como suas bases fundamentaes, a selecção natural e a lucta pela existencia, as quaes faz depender de duas qualidades inherentes a todo o ser organisado — a variabilidade e a hereditariedade. Cita depois os factos mais caracteristicos d'estas duas propriedades vitaes, mostrando, relativamente á primeira, a dependencia em que os seres organicos estão do meio em que vivem, e as modificações que por sua influencia experimentam. Respectivamente á transmissão hereditaria, explica por esta propriedade as similhanças entre os descendentes e os ascendentes, e a existencia dos orgãos rudimentares, inexplicaveis por qualquer outro modo.

Depois deduz da theoria de Malthus sobre a população a lucta pela existencia, e cita os principaes factos que a demonstram. Explica em seguida o que vêm a ser a selecção artificial e a selecção natural, e da acção combinada da lucta pela existencia, da selecção natural, da variabilidade e da hereditariedade faz resultar a possibilidade da transformação das especies.

Para mostrar como esta idêa é plausivel compara as especies com as linguas em os termos seguintes: «As linguas vivas são como as especies actuaes, os seus diversos dialectos são as raças e as variedades, e as linguas mortas representam as especies fosseis. As linguas não se formam de um jacto, mas nascem por derivação das linguas mais antigas: do mesmo modo as especies. Umas e outras duram por algum tempo, e umas e outras desapparecem a pouco e pouco. Nas linguas os vocabulos tornam-se obsoletos, e as locuções usadas convertem-se em archaismos: por fim desapparecem, e, sendo substituidos por outros termos e por outras phrases, forma-se, passados alguns seculos, uma nova lingua, passando ao estado de lingua morta o idioma primitivo. Do mesmo

modo as especies acabam tambem pela morte dos individuos, e são substituidas por especies novas, em quanto passam ao estado fossil as especies anteriores. As linguas vivas não procedem umas das outras; o portuguez, por exemplo, não se deriva do italiano, nem o italiano do portuguez, mas descendem ambos egualmente do latim: relações analogas ligam tambem as especies actuaes. Nenhuma lingua morta tornará a ser fallada, nenhuma especie extincta sará chamada outra vez á vida. E, assim como a linguistica indaga o segredo da filiação das linguas, procura egualmente a philosophia natural descobrir a origem das especies; e, nesta investigação, é certamente o darwinismo de todas as theorias a que vai mais longe.»

Uma similhante analogia poderia o auctor notar entre os monumentos da architectura e as especies da natureza. As cavernas, habitações dos homens primitivos, são como uma especie extincta, da qual parece terem derivado o tumulus e o dolmen prehistoricos, o templo indio e a necropole egypcia. Estas especies dos templos primitivos extinguiram-se tambem, succedendo-lhes da mesma sorte outras especies differentes, os templos gregos e romanos, as basilicas, os circos. Depois vêm os edificios byzantinos e os ogivaes. Finalmente na epocha da renascença reapparecem os typos architectonicos gregos e romanos, como aquellas especies fosseis que vêm transtornar as series arranjadas por alguns naturalistas.

A architectura de qualquer epocha procede das anteriores; comtudo nem o paleontologo pode achar os elos da cadêa que mostrariam a transição de uma para outra especie, nem o archeologo conhece os monumentos que separam os differente estylos, e por meio dos quaes uma architectura se transformou noutra. Parece que tanto na natureza como na arte sómente subsistem as obras que em si possuem condições de vitabilidade. O que é forte e perfeito subsiste, o que é imperfeito e fraco desapparece.

A conferencia do sr. dr. Albino Giraldes é um incentivo ao estudo das grandes questões philosophicas. Quando o espirito publico se abate, sómente a philosophia o pode levantar. Aquelles que tiverem passado a melhor parte da vida na meditação e no estudo não devem guardar para si sós o fructo do seu trabalho. Se de uns receberam a sciencia, incumbe-lhes transmittil a a outros. Não diremos com o auctor — *Vieillesse oblige:* o que felizmente lhe não é ainda applicavel; mas — *Science oblige*, divisa que a todos nós nos deve recordar incessantemente a nossa obrigação.

XXII

TRICENTENARIO DE CAMÕES

DISCURSO NO INSTITUTO

Senhoras e Senhores: Não se commemora sómente em Portugal o tricentenario da morte de Luiz de Camões. No preito de homenagem que rendemos hoje á memoria illustre do auctor dos Luziadas todos os povos cultos se nos associam. Os grandes espiritos, os genios immortaes, que por seus escriptos instruem ou deleitam ou aperfeiçoam os outros homens, não têm uma só patria, não pertencem a uma só familia, não vivem numa só epocha; a sua patria é o mundo, a sua familia a humanidade, a sua epocha a indefinida successão dos tempos.

Nem outra razão ha, Senhores, para que, não sendo das mais conhecidas a lingua portugueza, os Luziadas occupem na litteratura moderna um logar tão alto, como outr'ora a Iliada e a Eneida, epopêas escriptas nas linguas mais divulgadas dos tempos antigos. Não imaginemos que a certeza da metrificação, a elevação do estylo e a harmonia da rima bastem por si para formar a reputação de um poema. Acima da letra está o espirito, que refulge até na prosa corrente e descuidada das traducções, e que muito sublime deve ser nos Lusiadas para que de extranhos mereçam tão grande e nobre conceito.

O espirito ou o sentido real da nossa grande epopêa seria por certo o assumpto mais digno de ser tractado no dia de hoje e neste illustre congresso. Demandando porém forças maiores e

maior espaço de tempo, terei de o restringir a um ponto determinado, á parte que o poema representa na grande obra da civilisação humana.

Para aquilatar o genio de Camões, não seguirei portanto os rhetoricos na esmerilhação indefessa e paciente da propriedade, exactidão, proporções e conveniencia do titulo, proposição, invocação e narração dos Lusiadas. Nem aquelles criticos qne os analysam segundo as idéas, não do seculo em que foram escriptos, mas de uma epocha posterior e muito differente. Nem os classicos, que lamentam a ligação do maravilhoso christão com o mythologico e todas as invenções poeticas não auctorisadas com o modelo da Eneida. Nem os romanticos, que reprehendem o que os classicos elogiam e louvam o que estes condemnam. Nem os respigadores e correctores de heresias, que pretendem sujeitar um filho indomito e livre da Renascença ao ferreo jugo do Sancto Officio ou á regra capciosamente moral e austera de Sancto Ignacio de Loyola. Nem os que, por parecerem amigos de Deus, se fazem inimigos dos homens, esforçando-se por mostrar-nos a defesa da intolerancia religiosa numa das mais admiraveis manifestações do pantheismo da Renascença. Nem as almas ternas e sensiveis, emfim, embaladas na piedosa crença de que o poeta não teve em toda a sua vida outra inspiração mais que o amor de Natercia.

Quero antes projectar sobre os Lusiadas a viva luz da philosophia da historia, que nos mostra em Luiz de Comões o inspirado cantor do facto capital que encerra a edade media e abre os dilatadissimos horizontes da epocha moderna. A communicação maritima entre o Occidente e o Oriente, a «obra gloriosa» de Vasco da Gama annuncia a preeminencia da Europa no Mundo, bem como o incendio de Troia, a victoria de Achilles indica a supremacia da Grecia na Europa e na Asia. D'esta sorte consideradas, a Iliada e os Lusiadas são os mais altos vaticinios do espirito humano; Homero e Camões os dois grandes precursores das maiores evoluções da humanidade: — a civilisação antiga e a civilisação moderna.

I

O imperio, substituindo-se á republica, não pôde, no espaço de tres seculos, firmar a unidade do mundo romano. A obra, apparentemente grandiosa, de Julio Cesar e de Augusto não foi senão uma funesta decadencia, terminada pela mais horrivel das catastrophes. Dilacerados, pela invasão dos barbaros, os laços que

prendiam entre si os innumeros povos sujeitos a Roma, estes elementos, em grande parte heterogeneos, desassociaram-se e corromperam-se, bem como se desaggregam e se esphacelam os orgãos de um animal, privado da acção vivificante e coordenadora do cerebro e dos nervos.

A divisão, introduzida pelos barbaros, tornou-se depois cada vez maior, ao passo que foram decorrendo os tempos medievaes. Á falta de meios de communicação não sómente material, mas tambem intellectual, os povos permaneciam sequestrados uns dos outros, e na sociedade, fraccionada pela desaggregação dos seus elementos constituintes, tinha cada casta suas idèas proprias, suas leis proprias, e até sua lingua propria. O mal do particularismo invalidava tudo; separava umas das outras as classes sociaes, e ainda os grupos integrantes de cada classe. Ás vezes, na mesma nação, cidades, villas, castellos rivaes declaravam-se mutuas guerras de exterminio, e as populações, fortificadas nas altas torres, viviam como prisioneiras de si mesmas, em quanto o não chegavam a ser dos seus inimigos.

A desaggregação da humanidade, reduzindo o homem á solidão, enfraquecendo-o e enervando-o, originava as grandes enfermidades moraes da edade media. A humanidade pode luctar com a natureza physica, subjugal-a, transformar as suas forças em instrumentos doceis da industria, applicar as suas energias ao progresso e desenvolvimento da civilisação. O homem isolado luctará debalde e ficará vencido na lucta. Para a humanidade a natureza é a mãe, a *alma mater*, amorosa e bemfazeja, que por todos reparte com mão liberal os seus dons e riquezas. Para o homem, no estado de isolamento, é a madrasta, dura, avara e cruel, prodiga de máos tractos e de castigos injustos. A humanidade não se arreceia da natureza, domina-a. O homem, pelo contrario, enche-se de temor e é por ella dominado. As forças creadoras e vivificantes afiguram-se-lhe entidades mysteriosas, iniquas, malfazejas, que se comprazem em causar damnos e prejuizos. No mundo ao mal physico ajunta-se o mal moral. Associa-se o homem á natureza para perseguir e atormentar o homem. Se esta é má, o mundo, a arte, o *homo additus naturae* é peior ainda. Fugir da natureza e do mundo parecerá o supremo bem. Assim se originou o ascetismo na India em todos os tempos, e na Europa durante a edade media. Assim se origina ainda hoje a philosophia pessimista. Schopenauer na Allemanha, Leopardi na Italia foram dois solitarios não menos illustres que tristonhos, em cuja mente, talvez por effeito das leis caprichosas do atavismo, se reproduziram a anthropophobia de Origenes e a perseverança improficua de S. Simeão Estylita.

A falta da observação e da experiencia, a phantasia humana

não podia exercer-se na realidade exterior, e nutria-se de si mesma, como aquelles animaes que nas abstinencias prolongadas consomem a sua propria substancia. Entre os doutos engendrava-se a escholastica, o mais efficaz impedimento do progresso da humanidade; entre os doutos e indoutos o espirito desvairado creava as mais extravagantes ficções, as impossibilidades mais espantosas. A lenda substituia a historia, a metaphysica a sciencia. A cosmogonia fazia da terra o centro do universo, e do homem o centro e fim ultimo de toda a creação. Os geographos, em concordancia com este systema acanhado e mesquinho, julgavam plana e circular a superficie da terra. Dante fallava ainda do mar tenebroso, e substituia Jerusalem ao Olympo, que Homero tinha posto no centro da redondeza habitada.

Tal foi, Senhores, o mundo medieval que Vasco da Gama encerrou com o grande feito que deu assumpto aos Lusiadas.

II

Nem os grandes homens nem os grandes factos apparecem por geração espontanea. Derivam-se naturalmente de outros homens e de outros factos, da mesma sorte que uma especie procede de outra especie, e uma phase geologica da phase que a precedeu. No mundo moral, no mundo organico e no mundo physico não ha creações *ex nihilo,* nem consequentes sem antecedentes. Tudo se liga e se transforma segundo as leis irrevogaveis de uma logica fatal.

Vasco da Gama teve precursores; a sua grande navegação relaciona-se necessariamente com os factos principaes da renascença, que despertam emfim a sociedade do ignavo e frio torpor em que por dilatados annos jazera. No seculo XV acaba o feudalismo; constituem-se ou fortalecem-se as nacionalidades; relacionam-se os povos da terra; a imprensa põe em communicação as intelligencias; outras invenções e descobrimentos notaveis contribuem para o progresso da civilisação na Europa. Superior a estas influencias, similhante a um grande fóco ardente e luminoso, a renovação do espirito antigo esclarece-as, domina-as, coordena-as todas.

O largo e profundo movimento da renascença não se adstringe ás letras e ás artes. As grandes energias do espirito humano, em contacto com a natureza, accordam e renascem, como aquellas plantas, cujas sementes se expõem ao ar e humidade, depois de

terem jazido durante seculos no pó frio e secco de tumulos hermeticamente fechados. Ao Oceano, á sua agua lustral, purificadora e vivificante, pertence a melhor e a maior parte d'esta immensa renovação da humanidade. Os descobrimentos maritimos mudam inteiramente os attributos da natureza em relação ao homem, e os sentimentos do homem a respeito da natureza. O vasto elemento que as trevas obscureciam e a idêa da morte povoava de imaginarios terrores apparece a final repleto de vida e inundado de luz, e, em vez de separar, ligando, por meio da navegação, as ilhas, as peninsulas, os continentes e os varios povos que os habitam. Realisado este prodigio, o homem deixa de ser escravo para se tornar senhor, e no seu coração o amor e a confiança succedem ao odio e ao receio que a natureza lhe inspirava.

O Oceano, a mais larga de todas as vias que no seculo XV conduziram á renascença, foi Portugal quem o patenteou aos outros povos da Europa. Mas apagar das Columnas de Hercules a temerosa divisa que affrontara indelevel o grande poder das civilisações antigas, não era empresa que aventureiros commettessem ao acaso, entregando-se temerariamente á mercê das ondas e dos ventos. Antes demandava uma longa preparação, uma convergencia de forças collectivas, um largo cabedal de sciencia e experiencia accumulado durante seculos, um plano seguido conscientemente e sem interrupção por muitas gerações. Hoje ninguem attribuirá de certo a causas sobrenaturaes ou ao capricho do acaso o que sómente se deve á vontade firme, ao trabalho indefesso, á inquebrantavel perseverança de um povo, dirigido na sua gloriosa faina por alguns espiritos superiores, que, illuminados pela sciencia e movidos pelo amor da patria, anteviam no futuro a larga recompensa dos seus sacrificios e trabalhos.

A uma geração, que só attende ao seu proprio gozo e que não hesita em comprometter, a troco de bens ephemeros e apparentes, a felicidade das gerações vindouras, custará sem duvida a comprehender como, em epochas menos alumiadas, um seculo se resolvesse a trabalhar para os seculos futuros. É porem a todos evidente que, se el-rei D. Diniz não tivesse fundado a nossa Universidade, e mandado semear o pinhal de Leiria, matriz de futuros galeões, e aperfeiçoado e desenvolvido a marinha portugueza, nem el-rei D. João I poderia, cem annos depois, commetter a expugnação de Ceuta, nem seu filho, o infante D. Henrique, chegaria a dar principio aos descobrimentos maritimos, cujos fructos opimos sómente haveriam de ser colhidos no reinado de D. Manuel.

A expugnação de Ceuta, a descoberta das ilhas da Madeira e

Porto Sancto, emfim a passagem do cabo Bojador iniciam a longa serie de empresas maritimas, antecedentes necessarios da navegação de Vasco da Gama, bem como esta o foi de ulteriores commettimentos.

III

O grande espirito de Luiz de Camões formou-se no meio de uma sociedade vivamente commovida pelos feitos heroicos das navegações e conquistas, pelas memorias gloriosas de um passado illustre, pelas aspirações vehementes para um futuro irrealisavel. Não eram apenas testimunhas auriculares dos acontecimentos aquelles que os narravam. Tinham ido pessoalmente correr as aventuras do mar e os perigos da terra, tinham visto com os seus proprios olhos as maravilhas e prodigios das regiões longinquas, os casos,

> ..... que os rudos marinheiros
> Que têm por mestra a longa experiencia
> Contam por certos sempre e verdadeiros,

tinham escutado com os seus proprios ouvidos o «bramir do negro mar», os «feros trovões», o «triste canto» das «halcyoneas aves» as vozes insolitas de animaes desconhecidos, as linguas incomprehensiveis

> De selvatica gente, negra e núa.

Entre os milhares de soldados e navegantes que todos os annos regressavam d'alem-mar, havia muitos que se compraziam a celebrar por toda a parte as suas proprias façanhas e aquellas que tinham presenciado ou lhes haviam sido contadas nos proprios logares onde tinham acontecido. Alguns, á similhança dos antigos menestreis, cantavam em redondilha os factos que mais impressionavam a imaginação e melhor satisfaziam a curiosidade publica. Repetiam-se pois commummente não só estas narrativas dos factos contemporaneos, mas tambem as lendas dos successos remotos que a distancia do logar ou do tempo engrandecia, divinisava e convertia em mythos na desprevenida singeleza da alma humana. Taes foram os elementos primitivos dos Lusiadas. Como as rhe-

psodias da Grecia, tiveram quem os fundisse e transformasse numa grande epopêa; sem o que permaneceriam no gráu inferior de evolução em que ficaram as canções francezas dos cyclo medievaes e os poemetos menos antigos do *Romancero* hespanhol.

Nos Lusiadas, porém, apenas os assumptos de alguns episodios denunciam a existencia das fontes originaes. A alta phantasia do poeta deu-lhes uma fórma propria, o metro, a rima, a elevação e a graça que não tinham. A jornada de Egas Moniz, a morte de Ignez de Castro, o feito de Magriço eram sem duvida assumptos cantados pelos trovadores populares. Mas que differença entre os velhos romances portuguezes e as estancias dos Lusiadas! Entre as paginas disformes das chronicas de Fernão Lopes e de Ruy de Pina e as elegantes descripções das batalhas do Salado ou de Aljubarrota! Entre um capitulo insulso de geographia e o formosissimo quadro da Europa com que o Gama abre o seu discurso ao rei de Melinde! Parece que os labios inspirados de Camões tinham a maravilhosa virtude de exprimirem por bellos e graciosos termos qualquer assumpto, por mais arido ou esteril que fosse para os outros homens.

Pela minha parte, Senhores, não duvido de que os Lusiadas tivessem com effeito esse substratum primordial, que seria como que a materia prima que o auctor poliu e affeiçoou, e que estaria para o poema, como para a estatua o marmore de que é fabricada. Mas quem exaggerar a ponto de não ver nos Lusiadas senão uma collecção de velhas canções cahirá no erro opposto áquelle que foi commum até ao meiado d'este seculo, e consistia em suppor que a obra de Camões não passava de uma imitação servil dos poemas anteriores, e mais em particular da Eneida. É para receiar que este prisma seja substituido pelo outro, e que se não encontre tão cedo a lente achromatica que nos dê a imagem fiel e exacta da verdade. Á similhança d'aquelles astros, que, por muito distantes e separados dos outros, difficilmente se fazem entrar no fóco do telescopio, o genio de Camões, por muito superior ao dos outros homens, não pode ser claramente visto pelos olhos habituados a distancias pequenas, e que se não adaptam sem custo a outras distancias maiores.

Os Luziadas são, pelo seu assumpto, a lucta do homem com os elementos e a victoria da industria, a epopêa que melhor exprime o espirito da civilisação moderna. Por outra parte, as bellas e fieis descripções da natureza dão ao poema verdadeira originalidade em relação não sómente aos anteriores, mas ainda ás acanhadas composições dos antigos romances portuguezes. Camões tomou tambem parte nessa lucta titanica, observou as regiões tropicaes, desconhecidas aos poetas da antiguidade e da edade

media, e pintou quadros magnificos ornados de vivas côres e com a exactidão, vida e naturalidade que só resultam da observação immediata e pessoal.

O Oceano e as regiões de novo descobertas operam no seu espirito uma revolução, comparavel áquella que já tinham produzido no caracter do povo portuguez e depois se communicou aos outros povos da Europa. O poeta adquire uma nova *maneira,* eleva-se do genero lyrico ao epico, e exprime em majestoso verso endecasyllabo com

> ..... um som alto e sublimado,
> Um estylo grandiloquo e corrente

os nobres sentimentos que não cabiam no «verso humilde» das endexas e elegias amorosas. Invoca ainda, é verdade, as suas Tagides, e pede-lhes

> ..... uma furia grande e sonorosa;

mas nem as crystallinas aguas do Tejo nem as deleitosas ribeiras do Mondego poderiam inspirar-lhe mais que os doces accentos do idyllio. Para a larga concepção da epopêa carecia das grandes impressões que os sentidos recebem da superficie illimitada do Oceano, dos esplendidos effeitos da luz que ella recebe do sol, das estrellas ou dos animalculos, dos interminaveis movimentos das aguas, dos effeitos da mutua reacção do mar e da atmosphera, dos sons harmoniosos das ondas e dos ventos, das vozes estridentes das aves marinhas, dos fragores temerosos das tormentas. O resultado d'essas impressões, pessoalmente experimentadas e vivamente sentidas, vê-se claro e manifesto sempre que o poeta se refere ao mar, ou o descreva na placidez tranquilla da bonança ou o pinte agitado pela furia das mais horriveis tempestades.

IV

No primeiro plano dos Lusiadas sobresahe com vivos resplendores a figura epica do Gama, dirigindo, com a força e serenidade

dos heroes antigos, a primeira navegação que liga em fraternal amplexo o Ocidente ao Oriente. Mas

> ..... o forte capitão,
> Que a tamanhas empresas se offerece,
> De soberbo e de altivo coração,
> A quem fortuna sempre favorece,

é mais humano que os protagonistas de outros poemas. Achilles, Enêas, Tancredo empenham-se em luctas similhantes, servem-se das mesmas armas, vencem do mesmo modo. Depois das pelejas dos gregos, dos combates dos latinos, das batalhas dos cruzados, aquelles capitães colhem os louros da victoria em campos cobertos de destroços, por entre cadaveres e membros mutilados, á vista das cidades incendiadas e das aldêas destruidas.

O Gama tambem lucta, e mais porfiadamente ainda. Mas as suas armas são as previsões da sciencia e os instrumentos da industria. Não vence exercitos de homens, mas o espirito da edade media, os erros e preconceitos do vulgo; as manhas dos catuaes, as forças da natureza. Os vencidos não offerecem á vista o hediondo espectaculo do sangue, da miseria e da morte; exprimem apenas em longas e sentidas lamentações a saudade pungente da soberania perdida.

Quando as naus se apartam da praia de Rastello, o velho «de aspeito venerando» querendo e não ousando amaldiçoal-as, anathematisa o inventor da navegação e quem por ventura se lembrasse de o celebrar em verso:

> Oh maldicto o primeiro que no mundo
> Nas ondas vela poz em secco lenho!
> Digno da eterna pena do Profundo,
> Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
> Nunca juizo algum alto e fecundo,
> Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
> Te dê por isso fama, nem memoria,
> Mas comtigo se acabe o nome e a gloria.

O velho symbolisa o particularismo e o insolamento medievaes vencidos pelo espirito moderno de confraternidade universal. O seu discurso, antithese dos Lusiadas e condemnação do proprio Camões, exprime o instinctivo horror a toda a innovação, a ignorancia das massas populares, contrarias ás aspirações da sciencia, a pertinacia, emfim, dos ferrenhos conservadores que se oppunham á politica progressista das empresas maritimas, iniciada por el-rei

D. Diniz, continuada até ao reinado de D. Manuel, e cujos mais bellos resultados o proprio Gama ia colher nos mares do Oriente.

Camões julgou, prematuramente de certo, vencido o espirito medieval, e representou-o por um velho que não póde luctar, mas só lamentar-se. A natureza physica é que não estava nem sequer poderia parecer vencida. Sabe-o Vasco da Gama e prepara-se ao sahir de Lisboa para combater o temeroso inimigo. Vivamente impressionado com os perigos e trabalhos que soffrera desde aquelle porto até ao Canal de Moçambique, diz ao rei de Melinde:

> Contar-te longamente as perigosas
> Cousas do mar, que os homens não entendem,
> Subitas trovoadas, temerosas,
> Relampagos que o ar em fogo accendem;
> Negros chuveiros, noites tenebrosas,
> Bramidos de trovões que o mundo fendem,
> Não menos é trabalho que grande erro,
> Ainda que tivesse a voz de ferro.

E assim prefere entreter-lhe a curiosidade com as formosissimas descripções do

> ..... lume vivo
> Que a maritima gente tem por sancto,

e da tromba que julgou prodigio por

> Ver as nuvens do mar com largo cano
> Sorver as altas aguas do Oceano,

e finalmente com a jocosa anecdota de Fernão Velloso, «o ousado aventureiro». Mas isto não é mais que um artificio do poeta para causar a impressão do maior contraste que se póde imaginar com a subita apparição do Adamastor.

Transformar o monte em gigante ou o gigante em monte não foi nenhuma invenção original de Camões; a maior parte dos poetas antigos o fizeram. A especie da metamorphose é que foi inteiramente nova, tão nova como os Lusiadas, cujo espirito em si mesmo resume. O Adamastor é a natureza physica em lucta com a industria humana, o guarda das encantadas regiões do Oriente, o maior obstaculo á solução da epopêa.

No seculo XVI esta grande ficção deveria causar mais profundas impressões do que hoje em dia. Não tinham esquecido ainda as

lendas do mar tenebroso, com quanto se tivesse já demonstrado não serem mais que falsidades. Ninguem ignorava que, antes de Vasco da Gama, fôra o cabo terminal da Africa descoberto por Bartholomeu Dias, que os marinheiros á força tinham obrigado a voltar atrás com o receio de se perderem. Era tambem sabido como primeiro se lhe dera o nome de *Tormentorio*, pelas frequentes procellas que tornavam perigosissima a sua passagem. Emfim estavam muito vivas na memoria de todos as tristes e lugubres tradições do naufragio de Sepulveda e de outros casos similhantes.

Por outra parte, a maior disposição do espirito humano para personalisar a natureza e as suas forças, as montanhas, os ventos, os rios, as fontes, fazia mais temerosa e por assim dizer mais real a personalisação do grande cabo. No tempo de Camões a geographia delineava já a forma da parte meridional do continente africano, e os navegantes sabiam a derrota que haviam de seguir, áquem e álem do cabo, para evitarem as regiões mais procellosas. Não era porém assim meio seculo antes. O grande promontorio, ultimo extremo da terra firme, extendia-se temeroso e ameaçador para o polo por entre dois Oceanos, um dos quaes era apenas em parte conhecido e o outro inteiramente ignorado. Os ventos encontrados, as correntes marinhas não menos discordantes, procedentes do Atlantico e do Pacifico, do equador e do polo antarctico, traziam-lhe o mar revolto em roda e o açoutavam com repetidas tormentas. Tudo parecia levar a crer que a natureza pozera com effeito alli aquelle termo á curiosidade dos homens, cercando-o de perigos e terrores para afugentar ainda os mais intrepidos navegantes. O cabo tornara-se legendario, e, não obstante as lições da observação e da experiencia, a interrogação do Gama accudia naturalmente aos labios das primeiras gerações que se lhe seguiram.

> Que ameaço divino, ou que segredo
> Este clima e este mar nos apresenta
> Que mór cousa parece que tormenta?

A sciencia despiu a ficção das idêas sobrenaturaes e mysteriosas que lhe andavam associadas, mas formou-lhe um conceito muito mais elevado. O phantasma que apparece ao Gama, suscitando embaraços aos navegantes e ameaçando-os de futuros castigos, é uma barreira entre dois mundos, um marco entre duas civilisações, uma balisa entre duas epochas. É o derradeiro paladino da natureza physica, bem como o velho do Rastello foi o ultimo defensor do mundo medieval. Os gemidos lamentosos do Adamastor resoarão sempre aos nossos ouvidos, como os ultimos arrancos da natureza vencida.

XXIII

TRICENTENARIO DE CAMÕES

ICONOGRAPHIA[1]

I

Começam ao mesmo tempo, no seculo XII, a historia da arte e a da monarchia portugueza. Nos tempos anteriores a historia artistica e politica dos povos que habitaram o territorio, que depois tomou o nome de Portugal, confunde-se na historia geral da Peninsula Iberica. Demais, da architectura e da esculptura christãs, anteriores ao seculo XII, tão raros vestigios ficaram nesta parte da Peninsula que, por si sós, não bastam para dar ideia clara das phases por que essas artes passaram e dos estylos usados pelos artistas nas differentes epochas.

Em Hespanha escasseiam tambem os monumentos dos seculos comprehendidos entre a queda do imperio do Occidente e o reinado de Fernando Magno. Mas, ainda assim, alguns vestigios interessantes demonstram o estado das artes em varias epochas d'esse longo periodo, o mais dilatado e o mais obscuro da edade media.

Subsiste de pé sem deformações posteriores a egreja de San Juan Bautista de Baños, proxima de Palencia, e edificada, se-

[1] Este artigo com o titulo de *Estatuas sepulchraes de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro,* foi inserto no primoroso livro do sr. Annibal Fernandes Thomaz: *Ignez de Castro,* etc. Lisboa, Typographia Castro & Irmão, 1880.

gundo dizem, por el-rei Recesvinto no anno de 610 [1]. Na provincia de Zamora, pouco distante da cidade de Toro, a egreja de San Roman de Hornija, cuja edificação se attribue a Chindasvinto em 646, apesar de ter sido posteriormente reedificada, conserva alguns restos importantes da sua fabrica primitiva [2].

Conhecem-se os outros fragmentos contemporaneos d'aquelles templos e tambem do mesmo estylo que os auctores hespanhoes denominaram *latino-byzantino*. Taes são os restos da construcção vulgarmente chamada *Cisterna* de Merida; os capiteis das basilicas wisigothicas de Cordova [3]; os capiteis e outros fragmentos de Toledo [4], etc.

Todos estes vestigios, e mais ainda as preciosidades achadas em Guarrazar [5], mostram que a arte wisigothica não foi pobre e miseravel, como geralmente se acreditava, e, o que não menos importa saber, que tanto na architectura como na esculptura dominava o estylo byzantino, cuja introducção na Peninsula de certo seria favorecida pelas relações dos reis wisigothicos com os imperadores do Oriente [6].

Ninguem ignora qual foi a influencia da invasão dos arabes na arte latino-byzantina da Peninsula. Não sómente causou a destruição de muitos monumentos, mas impediu tambem que a architectura e a esculptura christãs proseguissem na evolução apenas começada nos tempos da monarchia wisigothica. Esta evolução, interrompida por mais de um seculo, continuou depois de se fundar e fortalecer a monarchia asturiana. Entrou assim a esculptura christã numa phase nova, da qual restam curiosos vestigios na capella de S. Miguel ou Camara Sancta da sé de Oviedo e noutras egrejas proximas, cuja fundação se attribue a el-rei Affonso II, o Casto, que reinou desde o anno de 795 até ao de 843 [7]; em Sancta Maria de Naranco [8], S. Miguel de Linio ou Lillo [9], egrejas proximas de Oviedo e attribuidas a el-rei

---

1 *Museo Español de Antigüedades*, tom. I, pag. 561 a 571.
2 *Monumentos Arquitectonicos de España.*
3 *Monum. Arquit. de España.*
4 Idem.
5 Idem. *Museo Español de Antigüed.*, tom. III, pag. 113 a 132.
6 Idem, idem, pag. 265.
7 D. Manuel de Assas—*Nociones Fisionomico-historicas de la Arquitectura en España*—Semanario Pintoresco Español—Año XXIII pag. 305. Ácerca da Camara Sancta consultar-se-ha com grande vantagem a magnifica obra—*Monumentos Arquitectonicos de España.*
8 *Monum. Arquit. de España.—Recuerdos y bellezas de España.—Asturias*, pag. 76, 148 e 244. D. Manuel de Assas, in loc. cit.
9 Idem.

Ramiro (843 a 850): na ermida de Sancta Christina do concelho de Lena, a qual dizem ser do mesmo fundador; na egreja velha de S. Salvador de Valdedios, erigida por Affonso III o Magno[1]; e finalmente nas egrejas de S. Salvador de Priesca no concelho de Villaviciosa e de Sancta Maria de Sariego, construidas no seculo IX ou nos principios do seculo X[2].

Além da ornamentação singela e rude das egrejas mencionadas, onde se póde estudar o estylo da esculptura em Hespanha nessa epocha remota, contam-se ainda, entre os exemplares mais notaveis, os sepulcros do claustro de Covadonga[3]; a pia baptismal de Sancto Isidoro de Leão; e finalmente o tympano de uma fachada da egreja de S. Pedro de Barcelona[4].

Em Portugal não se conhece nenhum monumento da architectura christã, anterior ao seculo XI. Da esculptura haverá de certo vestigios que por incuria não têem sido registrados. Parecem attribuiveis a essa epocha uns baixos relevos do mosteiro de Chellas, perto de Lisboa[5]; uns fragmentos de pedra, talvez braços de uma cruz, achados nas ruinas de Condeixa a Velha e que hoje se conservam no Instituto de Coimbra; e finalmente os restos de uma antiga construcção por detraz da egreja de Leça de Balio. Estes ultimos vestigios, muito posteriores aos de Chellas, vêem a ser uma fresta esculpida, alguns capiteis cubicos, num dos quaes se vêem duas figuras com trajos e emblemas reaes, e por cima uma cabeça mettida num nicho. Apesar de unidas ao edificio da egreja de Leça do Balio, foram as paredes que contêem estas preciosas antigualhas vendidas com o quintal adjacente, e são hoje propriedade particular!

A raridade de vestigios artisticos em Portugal, anteriores ao seculo XI, não se explica sómente pela destruição dos monumentos, consequencia natural das repetidas invasões e da sanha dos invasores para com os templos eregidos para um culto differente

---

[1] D. Manuel de Assas, in loc. cit. *Monum. Arquit. de España.*

[2] D. Manuel de Assas, in loc. cit.

[3] *Monum. Arquit. de España.—Museo Español de Antigüed.*, tom. I, pag. 163.

[4] Citados por D. Manuel de Assas no *Museo Español de Antigüed.*, tom III, pag. 266. *Monum. Arquit. de España.* G. E. Street (*Gotic. Architecture in Spain*, pag. 413) julga duvidosa a antiguidade das egrejas que os auctores hespanhoes reputam anteriores ao seculo X. Quem tiver conhecimento da architectura da França nos seculos VII, VIII e IX, achará as egrejas de Hespanha, attribuidas a esse periodo, mais perfeitas. Mas isto mesmo acontece na Italia, onde, como em Hespanha, não influiram as causas que impediram o progresso das artes na França, naquella epocha remota.

[5] *Archivo Pittoresco*, tom. VII pag. 381.

por uma raça que lhes era estranha. O atrazo das artes não permittia nem solidas e duradoiras edificações, nem custosos lavores. Na segunda metade do seculo IX os monges de Lorvão mandavam vir de Cordova mestre Zacharias para as obras do mosteiro; o concelho de Coimbra pedia ao abbade que lh'o desse para fazer pontes sobre os pequenos ribeiros circumvisinhos, e o bom do abbade acompanhava o mestre cordovez, assistindo á construcção de pontes e de moinhos, como se foram obras grandiosas e verdadeiras maravilhas da architectura [1]!

Nessa epocha, além das guerras continuas que mudavam uma e mais vezes em cada seculo a raça e a religião dominante em cada cidade, além d'esta causa particular a certas provincias da Peninsula Iberica, outra causa geral se oppunha ao progresso e desenvolvimento das artes. Divulgara-se entre a christandade a crença de que no anno de 1000 se acabaria o mundo. Sob o sinistro influxo d'esta ideia aterradora os povos cahiram numa grande e geral apathia, e abandonaram a cultura das artes, cujos productos padeceriam com o mundo a mesma commum destruição. Recuperados porém de panico tão infundado, estabelecidas relações mais intimas e mais duradoiras entre o Occidente e o Oriente, enriquecidas as ordens religiosas com as doações e testamentos que o receio do fim do mundo motivára, emfim sob o estimulo de outras influencias sociaes, a architectura e a esculptura tomaram tal incremento, que se póde considerar o seculo XI como uma epocha de renascimento da arte christã no occidente da Europa.

Já noutra parte dissemos como por esse tempo se definiu e generalisou o estylo romão, romanico ou romano-byzantino, que na Peninsula parece ter penetrado no reinado de Fernando Magno [2]. Em Portugal o seu maior desenvolvimento começou com a fundação da monarchia.

A figura do homem e as dos animaes, que antecedentemente raras vezes se imitavam na pedra, e sempre com grande timidez e incorrecção, tornaram-se um dos elementos mais communs e importantes de um estylo a cuja ornamentação, creada pela phantasia opulenta dos orientaes, muito bem se adaptavam as scenas vivas e animadas. Os arcos e os capiteis eram principalmente as partes escolhidas para a representação esculptural de assumptos

---

[1] Fr. Manuel da Rocha, *Portugal Renascido*, pag. 396.
[2] *Reliquias da Architectura romano-byzantina em Portugal.*

biblicos, historicos, particulares aos fundadores ou aos architectos, e algumas vezes profanos e até obscenos.

Já não são raros em Hespanha os vestigios da arte christã no seculo XI. Entre outros especialisaremos a sé e a egreja de S. Daniel de Gerona [1], o Pantheon e Sancto Isidoro de Leão [2], tres naves da collegiada de Santilhana [3], a sé de S. Thiago [4], a sé d'Avila [5], o claustro do mosteiro de Sancta Maria la Real de Aguilar de Campoo [6], etc.

Em Portugal serão talvez do seculo XI Cedofeita; S. Miguel do Castello juncto de Guimarães; Sancta Maria de Almacave, em Lamego; os restos da antiga egreja de Villar de Frades a par com a fachada da egreja actual; a volta de um arco do mesmo genero da porta da sé de Braga.

II

Torna-se-hia demasiadamente longa a lista das edificações do seculo XII em Hespanha. E talvez não fosse menos extensa a de Portugal no mesmo seculo, apesar da inferioridade numerica da população e da menor extensão do territorio. A fundação da monarchia assignala-se por innumeras construcções religiosas não sómente nas terras que já eram possuidas pelos christãos, mas tambem n'aquellas que a valorosa espada de Affonso Henriques arrancára ao poder dos mouros.

A estatuaria porém não acompanhou no seu grande desenvolvimento a architectura e a esculptura. As estatuas produzidas pela arte christã são raras em Hespanha, nenhumas talvez em Portugal, até ao fim do seculo XII.

Nem merecem o nome de estatuarios os auctores das estatuas mais antigas. Muitas vezes eram os proprios architectos, monasticos ou leigos, e até pedreiros ou canteiros, que usurpavam o

---

[1] Street, *Gothic. Architecture in Spain.*
[2] Idem. *Monum. Arquit. de España.*
[3] Semanario Pinturesco Español, vol. cit.
[4] Street—Op. cit.
[5] Idem, *Monum. Arquit. de España.*
[6] *Museo Español de Antigued.*, tom. I pag. 587 a 620.

logar de esculptores. Ainda na propria Italia eram muito toscas as estatuas d'esses tempos remotos.

Denotam claramente a infancia da arte as estatuas de Fernando Magno e Affonso VII nas egrejas de Santo Izidoro de Leão e do mosteiro de Carracedo [1]; as estatuas da porta de S. Vicente de Avila, que se diz serem de D. Affonso VI, de sua filha D. Urraca e do marido d'esta, D. Raymundo de Borgonha; e bem assim os baixos relevos dos sepulcros de D. Sancho III e de sua mulher D. Branca de Navarra no mosteiro das Huelgas perto de Burgos, e do sepulcro das filhas de D. Ramiro I de Aragão, que foi trasladado do mosteiro de Sancta Cruz de las Sorores, perto de Jaca, para a nova egreja da mesma cidade [2]. Estes ultimos baixos relevos têem notaveis analogias, quanto ao estylo, com os do tumulo de Egas Moniz, que se conserva na egreja do Salvador de Paço de Sousa [3]. Restam deslocadas no claustro da sé de Evora a campa do bispo D. Durando e algumas outras, cujas estatuas de granito, em seu tosco e grosseiro lavor, confirmam o que dissemos relativamente á falta de artistas especiaes para as obras de esculptura. Entre a estatua do bispo D. Durando e o edificio da sé de Evora, consideradas, a primeira como obra de esculptura e a segunda como obra de architectura, parece terem decorrido seculos. E todavia o tumnlo do edificador não é mais antigo que a edificação.

As estatuas das pessoas reaes nos seus tumulos respectivos seriam os documentos mais interessantes para a historia da estatuaria portugueza durante os dois primeiros seculos que se seguiram á fundação da monarchia. As estatuas dos tumulos do conde D. Henrique e da condessa D. Thereza na sé de Braga, bem como as de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I na egreja de Santa Cruz de Coimbra, não servem ao nosso proposito por serem do seculo XVI. As originaes, se as houve, inteiramente se perderam.

São muito imperfeitas as dos reis D. Affonso II e D. Affonso III em Alcobaça, e tambem a do bispo D. Egas Fafes na sé velha de Coimbra, o qual falleceu em 1268, e foi portanto contemporaneo d'este ultimo monarcha. Nas estatuas d'estes tumulos, bem como naquellas que já dissemos conservarem-se no claustro da sé de Evora, o desenho é incorrectissimo. As fórmas são irregulares e sem verdade anatomica, as linhas do rosto duras, as

---

[1] *Iconographia Española,* tom. I.
[2] Idem.
[3] *Archivo Pittoresco,* tom. III, pag. 273.

das roupagens angulosas, mostrando quão embaraçados se viam os artistas para imitar com o cinzel as curvas e as ondulações das partes do corpo e das grandes vestes talares.

O tumulo de D. Vetaça, companheira da rainha Sancta Izabel, e aia do infante D. Affonso, no mesmo templo, é já menos imperfeito. Mas onde melhor se conhece o ponto a que se elevou quasi de subito, nos reinados de D. Diniz e de D. Affonso IV, a estatuaria e, mais em particular, a ornamentação dos monumentos sepulcraes, é nos tumulos d'aquelle monarcha em Odivellas, e de sua esposa, a rainha Sancta Izabel, em Sancta Clara de Coimbra.

A architectura que, durante os reinados anteriores, se conservára estacionaria ou em decadencia, relativamente ao grande incremento e perfeição que tivera logo depois da fundação da monarchia, desenvolveu-se tambem de um modo notavel no reinado de D. Diniz. O velho claustro de Alcobaça, as ruinas da egreja de Sancta Clara juncto da ponte em Coimbra, algumas construcções das ordens de S. Domingos e de S. Francisco, introduzidas pouco tempo antes no reino, mostram claramente este rapido progresso da architectura portugueza. Para este facto importante concorreram duas ordens de causas, umas externas e outras internas.

O seculo XIII foi o seculo das grandes cathedraes. Fundaram-se a de Colonia, na Allemanha; as de Chartres, Nossa Senhora de Paris, Amiens, Reims e Beauvais, na França; a de Sancta Gudula de Bruxellas na Belgica; as de Burgos e Toledo na Hespanha; as de Salisbury, York e a abbadia de Westminster em Inglaterra.

A necessidade de aperfeiçoar a estatuaria para a ornamentação d'esses templos grandiosos estabeleceu a differenciação entre a architectura e a esculptura, e deu logar á fundação de escholas de esculptores. Tornou-se sobre tudo notavel a de Nicolau de Pisa, da qual irradia um novo estylo para a Peninsula, primeiro para as provincias de Aragão e Catalunha, depois para as mais distantes d'aquelle grande centro artistico.

Por outra parte as condições da sociedade portugueza, de hostis que antecedentemente eram, tinham-se tornado favoraveis ao desenvolvimento das artes. El-rei D. Diniz, subindo ao throno apenas com dezoito annos de edade, mas com uma intelligencia robusta e uma educação esmerada, achou o reino livre das influencias desorganisadoras que haviam inquietado os seus ascendentes — as guerras com os mouros; as dissensões intestinas; as discordias entre a corôa e a curia romana. Nos ocios da paz pôde e soube dar notavel impulso á agricultura, á administração, ás

sciencias e ás lettras. Não permaneceram estranhas a este grande movimento a architectura e a esculptura:

> Nobres villas de novo edificou,
> Fortalezas, castellos mui seguros;
> E quasi o reino todo reformou
> Com edificios grandes e altos muros [1].

III

Em Hespanha os monumentos sepulcraes do seculo XIV distinguem-se notavelmente dos anteriores, não só pelo desenho geral, mas tambem pela mais apurada esculptura de cada uma das partes. Merecem particular menção os tumulos de D. Pedro III e D. Jayme II de Aragão e de sua esposa D. Branca no mosteiro de Sanctas Cruzes de Catalunha, de D. Lopo de Luna, arcebispo de Saragoça, na capella de S. Miguel na sé d'aquella cidade, de D. Filippe Boil na sala capitular do extincto convento de prégadores em Valença, e outros [2]. Avantajam-se porém a estes monumentos, não na perfeição das estatuas nem nas geraes dimensões, mas na delicadeza, variedade e phantasia da ornamentação, os tumulos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro na egreja do mosteiro de Alcobaça.

São estes tumulos de marmore branco e profusamente exornados com assumptos religiosos e allegorias em quadros de meio relevo no estylo ogival. Elegantes baldaquinos de fino e delicadissimo lavor protegem as cabeças das estatuas. Aos pés vêem-se cães, symbolo da fidelidade.

Nota-se a maior variedade nos objectos representados nas faces dos sepulcros — anjos tocando orgãos portateis; o martyrio de S. Bartholomeu; os passos da vida de Jesus Christo; Judas enforcado na figueira e o demonio a arrancar-lhe do ventre a alma, representada por uma figurinha humana; D. Pedro e D. Ignez numa janella geminada, separados pelo columnello do meio, em attitudes supplicantes, e olhando para cima, como a implorarem logar no céo; uma grande composição do juizo final, que occupa toda a face correspondente aos pés da estatua de D. Ignez de Castro, etc.

---

[1] Camões, *Luziadas*, Cant. III, Est. 98.
[2] *Iconographia Española*, tom. I.

Ambas as estatuas foram adornadas com mantos e corôas reaes. Alguns anjos as rodeiam, uns como se pretendessem levantal-as da terra ao céo, outros incensando-as e parecendo indicar no movimento dos thuribulos a elevação ao alto.

A estatua de D. Ignez de Castro tem um grande collar ao peito; uma luva calçada na mão esquerda, e nesta mesma apertada a da mão direita. Os dedos das luvas são cortados e pelos d'aquella que está calçada sahem as extremidades dos dedos com as unhas. O tumulo de D. Ignez de Castro tem em volta da tampa uma cercadura em que se alternam uns escudos com as armas reaes e outros com as seis arruelas ou bezantes dos Castros.

A estatua de el-rei D. Pedro faz menção de desembainhar a espada, apresentando o braço direito numa posição acanhada e constrangida. A barba e bigode, frisados, dividem-se em partes encaracoladas. Este costume, que já tinham os monarchas Sasamidas da Persia, continuou até ao seculo XIV, pelo menos nas estatuas sepulcraes, pois se observa noutros monumentos de Hespanha.

A importancia d'estas estatuas consiste, não na esculptura, mas em se poderem julgar copias mais fieis dos originaes que os retratos, pintados em epochas muito posteriores. Apesar do atrazo da estatuaria, havia na edade media certo cuidado em perpetuar na pedra com a possivel fidelidade as feições do defuncto. Assim é por exemplo que na estatua de Henrique II de Castella, na sé de Toledo, se conhecem alguns signaes de lhe terem modelado a face por uma mascara tirada do natural depois da morte. Este processo, usado pelos antigos, apparece renovado, pelo menos desde os principios do seculo XIV [1].

Além d'isso, como os sepulcros foram lavrados em tempo de el-rei D. Pedro, é provavel que os rostos das estatuas não ficassem muito differentes dos originaes. Este monarcha mandou fazer conjunctamente, e segundo parece pelo mesmo artista, os dois moimentos, um para D. Ignez de Castro, outro para si proprio [2]. Ha outros exemplos d'este costume no seculo XIV. D. Jayme II de Aragão, quinze annos antes da sua morte, mandou lavrar um sepulcro ao architecto Bertran de Richer, na egreja do mosteiro de Sanctas Cruzes da Catalunha, onde com effeito foi sepultado [3].

---

[1] *Iconographia Española*, tom. I.
[2] Ruy de Pina, *Chronica d'el-rei D. Pedro.*
[3] *Iconographia Española*, tom. I.

Os restos mortaes de D. Ignez de Castro jaziam no mosteiro de Sancta Clara, junto do qual eram os paços onde foi assassinada. El-rei D. Pedro mandou fazer a trasladação com grande pompa e solemnidade. O corpo foi transportado numas andas muito ricas, levadas por cavalleiros, com grande acompanhamento de fidalgos, damas, donzellas, cleresia e muita outra gente. Pelo caminho formavam alas homens com cirios accesos, por meio dos quaes o prestito percorreu as dezesete leguas que se contavam de Coimbra a Alcobaça. «E, diz o chronista, foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa quel tempo em Portugal fora vista[1].»

Por vezes têem sido estes e outros dos tumulos reaes de Alcobaça profanados. A primeira profanação conhecida foi a de el-rei D. João III, em quem pôde mais a curiosidade que a piedade nessa occasião, no mez de setembro de 1524. Em agosto de 1569 repetiu el-rei D. Sebastião a mesma diligencia[2].

Diz-se que do mesmo modo procedera em 1704 o archiduque Carlos d'Austria, que mais tarde foi Carlos VI, imperador da Allemanha. Finalmente a soldadesca da divisão do conde de Erlon, em 1810, arrombou o sepulcro de D. Ignez de Castro, deixando um lado em termos de se não poder restaurar, e tirou o cadaver de D. Pedro I para o depositar aos pés de um altar da egreja.

---

[1] Ruy de Pina, op. cit.
[2] Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Hist. Chron. e Crit. de Alcobaça*, pag. 18.

XXIV

A CITANIA DE BRITEIROS

I

Ignora-se na Peninsula a historia dos povos que antigamente a habitavam e foram subjugados, depois de longa e porfiada lucta, pelos exercitos de Roma. Além de mui pouco se terem occupado dos seus costumes e organisação social, os auctores antigos escreveram umas vezes apaixonadamente, outras vezes tão mal informados, que muitas das suas asserções havemos de desprezal-as por duvidosas ou de rejeital-as por inadmissiveis. Serão portanto de grandissima utilidade todos os monumentos que, por qualquer fórma, nos esclareçam em assumptos tão importantes como obscuros.

Na França conhecem-se já muitas estações de antiguidades gaulezas; têem sido exploradas ruinas de povoações em Laudunum, Mursens, Beuvray e outros logares; publica-se o grande *Dictionnaire archéologique de la Gaule*, que, ainda incompleto, contém os desenhos e as descripções d'esses monumentos, que, melhor que as tradições escriptas, nos representam as particularidades mais interessantes da vida social dos povos a que pertenceram.

Na França, porém, e noutros paizes os governos e os municipios promovem e subsidiam estas explorações dispendiosas, fundam museus para a conservação dos objectos recolhidos pelos exploradores; animam e convidam a estes estudos por meio dos congressos e conferencias; põem todos os esforços para que se

estudem, interpretem e guardem todos os vestigios que possam lançar alguma luz por entre as densas trevas que involvem a historia dos mais antigos dos povos. Nem são raros os exemplos de homens illustrados, que, por si sós ou associados, tomam á sua conta explorações importantes, e publicam em livros especiaes ou nos periodicos de archeologia os resultados dos seus trabalhos. Assim se vão colligindo os documentos que servirão para se escrever a historia positiva e verdadeira das origens dos povos.

Infelizmente porém na Hespanha e em Portugal não se têem feito explorações similhantes, não se têem desentranhado da terra e posto á luz do dia os vestigios das civilisações antigas. Apenas as antiguidades romanas num ou noutro logar foram objecto de alguma curiosidade, os vestigios phenicios de Yecla, e recentemente as antigualhas prehistoricas da edade da pedra. Mas as antiguidades celticas da Peninsula têem ficado inexploradas, e portanto desconhecidas. Este importantissimo estudo começa hoje nas interessantes ruinas da Citania de Briteiros; e deve-se a um homem só, a um cavalheiro illustrado, que, no meio da provincia, longe, independente e até desprezado dos poderes centraes, tem, á custa de grande trabalho e despeza, colligido os primeiros subsidios para a historia da antiguidade celtica em Portugal.

II

Posto que não estejam todos accordes a respeito do character celtico dos vestigios encontrados, entendemos em nossa humilde opinião que nenhuma outra hypothese corresponde melhor, nem dá mais satisfactoria explicação aos factos observados. A existencia da Citania durante a epocha da dominação romana prova-se pelas moedas romanas e pelas inscripções lapidares alli encontradas. Que apezar d'isso muitos dos costumes dos habitantes da Citania não eram romanos, porém d'uma civilisação anterior, prova-se com egual evidencia: 1.º Pela fórma circular ou elliptica de muitas das casas; 2.º Pelo apparelho dos muros, feitos de pedras juxtapostas, faceadas sómente pela parte exterior; pela disposição em series espiraes das pedras nalgumas das casas; e finalmente por ser revestida a parede exterior de pedras maiores por outro apparelho interior de pedras pequenas: ninguem por certo se encarregará de sustentar que fossem romanas taes particularidades das construcções da Citania; 3.º Pela ornamentação esculptural da Pedra formosa e de outras lapidas, nalgumas das

quaes se nota a discordancia dos characteres romanos das inscripções com os ornatos essencialmente diversos do estylo romano; 4.º Pela ornamentação de alguns fragmentos de ceramica; 5.º Finalmente pelos fragmentos de esculpturas que representam a figura do homem ou dos animaes, em que tambem faltam os characteres distinctivos da arte romana.

Os habitantes da Citania pertenciam portanto a um povo que sómente em parte adoptou os costumes dos dominadores, conservando outros proprios, de cuja penetração pela epocha romana ha toda a evidencia nos factos mencionados. Mas qual era esse povo, cuja resistencia ao influxo de uma nova civilisação se patentêa em tantos e tão claros vestigios? Já dissemos que era um povo celtico. Tentaremos demonstral-o por dois methodos differentes.

As regiões de Entre-Douro e Minho, ou comprehendidas na Lusitania, como parece ter acontecido em epochas mais antigas, ou d'ella separadas e fazendo parte da Galliza, como em tempo de Augusto, eram d'aquellas que os auctores nos dizem povoadas por celtas. Esta divisão dos povos peninsulares em celtas ao occidente, iberos ao oriente e celtiberos nas regiões intermedias ou interiores, modernamente contestada por alguns, está todavia em concordancia com as indicações dos monumentos prehistoricos, as quaes provam claramente a antinomia de civilisação vinda pelo Atlantico ás regiões occidentaes e representada pelos dolmens, com a civilisação vinda pelo Mediterraneo ás provincias orientaes e representadas pelos monumentos pelasgicos. Emquanto numa longa faxa semicircular, que principia na parte mais interna do golfo da Biscaia, e comprehende ao norte Alava e Santander, ao occidente a Galliza, Portugal, e parte da Extremadura hespanhola, e ao meiodia a Andaluzia, se encontram dolmens e outros megalithos da civilisação dolmenica, ao oriente nas provincias de Valencia e Catalunha faltam inteiramente os dolmens, encontrando-se pelo contrario os vestigios das construcções pelasgicas, que se seguem desde a sua origem na Bithynia, no Caucaso, pela Thracia, Grecia, Italia, Sardenha e ilhas Baleares, até ás regiões orientaes da Hespanha. Encontram-se ainda na Andaluzia; mas aqui, na galeria da Cueva de la pastora, vêem-se os dois estylos reunidos e characterisados pelas lages verticaes e horizontaes dos dolmens e pela abobada incompleta da camara circular. Ora a abobada, inteiramente extranha á architectura dolmenica, encontra-se pelo contrario em muitas das construcções pelasgicas.

Estas indicações, resultantes do exame e comparação, que até hoje ninguem fizera dos monumentos da architectura prehistorica,

confirmam até certo ponto a historia na parte em que nos falla da antinomia dos povos orientaes com os occidentaes, mostrando a existencia de tal antinomia já na epocha da pedra polida. E assim, podendo acceitar-se menos duvidosamente a distincção dos povos peninsulares em celtas ao occidente e iberos ao oriente, concluiremos que as regiões de Entre-Douro e Minho seriam na verdade povoadas pelos primeiros.

III

Depois de haver determinado *a priori* o povo a que pertenceram os habitantes da Citania, segue-se naturalmente a demonstração *a posteriori*, que tem por base fundamental a classificação dos vestigios encontrados por meio da comparação d'elles com outros conhecidos. Porisso os resultados d'este methodo devem conduzir a uma conclusão mais evidente e positiva. Confessaremos porém que sómente poderá ser empregado, com inteira vantagem, por quem possuir conhecimentos especiaes das antiguidades celticas de outros paizes. Pela nossa parte sentimos não saber dizer neste ponto senão muito pouco, mas ainda assim talvez o sufficiente para confirmar a solução anterior.

A fórma redonda das casas não sómente foi notada por Strabão e outros auctores na Gallia e noutras regiões habitadas por povos da raça celtica, mas tem sido verificada em França e Inglaterra, onde, diz De Caumont, se têem encontrado casas celticas mais frequentemente ovaes que redondas, e algumas vezes rectangulares.

Estas casas a que se refere o archeologo francez eram construidas, como as da Citania, com pedra insossa. Em Mursens o apparelho pela parte exterior era de pedras maiores, pela parte interior de pedras pequenas ou substituido por um revestimento de barro, o que tudo exactamente se vê na Citania de Briteiros.

O apparelho das casas e ainda mais o das muralhas poderia chamar-se cyclopeo. Nem falta nalgumas casas o apparelho de pedra miuda por dentro do apparelho maior, como se observa em monumentos pelasgicos da Italia e de outras regiões. Mas, apezar de todas estas apparencias, não classificaremos entre os pelasgicos os monumentos da Citania. A abundancia do granito e a falta da cal seriam causa de se conservar por tanto tempo aquelle modo de construir. Ainda hoje por aquelles sitios fazem muros similhantes aos da antiga povoação. As condições locaes

que conservam o mesmo costume nos campos, influiriam outr'ora na Citania.

Têem sido muito poucas as moedas encontradas, e estas pela maior parte romanas. Mas achou-se tambem uma moeda celtica, que infelizmente se perdeu. Esta circumstancia é muito importante, e merece ser tomada em consideração.

Nos fragmentos da ceramica conhecem-se uns os characteres da ornamentação prehistorica, noutros os das fórmas e ornamentação romana. Alguns differem consideravelmente do primeiro e do segundo typo, e entre esses vimos um com a figura de um cavallo esculpida. Ora este animal era symbolico entre os celtas.

Os fragmentos da estatuaria são poucos e muito deteriorados. Entretanto talvez que um estudo attento e minucioso faça descobrir alguma analogia entre esses fragmentos e estatuas gallaicas achadas no Minho e em Traz os Montes.

Ignoramos se o estylo da ornamentação da Pedra formosa e de outras lapidas será conhecido noutras estações celticas. Pela nossa parte não sabemos d'outro congenere. Parece-nos mais analogo ao estylo de alguns ornatos prehistoricos do que ao dos historicos até hoje conhecidos e classificados. A *Pedra formosa* não póde ser altar, como alguns têem julgado, acceitando a tradição repetida por Argote. A sua posição natural deve ter sido vertical e não horizontal. É o que se deprehende da sua fórma e do desenho dos ornatos.

IV

Citania não é nome proprio. Noutros montes de Entre-Douro e Minho ha tambem ruinas de povoações antigas, que denominam *Citanias*. Algumas vezes esta palvra transforma-se em *Cinania*. No monte de Roriz do concelho de Barcellos e na distancia de 7 kilometros d'esta villa ha umas ruinas de povoação antiga, muito similhantes ás da Citania de Guimarães. Mas em vez de lhes darem este nome chamam-lhes *Çanoana*, corrupção provavel de *Cinania*.

Na primeira syllaba da palavra *Citania* apparece-nos, bem como em *Civitas*, a fórma dupla sanskrita *kshi* e *ki*, deitar-se, habitar. Na ultima parte da palavra ou se póde considerar a fórma punica *tan*, ou mais provavelmente a palavra celtica *hana* on *hanouth*, habitar, acampar; ou habitação, acampamento. Neste caso a palavra Citania seria formada de duas outras com a mesma

significação, phenomeno philologico observado em varias designações locativas [1].

Do cimo do monte de S. Romão de Briteiros avistam-se outros montes distantes, nalguns dos quaes se encontram tambem ruinas de povoações. Eram outras Citanias, similhantemente habitadas numa epocha de luctas e correrias, que obrigavam a buscar as alturas inaccessiveis, abandonadas mais tarde, quando uma alteração profunda nas condições sociaes fez com que os povos preferissem os valles e as planicies ferteis e apraziveis ás aridas e improductivas cumiadas das montanhas.

Na edade-media repetiu-se o mesmo facto. Edificaram-se villas e castellos pelos cumes dos montes. D'estas povoações algumas estão ja inteiramente abandonadas, outras não tardarão a padecer a mesma sorte; outras, finalmente, subsistirão por mais tempo por virtude de circumstancias particulares que lhes asseguram a duração.

A Citania de Guimarães parece que da mesma sorte seria abandonada pelos habitantes. Em tantas casas desenterradas rarissimas moedas têem apparecido. Esta falta, e a de armas e outros objectos necessarios á vida, fazem menos provavel a hypothese de saque e demolição violenta. As casas da Citania devem ter sido despejadas tranquillamente antes de se desmantelarem. Mas algumas das muralhas, feitas de pedras maiores, parece terem sido demolidas de proposito, denotando assim que ao abandono, e não ao saque, se seguiria a demolição.

Qual seria o nome da cidade? Os auctores antigos não nos subministram dados para a solução d'este problema importante. Em varias pedras e fragmentos de barro, achados nas ruinas, apparece em characteres romanos a palavra *Camal*. Ultimamente achou-se uma lapida com a seguinte inscripção em characteres romanos alterados: *Corneri Camali Domvs*. Porque razão se encontra com tanta frequencia esta palavra na Citania? Eis aqui outro problema reservado á paciencia dos philologos [2].

As explorações do sr. Martins Sarmento têem chamado a attenção de algumas pessoas de outras terras do Minho para ruinas de povoações antigas, proximas d'essas terras. As mais notaveis e

---

[1] A palavra *Cythiau*, que no paiz de Galles designa as ruinas de antigas povoações gaelicas, parece analoga á palavra *Citania*. Os signaes das rochas de Briteiros são tambem similhantes a outros apparecidos nas regiões septemtrionaes da Grã-Bretanha. Emfim um estudo comparativo das construcções antigas revelaria de certo outras analogias.

[2] Além dos characteres romanos ha outros, ainda não classificados. Em certas inscripções nota-se a mistura dos primeiros com os segundos.

mais similhantes ás da Citania são as do monte da freguezia de Roriz, perto de Barcellos. As casas são tambem ciculares, ovaes ou quadrangulares. Esta fórma curvilinea tinha já sido notada pelo sr. Vila-amil nos castros de Galliza, especialmente nos de Zoñan,Villamar, Riotorto e Recadieira, em certas construcções que julgou teriam sido fornos, mas que, pelo seu numero e pela falta de vestigios de habitações proximas, mais parece teriam sido casas, como as das Citanias de Entre-Douro e Minho.

As ruinas do monte de Sancta Luzia, perto de Vianna, pela fórma e apparelho das casas, pelo grande numero de moedas alli encontradas, apezar de estarem em principio as explorações, deverão antes considerar-se de uma povoação romana, em que os costumes do povo indigena seriam mais inteiramente substituidos pela influencia da nova civilisação. As circumstancias geographicas, taes como a proximidade de portos de mar ou de grandes vias militares, explicarão as differenças que se vão observando entre os diversos logares.

V

Não são muitos os objectos de bronze até hoje encontrados. Entre elles avultam as *acus comatoria* e os fragmentos de *torques*. As *acus* são muito similhantes ás das palafittas da Suissa. Mas, apezar d'esta similhança, serão talvez contemporaneas das moedas romanas. Entretanto restam ainda muitos fragmentos de barro com os characteres dos que se encontram nas estações prehistoricas. Todos porém nos pareceram de vasos feitos ao torno. Corresponderão á epocha romana, admittindo-se a conservação de um antigo processo entre os indigenas e a importação dos vasos mais perfeitos, ou convirá reportal-os a periodos anteriores?

O penedo furado não é um dolmen, como em principio se julgava. Pela comparação d'esta rocha com outras proximas, provou-se que faz parte do esqueleto granitico do monte e que o desgaste que soffrera fôra natural.

O penedo da moura parece ter sido uma gruta artificial. Não tem o typo dos dolmens, as pedras anteriores são uma parte natural do monte, e foram aproveitadas para sobre ellas collocarem a grande pedra horizontal. A inclinação do monte, que por esta parte é muito ingreme, muito mais que por qualquer dos outros lados, oppõe-se tambem a que se classifique o penedo da moura entre os dolmens. Na Citania de Barcellos dizem haver penedos

com cavidades artificiaes, e um com suas parecenças de dolmen ou anta informe. Conviria examinar estes vestigios para tirar alguma conclusão geral. Mas é possivel que a tendencia do espirito humano para ver nas mais extranhas das alterações naturaes a mão do homem, influisse no modo por que taes cousas foram julgadas.

VI

No dia 9 de junho concorreram á Citania, por convite do sr. Martins Sarmento, muitos cavalheiros de Lisboa e outras terras do reino para examinarem os resultados das explorações. Depois de terem percorrido as ruas e visitado as casas da Citania, discutindo animadamente ácerca dos numerosos objectos offerecidos ao seu exame, serviram-se de um magnifico *lunch* no cimo do monte, debaixo de um vistoso pavilhão. Nos brindes numerosos e enthusiasticos revelou-se a admiração dos convivas pela importancia das explorações e pela grandeza de animo e altos brios do explorador. O Instituto mereceu a honra de um brinde ao sr. dr. Pereira Caldas, a quem agradeceu o auctor d'estas linhas.

Á noite continuou a festa em Guimarães num esplendido baile, offerecido, no palacio do sr. Martins Sarmento, pela cidade aos conferentes. Todos se empenhavam em mostrar o muito que apreciavam a visita de tantos cavalheiros illustrados e a importancia scientifica do fim com que tinham vindo a Guimarães.

No dia seguinte visitaram os conferentes a egreja de Nossa Senhora da Oliveira, e resolveram pedir á collegiada que mandasse restaurar o claustro, talvez o mais antigo de Portugal, e notavel pelas excellentes esculpturas de estylo romão.

Á noute reuniram-se outra vez em casa do sr. Martins Sarmento e ahi discutiram mais de espaço as ruinas da Citania, depois do que se resolveu a fundação da Associação archeologica *Martins Sarmento.* D'este modo quizeram os conferentes dar um publico testimunho de reconhecimento ao homem que em Portugal conseguira realizar a primeira exploração methodica e racional das ruinas de uma cidade inteira, e reunir o primeiro congresso archeologico para examinar e julgar o resultado d'essa exploração. E tudo isto fez até hoje por si só e sem extranho auxilio. O governo portuguez não interveiu ainda numa empresa, cuja importancia a todos se manifesta, e que já podemos chamar uma gloria nacional!

XXV

CONFERENCIAS RESUMIDAS

(EXTRACTOS DO INSTITUTO)

I

Secção de Archeologia—Acta da sessão de 28 de maio de 1876

Presidencia do sr. Miguel Osorio.—Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, dr. Augusto Filippe Simões, conselheiro Francisco de Castro Freire, Manuel da Cruz Pereira Coutinho e o secretario.

Depois de aberta a sessão compareceram ainda os srs. dr. José Epiphanio Marques e dr. Luiz da Costa e Almeida. Assistiu tambem a esta sessão o associado correspondente, o sr. Seabra d'Albuquerque. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente. O secretario participou que o sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, vice-presidente do Instituto, se inscrevera como membro da Secção de Archeologia. O sr. presidente, interpretando os sentimentos da Secção, manifestou ao sr. dr. Luiz da Costa o seu contentamento por esta noticia.

O secretario apresentou uma Memoria, que se inscreve: *Os Gregos no Noroeste da Iberia,* escripta e offerecida á Secção pelo

associado correspondente, o sr. Francisco Martins Sarmento. O sr. dr. Filippe Simões apresentou uma *Memoria historica sobre a fundação da sé de Evora e suas antiguidades*, escripta e offerecida á Secção pelo associado correspondente, o sr. Antonio Francisco Barata.

Resolveu-se que se agradecessem as offertas d'estas Memorias aos seus auctores; e incumbiu-se ao sr. dr. Filippe Simões o censurar a Memoria do sr. Barata, e ao sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto o censurar a do sr. Martins Sarmento, para que, se obtiverem parecer favoravel, se mandem imprimir no jornal — *O Instituto*.

O sr. dr. A. Filippe Simões apresentou um exemplar do Relatorio e Projectos da commissão nomeada por decreto de 10 de novembro de 1875 para propôr a reforma do ensino artistico e a organisação do serviço dos museus, monumentos historicos e archeologicos. Apresentou um opusculo do associado correspondente, o sr. Gabriel Pereira, traducção do livro de Mooyer que tracta das Invasões dos Normandos na Peninsula Iberica.— Propoz ao exame da Secção quatro moedas de cobre romanas, que dizem achadas na Troia defronte de Setubal e na sua opinião falsas e fabricadas muito recentemente. Offereceu, para serem depositados na collecção da Secção de Archeologia, quatro machados de pedra polida achados em Cantanhede, e outros seis machados tambem de pedra polida encontrados no Alemtejo, pela maior parte em Bencatel, no districto de Evora; uma machadinha de bronze da mesma provincia; uma ponta de lança de cobre com restos da haste de páo sancto e que deve ter procedido dos Selvagens modernos, talvez do Brasil; e finalmente um fragmento de cimento romano do Alemtejo. Fez algumas considerações sobre os objectos prehistoricos descobertos em Portugal. Deu os esclarecimentos que na sessão anterior promettera ácêrca dos objectos romanos achados em Alcacer do Sal. Disse que em varias epochas haviam apparecido nas cercanias d'esta villa moedas e outras antiguidades romanas que fizeram suppôr ser aquelle o sitio da antiga Salacia, apezar de não haver perfeita concordancia com o Itinerario de Antonino. Que em maio de 1874 se fizera o achado mais importante de que havia noticia num olival proximo da villa e pertencente ao sr. Antonio de Faria Gentil. Tractava-se de nivelar o terreno para fazer o calcadouro de uma eira, e em pequena profundidade appareceram muitos objectos que mostram ter havido naquelle logar uma necropole. Fallou em primeiro logar dos vasos de barro dos que denominam etruscos, muito notaveis pela perfeição do fabríco e pela ornamentação. Eram quatro estes vasos, porém infelizmente os trabalhadores que andavam na excavação

partiram dois. Os outros dois restantes são um *acetabulum* ou *oxibaphon* e um *pelikê*. O primeiro, de maiores dimensões, tem o bojo ornado com duas scenas mythologicas. A primeira e principal representa um sacrificio. Deante do loureiro sagrado a Apollo está um altar, sobre o qual arde a lenha para o sacrificio. Dois ministros approximam do altar os espetos com as carnes das victimas. Tres outras figuras parece acompanharem com hymnos ou outros cantos sagrados a cerimonia do sacrificio. Na parte opposta vê-se uma bacchante inteiramente nua agitando o tympano e dançando entre dois satyros. É para lamentar que os processos empregados para alimpar os vasos da terra que os incrustava deteriorassem as pinturas fazendo-lhes perder grande parte da belleza e dos contornos. No vaso menor não era já possivel classificar os assumptos representados de uma e de outra parte do bojo. Outro objecto ainda mais notavel era uma mascara de barro representando uma mulher de trinta annos com olhos e cabellos castanhos e a tez vivamente rosada, tendo-se conservado bem o colorido. Esta mascara é de barro muito fino, talvez saguntino, e a encarnação é feita por uma especie de estuque applicado sobre o barro. Nos pontos onde o estuque saltou fóra, vê-se que por baixo ha outra mascara de homem barbado, ou antes que haviam coberto a mascara de um homem com estuque para representarem uma cara de mulher. Na parte superior ha um orificio que deve ter servido para suspender a mascara. Sabe-se que os romanos usavam collocar nos atrios das casas mascaras de cera representando os antepassados ou principaes da familia (*imagines majorum*). Parece que a mascara de Alcacer serviria para similhante fim; mas é muito para notar-se o ser de barro, fallando os archeologos sómente das de cera. Appareceram tambem na necropole de Alcacer outros objectos de barro menos importantes, como vasos ordinarios de varias fórmas e dimensões; lampadas, algumas das quaes com os nomes dos fabricantes; e finalmentes os discos furados no centro, que se encontram numerosos nos antigos jazigos das povoações romanas e cujas applicações se ignoram, não faltando quem supponha que teriam relação com algum processo de preparar o fogo, por se conhecerem alguns com ornatos allusivos. Dos de Alcacer a maior parte são lisos, alguns têem ornatos geometricos. Affirma o descobridor que os vasos continham cinzas. De ferro acharam-se espadas de varias fórmas, pontas de lança e de frecha e lanças inteiras; todos estes objectos retorcidos ou recurvados; o circulo de ferro da roda de um carro e o bucil de bronze que cobria uma das extremidades do eixo. Acharam-se freios e folhas de facas ou navalhas, talvez de barbear. De bronze appareceram tambem fibulas, pre-

gos, um ornato á maneira de disco radiado; um tubo recurvado ôco tendo enfiados muitos objectos á maneira de pingentes, tambem ôcos, parecendo um d'aquelles *annulos* que suspendiam nos berços das creanças para as adormecer com o tinnido metallico. Acharam-se mais algumas moedas de cobre desde o principio do Imperio até aos Antoninos, e uma pequena moeda de prata bysantina, objecto unico posterior á epocha romana, e que talvez jazesse nalguma camada superior do terreno. De vidro, alguns vasos d'aquelles que denominaram lacrymatorios, mas cuja verdadeira applicação era para recolherem aromas, um inteiro, outros partidos. Nelles se vêem ainda os signaes da acção do fogo nas iridiações multicores da superficie do vidro. Acharam-se tambem os fragmentos de uma caixa de marfim, representando em esculptura de baixo relevo o combate de Cupido com um leão. Finalmente appareceu uma caixa de chumbo, que o sr. dr. Filippe Simões disse ter visto ainda cheia de ossos meio queimados, e um pequeno machado da epocha prehistorica da pedra polida, que jazeria talvez nalguma das camadas profundas, como a moeda bysantina nalguma das superficiaes. Todos estes objectos pertencem hoje á AcademiaRea de Bellas Artes, que os comprou e junctamente o direito de fazer excavações no olival onde appareceram. Alem d'elles disse o sr. dr. Filippe Simões ter visto em Alcacer um annel de fio de ouro enrolado em espiral de poucas voltas para se ajustar a qualquer dedo, e tinha sido encontrado no mesmo logar.

A Secção agradeceu ao sr. dr. Filippe Simões esta exposição relativa aos objectos encontrados em Alcacer.

O sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto pediu, e assim se resolveu, que se aggregásse á commissão para a organisação dos apontamentos relativos a artistas, deixados pelo sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, o sr. dr. A. Filippe Simões. O sr. conselheiro Castro Freire prometteu diligenciar e obter alguns objectos de Pombal proprios para a collecção de archeologia. Foi proposto para associado correspondente da Secção de Archeologia, o sr. Abilio de Macedo, cuja proposta foi considerada regular para ser votada na proxima sessão na conformidade do que dispõe o Regulamento. — O Secretario, *A. M. Simões de Castro.*

II

Chronica

Na noite de 12 do corrente fez o sr. dr. Augusto Filippe Simões uma conferencia na sala do Instituto. Era selecto e numeroso o auditorio, e durante uma hora prendeu a attenção pela importancia do assumpto e clareza e proficiencia do seu discurso.

Disse o illustre conferente as razões por que escolhera para objecto da sua conferencia as antiguidades prehistoricas da peninsula Iberica. Definiu e limitou o assumpto. Mostrou a necessidade de começar pela classificação dos tempos prehistoricos, e as analogias d'esta classificação com as classificações geologicas. Recordou os principaes dos characteres dos grandes periodos da historia da terra.

Dividiu os vestigios do homem prehistorico em directos e indirectos. Affirmou que tanto uns como os outros provam a existencia do homem na terra desde os primeiros até aos ultimos dos tempos quaternarios. E que, pelos segundos sómente, se suspeita que existiria já durante as epochas pliocena e miocena da edade terciaria. Fallou dos vestigios indirectos (silex e quartzites lascados) colligidos e attribuidos pelo sr. Carlos Ribeiro ao homem terciario de Portugal, e mostrou a pouca certeza de taes provas, confirmada pela variedade de opiniões manifestadas ácerca d'esses objectos no congresso prehistorico de Bruxellas de 1872.

Limitando-se, pelas razões expendidas, aos vestigios da edade quaternaria, enunciou e analysou as principaes das classificações dos tempos prehistoricos. Examinou os characteres de cada epocha da edade da pedra, deduzidos do clima, dos animaes, do homem e dos instrumentos. Comparou as modificações successivas, operadas nos tempos prehistoricos, com aquellas que se effectuaram nas edades geologicas, e em todas achou claramente manifestada a lei do progresso da natureza physica, e na edade quaternaria a lei do progresso da especie humana e da industria.

Considerou como os mais antigos dos vestigios authenticos do homem na Peninsula os da estação de San Isidro, perto de Madrid, e com probabilidade o craneo da pedreira de Forbes em Gibraltar. Comparou este craneo com o de Néanderthal e outros da raça denominada de Canstadt. Notou a falta de outros vesti-

gios d'esta epocha, e da subsequente até á epocha neolithica. Mencionou os objectos de pedra polida achados em Hespanha e em Portugal. Mostrou varios machados e facas de pedra, pertencentes á collecção de archeologia do Instituto. Discorreu mais longamente ácerca de uma placa de schisto da mesma collecção e de outros objectos similhantes, que não consta haverem até hoje apparecido fóra de Portugal.

Fallou dos craneos descobertos nas cavernas de Cesareda, da Alhama, da Genista e na mina del Milagro, e comparou-os com os da raça de Cro-Magnon. Disse qual era a distribuição geographica d'esta raça, que parece ter vindo da Africa para se espalhar pela Peninsula e pelo sudoeste da França. Notou a sua similhança com os kabylas e vasconços, que parece serem os seus actuaes representantes.

Mencionou entre os restos da epocha da pedra polida os dolmens mais rudes de Portugal, os quaes comparou aos da Scandinavia. Accrescentou a esta analogia o haverem-se encontrado na Dinamarca objectos com a mesma ornamentação das placas de schisto de que fallara.

Expoz depois a distribuição geographica dos dolmens e enunciou a lei dos litoraes, que mostrou verificar-se na Peninsula, pois não se encontram estes monumentos senão pelas regiões proximas do mar. Disse haver uma excepção nas regiões orientaes, pois não se conheciam dolmens nas provincias de Valencia e de Catalunha, apezar de banhadas pelas aguas Mediterraneas. Explicou esta excepção por outra lei, que vem a ser a da incompatibilidade dos dolmens com os monumentos pelasgicos. Citou as nuraghas da Sardenha e os talayots e mapalias das Baleares. Considerou as duas especies de monumentos como representantes de duas civilisações prehistoricas, antinomicas. Uma, pelasgica, vinda pelo Mediterraneo; outra dos dolmens, vinda pelo Atlantico. Provou a existencia da navegação Atlantica durante a epocha da pedra polida. Disse que o genio do Iran impellira nessas epochas remotas os navegadores desde as Columnas de Hercules até á Scania, bem como levara nos seculos XV e XVI os portuguezes

Por mares nunca d'antes navegados

a descobrir, conquistar e civilisar as mais distantes das regiões do globo.

Fallou de outros dolmens menos imperfeitos e de megalithos de outras especies, existentes na peninsula, e naturalmente relacionados com a epocha de cobre e de bronze.

Relativamente a esta epocha mostrou como a Peninsula era

uma excepção entre as outras nações da Europa, pois, em contrario do que nesses paizes se observa, são aqui mais frequentes os objectos de cobre que os de bronze. Explicou esta excepção, que não é unica, pois estão no mesmo caso a Hungria e a Transylvania e certas regiões da America. Apontou varios outros factos, que fazem suppor todas estas regiões invadidas em certa epocha por povos representantes da mesma civilisação, fallando todos linguas agglutinativas, mas de raças differentes, ou resultantes de cruzamentos. Disse que os exploradores do cobre da Peninsula seriam talvez os iberos, vindos do Caucaso pelo Mediterraneo; mas que, além d'estes povos, outros vieram da Africa pelo mesmo mar; outros pelo Atlantico, taes como os celtas: outros finalmente da Europa já pelo primeiro, já pelo segundo d'aquelles mares, já pela cordilheira dos Pyreneus.

Demonstrou que esta variedade de povos com origens, idiomas, alphabetos, costumes e disposições differentes se oppozera sempre á realisação da unidade iberica, mantida apenas pela força da civilisação romana, e mais tarde pela força do principio monarchico e fraqueza extrema de Portugal. Mas que ainda hoje a propria Hespanha lucta de continuo para manter os mesmos codigos nas suas differentes provincias, que não sabem reger-se pelas mesmas communs instituições.

Concluiu dizendo que, se a sua conferencia não tivera outra utilidade, bastaria esta ultima demonstração para provar que o estudo dos mais remotos dos tempos passados não será indifferente á felicidade futura dos povos peninsulares.

XXVI

CHUVA DE SANGUE

Ha certos phenomenos raros por extremo, sem relação apparente com os outros conhecidos e sem causas bem manifestas, que pouco importam por isso aos naturalistas, e muito ás pessoas alheias na sciencia. Estas, em regra geral, propendem menos para o estudo dos effeitos que frequentemente se repetem, que para a indagação d'aquelles que, pelas causas mencionadas, lhes offerecem os attractivos das maravilhas e prodigios. Tal é a *chuva de sangue,* que continuaremos a chamar assim com alguns meteorologistas, posto que todos concordem actualmente em que não têem de tal corpo senão a côr.

Tito Livio affirma que por muitas vezes chovera sangue nas praças de Roma. Zonaras diz que ao assassinio de Tacio se seguiram a esterilidade dos campos, as mortes repentinas e a chuva de sangue. Plinio conta que chovera sangue e leite durante o consulado de Acilio e Porcio. Muitos escriptores da edade media e dos seculos seguintes falam de chuvas de sangue, observadas em diversos logares.

Refere um d'estes notaveis meteoros o licenciado Manuel Bocarro no *Tractado dos cometas que appareceram em Novembro*

passado de 1618. «Acordo-me, diz elle, que o anno passado se contaram prodigios extraordinarios e de sangue nalgumas partes, entre os quaes dizem que os cavalheiros d'um dos logares de Africa sentiram grande estrondo de guerra, e sahindo ao campo não acharam nada, e recolhendo-se se acharam cheios de sangue, principalmente nas lanças e nas armas: e viu-se mais que choveu sangue no mar de Setubal por espaço de duas horas.»

Francisco Leitão Ferreira n'uma obra inedita, a — *Ephemeride historial* — cita esta mesma noticia de Bocarro, accrescentando, segundo umas memorias manuscriptas do tempo, que chegara a Lisboa, dirigida do capitão de Tanger ao vice-rei de Castella, conde de Salinas.

No seculo XVII houve já escriptores que mostraram serem impossiveis as chuvas de sangue, com quanto o não fossem as de alguns pós vermelhos, que o vento levantasse da terra numas partes para os lançar noutras mais ou menos distantes. Ao vulgo, porém, antes aprazia acreditar o contrario, e imaginar que as bruxas sugavam o sangue ás creanças, e depois o derramavam sobre a terra em fórma de chuva. Nas *Cartas* ou no *Theatro Critico* julgou ainda necessario o erudita Feijoo refutar seriamente esta opinião absurda.

É incontestavel que por muitas vezes se têem observado chuvas vermelhas. Chegaram á noticia de Arago as seguintes, que cuidadosamente registrou. No dia 14 de março de 1813 os habitantes de Gerace avistaram uma nuvem carregada que avançava do mar para a terra. Havia dois dias que reinava o vento leste, o qual abrandou de repente pelas duas horas da tarde. A nuvem, que foi primeiro vermelha desmaiada, e depois côr de fogo, cobria já a esse tempo as montanhas proximas e começava a interceptar a luz do sol. Ficou involvida a cidade em trevas tão densas, que ás quatro horas havia necessidade de ter as casas illuminadas. O povo, aterrado pela escuridão e pela côr da nuvem, correu em tumulto para a cathedral a fazer preces. Cada vez mais se engrossaram as trevas, e todo o céo tomou a côr de ferro em braza. Começaram então a sentir-se os ribombos do trovão; e o mar, postoque estivesse a 11 kilometros da cidade, augmentava com seus bramidos o terror geral. Logo entraram a cahir grandes gottas de chuva avermelhada, que a uns pareceu de sangue, a outros de fogo. Emfim, ao cerrar a noite, o céo desobscureceu-se, emmudeceu o trovão, e o povo restituiu-se á sua tranquillidade ordinaria.

Chuvas similhantes, porém desacompanhadas de outros phenomenos aterradores, foram vistas em a noite de 27 para 28 de outubro de 1714 em Cuneto, no valle de Oneglia; a 2 de no-

vembro de 1819 em Blankenberge; no 1.º de outubro de 1829 juncto de Orléans; a 16 de maio de 1830 em Sienne (Toscana); em a noite de 24 para 25 de março de 1842 em diversas partes da Grecia; a 16 e 17 de outubro de 1846 em muitos logares da America e da Europa.

Segundo a opinião do Arago os ventos, os furacões, as trombas e, em particular, as correntes ascendentes, que tantas vezes se geram no seio da atmosphera, podem fazer subir ás suas camadas superiores fragmentos organicos, animaes ou vegetaes, particulas aquosas, coloridas por materias salinas e destacadas da espuma, que se fórma juncto dos recifes e das praias, e que, no dizer d'aquelle sabio illustre, se poderia chamar a poeira do oceano.

Alguns factos curiosos mostram a força de transporte que tem o ar em qualquer das mencionadas fórmas. A 10 de maio de 1836 cahiu no valle d'Aspe dos Baixos Pyreneus um pó amarellado que o vulgo tomou por enxofre, e não era mais que o pollen dos pinheiros mansos das florestas proximas, que ficavam na direcção do vento. Os olmos, as avelleiras e os lycopodios podem dar logar a phenomenos similhantes. D'outros pós meteoricos extrahiram os chimicos diversas materias mineraes, algumas vermelhas, da mesma natureza das rochas que constituiam os terrenos pouco distantes.

Peltier, cuja auctoridade é incontestavel, viu em Han uma chuva de sapos. Eram tantos, que juncavam o chão; e alguns lhe cahiram no chapéo e nas mãos. Outros viram chuvas de peixes. Choveram arenques d'uma vez na Escossia, e d'outra vez sanguesugas na America. A causa d'estas chuvas, que tanto tempo pareceram fabulosas, está nas trombas que aspiram nos lagos ou nos pantanos aquelles animaes para os lançarem em sitios mais ou menos distantes.

Nas ilhas de Cabo-Verde cahe frequentes vezes um pó avermelhado tão abundante, que fórma espessa camada nas velas dos navios. Analysou-o Ehrenberg, e viu que era composto de infusorios e reliquias organicas. Com boas razões julgam hoje os naturalistas esse pó originario da America meridional, d'onde o trazem os ventos alisios austraes, que constituem uma corrente superior á dos ventos alisios de nordeste depois de com elles se cruzarem na zona equatorial.

De quanto deixamos dicto se deprehende qual seja a verdadeira natureza da chuva de sangue, que os antigos consideravam como signal da ira celeste, como temeroso presagio de futuras calamidades.

1867.

XXVII

ALBERTO DURER[1]

CRITICA LITTERARIA

A historia de um povo não é já hoje, como era outr'ora, uma serie chronologica de biographias dos seus reis, generaes, prelados ou outros chefes. Os grandes homens não deveram em muitos casos a supremacia, que alcançaram, senão ás classes sociaes que os impelliam, em vez de serem por elles impellidas. De sorte que a origem de certos factos, apparentemente na vontade e no esforço individual, está verdadeiramente nos aggregados de moleculas humanas que se chamam classes sociaes.

O grande merecimento de Alexandre Herculano, considerado como historiador, consiste particularmente em ter sido quem primeiro em Portugal trouxe a historia da phase heroica ou dos semi-deuses para a phase humana ou positiva. Além de dar á historia politica esta feição, nova entre nós, fundou a historia social, que não tinhamos e de que ninguem mais tractou depois. Collocado o historiador neste campo, a historia das artes ser-lhe-ha de summa vantagem, algumas vezes até o unico facho que poderá guial-o ao descobrimento da verdade, por entre as

[1] Versa sobre o livro *Archeologia artistica*, Vol. I, Fascic. IV — *Albrecht Dürer e a sua influencia na Peninsula*, por Joaquim de Vasconcellos. Porto, Imprensa Portugueza, 1877.

trevas em que os escriptores de outro tempo deixaram as obras d'aquelles que, por falta de brazões, se não recommendavam á sua solicitude.

Será portanto muito bem vindo quem ajunctar materiaes concernentes á historia das artes, que servirão a futuros historiadores para escreverem a historia social do nosso paiz. O serviço de taes obreiros parecerá mais relevante ainda a quem attender na commum indifferença, com que entre nós são acolhidos aquelles que se dedicam ao mister ingrato de colligir nos livros, nos archivos ou nos monumentos noticias respectivas á origem e evolução de qualquer arte em Portugal.

Occorreram-nos estas reflexões em vista de um novo livro do sr. Joaquim de Vasconcellos, cujos serviços prestados á historia da musica portugueza são conhecidos. O sr. Vasconcellos escolheu por esta vez para objecto dos seus estudos um ponto particular de historia da pintura: — Alberto Durer e a sua influencia na Peninsula; e esclareceu-o com interessantes noticias de factos desconhecidos entre nós, colhidos na leitura de livros extrangeiros, allemães pela maior parte. Todos sabem que Alberto Durer foi o grande pintor da renascença em Allemanha, e que os escriptores contemporaneos d'este paiz estão contribuindo com valiosissimos subsidios para a historia da pintura e dos pintores seus compatriotas.

Relativamente a Durer cita o sr. Vasconcellos as monographias de Thausing e de Verachter. Mas com egual vantagem soube soccorrer-se á obra quinhentista de Guicciardini, aos curiosos estudos do conde de Laborde, á importante collecção de Vasari e a muitos outros livros que seria longo enumerar. Do exame de tantas fontes colheu o auctor abundante messe de factos, uns dos quaes confirmam, outros modificam as opiniões correntes em Portugal ácerca de um assumpto, não tanto ignorado entre nós, como se afigurou ao sr. Vasconcellos.

Sabia-se geralmente que desde o tempo de D. João I as relações politicas de Portugal com a côrte de Borgonha tinham favorecido as relações artisticas, pelas quaes se explicava o caracter flamengo da pintura portugueza dos seculos XV e XVI. Este ponto tracta-o o auctor numa *Addenda,* dando algumas curiosas noticias a respeito das relações de Portugal com a côrte de Borgonha nos seculos XV e XVI. Sabia-se tambem que, além das relações, durante muitos annos, conservadas entre as duas côrtes, outras mais importantes, pela sua natureza e extensão, se formaram nos primeiros annos do seculo XVI, por causa do grande incremento que tomou o commercio portuguez logo depois que Vasco da Gama descobriu a via da India por mar. Flandres era um dos

melhores mercados onde achavam prompto consumo as drogas e especiarias do oriente. Portugal não podia portanto deixar de explorar esta mina abundante.

O sr. Vasconcellos dá mais luz a um assumpto, que, apezar da sua maxima importancia, não mereceu as investigações dos nossos historiadores. Apresenta os primeiros traços para a historia da Feitoria portugueza em Antuerpia, e promette publicar num outro fasciculo documentos respectivos a este estabelecimento, que muito interessantes serão de certo para a historia das artes e do commercio no reinado de D. Manuel.

Neste quarto fasciculo da *Archeologia artistica,* e na parte respectiva ao ponto de que fallavamos, mostra como em tempo d'aquelle monarcha os feitores de Portugal em Antuerpia tractavam os principaes artistas, e obtinham d'elles obras primas que enviariam de certo para o reino. Sómente de Durer, a quem brindaram com valiosos presentes, receberiam, segundo o computo do sr. Vasconcellos, cinco pinturas a oleo; seis retratos ou desenhos originaes; vinte e quatro gravuras em cobre; e cento e vinte e seis gravuras em madeira; ao todo duzentas e vinte e uma obras. Convém todavia advertir que as gravuras, cujo numero é o que mais avulta, faziam parte de livros por aquelle tempo impressos.

Com este facto fundamental e com citações de alguns escriptores nossos que se referiram a Durer, pretende o auctor provar a influencia do pintor allemão na pintura portugueza. Depois considera a mesma influencia na Hespanha, e por fim na Italia e no resto da Europa.

Ninguem póde recusar-se a admittir a influencia geral de Durer sobre os nossos pintores quinhentistas. Em Portugal dominava o estylo flamengo, e é com os quados d'este estylo que os de Alberto Durer têem grande analogia. A sua influencia portanto repugnaria menos que a dos grandes mestres italianos. Mas pretender que fosse quasi exclusiva a influencia de Durer a ponto de tornal-a caracteristica dos mais notaveis dos quadros portuguezes do século XVI é uma opinião exaggerada que se não demonstra.

O conde Raczynski suppozera nos quadros de Grão Vasco, guardados em Vizeu, não a influencia italiana, mas a de Alberto Durer. Chegara mais a imaginar que o Grão Vasco se conservara na sua cidade natal, alheio ao movimento artistico da sua epocha, e que não tivera outros mestres, excepto as gravuras allemãs e flamengas que, durante os reinados de D. João III e de D. Manuel, tinham vindo para Portugal.

É para lamentar que o sr. Vasconcellos admittisse irreflecti-

damente estas supposições de Raczynski de todo o ponto inverosimeis, e chegasse a crer que as gravuras, que teriam servido de mestre ao Grão Vasco, fossem aquellas mesmas com que Durer brindara os feitores em Antuerpia. Na opinião do auctor, «em vista das suas revelações (relativas á feitoria) a hypothese do conde adquire o caracter de facto historico.»

Aquella hypothese não sómente não póde ter o caracter de facto historico, mas é até inadmissivel pelas razões seguintes:

1.ª Se Vasco Fernandes, o Grão Vasco, tivesse nascido como o conde affirma em 1552, os seus quadros teriam sido pintados no ultimo quartel do seculo XVI, num estylo que por esse tempo inteiramente passara de moda em Portugal e em toda a Europa;

2.ª O melhor dos pintores portuguezes do seculo XVI não poderia formar-se unicamente pela imitação das gravuras de Durer;

3.ª Essas gravuras de modo nenhum bastariam para dar os coloridos, á maneira flamenga, das physionomias, dos trajos, dos castellos, das casas e das paizagens que adornam os quadros do Grão Vasco, e que forçosamente devem ter sido copiadas do natural ou de outras pinturas;

4.ª Nos quadros de Durer, que se dedicou mais á gravura do que á pintura, aprecia-se muito o desenho e menos o colorido. Nos quadros de Vizeu é sobre tudo a riqueza do colorido que os torna comparaveis aos de alguns dos melhores mestres de Flandres.

Para demonstrar uma grande influencia de Alberto Durer nos quadros do Grão Vasco, e, por ventura, noutras pinturas portuguezas do seculo XVI, não ha senão um methodo racional. Convém a saber: examinar os quadros de Durer; examinar os quadros portuguezes do seculo XVI; comparar os primeiros aos segundos e notar as similhanças, se as houver. Ora o sr. Vasconcellos não viu os quadros de Vizeu. Jura nas palavras de Raczynski, cujas observações neste ponto são superficiaes e, como vimos, inverosimeis. Entretanto o auctor conhece e menciona demonstrações, feitas por este methodo em Italia e em Hespanha, e por meio das quaes se determinaram as pinturas de Durer, que outros pintores, e até o proprio Raphael, haviam copiado em parte ou no todo.

Com estes pequenos reparos não queremos de modo nenhum diminuir os merecimentos do livro, que já dissemos serem grandes. O fim que tivemos em vista foi unicamente prevenir os espiritos, dispostos a tirar de factos particulares conclusões geraes que nelles não se contêm. O sr. Vasconcellos não conseguiu reivindicar para a Allemanha a gloria de ter formado os pintores portugezes do seculo XVI, mas ninguem lhe contestará o grande

serviço que prestou á historia das artes em Portugal com o seu novo livro. Se accrecentarmos que o auctor é o editor da *Archeologia artistica,* da qual tira apenas um numero pequeno de exemplares, impressos em bello typo elzeveriano e em excellente papel de linho, para offerecer ás sociedades, apreciadores e bibliothecas, se dissermos que factos d'estes são rarissimos em Portugal, e que no ramo da historia das bellas-artes não ha outro conhecido, poderemos concluir sem lisonja que todos os louvores serão poucos para obras tão meritorias.

XXVIII

MEMORIAS POSTUMAS[1]

No mez de março de 1881 procurou-me na camara dos deputados o inspector da Academia de Bellas Artes, Delfim Deodato Guedes. Não o conhecia, e sómente pelo bilhete de visita que me enviou sabia ser elle quem me procurava.

. . . . . .

Disse-me que, sabendo o interesse que eu mostrava pelas bellas artes, vinha pedir-me que, como deputado, instasse com o governo para que se não esquecesse da fundação do museu nacional de bellas artes, para o qual o governo anterior arrendara em

[1] Na frente d'um livro manuscripto, de lettra de A. Filippe Simões, vem a advertencia seguinte: «Vou escrever estas MEMORIAS um anno e mais depois dos factos a que ellas se referem. Se tivesse previsto o interesse e curiosidade d'esses factos, acompanhal-os-hia desde o principio com a descripção, tomando notas diarias. Não o fiz. Agora aproveitarei as recordações que conservo, parecendo-me que, ainda assim, não deixarei de ser exacto, e que de memoria poderei contar fielmente as cousas mais notaveis que se passaram.»

Selectamos alguns trechos mais importantes para não avolumar demasiadamente este livro.

1879 o palacio do Marquez de Pombal por quatro contos de réis annuaes.

Prometti-lhe fazer o que me fosse possivel. Com effeito alguns dias depois, chamando-me para este campo o deputado Rodrigues de Freitas, a proposito dos extravios que tem havido nos conventos de freiras, fallei detidamente d'este assumpto e da falta d'um museu nacional.

Procurei, passados dias, a D. G. na Academia de Bellas Artes. Fallou-me já com mais desembaraço e convidou-me para jantar no proximo domingo em sua casa.

Nesse domingo e nalguns dos seguintes, a convite seu, alli fui jantar. Além dos donos da casa costumavam ir áquelles jantares Rangel de Lima, Sousa e Vasconcellos, Ferreira de Mesquita, Taborda, amigos intimos da casa, e outros porém com menos frequencia.

Num d'esses domingos disse-me D. G. que, tendo de fazer-se em Londres no verão proximo uma exposição de arte hespanhola e portugueza, o governo resolvera que Portugal fosse representado nessa exposição. Que para tal fim se organisaria uma commissão, da qual seria elle o presidente, esperando que eu acceitasse o logar de secretario.

Passados dias estava decretada a organisação da commissão, que ficou assim constituida: Delfim Deodato Guedes, presidente — Thomaz Antonio da Fonseca — Ignacio de Vilhena Barbosa — Augusto Carlos Teixeira d'Aragão — José Luiz Monteiro — Augusto Filippe Simões, secretario.

. . . . . .

Mais tarde foram aggregados á commissão Francisco Marques de Sousa Viterbo e Alfredo d'Andrade.

Logo na primeira sessão de 8 de abril de 1881 resolveu a commissão que se pedisse ao governo que, depois da exposição de Londres, se fizesse em Lisboa uma exposição de arte ornamental, aproveitando-se para esse fim os objectos colligidos, pedindo-se tambem aquelles que de Hespanha fossem a Londres, etc.

Resolveu-se nesta sessão que Vilhena Barbosa colligisse objectos para a exposição no Porto e Minho; Aragão no Alemtejo, Algarve, etc., e eu em Coimbra.

. . . . . .

Em Lisboa tractou-se logo de colligir nos extinctos conventos de Chellas e Madre de Deus, na sé e mitra patriarchal. Fui com D. G. a S. Vicente, onde um padre, amigo d'este, nos mostrou alfaias do culto e outros objectos de preço, geralmente desconhecidos. Para os obter era mister fallar com o Patriarcha. Fomos-lhe apresentados pelo arcebispo de Mytilene. O prelado poz-se

a chorar apenas o cumprimentámos. Havia annos que padecia d'um amollecimento cerebral. Ora ria, ora chorava; custou muito alcançar-lhe a desejada ordem.

Acompanhou-nos o arcebispo a uma casa onde se guardavam em dois archazes muitos objectos de prata e outros, alguns dos quaes foram emprestados, e figuraram tanto na exposição de Londres como na de Lisboa.

O presidente da commissão, que já antecedentemente, em 1879 ou 1880, encarregara Alfredo d'Andrade de junctamente com Francisco Rangel de Lima e Carlos Relvas visitarem os mosteiros de Lorvão, S. Marcos e Ceiça, tendo-se offerecido o ultimo para tirar photographias das obras de arte, não descançou em quanto o não mandou vir de Genova, onde reside ha muitos annos, para nol-o associar nos trabalhos preparatorios para a exposição de Londres.

Alfredo d'Andrade é um artista muito intelligente e trabalhador. Na Italia tem desempenhado obras de restauração de edificios antigos com louvor.

. . . . . .

Como fossem menos conhecidas as obras de arte da Beira, resolveu-se que Alfredo d'Andrade e eu fizessemos uma viagem de exploração, colligindo já quanto fosse possivel para a exposição.

Sahimos de Lisboa no dia 9 de maio de 1881; chegámos de madrugada á estação da Mealhada, d'onde partimos immediatamente para Luso.

Depois d'almoço fomos a pé para o Bussaco, onde passámos o dia. Alfredo d'Andrade, habituado a digressões a pé, caminha muito bem. O Bussaco todavia não produziu nelle a impressão que eu esperava. Apenas o vi extasiado na Cruz Alta ao contemplar aquelle magnifico e extenso panorama que só tem por limites ao poente as brancas areias do mar.

Com effeito para um homem que durante muitos annos se tiver acostumado ás grandezas architectonicas e esculpturaes da Italia, a arte fradesca do Bussaco ha de necessariamente parecer mesquinha e pobre. Resta a natureza, mas o espirito de Alfredo d'Andrade, no seu culto ardente pela arte, exclue tudo o mais. Foi este o meu juizo em todo o tempo que andámos junctos nesta excursão.

Já antecedentemente os dois celebrados bustos da Magdalena e de S. Pedro, na capella-mór da egreja, me tinham parecido uma exaggeração artistica, um gongorismo de esculptor. Mas, reputados na opinião geral como duas maravilhas, mal me atrevera a expender a minha opinião. Neste ponto porém Alfredo d'Andrade concordou plenamente commigo.

O monumento pareceu-lhe tambem, como a mim, extremamente ridiculo. Sabe-se a historia d'esta malfadada obra. Dispenderam-se com ella e a pretexto d'ella rios de dinheiro. Por este facto se avaliará o restante:

Havendo junto do Bussaco, em Sazes, uma pedreira de marmore, outr'ora explorada, mandaram vir de Lisboa um enorme monolitho do peso de muitas tonelladas. O pedregulho esqueceu na estação da Mealhada, d'onde mais tarde não poude ser retirado sem pagar armazenagem, que, sendo de perto d'um anno, subiu a alguns centos de mil réis.

Collocaram-no a final na chapada do monte e pozeram-lhe em cima uma estrella de crystal. Imagine-se o resultado. Uma pyramide esguia sobre um monte fica nas condições d'um pára-raios; mas com uma grande estrella isoladora em cima faz o effeito contrario: attrahe o raio em vez de prevenil-o. Foi exactamente o que succedeu. Passado pouco tempo depois da inauguração, veio uma trovoada; e o monumento foi fulminado e despedaçado por um raio.

Como em Portugal os cofres do estado estão sempre abertos para similhantes despezas, repararam o estrago causado; e para que outra trovoada não causasse nova destruição, não tiraram á pyramide de pedra a estrella de crystal, o que seria acertado, mas ergueram dois enormes pára-raios de madeira pintada aos lados e em pequena distancia do monumento, o que faz o mais ridiculo effeito que póde imaginar-se.

De tarde voltámos para Luso, em cuja egreja matriz vimos uma custodia de prata dourada e uma cruz processional de prata branca assás elegantes e de bom lavor. A custodia é de columnas e tem por marca um C curvado (Coimbra?). A ornamentação, tanto d'uma como d'outra peça, é já da Renascença. Devem ser obras dos fins do seculo XVI.

Disseram-nos que em Barcouço e na Vacariça se conservam tambem d'estas cruzes. Mais tarde vi algumas mais antigas: as de Pombeiro, S. Miguel de Poiares, Figueira de Lorvão, S. Silvestre, Semide, as quaes, excepto as duas ultimas, estiveram na exposição de Lisboa.

No hotel do Serra em Luso aconteceram-nos dois casos que por muito tempo depois nos faziam ainda rir. Alfredo d'Andrade tinha por costume mandar cada dia um bilhete postal a sua esposa que ficara em Genova. Mas como ella é ingleza, escrevia-lhe em inglez. No hotel jantámos á mesma mesa com uns individuos e duas damas, que não chegámos a saber quem e d'onde fossem. A mais nova, muito presumida e muito tola, não se cançava ao jantar de dizer phrases, quasi todas horrivelmente estropiadas em inglez, francez e latim. E a cada uma d'estas

explosões punha os olhos em nós, como quem tirava uma desforra. Soubemos depois que, vendo ella a criada do hotel com o bilhete postal d'Andrade, diligenciara lêl-o, e como conhecesse que era dirigido a uma mulher e escripto em inglez, *inde irae!* Dos muitos disparates que ella disse apenas me recordo de que, pretendendo dizer *Citrus myrtifolia*, disse *Christus matrifolia*. Os rapazes da companhia, gente sem instrucção, escutavam-na como um oraculo. Nunca presenciei uma scena d'esta especie.

Ao anoitecer recolhemo-nos a um quarto com duas camas, e, como deveriamos partir á meia noite para Vizeu num carro que tinhamos alugado na Mealhada, preparámos á cautela os nossos revolvers. Deitámo-nos e adormecemos profundamente. Nem era de esperar outra cousa depois de termos perdido a noite no caminho de ferro e andado todo o dia pelos montes e valles do Bussaco.

Passado algum tempo, vi ou pareceu-me vêr uns homens desconhecidos e mal trajados que entravam no quarto. Comecei a gritar como se pretendessem assassinar-me. Andrade levanta-se aterrado, dirige-se ás escuras para o meu leito, chama-me e pergunta-me a causa dos meus gritos. Accordei então de um pesadello que me atormentava. Alfredo d'Andrade, que me julgava accordado, suppoz que alguma quadrilha invadira o quarto e assustou-se muito. Elle sabia que estavamos na Beira, na provincia celebre pelos crimes dos Brandões.

No dia 11 de manhã chegámos a Vizeu, onde nos hospedámos no Hotel Viriato, muito conhecido e frequentado pela abundancia da mesa, barateza dos preços e jogo nocturno. Apresentámo-nos ao Governador Civil, Visconde de Guedes Teixeira, cunhado de Delfim Guedes, que tinha a melhor vontade de nos auxiliar na missão de que iamos incumbidos, mas que pouco ou nada podia fazer, porque a politica o indispozera com a maior parte das pessoas principaes da terra. Fomos depois a Fontello, onde o bispo nos recebeu muito bem. Convalescia de uma molestia do figado, mas ainda assim estava sentado á sua mesa de trabalho, escrevendo umas memorias politicas, de que nos leu um capitulo em que descrevia o chefe dos regeneradores. Mostrou-nos depois as pratas da mitra, entre as quaes não vimos nada notavel senão um gomil de prata dourada do estylo denominado Luiz XIV, e que depois figurou na exposição de Lisboa.

Na sé patentearam-nos tudo o que alli ha digno de vêr-se. Tinha eu grande curiosidade de examinar com Andrade os quadros attribuidos ao Grão Vasco e de ouvir a sua opinião. Infelizmente pouco ou nada adiantou além do que eu já sabia. Faltavam-lhe os conhecimentos do estylo flamengo, e das escholas de

Hespanha e de Portugal do seculo XVI, para resolver a questão. Entretanto concordou commigo em que os quatro quadros da sacristia com as predelas e o do Calvario na capella do Bom Jesus, pareciam effectivamente do mesmo pincel, e que os da casa do capitulo seriam anteriores. Concordou mais em que uma e outra serie de quadros teriam sido pintados em Portugal por pintores educados nas escholas de Flandres, apparecendo nos do Grão Vasco já indicios das influencias italianas.

Robinson, comquanto determinasse com exactidão as epochas dos quadros de Vizeu, embrulhou mais esta celebre questão por ter encontrado na sacristia de Sancta Cruz de Coimbra um quadro representando o Pentecostes assignado por *Vellascus*, e que lhe pareceu com razão obra do mesmo pintor que pintara os quadros da sacristia da sé de Vizeu. Ignorando porém ser *Vellascus* a fórma latina do nome *Vasco*, imaginou a existencia d'um Vellasco differente do Vasco Fernandes, cuja assignatura vira num outro quadro que ao tempo em que visitára Vizeu estava em poder do pintor Antonio José Pereira.

Este quadro foi vendido por 600$000 réis a um inglez, e pertence actualmente ao Visconde de Monserrate. Mais tarde, quando se tratava de organisar a exposição em Lisboa, mandou-o elle para a Academia de Bellas Artes de Lisboa, offerecendo-o ao inspector em troca d'um titulo de barão que este impetraria para Robinson. Em dezembro de 1882 ainda estava na Academia, mas o visconde instava para que lhe fosse devolvido, porque não apparecia o tal titulo. Disse-me nessa epocha o inspector que instava com o governo para o conceder e com o visconde para que não levasse o quadro.

Já em tempo do marquez de Sousa tinha este feito diligencias para que o governo comprasse aquelle interessante documento para a historia da pintura em Portugal, porém inutilmente. Agora é provavel que mais uma vez se perca a occasião de adquiril-o, por se não dar um titulo a um homem illustrado, quando tantos se têem dado a analphabetos.

Este quadro, bastantemente deteriorado, representa o Descimento da Cruz. O estylo é o mesmo dos de Vizeu e da sacristia de Sancta Cruz de Coimbra. Como obra de arte é menos perfeito. Seria talvez uma das primeiras producções do artista. A assignatura não tem signal nenhum de ter sido posteriormente accrescentada, como alguns têem julgado.

São portanto sete os quadros até hoje attribuidos com maior probabilidade ao Grão Vasco, ou Vasco Fernandes, de Vizeu. O de S. Pedro na sacristia da sé d'esta cidade é o mais notavel de todos. Nelle parece estarem imitadas uma capa de asperges

do seculo XVI que ainda hoje se conserva na sé e uma das cadeiras do côro. Convirá advertir que não são copias exactas, mas apenas imitações.

Relacionam-se com estes quadros outros dois que se conservam em Fontello na residencia episcopal: um, collocado no patim da escada principal, representa a Cêa; outro, numa das salas interiores, Jesus em casa de Martha. O primeiro parece mais antigo que os da sacristia da sé, e tem certas analogias com os da casa do Capitulo. O segundo, de peior estylo, parece menos antigo que os da sacristia e de pincel differente.

No convento de S. Francisco de Orgens, pouco distante de Vizeu, conserva-se outro quadro que representa o Enterro de Christo, o qual parece da mesma eschola do Grão Vasco, porém já degenerada, bem como o de Jesus em casa de Martha, de Fontello, e outros que depois encontrei.

Na egreja ou sacristia da Misericordia ha dois outros quadros da mesma epocha. Foram porém restaurados, e de tal modo que não é já possivel determinar se teriam algumas relações com aquelles de que tenho fallado.

No edificio da sé de Vizeu vêem-se representados varios estylos e epochas desde o seculo XII ou XIII até ao seculo passado. O interior da egreja parece ter padecido uma grande renovação no tempo de D. Manuel. É caracteristico o artezoado da abobada, cujos fechos adorna o escudo do bispo D. Diogo Ortiz, contemporaneo d'aquelle monarcha e por elle incumbido da educação do principe D. João. Os pilares que sustentam a abobada estão cobertos d'uma espessa camada de cal ou gesso, excepto nas bases, para melhor se conhecer o vandalismo.

O côro alto é uma das obras mais antigas da esculptura em madeira em Portugal. Foi provavelmente feito na occasião em que se reconstruiu a abobada. As cadeiras são ornadas com figuras de variadissima phantasia. Faltam porém os espaldares das de traz, que no seculo XVII foram substituidos por outros acharoados, em completa discordancia com a parte restante.

Havia noutro tempo no côro uma bella estante de bronze, uma *estante-aguia*, como algumas que ainda se conservam nos museus e egrejas da Belgica e sahiam das fabricas de Dinant.

Descobriu-a por acaso Alfredo d'Andrade, olhando de uma das varandas ou terraço da sé para o alto da torre do sul. Está ahi uma armação de ferro e suspenso nella o sino do relogio. Servia-lhe de remate um passarôlo que de baixo não se podia determinar bem o que fosse. Andrade subiu ao terraço da torre, e exclamou de lá admirado: «É uma aguia de bronze, uma estante de côro!»

Entre as alfaias da sé tem o logar mais distincto uma bella custodia de estylo ogival, muito semelhante a outra que se conserva na Academia de Bellas Artes de Lisboa e que parece ter pertencido ao convento da Pena de Cintra. Na base da de Vizeu lê-se o seguinte: MICHAEL SYLVIVS EPISCOPVS VISENS D. D. AN. M. D. XXXIII.

Depois da custodia deve mencionar-se um calix de prata dourada, ornado de esmaltes e pedras e com as armas do doador. Na superficie inferior da base lê-se: GVASPAR DE CAMPOS AVREV CHANTRE E CONEGO NA SE DE VIZEV O MANDOV FAZER ANO DE 1629.

Fui encontrar depois na sé da Guarda outro calix muito similhante. Comquanto pareçam ambos obras portuguezas, nem antes tinha visto nem depois tornei a ver nenhum outro da mesma especie.

Depois de examinar as alfaias de prata, repeti uma pergunta que costumava fazer em occasiões similhantes: «Não haverá mais alguma cousa? Algum objecto de ferro, cobre ou bronze sem valor, mas velho?» Depois de alguma instancia disseram-me que havia duas caixas de cobre, mas sem valor nenhum. Pedi para que nol-as trouxessem. Eram dois relicarios de cobre esmaltado de Limoges dos seculos XII ou XIII!

Na casa do Capitulo, alem dos quatorze quadros, de que já fallei, e que, não obstante serem d'um estylo comparavel ao dos melhores mestres de Flandres, parece terem sido pintados em Portugal, por alguns dos objectos e dos costumes nelles representados, encontrámos duas obras de arte dignas de menção.

A mais antiga é um Evangeliario, manuscripto em pergaminho, do seculo XII ou XIII. A encadernação de prata com douraduras, sem duvida posterior, parece do seculo XIV, pelos caracteres da seguinte inscripção em allemão minusculo: JHVS AVTEM TRASIENS PER MEDEO YLOROM IBAT AVE MARIA GRATIA PLENA DOMINVS TECON.

A outra é um Sancto Christo de marfim de grandes dimensões, obra italiana do seculo passado.

Da sé passámos ao convento de freiras de S. Bento, aonde nos acompanhou o reverendo Gaudencio José Pereira, vigario capitular. Existia alli apenas uma freira que nos recebeu com muito mau humor, querendo evitar que entrassemos na clausura. Venceu-se a resistencia, mas sem utilidade nenhuma. O convento está em completa ruina. Não tem obras de arte interessantes. Apenas alli vimos uma custodia de columnas similhante a outras muitas que se colligiram para a exposição de Lisboa, e que correspondem aos fins do seculo XVI ou ao seculo XVII.

A sahida encontrámos o conego P. Conhecera este individuo em Coimbra, sendo elle estudante de preparatorios. Leccionara-o

até gratuitamente em Introdução á historia natural. Depois nunca mais tornara a vêl-o.

. . . . . .

O conego apenas nos avistou, veiu ao nosso encontro, cumprimentou-me e entrou a despropositar ácerca da pretenção que tinha o governo de levar para uma exposição as alfaias da sé. Que parecia incrivel que, depois de ter, havia muitos annos, privado o cabido do missal de Estevão Gonçalves, quizesse ainda agora levar o mais, etc.

Não insisti; ignorando então a historia do missal, não duvidei do que affirmara o conego; e conclui que pouco ou nada poderia esperar. Passados dois dias, voltei a Fontello, e achei o bispo vacillante, em quanto que da primeira vez não pozera a menor duvida em deixar sahir da sé o que quizessemos. Soube depois que o conego P. fôra a Fontello e ahi continuara a despropositar de tal fórma que o bispo entendeu não dever incommodar-se mais com isto. Repetiu-me o facto do missal, accrescentando: «O governo auctorisou a reproducção d'esta obra de arte em Paris; e nem ao menos me deu um exemplar. Tenho um com que me obsequiou o meu amigo José Ribeiro da Cunha.»

Em taes circumstancias fiquei entendendo que nada interessariamos em demorar-nos em Vizeu; e, tendo pedido ao vigario geral que me communicasse qualquer resolução do cabido para a Guarda, partimos immediatamente para aquella cidade[1].

---

[1] Chegado o manuscripto de Filippe Simões a este ponto, segue-se meia pagina em branco. Reservaria o auctor este espaço para escrever mais alguma cousa relativamente ao missal de Estevão Gonçalves? É possivel que o destinasse para desmentir a falsa asserção do conego Pires e do bispo de Vizeu, de que o missal pertenceu á sé ou ao cabido visiense. O missal, doado por Estevão Gonçalves ao bispo D. João Manuel, ficou sendo propriedade particular d'este, e de nenhum modo da mitra nem do cabido; tanto assim que, fundando D. João Manuel um jazigo para si e para sua familia no convento de Nossa Senhora dos Cardaes de Jesus, em Lisboa, doou a este convento varias peças de prata e alfaias, e entre ellas o referido missal. Vejamos o que diz a este respeito o auctorisadissimo escriptor, o sr. I. de Vilhena Barbosa, nos seus *Estudos historicos e archeologicos,* tomo I, pag. 109:

«O bispo D. João Manuel foi transferido da diocese de Vizeu para a de Coimbra em 1625 e d'esta para o arcebispado de Lisboa em 1632. Nomeado ao mesmo tempo por el-rei Fillipe III de Castella, e II dos que governaram em o nosso paiz, vice-rei de Portugal tomou posse d'este alto cargo em abril de 1633. Fallecendo em 4 de julho d'este mesmo anno, mandou-se sepultar na capella-mór do convento de Jesus (*de Lisboa*), a qual pouco antes se concluira, e fôra por elle edificada para lhe servir de jazigo e aos condes de Atalaya, seus parentes. Entre os ricos paramentos, peças de prata e outras alfaias que doou a este convento, de que era padroeiro, contava-se o missal

No dia 15 passámos por Mangualde e fomos pernoitar a Celorico. Na primeira d'estas villas demorámo-nos apenas algumas horas para visitar a casa dos Paes, hoje da condessa da Anadia. Não encontrámos, como esperavamos, obras de arte notaveis, excepto um bello retrato d'um dos antigos representantes da casa, attribuido a Peregrino. A antiga mobilia tinha sido substituida por outra sem grande valor.

No dia seguinte visitámos o castello e egrejas de Celorico. A cêrca do castello fórma uma curva irregular. As muralhas já não têem ameias, e estão em grande parte destruidas. Como são de pedras faceadas, apenas juxta-postas e sem argamassa que as ligue, torna-se extremamente facil arrancal-as. Porisso alli as têem ido buscar para as empregarem em construcções na villa. Ignoro se ainda hoje subsiste o mesmo costume. Sendo assim, dentro de poucos annos terão desapparecido aquelles interessantes vestigios da edade-media.

No interior do castello conservava-se ainda de pé a torre de menagem, e os restos d'um outro edificio que seria talvez a alcaçova. Reduzido porém a uma parede desmantelada faltam caracteres para determinar com mais certeza o que terá sido no castello esta velha ruina.

A torre de menagem é de fórma quadrangular. Na parte superior das paredes vêem-se ainda os buracos por onde sahiam horizontalmente as vigas que sustentavam a armação de madeira, especie de varanda ou andaime, d'onde os sitiados impediam por meio de projectis, lançados verticalmente, a aproximação dos sitiantes que pretendessem penetrar na torre, e que, trabalhando junto dos muros, se punham ao abrigo dos tiros lançados das ameias.

Nas faces interiores das paredes da torre ficaram salientes de 90 em 90 centimetros, pouco mais ou menos, em altura, as pedras que serviram para sustentar os andaimes empregados na construcção. Este processo foi seguido por certo para não deixar da parte de fóra buracos ou saliencias que favorecessem qualquer ataque dirigido contra a torre. Vêem-se tambem nas mesmas faces interiores os cachorros que sustentavam os pavimentos de madeira, os quaes inteiramente desappareceram.

Da mesma sorte que nos castellos de Trancoso, Guimarães e

---

de Estevão Gonçalves. Desde então até hoje tem-se conservado na livraria que foi dos religiosos terceiros e ao presente se acha reunida á da Academia real das sciencias de Lisboa.»

Vide ainda sobre o assumpto um artigo do sr. Abbade de Castro no *Archivo Pittoresco*, vol. x, pag. 72.

outros, numerosas escadinhas de pedra, partindo divergentes de logares proximos, facilitavam o rapido accesso a qualquer ponto da cêrca, onde se tornasse de subito necessaria a defeza.

Da parte do sul do castello, á esquerda da entrada, seguindo pelos penedos que jazem por fóra da muralha, acha-se um pedaço de rocha de fórma irregular, calçado com calhaus para não cahir, e que parece destacado da restante penedia. Na face inferior tem gravadas algumas lettras que parece terem feito parte d'uma inscripção. A posição da pedra e a deterioração dos caracteres nem ao menos nos permittiram determinar o alphabeto a que pertencem.

As egrejas não contêem nada notavel. A de S. Pedro, que foi de templarios, está muito arruinada. Numa parede interior da de Sancta Maria achámos embutidas umas pedras com ornatos muito rudes e que denotam uma epocha remota. Não nos pareceram porém sufficientemente caracteristicos para se attribuirem á epocha wisigothica ou á epocha dos arabes, comquanto pareçam de alguma d'ellas.

Tinha o maior empenho de vêr o celebre quadro de Gaspar Dias, citado na Lista do Patriarcha D. Francisco de S. Luiz como um *milagre da arte*. Não vi porem nas egrejas de Celorico senão um quadro em madeira, e este na sacristia da Misericordia. É obra muito incorreta do seculo XVII ou já do seculo XVIII. O outro, segundo a informação do conego Villela, citado na Lista dos Artistas, representava a Circumcisão e existia na egreja de S. Pedro.

Celorico é uma villa antiga que ainda conserva, nas ruas escuras e tortuosas e nalgumas das casas, o seu aspecto medieval. É possivel que deixassemos de vêr algumas obras notaveis, porque não tivemos alli ninguem que nos guiasse. Contava com o auxilio do medico Antonio Augusto Cardoso, que fôra meu contemporaneo em Coimbra, mas por infelicidade estava ausente.

No dia 16 transportámo-nos de Celorico á Guarda, pela estrada que em grande parte segue o valle do Mondego por uma região extremamente pittoresca e encantadora. Os sabugueiros, então em flor, guarneciam a estrada em muitos logares. Grandes mattas e arvoredos, notaveis pelo vigor de vegetação, cobrem as encostas; por entre elles se avistam raras quintas, casaes, ou terras cultivadas, e em baixo, numa ou noutra parte, o Mondego, ainda pequeno riacho serpenteando por entre calhaus denegridos ou precipitando-se com fragor dos açudes que de espaços a espaços o represam.

Em breve se desvanece este panorama; e a estrada, subindo sempre em grande extensão, vai colleando montes agrestes ou escalvados, até findar na Guarda, que está numa grande alti-

tude, tão grande que, apesar de ser em meiados de maio, os castanheiros não tinham ainda folhas, mas apenas os gommos ou rebentos de que haviam de formar-se. E todavia em baixo, a alguns kilometros de distancia, no valle do Mondego, tinhamos visto as arvores da mesma especie inteiramente cobertas de folhagem, e nem sei mesmo se até já em inflorescencia.

A Guarda, não obstante haver sido elevada á categoria de cidade, não passa de uma grande aldeia. Pareceu-me uma terra decadente. Os habitantes não têem industrias que os sustentem. A propria agricultura, no cimo d'aquelles altos montes, se reduz a muito pouco. Terra dos quatro FF lhe ouvi lá chamar: Fria, forte, feia, fedorenta. Ha com effeito pouco asseio na maior parte das casas, que de velhas se arruinam. No hotel em que nos hospedámos, o unico da cidade, havia tão grossa camada de esterco sobre os sobrados, que nos corredores não se ouviam os passos d'aquelles que os percorriam. Deitei-me na cama, e pela manhã, quando me levantei, vi a fronha da travesseirinha toda manchada com o cebo que impregnava a almofada.

Na Guarda encontrei o Deão da sé, meu antigo amigo, Joaquim Maria Leite, e o advogado José de Castro, com quem me correspondera já sobre algumas antigualhas, de que me informou para Coimbra. Estes dois cavalheiros tractaram-nos com a maior amabilidade e acompanharam-nos na cidade.

A sé da Guarda é um dos templos antigos de Portugal que menos alterado conservam o caracter gothico primitivo. As paredes do edificio, coroadas de ameias e denegridas pelos soes de muitos seculos, as grandes torres quadrangulares que defendem a fachada principal dão-lhe um aspecto vetusto e pittoresco. O primeiro exame exterior e interior do templo dá logo a conhecer construcções de varias epochas, sendo algumas anteriores a D. João I, e a maior parte do edificio da epocha d'este monarcha. O estylo da Batalha apparece claramente numa bella porta lateral que Alfredo d'Andrade desenhou.

O estylo do frontispicio parece já d'uma epocha posterior, talvez do tempo de D. Manuel, alterado porém com algumas janellas de fórma quadrangular que abriram no seculo passado. O edificio presta-se a um estudo interessante que eu não tive tempo de fazer. Os brazões episcopaes que se encontram pelas paredes e abobadas poderão servir muito bem para uma determinação mais especificada das varias epochas. Mas o reconhecimento dos brazões, principalmente dos mais antigos, demanda só por si um longo e aturado estudo.

Apresse-se porém quem o quizer fazer, porque o majestoso edificio da sé da Guarda está infelizmente condemnado a uma

proxima ruina. Os terraços e canos superiores, á roda e por baixo dos beiraes do telhado, eram antigamente forrados de chumbo. O tempo começou a desligar as laminas d'este metal e os sacristães ou meninos do côro ou gente que ia tocar os sinos, foram furtando o que poderam. A agua da chuva ou resultante da fusão da neve entrou a infiltrar-se pelas paredes e a cahir dentro do templo como na rua.

Acudiu o governo a querer remediar o mal, e ordenou, ha annos, que pela Direcção das Obras Publicas do Districto da Guarda se fizessem os necessarios concertos. Sabe-se de que vandalismos são capazes as Direcções das Obras Publicas em Portugal. Pois o que neste caso commetteram ultrapassa em barbaria quanto imaginar-se possa. Arrancaram o chumbo que restava, que era ainda muito, e substituiram-no por asphalto! Exposto aos raios d'um sol abrazador no verão e no inverno á frialdade da neve, que chega a um metro e mais de espessura, o asphalto fendeu-se todo, e hoje o edificio da sé está muito peior do que antes de concertado.

Assim quem entrar na egreja experimentará a mais extravagante impressão ao vêr as paredes cobertas de limos verdes. No côro alto d'aquella talha perfeita e elegante que se fazia em Portugal no seculo XVI a côr esverdinhada das paredes matiza-se com a esbranquiçada do bolor que nalgumas partes cobre a madeira. Emfim num armario do cartorio fomos encontrar massos de pergaminhos, collados uns aos outros pela podridão e humidade. Andrade, o deão e eu occupámo-nos por algum tempo em desdobrar e descollar com o maior cuidado os pergaminhos para os extendermos sobre uma mesa a enxugar. Muitos estavam inteiramente perdidos. Lembro-me sobre tudo d'uma pasta que continha aquelles que Alexandre Herculano escolhera em 185... para serem recolhidos á Torre do Tombo, e que os conegos retiveram com aquella pertinacia de que são capazes em desacertos d'esta especie.

Devo fazer justiça ao meu amigo deão, homem illustrado que a esse tempo ainda não era conego, e que condemnou o procedimento dos seus antecessores. Chegou a dizer-me que, se o governo mandasse ir os pergaminhos, embora deteriorados para o Archivo Nacional, de certo não encontraria agora opposição da parte do cabido. Recommendei officiosamente em Lisboa este negocio, más julgo que sem resultado até hoje.

A proposito da ruina dos terraços disseram-me que se tratava agora de substituir o asphalto por cimento. Tal substituição, se a fizerem, será um novo erro, porque, se o cimento resistisse á dilatação causada pela congelação da agua infiltrada, não deixaria

de certo de se fender pelo continuo perpassar das pessoas que para irem ás torres, ou para outro qualquer fim, percorrem todos os dias aquellas estreitas passagens por cima dos terraços ou dos telhados. Os architectos que edificaram a sé sabiam muito bem o que faziam preferindo o chumbo a qualquer outro revestimento. Nas condições especiaes do clima da Guarda sómente d'esta sorte se poderá evitar a infiltração e até o corrimento da agua para o interior do templo. Do chumbo pois se deveria ainda hoje lançar mão, se por acaso se quizesse evitar a ruina que parece imminente.

Na sé vi apenas uma alfaia digna de menção. É um calix similhante ao da sé de Vizeu, porém menos perfeito. Tem a mesma fórma e esmaltes do mesmo genero. Na base lê-se o seguinte: JACOBVS AIFAYA ARCHIDIACONUS ECCLESIAE EGITANIENSIS XPO. OP. MAX. DICAVIT ANNO 1600. Contaram-me que houvera outras alfaias de valor que, escondidas no tempo da invasão dos francezes, se desencaminharam depois não sei para onde.

Munidos com uma ordem do governador do bispado, apresentámo-nos na portaria do convento de religiosas de Santa Clara. Responderam-nos de dentro que a abbadessa estava doente, pelo que não era possivel darem-nos entrada no convento. Repliquei que não podiamos deixar de cumprir a ordem do governo, e que alguma outra religiosa haveria que fizesse as vezes da abbadessa. Retorquiram que estavam todas doentes, que esperassemos que se restabelecessem. Disse que não era possivel demorar-nos na Guarda á espera que terminassem as doenças. Que o governo, se não cumprissem a ordem que traziamos, poderia transferir as religiosas para algum outro convento da mesma regra fóra da Guarda. Immediatamente se abriu a porta; mas como as freiras se tinham dado por doentes, fomos acompanhados pelas creadas.

O convento está muito arruinado. Apenas alli encontrámos um velho e grande cofre forrado de couro com ferragens caracteristicas do seculo XV ou XVI, e uma pedra elegantemente esculpida, que pedi para a Academia de Bellas Artes, para onde mais tarde foram transportadas. Das alfaias que nos mostraram sómente uma custodia de prata dourada, de columnas, na forma usada, nos fins do seculo XVI e no immediato, tem valor artistico.

Na distancia de um ou dois kilometros da cidade para a parte do sul ou do poente subsiste de pé a capella de Nossa Senhora de Mileu. É um bello exemplar do estylo romanico do seculo XII, pelas poucas alterações que tem padecido. Andrade tirou a planta e desenho d'este pequeno e curioso templo.

Por indicação de José de Castro, advogado na Guarda, e em sua companhia, fomos ver a anta do Carvalhal das Gouvêas. Não tem

nada notavel. Recentemente havia sido explorada não sei por quem. Perguntei a um homem que alli appareceu se não vira por alguns d'aquelles sitios pedras com letreiros. Responden-me que na distancia de mais de uma legua, no alto de um monte havia uns penedos todos cobertos de letras e signaes. Fomos no carro até Carvalhal de Gouvêas, onde encontrámos uma capella pequena no estylo da de Nossa Senhora de Mileu. Ahi nos apeámos e tivemos de andar mais de uma legua por maus caminhos e por fim por meio de matto, até chegarmos ao alto do monte, de cujo nome não me recordo. Os penedos estavam com effeito inteiramente cobertos de cruzes e de traços, obra de algum pastor que nesse entretenimento passara as horas de enfado. Voltámos pelo mesmo caminho, tendo feito mais de duas leguas inutilmente.

No dia 18 passámos a Trancoso, que ainda conserva toda a apparencia de uma povoação guerreira da edade media: ruas estreitas e tortuosas, o castello no alto da collina, a cêrca ameiada, guarnecendo como um vasto annel de pedra as casas interiores.

Trancoso teve grande importancia na edade media. Depois as obras de fortificação e o desenvolvimento da villa estacionaram, e desde então tudo se conservou como estava, excepto as partes que têem sido destruidas.

É por assim dizer uma villa fossil, que representa hoje a edade media como Herculanum e Pompeia representam a epocha romana.

O castello tem grande analogia com o de Celorico: uma torre de menagem, a muralha irregularmente curva com as escadinhas divergentes muito proximas pela parte de dentro, as pedras apparelhadas juxta-postas sem argamassa, as ameias e alguma parte dos muros tambem demolidos com o fim de empregar a pedra em construcções particulares.

Notam-se porèm differenças grandes entre a torre de menagem de Trancoso e a de Celorico. A primeira é mais antiga que a segunda e que todas aquellas que tenho visto em Portugal. A sua fórma é a de uma pyramide quadrangular truncada, e não a do prisma regular de base rectangular. Com effeito as quatro muralhas e as arestas que as limitam inclinam-se muito apparentemente de baixo para cima e de fóra para dentro, e dão á torre o aspecto de uma d'aquellas antigas construcções egypcias, em cuja fórma pyramidal parece estar a condição da sua estabilidade e da resistencia que offerecem ao poder destruidor do tempo.

No apparelho da torre ha outra particularidade notavel. Muitas das pedras são como dentadas para se engatarem nas outras mais proximas. Esta circumstancia, se por uma parte tira ás faces da torre a apparencia da regularidade e symetria que distingue

as construcções congeneres, parece dar-lhes por outra parte uma robustez muito maior.

Todavia, ou porque a minassem por baixo ou pela acção de algum terremoto, ou por outra causa, um dos angulos da torre desmoronou-se numa epocha indeterminavel. Alevantaram de novo as muralhas derrocadas, mas o processo de endentar as pedras tinha-se já perdido, de sorte que a parte restaurada se differença muito bem da restante pela falta d'esta particularidade.

A porta, como nas torres congeneres, está á altura de alguns metros do chão adjacente. Era um meio simples e seguro de impedir a entrada. Mas em Trancoso a porta da torre de menagem tem uma fórma propria, differente de todas as outras que tenho visto. O arco é de volta de ferradura e as empostas cobertas de ornatos geometricos em baixo relevo. É o estylo arabe sem o apuro e perfeição que ostenta noutras construcções peninsulares.

A torre, pelo seu aspecto extranho e desusado, particularmente da face onde está a porta, destôa não só das construcções que a cercam, mas tambem de todos os exemplares da architectura militar que tenho visto em Portugal. Será uma reliquia dos tempos da dominação arabe, de que tão poucos vestigios ficaram no occidente da Peninsula? Ou seria construida por artifices mouros numa epocha posterior?

A cêrca offerece particularidades curiosas. As muralhas são defendidas por torres ou cubellos, separados uns dos outros por uma distancia correspondente ao tiro de bésta. Algumas d'estas torres foram já demolidas: outras reedificadas no tempo de D. Manuel ou de D. João III, sem todavia se differençarem das outras por caracteres bem proeminentes.

As portas principaes são defendidas por torres encimadas de terraços para onde se sóbe por escadas de alguns lanços. Entre torre e torre deixaram um espaço vazio a fim de defender por meio de projectis, lançados verticalmente, a passagem das portas. D'estas a exterior fechava-se com corrediça, que descia verticalmente, como um panno de theatro; a interior com batentes de madeira que se trancavam por dentro depois de fechada a de fóra.

Dos arcos das portas, que todos eram ogivaes, alguns têem sido alargados para facilitar o transito dos carros. Em muitas partes faltam, como no castello, as ameias e até pedras das muralhas que arrancaram para construcções. É provavel que para este mesmo fim demolissem as torres que já não existem.

Na praça da villa subsiste ainda de pé um velho edificio quadrangular muito notavel. Parece uma alcaçova que ficaria fóra

do castello, hypothese admissivel, por ser toda a villa cercada de muralhas. O apparelho da pedra e certas particularidades da construcção revelam-nos uma arte mais fina e apurada que a das outras obras defensivas da povoação. A ogiva das frestas e janellas é trilobada. Na peça divisoria de uma das elegantes janellas geminadas ha uma figura de phantasia lavrada com delicadeza. Na parte inferior e interior das paredes restam alguns vestigios de pinturas muraes, porém tão pequenos que apenas deixam perceber o estylo gothico da epocha remota em que foram feitas.

Esta construcção, com todos os caracteres de uma residencia real nos primeiros seculos da monarchia, estava incorporada no convento de Sancta Clara e servia ás freiras de mirante, como a torre que na Guarda faz parte do convento da mesma ordem. Em Trancoso, mal fallecêra a ultima freira, o povo invadiu o recinto e demoliu tudo para se appropriar dos materiaes. Ainda hoje se mostram nalgumas casas as traves trazidas do convento e empregadas em novas construcções.

As ruinas da alcaçova ou paços de Trancoso desapparecerão tambem dentro em pouco. Parece que foi já resolvida pela camara municipal a demolição sob pretexto de aproveitar o terreno para construir uma cadeia.

A architectura deveria ter tido grande desenvolvimento em Trancoso no seculo XII. Fóra da cêrca ameiada e em pequena distancia conserva-se uma capella de Sancta Luzia, de estylo romanico. Externamente os modilhões da cornija e internamente o arco da capella-mór são caracteristicos. Aconteceu porém desfazer-se e refazer-se parcialmente a capella uma e mais vezes. Quem estudar a architectura antiga de Trancoso e d'outras povoações situadas em terrenos graniticos, ha de ter em vista este facto commum a outros monumentos d'aquella região, onde a falta da cal obrigou a construir sem argamassa, juxta-pondo as pedras bem apparelhadas.

Nestes refazimentos commettiam-se ás vezes erros notaveis pela alteração do risco primitivo ou pela simples mudança dos logares das pedras. Numa das reconstrucções parciaes da capella de Sancta Luzia substituiram o arco de volta rodonda da porta primitiva por outro de ogiva que veiu do convento demolido na praça, substituição ha poucos annos effeituada, segundo attestaram algumas pessoas de Trancoso que nos acompanhavam.

Fóra da villa e para a parte de leste conserva ainda muitos vestigios do mesmo estylo a egreja de Nossa Senhora da Fresta, cujo adro e terreno adjacente têem servido de cemiterio.

As portas lateraes primitivas, hoje tapadas, têem arcos quasi ogivaes. Na do norte resta o tympano com uma rude cruz rele-

vada. Numa d'estas portas vê-se ainda um arco e parte d'outro, que teriam talvez pertencido á fachada principal, com a ornamentação á maneira de xadrez, tão commum naquelle estylo. Pelas paredes conservam-se inscripções de varias epochas, e á direita da porta septemtrional a seguinte, provavelmente pouco posterior á construcção da egreja:

E MCCXXX
III OBIIT SVA
RIVS PRESBI
TER. PATER ÑO

No cemiterio mostram como objecto de pia curiosidade e de popular devoção a *Sepultura da Condessinha*. É uma campa raza que cobre os restos mortaes de uma condessa de Tavarede, fallecida ha poucos annos. Joven, rica e formosa, fôra em Trancoso o anjo tutelar dos pobres e desgraçados. Illuminava-a uma aureola de sanctidade, realçada pelos crueis soffrimentos de uma longa phthisica, enfermidade que a final a roubou na flôr da edade ao povo que a idolatrava. Ainda hoje vão devotamente tirar pequenas porções de terra á sepultura, como memoria da infeliz condessinha, ou como talisman sancto que depois da sua morte perpetue o bem que ella fazia em vida.

Na distancia de um ou dois kilometros da villa, para a parte do poente, subsiste de pé uma velha egreja de Sancto Antão que ha poucos annos servia de parochia á aldeia de Courellas, hoje annexada a Trancoso.

Finalmente numa pequena praça estão ainda enterrados, á maneira de marcos, alguns modilhões romanicos, que nos disseram procedentes da antiga egreja de S. João intra-muros, há muitas annos demolida.

Este notavel desenvolvimento da architectura religiosa em Trancoso corresponde pois á epocha da transição do estylo romanico para o ogival, e portanto á epocha de Cedofeita, no Porto; Almacave, em Lamego; e S. Miguel do Castello, em Guimarães.

Tinham-nos informado na Guarda de que poderiamos encontrar em Trancoso algumas obras de arte, procedentes do convento de Sancta Clara. Achámos com effeito alguns objectos de prata, hoje em poder de uma confraria, e que haviam pertencido áquelle convento. Não têem interesse artistico, excepto uma grande e bella custodia de prata dourada com o relicario de columnas no estylo commum do seculo XVII. Vimos tambem quatro quadros do mesmo convento, dois na egreja de Sancta Maria de Guimarães e outros dois na capella da Senhora da Calçada. Os primeiros

representam a Morte de Nossa Senhora e a Visitação; os segundos a Annunciação e a Adoração. No colorido e nas cabeças dão estes quadros reminiscencias das obras do Grão Vasco. Parece todavia serem de uma epocha pouco posterior e corresponderem a uma degeneração d'aquella eschola.

Em Trancoso fallaram-nos de varias antigualhas existentes no Baraçal, Alverca, Moreira de Rey, Figueirad e Castello Rodrigo, Marialva e Cacia. Seria interessante visitar todos estes logares e outros á roda da villa. Estas investigações porém levariam muito tempo, e de nenhuma utilidade seriam para o fim particular que nos conduzira a Trancoso.

No dia 20 seguimos para Lamego, aonde chegámos na antemanhã do dia 21.

Visitámos primeiramente o paço episcopal, onde se conservam ainda duas salas forradas de pannos de Arras, outr'ora tão communs e hoje tão raros em Portugal. Os de uma das salas, mais antigos, remontam á primeira metade do seculo XVI, e representam assumptos mythologicos, alguns talvez historicos. Como as figuras estão trajadas ao modo da epocha em que os pannos foram fabricados, sómente um estudo mais detido que o que podiamos fazer nos levaria a uma determinação positiva neste e noutros pontos. Eram estes pannos de outra sala, e foram accommodados áquella em que se conservam, ficando algumas vezes sobrepostos uns aos outros e mutilados os quadros que representam.

Os pannos da outra sala, de côres mais vivas, porém menos valiosos, indicam já a epocha e a influencia de Rubens.

Nas outras salas vimos grande numero de pinturas em madeira e em tela, pela maior parte sem valor nenhum.

Na capella do paço encontrámos muitas alfaias de prata dourada, a maior parte das quaes formam uma collecção interessante pelo estylo, bastante original em relação ao dos objectos congeneres, mais tarde reunidos em grande copia na Exposição de Lisboa. A originalidade está em que na ornamentação predominam quasi exclusivamente as fórmas geometricas. Parece obra dos fins do seculo XVII ou já do seculo XVIII.

Depois de havermos escolhido no paço episcopal alguns objectos mais interessantes para a Exposição, visitámos o convento das Chagas. Conservam-se ainda aqui muitos objectos de prata sem grande valor artistico, excepto duas bellas lampadas eguaes que servem de adorno á capella-mór nas solemnidades religiosas. São extremamente elegantes e muito bem ornamentadas no estylo dos fins do seculo XVI ou dos principios do seculo XVII. Entre os outros objectos escolhidos merece mencionar-se um broche de

ouro do seculo XVI, que adornava uma imagem de Nossa Senhora no côro do convento.

Acolheu-nos a digna abbadessa com grande delicadeza, empenhando-se em auxiliar-nos no desempenho da nossa commissão. Foi este o primeiro convento em que encontrámos bom acolhimento, para o que influiu o ser alli religiosa professa uma tia do inspector da Academia de Bellas Artes, e tambem o muito que desejava servil-o o conego Fafe, capellão do convento.

Na sé de Lamego não vimos obra de arte notavel, excepto dois crucifixos do seculo XVI com imagens de muito boa esculptura, e quatro quadros de estylo flamengo na casa capitular. Pareceram-nos muito dignos de notar-se, por differirem bastante, pelo estylo, das collecções da Academia e dos outros quadros conhecidos. Naturalmente os reputariamos obra extrangeira, se não vissemos num d'elles um carro com a fórma caracteristica d'aquelles que ainda hoje se usam em Lamego. Parece que teriam sido parte de algum antigo retabulo da capella-mór, similhante aos que outr'ora exornaram as das sés de Evora e de Vizeu. Representam: 1.º a Creação dos animaes; 2.º a Annunciação; 3.º a Visitação; 4.º a Circumcisão. Alguns estão estragados com retoques posteriores.

Architectonicamente pequena importancia tem a sé de Lamego. No interior foi toda reedificada no seculo passado. Reputavamos a fachada principal uma reforma do tempo de D. João I. Mas Andrade, concordando em que na porta do meio se reconhece o estylo da Batalha, attribuiu as lateraes, na mesma fachada, á epocha de D. Manuel. A mim não me parece muito provavel a construcção da fachada em epochas differentes, entre as quaes mediaria um seculo.

O claustro é uma d'aquellas obras de mau gosto com que se estreiou a Renascença em Portugal.

Ao lado do frontispicio da egreja resta uma torre do seculo XII, o vestigio de maior antiguidade em toda a sé. Nella se conservam duas janellas muito caracteristicas. Uma é ogival com a fórma imperfeita e pouco elegante que deve corresponder á introducção da ogiva no occidente da Peninsula. A outra é romanica, de volta redonda, profusamente ornamentada, mas o arco volta-se para dentro nas pontas, fazendo lembrar a volta de ferradura.

Além da sé, não ha na cidade outra egreja de architectura notavel senão a de Sancta Maria d'Almacave. Alterada profundamente com obras de varias epochas, apenas conserva duas portas e alguns modilhões como provas da sua antiguidade. A fórma larga da ogiva e os lavores dos capiteis naturalmente a relacio-

nam com outros edificios religiosos do seculo XII, já mencionados a proposito dos de Trancoso.

Disseram-nos em Lamego haver na distancia de um a dois kilometros da cidade, na margem do rio Balsemão e no logar do mesmo nome uma egreja ou capella notavel pela antiguidade e por inscripções que nella se conservam.

Para alli nos dirigimos um dia pelas cinco horas da manhã, e o que se nos deparou foi causa da mais viva admiração. Externamente não nos apparecia signal nenhum de grande antiguidade, excepto umas lapides com inscripções romanas embutidas na parede em epocha relativamente recente. Mas interiormente viamos um edificio christão muito mais antigo que todos aquelles que em Portugal conheciamos, e de todos tambem muito differente pelo estylo da ornamentação e aspecto geral da sua fabrica.

É um pequeno templo de tres naves sem cruzeiro. O arco da capella-mór estriba-se em empostas singelas e grosseiramente ornamentadas, assentes sobre columnas de granito. Tres arcos de volta redonda, apoiados sobre duas columnas e pilastras, separam da nave central cada uma das naves lateraes. Todos os capiteis corinthios e de rude lavor de certo foram aproveitados de um edificio romano mais antigo.

Os dois capiteis do lado da Epistola são de melhor desenho, mas tiraram-lhes os abacos, deixando-os nos do outro lado, cujo lavor é differente. Os fustes e as bases são lisas, excepto a de uma columna da parte da Epistola que faz lembrar um capitel jonico invertido. As bases, baixas, e com as proeminencias que se denominam *patas*, são evidentemente anteriores á epocha ogival.

As duas columnas, em que se estriba o arco da capella-mór, assemelham-se ás das naves e os capiteis aos da nave da parte da Epistola. Estas duas columnas com as empostas e paredes adjacentes estão desaprumadas, inclinando-se de baixo para cima e de dentro para fóra. Este desvio parece antes eventualmente causado pela pressão excentrica das paredes, que cederiam ao peso do arco, do que intencionalmente feito pelo architecto. O arco, a partir do terço inferior, foi remanejado para lhe augmentarem a elevação. Todavia no terço intacto, particularmente junto das empostas, vê-se bem clara a fórma caracteristica do arco arabe. É possivel que esta elevação do arco da capella-mór coincidisse com uma elevação geral das paredes, a fim de dar ao pequeno templo maior pé direito do que teria na fabrica primitiva.

As empostas d'este arco parecem imitadas de capiteis jonicos, e assentam sobre as pilastras lateraes e sobre os capiteis das

columnas, isto é prolongam-se horizontalmente para além e por fóra da superficie dos capiteis, entranhando-se nas paredes a que se encostam as columnas.

Dos capiteis, fustes e bases os primeiros são os que mais parece terem pertencido a um edificio preexistente. Os segundos, inteiramente lisos, não offerecem signaes caracteristicos de uma epocha determinada. As terceiras hão de reputar-se posteriores aos capiteis, pois sómente no seculo VIII começam a apparecer com os elementos denominados *patas*. Todas estas partes, bem como as pedras faceadas das paredes, são de granito.

A ornamentação que geralmente se encontra nos prolongamentos das empostas dos arcos, muito singela e rude, é puramente geometrica. No desenho predomina a linha curva, e os ornatos muitas vezes não passam de dois circulos concentricos. Não ha nenhuma analogia entre este estylo rudimental e o da ornamentação rica e variada das egrejas romanicas, taes como a Sé velha de Coimbra ou Cedofeita do Porto.

A anterioridade da pequena egreja de Balsêmão a estas ultimas obras da architectura religiosa do seculo XII em Portugal é pois evidente. A fórma do arco da capella-mór determina com egual evidencia outra epocha, para além da qual não poderia ser edificada; é a epocha da dominação arabe. Temos pois os limites extremos do seculo VIII e do seculo XII, entre os quaes deve necessariamente ter occorrido a construcção.

Ninguem contesta hoje que os mouros toleravam o culto christão em quanto dominaram a Peninsula. Todavia não parece provavel que por esse tempo se aperfeiçoasse a architectura a ponto de produzir monumentos notaveis, numa região tão afastada do centro da civilisação arabe, e de mais com a solidez bastante para resistirem a tantos seculos.

A occasião da conquista de Affonso III, que antes de 877 povoara de christãos a cidade de Lamego, tambem não parece a mais propria para se construirem templos de fabrica que em relação á epocha não desmerece o nome de apurada. Mas, decorridos alguns annos de paz, as artes deveriam logo elevar-se a ponto de produzirem monumentos mais perduraveis. Assim a epocha provavel da construcção da egreja de S. Pedro de Balsemão parece ter sido o espaço que decorreu entre a conquista de Affonso III, no terceiro quartel do seculo IX, e a invasão de Al-Manssor em 988. Comtudo a comparação da ornamentação da nossa egreja com a de outras de Hespanha anteriores ao seculo XI poderá fundamentar conclusões mais incontestaveis.

No corpo da egreja, ao cimo da nave lateral da parte do Evangelho, está um tumulo de granito de estylo ogival bastante rude

do seculo XIV. Na parte superior vê-se deitada a estatua de um bispo vestido de pontifical. Na parede junto ao arco da capella-mór, da parte da Epistola, está embutida a seguinte inscripção, elegante e cuidadosamente aberta numa pedra similhante ao calcareo d'Ançã; e diz em caracteres gothicos com muitas abreviaturas o seguinte:

Hic jacet Dominus Alfonsus Episcopus Portugalensis qui fecit et consecravit ecclesiam istam et visitavit Sepulcrum Domini et Basilicas Apostolorum Petri et Pauli et decessit in era MCCCC.

A inscripção está pois em completa discordancia com o estylo da egreja de Balsemão. Segundo ella o bispo do Porto D. Affonso, fallecido em 1362, fizera e consagrara a egreja. Sendo porém a sua fabrica alguns seculos anterior a 1300, resta-nos explicar a discordancia.

Primeiramente notaremos as differenças grandes que ha entre a lapida e o tumulo do bispo. Este é de granito, aquella de calcareo molle, similhante ao de Ançã. A esculptura do tumulo e da estatua que o cobre é grosseira, os caracteres gothicos estão bem gravados e sómente na fórma, caracteristica do seculo XV se relacionam com o monumento funebre. Com a sua rudeza artistica, finalmente, contrasta o apuro da inscripção que fôra até dourada em roda.

A primeira explicação que nos occorreu foi que, tendo sido o bispo sepultado numa outra egreja, o haviam transportado para a de Balsemão. Consultando porém o Catalogo dos Bispos do Porto de D. Rodrigo da Cunha, alli se nos depararam estas noticias:

«D. Affonso Pires, eleito bispo do Porto em 1358 ou 1359, instituiu uma capella da invocação de Nossa Senhora na egreja de S. Pedro de Balsemão, onde jaz sepultado do lado do Evangelho.»

O auctor refere-se á inscripção, indica o logar em que hoje se conserva e dá uma lição d'ella egual á nossa, excepto na palavra *consecravit*, que falta. Se as informações que D. Rodrigo da Cunha obteve, dois seculos depois da morte do bispo, são exactas, já não terá logar a hypothese da trasladação. Neste caso, havendo, como ha, impossibilidade absoluta de attribuir áquelle seculo ou aos quatro immediatamente anteriores a edificação, ha de recorrer-se a outra hypothese, e vem a ser ou que na lapida se escreveria *fecit* em vez de *refecit*, ou que se não faria a devida distincção entre uma edificação desde os alicerces e uma reconstrucção das paredes exteriores e renovação dos accessorios interiores, como aquellas que se repetiriam no seculo passado ou no anterior. D'essa rènovação do seculo XIV restam ainda tres

estatuas de sanctos pintadas e douradas, porém muito deterioradas e em parte desfeitas pela acção do tempo.

No dia 24 de maio recebemos um telegramma do Director da Academia de Bellas Artes, avisando-nos de que seriamos propostos ao governo para acompanharmos a Londres os objectos destinados á Exposição, para o que deveriamos immediatamente partir para Lisboa. Não querendo eu como deputado abandonar o meu logar na camara que havia de reabrir-se, passados alguns dias, pedi para me desonerarem d'esta commissão. Alfredo d'Andrade partiu logo no dia seguinte.

Demorei-me até ao dia 29 em Lamego, para colligir os objectos que tinham de ser conduzidos para Lisboa. O mau tempo não me permittiu nesses dias fazer duas digressões, em que tinha o maior empenho por serem de grande interesse artistico. Era uma a S. João de Tarouca, Salzedas, Ferreirim e castello de Ucanha a leste de Lamego; a outra a Barrô, S. Martinho de Mouros, e Sancta Maria de Carquere a oeste da mesma cidade.

De Lamego sahi no dia 29 em direcção a Arouca. Em Ovar encontrei dois amigos meus, Augusto Mendes Simões de Castro e José Alves de Mariz, que a meu pedido alli me esperavam para me acompanharem a Arouca.

Chegámos a esta villa no dia 30 de maio, e logo nos foi permittida a entrada no convento, para o que levava uma portaria do Governador do Bispado de Lamego.

Infelizmente aquelle rico e antigo mosteiro tem sido de tal sorte explorado, que hoje não se encontra alli uma só obra de arte com valor artistico, excepto a urna de ebano e prata em que se guarda o corpo de Santa Mafalda. Esta obra, que parece do tempo de D. João v, é notavel pela elegancia da fórma, belleza e delicadeza dos ornatos, e valor das materias empregadas na sua fabrica. Todavia faltam-lhe já alguns fragmentos dos ornatos mais delicados, estrago que irá continuando, porque a urna está coberta com uma cortina de chita, que levantam quasi violentamente quando alguem pertende ver o corpo da sancta ou a urna. Um vidro está partido, e a face, correspondente aos pés da sancta, aberta, deixando assim facilmente a qualquer que subir acima do altar metter a mão dentro para furtar o que melhor appetecer dos ricos vestidos bordados a ouro.

O grande templo, construido no seculo XVIII, é todo cercado de largos corredores, adornados de pinturas, retabulos e altares. Debalde porém se buscarão nelles tecidos, bordados, jarras, quadros ou alfaias de algum valor. Debalde se buscará um movel antigo pelas casas do vasto convento. Se, como é provavel, houve umas e outras cousas, totalmente desappareceram, substituidas

por aquellas que alli hoje existem e que nenhum interesse offerecem archeologico ou artistico.

Da communidade restam apenas duas religiosas. Como tivemos de passar do côro á sacristia, demoraram-nos alli de proposito em quanto as creadas retiravam dos gavetões a maior parte dos paramentos com receio de que lh'os levasse. Julgo porém que entre elles não encontraria nada notavel. O que é certo é que as pobres mulheres, que até então pareciam muito abatidas, colheram novo animo ao sahirmos da sacristia. E, entrando logo depois na cozinha, grandiosa na fórma do costume da ordem, disse-me uma d'ellas, apontando para uma grande mesa de granito:

—Quererá v. levar esta meza para a Exposição?

—Não, minha senhora, lhe respondi, é uma boa pedra que v. ex.as devem conservar para pôr sobre as cousas que não queiram que se vejam.

E noutra occasião, dizendo-me que no tempo da invasão não tinham os francezes entrado no convento, observei:

—Pois dir-se-hia que não sómente francezes, mas italianos, inglezes e allemães teriam aqui entrado para levarem todos os objectos de valor que houvesse no convento.

Disseram-nos que ainda hoje o convento tem de renda uns quatorze contos de réis.

Antes de entrar na villa, junto de uma egreja que julgo ser de S. Pedro, conserva-se um arco de granito extremamente curioso. Chamam-lhe *Moimento*, e anda em tradição que teria sido erguido, bem como outros dois que se encontram na estrada de Rio Tinto e que não tive occasião de observar, para commemorar o transito do cadaver da rainha D. Mafalda, d'aquella povoação, onde fallecera, para o mosteiro de Arouca, onde foi sepultada. O cadaver fôra milagrosamente transportado por uma mula sem guia.

A tradição é contestavel, porque Ruy de Pina e Fr. Bernardo de Brito affirmam que a rainha fallecera em Arouca. Um antigo e extenso epitaphio, que o segundo achara ainda inteiro, e Fr. Antonio Brandão em grande parte, não refere tão importante facto, como seria o transito de Rio Tinto para Arouca. Emfim tudo leva a crêr que sobre a existencia dos tres monumentos se architectaria a lenda vasada nos moldes de outra muito conhecida que se refere aos cinco Martyres de Marrocos.

Seja como fôr, tem este monumento pela sua fórma e dimensões a maior analogia com o de Odivellas, que todos suppõem levantado para o transito de um cadaver real, querendo uns que fosse, conforme a tradição, o d'el-rei D. Diniz, outros o d'el-rei

D. João I. Todavia o estylo differe muito, sendo ogival no monumento de Odivellas e romanico no de Arouca.

Tem este a fórma de um arco de volta redonda, no meio do qual foi horizontalmente atravessada uma pedra abaulada como a campa de um tumulo. Esta pedra estriba-se de cada lado em duas pequenas columnas com capiteis. As faces do arco, os capiteis e columnelos são muito ornamentados, num estylo que se attribuiria melhor ao seculo XII que ao immediato. O exame dos outros dois monumentos, se por acaso existem de pé, daria provavelmente indicações mais importantes, até porque o de Arouca foi remexido e restaurado. Infelizmente não me foi possivel seguir a estrada de Rio Tinto.

No dia 1 de maio regressei a Lisboa. Estavam já encaixotados os objectos que haviam de ir para a Exposição de Londres, e que sahiram alguns dias depois conduzidos por Alfredo d'Andrade e Francisco Rangel de Lima. A collecção constava de duzentos e tantos exemplares, sendo alguns objectos de prata da casa real, quasi todos os que se conservam na Academia de Bellas Artes, outros da Mitra patriarchal, cabido de Lisboa e conventos do Alemtejo e do Algarve, e tambem tecidos e bordados d'aquelle cabido e conventos, onde foram colligidos por Teixeira d'Aragão. Do Porto, Braga e Guimarães trouxera Vilhena Barbosa uma collecção importante, mas sob condição de não sahirem para fóra do reino. Com esta mesma condição emprestára o cabido de Evora as suas preciosidades, que junctamente com as outras ficaram depositadas na casa forte da Academia. El-rei D. Fernando tambem se recusou a enviar para Londres exemplares da sua grande collecção.

. . . . . .

Em quanto me demorei em Lisboa occupei-me no catalogo dos objectos depositados na casa forte da Academia. Em junho sahi para Coimbra a fim de formar aqui a collecção que havia de ir para a Exposição de Lisboa.

Comecei a desempenhar a minha commissão pelo cabido, não sómente por ser a parte mais importante pelo numero e riqueza das obras de arte que possue, mas tambem porque da concessão do cabido dependiam as outras que me importava obter das juntas de parochia e confrarias. Achei o bispo conde com as melhores disposições para me auxiliar no meu empenho.

. . . . . .

Outra collecção importante era aquella que se poderia trazer do convento de Sancta Clara. Disse-me porém o bispo conde, e bem o sabia eu, que nada conseguiria das freiras, se elle proprio

alli não fosse commigo. A este particular obsequio devo certamente o ter trazido d'aquelle convento muitos objectos, e entre elles o proprio collar da Rainha Sancta, venerado como reliquia de inestimavel valor.

O exemplo do cabido fez desapparecer todas as resistencias que encontraria nas egrejas de Coimbra, onde me foram emprestados todos os objectos que eu pedi. Na de Sancta Cruz foi-me até mostrada a vestimenta dos Sanctos Martyres de Marrocos, reliquia preciosa. Infelizmente não é mais antiga que o seculo XVII, epocha em que os conegos regrantes acompanharam outras communidades nas pias frandes das falsificações com que robusteciam e acendravam a credulidade popular.

Fóra de Coimbra visitei algumas das egrejas onde me constava existirem objectos antigos. E esta foi a parte mais trabalhosa da minha commissão. Para ir, por exemplo, a Pombeiro, no concelho d'Arganil, tive de sahir de Coimbra á meia noite num carro que levou pela estrada de Poiares. Mas de certa altura em diante ha de seguir-se um caminho escabroso, serra fóra, na distancia de duas leguas. Montei num cavallo que ahi me esperava, e cheguei a Pombeiro depois das cinco horas da manhã. O prior recebeu-me muito bem.

. . . . . .

Sahi de Pombeiro, acompanhando uma mulher que trazia á cabeça, numa cesta, as pratas da egreja. Fiz porém uma jornada tormentosa. Estava um calor ardente. A mulher pelo peso que trazia e pelo mau caminho andava muito de vagar, e eu tinha constantemente de refrear o cavallo, para me não adiantar muito. Cheguei á estrada macadamisada, onde me esperava o carro, sómente depois das onze horas da manhã.

. . . . . .

XXIX

A ARTE ANTIGA EM HESPANHA E PORTUGAL[1]

(EXTRACTOS)

PREFACIO

Na Exposição retrospectiva de arte ornamental, inaugurada em Lisboa a 12 de janeiro de 1882, reuniram-se pela primeira vez as obras mais notaveis que das artes decorativas se têem conservado em Portugal desde a fundação da monarchia até aos fins do seculo passado.

Á protecção de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Luiz, á parte

---

[1] A monographia d'onde extrahimos este *prefacio* e o *capitulo VI*, que segue adiante, intitula-se: *A arte antiga em Hespanha e Portugal — Breve Noticia pelo dr. Augusto Filippe Simões*, e precede o livro magnifico do sr. Carlos Relvas: *Album de phototypias da Exposição retrospectiva de arte ornamental em Lisboa*. M DCCC LXXXII.

Este livro, publicado logo depois do fallecimento de Filippe Simões, é um primoroso monumento que honra a celebrada Exposição de 1882, e tem a consagração seguinte: Á MEMORIA RESPEITAVEL E QUERIDA DO ILL.^MO E EX.^MO SR. DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, LENTE NA FACULDADE DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA E DISTINCTO ARCHEOLOGO. Na nota que acompanha a dedicatoria lê-se: «Não estava concluido ainda todo o trabalho d'este *Album*, quando veio surprehender-nos mui dolorosamente a noticia da morte do nosso excellente amigo! Resolvemos por isso aproveitar o ensejo de tributar-lhe aqui este sincero testemunho de reconhecimento, e a nossa homenagem ao seu talento, á sua illustração e ao seu brioso caracter. — Gollegã, fevereiro de 1884. — *José Relvas, Carlos Relvas.*

importantissima que Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Fernando se dignou de tomar na organisação da Exposição, se deve principalmente o bom exito d'esta empreza, que, sem aquelles altos patrocinios não mereceria de certo de nacionaes e extrangeiros o favor e os applausos com que foi acolhida e celebrada.

Os muitos e preciosos objectos, provenientes dos palacios da Ajuda e das Necessidades, constituiriam só por si uma exposição interessante. Havia porém mais as collecções enviadas pelo governo hespanhol e pelo South Kensington Museum e por alguns amadores extrangeiros. Finalmente os membros da commissão executiva da Exposição não pouparam esforços e trabalhos para colligir em Lisboa e nas provincias os exemplares que melhor poderiam representar a evolução da arte, principalmente em Portugal. Os proprietarios d'estes objectos, taes como a Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, as Mitras, Cabidos, Conventos, Egrejas, Bibliothecas, e outros estabelecimentos scientificos, Museus, Camaras Municipaes, outras corporações e particulares, todos á porfia se empenharam em concorrer para que a nação portugueza fosse digna e distinctamente representada na Exposição retrospectiva de arte ornamental. D'esta sorte mais de quatro mil objectos foram distribuidos pelas salas do palacio do marquez de Pombal em Lisboa.

Mas além de que as exposições são por sua natureza ephemeras, objectos que, durante os periodos em que se conservam abertas, parecerão destituidos de todo o interesse, tornar-se-hão depois, por circumstancias eventuaes e imprevistas, dignos da maior importancia. Por outra parte, ainda na propria Exposição falta a opportunidade para confrontar exemplares dispersos por salas differentes, quando para certos estudos se tornam indispensaveis essas confrontações. Finalmente, passado tempo, o facto que ainda hoje vive na memoria de todos cahirá no esquecimento; e o curioso das artes ou o investigador da sua historia terá de andar de cidade em cidade, em dilatada peregrinação, para observar dos objectos, que d'uma vez sómente chegaram a reunir-se no mesmo recinto, aquelles que por acaso houverem escapado á acção destruidora do tempo, ás restaurações ignaras dos nacionaes ou á avida cubiça dos extrangeiros.

Portanto a todas as exposições, seja qual for a natureza dos objectos expostos, obras de arte, machinas, animaes, plantas, serve hoje a photographia como de complemento necessario.

Ia porém já em mais de meio o periodo em que a Exposição de arte ornamental deveria conservar-se aberta, sem que a primeira entre as artes de moderna invenção começasse a perpetuar pelas suas fieis reproducções os mais interessantes dos

objectos expostos. E encerrar-se-ia de certo com esta falta lamentavel, se um distincto photographo-amador não viesse em auxilio da commissão executiva offerecendo-se-lhe para desempenhar este trabalho com a maior abnegação e desinteresse, encarregando-se de todas as despezas que demandava e pedindo apenas que no palacio da Exposição se lhe proporcionasse uma casa com as condições necessarias para as reproducções photographicas.

É ao sr. Carlos Relvas que me refiro.

Todavia, como nenhuma das salas do palacio fosse adequada para o fim que se tinha em vista, tornou-se necessario construir no jardim um *atelier*, que, não obstante ser de madeira e muito singelo, não se concluiu senão passadas muitas semanas. Assim faltariam apenas uns vinte dias para o encerramento da Exposição, quando o sr. Carlos Relvas deu principio aos seus trabalhos.

No breve espaço de tempo que ficou á sua disposição tirou quinhentos e doze *clichés*, em que ficaram representados, isoladamente ou em grupos, dos objectos expostos todos aquelles que por qualquer titulo mais se recommendavam. Foi um trabalho immenso que sómente poderia levar a cabo o mais acendrado amor das artes e a mais firme das vontades. Nos mezes de maio e junho o sr. Carlos Relvas trabalhava seguidamente sete e oito horas por dia encerrado numa casa de madeira e vidro, estufa cuja alta temperatura apenas por alguns minutos poderiam supportar a maior parte das pessoas que alli entravam.

Assim como a Exposição foi a mais valiosa empreza que se poderia realisar em Portugal para o estudo da historia artistica, assim tambem a collecção do sr. Carlos Relvas ficará sendo o subsidio de maior valor para futuras investigações. No *Album de phototypias* manifesta-se pela primeira vez ao publico uma parte d'esse rico thesouro. Não quiz porém o illustre photographo que ao seu trabalho se ligasse idéa alguma de interesse pessoal: pelo que destinou todo o producto da subscripção para a Misericordia e Monte-Pio Popular da Gollegã, correndo com as despezas de *clichés*, provas e todas as mais que a publicação demandava.

As phototypias foram executadas pelo sr. Leipold, distincto gravador que se honra com a mestria e perfeição que distinguem todos os seus trabalhos.

A este prefacio, que se refere unicamente aos trabalhos do sr. Carlos Relvas, pareceu conveniente accrescentar uma breve noticia da arte antiga em Hespanha e Portugal, considerada em relação aos principaes monumentos que a representavam na Exposição.

VI

A ARTE CHRISTÃ DOS SECULOS XV E XVI

Nota-se uma certa analogia, particularmente pelo que respeita á forma da ogiva, entre estylo do mosteiro da Batalha e o dos edificios ogivaes inglezes do seculo XIV. Street fez uma similhante observação relativamente a alguns templos de Barcelona, Valencia e de outras cidades da Hespanha meredional, e explicou o facto pelas grandes relações commerciaes d'esta parte da Peninsula com a Inglaterra. Em Portugal accresciam os laços de parentesco entre as côrtes portugueza e ingleza, em consequencia do casamento de El-rei D. João I com D. Filippa de Lencastre. O principal architecto da Batalha mestre Ouet ou Ouguet suppõem alguns ter vindo da Inglaterra ou da Irlanda.

Estas obras grandiosas e elegantes pertencem á melhor epocha do estylo ogival, á epocha em que elle chegou ao mais alto grau de perfeição, sem perder a pureza e austeridade que parecia receber do christianismo que representava. No seculo XV porém as viagens e descobertas, o conhecimento de povos distantes no espaço e no tempo, a renascença das artes, os prenuncios da reforma modificaram profundamente o sentimento religioso e com elle a architectura e a esculptura.

Brunelleschi com grande escandalo de muitos dos seus contemporaneos edifica em Florença a propria cathedral no estylo dos templos do paganismo. A innovação generalisa-se na Italia. Em Hespanha e Portugal continua porém não sómente no seculo XV, mas ainda no primeiro quartel do seculo XVI, o velho estylo ogival. Custa é verdade a reconhecer, pois até a propria ogiva muitas vezes chega a ser substituida por outros arcos de fórmas differentes e variadissimas; apropria-se dos medalhões e ornatos da renascença; recebe sem difficuldade o arco e os ornatos geometricos dos arabes, mas as estatuas conservam o caracter gothico sob baldaquinos, do mesmo estylo, as columnas guardam religiosamente os seus capiteis e bases irreductiveis a qualquer das ordens romanas, e finalmente os florões e a fórma conica dos corucheus continuam a dar o caracter gothico ás torres e aos tectos dos templos.

Esta alteração do estylo gothico faz-se mais profundamente em Portugal que noutros paizes. As causas que a determinaram eram aqui mais fortes e mais efficazes. Os costumes modificavam-se pelo contacto dos povos conquistados e a arte recebia tambem as influencias orientaes. A vinda de muitos artistas extrangeiros de varias regiões e de escholas differentes contribuia igualmente para alterar aqui mais que em qualquer outra parte e com maior variedade o estylo ogival. O monumento mais caracteristico é o claustro de Belem. Tanto em Hespanha como em Portugal ha muitos outros da mesma epocha: aquelle porém differe de todos na exhuberancia, variedade e estylo da ornamentação. Quem tiver a curiosidade de o comparar com o claustro de San Juan de los Rèys de Toledo, edificado nos principios do seculo XVI, conhecerá a differença enorme que separa os estylos architectonicos usados na mesma epocha em Hespanha e Portugal. Isto mesmo direi dos portaes da egreja de Belem ou das fachadas de Thomar e de Sancta Cruz de Coimbra, comparadas com as dos outros edificios contemporaneos da Hespanha. Ha no genero, profusão e distribuição de ornatos, um caracter particular que os extrangeiros reconhecem ainda mais facilmente que os nacionaes. Na exposição de Paris de 1867 e de 1878 ninguem contestava a originalidade do estylo do pavilhão da secção portugueza e do portal da egreja de Belem, imitado na fachada de Portugal na rua das Nações. Todos consideravam a architectura, denominada *manuelina,* como a expressão de um estylo ou antes como uma variedade do estylo gothico peculiar a Portugal no primeiro quartel do seculo XVI.

Na ourivesaria aconteceu o mesmo que na architectura. No seculo XV as cruzes e os calices de prata dourada começam a apresentar nas fórmas, e mais em particular na ornamentação, caracteres especiaes que se não encontram nas alfaias congeneres das outras nações. No seculo XVI differencia-se ainda mais o estylo. As cruzes do Funchal e de Guimarães, os calices de Arouca, Pombeiro, Braga e Coimbra, as custodias de Belem, Coimbra, Vizeu, Academia de Bellas Artes de Lisboa, Guimarães, são peças originaes, e differentes de todas as conhecidas nas outras nações.

Não quero com isto dizer que em Portugal se formasse um estylo na essencia diverso de todos os outros. O estylo da nossa architectura e da nossa ourivesaria quinhentista é o gothico ou ogival do ultimo periodo, porém com modificações taes que nada ha mais facil que differençar os objectos fabricados em Portugal d'aquelles que vieram de fóra.

Não é sómente á ourivesaria religiosa que estas ideias se applicam. Na ourivesaria civil temos as salvas, pratos e gomis

tambem perfeitamente caracterisados. Sabem isto muito bem os extrangeiros, a ponto de que, apparecendo alguma d'estas peças nalgum museu, não se hesita ahi um momento em classifical-as como obras portuguezas. No museu de Kensingthon, por exemplo, estão classificadas as obras da ourivesaria hespanhola e as da ourivesaria portugueza. A possibilidade de tal classificação importa necessariamente a differença de estylos. Por outra parte aos membros da commissão hespanhola da Exposição, e mais em particular ao Sr. D. José Ramon Melida, ouvi affirmar que as obras da nossa ourivesaria se differençavam muito facilmente das hespanholas; que nestas em geral havia maior sobriedade de ornatos e, em muitas, menos elegancia das fórmas. Se tal opinião não fosse inteiramente insuspeita, bastaria para confirmal-a a collecção de codices com os desenhos originaes das joias e obras de ourivesaria, fabricadas pelos artistas da Catalunha num espaço de tres seculos e meio, e enviada á Exposição pela deputação provincial de Barcelona.

Os grandes pratos portuguezes da Exposição classificaram-se naturalmente em dois grandes grupos, correspondendo com probabilidade a duas epochas differentes — aos ultimos annos do seculo XV e primeiros do seculo XVI, e aos fins do primeiro e principios do segundo quartel d'este mesmo seculo. Uma salva de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando, com a data de 1548, mostra-nos a ourivesaria d'esta epocha muito mais influenciada pela Renascença que os pratos do segundo grupo.

A primeira impressão ao contemplar uma d'estas obras, e mais em particular as do segundo grupo, é confusa e vaga. Depois a vista começa a distinguir as particularidades do intrincado conjuncto: anjos, patriarchas, guerreiros a pé e a cavallo, reis, chymeras, tendas, castellos artilhados e guarnecidos de mosquetes, escadas de assalto, carros com munições de guerra, luctas, caçadas, arvores, ramagens, ornatos de toda a especie. Ás vezes o mar povoado de galeões e monstros marinhos; deuses fabulosos e sanctos do calendario romano; a par com a mythologia o christianismo; junctamente com os medalhões da Renascença os velhos ornatos gothicos. É a historia da epocha escripta no metal; são as ideias que inspiraram Camões influindo da mesma sorte na imaginação dos artistas.

Na Exposição differençavam-se muito bem os pratos do primeiro e segundo grupo. Eram aquelles em numero de tres, sendo dois da collecção de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando e outro uma reproducção electrotypica do que possue o museu Kensington. Os dois primeiros, de maiores dimensões, são os mais caracteristicos. Não apparecem ainda nelles claramente as influencias da Renas-

cença. As figuras são grandes, desproporcionadas, quasi disformes. É egualmente incorrecto o desenho dos outros ornatos. Em ambos abundam as palavras portuguezas de lettra gothica; e grandes cordões tecidos entrelaçam-se e formam com as suas voltas as molduras dos baixos relevos.

Num d'estes pratos os medalhões estão distribuidos em duas zonas concentricas. Os da zona exterior tẽem as seguintes designações:

OS QVE ADORAM A BEZERA.
MOYSÉS QVANDO CREBO (quevrou) A LEI.
POVO DEIXA O EGITO.
REI FARAOO AFOGAD.
REI DAVID QVANDO FOGIO.
OS CONTRAIROS DAVI.
MAFOMA QVANDO O ADORAM.

Entre os medalhões, moldurados por festões, ha figuras de homens e de animaes, alguns em lucta. Os baixos relevos da zona interior, similhantemente moldurados representam o sacrificio de Abrahão e outros assumptos. Entre os ornatos vêem-se grande numero de caracoes, uns mettidos nas conchas, outros com os corpos de fóra.

No outro prato a distribuição dos medalhões é em tres zonas concentricas. A primeira cotêm sete representando os sete peccados mortaes, e separados uns dos outros por baixos relevos com o julgamento de Salomão e outros assumptos. Nos medalhões da zona media estão figuradas as sete virtudes contrarias, com a singularidade da repetição da Abundancia contraposta primeiro á Gula e depois á Inveja. Em cada um d'estes medalhões, sob a influencia da virtude que representa, vê-se um demonio como que em desespero. Na zona interior estão as sibyllas com os seus respectivos nomes em lettra gothica. Os brazões centraes d'estes pratos estão substituidos pelas regias iniciaes M. F.

Classificam-se naturalmente no segundo grupo um outro prato exposto por S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando; outro prato e algumas salvas da collecção de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz; o dos Lobos da Silveira, reproducção galvanoplastica do original que se conserva no thesouro da Casa Imperial d'Austria. Nestes ultimos exemplares, particularmente no primeiro citado, é mais profunda e caracteristica a influencia da Renascença. Nas figuras, de menores dimensões, e nos ornatos nota-se um desenho mais correcto; não tẽem palavras gravadas; finalmente nas grandes zonas da ornamentação os quadros de baixo relevo são separados, não por cordões ou festões, mas por pilastras.

No gomil correspondente a este prato, ambos de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando, patenteia-se uma imaginação fecundissima. As figuras do bico e da aza parece excederem os maiores devaneios da phantasia humana. Uma mulher com pernas de abutre e com uma carranca no ventre, agarra sobre o peito as pernas caprinas d'um satyro, que se esforça por trepar por o corpo do bico. A ponta, á maneira de gargula, é abraçada na face inferior por uma figura humana, e cavalgada na parte superior por outra, que, ao mesmo tempo, agarra os braços da primeira e lhe finca os pés no peito.

A aza do lado opposto ao bico compõe-se de figuras de não menos imaginosa phantasia. As pernas de umas engancham-se com os braços de outras; duas acostam-se em direcções inversas. Um grande basilisco de azas abertas e bocca escancarada está como que defendendo a ascenção da cadeia humana. Para os portuguezes do seculo XVI viver era luctar, luctar com o oceano, com as tempestades, com os homens, com os animaes. A lucta portanto, feição proeminente dos costumes, tornava-se o assumpto predilecto dos artistas.

Com o prato e gomil de que tenho fallado relaciona-se por claras analogias o grande calix de Arouca, hoje pertencente á Misericordia do Porto. Estas tres peças de ourivesaria são as mais notaveis e esplendidas manifestações do estylo do segundo grupo, caracterisado sobre tudo pela grande exaggeração dos ornatos de phantasia, que, sem desproporção nem disformidade, ultrapassam tudo o que se conhece mais arrojado e mais imaginoso na arte da esculptura ou nas suas applicações. O artista possuia em alto grau a faculdade de invenção, e tanto o estylo da Renascença como o gothico ou ogival, indifferentemente se lhes prestavam aos seus devaneios. Não quiz cingir-se á observação rigorosa das regras fundamentaes, nem aos limites que lhe imporia a servil imitação dos modelos. As suas faculdades, inteiramente livres e espontaneas, imprimiam nestas composições um caracter original.

O calix de Arouca é um bello exemplar do estylo que, em correspondencia ao da architectura, se formou em Portugal no reinado de D. Manuel. Seria menos possivel ainda attribuir a uma industria extrangeira este calix do que á arte de outro paiz os edificios de Thomar, de Belem, ou de Sancta Cruz de Coimbra.

A base, muito mais alta que em nenhum dos outros, é distribuida em doze gomos, nos quaes se alternam ornatos com imagens de sanctos em baixo relevo. Cada gomo é limitado por duas pilastras, que se prolongam á maneira de arco, na parte superior, formando uma especie de nicho a cada sancto. Adorna a parte

inferior da haste, juncto da base, um corpo hexagono, acastellado, com arcarias, columnatas, ou torrinhas e corucheus extremamente delgados. Dois outros corpos similhantes formam o nó; o inferior, mais volumoso, tem seis nichos com outras tantas estatuetas. A copa, muito grande, é ornada de anjos tocando harpas e orgãos portateis, na zona superior, e na inferior, de bellos ornatos em baixo relevo do estylo da Renascença, muito similhantes aos do gomil. Restam na mesma linha circular, que separa as duas zonas, doze pequenos anneis, seis dos quaes serviriam de certo para suspender tintinnabulos, e os outros seis, em correspondencia com outros tantos na parte mais baixa da zona inferior, serviriam da mesma sorte para fixar seis ornatos, que se alternariam com os tintinnabulos. Esta particularidade, que não se encontra em nenhum outro dos calices da Exposição, deveria dar ao de Arouca um aspecto singularissimo, augmentando ainda a exuberancia da sua grande e complexa ornamentação. É para lamentar que hoje não possamos fazer a menor ideia dos ornatos que se fixavam na copa, alternando-se com os tintinnabulos.

O prato, o gomil e o calix são pois attribuiveis ao mesmo artista. A phantasia da ornamentação é já um indicio importante confirmado pela identidade de certos lavores no bojo do gomil e na copa do calix. Neste ultimo o artista, confrangido nas tradições da arte religiosa, não podia deixar de seguir o estylo gothico na fórma e estructura do nó e do resto da haste. Deu porém á ornamentação ogival um caracter novo pela grande phantasia e profusão das arcarias, baldaquinos, corucheus e outros elementos. Fez com estes elementos da ornamentação ogival o mesmo que fizera com os da ornamentação da Renascença no gomil d'este mesmo grupo. É a maxima confusão, mas esplendida e brilhante, que, na ourivesaria como na architectura, prenuncia o termo final d'um estylo.

O estudo attento dos exemplares que figuravam na Exposição auctorisou-me a relacionar com os pratos do primeiro grupo os calices ogivaes da mitra patriarchal, da sé de Coimbra, sé de Braga, collegiada de Guimarães e a custodia sé de Evora e varias cruzes, como a menor e mais antiga da collegiada de Guimarães, a da Academia de Bellas Artes, que foi do mosteiro de Alcobaça, a de Montelavar e a de Bellas. Com os pratos do segundo grupo relacionavam-se muito naturalmente as custodias das sés de Coimbra e Vizeu, da collegiada de Guimarães e da Academia de Bellas Artes, as cruzes do Funchal e da collegiada de Guimarães e o porta-paz da Academia de Bellas Artes. A cruz do Funchal, sobre tudo, pelo estylo dos baixos relevos que

a adornam, tem a maior analogia com os grandes pratos do segundo grupo.

A custodia de Belem pertence incontestavelmente ás obras do segundo grupo. Mui de proposito porém a deixei de parte por ser um monumento unico, extremamente superior a todos os outros da ourivesaria portugueza. Em nenhuma outra obra d'este genero se reproduziu, com tanto primor, a phantasia, o arrojo, a esbelta elegancia e maravilhosa delicadeza do estylo ogival, pela difficuldade de reduzir, no ouro ou na prata, ao ponto em que foram reduzidas na custodia de Belem, as fórmas dos elementos architectonicos das grandes cathedraes de pedra. Gil Vicente, o ourives de El-Rei D. Manuel, fez este milagre da arte, e deu á sua obra uma apparencia verdadeiramente phantastica e maravilhosa. O genio nacional, as ideias que exaltavam o caracter portuguez no seculo XVI, as inspirações que os artistas recebiam do Oriente, patenteiam-se neste prodigio de ourivesaria, como em Thomar, em Belem ou nos Lusiadas.

Compõe-se a custodia de quatro partes: base, haste, relicario e cupula.

A superficie da base é distribuida em seis gomos adornados de aves, buzios e flores esmaltadas e em alto relevo. No bordo inferior lê-se o seguinte em caracteres gothicos de esmalte branco: + O MVITO . ALTO . PRICIPE . E . PODEROSO . SEHOR . REI . DÕ . MANVEL . I . A . MDOV . FAZER . DO . OVRO . I . DAS . PARIAS . DE . QILVA . ACVABOV . E . CCCCCVI.

Formam a haste dois corpos hexagonos, fenestrados, ligados pelo nó tambem hexagono, muito volumoso e proeminente; em cada uma das seis faces, entre dois columnelos, a esphera armillar. Estes columnelos são uma transformação ou derivação das torrinhas que adornam as partes correspondentes de algumas alfaias do seculo XV, como são, por exemplo, os calices da mitra patriarchal e da sé de Coimbra.

Sobre a haste ergue-se o grande corpo architectonico que contém o relicario, e cuja base adornam na parte inferior rendilhados e festões. Doze modilhões de fórma pyramidal, com os vertices para baixo, guarnecem adiante e atraz a circumferencia da base do relicario. Sobre cada um d'elles, num plintho hexagono, está de joelhos a estatueta d'um apostolo. Querendo evitar a monotonia que offereceriam doze figuras de joelhos, o artista variou por extremo as fórmas, as côres e os pannejamentos das vestes, e tambem as cabeças, fazendo umas calvas, outras com cabellos, doirados todos, mas diversamente annelados.

Sobre a base do relicario erguem-se duas columnas quadrangulares, entre as quaes está fixada a caixa circular com vidros

para conter a hostia. A peça em que ella se introduz, uma cabeça de anjo com as azas extendidas, é evidentemente um accrescentamento moderno. Mas a moldura circular em que se engastam os vidros não tem o menor signal de ter sido accrescentada. É exactamente como a de outras custodias não alteradas do seculo XVI. Nada ha mais facil que reconhecer os accrescentamentos e substituições nas obras de ouriveseria, por serem feitas, não no estylo da peça primitiva, porém no da epocha em que se lhe ajuntaram.

Exteriormente reveste cada uma das columnas um corpo de grande altura, formado de peças delicadissimas. Em baixo e da parte de fóra começa cada um d'estes corpos por um nicho com um anjo e seu baldaquino, sobre o qual se levantam altos columnelos ornados de espiraes e sustendo outros anjos e baldaquinos. Os ornatos cada vez se tornam mais delicados de baixo para cima, até chegarem a parecer quasi microscopicos.

A cupula articula-se com as columnas e corpos lateraes, baixando na parte media até ao nivel superior do hostiario, ao qual fórma uma como corôa, guarnecida de rendilhados e ornada com seis seraphins noutros tantos medalhões.

A cupula propriamente dicta, que se eleva acima d'esta especie de corôa, compõe-se de tres corpos de arcarias, rendilhados, anjos e baldaquinos, ligados entre si por columnelos encimados por corucheus. Por baixo do corpo superior está o busto do Padre-Eterno, coroado, com a esphera do mundo e a cruz numa das mãos, e abençoando com outra. Uma cruz serve de ultimo e superior remate a toda a obra.

Havia na Exposição outras custodias ogivaes do seculo XVI, no mesmo estylo, porém sem a majestade, e a profusão e delicadeza dos ornatos da custodia de Belem. A da collegiada de Guimarães com a data de 1534 é a mais bella e elegante. A da sé de Coimbra (1527) não o seria menos, senão estivera tão mutilada. Notam-se grandes anologias entre estes dois exemplares, não obstante as differenças de fórma. Basta a situação inversa dos relicarios, superior na primeira e inferior na segunda, para dar logar a fabricas essencialmente diversas. Comtudo quem examinar e comparar com attenção estes dois exemplares, convencer-se-ha sem difficuldade da sua mesma origem. Em ambas as custodias as cupulas terminam em ornatos com a forma de jarras. As columnas são em tudo similhantes; os rendilhados os mesmos; as arcadas ogivaes, do mesmo estylo, articulam-se do mesmo modo com as columnas; as bases apoiam-se em animaes; em gryphos e centauros na de Guimarães, em leões na de Coimbra. Mas a escolha d'estes ultimos foi sem duvida determinada pelo

brazão do bispo D. Jorge d'Almeida. Finalmente as estatuetas são tambem analogas, tanto pela perfeição do desenho, como pela delicadeza do cinzel. Estes mesmos caracteres apparecem tambem no bello porta-paz da Academia.

Outras duas custodias muito similhantes, mas de desenho menos complexo e menos elevado, a da Academia e a da sé de Vizeu (1533), completavam a serie dos exemplares d'estas obras da ourivesaria religiosa portugueza do estylo ogival.

Onde porém melhor se observa a fusão do estylo da Renascença com o gothico ou ogival é na grande cruz processional da collegiada de Guimarães. Os baixos relevos, medalhões e outros ornatos são do estylo da Renascença; as columnas, corucheus e arcarias pertencem ainda ao estylo gothico. Em nenhum outro dos exemplares conhecidos se encontra de tão extraordinario modo a mistura dos dois estylos. É talvez neste genero o maior contraste conhecido. Esta cruz está para outras obras de ourivesaria, como o claustro de Belem para os outros edificios da mesma epocha e do mesmo estylo. No calix de Arouca não é tão grande o contraste por ser nelle menor a profusão dos ornatos da Renascença. Além d'isto na cruz de Guimarães os elementos architectonicos são mais pesados, e o trabalho do cinzel, particularmente nas cabeças dos medalhões, mais imperfeito.

A observação dos exemplares a que me tenho referido e de outros muitos que á Exposição concorreram, produz no espirito a convicção de que no seculo XVI houve uma ourivesaria em Portugal com caracteres proprios e particulares, pelos quaes se differença de toda a ourivesaria extrangeira. Assim nada havia mais facil que reconhecer por entre os productos da industria nacional aquelles que procediam de fóra, como a cruz e o calix de ouro esmaltado da sé de Lisboa e da sé de Evora. Da mesma sorte se differençavam alguns exemplares, fabricados de certo em Portugal, mas por artistas que, educados em escholas extrangeiras, não tinham podido ou sahido adaptar-se ás exigencias do gosto portuguez, retrocedendo em certas fórmas e nos ornatos de caracter architectonico para a estylo ogival, já esquecido nos seus respectivos paizes[1]. Tal é o relicario da Madre de Deus, uma das joias mais preciosas que se admiravam na Exposição.

---

[1] Prova-se a adaptação dos artistas extrangeiros, trabalhando já no genero da Renascença, á ornamentação gothica, nos tumulos reaes da egreja de Sancta Cruz de Coimbra. Conhecem-se os nomes dos artistas francezes, talvez procedentes d'uma eschola de Rouen, que fizeram estas obras notaveis de esculptura em pedra. Noutras obras, como foi na porta lateral da sé velha de Coimbra e no retabulo da capella-mór da egreja de S. Mar-

É este relicario de ouro, decorado de finissimos esmaltes, de ornatos de applicação de filigrana e de pedras preciosas. Tem de altura $0^m,28$ e de largura $0^m,14$. Representam um oratorio com a base rectangular, sobre a qual se erguem quatro columnas quadrangulares, que sustentam a parte superior com a fórma de concha. Em cada uma das paredes lateraes vê-se um arco de volta redonda e sobre elle um oculo circular.

Na parede do fundo está um nicho, em que se repete, reduzida, a fórma geral do relicario, e de cada lado uma fresta de volta redonda; dentro do nicho um altar adornado com uma esmeralda, sobre o qual se ergue um tubo de chrystal com a reliquia, um espinho, que, segundo a tradição, teria feito parte da corôa de Christo e pertencera a El-Rei D. Duarte. Nas extremidades do arco do nicho estão engastados dois rubis, e na parte superior da volta um diamante que serve de peanha a uma cruz. No friso do entablamento lê-se em caracteres romanos a inscripção seguinte: MISERICORDIE. TVE. TVE. MORTIS. GRAVISSIME. DVLCISIME. DOMINE. IESV. X̄E. RESPLENDOR. PATRIS. CONCEDE. NOBIS. FAMVLIS. TVIS. Na parte anterior, superior e central do arco tem as armas reaes de D. João II e de D. Leonor com a corôa e encimadas por uma urna. A volta do arco, representando um meio cylindro, é coberta exteriormente de escamas esmaltadas: na sua parte superior eleva-se uma urna coberta com uma perola. Uma esmeralda e um rubi adornam a primeira a face anterior da base, o segundo o centro, para onde convergem as nervuras da abobada que têem a fórma de concha. Na frente, na parte inferior de cada columna, está fixo um escudo esmaltado com o camaroeiro, divisa da rainha D. Leonor; falta porém já a divisa correspondente do lado esquerdo. Atraz, na face posterior do arco, está representado o Calvario em baixo relevo. Na parte inferior, no centro da faxa, ornada com esmaltes e ramagens de applicação, vê-se um pequeno medalhão esmaltado, representando uma cabeça de mulher, talvez a rainha D. Leonor, e em roda uma fita com este letreiro: CASA M. D. (casa da Madre de Deus?)

Não se sabe do testamento da rainha D. Leonor, mas por uns extractos, publicados na *Chronica Seraphica,* consta que o relicario, que *mestre João* fizera, fôra legado por a rainha ao mosteiro da Madre de Deus.

Quem era este mestre João? nos reinados de D. Manuel e de

---

cos, conservaram puro o estylo da Renascença, que era o da sua eschola. Naquelles tumulos, porém, misturaram os medalhões e outros ornatos d'este estylo com os baldaquinos, torres, columnas e coruchens do estylo ogival. Exactamente como os ourives nas custodias, cruzes outros calices.

D. João III trabalharam em Portugal artistas extrangeiros, dos quaes alguns eram assim designados pelo seu nome do baptismo precedido do qualificativo *mestre*. É provavel que se refira ao auctor do relicario um documento que se conserva na torre do tombo, pelo qual El-Rei D. Manuel em 1511 mandava entregar a mestre *Joham orivez* cento e trinta e um mil quatro centos e trinta réis, pelo feitio da custodia que lhe mandara fazer para o mosteiro da Conceição de Beja. O recibo está assignado por um nome extrangeiro que parece *Johañ van der Staygolstsyt*. Infelizmente já não existe naquelle mosteiro esta custodia, que seria um monumento de grande interesse para a historia da arte em Portugal[1].

---

[1] Ha neste capitulo entremeadas algumas notas que apresentam extractos do sr. Yriarte, que omittimos por amor da brevidade. Estes extractos são copiados da *Gazette des Beaux-Arts*, anno de 1882.

XXX

PROCESSO DE JOANNA PEREIRA[1]

(RESPOSTA Á CONSULTA)

Senhores Professores e muito illustres collegas: A consulta, que dirigistes ao *lente em exercicio na cadeira de medicina legal da Universidade de Coimbra,* coube-me a mim recebel-a, como substituto e no impedimento do digno professor respectivo. Esta explicação mostrará ao mesmo tempo o não ser eu o mais com-

---

[1] Rematamos esta serie de *Escriptos Diversos* com a *Resposta* dada á *Consulta,* circular que tres medicos de Lisboa dirigiram a muitos dos seus collegas, tanto nacionaes como extrangeiros, sobre um caso em que tinham figurado como peritos. O dr. Simões regia então extraordinariamente a cadeira de medicina legal no impedimento do cathedratico, o sr. conselheiro Fernando de Mello; e nesta qualidade foi convidado a dar o seu parecer. Porque a resposta lhes não agradava, esquivaram-se os interessados a junctal-a á sua defesa sob futil pretexto. Para esclarecimento indispensavel junctamos a *Consulta,* seguida d'uma *Advertencia* do dr. Simões. Ambas devem ser lidas previamente com attenção.

CONSULTA (Circular) — Senhor Professor e muito illustre collega! — Para bem da sciencia e pela muita auctoridade que dão ás vossas decisões o vosso talento, saber e posição especial no ensino, ousamos distrahir-vos das vossas importantes occupações, e pedir-vos que queirais dizer-nos a vossa opinião sobre este caso de medicina legal.

No mez de agosto de 1876 foi encontrado a seis leguas de Lisboa um cadaver de homem, que foi inhumado no mesmo logar, depois de um simples exame de habito externo.

A justiça pôde saber que o tinham levado de Lisboa em uma carroça,

petente para responder-vos e a impossibilidade de declinar o espinhoso encargo que me impozestes. Dir-vos-hei pois em breves

---

e que o haviam lançado alli, da estrada publica para uma terra plana, sem pedras, e cinco ou seis metros mais baixa que o caminho.

Os accusados de homicidio defenderam-se, dizendo que a victima se tinha suicidado em casa d'elles por enforcamento, e que o tinham ido deitar tão longe, para afastar as suspeitas de um crime. A justiça mandou proceder á exhumação, que se não fez com o pretexto de haver perigo para a saude publica. A 8 de março de 1877, isto é, sete mezes depois da morte, a justiça intimou-nos para procedermos á exhumação e autopsia, o que fizemos segundo as regras.

Omittimos as particularidades que não têem maior importancia, e exporemos o mais essencial.

As partes molles e exteriores da cabeça, das pernas e dos membros superiores tinham desapparecido, mas o resto conservava-se, excepto no lado esquerdo do collo. Póde-se examinar as entranhas, que estavam seccas, integras, diminuidas de volume e consistentes. O cerebro, o figado, os rins, os intestinos e a bexiga achavam-se em bom estado, a não ser a mudança de volume, de consistencia e de coloração. Sómente o cerebello estava apodrecido; e não se póde encontrar o baço.

No peito o coração estava perfeito, o pulmão esquerdo amollecido e diffluente, mas o direito achava-se em bom estado, para poder ser examinado, como em geral tudo estava mais rijo no lado direito, e era em decubito lateral direito que tinhamos encontrado o cadaver.

No pulmão direito descobrimos pequenos fócos hemorrhagicos, o maior dos quaes attingia o volume de um feijão, e sob a pleura visceral observámos manchas echymoticas analogas aos fócos. Ao mesmo tempo este pulmão permittia ainda que se vissem as suas venulas engorgitadas de sangue.

A primeira costella de cada lado estava fracturada, pouco mais ou menos pelo meio, e a segunda esquerda estava tambem quebrada em dois pontos. Procurámos, mas infructuosamente, móssa, ainda que pequena, na parte superior do sterno. A trachéa-arteria estava perfeita (muito vermelha por dentro, como o esophago, estomago, a massa e paredes ventriculares do cerebro) até á sua união com a larynge, mas nesta observámos importantes alterações. A crycoidea estava fendida na parte anterior, completamente e de alto a baixo, a metade direita da thyroidea ficára adherente, mas não podémos recolher a metade esquerda. Tudo o que é mais delicado e brando nestas cartilagens (arythenoideas, membranas, cornos da thyroidea, etc.), tudo estava bem conservado e integro. Os bordos das soluções de continuidade estavam evidentemente corroídos pela terra.

Na face a abertura anterior das fóssas nasaes estava augmentada por effeito de uma pequena fractura angular, que tinha feito desapparecer o quinto inferior do osso proprio e um pouco da apophyse montante correspondente. O primeiro dente incisivo superior e esquerdo não estava no seu logar, e o alveolo, sem diminuição nas suas dimensões, estava cheio de terra. Os outros ossos, tanto os mais delicados, como os mais expostos, inclusive as outras costellas, estavam integros e nas suas posições normaes.

Em vista d'estas alterações convencemo-nos de que nunca em uma autopsia tardia os medicos se tinham achado com um caso tão evidente de

palavras a minha opinião com toda a franqueza e liberdade, e sem outro desejo mais que o de servir a sciencia e a justiça.

---

morte violenta. Recolhemos em frascos todas as peças e visceras, e entregámol-as ao juiz para o caso de novas observações, se houvesse necessidade d'ellas, e depois de tudo descrevermos num auto minucioso e de considerarmos que tudo se referia ao cadaver de um homem adulto e bem conformado, concluimos que era um caso de morte violenta por asphyxia.

Considerando que tudo o que na trachêa e na larynge podia, pela sua elasticidade, resistir ás violencias, estava integro, e tudo o que era rigido estava destruido, convencemo-nos de que eram as fracturas, feitas em vida, que tinham facilitado a destruição depois da morte. Por tudo isto ficámos tambem convencidos de que as costellas tinham sido fracturadas, provavelmente em vida, por uma forte pressão exercida sobre a parte superior do sterno, talvez com um joelho.

Para nós o facto capital, e o mais luminoso para tirar as duvidas, era o estado do pulmão, porque, fazendo o bom estado das visceras excluir o fallecimento por doença, os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes, que tinham as dimensões indicadas, e deviam estar diminuidas nessas dimensões proporcionalmente á reducção de todo o orgão, em virtude da evaporação dos liquidos, denotavam, dizemos nós, uma asphyxia, que não podia ser por submersão, nem por enforcamento, nem por suffocação simples, mas sim a asphyxia mixta por estrangulação e suffocação, ainda mesmo que os assassinos, com quanto tivessem querido matar, não tivessem o proposito bem intencional de suffocar e estrangular.

Assim todas as fracturas passavam a ser bem comprehendidas, sobre tudo as da larynge, tão difficeis de serem produzidas depois da morte, como tão completamente o demonstrou o celebre Casper.

Foi isto o que sustentámos no tribunal, rejeitando formalmente o suicidio por enforcamento.

Os accusados foram absolvidos, e a defesa estribou-se sobre uma consulta escripta por tres medicos, que declararam (acredital-o-heis vós?) que tudo o que nós tinhamos achado de signaes da asphyxia é commum á estrangulação e ao enforcamento, á parte as fracturas das costellas; e que, emquanto a estas, não se poderia dizer que tivessem sido feitas antes da morte, sem ter a certeza de que não se tivessem practicado violencias sobre o cadaver, ou sem reconhecer nestas costellas um callo em via de formação (!).

No que toca a esclarecimentos d'outro genero, sabereis que em Portugal só se exige dos medicos o auto de corpo de delicto, e não se lhes confiam peças do processo, para que elles organisem relatorios, como se faz no vosso paiz, e é só na audiencia que os medicos podem vir a conhecer as circumstancias que confirmam ou não confirmam as suas opiniões.

Nesta causa a victima era o amante de uma mulher casada, e no tribunal patenteou-se tudo o que ha de mais immoral e escandaloso. A morte teve logar pela meia noite, estando a victima embriagada.

Agora que a causa judicial acabou, nós vamos tractar da questão scientifica, e para esta pedimos a vossa opinião, que é para nós, como para toda a gente illustrada, de um valor incontestavel.

Tambem vos pedimos licença para inserir esta carta e a resposta na obra que está a imprimir-se, na qual desenvolveremos este ponto de medicina legal, e de que teremos a honra de vos remetter um exemplar.

Se os vossos trabalhos vos deixarem um momento para acceder ao nosso

A autopsia do cadaver de Cypriano Soares, quasi sete mezes depois da morte, deu-vos a conhecer os factos constantes da vossa consulta [1] e do auto de exame [2].

Das lesões descriptas aquellas que mais directamente interessam á solução do problema vêm a ser as fracturas observadas nas fóssas nasaes e nas costellas, a falta do primeiro dente incisivo superior esquerdo, as alterações da larynge e finalmente as do pulmão direito. Estas ultimas porém são as que vos mereceram maior importancia, e sem as quaes não passariam talvez de duvidosas quaesquer conclusões que das outras podesseis tirar. Os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes são para vós «o facto capital e o mais luminoso para tirar as duvidas» [3]. Aos vossos olhos «denotavam uma asphyxia que não podia ser por submersão, nem por enforcamento, nem por suffocação simples, mas sim a asphyxia mixta por estrangulação e suffocação» [4].

E, finalmente, para que não reste a menor incerteza ácerca da subordinação em que pondes ás lesões pulmonares todas as outras lesões do apparelho respiratorio, accrescentais: «Assim (pela asphyxia mixta por estrangulação e suffocação) todas as fracturas passavam a ser bem comprehendidas, sobre tudo as da larynge, tão difficeis de serem produzidas depois da morte...» [5].

---

pedido, pedimos o favor de dirigirdes a resposta, o mais depressa possivel, a um de nós, na Eschola de Medicina de Lisboa.

Acceitae, sr. Professor, os protestos os mais respeitosos dos vossos tres collegas e sinceros admiradores, que se reputariam felizes, se se lhes deparasse uma occasião de se occuparem do vosso serviço.—(assignados) *Manuel Bento de Sousa,* Lente cathedratico de Clinica cirurgica na Eschola de Lisboa—*José Thomaz de Sousa Martins,* Lente cathedratico de Pathologia geral na Eschola de Lisboa—*José Curry da Camara Cabral,* Lente cathedratico de Anatomia pathologica na Eschola de Lisboa.

ADVERTENCIA — O auctor considera as lesões encontradas no cadaver de Cypriano Soares, não como *provas,* mas como *indicios* de homicidio. Discorda por tanto dos peritos da accusação e dos peritos da defesa na opinião que segue e demonstra na sua *Resposta* á *Consulta* dos primeiros. E, para evitar interpretações menos exactas, julga conveniente advertir aqui aos leitores, que não forem medicos nem jurisconsultos, que os vestigios ou signaes encontrados nos exames de corpo de delicto se denominam *provas,* quando attestam a verdade dos factos; e *indicios,* quando apenas os fazem presumir como mais ou menos verosimeis.

[1] *Consulta,* inserta na nota supra, pag. 347.
[2] *Questão de peritos,* pag. 32 a 38.
[3] *Consulta,* supra citada, pag. 348.
[4] *Ibidem.*
[5] *Ibidem.*

A vossa consulta, pelas palavras transcriptas, patentêa-me claramente o processo mental que vos conduziu a affirmar, só pelo exame do cadaver, que este seria o de um assassinado e não o de um suicida [1]. Os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes, julgastes vós, servem de caracteres differenciaes á asphyxia mixta por estrangulação e suffocação. A existencia de taes lesões no cadaver prova não ter sido outra a causa da morte. Logo, tendo havido estrangulação e suffocação, aos meios empregados para estrangular e suffocar se hão de attribuir as fracturas das fóssas nasaes e das costellas, a falta do dente incisivo superior esquerdo, e por fim as alterações da larynge, por serem effeitos communs de taes violencias.

Dizeis ter examinado o valor particular de cada um dos dados fornecidos pelo exame cadaverico, e descreveis esse processo analytico [2]. Mas a verdade é que o facto das lesões pulmonares estava sempre presente ao vosso espirito e dominava, como elemento subordinador, todos os outros factos observados. Nem podia deixar de ser assim, concedendo áquellas lesões a significação que lhes déstes.

Admittido o que vós mesmos chamais «facto capital», a interpretação e a concatenação de todas as lesões parecerão racionaes e até incontestaveis. Subtrahido porém esse elemento, tudo o mais poderá sim com alguma probabilidade indicar uma especie indeterminada de morte violenta, mas sem que vós ou outrem ouse expressamente affirmar, só pelo exame cadaverico, ter havido um homicidio e não um suicidio. Se não visseis as lesões pulmonares, impossivel vos teria sido excluir toda a possibilidade da morte por suicidio [3]. O mais que chegarieis a avançar seria o julgardes mais provavel uma que a outra.

Toda a plausibilidade da vossa hypothese, para explicar as varias lesões [4], depende essencialmente do facto capital da existencia dos fócos hemorrhagicos e echymoses sub-pleuraes, e de considerardes estas alterações como caracteres differenciaes entre a asphyxia por estrangulação e suffocação e as outras especies de asphyxia. A importancia d'este principio é tal, que quem o admittir ha de forçosamente admittir tambem, com relação ao cadaver de Cypriano Soares, a conclusão a que chegastes excluindo o suicidio, e quem, pelo contrario, o rejeitar haverá de rejeitar

---

[1] *Consulta,* já citada.
[2] *Questão de peritos,* pag. 40.
[3] *Ibidem,* pag. 38.
[4] *Ibidem,* pag. 41 a 56.

tambem a vossa conclusão ou, pelo menos, o caracter absoluto e exclusivo com que a apresentastes. Tal é, me parece, o campo em que deverá circumscrever-se a discussão critica do resultado do exame. Tudo o mais é de tal sorte vago e indeterminado, que sómente servirá para transviar o espirito por hypotheses tão numerosas como indemonstraveis.

Neste caso de medicina legal os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes têm a mesma importancia que teria, num caso pathologico, um symptoma que alguem apresentasse como pathognomonico para o diagnostico. Toda a discussão que neste ultimo caso versasse sobre outro qualquer ponto, que não fosse o determinar se ao symptoma allegado se deveria dar ou não o caracter de pathognomonico, seria menos proficua e menos bem collocada.

Nas circumstancias actuaes da sciencia não me parece digno de grande censura quem der ás lesões, que observastes no pulmão do cadaver de Cypriano Soares, a mesma importancia que póde ter em pathologia um symptoma pathognomonico. Tardieu, para quem os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes são um signal differencial da asphyxia por estrangulação e suffocação, tem tal auctoridade em medicina legal, que ninguem deverá taxar de gratuita uma opinião escudada com tão illustre nome.

E não é sómente Tardieu. Briand e Chaudé, Lutaud e outros modernos auctores de medicina legal acceitam a doutrina como verdadeira, e aconselham a sua applicação, para differenciar as varias especies de asphyxia nos casos analogos áquelle de que se tracta. Sendo pois estas idêas correntes em França, não é para extranhar que a vós ou a outros peritos, chamados para a investigação medico-legal de qualquer caso de asphyxia, ellas servissem de fundamento para a racional interpretação dos factos observados. Embora conhecesseis opiniões em contrario, ninguem vos poderia contestar o direito de preferir a auctoridade de Tardieu a qualquer outra, ou accusar-vos de não ter elucidado convenientemente a justiça para o julgamento dos réos. Se, em vosso logar, tivessem chamado o proprio Tardieu a Sunivel para fazer a autopsia do cadaver de Cypriano Soares, e dizer o que entendesse ácerca da causa da morte, elle, um dos primeiros medico-juristas, um dos mais auctorisados dos peritos do mundo, respondendo exactamente como vós, excluiria no mesmo tom decisivo a idêa do suicidio. E ninguem por certo imaginaria aquella grande illustração da França empenhada em favorecer a accusação contra os réos.

Reconhecendo por tanto a dignidade, a sciencia e a consciencia com que procedestes no desempenho da missão de que fostes

incumbidos, e que nenhuma opinião discordante da vossa, nem ainda contraria, poderá invalidar, tractarei de inquirir se a doutrina de Tardieu será de tal sorte incontestavel, que possa auctorisar-vos a classificar, pelas alterações pulmonares, a especie de asphyxia a que attribuistes a morte de Cypriano Soares, e a partir d'esta classificação para explicardes as lesões observadas,

Tardieu pretendeu differenciar as varias especies de asphyxia por caracteres proprios e particulares de cada uma d'ellas: o enforcamento, pelos engorgitamentos hypostaticos; a estrangulação simples, pelos nucleos apopleticos ou fócos hemorrhagicos; a suffocação, pelas echymoses sub-pleuraes; e finalmente a asphyxia mixta por estrangulação e suffocação, pelos fócos hemorrhagicos e echymoses sub-pleuraes. Sendo positivos taes caracteres, tendo o valor que Tardieu lhes attribuiu, desappareceriam desde logo as difficuldades que, em tantos casos similhantes ao de Sunivel, tẽem embaraçado os peritos ao pretenderem determinar a especie de asphyxia causadora da morte.

Attendendo, porém, ao modo por que se produzem todas as mencionadas lesões pulmonares, attendendo a que tẽem por causa a interrupção da entrada e da sahida do ar e as differenças consecutivas entre a tensão do sangue nos capillares e a pressão do ar contido nos bronchios e vesiculas do pulmão, já *a priori* poderá julgar-se improvavel a presupposta distribuição de taes lesões pelas varias especies de asphyxia. *A posteriori* confirmam a duvida as experiencias e observações de Faure, Toulmouche, Desgranges e Lafargue, Liman, Page e outros. Tanto o professor Liman, de Berlim, como o professor Friedberg, de Breslau, consultados a proposito do caso de Sunivel [1], se declaram expressamente contra a opinião de Tardieu.

Tantas e taes contestações, algumas d'ellas na propria França, abalam, segundo entendo, a auctoridade de Tardieu neste ponto da medicina legal. Pela minha parte não creio na possibilidade de differençar unicamente pelas lesões pulmonares as varias especies de asphyxia. E por isso discordo da vossa opinião no ponto em que julgais poder deduzir d'aquellas lesões a asphyxia mixta por estrangulação e suffocação.

Deduzir-se-ha porém das outras? Examinemos. Depois das alterações pulmonares as da larynge são aquellas a que ligais maior

---

[1] *Quesitos e respostas,* pag. 178 a 188. Os peritos da defesa mostram-se muito conhecedores das impugnações modernamente feitas á doutrina de Tardieu. N'esta e n'outras partes as suas demonstrações são de tal sorte evidentes, que não julgo possivel destruil-as com solidos argumentos.

importancia. Mas é facil mostrar que, separadas das primeiras, perdem muito da sua força probativa. A autopsia, feita logo depois da morte, patentearia sem duvida claramente os signaes de violencias na larynge, se com effeito os houvesse. Sete mezes depois da morte os phenomenos da decomposição cadaverica de tal sorte complicam o problema, que tenho por impossivel colher sómente n'este orgão provas decisivas da asphyxia por estrangulação. A cricoide, dizeis vós [1], estava fendida na parte anterior, completamente de alto a baixo, a metade direita da thyroide ficara adherente, mas faltava a metade esquerda. Se a fenda da cricoide fosse uma fractura, como se poderia entender da vossa consulta, e em verdade Liman o entendeu [2], esta lesão teria maxima importancia. Mas, além da difficuldade de se apresentar assim bem nitida uma fractura na larynge de um cadaver em tão avançada podridão, do auto de exame e corpo de delicto se conhece não ser propriamente uma fenda o que assim denominais na consulta [3]. Eis aqui a vossa propria descripção constante do auto: «Cartilagem cricoidea parcialmente destacada da trachêa e da cartilagem thyroidea, faltando-lhe o quinto anterior do annel, e achando-se os topos d'esta solução de continuidade rugosos e com aspecto que fazia lembrar o da caria. Cartilagens arythenoideas normaes e articuladas. Da cartilagem thyroidea encontrou-se apenas a maior parte da metade direita, ossificada excepto no corno, que ainda estava cartilagineo; os bordos accidentaes d'este fragmento eram sinuosos e rugosos, com o mesmo aspecto que foi descripto a respeito dos topos da cartilagem cricoidea.»

Esta descripção, mais minuciosa que a da *Consulta*, não evidencia a fractura, antes deixa no espirito a duvida se as lesões observadas seriam o resultado de violencias practicadas em vida, ou da decomposição cadaverica prolongada por espaço de sete mezes. Bem sei que, para provardes como as alterações da larynge se hão de reputar anteriores á morte, estabeleceis um principio importante, e vem a ser que n'aquelle orgão se conservavam as partes menores, mas flexiveis, como as arythenoides, e faltavam parcial ou totalmente as mais duras, como o annel da cricoide e a metade direita da thyroide [4]. Mas estando estas partes mais expostas á acção do ar e da humidade, tanto se póde admittir a vossa explicação, como aquella que tivesse por

---

[1] *Consulta*, já citada na pag. 347.
[2] *Quesitos e respostas*, pag. 183.
[3] *Questão de peritos*, pag. 35.
[4] *Ibidem*, pag. 43.

fundamento as differenças relativas da exposição das varias partes ás causas da putrefacção. Esta ultima explicação vós mesmos a admittis com relação ao baço e ao pulmão esquerdo [1]. Sem os fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes, e, sómente pelas alterações da larynge, nenhum de vós por certo ousaria asseverar á justiça que a morte de Cypriano Soares fôra causada por estrangulação.

Restam as fracturas das fossas nasaes e das costellas e a falta do dente incisivo superior esquerdo, que sem outros signaes de modo nenhum indicam o genero da morte. A vossa demonstração da impossibilidade que haveria em attribuir as fracturas das costellas a causas que operassem depois da morte [2], é até certo ponto concludente com relação ás hypotheses que figurais. Mas, além d'estas, muitas outras poderiam ser apresentadas. Parece-me por isso impossivel estabelecer mais que a probabilidade de terem sido feitas em vida. Aqui temos pois outros indicios, como os da larynge, como os do pulmão, todos favoraveis á explicação da morte por asphyxia, por estrangulação e suffocação.

O conjuncto de todos estes indicios é que tem muito maior importancia que qualquer d'elles considerado de per si. A probabilidade deduzida de cada um é pequena; a probabilidade deduzida de todos é grande. Bem como em tocologia no fim do terceiro mez da gravidez se não diagnostica este estado por um ou por outro signal, mas pela somma dos signaes observados, assim tambem no caso de Sunivel é a totalidade e a ligação harmonica de todas as lesões do apparelho respiratorio que fazem mais provavel a idêa do homicidio que a do suicidio. É facil destruir, por meio de impugnações a que tanto se prestam os casos de medicina legal, é facil destruir no espirito a importancia de cada um dos vestigios. A importancia de todos elles, tomados conjunctamente, não se destróe do mesmo modo. A probabilidade do homicidio resistirá sempre a todos os esforços da dialectica.

Pondo de parte a opinião de Tardieu, que se ha de concluir da autopsia? Que a morte seria por asphyxia, demonstrada pelas alterações pulmonares. Que a asphyxia seria provavelmente causada por estrangulação e suffocação, de que ficariam vestigios em outras partes do apparelho respiratorio. Que esta ultima conclusão sómente poderá apresentar-se como provavel, e não como certa, pela impossibilidade de demonstrar de modo positivo se as lesões da larynge e as fracturas seriam feitas durante a vida. E

---

[1] *Questão de peritos*, pag. 52.
[2] *Idem*, pag. 45 a 56.

finalmente e consequentemente que seria mais provavel o homicidio que o suicidio.

A autopsia não deu pois em minha opinião provas decisivas do genero de asphyxia causadora da morte. O que deu foram indicios, ainda assim importantes, e que, confrontados com outros indicios ou provas, colhidas pela justiça, a habilitariam para resolver a duvida, insoluvel só pelo exame cadaverico.

No auto do exame e corpo de delicto deixastes bem claramente expressa esta mesma opinião nas palavras seguintes: «De quanto foi observado e fica exposto concluem os peritos: 1.º que o cadaver mostra ser de um homem adulto e são; 2.º que as lesões do apparelho respiratorio indicam ter havido asphyxia; 3.º que as fracturas das costellas devem ter sido produzidas por uma forte violencia sobre a parte superior e anterior do thorax; 4.º que a fractura da face e a separação da primeira peça do sterno, não tendo grande significação por si sós, a podem ter confrontadas com as fracturas das costellas; 5.º que as alterações observadas nas cartilagens da larynge, podendo por si sós significar um phenomeno cadaverico, podem, por existirem outros signaes de violencia, indicar que tambem uma violencia as alterou e preparou, para mais prompta distribuição cadaverica das partes que n'ellas faltam; 6.º que todas estas lesões do esqueleto, confrontadas com as da asphyxia, indicam que foi violenta a causa da morte» [1].

Assim a impressão primitiva que vos deixou a autopsia foi que não resultavam d'ella senão *indicios*. Sómente depois, instados para responder aos quesitos, formulados pelo doutor delegado, considerastes os *indicios* como *provas*, excluindo a idêa de suicidio, e declarando que as fracturas das costellas não podiam ser attribuidas á quéda. Já mostrei como a opinião de Tardieu, a qual seguieis, vos auctorisava a tanto, posto que primitivamente o não fizesseis no auto de exame.

Pela minha parte, ao primeiro dos quesitos, formulados pelo ministerio publico no acto do exame, responderia, não excluindo a idêa de suicidio, mas admittindo a possibilidade tanto do suicidio como do homicidio, e a maior probabilidade do segundo. Ao outro quesito, respectivo ás fracturas, responderia que tinha por mais provavel o serem anteriores que posteriores á morte. A justiça que transformasse depois, se podesse, as probabilidades em certezas.

Os peritos da defesa prestaram bom serviço, confutando a opinião de Tardieu, e fazendo bem patentes as duvidas que devem occorrer ácerca das lesões, sua significação, explicação e edade

---

[1] *Questão de peritos*, pag. 37.

correlativa. Depois de publicados os *Quesitos e respostas*, ninguem, me parece, quererá insistir em que taes lesões possam provar, por si sós, qualquer genero de morte. Não destruiram, porém, nem podiam destruir a sua importancia como indicios. Todavia, como desejassem persuadir a possibilidade do suicidio por enforcamento, tractaram de classificar e interpretar as lesões pelo modo mais favoravel a esta idêa. Não deduziram das lesões a opinião do suicidio por enforcamento, mas d'esta opinião preconcebida é que deduziram a classificação e interpretação das lesões.

A tabella que juncto no fim d'esta *Resposta* servirá para mostrar como os generos da morte se deduzem das lesões, e estas se adaptam e conformam áquelles, segundo a predisposição do espirito para um ou para outro processo.

No meio das duvidas que os peritos tão claramente demonstraram a respeito da epocha em que se effeituariam as lesões, antes ou depois da morte, parece que o procedimento menos arriscado a erro seria, não havendo razões em contrario, considerar todas as lesões contemporaneas, ou todas posteriores á morte ou todas feitas em vida. No primeiro caso mostrariam a impossibilidade de se conhecer a causa da morte, e invalidariam d'esta sorte as conclusões do auto de exame e corpo de delicto. No segundo caso dariam como provavel o homicidio. Ora os peritos da defesa entenderam que de nenhum d'estes modos se desempenhariam da sua missão. Queriam habilitar a defesa não sómente para invalidar o resultado do auto, mas tambem para substituir a idêa do homicidio pela possibilidade do suicidio. Não se limitaram a destruir; quizeram edificar: e porisso foram exactamente escolher das classificações e interpretações das lesões aquellas que melhor ou antes unicamente convinham ao fim que tinham em vista. Ao ideal do homicidio, o que dizem ter sido o vosso, substituiram o ideal do suicidio, que realmente foi o seu, embora insistam em declarar-se convencidos da impossibilidade de demonstrar qualquer opinião.

Separar porém, sob a influencia de um ideal, as lesões do apparelho respiratorio, apparentemente concatenadas, para affirmar que umas seriam anteriores e outras posteriores á morte, é procedimento de tal modo contrario ao methodo positivo, que os peritos chegaram a illudir-se a si mesmos, buscando outro motivo de tal separação, extranho áquella influência. E foi — quem tal diria! — «por um excesso de escrupulo e em respeito aos vossos dotes de observação» [1].

---

[1] *Quesitos e respostas*, pag. 50.

Assim a prova da differente edade das lesões respectivas á larynge, trachêa e pulmões e das lesões concernentes aos ossos, a prova d'esta separação fundamental estaria em admittir a vossa competencia para as primeiras d'aquellas lesões, e em rejeital-a para as segundas.

Acantonar a vossa sciencia na cavidade da pleura, admittir, quando muito, que ella chegasse com alguns já tenues e enfraquecidos raios até á região cervical, denota a impossibilidade de justificar aquella separação das lesões, e o quanto repugna a espiritos illustrados e affeitos ao rigor do methodo positivo o mostrarem-se, num caso excepcional, submettidos ao seductor influxo de uma idêa preconcebida.

Na opinião dos peritos da defesa «as alterações do apparelho respiratorio (larynge, trachêa e pulmões) indicavam ter havido asphyxia» [1]. Por outra parte: «A sciencia, no caso de que se tracta, não fornece meio de determinar positivamente se as fracturas foram feitas durante a vida ou depois da morte» [2].

Portanto as lesões da larynge, trachêa e pulmões, que, a favor da defesa, indicariam o suicidio, podem reputar-se anteriores á morte; as fracturas dos ossos, que, em contrario á defesa, indicariam o homicidio, não se sabe quando foram feitas.

Assim como um facto capital, a existencia dos fócos hemorrhagicos e as echymoses sub-pleuraes, imperou no vosso animo para formulardes pelo modo por que o fizestes as vossas conclusões, assim tambem, não um facto, mas um desejo capital impelliu irresistivelmente os nossos collegas, os peritos da defesa, á classificação e interpretação que apresentaram. Esse desejo foi o de mostrar a possibilidade do enforcamento, por ser esta a historia que os réos contavam da morte do Cypriano Soares. Nem é para extranhar que assim procedessem. A sua missão exigia que favorecessem os interesses da defesa. Só pelo facto de a acceitarem se haviam compromettido a impugnar as provas ou os indicios de homicidio.

Pela vossa parte o preconceito da opinião de Tardieu, pela parte dos peritos da defesa o preconceito de fortalecer a mesma defesa com uma interpretação dos factos favoravel ao suicidio por enforcamento, impediram-vos de dar sua verdadeira significação ás lesões observadas. Não attendestes a que não passavam de indicios de homicidio, nem a que, como taes, tinham uma significação definida e um valor incontestavel.

---

1 *Quesitos e respostas,* pag. 74.
2 *Ibidem.*

Se alguem propozesse aos peritos da defeza os seguintes quesitos, as suas respostas, em conformidade com as idêas que expenderam, não deixariam de ser affirmativas.

É possivel que as lesões da larynge, trachêa e pulmões e as fracturas dos ossos sejam anteriores á morte?

Serão por tanto indicios de homicidio?

Algumas das lesões, tomadas separadamente, serão indicios communs do suicidio e do homicidio?

Sendo algumas das lesões sómente indicios communs do suicidio e do homicidio, e todas conjunctamente indicios só do homicidio, será mais provavel este ultimo?

A discussão, partindo dos indicios para o genero de morte, daria este resultado. Na falta de provas a discussão que partir do genero de morte para os indicios dará varios resultados, entre os quaes cada um poderá escolher á vontade aquelle que mais lhe convier. É o que bem claramente mostramos na tabella final.

No livro *Quesitos e respostas* os peritos da defesa provam mais a sua grande intelligencia e o profundo conhecimento que possuem das questões de medicina legal relativas ao assumpto, provam mais estes dotes que uma solução qualquer do problema. Admiraveis na impugnação das opiniões alheias, não conservam a mesma força de dialectica ao pretenderem demonstrar a egual possibilidade de todas as soluções, para que o homicidio não pareça mais provavel que o suicidio. Se tivessem de responder não a quesitos da defesa mas a quem simplesmente lhes perguntasse se a vossa opinião seria contestavel, o livro que houvessem de escrever para justificar a sua contestação poderia ser um verdadeiro monumento na historia das polemicas da medicina legal. A defesa de Joanna Pereira amesquinhou-lhes os altos brios, mas ainda assim patenteou o muito para que são e o muito que valem.

Consta que um dos nossos collegas da faculdade de Medicina, instado pela defesa a impugnar as vossas conclusões, se recusara. Este principio da abstenção no processo de Joanna Pereira e noutros casos similhantes parece-me justificavel. Pela fórma por que nos tribunaes portuguezes são tractadas as questões de medicina legal, naturalissimo é o receio de desauctorisar a sciencia, pondo-a ao serviço dos réos e dos seus patronos, e deixando-lhes dar a direcção que quizerem a esta poderosa alavanca sem haver quem lhes tenha mão. Em quanto os tribunaes não garantirem aos peritos a interpretação racional das suas opiniões, parece-me justa a abstenção todas as vezes que, tendo alguns peritos por parte da accusação mostrado a culpabilidade,

os medicos consultados por parte da defesa não possam demonstrar ou ao menos convencer-se da innocencia dos réos.

No estado primitivo dos nossos tribunaes, pelo que á medicina legal toca, attenda-se bem, as opiniões apresentadas pelos peritos da defesa tomar-se-hão em geral como directamente oppostas ás opiniões dos peritos da accusação, embora não sejam muitas vezes senão levemente discordantes. Em muitos casos o jury e o publico entenderão que, se uns peritos disseram *Sim,* os outros hão de forçosamente dizer *Não;* e entre os dois extremos não perceberão as differenças da serie indefinida de opiniões intermedias. Não faltará quem diga que a abstenção desfavorecerá o direito de defesa, e eu mesmo o confesso. Mas ha uma cousa que de certo não vale menos que esse direito: é a dignidade da sciencia. Á sociedade por egual compete garantir o primeiro e resalvar a segunda.

Coimbra, 7 de julho de 1878.

Correlação entre as lesões cadavericas e as causas da morte de Cypriano Soares

Classificação e edades das lesões	Causa da morte	Genero da morte	Por quem e como foi admittida a correlação
Lesões da larynge, trachêa e pulmões, e fracturas dos ossos, tudo anterior á morte	Asphyxia por estrangulação e suffocação	Homicidio	Pelos peritos da accusação, como certa. Por Liman e por mim, como provavel
Lesões da larynge, trachêa e pulmões, e fracturas dos ossos, tudo posterior á morte	Indeterminavel	Indeterminavel	
Fracturas dos ossos, anteriores á morte. Lesões da larynge, trachêa e pulmões, posteriores á morte	Indeterminavel	Homicidio	
Lesões da larynge, trachêa e pulmões, anteriores á morte. Fracturas dos ossos, posteriores á morte	Asphyxia por enforcamento ou por estrangulação e suffocação	Homicidio ou suicidio	Pelos peritos da defesa, como não menos possivel que as outras e a unica de todas conforme aos intuitos da defesa, por ser mais frequente o suicidio nos casos de enforcamento

NECROLOGIA

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

I

Começou aziago para os estudos patrios o corrente mez de fevereiro. No dia 1, ao começo da noite, suicidou-se, por enforcamento, numa das casas do seu aposento na Universidade, o lente cathedratico da Faculdade de Medicina, dr. Augusto Filippe Simões, um dos collaboradores e redactores d'este jornal, vulto conhecido em todo o paiz, e fóra d'elle, por valiosos trabalhos litterarios e scientificos.

Contava Filippe Simões quarenta e oito annos, pois nascera nesta cidade de Coimbra em 18 de junho de 1835 de Manuel Simões Cardoso e D. Constança Jesuina de Paula Cardoso.

Completados os seus estudos preparatorios, matriculou-se nas Faculdades de Mathematica e Philosophia em 1850, formando-se nesta em 1855. Neste anno matriculou-se na de Medicina, onde completou a formatura em 1860.

Logo depois foi provido no partido municipal da villa de Goes, cujo cargo exerceu até 1862, em que foi nomeado professor da cadeira de Principios de Physica e Chimica e Introducção á Historia Natural no Lyceu de Evora. No anno immediato tomou conta do cargo de Bibliothecario da Bibliotheca de Evora.

Em 1872 resolveu doutorar-se na Faculdade de Medicina. Para o effeito fez acto de licenciatura em 21 de junho, defendeu theses nos dias 6 e 7 de dezembro, e recebeu solemnemente o gráu de doutor no dia immediato.

No anno seguinte fez concurso, sendo por decreto de 15 de maio nomeado lente substituto da Faculdade de Medicina. Por decreto de 24 de agosto de 1882 foi nomeado lente cathedratico, passando no anno seguinte á regencia da cadeira de Pathologia Cirurgica.

Deixou o nosso desventurado amigo muitos trabalhos litterarios, historicos e scientificos, e era socio correspondente da Academia Real das Sciencias, da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes e da Sociedade de Geographia de Lisboa, e socio effectivo do Instituto de Coimbra e honorario da Associação dos Artistas. A estas associações, e principalmente ao Instituto prestou relevantes serviços, fundando aqui a importante Secção de Archeologia. Em 5 de setembro de 1880 foi eleito deputado ás côrtes por Coimbra.

O nosso malaventurado collega era homem de aspecto serio, ás vezes taciturno, de caracter probo e honestissimo, de genio affavel e bondoso mas susceptivel e concentrado, de grande actividade intellectual. O seu estudo comprazia-se principalmente nas fastidiosas pesquizas bibliographicas e archeologicas, para que o convidara, além da propensão natural, a sua ida, logo depois da formatura em Medicina, para Evora, — logar por tantos modos azado a tal genero de investigações.

Neste campo adquiriu a elevada reputação, que o tornou estimado e conhecido não só entre nacionaes, mas entre os extrangeiros. Ficaram-nos trabalhos da maxima importancia e alcance, com os quaes na especialidade enriqueceu a litteratura patria. Entre a pequena e brilhante pleiade dos homens que têem modernamente arroteado este bravo e inculto territorio a figura triste de Filippe Simões avulta sobranceiramente.

Prosador esmerado e irreprehensivelmente vernaculo, sem pedantismo, fanfarrice ou impertinencia, perspicuo na dicção, variado e sobrio no estylo, os seus escriptos, se não revelam a viveza moderna, scintillante e iriada, mas tantas vezes superficial, offerecem ao critico solidas qualidades, que os tornam summamente apreciados. Cuidadoso na averiguação dos factos historicos e archeologicos, amava em extremo as cousas patrias, e não perdia ensejo de exaltar os nossos factos, protestando contra as injustiças, emendando os erros e desacertos correntes, reivindicando para nós as glorias que extranhos usufruiam como proprias. Os seus criticos, que antes pareceram voluntarios e encarniçados

inimigos, accusaram-no de fazer a critica atravez do prisma deslumbrante do patriotismo. Nunca julgámos fundados taes libellos, que tanto melindravam seu delicado e sensivel coração; antes sempre nos pareceu que são indignos de fé aquelles que confundem a critica com a inveja, o reparo cordial com o insulto grosseiro, o argumento com o doesto e com a diatribe, e que condimentam a sua insignificante e vaidosa sciencia com os temperos do azedume, da virulencia e do vituperio gratuito e desvergonhado. Homens ha, conscientes dos seus esforços e dos seus meritos, que não sabem resistir á vileza d'esses processos ruins.

Não era especial e limitado aos seus estudos predilectos o talento de Filippe Simões. Distincto em todas as empresas, mostrou-se vulgarisador distinctissimo das verdades scientificas. As suas *Cartas da Beira-mar* e a *Educação Physica* exhibem claramente esses relevantes dotes, tão necessarios e proficuos para o atrazado meio nacional.

Pouco se dedicou o nosso excellente amigo á practica da medicina. Em Goes e em Evora ainda a exerceu; mas desde que entrou no gremio universitario apenas via algum amigo doente. Comtudo não lhe falleciam dotes de clinico. Quanto ás aptidões theoricas fallam alto os trabalhos que enumerámos, mostrando o seu talento sob um aspecto interessante e menos conhecido. Estamos convictos por este motivo de que, se a direcção dos seus estudos fosse, ao principiar da carreira, mais propriamente medica, o eminente archeologo hombrearia com afamados clinicos, — que os conhecemos de nomeada e todavia falhos de triviaes requisitos de illustração, indispensaveis ao medico moderno.

Filippe Simões suicidou-se. Uns explicam o tragico successo por uma predisposição herdada de seu pae; outros attribuem-n'o a perturbações economicas; alguns á tibieza e concentração do seu genio e character ou á falta de confiança nos seus recursos intellectuaes. Uns affirmam que foi victima de uma hallucinação, outros concluem que obedeceu a um proposito deliberado e consciente. Ha quem o condemne; ha quem o desculpe; ha quem o lastime; ninguem o louvará certamente.

Nós não emittimos juizo. Perante a funebre majestade do acto desfallecem-nos as forças, e não levariamos a bom caminho essa delicadissima analyse psycho-pathologica. Neste instante não podemos ser o frio observador que tal problema requer. O espinho da dor amortece em nós os propositos da serena reflexão. Alanceia-nos a perda irreparavel que soffreram as lettras e as sciencias patrias. Commove-nos até ao fundo d'alma o inesperado e subito desenlace do drama que agitara o cerebro d'esse homem, cuja vida seria ainda tão fecunda para o progresso do seu paiz. Con-

turba-nos a saudade d'essa bondosa e excellente pessoa, a quem devemos palavras da maxima cordialidade, phrases sinceras de animação, e provas de amizade desinteressadissima.

Se Filippe Simões succumbiu perante os dictames de uma hallucinação irresponsavel, lamentemos a tremenda desgraça que feriu de morte o trabalhador incançavel, o sabio benemerito. Se obedeceu ás resoluções de um sombrio, mas consciente pensamento, respeitemos neste momento os trances amarissimos, por que passou o seu attribulado espirito, quando na hora derradeira volveu os olhos embaciados para as paizagens encantadoras d'esta Coimbra, sua patria, cuja historia singular tomara tantas horas a seus estudos e meditações [1].

AUGUSTO ROCHA.

---

[1] *O Instituto,* vol. XXXI, n.º 8, pag. 353—356.

II

A actual Redacção do *Instituto* perdeu um dos seus membros mais prestantes, o doutor Augusto Filippe Simões. Cumprimos um duplo dever, commemorando o seu fallecimento: dever de collega e dever de amigo. A magoa que nos afflige por uma desgraça tão inesperada mal nos permitte traçar estas linhas. A penna rebella-se contra um facto inacreditavel, o coração desfallece sob o peso de profunda amargura. Neste instante solemne, lição para todos nós dolorosissima, em que evocamos uma sombra que ha pouco tempo nos parecera realidade, devemos sobre tudo ser justos. A verdade perante uma campa não póde ser suspeita, porque não ha laivos de adulação onde cessaram ensejos para o favor. Na sepultura onde floresce uma saudade aspira-se o perfume d'uma virtude. Um epitaphio humedecido de lagrimas é o epilogo d'uma vida util.

A. Filippe Simões foi medico, e exerceu a practica e a theoria da Medicina: foi clinico e professor. Como bacharel formado em Philosophia eram-lhe familiares os diversos ramos das sciencias naturaes, cujo ensino professou com seguros creditos. Na litteratura tornou-se um dos primeiros escriptores pela sua erudição e criterio apurado. Sendo um dos fundadores da nossa Secção de Archeologia, esta sciencia mereceu-lhe estudo desvelado e cuidadoso. A taes aptidões, tão distinctas, reunia um character integro e um coração de ouro. Conciliava respeitos e affeições, que o acompanharam constantes na sua vida e honram hoje a sua memoria.

Os livros que publicou confirmam o que asseveramos. Folheemos os principaes e veremos. As *Cartas da Beira-mar* versam sobre assumpto vasto e multiplice, que encheria volumes, se o seu talento não resumisse em brilhante miniatura o quadro omnimodo do grande imperio neptunino. Tal escriptor tem porisso de ser um Proteu e revestir-se de varias fórmas: mostrar-se num capitulo naturalista e noutro geographo, aqui um physico, além um chimico, agora mathematico, logo historiador, hydrographo, astronomo... um verdadeiro microcosmo da sciencia. E tudo isso era e tudo isso mostrou elle no seu primoroso livro. «Ha em todas aquellas paginas, diz Alexandre da Conceição, consciencia dos assumptos, gosto na escolha, logica na concatenação, e verdadeiro talento no modo de

as tractar e desenvolver. Tudo aquillo interessa, tudo aquillo instrue.»

Duas conferencias, feitas na sala do Instituto em 1879, compõem um opusculo, que vale um compendio de grandes verdades, um codigo de preceitos salutares, um apostolado de bons e excellentes principios. Intitula-se a *Civilisação, a Educação e a Phthisica,* e justifica o seu titulo em proveito da humanidade. A phthisica é um grande mal, e diz o dictado que para grandes males grandes remedios. A civilisação e a educação, a primeira mal entendida e a segunda mal dirigida, concorrem para esta desgraça, e ambas podem ser a sua regeneração. Eis a sua demonstração clarissima: a civilisação póde extinguir a phthisica, diz a conferencia primeira; a civilisação extinguirá a phthisica, accrescenta a segunda, se a educação impedir a degeneração humana.

Uma obra notavel, *Educação Physica,* contou tres edições em vida de seu auctor, e é por ventura a que mais interesse excita pelo assumpto e pela fórma, pelo estylo agradavel mas rigorosamente didactico, e pelo maximo proveito que se colhe da sua leitura, ou, antes, do seu estudo. «A boa educação é aquella que dá ao corpo e á alma a maior belleza, a maior perfeição que podem ter.» Este dicto de Platão serve-lhe de epigraphe, e é ao mesmo tempo a sua synthese. Faz este suggerir naturalmente o outro dicto latino, e bem conhecido: *mens sana in corpore sano;* e sobre este principio indiscutivel, que é um axioma social, assentou A. Filippe Simões toda a fabrica do seu livro.

Outro livro, *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra,* a que podemos junctar a sua *Conferencia* sobre o mesmo objecto, assim como artigos identicos, insertos em varios jornaes, conferiram-lhe o primeiro logar entre os archeologos portuguezes e asseguraram-lhe uma excellente reputação. Já Candido de Figueiredo assim o definira nestes versos:

..... Filippe é archeologo;
em quanto nos explica medicina,
vel-o-eis abysmar-se n'um monologo
e explorar do passado a escura mina;
da architectura as ordens examina,
— *corinthia, jonia, dorica e composta,*
consulta as tradições, e não desgosta
de ler em pedra o que ninguem ensina.

Sobre estas e outras muitas obras de relevante merecimento é que assenta segura a fama do nosso desditoso consocio e amigo. Nesta redacção o seu logar não é facil substituir-se, pois foram

innumeros os serviços que prestou a este jornal, que lhe deve muitas monographias curiosas e um auxilio prestantissimo. O luto da nossa sociedade, dos seus companheiros de tantos annos, fica-nos indelevel no coração, amargurado por tamanho infortunio.

E que infortunio lamentoso!... que desgraça tremenda a tragedia que abreviou os seus dias, aterrando Coimbra inteira e repercutindo-se lugubremente por todo o paiz!... Que doença enorme e terrivel que esmagou uma intelligencia clara, um espirito culto!...

E dizemos doença, porque o foi, doença que o martyrisava havia muitos annos, e que foi presentida nos seus ultimos dias, em que se queixou sempre, sempre inquieto e sem nunca poder conciliar o somno, como sabem os que lhe fallaram, e a sua extremosissima familia, que melhor o conhecia. De seu pae herdara elle a molestia que o matou. Se não se manifestara nos seus primeiros annos, um grande desgosto que soffrera logo depois da sua formatura em medicina a denunciou finalmente. Nessa occasião foi julgado perdido numa lucta pertinaz de onze mezes. Melhorou a custo, e passando para Evora, onde residiu quatorze annos, ahi soffreu mais dois ataques, um por occasião do fallecimento de sua esposa e outro numa questão litteraria com o fallecido Augusto Soromenho. Além d'estes accessos determinados, algumas vezes apontavam symptomas que se desvaneciam lentamente. Elle conhecia-se, e forcejava por debellar o mal; e talvez á sua energia se deva não ter succumbido mais cedo.

Não foi pois a sua morte um acto premeditado em seu pleno juizo, mas sim effeito de predisposição morbida, já hereditaria, e com que luctava ha vinte e quatro annos. Se ninguem o póde louvar, tambem não deverá ser condemnado; não póde pedir-se responsabilidade onde impera o despotismo da molestia. Devemos sim lastimar a sua desgraça e a da sua familia, que tanto o estremecia e a quem elle idolatrava [1].

A. A. da Fonseca Pinto.

---

[1] *O Instituto,* vol. XXXI, n.º 8, pag. 357—360.

III

.....

Foi o outro o sr. Augusto Filippe Simões, lente cathedratico de medicina: d'elle póde dizer-se que consagrou a vida inteira á cultura das boas letras, ao ensino e vulgarisação das sciencias, e ao bem da humanidade. Nas aulas d'esta Universidade se educou e desenvolveu o seu elevado espirito, seguindo os cursos da faculdade de philosophia em que se formou, e depois os de medicina, em que mais tarde veio doutorar-se, entrando em seguida para o magisterio, e desempenhando com muita dignidade os seus deveres de professor. Tambem na Bibliotheca da Universidade mostrou o seu distincto merecimento e decidida competencia, desempenhando importantes serviços com muito zelo e notavel dedicação; não foram menores nem menos importantes os que prestou ao Instituto de Coimbra, principalmente na Secção de Archeologia, assumpto da sua especial predilecção; mas a todos estes sobrelevaram outros serviços que prestou, durante a sua residencia em Evora, por espaço de pouco mais de dez annos, no periodo da maior actividade do seu grande genio, serviços relevantissimos, principalmente os prestados no exercicio do cargo de bibliothecario da Bibliotheca publica d'aquella cidade, e ainda no de provedor da Misericordia, além de outros a bem da instrucção e da humanidade. Mas, se a cidade de Evora pareceu por algum tempo a sua patria adoptiva, nem por isso elle deixou de consagrar sempre particular affeição a esta boa terra que lhe dera o berço, a esta boa cidade de Coimbra, aonde veio emfim buscar eterno descanço, depois de tambem lhe haver prestado mui valiosos serviços. Não vos apresentarei aqui o catalogo das suas obras, que seria longo: encontral-o-heis no *Instituto*, revista scientifica e litteraria, de que foi illustre collaborador, assim como em um primoroso folheto, só consagrado á sua memoria, sob o titulo — *Estemma de perpetuas na campa do Dr. Augusto Filippe Simões*. Por vezes, Senhores, durante a sua laboriosa vida, por vezes um terrivel phantasma lhe opprimiu e desvairou a phantasia; medonha cerração parecia ir-lhe obscurecendo o fulgor da razão, e produzia no seu espirito uma hor-

rivel tormenta; a energia porém da sua intelligencia luctava valentemente contra as ondas d'este mar encapellado; e alcançando emfim a antiga corrente dos seus trabalhos litterarios, conseguia elle escapar assim á furiosa tormenta. Mais tarde porém, no ultimo assalto do phantasma que o apavorava, desfalleceu-lhe a energia, e o seu atribulado espirito, em um momento de terrivel desesperança, compellido até ao extremo, rompeu e despedaçou violentamente o involucro material que o prendia! Poderia suppor-se talvez que aquelle activo espirito, sempre sequioso do saber, depois de haver gasto durante a vida terrena innumeras vigilias, a perscrutar as origens do homem e a sua marcha atravez dos seculos no globo que habitamos, se apressou a partir, mais cedo do que devêra, para as regiões mais elevadas, anceando por descobrir tambem qual o destino do homem, depois d'esta vida transitoria, nessas infindas regiões da eternidade..... Paz á sua alma [1].

BERNARDO DE SERPA PIMENTEL.

---

[1] *Annuario da Universidade de Coimbra,* Anno lectivo de 1884-1885, *Allocução do Vice-Reitor,* pag. 23 e 24.

IV

Nos longos dias, passados fóra da patria, achei sempre, em recordar suas coisas, doce conforto para as maguas da ausencia, grato lenitivo para os espinhos da saudade.

Recordando-me em quanto escrevi estas linhas, fez-se-me deleitoso o trabalho que em circumstancias differentes não deixaria de custar-me, por enfadoso e pesado. O mesmo sentimento, que em mim produziu este effeito, influirá talvez nos meus compatrtotas para lerem sem maior fadiga uma *Memoria,* que em particular interessa á terra em que nascemos, pois lhe conserva os mais antigos brazões de suas glorias artisticas, uns dos quaes se perderam já, e outros não tardarão em desapparecer do mesmo modo aos golpes inexoraveis do camartello destruidor. Por outra parte, a *Memoria,* que dedico á cidade de Coimbra, illustra uma das epochas mais remotas e obscuras da sua historia; persuade com as provas irrefragaveis, deduzidas do adiantamento das artes, que serviu de berço á civilisação portugueza; patenteia, emfim, que esses homens esforçados, que alevantaram o glorioso edificio da independencia nacional, foram, a varios respeitos, muito menos barbaros que certos apologistas do presente, que assim os reputam.

Se na *Memoria* ha na verdade esta importancia, ou se me engana a vaidade de auctor (de todas a mais desculpavel) dizei-o vós que a lerdes. De outra coisa, porém, não tendes que duvidar; e vem a ser que posso repetir com o poeta:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

Evora, 6 de junho de 1870.

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.

(Dedicatoria do livro — *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*).

Já não existe o illustre filho de Coimbra, o insigne cultor das letras patrias, o perseverante investigador das nossas antiguidades, o sr. dr. Augusto Filippe Simões!

Ainda no sabbado, 26 de janeiro, o nosso erudito amigo foi fazer uma conferencia na exposição de manufacturas ácerca da esculptura em Coimbra no seculo XVI, a proposito do pulpito

de Sancta Cruz e do baixo relevo da porta lateral da Sé Velha, e comtudo já elle hoje não é vivo!

É certo que o sr. Filippe Simões se mostrara bastante incommodado durante a conferencia, havendo-nos dicto que com grande difficuldade alli fôra; mas bem longe de nós o suppor que tão proximo estivesse do fim o nosso amigo!

Não ha ninguem indispensavel; mas a falta do sr. Filippe Simões ha de ser por muitas vezes profundamente sentida.

O sr. Augusto Filippe Simões era filho dos srs. Manuel Simões Cardoso e D. Constança Jesuina de Paula Cardoso, e nasceu nesta cidade de Coimbra no dia 18 de junho de 1835.

A sua familia era de sentimentos pronunciadamente liberaes, distinguindo-se seu tio, o sr. Jeronymo Filippe Simões, que havendo emigrado veiu com a expedição liberal em 1832, e no Porto foi gravemente ferido em uma das mãos na defesa das linhas d'aquella cidade.

Depois dos estudos preparatorios entrou o sr. Filippe Simões para a Universidade, matriculando-se no 1.º anno de mathematica e philosophia em 1850, e formando-se n'esta ultima faculdade em 1855.

Neste mesmo anno matriculou-se no 1.º anno da faculdade de medicina, na qual se formou em 1860.

Depois de ter sido facultativo municipal em Goes, foi em 1862 nomeado professor de Introducção aos tres reinos da natureza no lyceu nacional de Evora, e em 1863 foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca publica da mesma cidade, prestando a este estabelecimento relevantes serviços, e mostrando-se digno continuador do sabio bibliographo, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Nos annos de 1864 e 1865 foi em Evora redactor da *Folha do Sul*, periodico progressista, e fecundo manancial de investigações historicas e litterarias.

Desde os n.os 75 a 81 da mesma *Folha do Sul*, de 1865, publicou o sr. Filippe Simões o seu interessante — *Relatorio ácerca da Bibliotheca publica de Evora, dirigido ao ministerio do reino.*

Achava-se em Evora quando d'alli fez imprimir na Imprensa da Universidade em 1867 o seu muito instructivo livro — *Cartas da beira-mar*. Nesse livro, de 321 paginas, e dividido em 26 capitulos, dava o sr. Filippe Simões minuciosa noticia das maravilhas naturaes em tudo que diz respeito aos mares.

Já antes de ir para Evora havia sido redactor effectivo do *Instituto* de Coimbra nos annos de 1860 e 1861, distinguindo-se nesse jornal os artigos que versam sobre a origem dos aerostatos.

No anno de 1868 imprimiu em Evora, na typographia da *Folha*

do Sul, a sua primorosa memoria — *A invenção dos aerostatos reivindicada. Exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.*

Ainda ha poucos dias, nos fasciculos 60 e 61 do acreditado *Diccionario universal portuguez*, num extenso artigo com o titulo — *Balão* — se dizia relativamente á reivindicação que o sr. Filippe Simões tinha feito para Portugal com relação á prioridade dos aerostatos: — «Depois d'este trabalho importantissimo parece-nos que pouco ha que dizer, e que a verdade está plenamente provada. Gloria ao sr. Filippe Simões, que assim deu o ultimo golpe á questão e fez triumphar a verdade de um modo brilhante.»

Em Evora fez o sr. Filippe Simões valiosos serviços com respeito ao Museu Cenaculo, de que elle deu conhecimento em 1869, mandando imprimir na typographia da *Folha do Sul* o — *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo, dirigido ao ex.mo sr. visconde da Esperança, presidente da camara municipal de Evora.*

Tambem no mesmo anno de 1869 fez imprimir em Lisboa, na typographia Portugueza, a — *Reforma da instrucção secundaria. Parecer apresentado ao conselho do Lyceu Nacional de Evora por Augusto Filippe Simões.*

No anno immediato de 1870 publicou o sr. Filippe Simões, sendo impressa na referida typographia Portugueza de Lisboa, uma obra magistral, e fructo dos mais perseverantes e conscienciosos estudos, com o titulo de — *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra.*

Esta obra, dedicada pelo sr. Filippe Simões — *á cidade de Coimbra*, é consultada como auctoridade com respeito á origem das egrejas mais antigas d'esta cidade: S. Thiago, S. Christovão, Sé Velha e S. Salvador.

Havendo graves accusações contra a administração da Sancta Casa da Misericordia de Evora, foi a mesa da irmandade dissolvida por alvará do governador civil de 18 de julho de 1871, sendo nomeada para administrar o estabelecimento uma commissão; e pela escusa do presidente, o sr. conego Abel Martins Ferreira, foi nomeado o sr. Filippe Simões presidente da mesma commissão por alvará de 24 de outubro.

Esta commissão procedeu a um minucioso exame da administração da Sancta Casa e ás necessarias reformas, concluindo em 19 de janeiro de 1872 o seu relatorio, que dirigiu ao governador civil. Na mesma data foi dissolvida a commissão.

O trabalho da commissão foi no mesmo anno de 1872 impresso

na typographia do governo civil com o titulo de — *Relatorio da Sancta Casa da Misericordia d'Evora, pela commissão dissolvida em 19 de janeiro de 1872. Impresso á custa da commissão.*

*
* *

Resolvendo-se o sr. Filippe Simões a doutorar-se na faculdade de medicina, veio para Coimbra em 1872, e escreveu para o seu acto de licenciatura, no dia 21 de junho d'esse anno, a dissertação — *A contractibilidade e a excitabilidade motriz.*

Esta dissertação foi impressa na Imprensa da Universidade; e no mesmo anno de 1872 foi impressa na referida typographia a sua dissertação inaugural ácerca dos *Erros e preconceitos da educação physica,* a qual dedicou — *á memoria do reformador da Casa Pia de Lisboa.*

No dia 8 de dezembro do mesmo anno de 1872 realisou o sr. Filippe Simões o seu doutoramento na faculdade de medicina.

Os exemplares, postos á venda, da sua dissertação inaugural tiveram tal acceitação, que no anno de 1874 se resolveu o sr. Filippe Simões a amplial-a, fazendo d'ella segunda edição, que sahiu com o titulo de — *Educação physica* — e que foi editada pela livraria Ferreira Lisboa & C.ª, da capital.

E tão bem recebida estava sendo esta publicação, que ainda em 1879 fez d'ella *terceira edição,* correcta e consideravelmente augmentada, sendo editor o mesmo da segunda.

Quando no anno de 1873 concorreu ao magisterio da Universidade, escreveu e publicou a sua dissertação — *Breve exposição dos principaes subsidios com que têem contribuido para o calor animal a chimica, a physica e a physiologia.*

Por decreto de 15 de maio do referido anno de 1873 foi o sr. Filippe Simões provido em uma substituição da faculdade de medicina; por decreto de 9 de junho de 1875 foi despachado definitivamente substituto; e por decreto de 24 de agosto de 1883 foi promovido a cathedratico.

Em 21 de fevereiro de 1874 fez no Instituto de Coimbra uma conferencia, que imprimiu com o titulo — *Da architectura religiosa em Coimbra, durante a edade media.* Foi por elle dedicada ao sr. bacharel Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

*
* *

Pretendendo a Universidade de Leiden, na Hollanda, comme-

morar o tricentenario da sua fundação, convidou a Universidade de Coimbra para se fazer representar nesse acto solemne.

O sr. Filippe Simões mereceu ser um dos commissionados pela nossa Universidade para esse fim. Sahiu de Coimbra no dia 21 de janeiro de 1875, para se dirigir á Hollanda por Bordeus; embarcou em Lisboa no vapor *Mendoza,* e chegou a Leiden no dia 6 de fevereiro.

Foi o illustre commissionado distinctamente recebido pelos membros d'aquella Universidade; e ao regressar publicou — *O tricentenario da Universidade de Leiden. Relatorio dirigido ao ill.mo e ex.mo sr. visconde de Villa Maior, reitor da Universidade de Coimbra.*

Ainda no mesmo anno foi nomeado para os exames finaes dos lyceus da segunda circumscripção, por decreto de 15 de junho de 1875; e egualmente foi nomeado por decreto de 10 de novembro d'esse anno para a commissão de reforma da Academia das Bellas Artes de Lisboa e Porto, a qual se installou no ministerio do reino no dia 29 do mesmo mez de novembro, sob a presidencia do sr. marquez de Sousa e Holstein.

Não descançava o sr. Filippe Simões nos seus trabalhos, pelo que em 1878 publicou a sua magnifica obra — *Introducção á archeologia da peninsula iberica, pelo doutor Augusto Filippe Simões, lente de medicina da Universidade de Coimbra. Parte primeira. Antiguidades prehistoricas. Com oitenta gravuras.*

Egualmente no mesmo anno publicou a — *Resposta a uma consulta — A medicina legal no processo de Joanna Pereira.* — A consulta tinha sido feita pelos srs. Manuel Bento de Sousa, José Thomaz de Sousa Martins e José Curry da Camara Cabral, professores da Eschola medico-cirurgica de Lisboa.

Em 1879 foi consultado ácerca de um auto e corpo de delicto na Bahia, imprimindo no mesmo anno a sua resposta com o seguinte titulo: — *Consultas de medicina legal, pelo doutor Augusto Filippe Simões, lente substituto de medicina legal e de hygiene publica da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra — II — A questão Braga.*

Tambem em 1879 publicou no *Instituto,* e imprimiu depois em separado, o — *Elogio historico de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, lido na noite de 31 de maio de 1879 no Instituto de Coimbra.*

Ainda em 1879 fez o sr. Filippe Simões duas conferencias no Instituto de Coimbra, as quaes foram impressas na Imprensa da Universidade com o titulo — *A civilisação, a educação e a phthisica — Conferencias feitas no Instituto de Coimbra. — Primeira conferencia — A civilisação e a phthisica. — Segunda conferencia —*

A educação e a phthisica. Estas conferencias foram pelo seu auctor dedicadas ao sr. dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, decano e director da faculdade de medicina.

Em 1880, pretendendo o Instituto de Coimbra realizar um sarau litterario para commemorar o tricentenario de Camões, e havendo para isso obtido a sala grande dos actos da Universidade, o sr. Filippe Simões ahi leu, na linguagem vernacula que todos lhe conheciam, uma memoria repassada de erudição e sãos conhecimentos sobre philosophia, historia e esthetica, mostrando-se pensador avançado e escriptor filiado no grupo dos que, despidos de todos os preconceitos de seita ou de eschola, sabem avaliar os phenomenos da historia á luz purissima, independente e severa da moderna critica scientifica.

Essa esplendida memoria do sr. Filippe Simões foi em seguida publicada em os n.os 11 e 12 do *Instituto* do mesmo anno de 1880.

E ainda sahiu a referida memoria no livro publicado no mesmo anno, com o titulo: — *Instituto de Coimbra — Sarau litterario em commemoração do tricentenario de Luiz de Camões — 1580 – 1880 — 10 de junho.*

Na primorosa publicação feita em Lisboa na acreditada typographia de Castro & Irmão, com o titulo — *Trincentenario de Camões — 1580 – 1880 — Ignez de Castro* — dividida em tres partes — *Iconographia — Historia — Litteratura* — foi a primeira d'estas partes escripta pelo sr. Filippe Simões.

*
* *

Em 1882 fez o sr. Filippe Simões parte da commissão encarregada de promover a exposição retrospectiva da arte ornamental portugueza e hespanhola.

Foram relevantissimos os serviços que o nosso amigo prestou a este emprehendimento, já percorrendo muitas terras do reino a solicitar objectos para a exposição, já na sua installação na capital.

Tambem no anno de 1882 publicou o sr. Filippe Simões uma serie de valiosas cartas ácerca da referida exposição no *Correio da Noite,* as quaes reproduziu em livro, impresso em Lisboa, na typographia Universal, com o titulo de — *A exposição retrospectiva da arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa. Cartas ao redactor do «Correio da Noite», por A. Filippe Simões. Com uma carta do sr. Fernando Palha ao auctor ácerca da collecção da ceramica.*

Além d'isto, uma grande parte do extenso *Catalogo* da exposição foi devida ao trabalho do sr. Filippe Simões.

Ainda ultimamente para satisfazer aos desejos do sr. Bispo Conde se encarregou de organisar a exposição permanente das preciosidades do cabido e mitra em uma sala do edificio annexo á Sé cathedral.

Deliberando o sr. Carlos Relvas publicar, em beneficio da Misericordia da Gollegã, um *Album de phototypias,* representando muitos dos mais notaveis objectos de arte antiga, que figuraram na exposição de arte ornamental em Lisboa, pediu ao sr. Filippe Simões escrevesse para este album uma *Introducção* — pedido a que o nosso patricio e amigo accedeu.

Sabemos que este trabalho está já composto na typographia de Castro & Irmão em Lisboa, sendo de crer que em breve appareça a publico.

Além da *Introducção* do sr. Filippe Simões, em portuguez, tenciona o sr. Carlos Relvas publical-a tambem em francez.

*
* *

Se a Bibliotheca publica de Evora deve ao sr. Filippe Simões importantes serviços, a Bibliotheca da Universidade lh'os deve talvez ainda maiores.

Achava-se este estabelecimento na maior desorganisação. Não havia catalogos em termos, nem classificação de livros. Era tudo uma desordem, aggravada ainda pela pessima catalogação que se tinha principiado. Tomou, porém, o sr. Filippe Simões conta da administração interina da Bibliotheca, e tal actividade e boa direcção deu a todo o serviço, que se acham devidamente catalogados e postos em ordem uma grande parte dos livros alli existentes. E é muito para sentir que não tivesse tempo para concluir tão valioso trabalho.

Do estado deploravel em que encontrou a Bibliotheca da Universidade fez o sr. Filippe Simões um energico e historiado relatorio que dirigiu ao governo.

Collaborou o sr. Filippe Simões nos periodicos illustrados de Lisboa — *Archivo Pittoresco, Artes e Lettras, Arte, Occidente* e *Boletim architectonico de archeologia da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes.*

Em Coimbra, além do *Instituto,* escreveu para o *Recreio Juvenil, Preludios Litterarios, Revista Academica* (2.ª serie), *Litteratura Illustrada, Panorama Photographico de Portugal, Portugal Pittoresco, Amigo do Estudo, Gazeta de Coimbra, Conimbricense* e *Tribuno Popular,* de que no anno passado foi por algum tempo o redactor principal.

Era o sr. Filippe Simões socio correspondente da Academia Real das Sciencias, da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes e da Sociedade de Geographia de Lisboa; e era socio honorario da Associação dos Artistas de Coimbra.

A Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, além de nomear seu socio correspondente o sr. Filippe Simões, fez-lhe a distincta honra de lhe offerecer em junho de 1875 uma medalha de ouro com o seu nome gravado, em homenagem, dizia o respectivo diploma, aos seus valiosos escriptos, especialmente ao livro—*Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra.*

Rejeitou ultimamente o officialato da ordem de S. Thiago, com que o governo o queria agraciar pelos seus serviços na exposição da arte ornamental.

No Instituto de Coimbra, além de ser ha longos annos socio effectivo e muitas vezes collaborador do periodico da socidade, exerceu o cargo de primeiro secretario, assim como foi director da classe de litteratura. Era, além d'isso, vice-presidente da Secção de Archeologia, da qual foi o iniciador.

*
* *

Em 5 de setembro de 1880 foi o nosso patricio eleito deputado por Coimbra, e sempre se mostrou interessado pela prosperidade da sua terra natal.

Era actualmente presidente do centro progressista d'esta cidade.

Dotado de excellentes qualidades, era o nosso amigo em extremo obsequiador, pelo que havia adquirido geraes sympathias. E em especial tinha um tal amor pelas lettras patrias, que difficilmente poderá ser excedido.

É este illustrado e benemerito cidadão que Coimbra e o paiz, com profundo sentimento, acabam de perder.

À honrada memoria do nosso amigo e patricio, e como homenagem ao seu merito relevante, aqui deixamos esta succinta resenha dos seus valiosos serviços, escripta no brevissimo tempo que para isso tivemos [1].

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

[1] *O Conimbricense,* anno XXXVII, n.º 3805, de 5 de fevereiro de 1884, artigo editoral.

V

Em 28 de janeiro ultimo iniciou o dr. Augusto Filippe Simões a serie das conferencias da Exposição; em 29 publicou o *Conimbricense* em artigo editoral o esboço da dicta conferencia, cujos pontos capitaes lhe tinham sido dados pelo proprio conferente, e no dia 1 de fevereiro suicidou-se este pelos fins da tarde! A segunda conferencia, que fora destinada para o dia 2, ficou adiada por tão doloroso motivo para o dia 4. Diremos duas palavras ácerca do nosso desgraçado amigo e patricio; são-nos pedidas, e cabem a proposito, visto que o seu nome ficou tão lugubremente ligado a esta Exposição.

Quem abrir o primeiro volume do *Panorama photographico de Portugal*, lerá na pagina 70 uma pequena mas curiosa descripção da pia baptismal da Sé Nova de Coimbra, escripta pelo dr. Simões: nesta pia foi elle baptizado em 1835, conforme na mesma descripção explicitamente declara. E no livro *Reliquias de architectura romano-bysantina em Portugal* do mesmo auctor achará no capitulo III um excellente tractado sobre a Egreja da Sé Velha, escripto com o criterio cuidadoso que o distinguia: neste templo recebeu elle os ultimos responsos da Egreja a 3 de fevereiro, quando foi sepultado. Em ambos os livros acompanham os respectivos artigos as estampas da pia e do templo. Orçava portanto pelos 49 annos de edade, sendo o mais velho dos cinco conferentes. Seus paes foram os srs. Manuel Simões Cardoso e D. Constança Jesuina de Paula Cardoso, e nascera em Coimbra na rua das Covas, hoje de Borges Carneiro, a 18 de junho de 1835.

Ha vidas que se resumem dignamente em poucas palavras, e tal é a do dr. Augusto Filippe Simões. Distinguiu-se nas aulas como discipulo e professor; na imprensa jornalistica como soldado dextro; na imprensa litteraria como escriptor notabilissimo; nas academias e institutos como orador e reformador; nas diversas commissões que lhe incumbiram como operario incançavel, e de todos estes multiplices encargos que tomou sobre seus hombros deixou documentos que o honram, provas da sua actividade

extraordinaria. Esmerilhar as qualidades que o adornaram, os seus serviços e desinteresse seria inutil: ha nomes que equivalem um elogio, e o do nosso amigo acha-se vinculado a ideias elevadas de virtudes publicas e domesticas, que lhe conquistaram geraes sympathias.

O dr. Simões foi medico, e exerceu a medicina como clinico, desenvolveu-a como professor e discutiu-a em consultas que lhe submetteram. E notavel é que, sendo ministro de Esculapio, distrahisse attenções por outros assumptos alheios da sua profissão. Esta tendencia, commum a muitos medicos, explica-se bem pela natureza da sua arte. Como vasta e complexa pela multiplicidade de estudos, vão-se os seus cultores enamorando insensivelmente d'outras sciencias. Não as trocam umas pelas outras, no que aliás lhes não caberia censura, mas ficam cultivando todas com egual desvelo.

A medicina é profissão melindrosa, util e sacratissima: combate constante entre a vida e a morte, precisa conhecer os mysterios de ambas para sustentar uma e prevenir a outra. N'esta lucta medem-se todas as forças, empregam-se todos os meios: cabeça e coração reunem e envidam seus supremos esforços. Não admira, pois, que o medico tente suavisar com as amenidades scientificas e litterarias os raros instantes que lhe sobram de seu penoso e laborioso officio.

O dr. Augusto Filippe Simões foi um clinico distincto. Em Goes, onde residiu dois annos, algumas curas felizes o acreditaram; em Evora, cidade que o teve como professor de instrucção secundaria durante doze annos, a sua reputação de medico lhe bastaria para viver independente, e em Coimbra, se outras fadigosas pensões lhe absorviam tempo e estudos, ainda assim no restricto exercicio que fez da sua arte mostrou zelo desvelado, cautela previdente e tacto medico singular. Podemos dar testemunho d'estas suas eminentes qualidades clinicas.

Em 1880 o escrutinio eleitoral o levou ao parlamento, e foi a sua terra natalicia que o elegeu, que o fez seu representante em côrtes com particular espontaneidade e sympathia, raras sempre e nesta cidade rarissimas. Os jornaes de variadas opiniões o apoiaram, e a politica ensarilhou as armas deante da sua popularidade. Podemos citar um jornal da opposição, que escrevia:

«No partido progressista de Coimbra a escolha do sr. F. Simões foi acertada. Lançando o olhar em volta nem sequer lobrigamos quem se lhe possa comparar. Por uma excepção louvamos o partido. Tracta-se de justiça e nunca a negâmos.

«Não cremos tambem que s. ex.ª seja um faccioso, um manequim do governo... É um character respeitavel, com nome de auctoridade, com tradições honrosas. Ha de prezar-se.»

Outro jornal na vespera da eleição elogiava-o d'este modo:

«Está proximo o dia da eleição... Acha-se desbravado o caminho e sem attritos... O candidato enceta o seu tirocinio parlamentar sem sentir os espinhos d'uma lucta, acceito pela opinião publica. e bafejado por unanime sympathia. São estes os effeitos naturaes da sua vida exemplar, do seu talento superior e inconcussa probidade...»

Tomando assento nas côrtes, Filippe Simões justificou os horoscopos que na sua eleição lhe formara a imprensa. Abriam-se-lhe novos horizontes, e a sua vida politica não desmereceu da sua vida escholastica e litteraria. Sempre a consciencia como guia e a vontade firme; intelligencia que o elevava, coração que o ennobrecia.

Foi curto o seu estádio legislativo, mas traçou nos seus actos e nas suas palavras a synthese d'um futuro estadista e patriota sincero. Como prova e exemplo selectamos das columnas do *Diario das Côrtes* um trecho energico, com que invectivou contra a desgraçada cultura dos arrozaes, combatida nessa occasião pelo actual Bispo Conde:

«Os perniciosissimos effeitos d'esta cultura são, como já disse, incontestaveis. A maior parte dos proprietarios que mandam semear arroz não são capazes de commetter um crime, um roubo, ou um assassinato, não são capazes de offender o seu similhante, e todavia esses individuos, aliás muito dignos nas outras relações sociaes com os seus concidadãos, não têem duvida em commetter um crime muito mais grave, arruinando com a cultura do arroz a saude e compromettendo a vida dos habitantes das freguezias ruraes. (*Apoiados.*)

«A cultura do arroz promove até a degeneração da especie humana, por isso que ella dá causa ao desenvolvimento de germes que vão envenenando lentamente as populações. (*Apoiados.*)

«Note v. ex.ª e note a camara que essa cultura não se limita a fazer uma ou outra victima, vai mais adeante; a sua influencia, limitada no espaço mas illimitada no tempo, extende-se a uma serie de gerações; vai alterando profunda e successivamente o organismo humano. (*Apoiados.*) De sorte que os effeitos dos arrozaes não acabariam no momento da sua destruição, mas continuariam ainda durante muitas gerações. Não posso portanto deixar de chamar a attenção do governo para este importante assumpto.»

O dr. F. Simões conhecia bem o terreno escabroso que pisava;

e ainda que grato á unanimidade que o honrara com o suffragio, não esquecia que o Capitolio e a Tarpeia se talham no mesmo rochedo; que a intolerancia politica não poupa nada e tudo sacrifica. «Meu amigo.» escrevia-nos elle em 23 de setembro de 1880: «... no espaço de quarenta annos Coimbra não deu um passo para sahir da perniciosa influencia da intolerancia clerical que soffreu por tres seculos. A intolerancia religiosa está muito bem representada na O.; a intolerancia politica no P., no C. e na C. Não se manifestou para commigo por occasião da apresentação da minha candidatura; manifestar-se-ha porém logo que a minha *lealdade partidaria* me obrigue a discordar dos *dogmas* que a opposição pretender impôr-me como indiscutiveis e impugnaveis...»

Foi durante esta legislatura que se originou a ideia e delineou o plano d'uma Exposição retrospectiva da arte ornamental, aproveitando-se os elementos que concorreram para a de Londres e accrescentando outros novos. O dr. F. Simões foi convidado para secretario da commissão executiva, e tornou-se proverbial a dedicação singular com que concorreu para este facto notavel da nossa vitalidade nacional. Houve quem suppozesse que elle se insinuara ou solicitara este encargo, o que é engano manifesto. É possivel que outros membros da commissão o fizessem, que individuos, aliás de relevante merecimento, o tentassem inutilmente, mas A. Filippe Simões foi instado e muito instado para acceitar. Como curiosidade extractamos d'um seu inedito os seguintes trechos, que melhor justificam o que dizemos:

«No mez de março de 1881 procurou-me na camara dos deputados o inspector da Academia de bellas-artes, D. D. G. Não o conhecia, e sómente pelo bilhete de visita que me enviou sabia ser elle quem me procurava. Disse-me que, sabendo o interesse que eu mostrava pelas Bellas-artes, vinha pedir-me para que, como deputado, instasse com o governo para que se não esquecesse da fundação do museu nacional de Bellas-artes, para o que o governo anterior arrendara em 1879 o palacio do Marquez de Pombal por 4:000$000 réis annuaes

«Prometti-lhe fazer o que me fosse possivel. Com effeito, alguns dias depois, chamando-me para este campo o deputado R. de F. a proposito dos extravios que tem havido nos conventos de freiras, fallei detidamente d'este assumpto e da falta d'um museu nacional.

«Procurei, passados dias, a D. G. na Academia de Bellas-artes. Fallou-me já com mais desembaraço e convidou-me para jantar no proximo domingo em sua casa. Nesse domingo e nalguns dos

seguintes, a convite seu, alli fui jantar. Além dos donos da casa costumavam ir alli R. de L., S. e V., F. de M., T. e outros, porém com menos frequencia.

N'um d'esses domingos disse-me D. G. que, tendo de fazer-se em Londres no verão proximo uma Exposição d'arte hespanhola e portugueza, o governo resolvera que Portugal fosse representado nessa Exposição; que para tal fim se organisaria uma commissão, da qual seria o presidente, esperando que eu acceitasse o logar de secretario. Passados dias, estava decretada a organisação da commissão, que ficou assim constituida...»

Por aqui se vê como foi convidado para esta commissão, e como para o convite se empregaram até delicados meios indirectos. Extrahimos estes paragraphos d'um manuscripto que deixou, a que poz a seguinte nota previa: «Vou escrever estas *Memorias* um anno e mais depois dos factos a que ellas se referem. Se tivesse previsto o interesse e curiosidade d'esses factos, acompanhal-os-ia desde o principio com a descripção, tomando notas diarias. Não o fiz. Agora aproveitarei as recordações que conservo, parecendo-me que ainda assim não deixarei de ser exacto, e que de memoria poderei contar fielmente as cousas mais notaveis que se passaram.»

São de valor as observações d'este livro, apontamentos, viagens, anecdotas e muitas curiosidades que nelle abundam.

A. F. Simões não solicitava nada; o seu character oppunha-se a que pedisse favores ou a que se entendesse que farejava subir por via de empenhos. Formou-se na faculdade de philosophia e logo em seguida na de medicina; e quando estudante já com a penna se mostrava esmerado cultor das sciencias naturaes. Foi então que escreveu na *Revista Academica* (1855) sobre raças humanas, na *Instrucção e Povo* (1855) sobre a utilidade dos arvoredos, nos *Preludios litterarios* (1859) sobre o homem e os vegetaes, na *Litteratura Illustrada* (1860) sobre a attracção e outros assumptos da physica, que appellidava de *conquistas no campo dos milagres*. Tal denominação originou-lhe uma pequena polemica com o sr. Joaquim Simões Ferreira, que cursava então a faculdade de theologia. A orientação theologica que seguia moveu este intelligentissimo moço a criticar a phrase como desacato da religião, ao que o nosso amigo replicou energicamente. Era uma disputa simplesmente escholastica, mas preludio de outras que em variados ramos de discussão sustentou mais tarde, tornando-se saliente como distincto polemista.

Concluido o curso de medicina, concorreu ao provimento da cadeira de Introducção no lyceu de Coimbra conjunctamente com

Firmino Augusto de Magalhães; e como na mesma occasião vagasse cadeira identica no lyceu de Evora, sem se abrir novo concurso foi E. Simões provido nesta, ficando Firmino de Magalhães com a primeira. Passados cerca de doze annos de residencia na veneranda capital do Alemtejo, onde foi sempre bemquisto, resolveu-se por vivas instancias de amigos a doutorar-se em medicina e seguir o magisterio superior da Universidade. Fel-o contra vontade, como sabem todos os que o conheceram. O dr. Vieira de Meireiles foi quem lhe subjugou as ultimas reluctancias e o compelliu efficazmente a regressar á patria, que elle tanto estimava [1]. Mas devemos ponderar ainda que a questão da sua saude o demoveu mais que tudo, porque uma doença impertinente de olhos o perseguia constantemente em Evora, achando sómente allivios se por acaso visitava Coimbra.

Quando residia no Alemtejo sustentou uma polemica vigorosa com Augusto Soromenho na *Revolução de Setembro* de 1871. Não a promoveu, acceitou a provocação e reagiu. A pedido da redacção do jornal publicara elle em 30 de março, n.º 8639, uma carta descrevendo uma amphora romana que fôra recolhida na bibliotheca de Evora; no dia 11 de abril (n.º 8647) analysava A. Soromenho esta descripção, excitado por não ver acatada a seita germanica que está preponderando nos nossos estudos. No dia 20 (n.º 8655) replicava A. Simões, seguindo-se novas cartas de Soromenho, respondidas á letra pelo seu antagonista.

Mais tarde, quando publicou em 1878 o seu livro *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* tambem o sr. F. Adolpho Coelho, hoje professor do Curso Superior de Lettras, criticou este trabalho, e com muita proficiencia, na *Renascença* de 1879. A replica foi publicada no mesmo jornal pouco depois, sendo condigna de tão habil contendor. As censuras e reparos foram respondidos com toda a urbanidade e lisura que characterisavam o dr. Simões.

Com o sr. Joaquim de Vasconcellos tambem teve de ferir contenda por mais d'uma vez, e em diversos jornaes. Parece que principiou com a critica d'um livro d'aquelle distincto cavalheiro sobre Alberto Durer, critica publicada no *Instituto* a pedido do criticado, que a solicitara severa e sem contemplação. Ainda

[1] Temos á vista, colligidas do seu espolio, as cartas do defuncto dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, em que solicita e até importunamente o exhortava a doutorar-se em medicina. É possivel que ainda um dia as publiquemos.

assim não gostou, e replicou logo na *Renascença*, replica que foi sem demora rebatida. Depois no *Conimbricense* ainda se trocaram cartas sobre outro assumpto, e num livro sobre a *Exposição districtal* de Aveiro em 1883 foi o dr. Simões censurado por algumas suppostas inexactidões. Ultimamente nesta nossa Exposição de Coimbra o sr. Vasconcellos foi o segundo conferente e seguiu-se ao seu illustre contendor, o qual (pavorosa fatalidade!) cahia prostrado pelo suicidio na vespera do proprio dia da conferencia, que foi por isso mesmo adiada.

Foram estas as principaes polemicas que sustentou F. Simões, e que se tornaram até muito conhecidas. Eram luctas deseguaes, mas nunca elle deixou de manter-se no seu posto, terçando as armas da dialectica consoante a tactica e indole do adversario: varonil e energico com Soromenho; moderado e firme com A. Coelho, grave umas vezes, outras gracioso com o sr. J. de Vasconcellos. Porém Filippe Simões era clinico e professor; toda a sua vida se concentrara no estudo e ensino das sciencias naturaes e medicas; os raros ocios das suas occupações é que se preenchiam com a archeologia e suas congeneres. O que principiara por distracção ou entretenimento tornara-se-lhe estudo favorito mas comprimido e restringido no estreito ambito que lhe permittiam os deveres officiaes. Pelo contrario os seus antagonistas eram professos nos assumptos da discussão; nelles dispendiam todo o cabedal do seu engenho, todas as horas do seu tempo; profundavam-nos nas bibliothecas, ou vulgarisavam-nos nos livros, ou desenvolviam-nos nas cadeiras, ou aperfeiçoavam-nos em viagens longas e variadas. A lucta era portanto desegual como dissemos, não deixando todavia de sustentar-se o nosso amigo com creditos pelo menos eguaes aos dos seus adversarios.

No anno de 1875 foi em commissão a Leiden na Hollanda com o dr. J. A. de S. representar a nossa Universidade no tricentenario da celebre universidade ludgunense, cujas festas solemnes se realizaram em fevereiro. Pelo *Relatorio* que elle imprimiu, dirigido ao Reitor, se avalia a importancia do acto e o cordial acolhimento que receberam os lentes de Coimbra. Entre os calorosos brindes levantados no jantar no dia 8 o sr. Hooft, dirigindo-se aos dois portuguezes, disse-lhes entre outras amabilissimas phrases: «L'histoire du Portugal c'est la nôtre. C'est son exemple qui inspira nos marins intrépides, l'esprit plein d'aventure, à labourer l'Océan.» Este *Relatorio* é um notavel documento d'aquella viagem, cujas impressões o nosso viajante desenvolveu ainda mais minuciosas numa monographia, inserta no *Instituto* e dedicada

ao conselheiro Egypcio Quaresma, com o titulo de *Recordações de viagem,* a qual infelizmente ficou incompleta.

Folgava muito o dr. A. F. S. com as jornadas, e das que fazia pelo paiz tomava sempre apontamentos importantes, uns já publicados e outros ineditos. Com observações muito judiciosas alliava bom gosto e criterio atilado, derramando na sua escripta um perfume de poesia e amor patrio que denunciava os dotes nobilissimos do seu espirito.

Poderiamos fazer muitas transcripções que comprovassem o nosso asserto, pois é farta a messe, numerosos os livros ou artigos, publicados ou ineditos, do dr. Simões. São porém conhecidos uns, e sel-o-hão em breve os outros como nos consta. O elencho de todas as suas obras foi já impresso, tanto no *Instituto* como num apreciavel folheto dos srs. A. F. Barata e Gabriel Pereira, que consagraram a sua saudade de fieis amigos com um *Estemma de perpetuas na campa* do desditoso professor. No seu precioso livrinho lhe applicaram elles os versos de Camões:

> Cá durará de ti perpetuamente
> A fama, a gloria, o nome e a saudade.

Na sepultura onde floresce uma saudade, já d'elle o dissemos, aspira-se o perfume d'uma virtude; um epitaphio humedecido de lagrimas é o epilogo d'uma vida util.

Não nos pertence a nós, seus contemporaneos, traçar a biographia completa de A. Filippe Simões; temos ainda oppresso o coração de magoa os que fomos seus amigos, pode a indifferença actuar no animo de seus adversarios. Os posteros farão justiça ao seu merito, quando o seu tumulo fôr já esquecido e as suas obras sempre lembradas. Os livros do dr. Simões formam um apostolado, cujos fructos de benção aproveitarão sempre. Se a sua morte deixou uma sombra, quasi indecifravel:

> D'où ses maux ont-ils pris leur source?
> Quels épines, dans sa course,
> Étouffaient les fleurs sous ses pas?...[1]

a sua vida resgata essa sombra, uma vida sem macula, sobria de descanço, feriada de prazeres mas feracissima de fecundas

---

[1] Le Franc de Pompignan.

aptidões. Podemos dizer d'elle o que José Bonifacio de Andrada escrevia ácerca d'outro: «Excellente coração! capaz de tudo que era grande, bello e sublime! Já os seus talentos lhe haviam attrahido um grande numero de amigos; mas foi mui apressado em seus trabalhos, e a extrema actividade do seu espirito lhe ralou a existencia! Eu perdi um amigo, e a Nação perdeu muito [1].

A. A. da Fonseca Pinto.

---

[1] *Exposição districtal de Coimbra em 1884*, Introducção, III, pag. X—XX.

FIM

INDICE

Pag.

PREAMBULO v

ESCRIPTOS DIVERSOS

I — O MONDEGO 3
II — A PONTE DE COIMBRA 10
III — ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTO — Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve 15
IV — CARTAS PROVINCIAES 34
V — SEMPRE-NOIVA 47
I — Retratos ..... »
II — A caçada 56
V — Martim Lourenço 63
VIII — A peste 69
VI — RUINAS DE CISTÉR — Ceiça, Cellas, Lorvão 76
VII — ELOGIO HISTORICO DE JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA 91
VIII — UNIVERSIDADE DE EVORA 99
IX — NAVEGAR EM RUINAS 110
X — O TEMPLO ROMANO DE EVORA 118
XI — EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL (Relatorio) 142
XII — LEONOR DA FONSECA PIMENTEL 161
XIII — A INSTRUCÇÃO POPULAR 177
XIV — A FONTE FRIA DO BUSSACO 197
XV — AMPHORA ROMANA 200
XVI — ANTONIO DA CUNHA VIEIRA DE MEIRELLES 202
XVII — MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN 205
XVIII — O HOMEM PREHISTORICO 209
XIX — ARCHEOLOGIA CONIMBRICENSE — A esculptura em pedra anteriormente ao seculo XVII 212
I — Tempos anteriores á fundação da monarchia ..... »
II — Seculos XII, XIII e XIV 216
III — Seculos XV e XVI 222

Pag.
XX — Bellas artes — Grão Vasco 234
XXI — O Darwinismo 258
XXII — Tricentenario de Camões — Discurso no Instituto 261
XXIII — Tricentenario de Camões — Iconographia 272
XXIV — A Citania de Briteiros 282
XXV — Conferencias resumidas 290
XXVI — Chuva de sangue 297
XXVII — Alberto Durer 300
XXVIII — Memorias postumas 305
XXIX — A arte antiga em Hespanha e Portugal 332
XXX — Processo de Joanna Pereira (Resposta a uma Consulta) ... 346

Necrologia 361

NOV 1 8 1982

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

AC
75
S57

Simoes, Augusto Filippe
Escriptos diversos
de Augusto Filippe Simoes

87

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 05 13 01 012 1